

cineeco2005

XI festival internacional de cinema e vídeo de ambiente
serra da estrela seia_portugal



membro fundador da
ASSOCIAÇÃO DE FESTIVAIS DE CINEMA DE MEIO AMBIENTE
(EFFN - ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL NETWORK)
juntamente com
CINEMAMBIENTE . ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL . TURIM . ITÁLIA
FESTIVAL INTERNACIONAL DEL MEDI AMBIENT
SANT FELIU DE GUÍXOLS . BARCELONA . ESPANHA
ECOCINEMA . FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AMBIENTAL . GRÉCIA

parceiro dos
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL
GOIÁS . BRASIL
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DO AMBIENTE
WASHINGTON . EUA
VIZIONÁRIA . INTERNATIONAL VIDEO FESTIVAL . SIENA . ITÁLIA
WILD AND SCENIC ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL . NEVADA CITY . EUA

em formação
PLATAFORMA ATLÂNTICA DE FESTIVAIS DE AMBIENTE
de colaboração com
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL
GOIÁS . BRASIL
FESTIVAL DE SÃO VICENTE . CABO VERDE
EXTENSÃO DO CINEECO: CENTRO DAS ARTES . CASA DAS MUDAS . CALHETA . MADEIRA



Edição: CineEco

Título: Programa do CineEco'2005

XI Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela

Coordenação, design gráfico e concepção da capa segundo imagem de
"Madagáscar", de Eric Darnell: Lauro António

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: Cromotipo Artes Gráficas

Depósito Legal: 116857/97



Saudação do Presidente da Câmara de Seia

O Cine'Eco – Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela é, no plano cultural, uma importante marca do esforço que a Câmara Municipal tem desenvolvido e vai continuar a desenvolver, em benefício da qualidade do nosso ambiente.

No ano em que o Cine'Eco avança para a sua 11^a edição, estão a dar-se, finalmente, passos decisivos para o tratamento de todos os esgotos domésticos e industriais. Em 2006, os nossos rios e ribeiras vão voltar a correr sem poluição.

Todos sabemos que o caminho se faz caminhando. É por isso que estamos prestes a chegar ao ponto que há dez anos atrás definimos como meta.

O Cine'Eco, para além de constituir um excelente veículo de promoção e afirmação do concelho de Seia e da Serra da Estrela é também o “combustível” que alimenta as nossas ideias e dá força aos nossos projectos em matéria ambiental.

No ano do 11^o aniversário do Cine'Eco e em que se inicia uma revolução ambiental no nosso concelho, estamos também preparados para a partir de 2006, darmos um novo impulso e dimensão a este festival.

A entrada em funcionamento das novas infraestruturas e equipamentos do CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela são disso uma garantia segura.

Finalmente, manifesto em meu nome e da Câmara Municipal, como entidade impulsionadora da organização, os agradecimentos a todos os que contribuem para que o Cine'Eco seja uma realidade, além de desejar uma boa estadia em Seia a todos os convidados.

O Presidente da Câmara
Eduardo Mendes de Brito





Cine Eco 2005:

Dobrado o primeiro decênio de vida, eis-nos chegados à 11ª edição do Cine Eco, sempre com redobrados motivos para festejar o seu aparecimento e a sua manutenção bem à tona da água, por grandes que tenham sido, e sejam, as intempéries. As crises vão-se sucedendo, no mundo e no nosso país, mas o festival vai-se conseguindo manter, equilibrando-se em orçamentos de conjuntura que não permitem grandes voos, mas que, por força da tenacidade de quem aposta nesta iniciativa, vão criando “milagres” sucessivos que permitem o certame singrar, e não só isso, impor-se, quer a nível nacional, quer a nível internacional, onde a sua força e importância são cada vez maiores.

Para lá de pertencer ao pequeno grupo inicial que anunciou a criação de uma Associação de Festivais de Cinema de Meio Ambiente (EFFN - Environmental Film Festival Network), de colaboração com o Festival Internacional de Cinema del Medi Ambient, de Sant Feliu de Guixols, Barcelona (Espanha), o Eco Cinema, International Film Festival (Grécia), o Cinemambiente, Environmental Film Festival, de Turim (Itália), a que se acrescentaram mais alguns no último ano, como o festival da República Checa, o Cine Eco estreita laços de colaboração cada vez mais fecunda e fraterna com o FICA, de Goiás, Brasil (o que permitiu já a criação de uma geminação entre as cidades de Seia e de Goiás), estabelecendo novas parcerias, como com o Festival de Ambiente de Washington, um dos mais prestigiados do mundo, de quem recebemos este ano a visita de um dos principais colaboradores como membro do Júri, e que irá dedicar uma especial atenção ao Cine Eco na sua próxima edição (o Cine Eco será o festival convidado da próxima edição do Environmental Film Festival de Washington). Para lá destes novos laços não esquecemos os já existentes com o Vizionária, International Video Festival, de Siena (Itália) e o Wild and Scenic Environmental Film Festival, de Nevada City (EUA).

Mas o Cine Eco vai colaborando ainda em vários tipos de acontecimentos, quer a nível nacional, quer internacional. Este ano forneceu já obras para comemorações do dia do ambiente em diversas instituições, como por exemplo a Biblioteca Museu República e Resistência em Lisboa, tendo desde já asseguradas extensões no Centro das Artes, Casa das Mudas, na Calheta, Madeira, e no Instituto Superior de Engenharia do Porto, por altura de umas jornadas do ambiente. Mas muitas outras solicitações irão ser satisfeitas ao longo do ano, tornando este festival a única referência segura de um trabalho sério e continuado, inovador e moderno, com reconhecimento nacional e internacional, ao serviço do cinema e do ambiente.

Este ano o Cine Eco bateu todos os records de participação: mais de quatrocentas obras concorreram, cerca de quatro dezenas e meia de países enviaram obras, desde o Irão ao Chile, da Índia os Estados Unidos, da Estónia a África do Sul, passando por quase toda a Europa. Veja-se a lista: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Bósnia-Herzegovina, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia., Costa Rica, Croácia, Dinamarca, Egipto, Espanha, Estados Unidos da América, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irão, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Letónia. Malásia, México, Moçambique, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, República Checa, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia, União Indiana, Uruguai e Venezuela. Poucos festivais se podem honrar de uma tal participação, tendo em conta sobretudo que a qualidade da grande maioria das obras enviadas é muito boa e de grande interesse não só ambiental como cinematográfico, colocando grandes dificuldades à sua selecção, de tal forma que resolvemos incluir uma secção de extra concurso, onde serão apresentadas algumas obras cuja qualidade impõe a projecção, muito embora nem sempre se possam incluir numa temática ambientalista.

A CONCURSO

Entre os títulos a concurso, contando curtas, médias e longas metragens, obras de ficção e documentarismo, imagem real e animação, teremos: ÁRVORES E ARBUSTOS (Árboles Y Arbustos), de Francisco Pedemonte (Argentina, 2003); CAREA CAREANDO DE PASTORES, CÃES E REBANHOS (Carea Careando de Pastores, Perros Y Rebaños), de Vitor Casas (Espanha, 2004); AS CARNES (Las Viandas), de Jose Antonio Bonet (Espanha, 2004); CARNE (Kreas), de Cristo Petrou (Grécia, 2004); CHAMAMENTO (Chamamento), de Chus Dominguez Sanchez (Espanha, 2004); CARIBE AZUL (Blue Caraibes), de Denis Lagrange (França, 2005); O SÊTINO DIA (The Seven Day), de Achille D'Onofrio (Itália, 2004); O SIL NCIO NUMA HORA DE CNN (The Silence In One Hour Of Cnn), de Frank Bubenzer (EUA, 2003); SOBRE UM PEQUENO RATO (Mpo Mbiwohka), de Maria Mouat (Rússia, 2004); PERSEGUIDO (Stalk), de Leigh Hodgkinson (Inglaterra, 2005); TERRA DE SONHO (Dream Land), de Laila Makalâns (Letónia, 2004); O TESOURO PERDIDO (The Lost Treasure), de

Branco Istvancic (Croácia, 2004); ÁGUA (Water), de Chris Graham (Nova Zelândia, 2005); ALDEIA MACADAME (Macadam Village), de L.M. Cólón (Bélgica, 2004); CARIBE (Caribe), de Esteban Ramírez (Costa Rica, 2004); MANGAIS – RAIZES DAS MARÉS, de James Ewen (Moçambique, Inglaterra, 2004); KULTUR + LANDKAP = SANT, de Evald Otterstad (Noruega, 2005); UMA ÁRVORE COMO UM HOMEM (Tree Is Like A Man), de Nisvet Hrustic (Bosnia, 2004); A BIODIVERSIDADE, UMA NOVA ECONOMIA (Biodiversity, A New Economy), de Sandra Degili, Elfi Reiter, Fernando Cerbone (Itália, 2005); BUSCA E NEGAÇÃO (Catch & Denial), de Kurt Salo (Noruega, 2005); AS CORES DA TERRA (The Colours Of The Earth), de Sandra Degiuli (Itália, 2005); A ARTE E OS CRIMES DE RON ENGLISH (The Art And Crimes Of Ron English), de Pedro Cardaval (EUA, 2004); A CHUVA ESTÁ A CAIR (Rain Is Falling), de Holger Ernst (Alemanha, 2005); ESTAMIRA, de Marcus Prado (Brasil, 2005); UNDO, de Jean-Bagriel Périot (França, 2005); THE MEATRIX, de Louis Fox (EUA, 2003); PROFUNDAMENTE MAU (Bad To The Boné), de Leandro Blanco (Espanha, 2005); A RAPARIGA E O CAVALO (The Girl And The Horse), de Rebecca Manley (Inglaterra, 2003); O RAPAZ QUE ADORAVA O CAMPO (The Boy Who Adored The Wilerness), de Asgeir Egestad (Noruega, 2005); VILA BELA TERRA DE CORES (Vila Bela Terra De Cores), de Barbara Fontes (Brasil, 2005); RELATÓRIO AGRÍCOLA (Agricultural Report), de Melina Sydney Pádua (Irlanda, 2004); SALVANDO O SONHO DE ASEAN (Saving The Asean Dream), de Simon Enderby (Malásia, 2004); SALVAR A NATUREZA (Save Nature), de Edgar Wilkening (Alemanha, 2003); O VELHO CROCODILO (Old Crocodile), de Koji Yamanura (Japão, 2005); UNTITLED SEQUENCE V1.1, de Edgar Santaiaago, Telmo Ramos (Portugal, 2005); SEDE (Thirst), de Alan Sniton, Deborah Kaufman (EUA, 2004); A ECOLOGIA POPULAR (The Popular Ecology), de Nicolai Bogarvski (Rússia, 2004); ESQUIMÓ (Eskimó), de Julia Aronova (Rússia, 2004); O EVANGELHO DO PORCO CRIOLO (L' Evangile Du Cochon Créole), de Michelange Quay (França, 2004); O DIAMANTE BRANCO (The White Diamond), de Werner Herzog (Alemanha, 2005); PEQUENOS DESEJOS (Littles Wishes), de Patricia Seledad Llosa (EUA, 2005); OS PINGUINS E OS HOMENS (Of Penguins And Men), de Luc Jacques e Jérôme Maison (França, 2004); APAGA Y VAMONOS (Apaga Y Vamonos), de Manel Mayol (Espanha, 2005); MARTELO E CHAMA (Hamer And Flame), de Vaughan Piliikian (Inglaterra, 2004); O FIM DO MUNDO COMO O CONHECEMOS (The End Of The Word As We Know It) (Inglaterra, 2004); O FACTOR ÓLEO, POR DETRÁS DA GUERRA CONTRA O ERROR (The Oil Factor: Behind The War On Terror), de Gerard Ungerman & Audrey Brody (EUA, 2005); WILDNESS, de Scott Millwood (Austrália, 2003); PROCURANDO POR RESPOSTAS NA FLORESTA AMAZÓNICA (Searching For Answers In The Amazon Rainforest), de Pedro Carvajal (EUA, Venezuela, 1996); A JANGADA (Das Flob), de Jan Thusing I (Alemanha, 2005); O VELHO E O SEU JARDIM DE PEDRA (The Old Man And His Stom Garden), de Kimiavi (Irão, 2005); VENTO (Vent), de Erik Van Schaaiik (Holanda, 2005);

VERDADE OU CONSEQUENCIA (Veckopeng Eller Kyss), de Malou Schultzberg (Suécia, 2005); WILDERNESS, de Steve Thomas (Austrália, 2005); A FLORESTA É NOSSA AMIGA (Portugal, 2004); QUE GRANDE SECA (Portugal, 2004); AMIGOS PARA SEMPRE (Portugal, 2004); ATENÇÃO MENINOS CUIDADO (Portugal, 2004); UMA AVENTURA NA PRAIA (Portugal, 2004); CAROCHINHA, OU A ÁGUA É IMPORTANTE (Portugal, 2005); MAX, O CÃO GULOSO (Portugal, 2004); TRANSPARENTE, UMA GOTINHA AVENTUREIRA (Portugal, 2005), todos do Cine Clube de Viseu; INDESTRUTIVEL (Undertroyable), de Michele Citoni (Itália, 2004); PRAGAS E PRAZERES NO MAR SALTON (Plagues & Pleasures On The Salttonsea), de Chris Metzner, Jeff Springer (EUA, 2005); KASHATANKA, de Natália Otlova (Rússia, 2004); SER CARIBOU (Being Caribou), de Leanne Allison, Diana Wilson (Canadá, 2005); FEITO DE ÁGUA (Made In Water), de Hans Quatfass (Holanda, Dinamarca, 2005); FRENKENCHICKEN, de Ann-Marie Denham (Austrália, 2004); FULLTIME, de Artur Muradian (Rússia, 2004); ICOLOGIA, de Angelo Lima (Brasil, 2004); UMA LOJA MUSICAL (A Musical Shop), de Sonya Kravtsova (Rússia, 2003); O CORO DAS PALAVRAS, de Carlos Brandão Lucas (Portugal, 2005); A DANÇA DOS ANJOS AZUIS (Dance Of The Blue Angels), de Steve L. Lichtog (República Checa, 2004); DEWLIN, de Joanna Priestley (EUA, 2005); DOIS POR DOIS (Two By Two), de Emily Dodge (EUA, 2005); NOVO ELDORADO (New Eldorado), de Tibor Kocsis (Hungria, 2005); PARA O TEU DESABROCHAR (For Your Blossom), de Gaku Kinoshita (Japão, 2004); AS PESSOAS DO SHOPING (Shopping People), de Simonetta Cappello (Itália, 2004) ou SOBRE O PIPELINE DA PORTA AO LADO (The Pipeline Nex Door), de Nino Kirtadzé (França, Eslovênia, 2005).

EXTRA CONCURSO

A ALDEIA DO VIAGRA, de Filipe Araújo (Portugal, Irlanda); ASSASSINOS NO PARAISO (Killers In Eden), BHOPAL, A PROCURA DE JUSTIÇA (Bhopal, The Search For Justice), de Lindalee Tracey, Peter Raymond (Canadá); OS CAMINHOS DE O (Chemins D'O), de Estelle Gérard (França., Turquia), CESARINO E AS CORES DA VIDA (Cesarino And The Colours Of Life), de Tiziano Gamboni e Gianluigi Quarti (Suiça); CLUSTER PRESA DI UNA CITTÁ, de vários realizadores (Itália), DESTINOS DO NORTE (Destins Du Nord); E AS VACAS VOAM (Y Las Vacas Vuelan), de Fernando Lavanderos (Chile); EBBING SEA LIFE, de Zhang Lai e Wang Feng (China); EXPOSIÇÃO, de Joana Barbosa (Portugal); FLORESTA PROIBIDA (Forbidden Forest), de Kevin W. Matthews (Canadá); JEWBOY, de Tony Krawitz (Austrália); LIBBY, MONTANA, de Drury Gunn Carr & Doug Hawes Davis (EUA); A MADONNA DE TINOS (Madonna Of Tinos), de Dimitri Gouziotis (Grécia); MAR VERMELHO AZUL (Blue Mer Rouge – Océan Indien), PACIFICO AZUL (Blue Pacifique) e MEDITERRNEO AZUL (Blue Méditerranée), todos de Denis Lagrange (França); MEUS ANTEPASSADOS ERAM ASSASSINOS (My Ancestors Were Rogues And Murderers), de Anne Trooke (Canadá); NUMA SEGUNDA FEIRA (Youm El-Ehneen), de Tamer El Said

(Egipto); O PAI DE GRACILE (Le Père De Gracile) (França); PUNTO Y RAIÁ, de Elia Schneider (Colombia, Chile, Espanha, Uruguai, Venezuela); QUEBRAGELoS (Shipbreakers), de Michael Kot (Canadá); REGRESSANDO A CASA (Returning Home), de Andy Abraham Wilson (EUA); RIO ACIMA (Rio Arriba), de Ulisses de la Orde (Argentina); O ROUXINOL (Le Rossignol), de Christian Chaudet (França); SALITRE, de Leonor Noivo (Portugal); A VIDA DAS MULHERES EM RESISTÊNCIA (We Are Equal: Zapatista Women Speak) (México); OS SONHADORES DA TERRA DE ARNHEM (The Dreamers Of Arnhem Land); TERRA DO SEMPRE (Foreland), de Albert Ellings, Eugenie Jansen (Holanda); TIMOR LORO SAE, de Vitor Lopes (Portugal); A ÚLTIMA JORNADA (Last Journey For The Laetherback), de Stanley M. Minasian (EUA); UM PARAISO DAS “AVES” (“A Birds” Paradise), de Konstantin Siritinin (Rússia); VENEZUELA BOLIVARIANA PUEBLO E LUCHA DE LA IV GUERRA MUNDIAL (Venezuela Bolivariana Pueblo E Lucha De La Iv Guerra Mundial Marcelo), de Andrade Arreaza (Venezuela); O VERÃO DO MEU IRMÃO (L’ Estate Di Mio Fratell), de Pietro Reggiani (Itália); VIDA NO OVO (Life On The Edge), de Mike Vincent; VILLA FLORES, de Marina Golimberti (França); VIOLA FONDENTE, de Fabio Simonelli (Itália) e ainda VISEU POR RICARDO SANDRO, de José Carlos Almeida (Portugal).

SECÇÕES PARALELAS:

OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES

Mantendo uma tradição que vem desde a sua primeira edição, o “Cine Eco” apresenta uma secção paralela, “Outras Terras, Outras Gentes”, que pretende difundir um cinema alternativo, de origem não muito habitual no nosso país. Este ano a selecção incidiu sobre BOM DIA, NOITE (Buongiorno, Notte), de Marco Bellocchio (Itália), DIÁRIOS DE CHE GUEVARA (The Motorcycle Diaries), de Walter Salles (Brasil); TERRA DA ABUNDÂNCIA (Land of Plenty), de Wim Wenders (Alemanha, EUA); MARIA CHEIA DE GRAÇA (Maria Full of Grace), de Joshua Marston (Colômbia, EUA), MAR ADENTRO (The Sea Incide), de Alejandro Amenábar (Espanha) e UM LONGO DOMINGO DE NOIVADO (Un Long Dimanche de Fiançailles), de Jean-Pierre Jeunet (França).

RESGATADOS

Também alguns títulos de obras de produção norte-americana foram “resgatados” para uma exibição em Seia, ou uma re-apresentação. Obras na sua maioria de autor, representativas de uma produção de grandes estúdios, como são o caso de CHARLIE E A FÁBRICA DE CHOCOLATE (Charlie And The Chocolate Factory), de Tim Burton, O FANTASMA DA ÓPERA (The Phantom of the Opera), de Joel Schumacher, GUERRA DOS MUNDOS (War of the Worlds), de Steven Spielberg, ALEXANDRE, O GRANDE (Alexander), de Oliver Stone, REINO DOS CÉUS (Kingdom of Heaven), de Ridley Scott ou À PROCURA DA TERRA DO NUNCA (Finding Neverland), de Marc Forster. Europeu, mas na

mesma linha de ideia, está A QUEDA: HITLER E O FIM DO TERCEIRO REICH (Downfall), de Oliver Hirschbiege.

CICLO M. NIGHT SHYAMALAN

De um autor em particular destaque nos últimos anos, o Cine Eco 2005 organiza uma retrospectiva quase integral, apresentando os seus filmes de culto, O SEXTO SENTIDO, O PROTEGIDO, SINAIS e A VILA, mas acrescentando um título inédito em Portugal, uma obra de início de carreira, WIDE AWAKE (1998). Um revelação que permite um olhar aprofundado sobre um cineasta a ter em conta.

DA BD AO CINEMA

Nos últimos anos, a indústria cinematográfica, sobretudo a norte-americana, tem tido como prática corrente a adaptação ao grande ecrã de aventuras de diversos heróis que têm como ponto de partida os “comics books” ou banda desenhada. Praticamente todas as grandes personagens da BD made in USA já foram passadas a cinema. Esta vaga de fundo, que cresce com as imensas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, acaba por reflectir uma contaminação de linguagens que torna fascinante e estimulante este jogo. Para verificar prós e contras, aqui se organiza um ciclo que reúne algumas das obras recentes mais significativas: HULK (Hulk), de Ang Lee, BATMAN, O INICIO (Batman Begins), de Christopher Nolan; BLADE 2 (Blade 2), de Guillermo del Toro; SIN CITY - A CIDADE DO PECADO (Sin City), de Frank Miller e Robert Rodríguez; X-MEN (X-Men), de Brian Singer ou IMORTAL (Immortal (ad vitam), de Enki Bilal.

CINEMA PORTUGUÊS

O cinema português não foi obviamente esquecido, como sempre acontece, sendo projectadas duas das melhores longas-metragens de ficção recentemente estreadas em salas portuguesas, para lá de um número muito significativo de curtas e médias e metragens documentais. As longas-metragens serão NOITE ESCURA, de João Canijo e A COSTA DOS MURMÚRIOS, de Margarida Cardoso.

CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

No festival de Goiás, na sua edição de Maio de 2005, o Cine Eco organizou e apresentou no Brasil um ciclo sobre cinema português, subordinado ao tema “Visões da Juventude no Cinema Português Contemporâneo.” Cabe agora a vez ao cinema contemporâneo brasileiro ser apresentado em Seia, com uma panorâmica que agrupa alguns dos filmes mais importantes dos últimos anos e também com panorama do audiovisual goiano, este último enviado directamente pelo FICA. Entre as longas-metragens de ficção e documentas contam-se BRAVA GENTE, BRASILEIRA, Lúcia Murat; A CIDADE

DOS HOMENS, de A CARTOMANTE, de Pedro Utanga e Wagner de Assis; CENTRAL DO BRASIL, de Walter Salles, DEUS É BRASILEIRO, de Carlos Diegues; ABRIL DESPEDAÇADO, de Walter Salles, O INVASOR, de Beto Brant; DESMUNDO, de Alain Fresnot; GLAUBER, O FILME, LABIRINTO DO BRASIL, de Sílvio Tendler; ORFEU, de Carlos Diegues; O OUTRO LADO DA RUA, de Marcus Bernstein; O HOMEM QUE COPIAVA, de Jorge Furtado; LISBELA E O PRISIONEIRO, de Guel Araes; MEMÓRIAS PÓSTUMAS, de André Klottzef e VILLA LOBOS, UMA VIDA DE PAIXÃO, de Zelito Viana. A estas obras deverá ainda acrescentar-se um PANORAMA DE CINEMA E VÍDEO GOIANO, onde serão apresentados vários títulos dos mais significativos da produção do Estado de Goiás, numa colaboração com o FICA, que muito agradecemos: A LENDA DA ÁRVORE SAGRADA, de Eládio Sá Teles, ALTERNATIVAS, de Dustan Oeven, BARRADOS E CONDENADOS, de Adrian Cowel, CÉSIO, 137, O BRILHO DA MORTE, de Luis Eduardo Jorge, MINHA VIDA, MINHA CÂMERA, de Lisa França, A VIDA NÃO VIVE, de Amarildo Pessoa e Kátia Jacarandá, ICOLOGIA, de Ângelo Lima e AS CIDADELAS INVISÍVEIS, de Lourival Belém.

SÓ ANIMAÇÃO

Como tem acontecido em todas as anteriores edições deste certame, o “Cine Eco” procura dar uma atenção muito especial às crianças, apresentando um conjunto de obras que lhe são especialmente dedicadas. No campo do cinema de animação, poderemos ver vários títulos de agrado seguro entre os estreados nas salas de cinema nacionais muito recentemente: MADAGÁSCAR, de Eric Darnell; BELLEVILLE RENDEZ-VOUS (Les Triplettes de Belleville), de Sylvain Chomet ; O GANG DOS TUBARÕES (Shark Tale), de Bibi Bergeron e Vicky Jenson; SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO (El Sueño de una noche de San Juan), de Ángel de la Cruz e Manolo Gómez

CENTENÁRIO DE JULES VERNE

O mundo fantástico do mago da aventura e da antecipação científica comemora agora um centenário sobre a morte do seu autor, o francês Jules Verne. Dele veremos uma biografia, JULES VERNE – LES VOYAGES DE JULES VERNE, de Pierre Tridivic, e algumas adaptações de clássicos como A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS (Around the World in 80 Days), realizadas por Michael Anderson, Buzz Kiulic (esta para televisão) ou Frank Caraci, para lá da sempre recordada versão de 20000 LÉGUAS SUBMARINAS (20000 Leagues Under the Sea), de Richard Fleischer, e ainda de uma excelente A ILHA MISTERIOSA (Mysterious Island), de Cy Endfield ou de A VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, de Um regalo para os olhos e a imaginação.

CENTENÁRIO J.M.BARRIE E “PETER PAN”

À PROCURA DA TERRA DO NUNCA (Finding Neverland), de Marc Forster, veio recordar a figura de J. M. Barrie, escritor e autor do muito celebrado “Peter

Pan”, cujo centenário da criação passou não há muito. Altura para rever o filme que recupera a personalidade do escritor e ainda algumas versões da sua personagem de eleição: em animação, AS AVENTURAS DE PETER PAN (Peter Pan), de Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske, PETER PAN NA TERRA DO NUNCA (Return to Never Land), de Robin Budd e Donovan Cook, ou em imagem real, HOOK, de Steven Spielberg, e PETER PAN, de P.J. Hogan.

CENTENÁRIO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Outro centenário, este bicentenário, é o de Hans Christian Andersen, autor de alguns dos mais conhecidos e admirados contos para crianças e adultos. Uma antologia de adaptações para cinema de animação será apresentada, com versões de trinta contos, entre os quais O PATINHO FEIO, O ANCIÃO, O JARDINEIRO E O SENHOR, SOPA DE SALSICHA e COMPANHEIRO DE VIAGEM, A PEQUENA SEREIA, É ABSOLUTAMENTE CERTO e OLAVINHO FECHA-OS-OLHOS, O SOLDADINHO DE CHUMBO, PEDRO E O TAMBOR e O PROFESSOR E A PULGA, e muitas outras, todas elas realizadas por Jorgen Lerdam (Irlanda, 2002), com locução em português de Ruy de Carvalho. Do mesmo escritor se verá a obra-prima OS SAPATOS VERMELHOS (The Red Shoes), de Michael Powell e Emeric Pressburger e ainda uma biografia, CHRISTIAN ANDERSEN (Hans Christian Andersen), de Charles Vidor, com Danny Kaye no papel do celebrado escritor nórdico.

ACTIVIDADES PARALELAS:

Entre as actividades paralelas previstas para acompanhar o Cine Eco 2005, deve referir-se uma sessão de Jazz, com LEO GANDELMAN e a sua banda, a abrir o festival. Saxofonista, produtor, compositor e orquestrador, filho de uma pianista clássica e de um maestro, aos 15 anos já era flautista da Orquestra Sinfónica Brasileira, tendo sido considerado várias vezes o “Melhor Instrumentista Brasileiro”. Ainda no domínio da música, teremos a fechar a edição deste ano um concerto pelo GRUPO DE METAIS do Conservatório de Música de Seia).

Outras actividades a sublinhar serão a exposição de pintura de Jacinto José ROSANDO DE SOUSA e a exposição de fotografia de RITA TORRÃO.

A todos quantos colaboram nesta edição, o nosso agradecimento muito especial, sobretudo a todos os que integram o JÚRI INTERNACIONAL e o JÚRI DA JUVENTUDE e participam no concurso. Sem a sua preciosa presença, esta edição não teria a qualidade e prestígio que a tornam irrepetível. Como sempre.



As mudanças climáticas, a sustentabilidade da produção e do consumo, a preservação da Natureza, no fundo a **questão ambiental** constitui o mais sério desafio que se coloca à Humanidade, neste início do século XXI.

Na verdade, a relação do homem com a Mãe Natureza passou da fase de temor e adoração (ainda hoje os ameríndios, na Amazônia, quando são obrigados a cortar uma árvore, pedem perdão aos deuses e apressam-se a plantar outra) para a fase de exploração, cada vez mais agressiva, que teve o seu início com a Revolução Industrial.

Veja-se, a título de exemplo, a situação de seca no nosso País bem como as dramáticas consequências do Furacão Katrina em New Orleans.

Foi com estupefação e indignação que constatámos a “impotência” da maior potência mundial face ao soçobrar de uma das cidades mais emblemáticas dos EUA, a pátria da dixieland e o berço do Jazz .

E será que os dirigentes dos EUA (a nação que mais polui o ambiente e mais energia consome *per capita*) aprenderam a lição, subscrevendo, finalmente, o Protocolo de Kioto? Claro que não, enquanto a política ambiental da Casa Branca for ditada, como acontece actualmente, pelas grandes companhias petrolíferas! Então **Que fazer?**

Em nossa opinião responder, positivamente, ao apelo lançado pela World Wildlife Fund- WWF- **Não fiques para trás!** Ou seja tudo deve ser feito, para promover uma harmoniosa relação entre o homem e o ambiente.

Ora, desde 1995 que o CineEco tem assumido este compromisso ao divulgar as melhores obras do audiovisual no âmbito da Temática Ambiental, da Protecção da Natureza e da Educação Ambiental.

Na verdade a Câmara Municipal de Seia através do CineEco (para além de outras meritórias iniciativas) não **ficou para trás**, ocupando, sim, um lugar de destaque na luta por um desenvolvimento sustentável e sustentado.

Carlos Teófilo
(director do CineEco)



Seia continua a surpreender pela positiva

Passo a passo, na cidade de Seia constrói-se o dia-a-dia social e cultural a partir de pequenos e grandes feitos, seja pela via institucional ou descomprometida. Nesse misto de atitude, surge a décima primeira edição do Cine'Eco, um festival que se afirma como um cartaz de visita de Seia para o mundo, onde confluem vontades, afectos e laivos de inovação, criatividade e entusiasmo.

De ano para ano o festival cresce, alarga os seus horizontes e cria novas pontes. A Lusofonia tem estreitado laços transatlânticos, consolidando acções de cooperação com Cabo Verde e Brasil, destacando-se nomeadamente o processo de gemação que está em curso com a cidade brasileira de Góias, do Estado de Góias.

Nessa linha, e além da relação profícua com vários festivais europeus, a plataforma alargar-se agora à Ilha da Madeira e aos Estados Unidos da América e o polo aglutinador continua a ser o Cine'Eco, como festival de referência no panorama de festivais internacionais de cinema dedicados ao Ambiente.

Por cá, o festival pretende abrir-se cada vez mais à comunidade, daí o reforço na aproximação às escolas e demais entidades locais, para que o Cine'Eco além de ser uma janela aberta ao mundo, seja um factor de mobilização local e um ponto de encontro das pessoas de Seia e da região.

Por isso, esta não é apenas mais uma edição, mas um novo pretexto para a festa do cinema, numa maratona de afectos, onde as pessoas se encontram para ver cinema, discutir ideias, partilhar preocupações e reflexões sobre as realidades cinéfilas e ambientais do mundo contemporâneo.

Neste sentido, apraz formular votos para que todos se sintam bem no festival-público, membros do júri, jornalistas, realizadores e demais convidados e que o Cine'Eco volte a ser um êxito, porque Seia continua a surpreender pela positiva.

Mário Jorge Branquinho
(Organização)



ORGANIZAÇÃO E AGRADECIMENTOS

CineEco 2005

PROMOTORES

CÂMARA MUNICIPAL DE SEIA
EMPRESA MUNICIPAL DE CULTURA
E RECREIO – EMCR - SEIA

*

COMISSÃO EXECUTIVA

CARLOS TEÓFILO FURTADO
LAURO ANTÓNIO
DINA PROENÇA
MÁRIO JORGE BRANQUINHO

*

DIRECÇÃO CINEMATOGRAFÍCA

LAURO ANTÓNIO

*

SECRETARIADO DO FESTIVAL

Contactos Internacionais

FREDERICO CORADO

Secretariado:

EDUARDA COLARES
ANTÓNIO JOSÉ SILVA
ARMANDO FIGUEIREDO

APOIOS

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E
TECNOLOGIA /CIÊNCIA VIVA
MINISTÉRIO DA CULTURA
ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E
TELECOMUNICAÇÕES DE SEIA
- IPG - INSTITUTO POLITÉCNICO
DA GUARDA
GOVERNO CIVIL DA GUARDA
MÉDIA DESK
LIBERTY SEGUROS
EXPLISEIA – CENTRO DE
EXPLICAÇÕES DE SEIA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE SEIA
JORNAL PORTA DA ESTRELA
JORNAL DE SANTA MARINHA
JORNAL TERRAS DA BEIRA

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

MARES NAVEGADOS
RESTAURANTE BORGES
HOTEL CAMELO
MUSEU DO PÃO
RESIDENCIAL JARDIM
QUINTA DO CRESTELO
RESTAURANTE FAROL
RESTAURANTE REGIONAL DA SERRA
JC SOM
RISCUS
L DESIGN
PASTELARIA ZÉ MANEL
PASTELARIA OLHOS D' ÁGUA
PASTELARIA CONTA GOTAS
(bares da cidade)

Especiais agradecimentos pela
sua colaboração nos diferentes júris:

LISA FRANÇA - Brasil
ANDY FERNANDEZ - EUA
GAETANO CAPIZZI - Itália
NATÉRCIA XAVIER - Portugal
MARIO AUGUSTO - Portugal
FERNANDO CUNHAL VAZ SARAIVA - Portugal
MARIA EUGÉNIA CARDOSO LEMOS - Portugal
JOSÉ JOÃO MARQUES RODRIGUES - Portugal
JOSÉ ALEXANDRE MARTINS - Portugal
(JÚRI INTERNACIONAL)

MOIRA CATRIONA CAMOTIM DIFELICE
- Inglaterra / Lisboa
RISSIELE VARGAS EMYDGDIO - Brasil / Lisboa
GONÇALO TEIXEIRA DOS ANJOS - Bélgica / Lisboa
JOÃO MARIO SILVA - Lisboa
RICARDO PEREIRA FERREIRA - Lisboa
ANA JOANA PEREIRA AMORIN - Porto
DEBORA HENRIQUES - Lisboa
ANA RAQUEL GONÇALVES MARTINHO - Seia
CATARINA JOANA FONSECA MENDES - Seia
RUI SOUSA DIAS - Seia
LUÍS MONTEIRO - Seia
RICARDO HERDEIRO - Seia
(JÚRI DA JUVENTUDE)

E ainda a

JOÃO AUGUSTO BRÁS
ANA TERESA FONSECA
MARIA DO ROSÁRIO FERREIRA
TERESA RUAS
JOSÉ CONDE

**Agradecimentos dispersos pelos
quatro cantos do mundo,
pela participação de obras a concurso.
A referência aos realizadores é extensiva a
produtores e distribuidores:**

Alemanha
**WERNER HERZOG
EDGAR WILKENING
FRANK BUBENZER
HOLGER ERNST
JAN THURING**

Argentina
**FRANCISCO PEDEMONTE
ULISSES DE LA ORDE**

Austrália
**ADAM DUNCAN
OLIVIER CLIFFON
STEVE THOMAS
ANN-MARLE DENHAM
SCOTT MILLWOOD**

Bélgica
LOUISE MARIE COLON

Bósnia-Herzegovina
NISVET HRUSTIC

Brasil
**BARBARA FONTES
ANGELO LIMA**

Canadá
**LEANNE ALLISON
DIANA WILSON
MELINA SYDNEY PADUA
LINDALEE TRACEY
PETER RAYMOND
KEVIN W. MATTHEWS
MICHAEL KOT
ANNE TROOKE**

Chile
FERNANDO LAVANDEROS

China
**ZHANG LAI
WANG FENG**

Colômbia
ELIA SCHNEIDER

Costa Rica
ESTEBAN RAMÍREZ

Croácia
BRANCO ISTVANCIC

Dinamarca
HANS QUATFASS

Egipto
TAMER EL SAID

Espanha
**MANEL MAYOL
LEANDRO BLANCO
CHUS DOMINGUEZ SANCHEZ
JOSE ANTONIO BONET**

Estados Unidos da América
**PEDRO CARVAJAL
JOANNA PRIESTLEY
GERARD UNGERMAN
AUDREY BRODY
LOUIS FOX
CHRIS METZNER
JEFF SPRINGER
REBECCA MANLEY
ALAN SNITON
DEBORAH KAUFMAN
EMILY DODGE
DRURY GUNN CARR
DOUG HAWES DAVIS
ANDY ABRAHAM WILSON
STANLEY M. MINASIAN**

França
**DENIS LAGRANGE
MICHELANGE QUAY
LUC JACQUES
JEROME MAISON
NINO KIRTADZÉ
JEAN-GABRIEL PERIOT
CHRISTIAN CHAUDET
MARINA GOLIMBERTI**

Grécia
**CRISTO PETROU
DIMITRI GOUZIOTIS**

Holanda
**HANS QUATFASS
ERIK VAN SCHAAIK
ALBERT ELLINGS
EUGENIE JANSEN**

Inglaterra
**VAUGHAN PILIKIAN
LEIGH HODGKINSON**

Irão
PARVIZ KIMIAVI

Irlanda
MELINA SYDNEY PADUA

Itália
**SANDRA DEGILI,
ELFI REITER,
FERNANDO CERBONE
SANDRA DEGIULI
SIMONETTA CAPPELLO
ACHILIE D'ONOFRIO
MICHELE CITONI
FABIO SIMONELLI
PIETRO REGGIANI**

Japão
KOJI YAMANURA

Letónia
LAILA PAKALMINA

Malásia
SIMON ENDERBY

Noruega
**KURT SALO
ASGEIR EGESTAD**

Nova Zelândia
CHRIS GRAHAM

Portugal
**CARLOS BRANDÃO LUCAS
JACINTO ANTÓNIO ROSA GODINHO
CINE-CLUBE DE VISEU
JOANA BARBOSA
JOSÉ CARLOS ALMEIDA
VITOR LOPES
LEONOR NOIVO
EDGAR SANTIAGO
TELMO RAMOS
FILIPE ARAUJO**

República Checa
STEVE L. LICHTOG

Rússia
**NICOLAI BOGARVSKI
GAKU KINOSHITA
JULIA ARONOVA
NATALIA ORLOVA
SONYA KRAVTCOVA
MARIA MOUAT
ARTUR MURADIAN
KONSTANTIN SIRITININ**

Suécia
MALOU SCHULTZBERG

Suiça
**TIZIANO GAMBONI
GIANLUIGI QUARTI**

Turquia
ESTELLE GÉRARD

União Indiana
VAUGHAN PILIKAN

Venezuela.
**MARCELO ANDRADE ARREAZA
PEDRO CARVAJAL**

*

Pelo aluguer e cedência de filmes e vídeos:

**FNAC
FILMES LUSOMUNDO
FILMES CASTELLO LOPES
ATALANTA FILMES
LNK FILMES
NEW AGE
COLUMBIA, TRISTAR
VITÓRIA FILMES**

*

**PEDRO SANTOS
LUÍS RUSSO
NUNO DIAS
REINALDO SILVÉRIO
CARLOS MACÁRIO
CROMOTIPO, ARTES GRÁFICAS
Pelo empenho manifestado
na execução dos trabalhos tipográficos**

*

... E ainda também um agradecimento pela sua

preciosa colaboração a:

**João Carlos Cabral
Carlos Marques
José Guilherme Nunes
José Dias
Carlos Oliveira
Carlos Brito
Flávio Santos
Fátima Duarte
Maria Assunção Saraiva
Rosa Martins Rita**



PROGRAMAÇÃO

CineEco 2005

horas **21outubro´05** _sexta-feira
09,30 SÓ ANIMAÇÃO: **MADAGÁSCAR**, de Eric Darnell, 86'
14,30 SÓ ANIMAÇÃO: **MADAGÁSCAR**, de Eric Darnell, Lusomundo 86'
18,00 **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: BOM DIA, NOITE** (Buongiorno, Notte), de Marco Bellocchio, 106'
21,30 **RESGATADOS: CHARLIE E A FÁBRICA DE CHOCOLATE** (Charlie And The Chocolate Factory), de Tim Burton, 115
24,00 **CICLO M. NIGHT SHYAMALAN: SINAIS (Signs)**, 106'

horas **22outubro´05** _sábado
11,00 SÓ ANIMAÇÃO: **O GANG DOS TUBARÕES** (Shark Tale), de Bibi Bergeron e Vicky Jensen, 90'
18,00
22,00 **ABERTURA OFICIAL Concerto de JAZZ**, com Leo Gandelman e sua Banda (Brasil)

horas **23outubro´05** _domingo
11,00 SÓ ANIMAÇÃO: **BELLEVILLE RENDEZ-VOUS** (Les Triplettes de Belleville), de Sylvain Chomet
15,00 **DA BD AO CINEMA: HULK** (Hulk), de Ang Lee, 138'
18,00 **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: DIÁRIOS DE CHE GUEVARA** (The Motorcycle Diaries), de Walter Salles, 1
21,30 **RESGATADOS: A QUEDA: HITLER E O FIM DO TERCEIRO REICH** (Downfall), de Oliver Hirschbiege 156'

Programação

horas **24outubro´05** _segunda-feira
09,30 SÓ ANIMAÇÃO: **MADAGÁSCAR**, de Eric Darnell, 86'
14,30 SÓ ANIMAÇÃO: **MADAGÁSCAR**, de Eric Darnell, 86'
18,00 **CINEMA PORTUGUÊS: NOITE ESCURA** (Noite Escura), de João Canijo, 100'
21,30 **RESGATADOS: O FANTASMA DA ÓPERA** (The Phantom of the Opera), de Joel Schumacher, 143'

horas **25outubro´05** _terça-feira
09,30 **DA BD AO CINEMA: BATMAN – O INÍCIO** (Batman Begins), de Christopher Nolan, 131'
14,30 **DA BD AO CINEMA: BLADE 2** (Blade 2), de Guilherme del Toro, 117'
18,00 **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: TERRA DA ABUNDÂNCIA** (Land of Plenty), de Wim Wenders, 114'
21,30 **DA BD AO CINEMA: SIN CITY - A CIDADE DO PECADO** (Sin City), de Frank Miller e Robert Rodriguez, 124'

horas **26outubro´05** _quarta-feira
09,30 **DA BD AO CINEMA: BATMAN – O INÍCIO** (Batman Begins), de Christopher Nolan, 131'
14,30 SÓ ANIMAÇÃO: **MADAGÁSCAR**, de Eric Darnell, 86'
18,00 **CINEMA PORTUGUÊS: A COSTA DOS MURMÚRIOS**, de Margarida Cardoso, 115'
21,30 **RESGATADOS: GUERRA DOS MUNDOS** (War of the Worlds), de Steven Spielberg, 116'

horas **27outubro´05** _quinta-feira
09,30 **DA BD AO CINEMA: BATMAN – O INÍCIO** (Batman Begins), de Christopher Nolan, 131'
14,30 **DA BD AO CINEMA: DEMOLIDOR** (Daredevil) De Mark Steve Jonhson, 103'
18,00 **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: MAR ADENTRO** (The Sea Incide), de Alejandro Amenábar, 125'
21,30 **RESGATADOS: ALEXANDRE, O GRANDE** (Alexander), de Oliver Stone, 173'

horas **28outubro´05** _sexta-feira
09,30 **DA BD AO CINEMA: BATMAN – O INÍCIO** (Batman Begins), de Christopher Nolan, 131'
14,30 **DA BD AO CINEMA: X-MEN** (X-Men), de Brian Singer, 133'
18,00 **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: MARIA CHEIA DE GRAÇA** (Maria Full of Grace), de Joshua Marston, 101'
21,30 **RESGATADOS: REINO DOS CÉUS** (Kingdom of Heaven), de Ridley Scott, 145'
24,00 **CICLO M. NIGHT SHYAMALAN: A VILA** (The Village), de M. Night Shyamalan, 108'

- horas** **29outubro'05** _sábado
- 11,00** **SÓ ANIMAÇÃO: SONHO DE UMA NOITE DE SÃO JOÃO** (El Sueño de una Noche de San Juan), de Ángel de la Cruz e Manolo Gómez, 85'
- 15,00** **DA BD AO CINEMA: IMORTAL** (Immortal (ad vitam), de Enki Bilal, 102'
- 21,30** **DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS ENCERRAMENTO OFICIAL** (Com concerto pelo Grupo de Metais do Conservatório de Música de Seia)

- horas** **30outubro'05** _domingo
- 11,00** **SÓ ANIMAÇÃO: O GANG DOS TUBARÕES** (Shark Tale), de Bibo Bergeron e Vicky Jensen, 90'
- 15,00** **DA BD AO CINEMA: BATMAN – O INÍCIO** (Batman Begins), de Christopher Nolan, 97'
- 18,00** **OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES: UM LONGO DOMINGO DE NOIVADO** (Un Long Dimanche de Fiançailles), de Jean-Pierre Jeunet, 134'
- 21,30** **RESGATADOS: À PROCURA DA TERRA DO NUNCA** (Finding Neverland), de Marc Forster, 106'

Casa Municipal da Cultura Grande Auditório

Programação

- horas** **21outubro'05** _sexta-feira
- 10,00** **HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN O PATINHO FEIO E OUTRAS HISTÓRIAS**
- 15,00** **HOMENAGEM A JULES VERNE: AS 20.000 LÉGUAS SUBMARINAS** (20.000 Leagues Under the Sea), de Richrd Fleischer, 167'
- 18,00** **HOMENAGEM A JULES VERNE: A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS** (Around the World in 80 Days), de Michael Anderson
- 21,30** **CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO BRAVA GENTE, BRASILEIRA**
- 24,00** **CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO A CIDADE DOS HOMENS**

- horas** **22outubro'05** _sábado
- 10,00** **HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN A PEQUENA SEREIA E OUTRAS HISTÓRIAS**
- 15,00** **CONCURSO ÁRVORES E ARBUSTOS** (Árboles Y Arbustos), de Francisco Pedemonte (Argentina, 2003), 14'
- CAREA CAREANDO DE PASTORES, CÃES E REBANHOS** (Carea Careando De Pastores, Perros Y Rebaños), de Vitor Casas (Espanha, 2004), 23'
- AS CARNES** (Las Viandas), de Jose Antonio Bonet (Espanha, 2004), 20'
- CARNE** (Kreas), de Cristo Petrou (Grécia, 2004), 5'
- CHAMAMENTO** (Chamamento), de Chus Dominguez Sanchez (Espanha, 2004), 10'
- CARIBE AZUL** (Blue Caraibes), de Denis Lagrange (França, 2005), 47'
- 18,00** **CONCURSO**
- O SÊTIMO DIA** (The Seven Day), de Achille D'Onofrio (Itália, 2004), 30'
- O SILÊNCIO NUMA HORA DE CNN** (The Silence In One Hour Of Cnn), de Frank Bubenzer (EUA, 2003), 4'
- SOBRE UM PEQUENO RATO** (Mpo Mbiwohka), de Maria Mouat (Rússia, 2004), 13'
- PERSEGUIDO** (Stalk), de Leigh Hodgkinson (Inglaterra, 2005), 8'
- TERRA DE SONHO** (Dream Land), de Laila Makalāns (Letónia, 2004), 35'
- O TESOURO PERDIDO** (The Lost Treasure), de Branco Istvancic (Croácia, 2004), 26'
- 21,30** **CONCURSO**
- ÁGUA** (Water), de Chris Graham (Nova Zelândia, 2005), 15'
- ALDEIA MACADAME** (Macadam Village), de L.M. Cólón (Bélgica, 2004), 5,30'
- CARIBE** (Caribe), de Esteban Ramírez (Costa Rica, 2004), 90'
- 24,00** **CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**
- A CARTOMANTE** / Sílvia Pfeiffer

- horas** **23outubro'05** _domingo
- 10,00** **HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
- A PEQUENA SEREIA E OUTRAS HISTÓRIAS**

- 15,00 CONCURSO**
MANGAIS – RAIZES DAS MARÉS, de James Ewen (Moçambique, Inglaterra, 2004) 55’
KULTUR + LANDKAP = SANT, de Evald Otterstad (Noruega, 2005) 47’
- 18,00 CONCURSO**
UMA ÁRVORE COMO UM HOMEM (Tree Is Like A Man), de Nisvet Hrustic (Bosnia, 2004), 20’
A BIODIVERSIDADE, UMA NOVA ECONOMIA (Biodiversity, A New Economy), de Sandra Degili, Elfi Reiter, Fernando Cerbone (Itália, 2005) 10’
BUSCA E NEGAÇÃO (Catch & Denial), de Kurt Salo (Noruega, 2005), 35’
AS CORES DA TERRA (The Colours Of The Earth), de Sandra Degiuli (Itália, 2005), 25’
A ARTE E OS CRIMES DE RON ENGLISH (The Art And Crimes Of Ron English), de Pedro Cardaval (EUA, 2004), 26’
- 21,30 CONCURSO**
A CHUVA ESTÁ A CAIR (Rain Is Falling), de Holger Ernst (Alemanha, 2005), 15’
ESTAMIRA, de Marcus Prado (Brasil, 2005) 115’

- horas 24outubro 05** _segunda-feira
- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
O SOLDADINHO DE CHUMBO E OUTRAS HISTÓRIAS
- 15,00 CONCURSO**
UNDO, de Jean-Bagriel Périot (França, 2005) 10’
THE MEATRIX, de Louis Fox (EUA, 2003) 4’
PROFUNDAMENTE MAU (Bad To The Bone), de Leandro Blanco (Espanha, 2005) 5’
A RAPARIGA E O CAVALO (The Girl And The Horse), de Rebecca Manley (Inglaterra, 2003) 3’
O RAPAZ QUE ADORAVA O CAMPO (The Boy Who Adored The Wilderness) de Asgeir Eggestad (Noruega, 2005) 24’
- 18,00 CONCURSO**
VILA BELA TERRA DE CORES (Vila Bela Terra De Cores), de Barbara Fontes (Brasil, 2005) 55’
- RELATÓRIO AGRÍCOLA** (Agricultural Report), de Melina Sydney Pádua (Irlanda, 2004) 3’
SALVANDO O SONHO DE ASEAN (Saving The Asean Dream), de Simon Enderby (Malásia, 2004) 27’
SALVAR A NATUREZA (Save Nature), de Edgar Wilkening (Alemanha, 2003) 2’
O VELHO CROCODILO (Old Crocodile), de Koji Yamanura (Japão, 2005) 13’
UNTITLED SEQUENCE V1.1, de Edgar Santaiaogo, Telmo Ramos (Portugal, 2005) 3’
SEDE (Thirst), de Alan Sniton, Deborah Kaufman (EUA, 2004), 62’
- 21,30 CONCURSO**
A ECOLOGIA POPULAR (The Popular Ecology), de Nicolai Bogarvski (Rússia, 2004) 4’
ESQUIMÓ (Eskimó), de Julia Aronova (Rússia, 2004) 10’
O DIAMANTE BRANCO (The White Diamond), de Werner Herzog (Alemanha, 2005), 88’

Programação

- horas 25outubro 05** _terça-feira
- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
A ROUPA NOVA DO IMPERADOR E OUTRAS HISTÓRIAS
- 15,00 CONCURSO**
PEQUENOS DESEJOS (Little Wishes), de Patricia Seledad Llosa (EUA, 2005) 14’
OS PINGUINS E OS HOMENS (Of Penguins And Men), de Luc Jacques e Jérôme Maison (França, 2004) 53’
APAGA Y VAMONOS (Apaga Y Vamonos), de Manel Mayol (Espanha, 2005)
- 18,00 CONCURSO**
MARTELO E CHAMA (Hamer And Flame), de Vaughan Piliikian (Inglaterra, 2004) 10’ ;
O FIM DO MUNDO COMO O CONHECEMOS (The End Of The Word As We Know It), de ???? (Inglaterra, 2004) 76’
- 21,30 CONCURSO**
O FACTOR ÓLEO, POR DETRÁS DA GUERRA CONTRA O ERROR (The Oil Factor: Behind The War On Terror), de Gerard Ungerman & Audrey Brody (EUA, 2005) 58’ ; WILDNESS, de Scott Millwood (Austrália, 2003) 56’

- horas 26outubro 05** _quarta-feira
- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
O ROUXINOL E OUTRAS HISTÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS
- 15,00 COLÓQUIO**

- 21,30 CONCURSO**
PROCURANDO POR RESPOSTAS NA FLORESTA AMAZÔNICA (Searching For Answers In The Amazon Rainforest), de Pedro Carvajal (EUA, Venezuela, 1996) 26'
A JANGADA (Das Flob), de Jan Thusing I(Alemanha, 2005) 8'
O VELHO E O SEU JARDIM DE PEDRA (The Old Man And His Stom Garden), de Kimiavi (Irão, 2005) 52'
VENTO (Vent), de Erik Van Schaaik (Holanda, 2005) 4'
VERDADE OU CONSEQUÊNCIA (Veckopeng Eller Kysss), de Malou Schultzberg (Suécia, 2005) 14'
WILDERNESS, de Steve Thomas (Austrália, 2005) 60'

horas **27outubro'05** _quinta-feira

- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
O PATINHO FEIO E OUTRAS HISTÓRIAS

- 15,00 CONCURSO**
A FLORESTA É NOSSA AMIGA (Portugal, 2004), 6'
QUE GRANDE SECA (Portugal, 2004), 6'
AMIGOS PARA SEMPRE (Portugal, 2004), 12'
ATENÇÃO MENINOS CUIDADO (Portugal, 2004), 6'
UMA AVENTURA NA PRAIA (Portugal, 2004) 8'
CAROCHINHA, OU A ÁGUA É IMPORTANTE (Portugal, 2005) 5'
MAX, O CÃO GULOSO (Portugal, 2004) 6'
TRANSPARENTE, UMA GOTINHA AVENTUREIRA (Portugal, 2005) 5'
Todos do Cine Clube de Viseu

- 18,00 CONCURSO**
INDESTRUTIVEL (Undertroyable), de Michele Citoni (Itália, 2004) 60'
PRAGAS E PRAZERES NO MAR SALTON (Plagues & Pleasures On The Saltonsea), de Chris Metzner, Jeff Springer (EUA, 2005) 60'

- 21,30 CONCURSO**
KASHATANKA, de Natália Otlova (Rússia, 2004) 22
SER CARIBOU (Being Caribou), de Leanne Allison, Diana Wilson (Canadá, 2005) 72'

Programação

horas **28outubro'05** _sexta-feira

- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN**
OS CISNES SELVAGENS E OUTRAS HISTÓRIAS

- 21,30 CONCURSO**
PARA O TEU DESABROCHAR (For Your Blossom), de Gaku Kinoshita (Japão, 2004) 6
AS PESSOAS DO SHOPING (Shopping People), de Simonetta Cappello (Itália, 2004) 24
SOBRE O PIPELINE DA PORTA AO LADO (The Pipeline Nex Door), de Nino Kirtadzé (França, Eslovénia, 2005) 90'

- 24,00 CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**
DESMUNDO

horas **29outubro'05** _sábado

- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN: A RAINHA DO GELO E OUTRAS HISTÓRIAS**
- 15,00 HOMENAGEM A JULES VERNE: VIAGEM AO CENTRO DAS TERRA** (Journey to the Center of the Earth), de George Miller (EUA, 1999)
- 18,00 CICLO M. NIGHT SHYAMALAN: WIDE AWAKE** (EUA, 1998)
- 21,30 CICLO M. NIGHT SHYAMALAN: O SEXTO SENTIDO** (EUA, 2001)
- 24,00 CICLO M. NIGHT SHYAMALAN: O PROTEGIDO** (EUA, 2002)

horas **30outubro'05** _domingo

- 10,00 HOMENAGEM A HANS CHRISTIAN ANDERSEN: A POLEGARZINHA E OUTRAS HISTÓRIAS**
- 15,00 CONCURSO / OBRAS PREMIADAS**
- 18,00 CONCURSO / OBRAS PREMIADAS**
- 21,30 CONCURSO / OBRAS PREMIADAS**

horas **21outubro^o05** _sexta-feira
10,00 PETER PAN NO CINEMA: AS AVENTURAS DE PETER PAN, de Walt Disney
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO ABRIL DESPEDAÇADO, 115
24,00 CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: O INVASOR

horas **22outubro^o05** _sábado
10,00 PETER PAN NO CINEMA: PETER PAN NA TERRA DO NUNCA, de W. Disney
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: GLAUBER, O FILME, LABIRINTO DO BRASIL
24,00 CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: ORFEU

horas **23outubro^o05** _domingo
10,00 PETER PAN NO CINEMA: HOOK, de Steven Spielberg
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 MOSTRA DE CINEMA DE GOIÁS

horas **24outubro^o05** _segunda-feira
10,00 PETER PAN NO CINEMA
PETER PAN, de P.J. Hogan
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 MOSTRA DE CINEMA DE GOIÁS

horas **25outubro^o05** _terça-feira
10,00 PETER PAN NO CINEMA
AS AVENTURAS DE PETER PAN, de Walt Disney
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 MOSTRA DE CINEMA DE GOIÁS

horas **26outubro^o05** _quarta-feira
10,00 PETER PAN NO CINEMA
PETER PAN NA TERRA DO NUNCA, de W. Disney
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 MOSTRA DE CINEMA DE GOIÁS

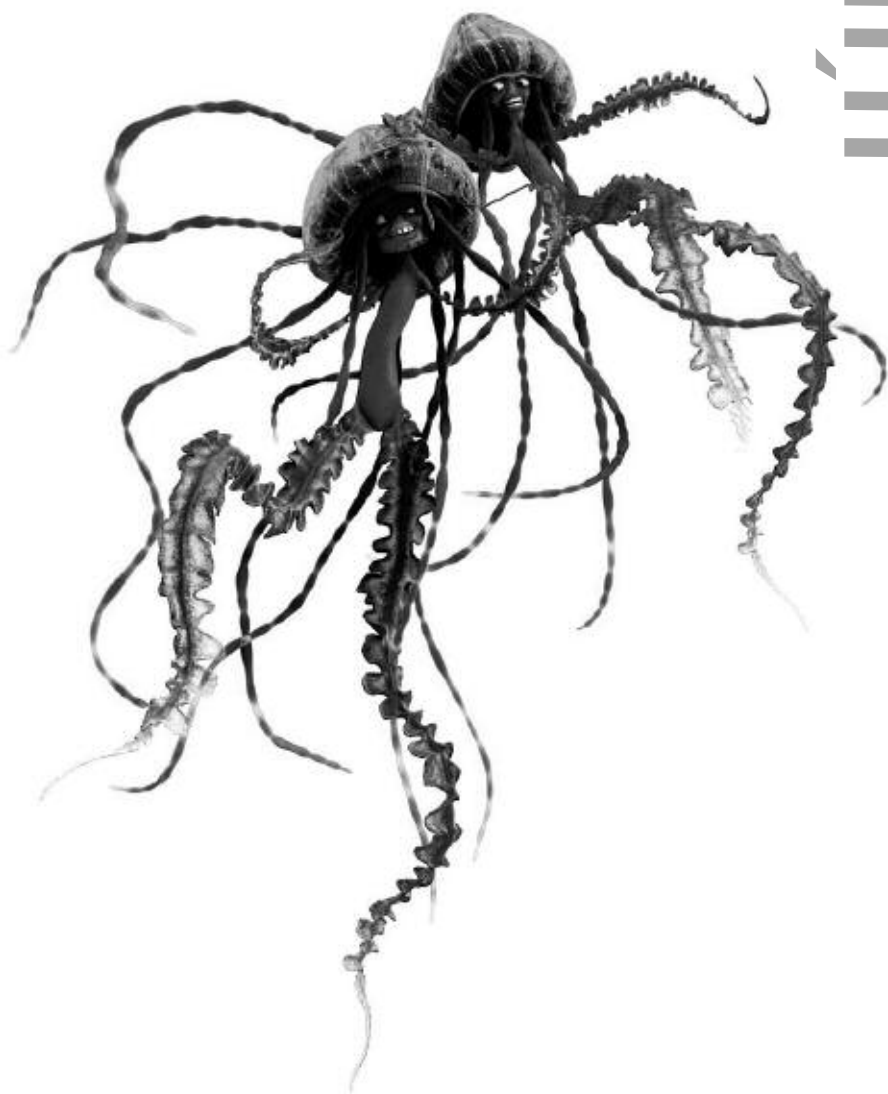
horas **27outubro^o05** _quinta-feira
10,00 PETER PAN NO CINEMA
HOOK, de Steven Spielberg
15,00 EXTRA CONCURSO
18,00 EXTRA CONCURSO
21,30 MOSTRA DE CINEMA DE GOIÁS

horas	28outubro'05 _sexta-feira
10,00	PETER PAN NO CINEMA
	PETER PAN , de P.J. Hogan
15,00	CONCURSO
	FEITO DE ÁGUA (Made In Water), de Hans Quatfass (Holanda, Dinamarca, 2005) 15
	FRENKENCHICKEN , de Ann-Marie Denham (Austrália, 2004), 8
	FULLTIME , de Artur Muradian (Rússia, 2004), 3
	ICOLOGIA , de Angelo Lima (Brasil, 2004), 26
	UMA LOJA MUSICAL (A Musical Shop), de Sonya Kravtsova (Rússia, 2003) 13
	O CORO DAS PALAVRAS , de Carlos Brandão Lucas (Portugal, 2005) 50
18,00	CONCURSO
	A DANÇA DOS ANJOS AZUIS (Dance Of The Blue Angels), de Steve L. Lichtog (Republica Checa, 2004), 22
	DEWLINE , de Joanna Priestley (EUA, 2005), 5
	DOIS POR DOIS (Two By Two), de Emily Dodge (EUA, 2005), 9
	NOVO ELDORADO (New Eldorado), de Tibor Kocsis (Hungria, 2005) 76
21,30	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: O OUTRO LADO DA RUA
24,00	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: O HOMEM QUE COPIAVA

horas	29outubro'05 _sábado
10,00	PETER PAN NO CINEMA: AS AVENTURAS DE PETER PAN , de Walt Disney
15,00	EXTRA CONCURSO
18,00	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: LISBELA E O PRISIONEIRO
24,00	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Programação

horas	30outubro'05 _domingo
10,00	PETER PAN NO CINEMA: PETER PAN NA TERRA DO NUNCA , de W. Disney
15,00	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: CENTRAL DO BRASIL
18,00	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: DEUS É BRASILEIRO
21,30	CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: VILLA LOBOS, UMA VIDA DE PAIXÃO



JÚRIS

CineEco 2005

Júri Internacional



MARIA ELISA FRANÇA ROCHA - Brasil

Doutorado em Ciências da Comunicação, Audiovisual, Cinema e Publicidade, pela Universidade Autónoma de Barcelona- Espanha; Mestrado em Comunicação; Curso de Especialização em Cinema – Universidade Federal de Minas Gerais; Autora de várias obras audiovisuais premiadas: “Jesco, minha vida, minha câmera”, “Terra Caiapó”; Coordenadora Júri de Pré-Seleção do Festival de Cinema e Vídeo Ambiental de Goiás,; Membro da Comissão de Avaliação dos Projetos Culturais, Lei de Incentivo Fiscal da Prefeitura de Goiânia; Editora do Telejornal Jornal da SBPC; Professora na Universidade Federal de Goiás – UFG; Colaboração dispersas na imprensa do Brasil: O Globo, Jornal do Brasil, Estado de São Paulo ou Diário da Manhã.

Júris



GAETANO CAPIZZI - Itália

Director fundador do Cinemambiente - Festival Internacional de Cinema Ambiental de Turim, Itália. Crítico e organizador de eventos culturais. Promove o cinema italiano independente, tendo sido o director do Festival Italiano de Cinema Independente, em Berlim, e membro fundador do AIACE – Centro Italiano de Curta Metragem. Autor de várias obras sobre “Vittorio De Seta”, “Joris Ivens”, “The Lost World”, “A Wind Tale”.



ANDRES A. FERNANDEZ - EUA

Formado pela Universidade de George Mason, Fairfax, Virgínia, e B.A., em História na Universidade de Miami, Florida. Assistente de programação do Environmental Film Festival de Washington. Colaborador do Latino Student Fund, e ainda no SILVERDOCS Documentary Film Festival, Washington. Designer e assistente de Director de Arte.



OLEH YANCHYK - Ucrânia

Nasceu na Ucrânia em 1963. Curso de Teatro, Cinema e TV, pela Universidade de Kiev. Actor de Teatro e Cinema foi, ainda, apresentador de vários programas nas Televisões de Lviv e Kiev. Encenou e dirigiu várias peças de dramaturgos ucranianos e alguns clássicos como “O Tartufo” de Molière e “Sonho de Uma Noite de Verão” de W. Shakespeare.



MÁRIO AUGUSTO - Portugal

Jornalista da SIC. Coordena e apresenta um programa na SIC Noticias dedicado à divulgação das estreias de Cinema, o “35 mm”. Foi co-autor de um livro dedicado ao cinema de animação e “Cinanima”. Frequentou ao longo da carreira profissional vários Workshops e os Centros de Formação da RTP e RDP. Na rádio, desenvolveu actividade na Rádio Comercial, RDP, “Antena 1” e “Antena 3”. Foi fundador da Rádio Nova no Porto, e desde sempre esteve ligado a vários projectos de media. Recentemente lançou o livro “Nos bastidores de Hollywood”.



NATÉRCIA XAVIER - Portugal

Programadora do Auditório do Centro das Artes Casa das Mudanças, Calheta, Madeira. Formada em Relações Internacionais, pela Universidade Técnica de Lisboa. Exerce funções na Sociedade de Desenvolvimento Ponta do Oeste, S.A. desde 2003 na área de gestão de fundos comunitários. Entre 1997 e 2002 esteve ligada à implementação de projectos na área da juventude através do Gabinete de Apoio, Estudos e Planeamento da Secretaria de Estado da Juventude, onde foi responsável pela preparação de dossiers no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia, Fundo das Nações Unidas para a Juventude, Comissão de Desenvolvimento Social das Nações Unidas e preparação da 1ª Conferência Mundial de Ministros da Juventude. Membro do Conselho de Administração da Fundação Europeia da Juventude e dos Centros Europeus de Juventude de Estrasburgo e Budapeste entre 1996-1998. Sócia fundadora da Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens.



FERNANDO MANUEL CUNHAL VAZ SARAIVA - Portugal

Fernando Manuel Cunhal Vaz Saraiva nasceu em Seia, no dia 20 de Setembro de 1950. Técnico Superior da Câmara Municipal de Seia. Responsável e Fundador da Fototeca Municipal de Seia.



JOSÉ ALEXANDRE DOS SANTOS VAZ MARTINS - Portugal

José Alexandre dos Santos Vaz Martins nasceu em Angola a 2 de Setembro de 1969 e reside em Seia. Lecciona várias disciplinas de Matemática e Informática na Escola Superior de Turismo e Telecomunicações de Seia. É Membro eleito, pela Escola Superior de Turismo e Telecomunicações, para o Conselho Geral do Instituto Politécnico da Guarda no dia 7 de Março de 2001. Membro da Comissão Promotora da Homenagem a Bento de Jesus Caraça. Desempenhou as funções de Coordenador do Pólo de Seia do Instituto Politécnico da Guarda.

Júris



JOSÉ JOÃO MARQUES RODRIGUES - Portugal

Nasceu em Lisboa em 1958 e reside actualmente em Coimbra. Agente de Desenvolvimento, com passagem pelas Câmaras de Oliveira do Hospital e de Seia, pela Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela, tendo estado na organização da primeira edição do Cine'Eco, em 1995. Co-Fundador do GAF – Grupo Aprender em Festa, do qual é associado, onde coordenou projectos no âmbito da Luta Contra a Pobreza e Exclusão Social de 1999 a 2004. É Director da ANIMAR – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local.



MARIA EUGÉNIA CARDOSO LEMOS - Portugal

Médica Veterinária da Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior a prestar serviço na Zona Agrária de Gouveia. Reside em Seia.



PAULO ALEXANDRE BARATA DIAS - Portugal

Licenciado em Eng^o Química Industrial pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Integrou os quadros da A.P.D.R. – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Rural (1989-1996) onde exerceu funções de formador e director de uma CEA – Casa Escola Agrícola; Professor de Físico-Química. Dinamizou e coordenou Clubes na área ambiental (Programa Eco -Escolas) e na área das ciências (Clubes de ciência e Projectos Ciência - Viva). Colaborador assíduo do jornal Baril (Jornal escolar do Agrupamento de Escolas Abranches Ferrão). Está o mestrado em Administração e Gestão Escolar, pela Universidade Católica.

Júri da Juventude



ANA JOANA PEREIRA AMORIM

23 anos. Aluna do Curso de Tecnologia da Comunicação Audiovisual do Instituto Politécnico do Porto.



Júris

ANA RAQUEL GONÇALVES MARTINHO

Nasceu em 1973, reside em Vila Nova de Tazém (Gouveia). Licenciada em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana da Faculdade Técnica de Lisboa. Pós-Graduada em Lazer e Desenvolvimento Local pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Autora do estudo sobre Estilos de Vida e Práticas Culturais nas cidades de Coimbra, Seia e Gouveia com vista à obtenção do grau de mestre (Universidade de Coimbra). Exerce actualmente as funções de professora de Educação Física na ES3ºCEB Gouveia.



CÁTARINA JOANA FONSECA MENDES

Natural de Seia, Licenciada em Jornalismo e Comunicação, na ESE de Portalegre. Colaboradora na imprensa regional e autora de um livro de Poesia. Participa regularmente em congressos e jornadas sobre comunicação social, tendo sido vice-presidente em 2003 da organização das VII jornadas de Comunicação Social da ESEP, onde promoveu a conferência: "Jornalismo Ambiental". Actualmente é também deputada da Assembleia Municipal de Seia.



DÉBORA CRISTINA LOPES HENRIQUES

22 anos. Licenciada em Ciências da Comunicação, pela Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na área de Jornalismo. Estágio Curricular na RDP – Antena1; Produção da curta-metragem "Bipolar", um projecto desenvolvido no âmbito da cadeira de Atelier de Televisão, orientado pela Professora e realizadora Margarida Gil; Colaboração em vários jornais.



GONGALO TEIXEIRA DOS ANJOS

19 anos. Nasceu em Bruxelas, Bélgica, mas português por naturalidade. Estudou na Bélgica e colaborou com a Cinemateca Belga, escreveu sobre cinema. Encontra-se inscrito no Curso de Licenciatura em Cinema, Televisão e Cinema Publicitário, da Universidade Moderna.



JOÃO MÁRIO SILVA

21 anos. Aluno do Curso de Licenciatura em Cinema, Televisão e Cinema Publicitário, da Universidade Moderna.



LUÍS MONTEIRO

Luís Francisco da Silva Monteiro nasceu em Coimbra a 30 de Março de 1982 e reside em Seia. Frequenta o 4º ano da licenciatura em Ciências da Informação, no Instituto Miguel Torga, em Coimbra. Frequentou o 2º ano do Conservatório de Música de Seia nas áreas de formação musical e guitarra clássica, tendo também iniciado a prática do Saxofone na Banda de Seia. Participou na Tuna da Escola EB 2,3 Dr. Guilherme C. Carvalho (Seia), foi baixista da “Bandajuve” e foi membro fundador, de uma banda rock. É colaborador da imprensa local, no Jornal Porta da Estrela de Seia, numa rubrica dedicada ao cinema e no jornal Online do Instituto Miguel Torga é redactor generalista e editor da rubrica dedicada ao Cinema.



MOIRA CATRIONA CAMOTIM DIFELICE

22 anos. Britânica. Frequenta o Curso de Relações Internacionais, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa e Diplôme de Langue Française da Alliance Française, em Lisboa. Frequência do Conservatório Nacional de Música de Lisboa. International Baccalaureate do St. Julian's School, em Carcavelos. Trabalho com crianças. Participação no workshop “Griffith e o Nascimento da Linguagem Cinematográfica”, na Biblioteca-Museu da República e Resistência, sob a orientação do Prof. Lauro António.



RICARDO HERDEIRO

Filipe Ricardo Cardoso Herdeiro, nasceu em 30 de Janeiro de 1976, em Seia, onde reside. Licenciado em Ciências da Informação, foi funcionário da Biblioteca Municipal de Seia e actualmente presta serviços no Hospital de Seia. O Cinema é um dos seus hobbies preferidos.

Júris



RICARDO PEREIRA FERREIRA

20 anos. Aluno do Curso de Licenciatura em Cinema, Televisão e Cinema Publicitário, da Universidade Moderna.



RISSIELE VARGAS EMYDGIO

22 anos. Brasileira. Curso de Teatro do Teatro Experimental de Cascais. Curso de Actor no Estúdio Escola de Actores para TV/Cinema, do Rio de Janeiro. Frequência do Curso de Licenciatura da Universidade Moderna de Lisboa.



RUI SOUSA DIAS

Nasceu a 15 de Maio de 1975, em Seia, onde reside. Licenciado Em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-graduação no *Curso de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente* do CEDOUA (Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente) da faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Responsável pelo Gabinete Jurídico da Câmara Municipal de Seia.



TIAGO ISMAEL DIOGO LOPES

22 anos, natural de Coimbra, estudante de Economia na Universidade Nova de Lisboa, *cinéfilo militante*, participou em várias rodagens de curtas metragens realizadas por colegas do Curso de Cinema da Escola.

Διεθνές Φεστιβάλ Κινηματογράφου & Περιβάλλον • International Environmental Film Festival

ecocίηημα



September 2006 • Greece



OBRAS
A CONCURSO

CineEco 2005



Obras
a concurso

Realização: Chris Graham (Nova Zelândia, 2004); **Argumento:** Anthony Clide; **Fotografia (cor):** Richard Bluck; **Música:** Leyton; **Montagem:** Owen Ferrier-Kerr; **Produção:** Sarah Rose; **Intérpretes:** Paige Shand-Haami, Victoria Beynon-Cole, Chris Ryan, Angie Dolan, Patrick Durant;

Duração: 15 minutos;

Contacto: sandy@nzfilm.co.nz / PO Box 11 546, Wellington, New Zealand ;

Prêmios: “Best Short Film” Wet West Film Festival, “Best Short Film-Fiction Non Latino” AluCine Toronto Latino Film Festival;

Categoria onde se inscreve: Água;

Sinopse > “Água” segue Mary, uma rapariga de sete anos que vive com a sua família na Nova Zelândia rural. Uma manhã, Mary descobre um cano roto debaixo do lava-louça. Em vez de tratar do problema, a família ignora a fuga, preferindo seguir as suas vidas banais, incluindo a antecipação de um jogo contra a França naquela noite.

Synopsis > “Water” follows the experience of Mary, a seven-year-old girl living with her family in rural New Zealand. One morning Mary discovers a burst pipe under the kitchen sink. Rather than dealing with the problem, the family ignores the leak, preferring to follow their banal daily lives, including their anticipation of a rugby game versus France that night.

Chris Graham

Tem o curso da School of Visual Arts, em Nova Iorque. Depois de realizar diversos videoclips, voltou para a Nova Zelândia. Realizou “Bus Stop”.



Obras
a concurso

Realização: Louise-Marie Colon (Bélgica, 2004); **Argumento:** 23 crianças; **Fotografia** (cor): 23 crianças; **Música:** Mathieu Labaye; **Montagem:** Louise-Marie Colon; **Produção:** Camera Enfants Admis;

Duração: 5 minutos;

Contacto: info@camera-etc.be / Rue de vise 480, 4020 Liege-Wandre Belgium;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Vídeo Não Profissional;

Sinopse › A vida tranquila dos habitantes de uma pacata aldeia é perturbada pela chegada brusca de uma estrada que destrói tudo à sua passagem.

Synopsis › *The quiet life of the inhabitants of a peaceful village is disturbed by the sudden arrival of a road which destroys all on its passage.*



Louise-Marie Colon

Apaga e Vamos

Apaga y Vamonos/Switch Off



Obras
a concurso

Realização: Manel Mayol (Espanha, 2005); **Argumento:** Clément Darrasse, Manel Mayol; **Fotografia** (cor): Sergio Armstrong; **Música:** Delfí Ramírez; **Montagem:** Christian Fuma; **Produção:** Esteban Bernatas; **Duração:** 87 minutos; **Contacto:** natalia@andoliadoproducciones.org / C/Carme 7 (1º - 1ª) 08001 – Barcelona – Spain; **Prêmios:** “Best Film” Ecocinema Festival 2005; **Categoria onde se inscreve:** Água, Antropologia Ambiental;

Sinopse ▶ A terceira maior barragem do mundo, Ralco, nos Andes, foi inaugurada em 2004 depois de se deparar com problemas graves devido à população indígena.

Synopsis ▶ *The third biggest dam in the world, Ralco, in the Andes, has just been inaugurated in 2004 after running into major trouble with the pehuenche-mapuche indigenous peoples.*



Manel Mayol

Nasceu em Barcelona, no ano de 1966. Estudou Arte na Barcelona University e Fotografia na Huddersfield Technical College. Realizou diversos documentários sobre assuntos culturais e políticos.

A Arte e os Crimes de Ron English

The Art and Crimes of Ron English/The Art and Crimes of Ron English

137 |
cineeco2005



Obras
a concurso

Realização: Pedro Carvajal (EUA, 2005); **Argumento:** Pedro Carvajal; **Fotografia** (cor): Pedro Carvajal; **Música:** The Dandy Warhols, Daniel Johnston, Tripping Daisy; **Montagem:** Kevin Chapados; **Produção:** Pedro Carvajal; **Intérpretes:** Ron English, Shepard Fairey, Artfux Artfux; **Duração:** 82 minutos; **Contacto:** harvest-moon@juno.com / 964 Summit Avenue, 1st Floor, Jersey City NJ 7307, USA; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Dotado de um humor subversivo, Ron English leva a sua arte para os painéis da América do Norte, substituindo anúncios antigos com as suas paródias políticas e pop-culturais.

Synopsis › *Blessed with a subversive wit, Ron English takes his art to the billboards of America, replacing existing advertisements with his own political and pop-cultural parodies.*

Pedro Carvajal

Nasceu em Espanha, tendo realizado vários documentários sobre os Yanomami e também sobre doentes infectados com o vírus da Sida. Na sua filmografia encontram-se os seguintes filmes: "Special K" (1995), "Sabor Latino" (1996) e "Cuba" (2002).

Árvore É Como Um Homem

Drvo Ti Je K'o Covjek/Tree is Like a Man



Obras
a concurso

Realização: Nisvet Hrustic (Bósnia-Herzegovina, 2004); **Argumento:** Rusmir Agacevic;
Fotografia (cor): Nisvet Hrustic; **Montagem:** Nisvet Hrustic; **Produção:** Nisvet Hrustic;
Intérpretes: Refik Kajmak;
Duração: 20 minutos;
Contacto: Podgradina bb, 72250 Vitez, Bosnia and Herzegovina;
Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental

Sinopse › O filme “Árvore Como um Homem” é um documentário educacional onde um lenhador está ligado emocionalmente à floresta. O filme utiliza pouco diálogo.

Synopsis › *The movie “Tree is Like a Man” is an educational documentary where a tree cutter is emotionally connected to the forest. The movie utilises minimum speech.*

Nisvet Hrustic

Nasceu na Bósnia-Herzegovina, em 1956. Começou por estudar fotografia, tendo depois realizado diversos trabalhos como cameraman, montador e produtor.



Obras
a concurso

Realização: Francisco Pedemonte (Argentina, 2003); **Argumento:** Francisco Pedemonte;
Fotografia (cor/pb): Marina Di Raymondo; **Montagem:** Francisco Pedemonte; **Produção:**
Universidade del Cine; **Intérpretes:** Roberto Goldsman;
Duração: 14 minutos;
Contacto: fpedemonte@hotmail.com / Pasaje Giuffra 330, 1064 Buenos Aires, Argentina;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Sempre verde, com mais de sessenta pés de altura, verde-clara, cinzenta ou preta com um tronco direito. Folhas simples de várias formas.

Synopsis › *Evergreen, up to sixty feet high, bright green, greyish or black with a straight trunk. Simple leaves of various forms.*

Francisco Pedemonte

Nasceu em 1982, na Argentina. Começou a estudar na Universidad del Cine em Buenos Aires no ano 2000, tendo-se especializado em escrita de guião. Também trabalha em pós-produção de som. Esta é a sua primeira curta-metragem.

Biodiversidade – Uma Nova Economia

Biodiversita' Una Nova Economia/Biodiversity - A New Economy



Obras
a concurso

Realização: Sandra Degiuli, Ferdinando Carbone, Elfi Reiter (Itália, 2004); **Fotografia (cor):** Elfi Reiter; **Música:** música original indiana; **Montagem:** Sandra Degiuli, Elfi Reiter; **Produção:** Associazione Coevoluzione;

Duração: 10 minutos;

Contacto: sandradegiuli@libero.it / via Gozzoli 2 – Bologna, Itália;

Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Sinopse › Um entrevista interessante com Vandana Shiva, o médico e biólogo indiana que está a lutar por uma nova ciência que respeite a biodiversidade, o balanço natural entre todas as espécies, algo que já praticam na Índia.

Synopsis › *An interesting interview with Vandana Shiva, the Indian Physician and Biologist who is fighting for a new old science respecting the biodiversity, a natural balance between all species they already practise in India.*

Sandra Degiuli

Realizadora documental, tem trabalhado em particular com temas de integração social, deficiências e culturas jovens. Desde 1995 que é fundadora da Ethnos Tv Productions. Realizou os seguintes filmes, entre outros: "Lo Specchio di Onorato", "Maschere nere – Carnevali di Barbagia" e "Casa Zanichelli".

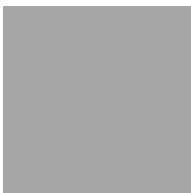


Obras
a concurso

Realização: Kurt Salo (Noruega, 2005); **Argumento:** Kurt Salo; **Fotografia** (cor/pb): Kurt Salo, Einar Andreassen, Svend Even Hærra, Fridthjofur Fridthjofsson; **Música:** Fredrik Langlo; **Montagem:** Trond Nystedt, Svein Bæren; **Produção:** Kurt Salo;
Duração: 35 minutos;
Contacto: ts@nfi.no;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › A ganância entre pescadores na Noruega e Islândia leva a um “dumping” anual de um milhão de NOK. Nós seguimos três pescadores que escolheram contar a sua história e confirmar o que se passa nas traineiras.

Synopsis › *Greed among fishermen in Norway and Iceland leads to the annual dumping of fish worth about one billion NOK. We follow three fishermen who choose to tell their story and confirm what is going on aboard the trawlers.*



Kurt Salo

Carea Careando, de Pastores, Cães e Rebanhos

Carea Careando, de Pastores, Perros y Rebaños/Carea Careando, of Shepherds, Dogs and Flocks



Obras
a concurso

Realização: Chus Domínguez Sánchez (Espanha, 2004); **Argumento:** Víctor Casas; **Fotografia (cor):** Chus Domínguez; **Montagem:** Chus Domínguez; **Produção:** Fundación Siglo; **Duração:** 23 minutos; **Contacto:** chus@besalelosdientes.com / Avda. Facultad 15 1º 24004 León España; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental;

Sinopse › Documentário etnográfico sobre a cultura pastoril em zonas pobres do interior da Península Ibérica, que determinou o aparecimento da raça de cães pastor chamados “careas”.

Synopsis › *Ethnographical documentary about the culture of shepherds in the poorer zones of the Península Ibérica, that determined the appearance of the shepherds dogs called “careas”.*

Chus Domínguez

Realizou os seguintes filmes, entre outros: “O Tempo dos Bullós”, “No Âmbito do Cauca”, “Cepillo de Dientes” e “Carea Careando”.



Obras
a concurso

Realização: Esteban Ramirez (Costa Rica, 2004); **Argumento:** Ana Istaru, Esteban Ramirez;
Fotografia (cor): Mario Cardona; **Música:** Walter Flores; **Montagem:** Pablo Ramirez; **Produção:**
Peter Aviles; **Intérpretes:** Jorge Perugorria, Cuca Escribano, Maya Zapata, Roberto Mc Lean,
Vinicio Rojas, Arnoldo Ramos, Gabriel Retes;

Duração: 90 minutos;

Contacto: cinetele@racsa.co.cr;

Prêmios: “Mejor Película” Huelva 2004, “Mejor Director” Trieste 2004;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Uma história de paixão e conflitos acerca de petróleo no caribe da Costa Rica.

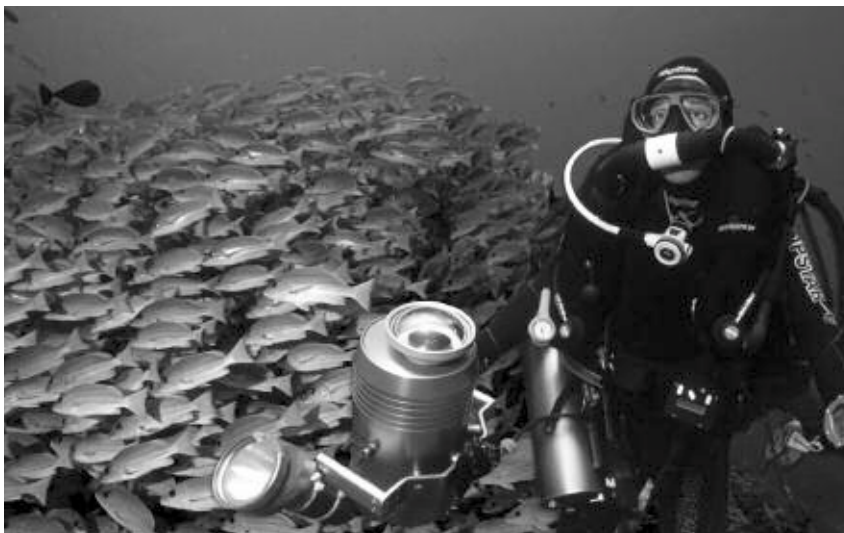
Synopsis › *A history of passions and conflicts about oil in the Costa Rica caribe.*



Esteban Ramirez

Caríbe Azul

Blue Caribbean/Blue Caribbean



Obras
a concurso

Realização: Denis Lagrange (França, 2004); **Argumento:** Denis Lagrange; **Fotografia (cor):** Denis Lagrange; **Música:** Rush Music & Audiostud+; **Montagem:** Aloha Production; **Produção:** Denis Lagrange;

Duração: 47 minutos;

Contacto: info@alohaproduction.com / 8 Rue Chantemerle 86550 Mignaloux-Beauvoir – France;

Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Sinopse > Uma investigação das diferentes espécies das Caraíbas e da sua singular geografia sub-aquática, também incluindo “Cenotes” – buracos de mergulho na água do coração da floresta mexicana. Este filme é um guia único para a sua próxima aventura nas Caraíbas.

Synopsis > An exploration of the Caribbean’s different species and its unique underwater geography, also including “Cenotes” – fresh water diving holes in the heart of the mexican jungle. This film is a unique guide to your next Caribbean adventure.



Denis Lagrange



Obras
a concurso

Realização: Cristo Petrov (Grécia, 2002); **Argumento:** Cristo Petrov; **Fotografia (cor):** Thymios Bakadakis; **Música:** Yiorgis Hadjinasios, Stelvio Cypriani; **Montagem:** Yiannis Cristoforou; **Produção:** Cristo Petrov, Catia Kokkinou; **Intérpretes (voz):** Helena Papavasiliou; **Duração:** 5 minutos; **Contacto:** petrou4444@yahoo / Matsouka 22 11131, Athens, Greece; **Prémios:** Special Mention ISFF Hamburgo 2003; **Categoria onde se inscreve:** Pólis;

Sinopse › Um olhar de cinco minutos sobre um mundo de carne morta.

Synopsis › *A 5 minute look in a world of dead meat.*



Cristo Petrov

Realizou "Kreas" em 2002 e P.E.O2. em 2005.

As Carnes

Las Viandas/The Meats



Obras
a concurso

Realização: José Antonio Boret (Espanha, 2004); **Argumento:** José Antonio Boret; **Fotografia** (cor): Alfonso Postigo; **Música:** Nacho Cabello; **Montagem:** Adoracion G. Elipe; **Produção:** José Antonio Boret; **Intérpretes:** Roberto Alvarez, José María Pou;

Duração: 20 minutos;

Contacto: joseantonioboret@telefonica.net / calle Mateo Inurria, 10, Madrid 28036 Espanha;

Prémios: “Mejor cortometraje” Mostra de Cine Latinoamericano de Lleida, “Mejor Cortometraje” Certamen de Cortometrajes de Mula, “Premio Mercado Cinema Jove” Festival Cinema Jove, etc.

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Vida Natural

Sinopse > Num restaurante escondido nas montanhas aparece um novo comensal. Papandrew, “o chef”, dar-lhe-á a provar os seus melhores pratos.

Synopsis > In a restaurant hidden in the mountains, a new guest arrives. Papandrew, “the chef”, offers him his best dishes.

José Antonio Boret

Tem o curso da Escuela de Letras de Madrid e da Escuela de Cinematografía de Madrid. Realizou os seguintes filmes: “Pendiente de Raquel”, “La Secuencia Final” e “Clases de Ruso”.



Obras
a concurso

Realização: Chus Domínguez Sánchez (Portugal, Espanha, 2004); **Argumento:** Chus Domínguez; **Fotografia** (cor): Chus Domínguez; **Música:** Américo Rodríguez, Artur Fernandes, Nilo Gallego; **Montagem:** Nilo Gallego, Chus Domínguez; **Produção:** Marino García; **Intérpretes:** José Camilo, Américo Rodríguez;

Duração: 9 minutos;

Contacto: chus@besalelosdientes.com / Avda. Facultad 15 1º 24004 León España;

Categoria onde se inscreve: Prémio Especial de Lusofonia, Antropologia Ambiental;

Sinopse › Um dia na vida do pastor José Camilo na Serra da Estrela.

Synopsis › *Onde day in the life of José Camilo, shepherd in Serra da Estrela.*

Chus Domínguez

Realizou os seguintes filmes, entre outros: “O Tempo dos Bullós”, “No Âmbito do Cauca”, “Cepillo de Dientes” e “Carea Careando”.

A Chuva Está a Cair

Rain is Falling/Rian is Falling



Obras
a concurso

Realização: Holger Ernst (Alemanha, 2004); **Argumento:** Mahtab Ebrahimzadeh, Holger Ernst; **Fotografia** (cor): Stefan Grandinetti; **Música:** Moritz Denis; **Montagem:** Andreas Preisner; **Produção:** Ideal Film em cooperação com HFF Konrad Wolf; **Intérpretes:** Fadma et Tagoum, Zerah et Tagoum, Abdellah et Tagoum;

Duração: 15 minutos;

Contacto: holger.ernst@idealfilm.de / Jablonskistrasse 28, 10405 Berlin, Germany;

Prêmios: Winner "A l'Affiche du Monde" 2005, Winner Bafta "Award for Excellence" 2005, Winner Palmares San Roque 2005;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental e Água;

Sinopse ▶ Uma rapariga está a tentar salvar a sua mãe, mas é capaz de estar a salvar muito mais.

Synopsis ▶ *A girl is trying to save her mother, but she might be saving much more.*



Holger Ernst

Nasceu em 1972, na Alemanha. Escreveu vários argumentos como "Life Goes On", "The House is Burning" e "Wir Sind Die Groessten". Como realizador dirigiu "Natur Pur", "Do You Love Me" e "Rain is Falling", entre outros.



Realização: Alunos da Escola Básica 2/3 de Santa Comba Dão; **Argumento:** Alunos da Escola Básica 2/3 de Santa Comba Dão; **Fotografia (cor):** Alunos da Escola Básica 2/3 de Santa Comba Dão; **Música:** Yann Thuall; **Montagem:** Yann Thuall; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos da Escola Básica 2/3 de Santa Comba Dão; **Duração:** 11 minutos; **Contacto:** geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu; **Categoria onde se inscreve:** Educação ambiental.

Sinopse: A Joana e o Marco são grandes amigos e vivem em Santa Comba Dão. Através deste filme pretendem mostrar as peripécias do seu quotidiano.

Synopsis: Joana and Marco are best friends, and live in Santa Comba Dão. With this movie, they pretend to show the adventures of their daily life.



Realização: Alunos da Escola Básica Nº1 de Tondelinha – Viseu; **Argumento:** Alunos da Escola Básica Nº1 de Tondelinha – Viseu; **Fotografia (cor):** Alunos da Escola Básica Nº1 de Tondelinha – Viseu; **Música:** Yann Thuall; **Montagem:** Yann Thuall; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos da Escola Básica Nº1 de Tondelinha – Viseu; **Duração:** 6 minutos; **Contacto:** geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu; **Categoria onde se inscreve:** Educação ambiental.

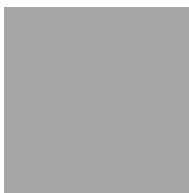
Sinopse: Mónica é raptada à saída da escola, mas consegue fugir da raptora e telefona à professora que a leva ao hospital. No hospital encontra vários meninos que sofreram acidentes de diversas formas. No fim, a enfermeira explica as regras para que todos possam viver em segurança.

Synopsis: Mónica is kidnapped, but she manages to escape and calls her teacher who takes her to the hospital. In the hospital, she finds other kids who suffered all sorts of accidents. In the end, the nurse explains the rules so that everyone can live with safety.

Obras
a concurso



Alunos da Escola Básica
Nº 2/3 de Santa Comba
Dão



Alunos da Escola Básica
Nº 1 de Tondelinha -
Viseu

Cine Clube de Viseu

Uma Aventura na Praia/An Adventure on the Beach



Realização: Alunos do ATL da Fundação D.^ª Mariana Seixas (Portugal, 2004); **Argumento:** Alunos do ATL da fundação D.^ª Mariana Seixas; **Fotografia** (cor): Alunos do ATL da fundação D.^ª Mariana Seixas; **Música:** Yann Thual; **Montagem:** Yann Thual; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos do ATL da fundação D.^ª Mariana Seixas;

Duração: 7 min;

Contacto: geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2.^ª, Viseu

Categoria onde se inscreve: Educação ambiental.

Sinopse: Um grupo de meninos entra na praia de forma desordeira, incomodando as pessoas e caminhando pelas dunas. A nadadora salvadora salva o menino e avisa os outros que se estão a comportar mal. A praia é de todos, por isso devem caminhar de forma ordeira e não devem brincar nas dunas porque estão a estragar a natureza.

Synopsis: *A group of kids are bothering people on a beach. A lifeguard saves the kid and tells the others that they are behaving poorly. The beach is a public space, so they must walk in a orderly fashion and they musn't play on the dunes because they are spoiling the nature.*

Alunos do ATL da
Fundação D.^ª Mariana
Seixas

Cine Clube de Viseu

Carochinha, Ou a Água é Importante/Carochinha, or the Water is Important



Realização: Alunos das Escolas Básicas N.^º 1 de Mourilhe e Mesquitela – Mangualde (Portugal, 2004); **Argumento:** Alunos das Escolas Básicas N.^º 1 de Mourilhe e Mesquitela – Mangualde; **Fotografia** (cor): Alunos das Escolas Básicas N.^º 1 de Mourilhe e Mesquitela – Mangualde; **Música:** Yann Thual; **Montagem:** Yann Thual; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos das Escolas Básicas N.^º 1 de Mourilhe e Mesquitela – Mangualde;

Duração: 5 min;

Contacto: geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2.^ª, Viseu;

Categoria onde se inscreve: Educação ambiental.

Sinopse: No caminho para a praia fluvial, um grupo de meninos encontra um cão abandonado. Levam-no com eles e fabricam uma casota junto ao rio, que este fica a guardar. Certo dia, o cão não deixa os meninos entrar na água porque um comboio que transportava produtos químicos tinha descarrilado e contaminado, desta forma, o rio.

Synopsis: *In the road to the river, a group of kids finds an abandoned dog. They take him and build a little house for the animal, who stays guarding the river. One day, the dog doesn't allow the boys to enter in the water, because a train full of chemical waste had polluted the river.*

Alunos das Escolas
Básicas N.^º 1 de
Mourilhe e Mesquitela -
Viseu

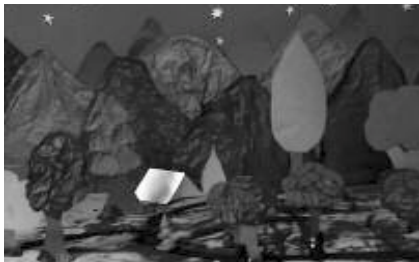
Cine Clube de Viseu

A Floresta é Nossa Amiga/The Forest is our Friend

Cine Clube de Viseu

Que Grande Seca!/Boring

I 51 |
cineco2005



Realização: Alunos da Escola Básica Nº 1 de Tondela; **Argumento:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Tondela; **Fotografia (cor):** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Tondela; **Música:** Yann Thual; **Montagem:** Yann Thual; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Tondela; **Duração:** 5 min; **Contacto:** geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu; **Categoria onde se inscreve:** Educação ambiental.

Sinopse: História de dois meninos aventureiros, que na tentativa de encontrar incendiários acabam por ficar cercados por um incêndio. Do telemóvel chamam os bombeiros que acabam por os salvar. Entretanto chega a polícia que captura um suspeito de atear o incêndio. Os meninos acabam por se tornar pequenos heróis e passam o resto das férias a ajudar o lenhador e o guarda-florestal a limpar e vigiar a floresta.

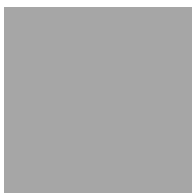
Synopsis: The story of two young boys, who in the attempt to find a incendiary, are surrounded by a fire. With their mobile phone they call the firemen and are rescued. Meanwhile, the police captures a man suspected of starting the fire. The boys end up turning little heroes, and spend the last days of their vacations helping the lumberjack and the keeper of the forest.

Realização: Alunos da Escola Básica Nº 1 de Alvarim – Tondela; **Argumento:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Alvarim – Tondela; **Fotografia (cor):** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Alvarim – Tondela; **Música:** Yann Thuall; **Montagem:** Yann Thuall; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Alvarim – Tondela; **Duração:** 6 minutos. **Contacto:** geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu **Categoria onde se inscreve:** Educação ambiental.

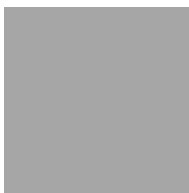
Sinopse › Um menino, que ficava muito triste sempre que chovia porque não podia ir brincar para a rua, encontra os amigos que lhe contam os muitos problemas causados pela falta de água. Decidem então escrever folhetos com conselhos úteis sobre a preservação da água, e a partir desse dia percebem como a chuva é importante.

Synopsis › A young boy, that didn't like rain, finds his friends and they tell him the problems caused by a water shortage. They decide to write panflets with helpful advices about the preservation of water and, from that day, they understand how important the rain is to everyone.

Obras
a concurso



Alunos da Escola Básica
Nº de Tondela



Alunos da Escola Básica
Nº 1 de Alvarim

Cine Clube de Viseu

Max, O Cão Guloso/Max, The Greedy Dog



Realização: Crianças que frequentam a Biblioteca Municipal de Aguiar da Beira; **Argumento:** Crianças que frequentam a Biblioteca Municipal de Aguiar da Beira; **Fotografia** (cor): Crianças que frequentam a Biblioteca Municipal de Aguiar da Beira; **Música:** Graça Gomes, Rui Coimbra; **Montagem:** Graça Gomes, Rui Coimbra; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Crianças que frequentam a Biblioteca Municipal de Aguiar da Beira; **Duração:** 6 minutos; **Contacto:** geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu; **Categoria onde se inscreve:** Educação ambiental.

Sinopse: O Rui e a Ana encontram um cão perdido, levam-no e cuidam dele. Certo dia, o cão sai de casa e come todos os bolos da pastelaria. A dona da pastelaria maltrata o cão, e o Rui e a Ana informam o dono da pastelaria que não se deve maltratar os animais.

Synopsis: Rui and Ana find an abandoned dog, and they take care of him. One day, the dog leaves the house and eats all the cakes from a bakery. The owner of the bakery beats the dog, and they tell her that it's wrong to beat up animals.

Crianças que frequentam a Biblioteca Municipal de Aguiar da Beira

Cine Clube de Viseu

Transparente, Uma Gotinha Aventureira/Transparent, an Adventurer Drop of Water



Realização: Alunos da Escola Básica Nº 1 de Remolha – Sever do Vouga; **Argumento:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Remolha – Sever do Vouga; **Fotografia** (cor): Alunos da Escola Básica Nº 1 de Remolha – Sever do Vouga; **Música:** Yann Thuall; **Montagem:** Yann Thuall; **Produção:** Cine Clube de Viseu; **Intérpretes:** Alunos da Escola Básica Nº 1 de Remolha – Sever do Vouga; **Duração:** 4 minutos.

Contacto: geral@cineclubeviseu.pt / Largo da Misericórdia 24 – 2º, Viseu;

Categoria onde se inscreve: Educação ambiental.

Sinopse: Transparente é uma gotinha que acorda assustada num tanque, sendo depois elucidada acerca da forma como foi ali parar por um peixe. Mas a aventura da Transparente ainda não acabou, porque o Sr. Manuel abre a saída da água e ela vai ter a um jardim onde posteriormente evapora e junta-se ao arco-íris, aguardando o momento de uma nova viagem.

Synopsis: Transparente is a little drop of water that wakes up scared in a tank, and a fish tells her how she got there. But the adventure of Transparente doesn't end here, because Mr. Manuel opens the water exit and she travels to a garden, where she is evaporated into the rainbow.

Alunos da Escola Básica N 1 de Remolha - Sever do Vouga



Obras
a concurso

Realização: Sandra Degiuli (Itália, 2004); **Fotografia (cor):** Marco Mensa; **Música:** Tiziano Popoli e Guido de Gaetano; **Montagem:** Sandra Degiuli; **Produção:** Ethnos;

Duração: 25 minutos;

Contacto: sandradegiuli@libero.it / via Scarlatti 4, 40141 Bologna;

Prêmios: “Premio Hera” XXIV Festival di Cinema e Video di Autori Indipendenti;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse › Um documentário científico sobre pesquisas e estudos da Terra e das suas características.

Synopsis › *A popular scientific documentary about researches and studies of the earth and its characteristics.*

Sandra Degiuli

Realizadora documental, tem trabalhado em particular com temas de integração social, deficiências e culturas jovens. Desde 1995 que é fundadora da Ethnos Tv Productions. Realizou os seguintes filmes, entre outros: “Lo Specchio di Onorato”, “Maschere nere – Carnevali di Barbagia” e “Casa Zanichelli”.

O Coro das Palavras

O Coro das Palavras/The Chorus of Words



Obras
a concurso

Realização: Carlos Brandão Lucas (Portugal, 2005); **Música:** Nezó; **Montagem:** Marco Miguel; **Produção:** Marina Brandão Lucas; **Intérpretes:** Albertino Bragança, Fernando de Macedo, Fernanda Pontífice, Alda do Espírito Santo; **Duração:** 50 minutos; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental;

Sinopse > O primeiro coro de palavras terá surgido no meio das plantações de cana-de-açúcar. A primeira voz, a voz dos escravos. Depois, com o passar do tempo, conquistado o sonho da alforria chegou a liberdade. Mas apenas na aparência.

Synopsis > *The first chorus of words begun in the middle of sugar plantations. The first voice, the voice of slaves. Then, as time went by, the dream of freedom arrived. But only in appearance.*

Carlos Brandão Lucas Nasceu em 1943, em S. Tomé e Príncipe. Licenciado em História. A sua actividade profissional principiou em Angola, como jornalista e locutor e produtor de rádio. Em 1987, realiza 6 programas para o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, "Quem Cala Consente" e, no ano seguinte, realiza e é co-autor de 12 programas para a RTP, "Os Anos Não Contam", iniciando igualmente a realização, autoria e apresentação de mais de uma centena de curtos programas para a Santa Casa da Misericórdia. "Vamos Jogar no Totobola" irá chamar definitivamente a atenção para este nome, consolidando depois o prestígio com séries como "Gente Remota", "Viagem ao Maravilhoso" ou "A Grande Viagem". Outros títulos: "Lugares de Colombo", "A Civilização do Açúcar", "Memórias do Navio", "Plantas e História", "Viagem ao Mundo das Especiarias", "Cabo Verde, Insularidades", "Camilo e Outras Vozes", "Viva a Festa", "Brincar Tabanca" e "Em Nome do Divino. Brasil". Títulos mais recentes: "Cores e Sabores", "Guerras e Castelos" (2002), "Memória dos Capelinhos", "O Espírito de Angra", "Madeira. Carta de Vinhos", "Memórias de Colombo" (2003); "A Vez dos Cestos", "Angra. A Universal Escala do Mar Poente", "Corvo. Crónica dos Dias" (2004).



Carlos Brandão Lucas

A Dança dos Anjos Azuis

Tanec Modrych Andelú/Dance of the Blue Angels

155 |
cineco2005



Obras
a concurso

Realização: Steve Lichtag (República Checa, 2004); **Argumento:** Steve Lichtag; **Fotografia (cor):** Mate Cibulka, Steve Lichtag; **Música:** Paul Kotzian; **Montagem:** Radim Kotesovec; **Produção:** Comfact; **Intérpretes:** Veronika Svatosova; **Duração:** 22 minutos; **Contacto:** comfact@iol.cz / Milady Horakove 107, Praha 6, 160 00, Czech Republic; **Prémios:** “Best Film Award” ISOD 2004 Frymburk, “Grand Prix” IFF Uherske Hradiste 2004, “Grand Prix” MARMARA Istanbul 2004, etc. **Categoria onde se inscreve:** Água;

Sinopse › Este filme é baseado na história verdadeira de Veronika, uma rapariga de 17 anos. Com 13 anos, uma queda de uma árvore deixou-a tetraplégica. Hoje, Veronika sonha em transformar-se numa baleia para fazer dos oceanos a sua casa. Imobilizada do pescoço para baixo, ela aprendeu a pintar com a boca.

Sinopsis › *The film is based on the true story of a 17 years old girl, Veronika. At the age of thirteen, a fall from a tree left her disabled for life. Today, Veronika dreams of turning to a whale and making the oceans her home. Immobilised from her neck down, she has learnt to paint with her mouth.*



Steve Lichtag

Nasceu em 1954, na República Checa. Tirou artes dramáticas no conservatório, e desde 1980-90 viveu e trabalhou nos EUA. Começou a fazer filmes como produtor em 1988 e em 1995 começou a realizar. Entre as suas obras, estão filmes como: “Carcharias The Great White”, “Breath of Sumava” e “In Search of the Cristal World”.

Desfazer

Undo/Undo



Obras
a concurso

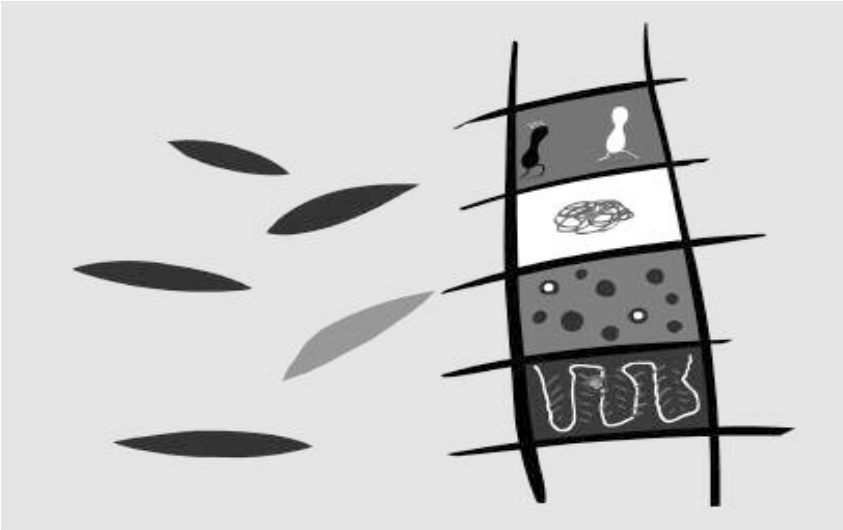
Realização: Jean-Gabriel Périot (França); **Argumento:** Jean-Gabriel Périot;
Música: Sylvia Films; **Montagem:** Jean-Gabriel Périot; **Produção:** Breviere Nicolas;
Duração: 10 minutos;
Contacto: localfilms@free.fr / 45 rue des Orteaux, 75020 Paris;
Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse › Criar um novo mundo em deterioração total? “Desfazer” propõe outra resolução: e que tal “desfazer o mundo”? Assistimos a um filme que anda para trás no tempo, apresentando-nos a criação da terra.

Synopsis › *To create a new world in total deterioration? “Undo” proposes another solution: now about “undoing the world”? Being anticlockwise, we attend to the creation of the earth.*

Jean-Gabriel Périot

Realizou vários filmes, entre os quais: “Diary”, “Rain” e “Devil Inside”.



Obras
a concurso

Realização: Joanna Priestley (EUA, 2005); **Argumento:** Joanna Priestley; **Fotografia** (cor): Joanna Priestley; **Música:** Jamie Haggerty; **Montagem:** Jamie Haggerty, Joanna Priestley; **Produção:** Joanna Priestley; **Duração:** 4 minutos; **Contacto:** joanna@primopix.com; **Prêmios:** “First Prize” Big Muddy Film Festival; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Uma rica e abstracta tapeçaria de formas botânicas e biomórficas que aponta para a perda da bio-diversidade.

Synopsis › *A rich abstract tapestry of botanical and biomorphic forms that hints at the loss of biodiversity.*

Joanna Priestley

Realizou, animou e produziu 17 filmes premiados. Tem retrospectivas no Museu of Modern Art (New York), entre outros, e ensina animação no Art Institute of Portland. Também é herbalista e amante de plantas.

O Diamante Branco

The White Diamond/The White diamond



Obras
a concurso

Realização: Werner Herzog (Alemanha, 2004); **Argumento:** Rudolph Herzog, Annete Scheurich; **Produção:** Annete Scheurich; **Intérpretes:** Werner Herzog (Narrador);

Duração: 90 minutos;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Um filme sobre a perigosa aventura de um explorador que atravessou a floresta tropical com um aparelho voador chamado Jungle Airship.

Synopsis > *A film about the daring adventure of exploring rainforest canopy with a novel flying device-the Jungle Airship.*



Werner Herzog

Nasceu na Alemanha, em 1942. Estudou História, Literatura e Teatro, tendo realizado filmes como: "Aguirre, o Aventureiro", "Fata Morgana" e "Nosferatu, the Vampyre".



Obras
a concurso

Realização: Emily Dodge (EUA, 2003); **Argumento:** Emily Dodge; **Fotografia** (cor): Emily Dodge; **Montagem:** Emily Dodge; **Intérpretes:** os animais de todo o mundo;
Duração: 9 minutos;
Contacto: esdodge_03@yahoo.com / P.O Box 603035, Providence RI 02906;
Categoria onde se inscreve: Vídeo Não Profissional;

Sinopse › Este filme é uma divertida animação em “stop motion” sobre animais durante uma inundação épica. Permite-nos relembrar que é importante ver todos os lados de uma história.

Synopsis › *This film is a playful stop motion animation about animals during an epic flood. It allows us to remember it's important to look at all sides of each story.*



Emily Dodge

Fundou a companhia de animação não lucrativa StartMotions, que tenta criar animações de cariz ambiental para encorajar o respeito pela natureza e pelo ambiente.

A Ecologia Popular

Zanimatelnaia Ecologia/The Popular Ecology



Obras
a concurso

Realização: Nikolai Bogaevski (Russia, 2004); **Argumento:** Nikolai Bogaevski; **Música:** Grigori Sandomirski; **Produção:** Nikolai Bogaevski;

Duração: 4 minutos;

Contacto: elbandido@yandex.zu / 59, Shumkina Str. 7 Moscow Russia;

Categoria onde se inscreve: Educação ambiental.

Sinopse › Mudar a ordem das coisas de forma irracional pode levar a resultados imprevisíveis.

Synopsis › *Changing the order of things rashly could lead to unpredictable results.*

Nikolai Bogaevski

Nasceu em 1969, na cidade de Moscovo. Em 1993 acabou o curso do Architectural Institute e em 2003 finalizou o "High Course for Directors and Screenwriters". Realizou os seguintes filmes animados: "Kolobok", "Cursor" e "Three Little Pigs".



Obras
a concurso

Realização: Julia Aronova (Rússia, 2004); **Argumento:** Piere Boulangere; **Fotografia (cor):** Makoto Sembon; **Música:** Lev Slepner; **Produção:** Animose Studio;

Duração: 10 minutos;

Contacto: tengiz_semenov@animose.ru / 119992, Russia, Moscow, Louzhneckaya;

Categoria onde se inscreve: Vídeo Não Profissional;

Sinopse › Uma história romântica sobre um pinguim circense.

Synopsis › *A romantic story about a circus penguin.*



Julia Aranova

Estamira

Estamira/Estamira



Obras
a concurso

Realização: Marcos Prado (Brasil, 2004); **Argumento:** Marcos Prado; **Fotografia** (cor/pb): Marcos Prado; **Música:** Décio Rocha; **Montagem:** Tuco; **Produção:** Zazen Produções;

Duração: 115 minutos;

Contacto: zazen@zazen.com.br

Prêmios: “Melhor Documentário” Festivais do Rio e São Paulo, “Prémio Especial do Júri” Miami Film Festival;

Categoria onde se inscreve: Valorização de Resíduos;

Sinopse > Estamira é uma mulher de 63 anos que sofre de surtos esquizofrênicos e trabalha há mais de 20 anos no aterro sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. Com um discurso eloquente, filosófico e poético, Estamira vive em função da sua missão: revelar e cobrar a verdade.

Synopsis > Estamira is a woman with 63 years, that suffers from esquizofrenia and works for more than 20 years on the Jardim Gramacho Waste Dump, in Rio de Janeiro. With a filosofical, poetic and eloquent speech, she lives by her mission: reveal and charge the truth.



Marcos Prado

Tem 43 anos. É fotógrafo, produtor e director de documentários. Iniciou-se no Brooks Institute of Photography, na Califórnia, tendo recebido vários prémios de fotografia, entre eles o prémio da World Press Photo.



Obras
a concurso

Realização: Gerard Ungerman e Audrey Brohy (EUA, 2004); **Argumento:** Gerard Ungerman e Audrey Brohy; **Fotografia** (cor): Gerard Ungerman; **Música:** Fritz Heede; **Montagem:** Jason Stelzel; **Produção:** Free Will Productions; **Intérpretes** (voz): Edward Asner; **Duração:** 93 minutos.

Contacto: freewillprod@freewillprod.com / Pob 5476 – N. Hollywood, CA 91616 – EUA;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental

Sinopse › Depois de olhar para as reservas de petróleo e para o seu consumo exacerbado, “The Oil Factor” questiona a “coincidência” de focalizar a denominada “U.S. War on Terror” no Médio Oriente e na Ásia Central, onde ? do petróleo mundial e do gás natural estão localizados.

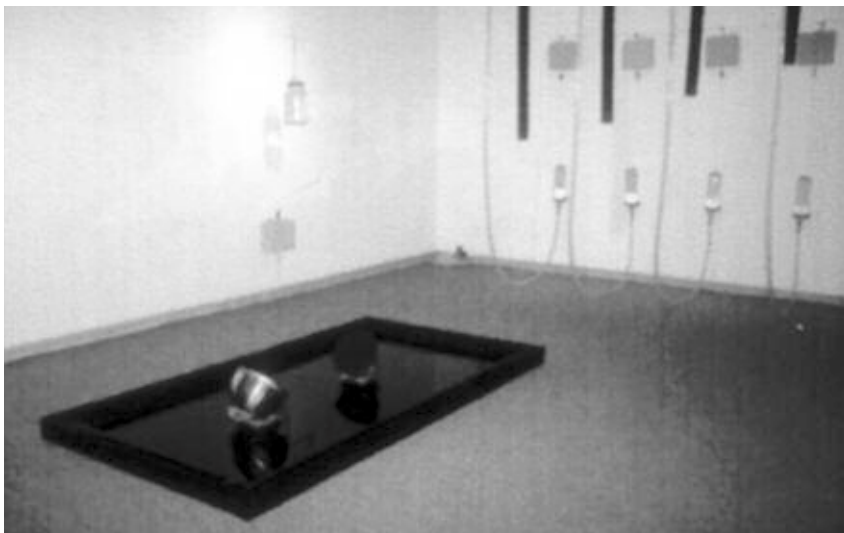
Synopsis › *After looking at today’s dwindling oil reserves and skyrocketing consumption, “The Oil Factor” questions the “coincidence” of focusing the so called “U.S. War on Terror” in the Middle-East and Central Asia where ? of the world oil and natural gas is located.*



Gerard Ungerman e Audrey Brohy: Têm ambos 37 anos e são realizadores de documentários a viver em Los Angeles.

Feito de Água

Made in Water/Made in Water



Obras
a concurso

Realização: Hans Quatfass (Dinamarca, Holanda, 2004); **Argumento:** Hans Quatfass;
Fotografia (cor): Martin Claassens; **Música:** Frode Gundorf Nielsen;
Montagem: Hans Quatfass; **Produção:** RQB groep;
Duração: 15 minutos;
Contacto: hansq@rqb.nl;
Categoria onde se inscreve: Prémio Especial de Lusofonia, Água;

Sinopse > O filme é uma visualização artística de uma obra de arte feita pelo artista dinamarquês Frode Gundorf Nielsen. A instalação é mesmo “feita de água”. Todos os planos contêm água e ar. O som produzido pela água.

Synopsis > *The film is an artistic impression of a work of art by the Danish artist Frode Gundorf Nielsen. The installation really is “made in water”. All shots contain water and air. The sound produced by water.*



Hans Quatfass

Nasceu em 1951, e tem o curso da Amsterdam Film Academy. Desde então fez mais de cem filmes e programas televisivos. Em 1988 tornou-se fundador do RQB group, uma equipa produtora de programas televisivos sobre assuntos sociais e culturais.

O Fim do Mundo como o Conhecemos

The End of the World as We Know It/The End of the World as We Know It

1651
cineeco2005

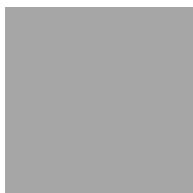


Obras
a concurso

Realização: Nick Hornby (Inglaterra, 2004); **Fotografia** (cor): Petra Graf; **Música:** Samuel Sim; **Montagem:** Alan Mackay; **Produção:** October Films; **Intérpretes:** Marcel Theroux (Apresentador);
Duração: 76 minutos;
Contacto: nickhornby@hotmail.com / 129, Mayall Road, London, SE24 Opr, England;
Categoria onde se inscreve: Prémio Especial de Lusofonia;

Sinopse › Marcel Theroux viaja pelo estranho e assustador mundo das mudanças climáticas, para descobrir que este é o maior assunto dos nossos dias: o aquecimento global.

Synopsis › *Marcel Theroux travels trough the weird and scary world of climate change, to discover that this is the biggest issue of our times: global warming.*



Nick Hornby

Frankenchicken

Frankenchicken/Frankenchicken



Obras
a concurso

Realização: Ann-Marle Denham (Australia, 2004); **Argumento:** Ann-Marle Denham; **Música:** David Jaedyn Conley; **Montagem:** Adam Duncan, Oliver Clifton; **Produção:** Bigkidz Entertainment; **Intérpretes:** Troy Planet, Robyn Moore;

Duração: 7 minutos;

Contacto: ann@bigkidz.org / Level 1, 47-49 Elgin Street, Carlton NC 3054, Australia;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental, Pólis;

Sinopse › Um pequeno filme sobre aquilo que verdadeiramente entra dentro daqueles “nuggets”.

Synopsis › *A short film about what really goes into those nuggets.*

Ann-Marle Denham

Estudou no Queensland College of Art. Criou a companhia BigKidz Entertainment com JC Reyes e Kelly Lynagh. Realizou os seguintes filmes: “Management Pep Talk”, “It’s Your Move” e “Bad Moon Rising”.



Obras
a concurso

Realização: Angelo Lima (Brasil, 2004); **Argumento:** Angelo Lima; **Fotografia** (cor): Gel Messias; **Música:** Teodorico Pereira; **Montagem:** Diogo Garcia; **Produção:** Angelo Lima; **Intérpretes:** Teodorico Pereira; **Duração:** 26 minutos; **Contacto:** janjollima@ibest.com.br / Av. Laudelino Gomes 210 L.32, Setor Pedro Ludovico, Goiania, Goias; **Prêmios:** “Melhor Vídeo Digital” IV Ecocile, “Melhor Vídeo” Prémio Ocic, “Melhor Curta” Mostra da ABD; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental;

Sinopse › O Homem e o seu habitat.

Synopsis › *The Man and his habitat.*

Angelo Lima

Realizou, entre outros, “Brasil 2001”, “Amarelinha”, “Um Vídeo Chamado Brasil” e “Ruídos da Fé”.

Indestrutível

Indidtruttibile/Undestroyable



Obras
a concurso

Realização: Michele Citoni (Itália, 2004); **Argumento:** Michele Citoni; **Fotografia (cor):** Michele Citoni, Federico Triulzi; **Música:** Alessandra Celletti; **Montagem:** Michele Citoni, Federico Triulzi, Barbara Faonio; **Produção:** Michele Citoni / Monfilmfest;

Duração: 60 minutos;

Contacto: mi.cito@libero.it / Via Festo Avieno 230, 00136 Rome – Italy;

Prêmios: “Visioni Ambientali Award” at “Visioni Italiane” Festival, Bologna;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental;

Sinopse > Em Casale Monferrato, a multinacional Eternit consumou um próspero casamento de oitenta anos entre o asbesto, um material tradicionalmente conhecido como sendo “indestrutível”, e o cimento.

Synopsis > *In Casale Monferrato, the multinational Eternit consumed a prosperous eighty-year-long marriage between asbestos, a material traditionally considered “undestroyable”, and cement.*

Michele Citoni

Nasceu em Itália, em 1966. Trabalhou na rádio, colaborou em jornais e em actividades de defesa ambiental. Realizou vários documentários como realizador independente.



Obras
a concurso

Realização: Jan Thuring (Alemanha, 2004); **Argumento:** Jan Thuring; **Fotografia (cor):** Wolfgang Wombach; **Música:** Marius Lange; **Montagem:** Thomas Bergmann; **Produção:** gilles.mann filmproduction;
Duração: 7 minutos;
Contacto: post@gillesmann.de / Am Coloneum 1-50829 Koln;
Prêmios: “Golden Sun Award” no Catalonia Environmental Film Festival;
Categoria onde se inscreve: Água;

Sinopse > Dois esfomeados e exaustos náufragos estão perdidos no mar, quando uma gaivota deixa cair um peixe na sua jangada. Este é o momento em que se vê o que é a verdadeira amizade!

Synopsis > *Two starved and exhausted castaways are lost at sea, when a seagull drops a fish to their raft. This is the moment to see what the real friendship is!*

Jan Thuring

Nasceu na Alemanha, em 1971. Estudou cinema e comunicação visual, tendo trabalhado como realizador freelancer e desenhador de storyboards. Realizou diversos filmes como: “Blind Date” e “Endstation: Paradies”.

Kashtanka

Kashtanka/Kashtanka



Obras
a concurso

Realização: Natalia Orlova (Rússia, 2004); **Argumento:** Vladimir Golovanov; **Fotografia** (cor): Alexander Chekhovskiy; **Música:** Igor Nazarak; **Montagem:** Alexander Ippolitov; **Produção:** Animose Studio;

Duração: 22 minutos;

Contacto: tengiz_semenov@animose.ru / 119992, Russia, Moscow, Louzhneckaya;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Segundo o famoso romance “Kashtanka”, de Anton Chekhov.

Synopsis › *After a famous Anton Chekhov's novel “Kashtanka”.*

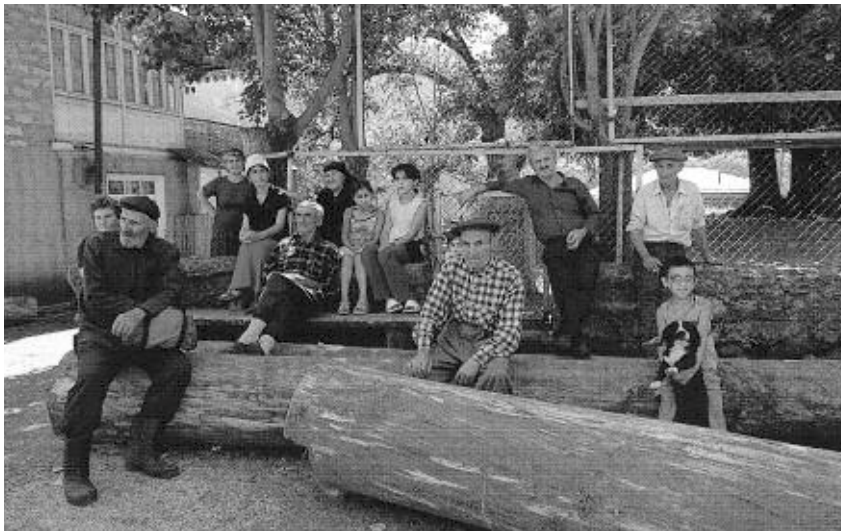


Natalia Orlova

Lin Dragon e as Águas do Cáucaso

Lin Dragon dans les Eaux Pures du Caucase/The Pipeline Next Door

I 71 I
cineeco2005



Obras
a concurso

Realização: Nino Kirtadze (França, 2005); **Fotografia** (cor): Jacek Petrycki; **Música:** Gio Tsintsadze; **Montagem:** Isabel Lorente; **Produção:** Roche Productions;

Duração: 90 minutos;

Contacto: 61 Bis Avenue de Mozart 75016, Paris-France;

Prémios: “Grand Prix” do Nyon International Film Festival;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental;

Sinopse › Escondido no fundo do Vale Borjomi, lar das mais belas paisagens da Geórgia e de uma nascente, a pequena aldeia de Sakiré está a viver os seus dias mais agitados, devido à construção de um oleoduto gigante por parte da empresa British Petroleum.

Synopsis › *Hidden away at the bottom of the Borjomi Valley, home to Georgia's most beautiful landscapes and a mineral water spring, the little village of Sakiré is witnessing the most feverish days it has ever seen, because of the giant pipeline that is being built by British Petroleum.*



Nino Kirtadze

Nasceu na Geórgia, em 1968. Tem um curso de literatura e já trabalhou como jornalista e actor. Realizou vários documentários.



Obras
a concurso

Realização: Sonya Kravtcova (Rússia, 2003); **Argumento:** Anna Kalin; **Fotografia** (cor): Alexander Chekhovskiy; **Música:** Alexander Gousev; **Montagem:** Julia Milyohina, Ludmila Kopteva; **Produção:** Animose Studio;

Duração: 13 minutos;

Contacto: tengiz_semenov@animose.ru / 119992, Russia, Moscow, Louzhneckaya;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Um conto de fadas sobre dois grilos e uma mosca inconveniente.

Synopsis › *A fairy tale about two crickets and an importunate Fly.*



Sonya Kravtcova



Obras
a concurso

Realização: Vaughan Pilikian (Inglaterra, Índia, 2005); **Fotografia** (cor): S. Nallamuthu;
Montagem: Vaughan Pilikian, Justin Meiland; **Produção:** Justin Meiland;
Duração: 10 minutos;
Contacto: vaughan@unrnowe.com / 2 Hesperus Crescent, London UK;
Prêmios: Golden Apricot for Best Documentary, Yerevan International Film Festival 2005;
Categoria onde se inscreve: Água, Valorização de Resíduos e Antropologia Ambiental

Sinopse › Uma visão pelos cemitérios marítimos da Índia onde, num ciclo, os titãs do oceano chegam para ser quebrados, peça por peça, utilizando as ferramentas mais simples.

Synopsis › *A vision into the maritime graveyards of northern India, where in an unending cycle the titans of the ocean arrive to be broken up piece by piece using only the simplest of tools.*

Vaughan Pilikian

É um poeta e realizador que vive e trabalha em Londres. Realizou “Mummers”, “Actaeon” e “Hammer and Flame”.

The Meatrix

The Meatrix/The Meatrix



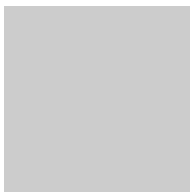
Obras
a concurso

Realização: Louis Fox (EUA, 2003); **Argumento:** Louis Fox, Jonah Sachs; **Fotografia** (cor): Louis Fox; **Música:** Louis Fox; **Montagem:** Louis Fox; **Produção:** Free Range Graphics; **Intérpretes:** Louis Fox; **Duração:** 4 minutos; **Contacto:** info@freerangegraphics.com / Free Range Graphics, 60 Rausch St. 209, San Francisco, CA 94103 USA; **Prêmios:** Winner of "Best Educational Film in the Competition for Applied Animation" in the Holland Animation Film Festival; **Categoria onde se inscreve:** Educação Ambiental;

Sinopse > The Meatrix é uma animação cômica de 4 minutos, feita em Flash, que parodia os filmes The Matrix e revela alguns problemas da indústria agrícola. Em vez de Keanu Reeves, a estrela de The Meatrix é um jovem porco, Leo, que vive numa agradável quinta... pensa ele.

Synopsis > *The Meatrix is a humorous 4-minute Flash animation that spoofs The Matrix films and highlights the problems of factory farming. Instead of Keanu Reeves, The Meatrix stars a young pig, Leo, who lives on a pleasant family farm... he thinks.*

Louis Fox



Para o Teu Desabrochar

For Your Blossom/For Your Blossom

I 75 I
cineeco2005



Obras
a concurso

Realização: Gaka Kinoshita (Reino Unido, 2004); **Argumento:** Gaka Kinoshita; **Música:** Anton Giulio Priolo; **Montagem:** Tony Fish; **Produção:** Royall College of Art; **Intérpretes:** Sam Webb; **Duração:** 6 minutos; **Contacto:** animation@rca.ac.uk / Kensigton Gare, London Sw7 2 Eu; **Categoria onde se inscreve:** Prémio Especial de Lusofonia;

Sinopse › Um rapaz encontra o seu próprio caminho.

Synopsis › *A boy find his own path.*

Gala Kinoshita

Realizou os seguintes filmes: "Born in Tokyo", "Come to London" e "Dream Thief".

Pequenos Desejos

Little Wishes/Little Wishes



Obras
a concurso

Realização: Patricia Soledad Llosa (EUA, 2005) **Montagem:** Immy Humes;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Este filme é acerca do festival Alasitas em La Paz, na Bolívia. Um fascinante mercado anual de desejos que toma conta de toda a cidade.

Synopsis › *This film is about the traditional Alasitas festival in La Paz, Bolivia. A fascinating annual market of wishes that takes over the whole city.*

Patricia Soledad Llosa



Obras
a concurso

Realização: Leigh Hodgkinson (Inglaterra, 2005); **Argumento:** Leigh Hodgkinson; **Fotografia** (cor): Peter Ellmore; **Música:** Simon Allen; **Montagem:** One Post; **Produção:** Slinky Pictures; **Duração:** 8 minutos; **Contacto:** production@slinkypics.com / 91 Brick Lane London E1 6QN, UK; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Lonely Bunny tem um admirador pouco usual e as suas tentativas desesperadas para ganhar a sua atenção intrigam-na. Neste conto de fadas negro, o vazio é substituído por desejo enquanto Bunny chega mais perto do seu misterioso perseguidor.

Synopsis › *Lonely Bunny has an unusual admirer whose desperate attempts to get her attention intrigue her. In this dark fairy tale, emptiness is substituted for desire as Bunny gets closer to meeting her mysterious suitor.*



Leigh Hodgkinson

É realizador e argumentista, tendo dirigido os seguintes filmes: "Novelty", "Sprung" e "Moo(n)", entre outros.

Pessoas do Centro Comercial

Shopping People/Shopping People



Obras
a concurso

Realização: Simonetta Cappelo (Itália, 2004); **Argumento:** Simonetta Cappelo; **Fotografia (cor):** Paolo Pochettino; **Música:** Gatto Ciliegia Contro il Grande Freddo; **Montagem:** Simonetta Cappelo; **Produção:** The Uncanny Project;

Duração: 24 minutos;

Contacto: simonetta.cappelo@libero.it / C.SO A. De Gasperi 31, 10129 Torino Itália;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental, Vídeo Não Profissional;

Sinopse > Na aurora, o sol nascente acende os esboços de um imenso bloco de cimento. É o centro comercial e está à espera de clientes. Muitos deles irão vir: quem precisa de comprar, quem precisa de ver outras pessoas, quem quer passar um dia diferente, quem não tem outro sítio para ir...

Synopsis > *At dawn, the rising sun lights up the volumes of a huge concrete block. It's the shopping centre and it's waiting for costumers. A lot of them will come: who needs to buy, who needs to see people, who wants to spent a different day, who doesn't have another place to go...*



Simonetta Cappelo

Nasceu em 1967, em Itália. Licenciou-se em Arte, Música e Espectáculo na Faculdade de Letras e Filosofia de Bolonha. Tem um mestrado em escrita criativa e já realizou os seguintes filmes: "The Silent Charmers" e "Shopping People".

Os Pinguins e os Homens

Des Manchots et des Hommes/Of Pinguins and Men

179 |
cineco2005



Obras
a concurso

Realização: Jerome Maison e Luc Jacquet (França, 2004); **Fotografia** (cor): Jerome Maison e Laurent Chalet; **Música:** Christophe Henrotte; **Montagem:** Yen Le Van ; **Produção:** Bonne Pioche;

Duração: 52 minutos;

Contacto: amandine@bonnepioche.fr / 22 Rue Jean Aicard – 75011 Paris, France;

Prêmios: “Best Award”, “Public Award” e “Prix de la Jeunesse” do Festival Jules Verne;

Categoria onde se inscreve: Prémio Especial de Lusofonia;

Sinopse > Dois realizadores rendem-se ao inverno brutal do Ártico para filmarem a vida dos pinguins Imperador. Descrevem a sua vida e a dos “seus” pinguins durante nove meses de inverno no Pólo Sul.

Synopsis > *Two filmmaker abandoned themselves to the brutal Arctic winter to film the life of Emperor penguins. They describe their life and that of “their” penguins during nine months of winter in the South Pole.*

Luc Jacquet

Realizou a longa metragem “La Marche de l'empereur”, entre outras. Também realizou vários documentários, entre os quais se encontram os seguintes: “Des Manchots et Des Hommes”, “Le tique et l'oiseau” e “La Part de l'ogre”.

Jérôme Maison

Nasceu em 1971. Foi observador científico, técnico de ambiente e de oceanografia. Também foi assistente de realização em vários documentários sobre o reino animal.

Pragas e Prazeres no Mar Salton

Plagues & Pleasures on the Salton Sea/Plagues & Pleasures on the Salton Sea



Obras
a concurso

Realização: Chris Metzler e Jeff Springer (EUA, 2004); **Fotografia** (cor): Chris Metzler, Jeff Springer; **Música:** amigos de Dean Martinez; **Montagem:** Jeff Springer; **Produção:** Tilapia Corp; **Intérpretes:** Norm Niver, Sonny Bono, Steve Horvitz, Manny Diaz, Petre Melvin, Bobbie Todhunter;

Duração: 60 minutos;

Contacto: metzler@rocketmail.com / 1588 Hayes Street, #2 San Francisco CA 94117, USA;

Prêmios: "Best Writing Award by Gus Van Sant" Bend Film Festival, "Grand Award Winner" Berkely Film & Video Festival, Winner do "Robert Altman Award";

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Água, Antropologia Ambiental;

Sinopse > Houve um tempo em que o Mar Salton, escondido no canto sudeste da Califórnia, era conhecido como a Riviera do Oeste...

Synopsis > *There was a time when the Salton Sea, tucked into the southeast corner of California was known as the Riviera of the West...*



Chris Metzler

Tem o curso da USC em gestão e cinema. Realizou e produziu vários filmes, tendo ganhado o Billboard Magazine Music Video Award;

Jeff Springer

Tem o curso da USC Film School. Depois de viver um Inverno na Rússia, voltou para os EUA para realizar videoclips, curtas-metragens e para fazer vários trabalhos de montagem.



Procurando por Respostas na Floresta Amazônica ¹⁸¹

Searching for Answers in the Amazon Rainforest/Searching for Answers in the Amazon Rainforest

cinenco2005



Obras
a concurso

Realização: Pedro Carvajal (Venezuela, 2002); **Argumento:** Kenneth Good, Pedro Carvajal;
Música: Tchín; **Montagem:** Pedro Carvajal; **Produção:** Kenneth Good Productions;
Duração: 26 minutos;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Um documentário sobre a cultura Yanomami do sul da Venezuela, uma das últimas tribos da Idade da Pedra na Terra.

Synopsis › *A documentary about the Yanomami culture from southern Venezuela, one of the last stone tribes left on earth.*

Pedro Carvajal

Nasceu em Espanha, tendo realizado vários documentários sobre os Yanomami e também sobre doentes infectados com o vírus da Sida. Na sua filmografia encontram-se os seguintes filmes: “Special K” (1995), “Sabor Latino” (1996) e “Cuba” (2002).

Profundamente Mau

Bad to the Bone/Bad to the Bone



Obras
a concurso

Realização: Leandro Blanco (Espanha, 2005); **Argumento:** Leandro Blanco; **Fotografia (cor/pb):** Leandro Blanco; **Música:** Leandro Blanco; **Montagem:** Leandro Blanco; **Produção:** Leandro Blanco;

Duração: 5 minutos;

Contacto: leoblanco@telefonica.net@Av. Alfonso XIII Nº3 2B, Madrid 28002, Espanha;

Categoria onde se inscreve: Vida Natural, Vídeo Não Profissional;

Sinopse › Os Tubarões e os Humanos não se misturam bem com a água. Ambos nos damos melhor com a sobrevivência, e embora partilhemos um interesse comum, temos uma forma totalmente diferente de encarar a solução deste problema. Portanto, quem é o vilão desta história?

Synopsis › *Sharks and Humans don't mix well with water. We are both best at survival, and though we share a common interest, we have a completely different approach on how to solve this problem. So, who is the villain in this story?*



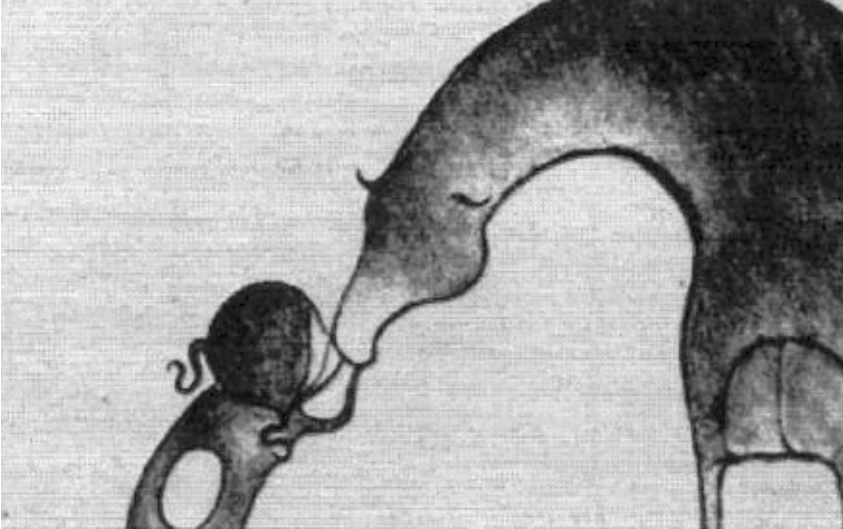
Leandro Blanco

Nasceu em 1949, na Espanha. Começa a realizar em 1987, após ter gravado alguns discos e ter pilotado aviões. Em 2004 é nomeado mergulhador do ano.

A Rapariga e o Cavalo

The Girl and the Horse/The Girl and the Horse

183 |
cineeco2005



Obras
a concurso

Realização: Rebecca Manley (Inglaterra, 2003); **Argumento:** Rebecca Manley; **Fotografia** (cor): Peter Ellmore; **Música:** Oliver Davies; **Produção:** Chris Shepherd;
Duração: 3 minutos;
Contacto: info@slinkypics.com / 91 Brick Lane London E1 6QN, UK;
Categoria onde se inscreve: Prémio Especial de Lusofonia;

Sinopse › Uma pequena rapariga está a chorar porque tem um buraco na barriga, mas subitamente um cavalo misterioso aparece e as coisas começam a mudar..

Synopsis › *A small girl is crying because there is a hole in her stomach, suddenly a mysterious horse appears and things begin to change...*



Rebecca Manley

Foi realizadora de vários filmes. Tirou o curso no “Surrey Institute of Art and Design University College” em 2001, e os seus trabalhos têm sido apresentados e premiados em vários festivais.

O Rapaz que Adorava o Campo

Gutte Som Forgudet Villmarka/The Boy Who Adored the Wilderness

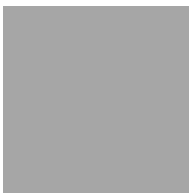


Obras
a concurso

Realização: Asgeir Helgestad (Noruega, 2005); **Argumento:** Asgeir Helgestad; **Fotografia** (cor): Asgeir Helgestad; **Música:** vários; **Montagem:** Asgeir Helgestad; **Produção:** Asgeir Helgestad; **Intérpretes:** Vilgeir H. Helgestad (rapaz), Arnt Berget (avô), Jarle Lislien (caçador); **Duração:** 24 minutos; **Contacto:** ts@nfi.no; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Um homem está a pensar sobre a sua infância. Quando era criança, ele achava este mundo enorme, selvagem e excitante. Nós seguimos o conto de fadas deste rapaz.

Synopsis › *A man is thinking about his childhood. When he was a child, he found this world to be enormous, wild and exciting. We follow this little boy's fairytale of dreams and reality.*



Asgeir Helgestad



Obras
a concurso

Realização: Melina Sydney Padua (Irlanda, 2004); **Argumento:** Melina Sydney Padua;
Produção: Barley Films; **Intérpretes:** Brendan Demasey, Tara Flynn;
Duração: 2 minutos;
Contacto: info@barleyfilms.com / 15 Hainault Park, Foxrock, Dublin 18, Ireland;
Prémios: “Prix du Public” Le Festival de Très Courses;
Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental

Sinopse › Uma vaca, que está a ouvir um programa de rádio sobre uma nova doença que poderá afectar animais em cativeiro, fica um pouco preocupada com o assunto em discussão.

Synopsis › A cow, listening to a radio programme about a new strain of a disease that could be dangerous to livestock herds, gets a bit concerned about the topic under discussion.

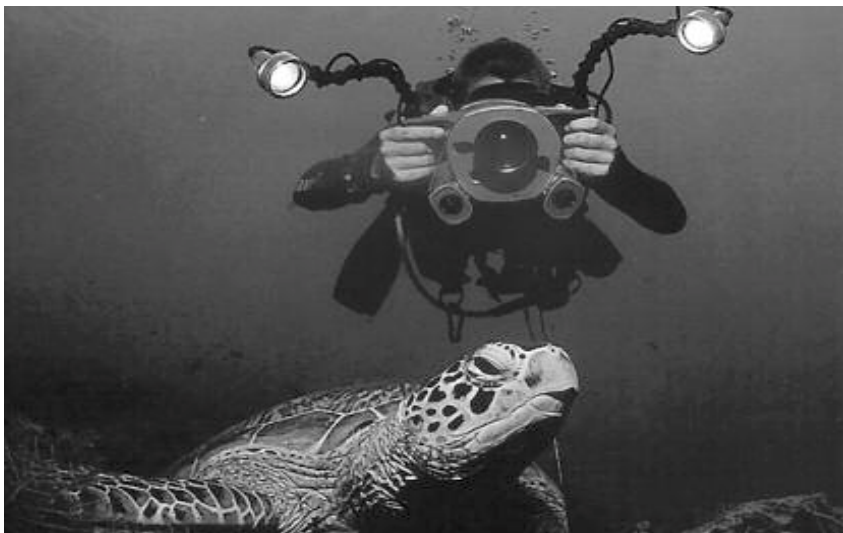


Melina Sydney Padua

Tirou o curso no Sheridan College no Canadá e passou sete anos da sua vida a trabalhar na Warner Bros e na Sony Pictures. “Agricultural Report” é a sua primeira experiência como realizadora.

Salvando o Sonho de Asean

Saving the Asean Dream/Saving the Asean Dream



Obras
a concurso

Realização: Simon Enderby (Malásia, 2004); **Argumento:** Matthen Oldfield; **Fotografia (cor):** Simon Enderby, Ian Jennings, Chris Tan; **Música:** Brollyman Productions, UK; **Montagem:** Simon Enderby + KB LAI; **Produção:** Scubazoo Images;

Duração: 27 minutos;

Contacto: simple@scubazoo.com;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse › Salvando o Sonho de Asean é um olhar profundo sobre a incrível bio-diversidade da região Asean, as suas ameaças, a sua protecção e o seu valor para os membros da Asean e para o mundo.

Synopsis › *Saving the Asean Dream is an in depth look into the incredible biodiversity of the Asean region, it's treats, it's protection and it's value to the Asean member countries and the world.*

Simon Enderby

É director da Scubazoo Images, uma dedicada companhia cinematográfica sediada na Malásia à mais de nove anos. Especializado em filmagens sub-aquáticas, a companhia está agora a expandir-se para a região ASEAN.



Obras
a concurso

Realização: Edgar Wilkening (Alemanha, 2003); **Argumento:** Edgar Wilkening; **Fotografia (cor):** Uli Niebel; **Música:** Tim Petersen, Frank Tschoeke; **Montagem:** Frank Tschoeke; **Produção:** Move Your Movie; **Intérpretes:** Florian Liebold, Sylvia Ostermann; **Duração:** 2 minutos; **Contacto:** info@moveyourmovie.de / Paul-Rossen-Strasse 32 D-22767 Hamburg, Germany; **Categoria onde se inscreve:** Educação Ambiental;

Sinopse › Um jovem que obviamente aprecia o seu trabalho no escritório. Um tigre de papel então? Ou um brincalhão que gosta de se meter com as colegas? Nós vamos ver a sua verdadeira natureza longe do trabalho: o homem torna-se um espírito de uma floresta. A questão para o observador permanece: qual é a sua verdadeira natureza?

Synopsis › *A young man who enjoys obviously his work in the office. A paper tiger so? Or a lead stag who flirts with colleagues? We experience his true nature away from work: The man turns out to be a forest spirit. The question to the observer remains: what is your true nature?*

Edgar Wilkening

Nasceu em 1959. Vive e trabalha como realizador e argumentista na Alemanha, sendo o fundador da companhia "Move Your Movie-The Film Department". Realizou vários filmes e escreveu também para as seguintes televisões alemãs: ARD,ZDF e RTL.

Sede

Thirst/Thirst



Obras
a concurso

Realização: Alan Snitow e Deborah Kaufman (EUA, 2004); **Fotografia** (cor): Vicente Franco, Marsha Kahn, Mukul Kishore; **Música:** Fred Firth; **Montagem:** Kenji Yamamoto; **Produção:** Snitow-Kaufman Productions;

Duração: 62 minutos;

Contacto: amsnitow@igc.org / Snitow-Kaufman Productions 2600 10th St, Berkeley CA 94710 USA;

Prêmios: “1st Prize Environment and Social” Earth Vision Film Festival;

Categoria onde se inscreve: Água;

Sinopse > Será a água um direito humano ou uma comodidade para ser comprada e vendida no mercado global? “Sede” conta histórias de comunidades na Bolívia, Índia e nos EUA que estão a fazer estas questões fundamentais, enquanto a água se torna o recurso global mais importante do século XXI.

Synopsis > *Is water a human right or a commodity to be bought and sold in the global marketplace? “Thirst” tells stories of communities in Bolivia, India and the USA that are asking these fundamental questions, as water becomes the most valuable global resource of the 21st century.*



Alan Snitow e Deborah Kaufman

Produzem e realizam filmes sobre temas da sociedade contemporânea. O seu trabalho inclui “Blacks and Jews” e “Secrets of Silicon Valley”.



Obras
a concurso

Realização: Leanne Allison, Diana Wilson (Canadá, 2005); **Música:** Dennis Burke; **Fotografia (cor):** Jeanne Allison; **Montagem:** Janice Brown; **Som:** Leanne Allison, Gashtaseb Ariana, Karsten Heuer; **Produção:** Rina Fraticelli, Tracey Friesen; **Intérpretes:** Leanne Allison, Karsten Heuer, James Itzi, Peter Josie, Randall Tetlich, etc. **Duração:** 72 minutos;

Contacto: festivals@nfb.ca

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Viagem repleta de suspense na pista da migração Caribu.

Synopsis › *Suspenseful journey on the trail of Caribou migration.*



Leane Allison

O Sétimo Dia

Il Settimo Giorno/The Seventh Day



Obras
a concurso

Realização: Achille D'Onofrio (Itália, 2004); **Argumento:** Achille D'Onofrio; **Fotografia** (cor): Alessandro Fraternali Meloni; **Música:** Mozart, Ghopin; **Montagem:** Alessandro Fraternali Meloni; **Produção:** Achille D'Onofrio; **Intérpretes:** Gjon Toma, Vasile Nedes, Dematru Mogos, Aldo Benevelli, Sergio Iaschetti, Claudio Desideri;

Duração: 30 minutos;

Contacto: achille.mantiche@tiscali.it / Via Annia Faustina 56.00153 Roma Itália;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse > Num rebanho com mais de 2000 ovelhas, uma delas está infectada com “scrapie”: uma doença bem conhecida há mais de 200 anos e que nunca afectou os seres humanos. Os pastores estão incrédulos: “porque as querem matar?”

Synopsis > *In a herd of more than 2000 sheep, one of them is affected by “scrapie”: a disease well known from 200 years that never hit human beings. The shepherds are incredulous: “why do they want to kill them?”*

Achille D'Onofrio

Nasceu em 1965, na Itália. Tem o curso de medicina veterinária. Também realizou “Ovis Sacra Femmes”.

O Silêncio numa Hora da CNN

Die Stille Aus Einer Stunde CNN/The Silence in One Hour of CNN

I 91 I
cineco2005



Obras
a concurso

Realização: Frank Bubenzer (Alemanha, 2003); **Montagem:** Frank Bubenzer; **Produção:** Neunange Videos;

Duração: 4 minutos.

Contacto: frank.bubenzer@web.re / Schivelbeiner Str. 6, 010439 Berlin, Germany;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Este filme não é mais do que a montagem conjunta de todas as pausas, de todos os momentos necessários para respirar fundo ou para pensar pelo repórter.

Synopsis › *This movie is no more than the editing together of the pauses, the moments to take a breath or to think by the reporter.*



Frank Bubenzer

Nasceu em 1967, na Alemanha. Tem um curso em comunicação visual pela Offenbach College of Design. Realizou os seguintes filmes: "Posthum", "The 7th Sense", "Jams und Maniek", entre outros.

Sobre um Pequeno Rato

Mpo Mbiwohka/About a Little Mouse



Obras
a concurso

Realização: Maria Mouat (Rússia, 2004); **Argumento:** Vladimir Golovanov; **Fotografia (cor):** Alexander Betev; **Música:** Igor Nazarouk; **Montagem:** Alexander Ippolitov, Ludnija Kopteva; **Produção:** Animose Estúdio; **Duração:** 13 minutos; **Contacto:** tengiz_semenov@animose.ru / 119992, Russia, Moscow, Louzhneckaya; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Um pequeno rato não consegue dormir, nada parece ajudar. Mesmo fazendo todos os possíveis, ninguém o consegue persuadir a fechar os olhos, nem que seja por um momento.

Synopsis › *A little mouse cannot sleep, nothing seems to help. Try as they might, nobody can persuade him to close his eyes, even for a moment.*



Maria Mouat



Obras
a concurso

Realização: Artur Muradian (Rússia); **Argumento:** Artur Muradian; **Fotografia (cor):** Sergey Soloviev; **Música:** Dmitri Sozinov; **Montagem:** Artur Muradian; **Produção:** Artur Muradian;
Duração: 3 minutos;
Contacto: 160, 1, Miachkovsky Boulevard, Moscow, Rússia;
Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental;

Sinopse › Psicólogos dizem que um trabalhador necessita de saber o valor social do seu trabalho. Ecologistas dizem que o ser humano necessita de ter um ambiente adequado à sua volta. Este é um filme sobre o espaço entre o desejado e o real. Sobre um emprego a tempo inteiro num dia errado.

Synopsis › *Psychologists say that a worker needs to know the social value of his work. Ecologists say that a human needs a right environment around him. This is a film about the gap between the desired and the real. About a full-time job in a wrong day.*



Artur Muradian

Nasceu em 1975, na Arménia. Desde 1994 que trabalha em diferentes canais de TV e também faz videoclips.

Terra de Sonho

Leiputrija/Dream Land



Obras
a concurso

Realização: Laila Pakalnina (Letónia, 2004); **Argumento:** Laila Pakalnina; **Fotografia (cor):** Maris Maskalans; **Música:** Shigery Umebayashi; **Montagem:** Gatis Belogrudous; **Produção:** Vides Film Studita;

Duração: 35 minutos;

Contacto: vfs@vfs.apollo.lv / Pils Str.17;

Prémios: “Grand Prix” Ukraine International Documentary Film Festival;

Categoria onde se inscreve: Pólis;

Sinopse ▶ Existem sítios de que nós não queremos saber nada, sítios que preferimos fingir não existir. Um desses sítios é uma lixeira. Do ponto de vista humano, é um lugar horrível, um deserto fedorento de lixo. Mas é um deserto repleto de vida.

Synopsis ▶ *There are places that we don't want to know nothing about, places that we would rather pretend don't exist at all. One such place is a dumpsite. From the humans' point of view, it is a ghastly place, a stinking desert of trash. But it's a desert that is teaming with life.*



Laila Pakalnina

É guionista e realizadora, tendo obtido a sua licenciatura em realização no Moscow Film Institute. Também tem o curso de Jornalismo Televisivo pela Moscow University. Realizou os seguintes filmes: “The Bus”, “The Python” e “The Shoe”.



Obras
a concurso

Realização: Branko Istvancic (Croácia, 2005); **Argumento:** Vido Bagur; **Fotografia** (cor): Ivan Kovac; **Música:** Dalibor Grubacevic; **Montagem:** Robert Petrinc; **Produção:** HRT Croation Television;

Duração: 26 minutos;

Contacto: vladimir.spicer@hrt.hr / Prisavije 3, 10000 Zagreb, Croatia;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental

Sinopse › Este filme é sobre uma velha protagonista, Dara, e a sua luta contra os lobos para salvar um dos seus tesouros, uma ovelha.

Synopsis › *This is about an old protagonist, Dara, and her fight against the wolves to save one of her treasures, a sheep.*



Branko Istvancic

Nasceu em 1967. Profundamente enraizado na tradição documentarista croata, realizou diversos filmes como: "Wellman" e "The Cormorant Scarecrow".

Untitled Sequence v.1.1

Untitled Sequence v.1.1/Untitled Sequence v.1.1



Obras
a concurso

Realização: Edgar Santinhos e Telmo Ramos (Portugal, 2004); **Argumento:** Edgar Santinhos; **Fotografia** (cor): Marta Parreira; **Música:** Telmo Ramos; **Montagem:** Marta Parreira; **Produção:** Restart;

Duração: 3 minutos;

Contacto: mr.ed@sapo.pt / Av. Roma, 74 6oP2, 1700 Lisboa, Portugal;

Prémios: “2º Prémio” no 2º Video Run Lisboa 2004;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Água, Vida Natural, Vídeo Não Profissional;

Sinopse > Untitled Sequence V.1.1 é um produto cruzado entre o orgânico e o inorgânico.

Synopsis > *Untitled Sequence V.1.1 it's a mixed product between the organic and the inorganic.*

Edgar Santinhos e Telmo Ramos

Nasceram ambos no ano de 1978, em Lisboa. O primeiro licenciou-se em Escultura e o segundo em Design da Comunicação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Realizaram em 2003 o filme “City Skin”.

O Velho Crocodilo

The Old Crocodile/The Old Crocodile

1971
cineeco2005



Obras
a concurso

Realização: Koji Yamamura (Japão, 2005); **Argumento:** Koji Yamamura; **Montagem:** Koji Yamamura; **Produção:** Koji Yamamura; **Intérpretes:** Peter Barakan (Narrador);
Duração: 12 minutos;
Contacto: yam@jade.dti.ne.jp / 4-14-4 Kasuya, Setagaya-Ku, Tokyo 157-0063 Japan;
Categoria onde se inscreve: Água;

Sinopse › Um dia, o velho crocodilo encontrou um polvo. O polvo tratou o seu novo amigo com vários peixes que apanhou só para ele. Quando a noite caiu, o crocodilo não se conseguiu conter e comeu uma das pernas do polvo.

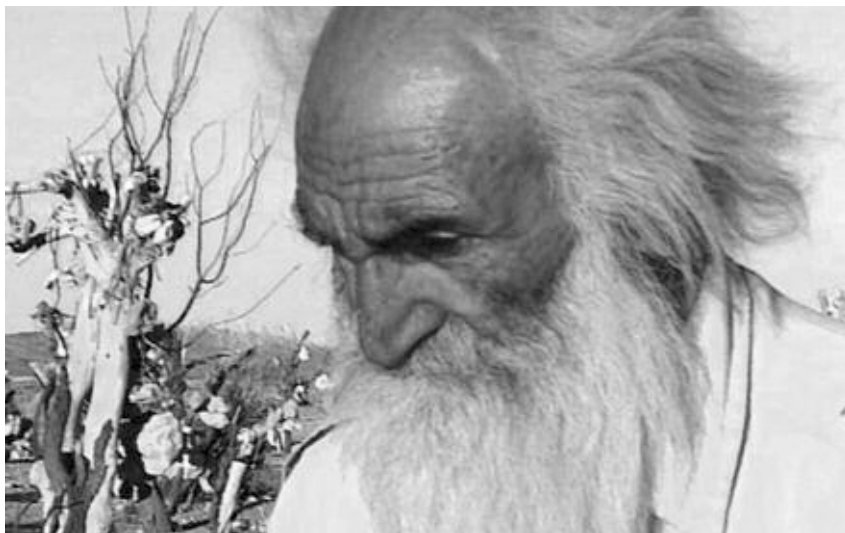
Synopsis › *One day, the old crocodile met an octopus. The octopus treated her new friend with a variety of fish that she caught just for him. When the night fell, the crocodile could not restrain himself from one of the octopus's legs.*

Koji Yamamura

Nasceu em 1964. Tem o curso de pintura da Tokyo Zokei University. Depois de tirar a licenciatura, trabalhou como artista de animação e, em 1993, fundou a sua própria companhia cinematográfica.

O Velho e o seu Jardim de Pedra

Piré Mard Va Baghé Sangui Ash/The Old Man and his Stone Garden



Obras
a concurso

Realização: Parviz Kimiavi (Irão, 2004); **Argumento:** Parviz Kimiavi; **Fotografia (cor):** Parviz Kimiavi; **Música:** Peyman Yazdanian; **Montagem:** Teymour Batai, Mastaneh Mohajer; **Produção:** Kimia Film; **Intérpretes:** Darviche Khan e a sua família; **Duração:** 52 minutos; **Contacto:** parvizkimiavi@yahoo.fr / 1, Rue du Docteur Laurent 75013 Paris, França; **Categoria onde se inscreve:** Educação Ambiental, Vida Natural;

Sinopse › Este filme é um retrato da vida de Darvish Khan e da sua família.

Synopsis › *This film is a portrayal of the life of Darvish Khan and his family.*



Parviz Kimiavi

Nasceu em 1939, no Irão. Estudou na Louis Lumiere School of Cinematography e realizou diversos filmes como: “P... Like Pelican” e “The Mongols”.



Obras
a concurso

Realização: Erik van Schaaik (Holanda, 2004); **Música:** Martin Fondse; **Montagem:** Erik van Schaaik; **Produção:** Jos-marien Jansen;

Duração: 4 minutos;

Contacto: distribution@illustrer.nl / Herenweg 45, 3513 CB, Utrecht, Holland;

Prêmios: "First Prize" no Bimini International Animation Festival, "Best Animation Award" Black & White Festival;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Vent é uma curta animação sobre um homem a lutar contra uma tempestade. Quando subitamente conhece uma pequena rapariga, nós descobrimos que alguém está a controlar aquele vento...

Synopsis › *Vent is a short comical animation about a man struggling against a storm. When the man suddenly meets a little girl, we discover that somebody is in control of that wind...*

Erik van Schaaik

Nasceu em 1968. Começou a fazer filmes ao 12 anos e as suas criações caseiras chegaram às televisões locais e internacionais. Estudou artes gráficas e trabalhou para a televisão, realizou vários dramas e documentários. Produziu também a série premiada "Deksels!".

Verdade ou Consequência

Veckopeng Eller Kyss?/Truth or Dare



Obras
a concurso

Realização: Malou Schultzberg (Suécia, 2005); **Argumento:** Malou Schultzberg; **Fotografia** (cor): Martin Nisser; **Música:** Jesper Mechlenburg; **Montagem:** Tomas Beije; **Produção:** Next Generation Casting **Intérpretes:** Ester Sjogren, Buster Soderstrom, Filip Osterlund, Ulla-Brit Norrman, Jonas Kruse, etc.

Duração: 13 minutos;

Contacto: malou@next.nu / Nybrog 64, 114 41 Stockholm Sweden;

Categoria onde se inscreve: Vida Natural

Sinopse ▶ Nos anos 50, dois rapazes têm que escolher entre a mesada e um beijo. Se conseguirem fazer o que a rapariga quer apostar. Mas apenas o que conseguir terá hipótese. As circunstâncias são difíceis porque os fatos de banho não são permitidos nesta colónia de nudistas.

Synopsis ▶ *In the fifties, two boys get to choose allowance or a kiss? If they can make what a girl wants to bet. But only the one who succeeds gets the chance. The circumstances are difficult as bathing suits are not allowed at this nude community bath.*

Malou Schultzberg

Antes de "Truth or Dare", realizou a curta-metragem "Life Orchestra".

A Vida Secreta dos Lobos

A Vida Secreta dos Lobos/The Secret Life of the Wolves

I 101 I
cineco2005



Obras
a concurso

Realização: Jacinto António Rosa Godinho (Portugal, 2004); **Montagem:** Namorado Freire;

Produção: Olga Toscano;

Duração: 60 minutos.

Contacto: Praça Olegário Mariano – 2-8^odt, Lisboa;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse: Anabela Moedas e Pedro Alarcão são um casal de jornalistas que em 2001 fez uma opção radical de vida: decidiram ir para a Serra da Peneda fazer um grande livro sobre os lobos em liberdade.

Synopsis: *Anabela Moedas and Pedro Alarcão are a journalist couple who, in 2001, made a radical change in their life: they decided to go to Serra da Peneda to make a big book about the wolves in freedom.*



Jacinto António Rosa Godinho

Vida Selvagem

Wildness/Wildness

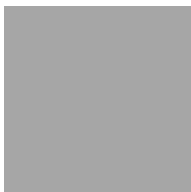


Obras
a concurso

Realização: Scott Millwood (Austrália, 2003); **Argumento:** Scott Millwood; **Fotografia (cor):** Robert Humphreys, Wade Fairley; **Montagem:** Bill Murphy; **Produção:** Michael McMahon; **Duração:** 56 minutos; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › A história dos fotógrafos da vida selvagem australiana mais famosos.

Synopsis › *The story of Australia's greatest wilderness photographers.*



Scott Milwood



Obras
a concurso

Realização: Bárbara Fontes (Brasil, 2005); **Argumento:** Bárbara Fontes; **Fotografia** (cor): Jaime Lerner; **Música:** Maycon André; **Montagem:** Bárbara Fontes e Leonardo Sant'Ana; **Produção:** VideoClose Produções; **Intérpretes:** Nemézia, Profeta da Cruz, Zeferino Profeta da Cruz, Acildo Leite, Beatriz Profeta;

Duração: 55 minutos;

Contacto: fontesbabi@yahoo.com.br / Rua Noronha dos Santos Q.03 L.04 – Bairro São Gonçalo;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Este documentário resgata factos históricos e culturais da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, localizada no extremo oeste de Mato Grosso, Brasil. Quatro moradores narram episódios históricos da cidade, como a chegada dos portugueses...

Synopsis › This documentary talks about historical and cultural facts in the city of Vila Bela da Santíssima Trindade, in the western point of Mato Grosso, Brazil. Four villagers talk about historical episodes of the city, like the arrival of the portuguese...



Bárbara Fontes

Realizou "Arne Sucksdorff: Uma Vida Documentando a Vida".

Wilderness/Film Australia's Wilderness DVD

Film Australia's Wilderness DVD/Film Australia's Wilderness DVD



Obras
a concurso

Realização: Steve Thomas (Australia, 2005); **Argumento:** Steve Thomas; **Fotografia** (cor): Matthew Newton; **Música:** Mick Thomas; **Montagem:** Raef Sawford; **Produção:** Steve Thomas, Kath Symmons; **Intérpretes:** Interactive Documentary;

Duração: 257 minutos;

Contacto: sales@filmanst.com.au / 101 Eton Road, Lindfield NSW, 2070 Australia;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse › Wilderness DVD é um DVD interactivo que lida com questões fulcrais relacionadas com o meio ambiente, sendo direccionado para uma audiência de qualquer idade.

Synopsis › *Wilderness DVD is an interactive DVD that deals with key environmental issues and concepts of "Wilderness" for a general plus and educational audience.*

Steve Thomas

É produtor e realizador na indústria cinematográfica, televisiva e multimédia. Escreveu e realizou diversos documentários: "Song for Fanny", "Pulp" e "End of Game". Também realizou a curta-metragem "Albert's Chook", e escreveu duas peças de teatro.



OBRAS
EXTRA-CONCURSO

CineEco 2005

A Aldeia do Viagra

A Aldeia do Viagra/The Viagra Village



Realização: Filipe Araújo (Portugal, 2004);
Argumento: Filipe Araújo; **Fotografia (cor):** Filipe Araújo; **Música:** Yazz e Cat Stevens;
Montagem: Filipe Araújo; **Produção:** Jamba Predictions;
Duração: 10 minutos;
Contacto: filaraujo@gmail.com / Rua Nina Marques Pereira, 3 R/C Dto, 1100-228 Lisboa;
Categoria onde se inscreve: Vídeo Não Profissional;

Sinopse > Há dois anos, uma notícia chegou às redacções de todo o mundo. Despachos garantiam que o amor andava no ar em Ringaskiddy na Irlanda. Bafejados pelos fumos da fábrica da Pfizer que produz o ingrediente activo do Viagra, os menos de mil habitantes fornicavam como coelhos.

Synopsis > *Two years ago, a piece of news arrived to the desks all over the world. The news said that love was in the air in Ringaskiddy, Ireland. With the smokes from the Pfizer factory that fabricated the active ingredient of Viagra, the thousand villagers fornicated like rabbits.*



Filipe Araújo

Nasceu em 1977 e é jornalista. Da sua filmografia constam dois outros documentários, "A Conquista da Nova Europa" e "C-Mail", bem como as duas curtas, "Mais um Dia de Cão" e "Aslema, Beslerma".

Assassinos no Paraíso

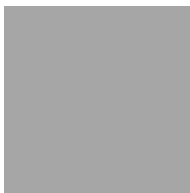
Assassinos no Paraíso/Killers In Eden



Realização: Klaus Toft (Austrália) **Argumento:** Klaus Toft; **Fotografia (cor):** Klaus Toft, Rory McGuinness, David Parker; **Montagem:** Paul Cantwell, Ken Sallows, Klaus Toft; **Produção:** ABC TV – National History Unit;
Duração: 51 minutos;
Contacto: 10 Selwyn St, Elsternwick, Victoria, 3185 Austrália;
Categoria onde se inscreve: Vida Natural, Antropologia Ambiental;

Sinopse > Este filme investiga a história da mais extraordinária ligação entre seres humanos e animais selvagens.

Synopsis > *This film investigates the story of the most extraordinary bond forged between humans and wild animals.*



Klaus Toft

Nasceu na Dinamarca, em 1962. Tem realizado e produzido documentários para a Australian Broadcasting Corporation desde 1994.

Bhopal, A Busca por Justiça

Bhopal: The Search For Justice/Bhopal: The Search For Justice



Realização: Peter Raymont, Lindalee Tracey (Canadá, 2004); **Fotografia:** Walter Corbett; **Música:** John Welsman; **Montagem:** Michael Fuller; **Produção:** Claude Bonin; **Duração:** 52 minutos; **Categoria onde se inscreve:**

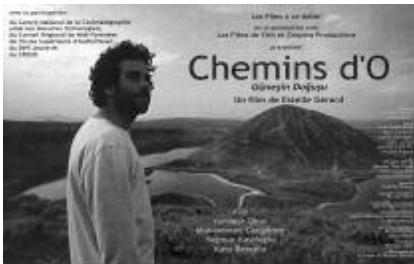
Sinopse › Um documentário sobre um desastre ambiental que vitimou milhares de pessoas.

Synopsis › *A documentary about an environmental disaster that killed thousands of people.*

Os Caminhos de O

Chemins d'O/The Ways of O

I 107 I
cineeco2005



Realização: Estelle Gérard (França, 2005); **Argumento:** Estelle Gérard, Adina Dulcu; **Fotografia (cor):** Yves Chauncan; **Música:** Julien Gilhodes, Osman Aktas, Mert Aksuna; **Montagem:** Clotilde Tellier; **Produção:** Tom Dercourt; **Intérpretes:** Yurdaer Okur, Muhammed Cangoren, Yagmur Kasifolu, Kay Barcelo; **Duração:** 25 minutos; **Contacto:** estelle_gerard@club-internet.fr / 8 Rue Boucry 75018 Paris-França; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Um deserto, um abismo, a vastidão, uma montanha luminosa, Gunesh está perdido. Este visão assombra Gunesh todos os dias. Ele inicia uma viagem até Anatólia. Lá, conhece Zaman, um homem que lhe irá ensinar a arte de controlar os seus sentidos em reacção ao ambiente, e irá ajudá-lo também a adquirir uma nova percepção do mundo.

Synopsis › *A desert, a chasm, the emptiness, a luminous mountain, Gunesh is lost. This vision haunt Gunesh every day. He undertakes an initiatic trip to Anatolia. There, he meets Zaman, a man who will teach the art of controlling his senses in reaction to the environment, and will help him discover a new perception of the world.*

Obras
Extra-concurso

Lindalee Tracey,
Peter Raymond

Estelle Gérard

Nasceu em 1976. Tem o curso da l'Ecole Supérieure d'AudioVisuel de Toulouse e é directora da companhia "Les Films de l'Iris". Realizou dois documentários e a curta-metragem "Lueurs".

Cesarino e as Cores da Vida

Cesarino e i Colori Della Vitta/Cesarino and the Colors of Life

Cluster:Imagens de uma Cidade

Cluster: Images of a City/Cluster Presa Di Una Città



Obras
Extra-concurso

Realização: Tiziano Gamboni e Gianluigi Quarti (Suíça, 2005); **Fotografia** (cor): Luciano Eccher, Cesarino Fava e Gianluigi Quarti; **Música:** Daniele Hainardi; **Montagem:** Marianne Quarti; **Produção:** TSI-Televisione Svizzera Italiana; **Intérpretes:** Cesarino Fava; **Duração:** 70 minutos; **Contacto:** Regina-Rodani@ctsi.ch / Casella Postale, 6903 Lugano-Switzerland; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental;

Sinopse > Cesarino Fava nasceu em 1920, em Malé, na pequena aldeia de Trentino, Itália. O décimo de onze filhos, combateu o fascismo e o militarismo através da cultura e do carácter.

Synopsis > *Cesarino Fava was born in 1920, in Malé, a small village of Trentino, Italy. The tenth of eleven children, he objected to Fascism and militarism by culture and character.*

Realização: Michele Citoni, Valeria Bernardi, Manuela Buono, etc. (Itália, 2004); **Argumento:** Michele Citoni, Valeria Bernardi, Manuela Buono, etc.; **Fotografia:** Michele Citoni, Valeria Bernardi, Manuela Buono, etc.; **Montagem:** Michele Citoni, Valeria Bernardi, Manuela Buono, etc.; **Produção:** Centro Studi "Cultura Sviluppò"; **Duração:** 67 minutos; **Contacto:** stefano@cscs.it / via Puccini, 80 – 51100 Pistola; **Categoria onde se inscreve:** Vídeo Não Profissional;

Sinopse > Um documentário de fim de curso sobre a cidade de Florença, vista pelos olhos de diferentes realizadores jovens.

Synopsis > *A student documentary about the city of Florence, seen through the eyes of diferent student directors.*

Tiziano Gamboni

Nasceu em 1952. Em 1976 trabalhou no sector cultural da Televisione della Svizzera Italiana, tendo realizado diversos documentários como: "Har Karkom, Montagna di Dio", "Un Grillo per la Testa" e "Mohamed lo Svizzero".

Michele Citoni,
Valeria Bernardi,
Manuela Buono, etc.

Destinos do Norte

Nourthern Destinies/Destins Du Nord



Realização: Nina Believa, Jean-Pierre Bozon (França, 2004); **Argumento:** Nina Believa, Jean-Pierre Bozon; **Fotografia (cor):** Christian Auxemery; **Música:** Wallerand de Crepy; **Montagem:** Nina Believa; **Produção:** CKF Productions;

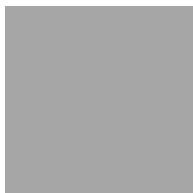
Duração: 52 minutos; **Contacto:** ckfchk@free.fr / 71 rue de la Fontaine au Roi – 75011 Paris – França;

Prêmios: “Bronze Anchor” no International Film Festival em Toulon;

Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Antropologia Ambiental;

Sinopse > A rota do Norte, por entre os gelos do Oceano Ártico, é a única forma real de ligar a parte europeia da Rússia com o Norte da Sibéria. Este filme é a história da viagem entre Mourmansk e Doudinka com o Sevmorput, o único transporte com propulsão nuclear do mundo.

Synopsis > *The North route, through the ices of the Arctic Ocean, is the only true mean of connecting the Europe part of Russia with the North of Siberia. The film is the history of a voyage between Mourmansk and Doudinka with the Sevmorput, the only cargo with nuclear propulsion of the planet.*



Nina Believa

Nasceu em Moscovo. Licenciou-se em Jornalismo, e desde 1989 trabalha e vive na França. Tem feito trabalhos para a televisão Russa e Finlandesa.

Jean-Pierre Bozon

Desde 1981 a 1989 que é editor de documentários para várias televisões francesas, sendo também realizador de vários.

E as Vacas Voam

Y Las Vacas Vuelan/And Cows Fly

I 109 I
cineeco2005



Realização: Fernando Lavanderos (Chile, 2004); **Argumento:** Fernando Lavanderos, Gonzalo Verdugo; **Fotografia (cor):** Fernando Lavanderos; **Montagem:** Fernando Lavanderos; **Produção:** Duende Films; **Intérpretes:** Magnus Erboe, María Paz Ercilla;

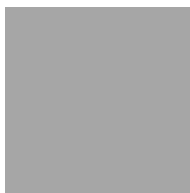
Duração: 60 minutos; **Contacto:** contacto@ylasvacasvuelan.cl / Av. Francisco Bilbao 827 Dpto 1204, Providencia, Santiago, Chile;

Prêmios: Special Prize in the Valdivia International Film Festival, Honor Mention at the Cuenca International Film Festival;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Kai Larsson é Dane. Com uma câmara na mão, ele vagueia pelas ruas de Santiago com o objectivo de fazer uma curta-metragem. Durante esta busca audiovisual, o viajante conhece uma mulher que se torna a protagonista do seu filme.

Synopsis > *Kai Larsson is a Dane. With a camera in hand, he wanders the streets of Santiago with the goal of making a short film. During this audiovisual search, the traveler meets a woman who becomes the protagonist of his film.*



Fernando Lavanderos

É Comunicador Audiovisual da Universidade das Comunicações (UNIACC). No ano 2000, realiza pequenos documentários para o programa “Ocio TV”. A sua trajectória inclui a realização de curtas-metragens, documentários, vídeos institucionais e publicitários.

Obras
Extra-concurso

O Evangelho do Porco Criolo **Exposição**

L'Évangile du Cochon Créole/The Gospel of the Creole Pig **Exposição/Exposition**



Realização: Michelange Quay (França, 2004);
Argumento: Michelange Quay; **Fotografia**
(cor): Benjamin Echazaretta; **Música:** Julien
Louran; **Montagem:** Michelle Flamand;
Produção: Tom Dercourt; **Intérpretes:**
Dominique Batraille, Georges Quay, Mircille
Quay, Adeline Mathieu;
Duração: 19 minutos;
Contacto: info@undollar.com / 82 old Ornano
75018 Paris-France;

Prêmios: "Best Short-Film" Festival de Rio de
Janeiro, "Best Short-Film" Stockholm
International Film Festival, "Award of the
International Short-Film" International Film
Festival Milan;

Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Uma viagem até às raízes da
cultura no Haiti actual, onde ainda
sobrevivem reminiscências distantes de um
mundo onde escravos buscaram a sua
liberdade em revolta contra os seus
senhores e na criação de novos deuses.

Synopsis > A trip to trace the roots of culture
in today's Haiti, where still survives distant
reminiscences of a world in which slaves had
sought freedom in revolt against their
masters and in creation of new gods.

Realização: Joana Barbosa (Portugal, 2005);
Argumento: Joana Barbosa; **Música:**
Explosions in the Sky; **Montagem:** Joana
Barbosa; **Produção:** Cine Clube de Avanca;
Duração: 6 minutos;
Contacto: movies@avanca.com / Rua Dr. Egas
Moniz, 159, 3860-078 Avanca;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Ambientes industriais sem
qualquer tipo de valor moral implícito,
puramente pelo valor visual dos mesmos.
Através do filtro de cor aplicado é criada
tensão, que é contraposta com imagens
estáticas e música. É pretendido que este
filme transmita calor, dando um aspecto de
radiografia das imagens expostas.

Synopsis > Industrial environments without
any kind of implicit moral value, exclusively
for the visual value. Through the applied
colour filter tension is created, which is
confronted with the static images and music.
The intention is that this filter transmits
heat, giving an x-ray appearance of the
exposed images.

Obras
Extra-concurso

Michelange Quay
Nasceu em 1974. Depois
de tirar o curso de
Antropologia, frequentou
o Tisch School of Art do
qual recebeu um diploma
em realização. Dirigiu
"Forty Days" e "Qu'un
leur donne des yon-yon".

Joana Barbosa

Floresta Proibida

Forbidden Forest/Forbidden Forest



Realização: Kevin Matthews (Canadá, 2004); **Argumento:** Jonathan Collicot, Kevin Matthews; **Produção:** Kent Martin, Lloyd Salomone; **Duração:** 69 minutos; **Categoria onde se inscreve:**

Sinopse › Em Forbidden Forest, nós conhecemos dois homens bastante diferentes, mas unidos pelo desejo de salvar a floresta e de manter esta terra sobre controlo comunitário.

Synopsis › *In Forbidden Forest, we meet two very different men united by a passion to save the forest and to bring some of this public land under community control.*

Libby, Montana

Libby, Montana/Libby, Montana

I 111 |
cineeco2005



Realização: Doug Hawes-Davis, Drury Gunn Carr (EUA, 2004); **Argumento:** Doug Hawes-Davis, Drury Gunn Carr; **Fotografia (cor):** Doug Hawes-Davis, Drury Gunn Carr; **Música:** Ned Mudd, Ivan Rosenberg, Aaron Parrett; **Montagem:** Doug Hawes-Davis, Drury Gunn Carr; **Produção:** High Plains Films **Intérpretes:** As pessoas de Libby, Montana; **Duração:** 124 minutos; **Contacto:** yak@highplainfilms.org / High Plains Films, P.O. Box 8796, Missoula, Montana 59807 EUA;

Prémios:

Categoria onde se inscreve: Valorização de Resíduos, Antropologia Ambiental;

Sinopse › Uma viagem através desta comunidade trabalhadora, Libby, Montana é a história do sonho americano completamente desfeito.

Synopsis › *A journey into this hard-working blue collar community, Libby, Montana is the history of the american dream gone horribly wrong.*

Obras
Extra-concurso



Kevin W. Matthews



Drury Gunn Carr &
Doug Hawes Davis

São ambos fundadores da High Plains Films. São ambos realizadores de documentários e já ganharam inúmeros prémios.

A Madona de Tinos

I Panagia Stin Tino/The Madonna of Tinos



Realização: Dimitris Gouziotis (Grécia, 2004);
Argumento: Dimitris Gouziotis; **Fotografia**
(cor): Kostas Nikolopoulos; **Música:** Giorgos
Magoulas; **Montagem:** Dimitra Bessi;
Produção: Jazz Movies; **Intérpretes** (voz):
Alexandros Logothetis;

Duração: 58 minutos;

Contacto: dgouziotis@in.gr / Ypsilantou 55,
Perama, 18863 Athens, Greece;

Prêmios: 6th International Panorama of
Independent Filmmakers Thessaloniki 2004:
Best Mediterranean Movie and Special
Photography Award;

Categoria onde se inscreve: Antropologia
Ambiental;

Sinopse > Este filme etnológico descreve os
caminhos de adoração para a face da Virgem
Maria na ilha grega de Tinos, no Mar Egeu.
Todos os anos mais de um milhão de crentes
visitam a ilha de Tinos apenas para beijar
uma vez o ícone sagrado da Virgem Maria no
Templo da Anunciação.

Synopsis > *This ethnological film describes
the ways of worship to the face of Virgin
Mary in the Greek Island Tinos, at the
Aegean Sea. Every year more than a million
believers visit the island of Tinos just to kiss
once the Holy Icon of Virgin Mary in the
Temple of Annunciation.*



Dimitris Gouziotis

Nasceu em 1964, na Grécia.

Realizou vários filmes
(curtas, documentários,
anúncios e programas
televisivos).

Mar Vermelho Azul – Oceano Índico

Blue Red Sea – Indian Ocean/Blue Red Sea – Indian Ocean



Realização: Denis Lagrange (França, 2004);
Argumento: Denis Lagrange, Dominique
Pittet; **Fotografia** (cor): Denis Lagrange;
Música: Rush Music & Audiostud+;
Montagem: Aloha Production; **Produção:**
Denis Lagrange;

Duração: 47 minutos;

Contacto: info@alohaproduction.com / 8 Rue
Chantemerle 86550 Mignaloux-Beauvoir –
France;

Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Sinopse > Uma investigação desta área leva-
o a encontros com tubarões brancos,
tubarões-baleia e à vida colorida do resto do
coral.

Synopsis > *An exploration of this area takes
you to encounters with Great White Sharks,
Whale Sharks and the colourful coral life of
the rest.*



Denis Lagrange

Realizou os seguintes filmes
nos últimos dois anos:
“Bleu comme l’atome”,
“Bleu Pacifique”, “Bleu Mer-
Rouge – Océan Indien”,
“Bleu Caraïbes”, “Bleu
Méditerranée”. Também
trabalhou como cameraman
sub-aquático para diferentes
produções televisivas e
cinematográficas.

Mediterrâneo Azul

Blue Mediterranean/Blue Mediterranean



Realização: Denis Lagrange (França, 2004);
Argumento: Denis Lagrange; **Fotografia (cor):** Denis Lagrange; **Música:** Rush Music & Audiostud+; **Montagem:** Aloha Production; **Produção:** Denis Lagrange;
Duração: 50 minutos;
Contacto: info@alohaproduction.com / 8 Rue Chantemerle 86550 Mignaloux-Beauvoir – France;
Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Sinopse › O Mar Mediterrâneo é um marco histórico e um dos habitats de vida marinha mais diversificados. Esta investigação irá levá-lo a encontros de espécies inesperadas e a destroços da Segunda Guerra Mundial.

Synopsis › *Mediterranean Sea is the cross of history and one of the most diversified marine life in the world. This exploration will take you to encounters of unexpected species and wrecks of the Second World War.*



Denis Lagrange

Realizou os seguintes filmes nos últimos dois anos: "Bleu comme l'atome", "Bleu Pacifique", "Bleu Mer-Rouge – Océan Indien", "Bleu Caraïbes", "Bleu Méditerranée". Também trabalhou como cameraman sub-aquático para diferentes produções televisivas e cinematográficas.

Numa Segunda-Feira

On a Monday / Youm El-Ethneen



Realização: Tamer El-Said (Egipto, 2004);
Argumento: Tamer El-Said; **Fotografia (cor):** Ibrahim el Batout; **Montagem:** Tamer El-Said; **Produção:** Tamer El-Said; **Intérpretes:** Hanan Youssef, Boutros Ghali;
Duração: 7 minutos;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Um casal normal... um dia diferente.

Synopsis › *An ordinary couple... a different day.*

I 113 I
cineeco2005

Obras
Extra-concurso



Tamer El Said

Nasceu no Egipto, em 1972. Estudou Jornalismo e Cinema, tendo realizado algumas curtas-metragens.

Pacífico Azul

Blue Pacific/Blue Pacific



Realização: Denis Lagrange (França, 2004);
Argumento: Denis Lagrange, Dominique Pittet; **Fotografia (cor):** Denis Lagrange;
Música: Rush Music & Audiostud+;
Montagem: Aloha Production; **Produção:** Denis Lagrange;
Duração: 48 minutos;
Contacto: info@alohaproduction.com / 8 Rue Chantemerle 86550 Mignaloux-Beauvoir – France;
Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Sinopse > Uma exploração do Pacífico tropical leva-o a encontros com tubarões enormes, baleias e destroços da IIGM. A descoberta de um oceano carregado de história e diversidade.

Synopsis > An exploration of the tropical Pacific takes you to encounters with large school of sharks, Humpback whales and World War II wrecks. The discovery of an ocean charged with history and diversity.



Denis Lagrange

Realizou os seguintes filmes nos últimos dois anos: "Bleu comme l'atome", "Bleu Pacifique", "Bleu Mer-Rouge – Océan Indien", "Bleu Caraïbes", "Bleu Méditerranée". Também trabalhou como cameraman sub-aquático para diferentes produções televisivas e cinematográficas.

O Pai de Gracile

The Father of Gracile/Le Pere de Gracile



Realização: Lucie Lambert (Canadá, 2004);
Argumento: Lucie Lambert; **Fotografia (cor):** Serge Giguere; **Música:** Rene Lussier;
Montagem: Rene Roberge; **Produção:** Les Films du Tricycle; **Intérpretes:** Erika Desbiens, Marcel Rehel, Gitane Tremblay, Anne-Marie Andre;
Duração: 80 minutos;
Contacto: tricycle@arobas.net / 9172 rue Foucher Montreal Quebec, H2m IV8 Canadá;
Categoria onde se inscreve: Vida Natural, Antropologia Ambiental;

Sinopse > Gracile, uma rapariga de dez anos, faz uma longa viagem pelo Quebec em busca do seu pai.

Synopsis > Ten year old Gracile undertakes a long journey through Quebec in search of her father.



Lucie Lambert

Realizou vários filmes, entre os quais: "Paysage sous Les Paupieres", "Avant le Jour" e "Le Pere de Gracile".

Paisagem Cultural

Cultural Landscape/Kultur + Landskap = Sant



Quebragelos

Shipbreakers/Shipbreakers

I 115 I
cineco2005



Realização: Evald Otterstad (Noruega, 2004);
Argumento: Evald Otterstad; **Fotografia (cor):** Evald Otterstad; **Montagem:** Evald Otterstad, Ingeranna Krohn Nidal; **Produção:** Evald Otterstad;
Duração: 46 minutos;
Contacto: ts@nti.no;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Tradicionalmente, a interação entre o Homem e a Natureza formou a paisagem e a cultura campestre. Agora que a agricultura está industrializada, a mesma coisa acontece em todo o mundo. Interessamos que a paisagem e a história desapareçam?

Synopsis › *Traditionally the interaction between man and nature have formed the landscape and the culture at the countryside. Now the farming is industrialized, the same thing happens all over the world. Does it matter to us that both the landscape and the history disappears?*

Realização: Micheal Kot (Canadá, 2004);
Fotografia (cor): Derek Rogers;
Montagem: Deborah Palloway;
Produção: Michael Kot, Ed Barreveld, Peter Starr;
Duração: 72 minutos;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › “Shipbreakers” leva o espectador ao coração de Alang, na Índia, uma vibrante cidade onde 40,000 pessoas vivem e trabalham nas condições mais precárias.

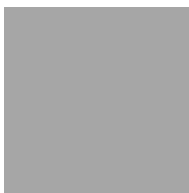
Synopsis › *“Shipbreakers” takes the viewer into the heart of Alang, India, a vibrant shantytown where 40,000 people live and work in the most primitive conditions.*

Obras
Extra-concurso



Evald Otterstad

Tem uma vasta experiência como realizador. Fez curtas-metragens e documentários, tendo sido vencedor de alguns prémios.



Michael Kot

Regressando a Casa

Returning Home/Returning Home



Realização: Andy Abrahams Wilson (EUA);
Fotografia (cor): Andy Abrahams Wilson;
Música: Fred Frith; **Montagem:** Andy Abrahams Wilson; **Produção:** Open Eye Pictures; **Duração:** 45 minutos;
Contacto: andy@openeyepictures.com / 475 gate 5 RD, Ste 215, Sausalito, CA 94965;
Prêmios: "Grand Juri Prize" Dance on camera Film Festival;
Categoria onde se inscreve:

Obras
Extra-concurso

Sinopse › Um filme extraordinário em que Anna Halprin, a célebre pioneira da dança contemporânea, move-se por entre a terra, o vento, a água e o fogo, encontrando lições relacionadas com a vida, a perda e a libertação.

Synopsis › *A breathtaking film in which Anna Halprin, the renowned pioneer of postmodern dance moves upon thresholds of earth, wind, water and fire, finding lessons in life, loss and liberation.*



Andy Abraham Wilson
É realizador e produtor de filmes relacionados com arte. Com formação em fotografia e antropologia cultural, ele vê a câmara como uma oportunidade para explorar os seus conceitos, de uma forma jornalística e objectiva.

Rio Acima

Up Stream/Rio Arriba



Realização: Ulises de la Orden (Argentina, 2004); **Argumento:** Ulises de la Orden, Paz Encina, Germna Cantore, Miguel Perez;
Fotografia (cor): Lucio Bonnelly; **Música:** Ricardo Vilca; **Montagem:** German Cantore;
Produção: Polo Sur Cine; **Intérpretes:** Bernabe Montellanos, Pepe Lescano, Emeterio Gutierrez, Ulises de la Orden;
Duração: 72 minutos;
Contacto: ulisesdelaorden@hotmail.com / Belisario Roldan 112 Acassuso 1642 BSAS Argentina;
Prêmios: "Audience Award to Best Film" Festival Nacional de Cine Documental, "Jury Award to Best Regional Documentary", Festival de Cine y Video Latinoamericano de Buenos Aires;
Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental;

Sinopse › Rio Acima conecta duas histórias: a imigração europeia para a Argentina e a aculturação da nação Kolla-Aymará nos Andes. Num conflito onde a tolerância, o altruísmo e a liberdade vêm a jogo.

Synopsis › *Rio Arriba interconnects two stories: european immigration into Argentina and the deculturization of the Kolla-Aymará nation in the Andes. In a conflict where tolerance, selfishness and freedom come into play.*



Ulises de la Orden

Nasceu em 1970, na Argentina. Licenciado em Cinematografia pela Universidade del Cine, tem trabalhado na indústria cinematográfica desde 1992. Este é o seu primeiro filme como argumentista, realizador e produtor.

O Rouxinol

The Nightingale/The Rossignol

Salitre

Mould/Mould

I 117 I
cineeco2005



Realização: Christian Chaudet (França, 2004);
Argumento: Christian Chaudet, segundo história de H.C. Andersen; **Fotografia (cor):** Jean-Jacques Bouhon, Emmanuel Soyer; **Música:** Igor Stravinsky; **Produção:** Dominique Barneaud; **Intérpretes:** Nathalie Dessay, Marie Mclaughlin, Violeta Urmana, Vsevolod Griunov;
Duração: 50 minutos;
Contacto: courier@agatfilms.com / 52, Rue Jean Pierre Timbaud, 75011 Paris – França;
Prémios: “Best Film” no Vienna Tv Award, FIPA D’Or 2004;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Quando entra na olaria do seu avô, um pequeno rapaz descobre um vaso estranhamente grande.

Synopsis > *Entering his grandfather's pottery workshop one night, a young boy discovers an unusually large vase.*

Realização: Leonor Noivo (Portugal, 2005);
Argumento: Leonor Noivo; **Fotografia (cor):** Daniel Neves; **Música:** António Pedro; **Montagem:** Rui Mourão; **Produção:** Luz e Sombra; **Intérpretes:** Joana Brandão, Filipe Cary;
Duração: 12 minutos;
Contacto: luzesombra@mail.telepac.pt / Rua Tenente Raul Cascais, 8 1º Esq, 1250-268 Lisboa;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse > Passou pouco tempo. Os dois chegaram a um ponto irreversível, a ruptura é a única saída. Um deles vai ter que dar o primeiro passo. Nesta manhã, cada um toma a decisão de partir, definitivamente, e sem que o outro se aperceba. A casa fica vazia.

Synopsis > *A short time has gone by. They reached to an irreversible point, the split is the only solution. One of them has to take the first step. In this morning, both of them decide to leave, definitely, without the knowledge of the other. The house becomes empty.*

Obras
Extra-concurso

Christian Chaudet

Nasceu na França, em 1947. Trabalhou com Jacques Demy e outros realizadores franceses como cameraman, tendo realizado também diversas curtas-metragens musicais e alguns televidios.

Leonor Noivo

Estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo realizado três filmes escolares. Trabalhou como anotadora, assistente de realização e de montagem. Realizou três documentários: “Macau Aparte”, “Esquartejamento” e “Inside Out”.

A Vida das Mulheres em Resistência

We Are Equal: Zapatista Women Speak/La Vida de Las Mujeres en Resistência

Os Sonhadores da Terra Arnhem

The Dreamers Of Arnhem Land/The Dreamers Of Arnhem Land



Obras
Extra-concurso

Realização: Promedios de Communication Comunitaria (México, 2004); **Argumento:** Vários realizadores indígenas; **Fotografia (cor):** Vários realizadores indígenas; **Música:** Vários realizadores indígenas; **Montagem:** Vários realizadores indígenas; **Produção:** Chiapas Media Project; **Intérpretes:** Vários participantes indígenas; **Duração:** 19 minutos; **Contacto:** cmp@chiapasmediaproject.org / 4834 N. Springfield Chicago, Il 60641; **Categoria onde se inscreve:** Educação Ambiental;

Sinopse › Mulheres Zapatistas falam acerca de como as suas vidas eram antes da revolução de 1994, e de como as suas vidas mudaram entretanto.

Synopsis › *Zapatista women speak about what their lives were like before the uprising in 1994 and how their lives have changed since.*

Realização: Christopher Walker (França, 2005); **Argumento:** Christopher Walker; **Fotografia (cor):** Nerve Cohen; **Montagem:** Lara Khachooni, Josianne Zadoma; **Produção:** Quark Productions; **Duração:** 50 minutos; **Contacto:** walker_christoph@hotmail.com / 22 Rue du Petit Musc, 75004, Paris; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental;

Sinopse › A história espectacular de dois anciãos aborígenes, Stuart e Valerie Ankin, que tentam salvar a sua comunidade da extinção cultural.

Sinopse › *The remarkable story of two Aboriginal elders, Stuart and Valerie Ankin, who set out to save their community from cultural extinction.*

Nome do realizador

Christopher Walker

Tem trabalhado como produtor e realizador de documentários para várias televisões internacionais.

Terra de Sempre

Foreland/Voorland

Timor Loro-Sae

Timor Loro-Sae/Timor Loro-Sae

I 119 I
cineeco2005



Realização: Albert Elings, Eugenie Jansen (Holanda, 2005); **Argumento:** Albert Elings; **Fotografia (cor/pb):** Rob Smits, Eugenie Jansen; **Música:** Rob Smits; **Montagem:** Eugenie Jansen; **Produção:** Ruim Kader Films; **Duração:** 70 minutos;

Contacto: Spuistraat 219, 1012 VN Amsterdam, The Netherlands;

Categoria onde se inscreve: Antropologia Ambiental;

Sinopse › Este documentário retrata uma pequena paisagem típica de um rio holandês, na qual um projecto de nova natureza toma lugar. Durante sete anos, este filme mantém um olhar minucioso e tenta dar ao espectador uma experiência de tempo e espaço, em vez de ser um documentário educacional.

Sinopse › *This documentary deals with a small piece of typical dutch river-landscape, in which a project of new nature development takes place. For the time of seven years the film takes a close watch and aims to give the spectator an experience of time and space, instead of being an educational documentary.*

Realização: Vítor Lopes (Portugal, 2005); **Argumento:** Vítor Lopes; **Música:** Abílio Araújo, Eurico Carrapatoso, Eugénio Amorim, João Pedro Oliveira e UNU; **Montagem:** Carlos Silva e Vítor Lopes; **Produção:** Cine Clube de Avanca;

Duração: 12 minutos;

Contacto: movies@avanca.com / Rua Dr. Egas Moniz, 159, 3860-078 Avanca;

Categoria onde se inscreve: Antropologia ambiental.

Sinopse › No cruzamento de lendas e factos conta-se a história do povo Timorense que após 500 anos de colonialismo, resistiu a 26 anos de ocupação Indonésia. Timor Loro-Sae é hoje um país livre, com o peso da dramática história recente.

Synopsis › *In the mix of legends and actual facts, this movie tells the story of the timorese people, that after 500 years of colonialism resisted to 26 years of ocupacion. Timor Loro-Sae is now a free country, with the scars of his recent history.*

Obras
Extra-concurso

Albert Ellings, Eugenie Jansen

Vítor Lopes

Nasceu em Estarreja, em 1963. Estudou Arte e Design. Realizou várias curtas-metragens de animação. Colabora nos estúdios de animação do Cine Clube de Avanca, tendo uma vasta experiência em filmes e séries de TV.

A Última Jornada

Last Journey For The Leatherback



Realização: Stanley Minasian (EUA, 2004);
Argumento: Stanley Minasian; **Fotografia (cor):** Stanley Minasian; **Música:** Alan Hewitt;
Montagem: Stanley Minasian; **Produção:** Turtle Island Restoration Network;
Intérpretes: Dr. Carl Safina, Dr. Sylvia Earle, Dr. Frank Paladino, Dr. Larry Crowder, Randal Arauz;
Duração: 30 minutos;
Contacto: sarah@seaturtles.org / Po Box 400, Forest Knolls CA 94933;
Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental;

Sinopse › Este filme documenta a vida incrível da tartaruga “leatherback”.

Synopsis › *This movie documents the incredible life of the leatherback sea turtle.*

Um Paraíso de Aves

A Birds Paradise



Realização: Konstatin Sirotnin (Rússia, 2004); **Produção:** Rossia-Film-Tranzit;
Duração: 21 minutos;
Contacto: film_tranzit@km.ru / 6-11 St. Petersburg 190068, Russia;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Um documentário sobre um território natural em risco de desaparecimento.

Synopsis › *A documentary about a natural territory under threat of disappearance.*

Obras
Extra-concurso

Stanley M. Minasian

Escreveu, realizou e produziu vários filmes, entre os quais: “A Fall From Freedom”, “A Sea Turtle History”, “Pity the Pilot Whale” e “Last Days of the Dolphins”.

Konstantin Sirotnin

Venezuela Boliviana: Povo e a Luta da IV Guerra

Pueblo y Lucha de la IV Guerra/People and Struggle of the Forth World

O Verão do Meu Irmão

L'Estate di Mio Fratello/My Brother's Summer

I 121 I
cineeco2005



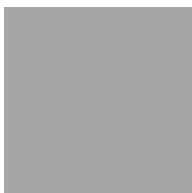
Realização: Marcelo Andrade Arreaza (Venezuela, 2004); **Argumento:** Marcelo Andrade Arreaza; **Fotografia** (cor): Marcelo Andrade Arreaza, Kesang Sherpa; **Música:** Sontizon, Ali Primera, Onice, Sexteto Juventud, Victor Jara, Manu Chao; **Montagem:** Marcelo Andrade Arreaza; **Produção:** Calle Y Media;
Duração: 76 minutos;
Contacto: Torre Humboldt, 12-09, Urb. Parque Humboldt, Caracas, Venezuela 1080;
Categoria onde se inscreve: Vídeo Não Profissional;

Sinopse › Este documentário examina a Revolução Bolivariana da Venezuela, conectando-a com o movimento mundial anti-globalização.

Synopsis › *This documentary examines the Bolivarian Revolution of Venezuela as connected to the worldwide movement against capitalist globalization.*

Realização: Pietro Reggiani (Itália, 2005); **Argumento:** Pietro Reggiani; **Fotografia** (cor): Luca Coassin; **Montagem:** Valentina Girodo, Alessandro Corradi; **Produção:** Nuvola Film; **Intérpretes:** Davide Veronese, Tommaso Ferro, Maria Paiato, Pietro Bontempo;
Duração: 82 minutos;
Contacto: p.reggiani@nuvolafilm.com / Via Belsario, 7, 00187 Roma, Italy;
Prêmios: "Special Mention" of the Jury Tribeca Film Festival;
Categoria onde se inscreve: Vida Natural;

Obras
Extra-concurso



Marcelo Andrade Arreaza

Nasceu em 1982, na Venezuela. No ano 2000 deixou a sua terra natal para ir estudar cinema e teatro no Emerson College em Boston.



Pietro Reggiani

Vila Flores

Villa Flores/Village Flores



Realização: Marina Galiberti (França, 2004);
Argumento: Marina Galiberti; **Fotografia (cor):** Marina Galiberti; **Montagem:** Marina Galiberti, Jeana Comode; **Produção:** Rapsode Production;
Duração: 28 minutos;
Contacto: rapsode@free.fr / 9, Rue des Transvaal, 75020 Paris;
Categoria onde se inscreve: Educação Ambiental, Valorização de Resíduos;

Sinopse › Uma experiência bem sucedida de economia popular e participativa.

Synopsis › *Une expérience réussie d'économie populaire et participative.*

Viola Doce

Candy Viola/Viola Fondente

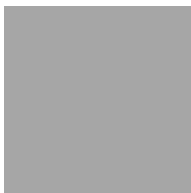


Realização: Fabio Simonelli (Itália, 2004);
Argumento: Chiara Bellini, Valentina Mogetta;
Fotografia (cor): Ilaria Giorgino, Carla Cassola, Sergio Romano; **Música:** Paolo Vidaldi; **Montagem:** Paolo Freddo; **Produção:** Morgana Production; **Intérpretes:** Ilargia Giorgino, Carla Cassola, Sergio Romano;
Duração: 13 minutos;
Contacto: info@morganalab.com / via Goffredo Mameli, 51-00153;
Categoria onde se inscreve:

Sinopse › Viola é uma mulher com peso a mais mas bonita, com cerca de 35 anos. A sua vida frustrante é baseada num trabalho monótono e num marido detestável. Mas ela irá vingar-se depressa devido aos doces e chocolates que tanto gosta. Então, todos ficarão conquistados pela sua nova forma de arte.

Synopsis › *Viola is an overweight beautiful woman in her mids-30s. Her frustrating life is pivoted on a monotonous job and a hateful husband. But she will take her revenge soon thanks to the very candies and chocolate she likes so much. Then everyone will be conquered by her newly-found art.*

Obras
Extra-concurso



Marina Galiberti
Italiana, realizadora de
filmes independentes.



Fabio Simonelli
Nasceu em Itália, no ano de
1967. Trabalhou como
assistente de realização em
vários filmes e realizou a
curta-metragem "La
Prossima Volta".

Viseu Por Ricardo Sandro

Viseu Por Ricardo Sandro/Viseu by Ricardo Sandro

I 123 I
cineeco2005



Realização: José Carlos Almeida (Portugal, 2004); **Argumento:** José Carlos Almeida; **Música:** Arquivo; **Montagem:** Área Urbana; **Produção:** Área Urbana; **Duração:** 10 minutos; **Contacto:** area_urbana@sapo.pt / Rua Luís Gomes Carvalho 22 5^ºM 3800-211 Aveiro; **Categoria onde se inscreve:** Antropologia Ambiental, Vídeo Não Profissional;

Obras
Extra-concurso



José Carlos Almeida

FESTIVAL INTERNACIONAL De CINEMA Del MEDI AMBIENT

Forum
BARCELONA
2004



ACTIVITAT
ASSOCIADA

Imagina
un món
amb PAU

Juny de 2006



SANT FELIU
DE GUÍXOLS



OUTRAS TERRAS
OUTRAS GENTES

CineEco 2005

Bom Dia, Noite

Buongiorno, Notte



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Marco Bellocchio (Itália, 2003); **Argumento:** Marco Bellocchio, segundo romance de Anna Laura Braghetti e Paola Tavella; **Música:** Riccardo Giagni; **Fotografia (cor):** Pasquale Mari; **Montagem:** Francesca Calvelli; **Casting:** Béatrice Kruger; **Design de produção:** Marco Dentici; **Guarda-roupa:** Sergio Ballo; **Som:** Gaetano Carito, Emanuela Di Giunta; **Produção:** Marco Bellocchio, Sergio Pelone.

Intérpretes: Luigi Lo Cascio (Mariano), Maya Sansa (Chiara), Roberto Herlitzka (Aldo Moro), Pier Giorgio Bellocchio (Ernesto), Giovanni Calagno (Primo), Paolo Briguglia (Enzo), Giulio Andreotti, Tina Anselmi, Letizia Bellocchio, Maria Luisa Bellocchio, Enrico Berlinguer, Giulio Bosetti, Francesco Cossiga, Bettino Craxi, Amintore Fanfani, Emilio Fede, Luciano Lama, Giovanni Leone, Gianni Schicchi, etc.

Duração: 106 minutos; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

O terrorismo existe desde que o homem existe. Fácil será supor alguém aterrorizar outro para, desse modo, conseguir vantagens sobre este último, tendo como base a força física ou a pressão psicológica. O terrorismo não é de hoje, como não se pode falar só de um terrorismo anti-establishment. Desde que o homem se organizou em Estados, estes nem sempre sabem distinguir o legítimo exercício da força para impor a legalidade democrática do uso arbitrário da mesma com fins inconfessáveis, num comportamento que se inscreve no terrorismo de Estado. Todas as ditaduras o fazem, mas mais grave ainda, muitos Estados, ditos democracias, também o praticam.

O terrorismo ter-se-á institucionalizado, porém, no século XIX, com atentados praticados por anarquistas e anarco-sindicalistas: acções isoladas de indivíduos que não descortinavam outra fórmula de mudar a sociedade a não ser pela prática de actos violentos. Estávamos em plena época de industrialização massiva e capitalismo selvagem, muitos intelectuais e ideólogos políticos assumiram deliberadamente esta opção, perante a arrogância dos Estados absolutistas e dos patrões despóticos. Depois, com o advento das democracias parlamentares, esta onda de violência abrandou, ressuscitando em pleno com as ditaduras dos anos 30 e 40 do século XX. Finda a II Guerra Mundial, outro período de relativa acalmia parecia conceder tréguas à organização social dos Estados, mas, cedo se aperceberam que o tempo não era de concessões e voltaram à carga, inicialmente em organizações independentistas, como o IRA, na Irlanda, a ETA, em Espanha. Muitos grupos foram surgindo um pouco por todo o lado, alguns dissidentes de partidos da esquerda

parlamentar, como Socialistas e Comunistas (que eram considerados comprometidos com o jogo do poder estabelecido). O terrorismo procurava instalar a desordem, provocar o pânico, criar o terror, e neste clima de instabilidade, impor as suas concepções políticas radicais. As “Brigadas Vermelhas”, em Itália, o grupo “Baden Meinhoff”, na República Federal Alemã, de certa forma as “Brigadas Revolucionárias”, em Portugal, depois do 25 de Abril, estão nesta lista, onde é possível incluir muitos outros grupos e acções individuais. Curiosamente, em todos estes grupos, há uma concepção radical e extremada da “política” que muitas vezes ronda o fundamentalismo religioso. Não será portanto de surpreender que os movimentos mais recentes tenham associado deliberadamente a religião à prática revolucionária, sendo de referir à cabeça a Al-Qaeda, que assinou espectaculares atentados no interior dos EUA, a 11 de Setembro de 2001, no Bali, em 12 de Outubro de 2002, ou em Madrid, a 11 de Março de 2004. A esta espiral de violência-espectáculo não será alheio o conflito israelo-árabe, cujo acidentado percurso nunca mais conduz a uma paz duradoura e eficaz, e um bipolarização de religiões em confronto, que o reinado de George W. Bush agravou.

Os “Anos de Chumbo” em Itália

Neste sucinto historial de grupos e acções terroristas, avulta um grupo que teve uma actuação muito importante em Itália, durante a década de 70 e que ficou conhecido pela designação de “Brigadas Vermelhas”. Eram os “anos de chumbo” em Itália, a esquerda tradicional vinha de um PC dominado por Togliati, que preconizava reformas e uma abertura à democracia parlamentar. Como reacção a esta política considerada de recuo e de renúncia por alguma esquerda, surgiram movimentos de uma nova esquerda radical que se agruparam em redor de algumas revistas e jornais, como “Quaderni Piacetini”, fundados por Piero Giorgio Beçcoccgio e Grazia Cherchi, “Quaderni Rossi”, dirigidos por Raniero Panzieri, Mario Tronti e Alberto Asor Rosa, “Clase Operari”, “Quaderni Gramsci” e ainda o ensaio “Operari e Stato”, de Toni Negri. Estas foram as bases ideológicas de um movimento surgido em meados da década de 60 e que conquistou a simpatia de alguns intelectuais descontentes, uma grande massa de estudantes e operários, de zonas industrializadas de Roma, Turim, Génova ou Milão, para lá de activistas em ruptura, sindicalistas e mesmo alguns antigos “partigiani” das brigadas Garibaldi e da GAP (brigadas guerrilheiras do PCI que ajudaram a libertar o Norte de Itália, durante a II Guerra Mundial). O aparecimento do Maio de 68 em Paris consolidou esta tendência e deu-lhe ainda uma maior visibilidade, criando-se estruturas políticas organizadas fugindo ao controlo do PCI.

Em 1969, surge a “estratégia da tensão” do governo de direita de Itália, e os grupos da esquerda tradicional recuam, o que leva a rupturas ideológicas nas massas estudantis e operárias, que criam organizações revolucionárias nacionais, como a “Lotta Continua”, “Potere Operaio” ou “Vanguardia Operaia”. Surgem “braços armados” de algumas organizações extra-parlamentares, mas legais, que não querem confundir-se com a actividade terrorista que se inicia ainda de forma tímida, dirigida sobretudo contra organizações de extrema-direita, como “Ordine Nuovo” ou “Avanguardia Nazionale”, ou instituições que representam o poder organizado, polícia ou empresas nacionais ou multinacionais. É neste contexto que aparecem as “Brigadas Vermelhas” (Brigade Rosse),

orientadas por um conjunto de teóricos que formatizam a ideologia do grupo: Renato Curcio, tido por muitos como o fundador das BR, Margarita Cogol, Alberto Franceschini, Pierino Morlacchi e Maurizio Ferrari, todos eles líderes do grupo “Esquerda Proletária”. A sua ideia é romper com o que consideram a “duplicidade do modelo “legalidade política/ilegalidade militar”, para criar um tipo de organização revolucionária abertamente virada para a acção, capaz de atacar o “coração do Estado”.

As Brigadas Vermelhas

Veja-se o que diz Achille Lollo, especialista na história das BV: “As “Brigadas Vermelhas” nasceram em Milão num momento político determinado pelas intensas lutas operárias nas fábricas da Pirelli, da Alfa Romeo e da Sit-Simms e nos bairros populares dos subúrbios milaneses (Quartogghiaro, Lorenteggio e Mac Mahon). Em Outubro de 1970, Renato Curcio e Margarita Cogol, ao produzirem um longo debate crítico sobre a “prática militar” de “Potere Operaio” e “Lotta Continua” e sobre o uso dos seus “braços armados ilegais”, decidiram entrar na clandestinidade – não antes de debaterem esta opção com o colectivo da fábrica da Pirelli e nos bairros suburbanos. A seguir, as “Brigadas Vermelhas” reivindicaram a primeira acção armada ao queimarem o carro de um chefe de recursos humanos da Pirelli, acusado de fotografar os operários grevistas para depois os despedir.”(1)

Outras Terras,
Outras Gentes

Continuando a citar Achille Lollo, na obra “Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX”, vejamos o que nos diz sobre a constituição, organização e principais actividades das BV: “Parecidos com os Tupamaros, a principal característica das “Brigadas Vermelhas” era a luta armada – que era praticada quando a proposta política da guerra de guerrilha contra o Estado capitalista se enraizava num território metropolitano. Nessa estrutura, extremamente compartimentada, os núcleos políticos – espalhados nos comités de fábrica, nas associações de bairros e nos colectivos universitários e juvenis – garantiam o recrutamento para a organização clandestina de uma “brigada”. A seguir, as diferentes brigadas formavam uma “coluna” que coordenava a actividade política e militar em nível regional. Num segundo tempo, as colunas juntavam-se para executar operações de âmbito nacional conhecidas por “frentes”. A “Direcção Estratégica” reunia as principais lideranças espalhadas nas brigadas para determinar as “resoluções estratégicas”. Em 1973, as “Brigadas Vermelhas” inauguraram a fase da propaganda armada com o lema “golpeia um para educar mil”. Por isso sequestravam os directores das grandes fábricas (Fiat, Pirelli e SitSimms) que, após um interrogatório sumário sobre os programas de reestruturação dos ciclos de produção e sobre os planos de desemprego, eram deixados amarrados à porta das fábricas na hora da saída dos operários. Sucessivamente, os sequestrados eram punidos com uma bala disparada na perna ou na nádega. Esta fase “romântica” conheceu um enorme sucesso porque não houve mortes e as vítimas eram notórios homens de direita. Em pouco tempo, as “Brigadas Vermelhas” ganharam a simpatia de muitos sectores operários e juvenis das grandes cidades do norte, inspirando a formação de outros grupos clandestinos em Nápoles, Roma, Pádua e Florença. Por isso, a polícia e os carabinieri, ainda mal preparados para enfrentar os grupos da luta armada, reagiram praticando uma violenta repressão contra os restantes grupos extra-parlamentares que actuavam na

legalidade e que eram o alvo preferido dos grupos fascistas. Era praticamente o que faltava para generalizar a “Estratégia de Tensão”, favorecendo indirectamente a entrada de muitos jovens nas “Brigadas Vermelhas” e o surgimento de numerosos pequenos grupos clandestinos em quase todas as grandes cidades italianas. Para não ser atingido pela repressão, o PCI não pensou duas vezes e pronunciou-se a favor do “Direito de Estado”, fechando os olhos diante da primeira arbitrária revisão constitucional que dava amplos poderes à polícia, restringindo as garantias nos interrogatórios. Tal posição fragilizou a direcção no momento em que o secretário do PCI, Enrico Berlinguer, estava costurando a formação de um governo de coligação com a Democracia Cristã com base no projecto político do “Compromisso Histórico”, no qual o PCI e a central sindical CGIL garantiam o controle social e a reestruturação do ciclo de produção. Neste clima de difícil diálogo político e no momento em que os operários da Fiat e da Alfa Romeo haviam ocupado as fábricas para protestar contra a proposta de reestruturação, Giorgio Napolitano, em nome da direcção do PCI, afirmou que “não havia diferenças políticas entre os grupos neofascistas e as organizações da esquerda extra-parlamentar e as da luta armada”. Uma declaração infeliz que abriu definitivamente o fosso entre a esquerda reformista e a revolucionária, apresentando a proposta do “Compromisso Histórico” como um acordo de cúpula com a Democracia Cristã para restabelecer a ordem social nas fábricas e no mundo estudantil.

Os grandes atentados

A ameaça de recomposição da ordem social com o “Compromisso Histórico” do PCI e o endurecimento do conflito de baixa intensidade por parte da polícia e dos carabinieri levaram as “Brigadas Vermelhas” a adiantar a fase do “ataque no coração do Estado”, ou seja, o início de uma guerrilha urbana mais violenta em quase todo o território italiano, atacando os principais representantes do Estado. Assim, as vítimas mais ilustres foram: o primeiro-ministro democrata-cristão, Aldo Moro; o Procurador-geral da Justiça de Génova, Antonio Coco; os juízes Girolamo Minervini e Guido Galli; o director da Alfa Romeo, Manfredo Mazzanti; os generais dos carabinieri, Antonio Varisco e Enrico Galvaligi; o editor do “Corriere della Sera”, Walter Tobagi; o vice-chefe da Digos (Antiterrorismo) Alfredo Albanese; o senador da DC, Roberto Ruffilli; o general da Aeronautics, Licio Giorgeri; o chefe da polícia de Nápoles, Antonio Ammaturo; e o diplomata norte-americano Leamon Ray Hunt, entre outros. Com o sequestro do primeiro-ministro Aldo Moro, as “Brigadas Vermelhas” conseguiram inviabilizar o “Compromisso Histórico”, mas não lograram libertar os 16 prisioneiros políticos mantidos na prisão especial na ilha de L’Asinara.

Os 45 dias do sequestro de Aldo Moro – durante os quais foram utilizados mais de 300 mil homens, inclusive unidades do exército – marcaram uma radical mudança no cenário político italiano e, sobretudo, na definição da luta de anti-guerrilha que começou a ser coordenada pelo general dos carabinieri Carlo Alberto Dalla Chiesa e pelo juiz Domenico Sica, radicalizando o conflito ainda mais em todo o território nacional. Em função disso, a maioria dos grupos clandestinos foi derrotada.

As “Brigadas Vermelhas” conseguiram sobreviver, promovendo uma descentralização da organização, em que as brigadas metropolitanas e as colunas começaram a actuar

desligando-se da direcção estratégica. Um fenómeno que reforçou a linha “militarista” e a construção de um “Partido Comunista Combatente”. Nesta fase, a violência atingiu níveis altíssimos, com baixas frequentes de ambas as partes. Também é nesses anos que se registou uma nova e ultima safra de “guerrilheiros”, extremamente jovens, sem uma adequada formação política e, portanto, particularmente violentos. Entretanto, a vitória militar do Estado começou a definir-se quando o general Dalla Chiesa e o juiz Sica puderam contar com a “Lei do Arrependimento”, pela qual a denúncia e a traição eram premiadas com a liberdade, uma nova identidade e até um salário do Ministério do Interior. A seguir, foi aprovada a “Lei da Dissociação”, pela qual quem já havia sido condenado recebia um substancial desconto ao se auto-denunciasse e fizesse uma condenação pública do seu passado de guerrilheiro. Assim, em pouco menos de quatro anos, todos os grupos da luta armada foram desarticulados e, em 1989, o que ainda restava das “Brigadas Vermelhas” publicou um documento anunciando a “retirada estratégica” e o fim da luta armada.” (1)

O filme

Itália. No dia 16 de Março de 1978, quatro elementos de um grupo da extrema-esquerda italiana, conhecido pela designação de BV, raptam o Primeiro-ministro de Itália e Presidente da Democracia Cristã, Aldo Moro. Era um tempo em que as extremas-esquerdas revolucionárias europeias lançavam mão de um terrorismo político que procurava por todos os meios dinamitar as instituições da democracia burguesa, ou representativa, chamando assim a atenção para as suas propostas radicais de uma sociedade que se queria longe do domínio do capital, dominada pela ditadura do proletariado, mas totalmente afastada dos partidos comunistas tradicionais, considerados reformistas e traidores, fazendo o jogo dessa democracia tão odiada. Em Itália, o rapto de Aldo Moro surge mesmo, como já vimos, no momento em que a Democracia Cristã tenta estabelecer uma coligação com o PCI, de Berlingher, e este acto desesperado busca inviabilizar essa aproximação. São quatro os brigadistas que levam a efeito o rapto, Raffaele Flore, Prospero Gallinari, Vincenzo Guagilardo e F. Piccioni.

O filme de Marco Bellochio estrutura-se de uma forma muito austera, reeditando o esquema do “filme de câmara” de outras eras, onde quase toda a acção decorre no interior de um único cenário: aqui o apartamento que os elementos das BV alugam com o propósito deliberado de nele esconder Aldo Moro. “Bom Dia, Noite” principia mesmo por uma sequência aparentemente estranha: um casal de jovens deambulando por uma casa para alugar, enquanto o agente de vendas vai explicando as virtudes do local, e os candidatos ao aluguer parecem mais interessados noutros pormenores do que na antevista lua-de-mel romântica. Nada é explicado directamente ao espectador que lentamente vai ligando por si as pontas da teia de acontecimentos acumulados. Quando, porém, se vêem pela televisão algumas sequências da reportagem que dá conta do rapto de Aldo Moro, não se estranha que o enorme baú que entra nessa casa contenha o político amordaçado. Mas o realizador introduz sempre notas que provocam algum suspense e instalam a angústia, como o bebé que é deixado pela vizinha no colo de Chiara, num momento de particular tensão, ou o pássaro preso numa gaiola, ou o gato que ronda o pequeno quintal. Sinais...

Depois são dias de uma normalidade pesada, grave, as refeições, as conversas, as cartas que se escrevem, os gestos que se espiam, o comportamento de Aldo Moro que tudo tenta para ser libertado, inclusive através de uma carta dirigida ao Papa. Os raptos atentos ao mais pequeno sinal de perigo, ao ruído inesperado, ao toque de campainha, olhando a televisão, lendo os jornais do dia, revezando-se à porta da improvisada cela. Os gestos, os olhares, a inquietação, a perturbação moral que se nota sobretudo em Chiara, que cada vez parece mais afastada dos propósitos iniciais, e mais perto de uma solução diferente para o caso Aldo Moro. Mas os outros brigadistas não hesitam, comportam-se com uma frieza que não vacila, são os portadores de uma verdade própria que nunca colocam em causa, são os sacerdotes irredutíveis de uma nova religião de terror, ao serviço de uma moral social que não admite discussão ou dúvidas. Assim será até ao fim. Um final a que Bellocchio confere uma ambiguidade estranha. Aldo Moro parece furta-se ao destino que todos conhecemos de antemão, atravessa as ruas da cidade como se tivesse finalmente regressado à liberdade, enquanto na televisão as imagens do seu histórico enterro agrupam todos aqueles que muitos consideram igualmente covéis do seu fim. Há muitos que consideram o assassinato de Aldo Moro uma dádiva do céu para as autoridades poderem finalmente desencadear a violenta carga justiceira nos grupos extremistas. Outros apontam o atentado como a causa primeira para o falhanço do “Compromisso Histórico” que tantos temiam. Outros ainda olham com alívio o afastamento da política de uma personalidade com o estatuto moral de Aldo Moro. Por todos estes pressupostos e suposições, o enterro de Aldo Moro adquire uma ressonância invulgar. Bellocchio sabe-o bem e trata-o de forma a extrair dele essa ambiência trágica e esse clima de clique reunida em torno de uma hipocrisia política manifesta. Mas também para com as BV Bellocchio não é isento de um olhar crítico e distanciado. A culpa marca aqueles rostos inexpressivos e desapiedados. Não é só o terrorismo das BV que está presente neste filme nocturno e dilacerado pelo remorso. São todos os terrorismos, de Estado e contra o Estado, que o filme condena pelo olhar de Chiara, aquela que substitui no filme Anna Laura Braghetti, a autora do romance donde a película parte, e ela também brigadista.

A arte de Marco Bellocchio, que pelos anos 60 terá andado muito perto de grupos extremistas como os que aqui retrata, em filmes como “I Pugni in Tasca” (1965), “La Colpa e la Pena” (1965), “La Cina è Vicina” (1967), “Amore e Rabbia” (1969) (episódio “Discussiamo, discutiamo”), “Nel Nome del Padre” (1972), “Sbatti il Mostro in Prima Pagina” (1972) ou “Marcia Trionfale” (1976), atinge em “Buongiorno, Notte” uma tal depuração de tratamento, uma secura de olhar (todavia emocionado e emocionante), uma mestria total na condução dos actores (brilhantes!), uma inspirada relação imagem-banda sonora de cunho operática (como sempre neste autor), que transformam esta obra quase irrespirável num belíssimo momento de cinema e num discreto, e secreto, ajuste de contas com o passado.

Lauro António, in Revista História

Outras Terras,
Outras Gentes

Um Longo Domingo de Noivado

Um Long Dimanche de Fiançailles



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Jean-Pierre Jeunet (França, EUA, 2004); **Argumento:** Jean-Pierre Jeunet, Guillaume Laurant, segundo romance de Sébastien Japrisot; **Música:** Angelo Badalamenti, Camille Saint-Saëns ("Danse Macabre"), Giuseppe Verdi (ária "Pace, pace, mio Dio!" da ópera "La Forza del Destino"); **Fotografia (cor):** Bruno Delbonnel; **Montagem:** Hervé Schneid; **Casting:** Pierre-Jacques Bénichou, Marie-Sylvie Caillierez, Valérie Espagne; **Design de produção:** Aline Bonetto; **Decoração:** Véronique Melery; **Guarda-roupa:** Catherine Boisgontier, Madeline Fontaine; **Maquilhagem:** Jean-Charles Bachelier, Christophe Chabenet, Sylvie Ferry, Dominique Galichet, Marie-Pierre Hattabi, Sébastien Imart, Pierre-Paul Jayne, Frédéric Lainé, Franck Mendoche, Pascal Molina, Annabelle Petit, Jean-Christophe Roger, Nathalie Tissier; **Direção de produção:** Laurent Chiomento, Jean-Marc Deschamps, Eric Duchêne, Alain Mougouet; **Assistentes de realização:** Mathey-Dreyfus Arnaud, Matthieu De La Mortiere, Cécile Denis, Guilain Depardieu, Arnaud Esterez, Julien Lecat, Thierry Mauvoisin, Pascal Roy; **Departamento de arte:** François Borgeaud, Luc Desportes; **Som:** Vincent Arnardi, Marilena Cavola, Sophie Chiabaut, Gérard Hardy, Laurent Kossayan, Greg Loskorn, Adam Michalak, Dennis S. Sands, Jean Umansky, Alexandre Widmer; **Efeitos especiais:** Jean-Baptiste Bonetto, Yves Domenjoud, Denis Gastou, Olivier Gleyze, Jean-Christophe Spadaccini; **Efeitos Visuais:** Christophe Belena, Alain Carsoux, Séverine De Wever, Abdel Ali Kassou, Aurelie Lajoux, Cecile Peltier, George Tormero, Daniel Trujillo, Edouard Valton, Jean-Marie Vives; **Produção:** Francis Boespflug, Bill Gerber, Jean-Louis Monthieux.

Intérpretes: Audrey Tautou (Mathilde), Gaspard Ulliel (Manech), Jean-Pierre Becker (Tenente Esperanza), Dominique Bettenfeld (Ange Bassignano), Clovis Cornillac (Benoît Notre-Dame), Marion Cotillard (Tina Lombardi), Jean-Pierre Darroussin (Benjamin Gordes), Julie Depardieu (Véronique Passavant), Jean-Claude Dreyfus (Comandante Lavrouye), Jodie Foster, André Dussollier (Rouvières), Tchéky Karyo (Capitão Favourier), Jérôme Kircher (Bastoche), Denis Lavant (Six-Soux), Chantal Nieuwirth (Bénédictine), Dominique Pinon (Sylvain), Jean-Paul Rouve (carteiro), Michel Vuillermoz (L'il Louis), Thierry Gibault (Tenente Estrangin), Ticky Holgado, Myriam Roustan, Gilles Masson, Sandrine Rigault, Michel Chalméau, Marc Faure, Rodolphe Pauly, Xavier Malý, Till Bahlmann, Tony Gaultier, Louis-Marie Audubert, Jean-Gilles Barbier, Elina Löwensohn, Marc Robert, Pierre Heitz, Philippe Maymat, Eric Debrosse, Michel Gondoin, Pido, Philippe Beautier, Gérald Weingand, Luc Sonzogni, Xavier Bertioz, Frankie Pain, Marcel Philippot, Pascale Lievyn, Jean-Claude Lecoq, Rufus, Esther Sironneau, Stéphanie Gesnel, Frédérique Bel, Alexandre Caumartin, Eric Defosse, Gaspar Claus Foster, Bouli Lanners, Philippe Duquesne, Solène Le Pechon, Virgil Leclaire, Maud Rayet, Stéphane Butet, François Levantal, Arnaud Klein, Christian Pereira, Michel Robin, Florence Thomassin (narrador), Mathey-Dreyfus Arnaud, Xavier Bonastre, Marie-Thé Colmagne, Arnaud Marciszewer, etc.

Duração: 134 minutos; **Distribuição em Portugal:** Columbia Filmes; **Classificação etária:** M/ 16 anos.

Mathilde, a obstinada heroína de "Um Longo Domingo de Noivado", nasceu com o século XX. Não por acaso certamente. Por alguma razão os autores assim o quiseram. Em 1919 tem 19 anos. Dois anos antes, Manech Langonnet, seu noivo, partira para a guerra. Em 1919, a I Guerra Mundial já tinha mais de três anos de idade e milhares e milhares de mortos no activo. Um dia, Mathilde recebe a notícia de que Manech havia sido fuzilado, juntamente com outros quatro condenados à morte por cobardia: todos se haviam voluntariamente mutilado numa das mãos para assim se furtarem à permanência na linha da frente, nessas trincheiras da morte. Os feridos regressavam a casa, e cada um por sua razão, procurava abandonar a frente. Estes, porém, não iriam regressar. Assim pensavam todos com excepção de Mathilde que desde sempre acreditou que o namorado havia de

voltar, e que estaria vivo algures. O romance de Sebastian Japriscot e o filme de Jean-Pierre Jeunet mesclam o melodrama sentimental de alguém que acredita na permanência de um amor, que todos julgam já impossível, com a reconstrução histórica de um tempo de trágico pesadelo mundial, colectivo e individual, tudo isto envolto numa trama que relembra a investigação policial em busca de alguém que se julga perdido, que outro, contudo, premonitoriamente “sente” ou “sabe” vivo, e que consegue consigo arrastar o leitor ou o espectador, embalados nessa convicção, profunda e irracional.

Sébastien Japrisot (pseudónimo, em forma de anagrama, de Jean-Baptiste Rossi) é um conhecido romancista francês (nascido a 4 de Julho de 1931, em Marselha, falecido a 4 de Março de 2003, no hospital de Vichy) que desenvolveu uma carreira muito ligada ao cinema, com vários dos seus romances adaptados por cineastas que deram quase sempre boa conta do recado, e tendo colaborado também na adaptação ao cinema de obras de outros autores. Como escritor o seu trabalho no cinema começa com «La Machine à Parler d'Amour» (1961), realizado por si, com a assinatura de Jean-Baptiste Rossi, e prossegue depois com «Compartiment Tueurs», de Costa Gravas (1965), «Piège pour Cendrillon», de André Cayatte (1965), «Adieu l'Ami», de Jean Herman (1968), «Le Passager de la Pluie», de René Clément (1969), “The Lady in the Car with Glasses and a Gun”, de Anatole Litvak (1970), «La Course du Lièvre à Travers les Champs», de René Clément (1972), «Histoire d'O», de Just Jaeckin (1975), «L' Été Meurtrier», de Jean Becker (1983), «Juillet en Septembre», de Sebastian Japrisot (1988), «Daam autos» ou «Dame dans l'Auto avec des Lunettes et un Fusil», de Peter Urbla (1992)), «Les Enfants du Marais», de Jean Becker (1999), «Un Crime au Paradis», de Jean Becker (2001) até chegar a este «Un Long Dimanche de Fiançailles» (2004). Como realizador ainda assinou «L' Idée Fixe» (1961) e «Les Mal Partis» (1976) (como Jean-Baptiste Rossi).

Antes de chegar a este filme, Jean-Pierre Jeunet, com apenas quatro longas-metragens no activo, todas elas grandes sucessos de público e algumas mesmo êxitos de crítica, primeiro com a colaboração de Marc Caro, depois sozinho, criou uma reputação e uma imagem de marca que faz dele um dos autores contemporâneos mais conhecidos e consagrados da Europa, e mesmo do mundo.

O fenómeno “Amélie” explodiu com fragor, mas a verdade é que filmes como “Delicassen”, “A Cidade das Crianças Perdidas” ou mesmo “Alien, o Regresso”, até agora a sua única incursão por estúdios norte americanos, revelavam não apenas um técnico competente e habilidoso, mas acima de tudo um autor, com ideias e processos próprios, extremamente pessoais, muito embora se possa e deva falar de tantas e tantas influências que ficam expressas no seu trabalho. Mas uma coisa é recolher influências, assimila-las e construir o seu próprio percurso, outra muito diferente é macaquear “à maneira de...”, o que não foi até agora o caso de Jeunet.

Mas Jean-Pierre Jeunet não é um autor que crie unanimidades. Há filmes seus, como “Amélie”, que provocaram azia nalguns críticos mais fechados a influências externas, que o acusam de ser um cineasta da facilidade e do vídeo clip, da publicidade e da imagem delambida. Não o sentimos assim, julgo que “Amélie” era, pelo contrário, um filme extremamente curioso, abrindo caminhos a novas estéticas, incorporando elementos de origem diversificada, mas criando uma magia muito própria e indesmentível.

Com “Um Longo Domingo de Noivado” Jeunet cria um grande espectáculo de características populares, profundamente francês nas suas raízes (relembrando, aqui e ali, o realismo poético de um Carné-Prevért), que conquista audiências, apela à emoção, provoca a ternura, o riso e o pesar, sem ofender a sensibilidade do espectador, romanesco na sua desenvoltura narrativa, mágico nas cores que re-inventa. Com este processo muito pessoal de entender e criar o seu cinema, Jeunet assume-se como um autor de corpo inteiro, com obsessões temáticas e formas muito características de as expressar. “Un Long Dimanche de Fiançailles” cruza-se formalmente com alguns aspectos oriundos de “Amélie” e outros vindos de um certo tom surrealista de “Delicatessen” ou de “A Cidade das Crianças Perdidas”, mas, nunca renunciando a uma filiação definida, procura outros rumos.

Se a personagem de Mathilde relembra obviamente Amélie, não é menos verdade que se autonomiza; se certos aspectos da história, sobretudo a teimosa crença em encontrar o noivo com vida, prolongam algumas características da personagem do filme anterior, a verdade é que a visão da guerra e dos seus horrores introduz um contexto novo, mais próximo do pesadelo de “Alien, o Regresso”. Mas há sempre uma imagem de inocência que se confronta com a violência e o absurdo desse universo de pesadelo. Mathilde acredita que o noivo vai regressar com vida, porque, quando ele parte, ela expressa uma vontade íntima: “Se conseguir chegar aquela curva da estrada antes do carro passar, Manech regressará vivo da guerra.” Uma crença de uma desconcertante ingenuidade que todavia mantém a sua fé bem alta, apesar de todas as desilusões. Ao contrário do romance, onde Mathilde se desloca em cadeira de rodas, no filme ela apenas coxeia vítima de poliomielite. Nem essa contrariedade a faz desistir do seu percurso, de contratar advogados e investigadores, de viajar de terra em terra, de escrever, telefonar, de desviar documentos, de aceitar encontros misteriosos. Um percurso idêntico, ainda que de intenções opostas, ao da prostituta que procura também ela saber quem está na base da morte do seu prometido. De um lado, a esperança que se mobiliza para a procura da vida, do outro o desespero que leva à execução feroz de uma vingança.

Excelente é o retrato dado do campo de guerra, dessa terra de ninguém onde se morre sem se saber por quê. As cores, as formas, os movimentos. Os longos travellings através das trincheiras, quando os cinco presos são conduzidos ao fuzilamento, acusados de cobardia, são um bom momento de cinema apaixonado e emocionante, cruzando olhares e expressões de terror e piedade, de inquietação e de raiva.

Audrey Tautou é notável, como já o fora em “Amélie”, oscilando entre a ingenuidade e a doçura, entre a teimosia e a inquebrantável força de vontade. Aos actores habituais de Jeunet, como Dominique Pinon, Tchéky Karyo ou Jean Claude-Dreyfus, junta-se uma curta mas intensa participação de Jodie Foster. Bons actores, excelente fotografia, uma direcção artística cuidada, uma produção esmerada. “Um Longo Domingo de Noivado” contou com um orçamento de 50 milhões de euros e criou larga polémica em diversos sectores da produção cinematográfica francesa, por ser um filme assumidamente francês, produzido pela filial francesa da Warner, uma produtora norte americana.

Lauro Antônio, in Revista História



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Walter Salles (EUA, Brasil, Alemanha, Inglaterra, Argentina, Chile, Peru, 2004); Argumento: Jose Rivera, segundo obars de Ché Guevara (“Notas de viaje”) e Alberto Granado (“Con el Che por America Latina”); Música: Gustavo Santaolalla, Jorge Drexler (canção “Al otro lado del río”); Fotografia (cor): Eric Gautier; Montagem: Daniel Rezende; Casting: Walter Rippell; Design de produção: Carlos Conti, Graciela Oderigo; Direção artística: Laurent Ott; Guarda-roupa: Beatriz De Benedetto, Marisa Urruti; Maquiagem: Marisa Amenta, Laura Borselli, Jean-Jacques Puchu, Juan A. Redondo, Juan Angel Redondo, Luigi Rocchetti, Juan Pedro Rodriguez Valiente; Direção de produção: Raúl Campos, Peter McAleese, Marcelo Torres; Assistentes de realização: Federico Berón, Márcia Faria, Claudio Leiva, Samuel León, Claudio Reiter, Sara Rossi, Julia Solomonoff; Departamento de arte: Martín Libert; Som: Jean-Claude Brisson, Frank Gaeta, Patrick Giraudi; Produção: Daniel Burman, Diego Dubcovsky, Michael Nozik, Robert Redford, Edgard Tenenbaum, Karen Tenkhoff, Paul Webster, Rebecca Yeldham.

Intérpretes: Gael García Bernal (Ernesto Guevara de la Serna), Rodrigo De la Serna (Alberto Granado), Mía Maestro (Chichina Ferreira), Mercedes Morán (Celia de la Serna), Jean Pierre Noher (Ernesto Guevara Lynch), Lucas Oro (Roberto Guevara), Marina Glezer (Celia Guevara), Sofia Bertolotto (Ana María Guevara), Ricardo Díaz Mourelle (Tio Jorge), Diego Giorzi, Facundo Espinosa, Susana Lanteri, Fernando Llosa, Marta Lubos, Natalia Lobo, Carlos Rivkin, Elvio Suarez, Jackelyne Vásquez, Pablo Villarazza, Liliana Kolinsky, Brandon Cruz, Vilma M. Verdejo, Oscar Alegre, Guillermo Ojeda, Nicolas Watson, Matías Strafe, Ariel Prieto, Valeria Echeverría, Dana Frijoli, Bárbara Lombardo, Maida Andrenacci, Gustavo Mansilla, Ariel Verdun, Diego Treu, Matias Gomez, Daniel Cargieman, Sergio Boris, Gustavo Morales, Cristián Chaparro, Cristian Arancibia, Gabriela Aguilera, Juan Maliqueo, Samuel Cifuentes, Constanza B. Majluf, Evelyn Ibarra, Igor Calvo, Victor Hugo Ogaz, Maximiliano Toledo, César López, Pablo Macaya, Rosa Curihuentro, Antonella Costa, Ulises Dumont, Alberto Granado, Gustavo Pastorini, etc.

Duração: 128 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Classificação etária: M/12 anos;

O grande filme brasileiro deste início de temporada é “Diários de Motocicleta”, do nosso bem conhecido Walter Salles (o mesmo de “Central do Brasil” e de “Abril Despedaçado”), um “road movie” de certa forma inesperado, acompanhando uma longa viagem pela América Latina, levada a cabo por Ernesto Guevara de la Serna e o seu amigo Alberto Granado, entre 1951 e 1952.

Guevara é mais conhecido por Che e apesar de andar estampado nas t-shirts de milhares de jovens (e menos jovens!) por todo o mundo, se calhar não é tão conhecido como pode parecer. Foi ícone de várias gerações, continua a funcionar como imagem de marca de revolta e inquietação, mas quem sabe realmente quem foi aquele que viveu e morreu na América Latina, ao lado dos descamisados e humilhados de todo o mundo? Aquele que um dia disse que era preciso criar “vários Vietnams” para derrubar a opressão capitalista e colonialista?

O filme de Walter Salles tem desde logo a virtude de recolocar o rosto e a mensagem

em circulação. Baseado num “diário de viagem” do próprio Che (no Brasil editado com o título “De moto pela América do Sul”) e num outro registo de Alberto Granado (“Con el Che por America Latina”), “Diários de Motocicleta” acompanha a saída dos dois de Buenos Aires, na Argentina, país natal de Che, até a sua chegada a Caracas, na Venezuela, num périplo que passou pelo Chile, o Peru e a Colômbia, e permitiu aos dois jovens um conhecimento mais íntimo com a realidade social latino-americana. Ao reestruturar e limar as notas recolhidas durante a viagem, tempos depois desta terminada, Ernesto Guevara escreveu: “A pessoa que está agora a reorganizar e polir estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que antes era. Este vagar sem rumo pelo caminho da nossa Maiúscula América transformou-me mais do que eu dei conta...” O filme de Walter Salles tem o mérito de nos dar esta tomada de consciência, esta viagem iniciática, de forma discreta mas perceptível. O Che que parte de Buenos Aires não anda longe do Che que irá voltar, mas enquanto de início o que se pressente é inquietação e espírito de aventura, o que se descobre no regresso é revolta e vontade de intervir num mundo de desigualdade e opressão. Estudante do terceiro ano de medicina por essa altura e amigo inseparável de Alberto Granado, então biotécnico especializado em lepra (descontente por ter desistido do seu emprego na colônia de leprosos em São Francisco del Chanar), Che estava já iluminado pela áurea romântica do herói. Mas a sua viagem inicia-se pela muito prosaica visita a uma namorada, Chichina; vivendo numa abastada quinta, passando rapidamente para a aspereza da estrada de terra batida onde se esfolam as pernas e a velha “La Poderosa”, a motorizada de serviço, vai conhecendo humilhações constantes.

Como em todos os “road movies”, também aqui estes vagabundos do asfalto se vão cruzando com pessoas anónimas, e com elas vão trocando experiências e colhendo uma visão do mundo muito mais global. É o que acontece por aqui, pelos caminhos tortuosos de uma América Latina “profunda”, subjugada pelas montanhas dos Andes, pela torrente majestosa dos rios, pelas florestas impenetráveis, pelos “pueblos” miseráveis, pela exploração desenfreada, pela dor e o infortúnio.

Um dos momentos chave desta peregrinação é o encontro com um casal de operários que viajam à procura de emprego. O desespero e a mágoa, a humilhação nos pontos de recrutamento selvagem que se encontram pelo caminho, levam Guevara e Granados a repensar a sua própria jornada. A tentarem intervir daí para a frente. O que os levará até à leprosaria de San Pablo, bem no interior da Amazônia peruana, onde descobrem rituais de segregação inspirados em preconceitos sociais e religiosos: o rio divide o acampamento dos leprosos do do corpo de assistência (médicos, enfermeiros, religiosas...), só os doentes que vão à missa têm direito à alimentação, etc. Guevara e Granados introduzem um corte neste comportamento, distribuem apertos de mão e afecto por quem deles mais necessita, e uma travessia nocturna do rio marca a viragem derradeira do filme e da personalidade de Guevara. Entre as duas margens do rio, Guevara opta. Nasceria o Che.

Com uma belíssima fotografia, uma narrativa que vai lentamente criando densidade e aprofundando conflitos, “Diários de Motocicleta” marca mais uma etapa importante na



Outras Terras,
Outras Gentes

carreira de Walter Salles, contribuindo para o reforço do seu prestígio internacional (o filme teve como co-produtor Robert Redford), e para o reconhecimento do novo cinema brasileiro que nasce na década de 90, depois do obscurantismo da época Collor de Mello, que tinha assassinado e enterrado aquela cinematografia.

Uma referência ainda ao excelente trabalho, comedido e rigoroso, dos protagonistas: Gael García Bernal, que já surpreendera em “O Crime do Padre Amaro”, e confirma todo o seu talento em “Mã Educação”, de Pedro Almodóvar, dá aqui muito boas indicações, e revela a agilidade em acompanhar registos diferentes. Rodrigo de La Serna, primo afastado de Che, dá réplica condigna a Gael.

Uma obra extremamente interessante.

Lauro António, in *Jornal de Letras*

Terra de Abundância

Land of Plenty ou Angst and Alienation in America



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Wim Wenders (EUA, Alemanha, 2004); **Argumento:** Scott Derrickson, Michael Meredith, Wim Wenders; **Música:** Nackt, Thom; **Fotografia (cor):** Franz Lustig; **Montagem:** Moritz Laube; **Casting:** Ellen Lewis, Victoria Thomas; **Design de produção:** Nathan Amondson; **Direcção artística:** William Budge, Nicole Lobart; **Decoração:** Dominique Navarro, Lia Roldan; **Guarda-roupa:** Alexis Scott; **Direcção de produção:** Emily Gardiner, Shaun McNally, Samson Mucke; **Assistentes de realização:** Josef Lieck, Edward McGurn; **Departamento de arte:** Chris Kitisakkul, Lia Roldan, Anna Skarbek, Svenja Sunny Willebrand; **Som:** Michael Baird, Jeremy Balko, Mark Andrew Clark, Scott Hinkley, Claude Letessier, Barry London, Matthew Nicolay; **Efeitos Especiais:** Brent Anderson, Ian Eyre; **Produção:** Jake Abraham, Caroline Kaplan, In-Ah Lee, Samson Mucke, Peter Schwartzkopf, Jonathan Sehring, John Sloss, Mandy Tagger, Gary Winick.

Intérpretes: Michelle Williams (Lana), John Diehl (Paul), Shaun Toub (Hassan), Wendell Pierce (Henry), Richard Edson (Jimmy), Burt Young (Sherman), Jeris Poindexter (Charles), Rhonda Stubbins White (Dee Dee), Bernard White (Youssef), Yuri Elvin, Jeff Parise, Warren Stearns, Gloria Stuart, Golan Ramras, etc.

Duração: 123 min; **Distribuição em Portugal:** LNK; **Classificação etária:** M/12anos.

Eis um daqueles filmes marcados pela urgência e pela assunção ética. Wenders estava a braços com outro projecto quando se lhe impôs este requiem ao sonho americano. O primeiro borrão foi desenvolvido em duas semanas, o guião escrito em três (por Michael Meredith, que havia impressionado o cineasta alemão com uma transposição de histórias de Tchekhov para a América contemporânea, “Three Days of Rain”) e o filme foi rodado em 16 dias, em câmara DV. Desfrutado, o resultado é impressionante e talvez seja a melhor colheita de Wenders na última década. Talvez porque o filme leva Wenders a interrogar o regime e a desrealização das/pelas imagens e o seu papel na queda dos mitos, nomeadamente nesse mito fundador do século XX que constituiu o “american way of life”. Escreveu Auden, em “Shorts”: “os americanos são como as omoletas/ não há nada de melhor/ quando é conseguido”. É o que separa Lana/Michelle Williams (a boa omoleta), uma jovem cristã que depois de anos em África e no Médio Oriente regressa aos EUA para entrar numa missão católica que presta auxílio aos sem-abrigo, do seu tio Paul/John Diehl (a omoleta estragada), um veterano do Vietname, patriota fervoroso, a quem o 11 de Setembro reavivou fantasmas e que patrulha as ruas da cidade numa carrinha equipada com microfones e câmaras e faz incidir o seu olhar de paranóico sobre a cidade, desrealizando-a em dobras ou imagens sobrepostas, que interpreta num delírio conspirativo.

Wenders contrapõe os dois pontos de vista. Mesmo organicamente. Sempre que acompanhamos o olhar límpido de Lana os planos são abertos, largos, têm uma atenção fraterna às pessoas e à urbe em cujo caldo aquelas se movem. Quando passamos ao olhar de Paul os planos cerram-se, tendem a estratificar a imagem, escrutadores, analíticos; o que se olha não se vê, é dissecado a um nível de abstracção que permite a justaposição de todas as hipóteses, na mesma proporção com que veda as evidências. Paul não vê na morte de um sem-abrigo um irónico golpe do destino - o paquistânês aterrara nos States à cata do sonho americano - mas antes o sinal da sua pertença a uma organização que conspira - precisamente, contra o sonho americano, expondo-lhe a sua material ilusão. De igual modo, Paul não vê a miséria que enxameia nas vielas da metrópole com a mais bem sucedida “indústria de imagens” do globo, e até nesses “mortos-vivos” entrevê inimigos, outras imagens e sonhos em insubordinação, pois numa terra de abundância, pensa, há o direito de sonhar outras coisas? Em Lana encontramos a hospitalidade de quem vê ainda em cada pessoa uma “carne” diferenciada, uma identidade, Paul, pelo contrário, vive para o regime das imagens e soçobra à acumulação dos simulacros.

Paul é a ilustração de uma América doente, paranóica, autofágica, que já não acolhe e perdeu a inocência. De que inocência falamos? Da que Stephen Spender, um dos grandes poetas britânicos de entre-guerras registou no seu diário, nos anos do após-guerra, depois de uma visita ao seu amigo Auden, radicado na América:

“A América: um país totalmente diferente dos outros à custa de permanecer na mesma (igual a si própria). Ali a existência encontra-se reduzida a um denominador comum. Não existe a mínima réstia de mistério. Os outros povos têm todos qualquer coisa em comum, que é o sentido do mistério. Os europeus, os latino-americanos, os asiáticos, os africanos sabem que a religião, o sexo, a poesia são coisas que não se explicam. Nos Estados Unidos não só tudo é explicado, como também se tem a sensação que a explicação é a única coisa que existe. Se analisarmos o modo de vida americano, na sua essência mais profunda, chegamos a uma explicação ou a um facto. É o que encontramos no conceito de “american way of life” - fundamental para os americanos. Dissequemos um qualquer cérebro americano que encontraremos um conceito transparente, fino, inodoro. Por vezes penso que esta maneira analítica de olhar ou de “explicar” é aplicável também à sua forma de considerar todas as coisas, inclusive a natureza. Ao atravessarmos o país, até mesmo as árvores vos dirão que são americanas. Alguns animais emitem odores execráveis, mas até este problema está resolvido, bastando para isso fazê-los tomar comprimidos desodorizantes.

O saber americano está repleto da ideia de que existe sempre uma “explicação” que é a realidade última. Um símbolo simboliza qualquer coisa, que é uma outra coisa, mas a um dado momento esta regressão termina e é aí que se encontra a “verdade”. Nada poderia existir simplesmente, sem ser pela explicação (...) para eles, não há mistério e apenas os labirintos conceptuais os excitam”. (Traduzido da versão francesa.)

Arrepiava ler este excerto e pensar que no afã de décadas a silenciar “o mistério” (o “mistério do outro”, por exemplo) os americanos (como Paul) começam a ser

devorados pelas próprias sombras. Felizmente que Wenders não é maniqueísta e que nos deixa um sinal de esperança no rosto solar de Lana, na beleza da sua incessante partilha.

António Cabrita, in Expresso

É um filme político de alguém que nunca quis ter muito que ver com política, feito em “estado de urgência”, com câmara DV e personagens improvisadas. A trabalhar sem rede, Wenders filmou uma América pós-11 de Setembro e terceiro-mundista que não se costuma ver nos filmes, que incomoda o poder - e que existe. Partindo de dois estereótipos que se cruzam e reencontram em duas verdadeiras personagens, humanas (um tio e uma sobrinha em lados opostos da barricada), Wenders responde com a tolerância a esta guerra surda, que parece tomar conta da vida e das coisas como uma entidade alienígena.

F.F., in Expresso

WIM WENDERS FALA DE “TERRA DA ABUNDÂNCIA”

Wim Wenders surpreende-nos pela positiva com “Terra da Abundância”, um filme essencial que coloca o dedo na ferida causada na América pelo 11 de Setembro. Lana, uma jovem americana de 20 anos e de convicções cristãs (entra numa missão de auxílio aos sem-abrigo), chega a Los Angeles e vai ao encontro de Paul, um tio que desconhece, ex-combatente no Vietname, e que vive em paranóia aguda desde os ataques ao World Trade Center.

- *“Terra da Abundância” é um filme cheio de vitalidade, parece ter sido feito de um só fôlego...*

- É verdade. A rotação foi tão rápida que não podíamos pensar duas vezes. O filme foi feito com uma grande urgência, por toda a realidade que está em redor da história, e graças ao esforço de uma equipa muito jovem. De certa forma inventámos uma maneira de fazer cinema nova para mim, com uma raiva que parecia organizar tudo. Enfim, acho que “Terra da Abundância” não é um filme “raivoso”, mas as razões para fazê-lo partiram da raiva, da frustração que vem da actual situação política no mundo. Quero continuar a viver nos EUA, mas, para isso, senti-me obrigado, a expressar a minha opinião.

- *Acha que o filme tenta reconciliar uma América dividida?*

- Sim, de uma certa maneira. Dou-lhe um exemplo, o meu dentista é um republicano conservador, apoia Bush, e sei que ele, tal como Paul, a personagem central do filme, tem as melhores intenções. O que quis tentar mostrar pela personagem de Paul é que essas intenções estão a isolar a América. Poucos americanos têm hoje uma ideia clara de como a América é vista pelo mundo.

- *Que espécie de ideia têm?*

- A presença dos EUA na Guerra no Iraque representa para muitos americanos exactamente o mesmo que o país representou na II Guerra Mundial. Ou seja, uma América a levar a paz, a liberdade e a democracia ao mundo, continuando a mesma “missão”. O meu objectivo foi tentar que eles admitissem que estavam enganados,

que estão a fazer exactamente o contrário. Há hoje um problema muito grave de comunicação nos EUA, por isso inventei aquelas duas personagens, um tio e uma sobrinha que, apesar de não se conhecerem, vão conseguir aprender a comunicar entre si. Mesmo se, no início, eles partem de lados diferentes da barricada desta guerra psicológica, deste “sentimento subterrâneo” que toca na individualidade de cada um.

- *De que modo foi para si importante mostrar os dois pontos de vista?*

- A primeira personagem que tive na cabeça foi Lana, que chega a Los Angeles depois de uma longa estada na Palestina, onde a guerra é uma realidade tão quotidiana e banal como ir ao bar da esquina. Na construção da história percebi que o diálogo não estava a acontecer - era precisamente isso que o filme queria evitar - , e decidi inventar Paul, esta espécie de patriota à beira da paranóia. Coloquemos as coisas deste modo: se admitirmos que Lana é a detective, Paul é o objecto da investigação. Só que, quanto mais eu procurava a origem de Paul, mais compaixão sentia por ele.

- *Como é que descobriu a actriz que interpreta Lana, Michelle Williams?*

- Tive muita sorte. Ou melhor, um daqueles azares que vêm por bem. No Verão de 2003 estava a preparar outro filme a partir de uma ideia antiga de Sam Shepard, “Don’t Come Knockin”, mas perdi a parte francesa da co-produção a poucos dias do início da rotação e tudo foi adiado. Foi no “casting” desse filme que encontrei Michelle. Falámos durante horas e acabei por começar a trabalhar com ela numa história sobre este clima de instabilidade que se vive nos EUA. Três semanas depois já estávamos a rodar “Terra da Abundância”, em DV (digital vídeo). John Diehl já o conhecia, entrou num filme meu de 1996, “The End of Violence”, e sabia que ele estaria disponível para um papel como o de Paul, para este método de trabalho sem rede. Mais do que isso: eu sabia que com ele a diferença entre actores e não-actores iria desaparecer. Com estas câmaras DV, temos possibilidades infinitas, filmámos 16 horas por dia.

- Acha que “Terra da Abundância” é o mais próximo que Wim Wenders pode estar do “Manifesto Dogma”, de Lars von Trier?

- Bom, o Lars não o aprovaria, tem luz artificial... E música, não consigo trabalhar sem ela. Mas estas câmaras permitem explorar um outro género de tensão com a realidade, não tanto no sentido dos filmes do “Manifesto Dogma”, mas de certos documentários que hoje se produzem. Podem ser colocadas virtualmente em qualquer sítio - apesar disso ser um perigo -, e sobretudo fazem-nos ganhar tempo. O DV convida-nos ao “close up”, temos tendência a aproximar a câmara dos actores.

- Voltando à questão política: sente-se mais aliviado depois deste filme?

- Bastante. Claro que ainda estou muito furioso, e mais ficarei se a América não mudar em Novembro no dia das eleições. Este filme é uma catarse, e só tive pena de não tê-lo feito mais cedo, logo após o 11 de Setembro.

- *É estranho para si, como alemão, fazer um filme sobre a América?*

- É estranho, mas não é novo, infelizmente. Quando fiz “Paris, Texas”, sabe o que diziam as críticas negativas ao filme nos EUA? “Nós não precisamos que um alemão nos venha mostrar como vivemos”. A Europa está habituada à crítica, a analisar factos

e contradições. A América não tem isso. É uma tragédia que um país tão grande pense tão pouco em si próprio. Se atravessar o Montana, ou o Nevada, verá como as pessoas estão a viver no fim do mundo. Estão horrivelmente isoladas, perdidas, é difícil encontrar alguém mais provinciano e, porém, são cidadãos americanos, pertencem a um país que se define como o centro da Terra.

- *Mas o Wim Wenders continua a viver lá...*

- “I love the place!”

- *O que é que o levou a amar tanto a América? O cinema americano?*

- Sobre tudo os “westerns”!

- *Qual é a diferença entre os seus primeiros filmes sobre a América e “Terra da Abundância”?*

- A paciência. “Paris, Texas”, ou mesmo “O Estado das Coisas”, foram filmes que de certa forma forçaram um olhar exterior, sem disponibilidade para se colocarem num ponto de vista oposto. Estou muito satisfeito por ter conseguido criar uma personagem como Paul, de ter aprendido a gostar dela profundamente e, com esse gesto, de ter sentido simpatia por milhões de americanos que não podiam ter ideias mais afastadas das minhas. Hoje, sei de onde eles vêm. Espero que o meu filme contribua para a história daquele povo, e que prove que nada na América é a preto e branco. É um erro julgar que naquele país só há o “oito ou oitenta”, para isso já bastam as convenções do Partido Republicano, onde as mesmas mentiras continuam a ser ditas em ambiente de euforia. Depois há a questão daquilo a que eu chamo de “fundamentalismo americano”, muito difícil de explicar. Creio que a América caminha cada vez mais para a ideia de que o país é a sua própria religião. É muito difícil compreender isto, um país que tantas vezes, pela sua classe política, apregoa os seus mais nobres princípios cristãos, e onde todos os dias se alarga o fosso entre ricos e pobres. Todos os dias há centenas de americanos que tombam no limite da pobreza extrema - é esta a verdade. É neste país que “Terra da Abundância” mergulha, numa América do Terceiro Mundo.

- *Viu “Fahrenheit 9/11”?*

- Claro que sim. “It is not my cup of tea”, mas agradeço a Michael Moore por tê-lo feito. Não estou seguro que “Fahrenheit 9/11” seja sequer um documentário, acho que é uma nova forma de fazer e filmar, provocadora, mas não estou contra ela, fiquei satisfeito pelo seu êxito.

- *Pode-nos falar da canção de Leonard Cohen, que dá o título ao filme?*

- É uma canção belíssima, poética e visionária. Na montagem pedi a canção ao Leonard e ele teve a gentileza de oferecê-la ao filme. Bom, como lhe disse, o filme foi feito tão depressa que nem tive tempo de pensar no título. Tínhamos um durante a rodagem, que era apenas uma piada: “Angst and Alienation in América”. Como é óbvio, ia causar medo a toda a gente!

Maria Cheia de Graça

Maria Full of Grace ou Maria, llena eres de gracia

143 |
cineco2005



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Joshua Marston (Colômbia, EUA, 2004); **Argumento:** Joshua Marston; **Música:** Leonardo Heiblum, Jacobo Lieberman; **Fotografia (cor):** Jim Denault; **Montagem:** Anne McCabe, Lee Percy; **Casting:** Maria E. Nelson; **Design de produção:** Debbie DeVilla; **Direção artística:** Yann Blanc; **Decoração:** Carrie Stewart; **Guarda-roupa:** Sarah Beers, Lauren Press; **Maquilhagem:** Renee Didio, Dallas Hartnett, Flore Marina Sandoval; **Direção de produção:** Scott Michael Nabat, Jeremy Kipp Walker; **Assistentes de realização:** Jeffrey A. Brown, Mariela Comitini, Diego Falconi, Carrie Fix; **Departamento de arte:** David Murray; **Som:** Marko A. Costanzo, James Flatto, Frank Kern, Unsung Song, Philip Stockton, Steven Visscher, Allan Zaleski; **Efeitos Visuais:** Adam Hawkey; **Produção:** Becky Glupczynski, Rodrigo Guerrero, Gigia Jaramillo, Paul S. Mezey, Jaime Osorio Gómez, Orlando Tobon.

Intérpretes: Catalina Sandino Moreno (María Álvarez), Yenny Paola Vega (Blanca), Virgínia Ariza (Juana), Johanna Andrea Mora (Diana Álvarez), Wilson Guerrero (Juan), John Alex Toro (Franklin), Guiliel Lopez (Lucy Díaz), Patricia Rae (Carla Aristizábal), Orlando Tobon (Don Fernando), Fernando Velasquez (Pablo Aristizábal), Jaime Osorio Gómez (Javier), Mateo Suarez (Baby Pancho), Fabrício Suarez (Baby Pancho), Juana Guarderas, Rodrigo Sánchez Borhorquez, Charles Albert Patino, Evangelina Morales, Victor Macías, Hugo Ferro, Ana Maria Acosta, Ada Vergara De Solano, María Consuelo Pérez, Ed Trucco, Selenis Leyva, Juan Perras Hincapie, Oscar Bejarano, Singkhan Bandit, Patrick Rameau, Monique Curnen, Lourdes Martin, Bobby Plasencia, Lauren Bonett, etc.

Duração: 101 min; **Distribuição em Portugal:** New Age; **Classificação etária:** M/16 anos.

Distinguido pela crítica e pelo público nos festivais de cinema de Berlim, Sundance e Deauville, entre outros, “Maria Cheia de Graça” narra as atribulações de uma rapariga colombiana (María Alvarez/Catalina Sandino Moreno) que abandona a sua terra natal em busca de uma vida melhor e se vê envolvida numa rede de narcotráfico que não hesita em recorrer a jovens raparigas (ou melhor, aos seus intestinos) para fazer chegar a preciosa mercadoria aos Estados Unidos. No entanto, e apesar do relativo “frisson” que suscitou na crítica, este filme de Joshua Marston promete mais do que oferece: o anunciado contraponto entre a via da salvação (religião/grança) e a via da perdição (narcotráfico/desgraça) nunca é convenientemente explorado, e o filme limita-se a parasitar o rosto de Catalina Moreno na esperança de que o seu hipnótico encanto se encarregue de dar à narrativa a profundidade que lhe falta. A descoberta de uma actriz prometedora (que acaba de ser premiada com uma nomeação para o Óscar) num filme que, sendo simpático, não é mais do que isso.

W.B.M., in Expresso

Uma jovem apanhada nas malhas da pobreza torna-se correio de droga entre a Colômbia e os EUA neste filme surpreendente de segura na forma como filma uma forma de calvário. Mas é francamente abusiva a notação eucarística que o título e o cartaz lhe querem justapor. É apenas um sólido filme sobre um caso social que grita - e não grita menos quando a protagonista (a belíssima Catalina Sandino Moreno) decide não voltar para casa.

J.L.R., in Expresso

Mar Adentro

Mar Adentro ou The Sea Inside



Outras Terras,
Outras Gentes

Realização: Alejandro Amenábar (Espanha, França, Itália, 2004); **Argumento:** Alejandro Amenábar, Mateo Gil; **Música:** Alejandro Amenábar; Wolfgang Amadeus Mozart, Giacomo Puccini (“Nessun Dorma” de “Turandot”), Richard Wagner, Ludwig van Beethoven, Luz Casal (canção: “Negra sombra”); **Fotografia (cor):** Javier Aguirresarobe; **Montagem:** Alejandro Amenábar; **Castíng:** Luis San Narciso; **Design de produção:** Benjamín Fernández; **Direcção artística:** Benjamín Fernández; **Decoração:** Emilio Ardua; **Guarda-roupa:** Sonia Grande; **Maquilhagem:** Jo Allen, Mara Collazo, Chris Fitzgerald, Manolo García, Ana López Puigerver; **Direcção de produção:** José Antonio García Tapia; **Assistentes de realização:** Jose Ramon Otegui, Walter Prieto; **Departamento de arte:** Rubén Rivas; **Som:** Juan Ferro, Steinberg; **Efeitos Especiais:** David Campos, Pau Costa, Raúl Romanillos; **Efeitos Visuais:** Eduardo Díaz, Juancho Fernández, Vincent Gilot, Tim Mendler, Matías Nieto, Guillermo Orbe, Thorsten Rienth, El Khadir, Palomo Youssef; **Produção:** Alejandro Amenábar, Fernando Bovaíra, Emiliano Otegui.

Intérpretes: Javier Bardem (Ramón Sampedro), Belén Rueda (Júlia), Lola Dueñas (Rosa), Mabel Rivera (Manuela Sampedro), Celso Bugallo (José Sampedro), Clara Segura (Gene), Joan Dalmou (Joaquín), Alberto Jiménez (Germán), Tamar Novas (Javier Sampedro), Francesc Garrido (Marc), José María Pou (Padre Francisco), Alberto Amarilla (Irmão Andrés), Andrea Occhipinti (Santiago), Federico Pérez Rey (Conductor), Nicolás Fernández Luna (Cristian), Raúl Lavisier (Samuel), Xosé Manuel Oliveira ‘Pico’, César Cambeiro, Xosé Manuel Esperante, Yolanda Muñoz, Adolfo Obregón, José Luis Rodríguez, Julio Jordán, Juan Manuel Vidal, Marta Sarralde, etc.

Duração: 125 min; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos;

Não deixa de ser curioso constatar como, no espaço de poucas semanas, estrearam entre nós duas obras que se debruçam sobre “temas fracturantes”: “Vera Drake” (sobre o aborto) e “Mar Adentro” (sobre a eutanásia). Mas mais curioso ainda será verificar como, partindo ambos da exploração de temas eticamente tão polémicos, estes dois filmes nos confrontam com duas maneiras bem distintas de fazer cinema e de pôr um problema. Efectivamente, baseando-se na história verídica de Ramón Sampedro, um tetraplégico que há alguns anos reivindicou, em Espanha, o direito de morrer com dignidade, este filme de Amenábar pretende ser uma meditação poética sobre as últimas semanas de vida de um agonizante, mas, verdade seja dita, espalha-se ao comprido. Porquê? Porque onde “Vera Drake” mergulha e constrói as suas personagens como pessoas (em profundidade), “Mar Adentro” limita-se a flutuar e a construir as suas personagens como factos (em horizontalidade). Qual é a diferença? A mesma que separa uma obra de arte de uma notícia de jornal.

V.B.M., in Expresso

Ramón Sampedro é tetraplégico há 28 anos, desde que sofreu um acidente de mergulho, e quer pôr fim à própria vida. O drama espanhol “Mar Adentro”, indicado em duas categorias do Oscar, apresenta argumentos contundentes para mostrar por que ele deveria ser autorizado a fazê-lo - e também por que não deveria.

Dirigido por Alejandro Amenabar, cineasta nascido no Chile mas radicado na Espanha, o trabalho concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro e melhor maquiagem, recebendo ainda 15 nomeações para os Goyas, o Oscar do cinema espanhol, e conquistou 14. Recebeu um dos prêmios mais importantes dos EUA, o da Associação Nacional de Críticos, como melhor filme estrangeiro, e, como se não bastasse, levou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Veneza 2004.

O actor Javier Bardem, indicado ao Oscar por “Antes do Anoitecer” (1999), tem uma actuação inesquecível no papel de um homem talentoso e cheio de sentimentos que deseja morrer com dignidade.

Amenabar escreveu o roteiro em parceria com Mateo Gill, e, com um pouco de ajuda de Carlos Nunez, também criou a música. O resultado é um filme ao mesmo tempo poético e profundo.

Baseado em factos reais, Amenabar mostra como um homem vigoroso e com gosto pela aventura se torna quase totalmente incapacitado. O director apresenta argumentos convincentes em favor da ideia de que essa impotência lhe nega a possibilidade de levar uma vida digna, tornando-o totalmente dependente de sua família devotada.

Bardem ganha aparência envelhecida e incapacitada não apenas graças ao óptimo trabalho da maquiadora Jo Allen, mas também à extraordinária habilidade do actor em encarnar a personagem.

O seu sorriso constante mascara raiva e tristeza. Embora Ramón se irrite com o sobrinho pequeno e tenha pouca paciência com visitas, continua a ser um homem emotivo e cheio de compaixão.

Na casa de seu irmão José (Celso Bugallo) ele tem acesso a computador, telefone e televisão, que controla com a boca e um bastonete. Ramón está solicitando ao governo espanhol a permissão para cometer suicídio. Ele conta com a ajuda de uma organização que defende esse direito, e o grupo é representado pela vivaz Gene (Clara Segura).

Gene convoca uma advogada para defender a causa de Ramón. Esta é uma mulher bela e elegante chamada Júlia (Belen Rueda). Júlia sofre de uma doença degenerativa, de modo que Ramón acredita que este seu problema fará com que ela defenda a causa com mais convicção.

Outra pessoa que entra em sua vida é uma desconhecida chamada Rosa, representada por Lola Duenas, que o viu na televisão e se apaixona por ele. Mas Ramón apaixona-se por Julia, apesar de esta ser casada. Juntos, planejam publicar um livro de poemas que ele escreveu quando era mais jovem. Mas nada disso o demove de sua determinação em morrer. Para um filme que leva o espectador às lágrimas, há momentos de muito humor. O filme é um libelo em favor da eutanásia, mas também apresenta o ponto de vista das pessoas que ficam para trás.

8^a
edição

VILA NOVA DE FAMALICÃO

FAMAFEST
2006

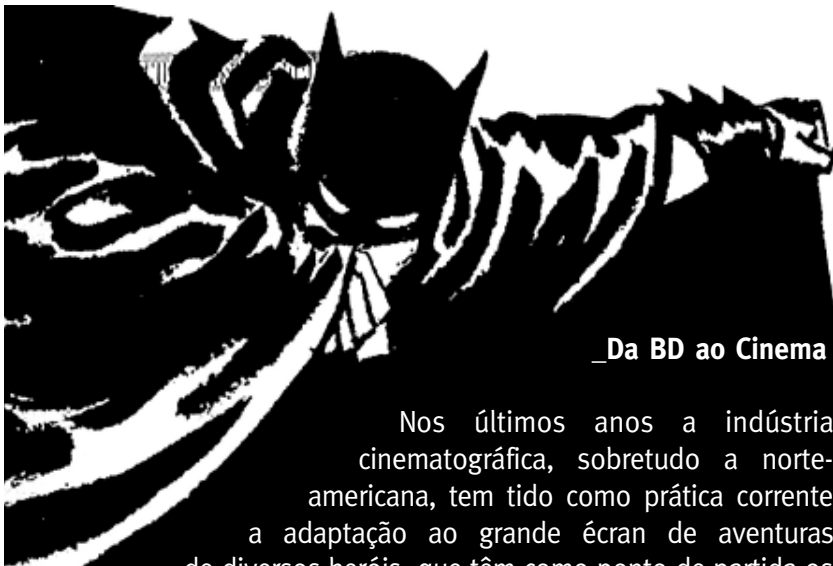
10.03 a 19.03

CINEMA E LITERATURA



DA BD
AO CINEMA

CineEco 2005



Da BD
ao Cinema

Da BD ao Cinema

Nos últimos anos a indústria cinematográfica, sobretudo a norte-americana, tem tido como prática corrente a adaptação ao grande écran de aventuras de diversos heróis que têm como ponto de partida os “comics books” ou banda desenhada. Praticamente todas as grandes personagens da BD made in USA já foram passadas a cinema, desde “Super-Homem”, “Batman”, “Catwoman”, “Hellboy”, “Homem-Aranha”, “Hulk”, “Blade”, “Daredevil” até aos “X-Men”, os “Fantastic Four”, toda a galeria da Marvel, passando por anti-heróis como “Betty” ou os protagonistas de “American Splendor”, culminando a saga com adaptações de banda desenhada de outras origens, como os europeus “Imortal” ou “Corto Maltese” (isto referindo só filmes estreados em Portugal, em cinema ou lançados em DVD).

Esta vaga de fundo, que cresce com as imensas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, muitas vezes é ofuscada precisamente pelos efeitos especiais, tornando-se obras sem grande criatividade, imaginação ou poesia. Outras vezes, e há muitos casos já a sublinhar (“Super-Homem”, “Batman”, “Homem-Aranha”, “Hulk”, “Blade” e “Sin City” são alguns exemplos dignos de serem referidos), a qualidade da adaptação é excelente e a junção de artes com tanto em comum, como a banda desenhada e o cinema, acaba por reflectir uma contaminação de linguagens que torna fascinante e estimulante este jogo.

Para verificar prós e contras, aqui se organiza este ciclo que reúne algumas das obras recentes mais significativas.

Lauro António



Da BD
ao Cinema

Realização: Christopher Nolan (EUA, 2005); **Argumento:** Christopher Nolan, David S. Goyer, Bob Kane, David S. Goyer; **Música:** James Newton Howard, Hans Zimmer, Ramin Djawadi, Mel Wesson, Muslingauze; **Fotografia (co):** Simon Margetts, Wally Pfister; **Montagem:** Lee Smith; **Casting:** John Papsidera, Lucinda Syson; **Design de produção:** Nathan Crowley; **Direcção artística:** Peter Francis, Stuart Kearns, Paul Kirby, Simon Lamont, Steven Lawrence, David Lee, Patrick Lumb, Shane Valentino, Su Whitaker; **Decoração:** Paki Smith; **Guarda-roupa:** Lindy Hemming; **Maquilhagem:** Sarah Downes, Nick Dudman, Peter Robb-King, Sue Robb-King, Tracey Wells; **Direcção de produção:** Sam Breckman, Jennifer Campbell, Nigel Gostelow, Finnur Jóhannsson, Michael J. Malone, Michael Murray, Suzie F. Wiesmann; **Assistentes de realização:** Martin Krauka, Ben Lanning, Cliff Lanning, William Leland III, Matthew Sharp, Michael Winter; **Departamento de arte:** Martin Asbury, Ravi Bansal, Simon Lamont, Dermot Power, Sarah Robinson, Remo Tozzi, Lotta Wolgers; **Som:** James Boyle, David Evans, Stefan Henrix, Andy Kennedy; **Efeitos Especiais:** Duncan Capp, Chris Corbould, Dave Eltham, Benjamin M. Esterson, Nick Finlayson, Mark Haddenham, Dan Homewood, Chris ‘Flimsy’ Howes, Emma Toft, Steven Warner; **Efeitos Visuais:** Stephen Andrzejewski, Andrew Booth, Harriet Donington, Stefan Drury, Tim Field, Dan Glass, Graham Jack, Jody Johnson, Colin McEvoy, Steve McGee, Laura Miles, Andrew Morley, Janek Sirs, Gregory Tournier; **Produção:** Larry J. Franco, Benjamin Melniker, Charles Roven, Emma Thomas, Cheryl A. Tkach, Michael E. Uslan. **Intérpretes:** Christian Bale (Bruce Wayne/Batman), Michael Caine (Alfred), Liam Neeson (Henri Ducard), Katie Holmes (Rachel Dawes), Gary Oldman (Jim Gordon), Cillian Murphy (Dr. Jonathan Crane), Tom Wilkinson (Carmine Falcone), Rutger Hauer (Earle), Ken Watanabe (Ra’s Al Ghul), Mark Boone Junior (Flass), Linus Roache (Thomas Wayne), Morgan Freeman (Lucius Fox), Larry Holdan (Finch), Gerard Murphy (Juiz Faden), Colin McFarlane (Loeb), Sara Stewart, Gus Lewis, Richard Brake, Rade Serbedzija, Emma Lockhart, Christine Adams, Catherine Porter, John Nolan, Karen Shenaz David, Jonathan D. Ellis, Tamer Hassan, Ronan Leahy, Vincent Wong, Tom Wu, Mark Chiu, Turbo Kong, Stuart Ong, Chike Chan, Tenzin Clive Ball, Tenzin Gyurme, Jamie Cho, David Murray, John Kazeck, Darragh Kelly, Patrick Nolan, Joseph Rye, etc. **Duração:** 141 min; **Distribuição em Portugal:** Columbia & Warner; **Classificação etária:** M/12 anos.

Oito anos depois de Batman e Robin, de Joel Schumacher, o “Cavaleiro das Trevas” regressa para nos contar como foram os seus começos. Nada que não soubéssemos já pelo filme de Tim Burton que deu origem à nova saga, mas “Batman - O Início” tem a vantagem de ir mais longe nos anos que medeiam entre o assassinato dos pais de Bruce Wayne e a entrada em acção do justiceiro de Gotham City (assim como mostrar-nos a sua relação, primeiro de medo, com os “morcegos”, que lembra a de Indiana Jones com as aranhas). E mais duas características que o colocam muito à frente das desajeitadas e barulhentas fitas de Schumacher: a direcção de Christopher Nolan e a presença de Christian Bale na figura de Wayne/Batman.

Se o trabalho do primeiro não faz sombra ao de Tim Burton, que marcou indelevelmente a série com os seus dois primeiros filmes, não deixa de, por outros meios, criar também um atmosfera diferente com uma marca pessoal, influenciada na maior parte pelas “novelas gráficas” de Batman, no “desenho” do justiceiro e na paisagem urbana que lhe serve de pano de fundo, e com um argumento que explora medos e fantasmas contemporâneos, em particular o terrorismo e organizações clandestinas fundamentalistas que sob a aparência de “justas” recorrem ao crime generalizado e ao terror. Por outro lado, Christian Bale dá um suporte físico mais credível à personagem de Batman que os intérpretes anteriores (mesmo o primeiro, Michael Keaton) ao mostrar-nos os dilemas morais em que a personagem se debate e ao fazer-nos acompanhar a sua preparação, assim como a sucessiva construção dos vários “gadgets” (em especial o “batmóvel” que mais se assemelha a um tanque de guerra) que utiliza nas suas acções. A nova aventura conta também com um elenco de alto nível, com destaque para os dois “cúmplices” de Batman, Lucius Fox e Alfred, a cargo de Morgan Freeman e Michael Caine, respectivamente.

M.C.F., in Expresso

Blade II

Blade II



Da BD
ao Cinema

Realização: Guillermo del Toro (EUA, Alemanha, 2002); **Argumento:** David S. Goyer, segundo personagens criadas por Marv Wolfman e Gene Colan; **Música:** Marco Beltrami, Danny Saber, Buck Sanders, Moby e Mystikal (canção: "Gettin' Aggressive"); **Fotografia (cor):** Gabriel Beristain; **Montagem:** Peter Amundson; **Casting:** Nancy Foy, Jeremy Zimmerman; **Design de produção:** Carol Spier; **Direção artística:** Elinor Rose Galbraith, Dan Morski, Jaromir Svarc, James F. Truesdale; **Decoração:** Jeffrey Kushon, Peter P. Nicolakakos; **Guarda-roupa:** Wendy Partridge; **Maquilhagem:** Gary Archer, Brian Best, Clifford Booker, David Dupuis, Jeanette Freeman, Greg Funk, Steve Johnson, Steve Kuchta, Marese Langanm, Michael Peterson, Nikita Rae, Cyndi Reece-Thorne; **Direção de produção:** Robert Bernacchi, Wendy Cox, Mirka Janatova, Patrick J. Palmer, Pavel Typolt, Michelle Weller; **Assistentes de realização:** Andy Howard, Petr Kaderabek, Gregory Palmer, Mark Taylor, Julian Wall, Philip Seeger; **Departamento de arte:** Wayne D. Barlowe, David Barto, Timothy Bradstreet, Leo Duranona, TyRuben Ellingson, Elinor Rose Galbraith, Milena Koubkova, Jiri Macke, Michael Madden, Mike Mignola, Gordon White; **Som:** Steve Bartkovicz, Matt Colleran, Scott Martin Gershin, Michael Keller, John Kurlander, Michael Mullane, Mathew Waters; **Efeitos especiais:** Nick Alder, Enrique Bilsland, Kevin Draycott, Barbara Kolarova; **Efeitos visuais:** Nicholas Brooks, Kandece Brown, Wesley Burian, Blair Clark, Colin Green, Michael Kowalski, Juan Vargas; **Produção:** Avi Arad, Robert Bernacchi, Michael De Luca, Jon Divens, Toby Emmerich, Peter Frankfurt, David S. Goyer, Lynn Harris, Andrew J. Home, Stan Lee, Patrick J. Palmer, Wesley Snipes.

Intérpretes: Wesley Snipes (Blade), Kris Kristofferson (Whistler), Ron Perlman (Reinhardt), Leonor Varela (Nyssa), Norman Reedus (Scud), Thomas Kretschmann (Damaskinos), Luke Goss (Nomak), Matt Schulze (Chupa), Danny John-Jules, Donnie Yen, Karel Roden, Marit Velle Kile, Tony Curran, Daz Crawford, Santiago Segura, Xuyen Valdiva, Marek Vasut, Pete Lee-Wilson, Paul Kasey, Andrea Miltner, Ladislav Beran, Jiri M. Sieber, Bridge Markland, Jamie Wilson, Stuart Luis, Ladislav Mohyla, Jan Malik, Jan Révai, Mário Wild, Tomáš Böhm, etc.

Duração: 117 minutos; **Classificação etária:** M/16 anos.

No trilho de Carpenter, Guillermo del Toro assina esta sequela baseada na mesma BD, mais complexa ainda do que o filme matriz e muito superior, por exemplo, ao fundo adolescente do «blockbuster» do momento: Homem-Aranha, de Sam Raimi. Desta vez, Blade, o «daywalker» negro e musculado, o vampiro mutante de óculos escuros e caçador impiedoso de «vampiros clássicos», é conduzido à traição pelos seus inimigos de morte. O isco é a criação de uma nova raça de degenerados, munidos de uma poderosa mandíbula na boca, metáfora da progressão do mal no mundo. O contágio, tal como nos filmes de Cronenberg, tem uma óbvia conotação sexual (os vampiros «mordem»), num futuro próximo onde a sexualidade parece também responder ao desespero, à ameaça e à mutação de códigos genéticos. Aproximação trágica: Blade combate vampiros e mutantes de vampiros sem esquecer que combate também aquilo que ele é e não quer aceitar ser (por isso é traído: este herói de BD não é unidimensional). Aproximação romântica: Blade, que perdeu a mãe no primeiro filme em condições terríveis, procura-a agora e acaba por transferir, pudicamente, os laços de sangue para Nyssa, a filha do seu inimigo mortal (Overlord Damaskinos). A tradição da mitologia vampiresca está ganha. A partir daqui, Del Toro parte para um excelente filme de acção: fórmula económica em linhas horizontais e verticais, sem extravagâncias, que seguram os grandes planos do rosto (trágico-cómico) de Wesley Snipes e os planos gerais das suas magníficas coreografias de luta. Montagem cadenciada: Del Toro tem um sentido musical, cada sequência do filme sucede-se como uma prancha perfeita de banda desenhada. O equilíbrio entre a matéria vampiresca, o sentido de ritmo, a acção «gore» e a funcionalidade dos efeitos especiais é absolutamente conseguido. Blade 2, produzido pela New Line, é um filme irreverente, aventureiro sem complexos, fiel à BD e totalmente adverso ao conservadorismo e bons costumes da grande indústria. Cuidado com os pescoços!



Da BD
ao Cinema

Realização: Ang Lee (EUA, 2003); **Argumento:** James Schamus, John Turman, Michael France, Segundo comics da Marvel, da autoria de Stan Lee e Jack Kirby; **Música:** Danny Elfman, Kenneth Burgomaster, Mychael Danna, Trevor Morris, Dave Kushner, Duff McKagan, Slash, Matt Sorum, Scott Weiland (Canção "Set Me Free"); **Fotografia (cor):** Frederick Elmes; **Montagem:** Tim Squyres; **Casting:** Aivy Kaufman, Frank Warren; **Design de produção:** Rick Heinrichs; **Direção artística:** John Dexter, Greg Papalia; **Decoração:** Cheryl Carasik; **Guarda roupa:** Marit Allen ; **Maquilhagem:** Janice Alexander, Rick Baker, Gretchen Davis, Carolyn Elias, Jake Garber, Dennis Liddiard, Brad Wilder; **Direção de produção:** David Womark, Bill Bannerman; **Assistentes de realização:** Maria Battle-Campbell, Artist W. Robinson, Deanna Stadler-Jones; **Departamento de arte:** Roy Barnes, James R. Bayliss, Susan A. Burig, Todd Chemiawsky, Al Hobbs, Luis G. Hoyos, Michael Anthony Jackson, Jonas Mayabb, Philip Metschan, Kirstin Mooney, Kristen Pratt, Patte Shibata Strong, Donald B. Woodruff; **Som:** Eugene Gearty, Tomas Hart, Richard Hymns, James J. Mase, Krysten Mate, Gary Rydstrom, Michael Semanick, Gwendolyn Yates Whittle; **Efeitos especiais:** Lance Baetkey, Mark Hawker, Robert Kurtzman, Michael Lantier, Gregory Nicotero, Tom Pahk, Ben Rittenhouse; **Efeitos visuais:** Scott Benza, Colin Brady, Mei-Ming Casino, Aaron Ferguson, Steve Gawley, Paul Giacoppo, Tim Harrington, David Henri, Petra Holtorf, Alex Jaeger, Alex Jaeger, Robert MacKenzie, Jules Mann, Dennis Muren, Christopher Raimo, Wilson Tang, Frank W. Tarantino, Bill Tlusty, Terrance Tornberg; **Produção:** Avi Arad, Kevin Feige, Larry J. Franco, Gale Anne Hurd, Stan Lee, James Schamus, Cheryl A. Tkach, David Womark.

Intérpretes: Eric Bana (Bruce Banner), Jennifer Connelly (Betty Ross), Sam Elliott (Ross), Josh Lucas (Talbot), Nick Nolte (pai de Bruce), Paul Kersey (jovem Banner), Cara Buono (Edith Banner), Todd Tesen (jovem Ross), Kevin O. Rankin (Harper), Celia Weston (Mrs. Krenshler), Mike Erwin (Bruce Banner, adolescente), Lou Ferrigno (guarda), Stan Lee, Regi Davis, Craig Damon, Geoffrey Scott, Regina McKee Redwing, Daniel Dae Kim, Daniella Kuhn, Michael Kronenberg, David Kronenberg, Rhiannon Leigh Wryn, Lou Richards, Jenn Gotzon, Louanne Kelley, Toni Kallen, Paul Hansen Kim, John Littlefield, Lorenzo Callender, Todd Lee Coralli, Johnny Kastl, Eric Ware, Jesse Corti, Rob Swanson, Mark Atteberry, Eva Burkle, Rondra Holeman, John Maraffi, Michael Papajohn, David St. Pierre, Boni Yanagisawa, David Sutherland, Sean Mahon, Brett Thacher, Kirk B.R. Woller, Randy Neville, John Prosky, Amir Faraj, Ricardo Aguilar, Victor Rivers, Lyndon Karp, Andy Arness, etc.

Duração: 138 minutos; **Distribuição em Portugal:** Lusomundo Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

Dois dos títulos mais aguardados nas salas de cinema de todo o mundo, neste Verão de 2003, foram seguramente "Hulk", de Ang Lee, e "Matrix", dos irmãos Wachowski. A expectativa provinha de várias vertentes, desde o lado espectacular até ao puro campo do cinema de autor. Qual a recepção que o público mundial dedicaria a estas obras? Como reagiriam as bilheteiras? Que diriam a crítica e os espectadores mais exigentes quanto às obras de Ang Lee e dos irmãos Wachowski? Como responderiam à exibição destas novas obras que sucediam a êxitos retumbantes, quer se trate de "O Tigre e o Dragão" ou "Matrix"?

A resposta das bilheteiras foi boa, a adesão do público parece ter sido de um modo geral calorosa, mas a partir daqui os títulos divergem quanto ao mais. "Matrix Reloaded", de certa forma decepciona, por ser apenas mais do já visto, "Hulk" é uma obra absolutamente notável, que não hesitamos muito em considerar um novo marco na história do cinema, e não só do cinema-espectáculo, também do cinema-autor.

Será mesmo por "Hulk" que iremos começar. "Hulk" é uma adaptação de uma banda desenhada de grande sucesso, da Marvel, criada por Stan Lee e Jack Kirby. Tal como muitas outras histórias que expressam através do fantástico algumas das realidades mais íntimas e secretas do espírito humano, Hulk é uma personagem dupla, como o Dr. Jeckyl, de "O Médico o Monstro", Jack, o Estripador, "Spider Man", "Superman", e tantas outras. Há um lado diurno nestas existências, e um lado nocturno, subterrâneo, adormecido no

subconsciente, que por vezes vem ao de cima, para o Bem ou para o Mal. Neste caso, Bruce Banner (Eric Bana), um jovem cientista que sobreviveu a um estranho acidente ocorrido no seu laboratório, descobre que, sempre que se enfurece, fica monstruoso, possuidor de uma força descomunal, e de invulgar aparência verde.

Ora, esta simples “leitura” deste novo “super herói” (ou melhor: anti herói) da Marvel releva de uma das características mais inquietantes da raça humana, e muito particularmente do povo americano. Ainda há pouco aqui falei de Michael Moore que considera, no seu “Bowling for Columbine”, que o medo instilado na sociedade americana, lhe provoca uma ira incontrolável, que passa do medo pessoal (ou colectivo) à ameaça aos outros, como defesa desse receio que se transmuta em ira.

Muitas guerras começam assim, muitas contendas assim se iniciam, muita querela sobre um palmo de terra, um riacho ou uma namorada se poderiam evitar se não soltássemos a “besta” que há dentro de todos nós, adormecida pelos ensinamentos da civilização (e da civilidade), mas que, mercê de um qualquer momento de fraqueza ou de uma provocação bem engendrada, se solta. No filme, Bruce Banner é manipulado por um outro cientista, que quer que a raiva daquele se liberte, atizando-o deliberadamente, tal como certos políticos podem comportar-se identicamente com os seus concidadãos, por forma a concretizarem projectos, veja-se Hitler, Mussolini, mas também tantos outros, e tão mais recentes, que agitam fictícias ameaças, externas e internas, como forma de mobilizarem para a guerra e a violência. No fundo, há um Hulk dentro de cada um de nós. A banda desenhada (de uma forma mais ingénua e primária) e o filme (de uma maneira mais cerebral e elaborada) mais não fazem que ilustrar o tema, de forma metafórica.

Da BD
ao Cinema

Mas a metáfora não se extingue aqui. Vai muito mais longe. A raiva de Hulk não é apenas a consequência de um acidente maldito que se procura atenuar ou extinguir. É muito mais do que isso. Bruce Banner tenta compreender o que lhe aconteceu, em favor da Ciência e do Bem comum, mas outros cientistas e entidades militares e governamentais querem aproveitar-se da metamorfose em proveito próprio. Gerir a raiva seria uma fórmula de grande sucesso para futuros conflitos. É pois com essas intenções que as autoridades tentam capturar Bruce Banner. O papel da Ciência ao serviço da guerra é, portanto, outra das vertentes da metáfora de “Hulk”.

Bruce é, por outro lado, filho de um cientista, David Banner (Nick Nolte, simplesmente brilhante), que fora precursor no tipo de experiências com raios Gama que estiveram na base dos “acidentes” que provocaram, primeiramente, a exposição do filho, ainda criança, a uma explosão do laboratório, e posteriormente a uma nova explosão laboratorial que se encarregaria de despoletar o “monstro” adormecido.

Mas enquanto Bruce é filho de um cientista, a sua companheira Betty Rose é filha do militar (Sam Elliott, magnífico) que destruiu a carreira de David Banner. Bruce e Betty são dois seres amaldiçoados por uma hereditariedade. Esta questão, latente ao longo de todo o filme, leva ao confronto entre Betty e o general Rose, mas também ao frente a frente final, entre pai e filho, e que é um dos momentos maiores desta encenação de uma nova tragédia, ou de uma tragédia do mundo moderno (que vai, no entanto, buscar fundamentos à mais clássica das tragédias gregas). Mas “Hulk” tem o condão de misturar habilmente essa tradição clássica da tragédia com uma outra tradição, esta popular, do relato de aventuras, de que a BD e a série televisiva são bons exemplos. Tal como o fizera já, em relação à tradição popular oriental, em relação ao kung fu, em “O Tigre e o Dragão”.

Originário de Taiwan, mas radicado há muito na América, Ang Lee é um bom exemplo da convivência (e do conflito) entre culturas. “O confronto entre a liberdade individual e a obrigação social é o tema que me interessa”, disse ele um dia. Mas o seu cinema vai mais longe e mais profundo: Ang Lee é um autor que se alimenta desse confronto, fazendo desse um dos seus temas preferidos. Vivendo entre duas culturas,

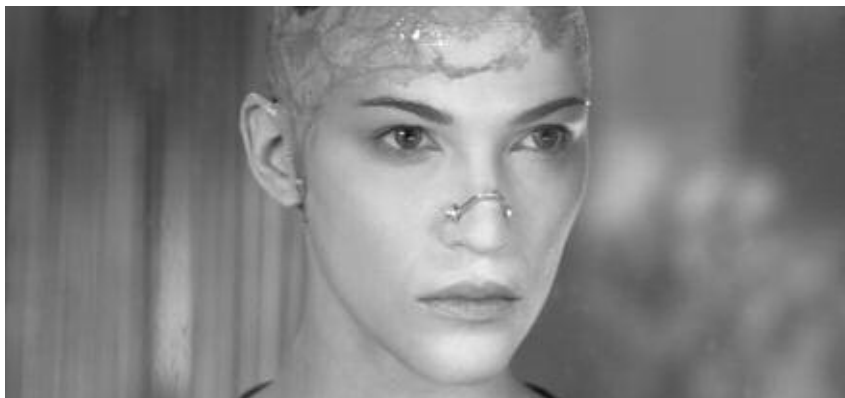
Ang Lee testemunha de forma brilhante essa ambivalência, entre Taiwan e os EUA, entre a cultura pop e a erudita, entre o normal e o anormal, entre a homossexualidade e a heterossexualidade, entre o Tigre e o Dragão, entre Bruce Banner e Hulk, entre pai e filho, entre o civil e o militar, entre o Bem e o Mal (por vezes coexistindo no interior da mesma pessoa), entre o cinema e a BD.

Por falar em cinema e BD, esta é seguramente a mais inspirada, a melhor resolvida, a mais inteligente adaptação de uma BD ao cinema. Ang Lee adopta a formula do écran múltiplo para recriar o clima, a diversidade de ângulos, o diferente tipo de enquadramentos que a BD instituiu como estética. Mas vai mais longe na recriação dessa estética muito própria, desenvolvendo ambientes e erguendo personagens que ostentam idêntico sabor. O clima de tragédia que perpassa por toda a obra, de uma austeridade de efeitos, de uma secura de processos que quase escandaliza ver numa superprodução, remete para um experimentalismo narrativo e gráfico que só um realizador que não tem de dar contas a ninguém consegue impor (o seu produtor e argumentista é James Schamus que trabalha com ele há vários anos). O resultado é notável, com sequências que rondam o sublime. Peso as palavras: basta recordar o encontro de Hulk e da bela Jennifer Connelly (quem não se lembra dela e do Oscar ganho em “Uma Mente Brilhante!?”) no exterior de uma cabana, que é digno do melhor “King Kong” ou do mais brilhante “Frankenstein”, para percebermos estar na presença de uma das mais belas cenas de amor da linhagem de “A Bela e o Monstro”. Depois de “O Banquete de Casamento”, “Comer, Beber, Homem, Mulher”, “Sensibilidade e Bom Senso”, “A Tempestade de Gelo”, O Tigre e o Dragão” e “Cavalgando com o Diabo”, Ang Lee confirma-se por inteiro como um dos grandes cineastas contemporâneos. E “Hulk” ficará desde já registado como um momento mágico da História do Cinema. Mais um “filme de culto” a juntar à lista daqueles que passam de geração em geração.

Da BD
ao Cinema

O caso de “Matrix Reloaded” é muito diferente, apesar de ser ainda uma obra interessante, a ver obviamente. Mas encontra-se muitos pontos abaixo da galvanização patenteada no primeiro “Matrix”, onde a elegância de estilo dos irmãos Wachowski se descobria, onde os efeitos especiais mais sofisticados eram utilizados de forma brilhante e com uma eficácia total. O bailado dos corpos em luta e a estilização de personagens, situações, movimentos, era (e é, cada vez mais) o essencial. A história nunca foi o mais importante e sempre custou a acompanhar. Em “Reloaded” mais do que nunca. Num futuro ameaçado pela máquina e comandado pela sinistra “Matrix”, Neo (Keanu Reeves), Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), os rebeldes “eleitos”, lutam pela resistência humana, defendendo Zion. Tudo bem. Esqueçamos a história e a sua filosofia simplista. O que resta? Excelentes momentos de acção (a luta de Neo contra uma multiplicidade de réplicas de Mr. Smith é fabulosa, bem assim como a perseguição na auto-estrada, o encontro com Lambert Wilson e Monica Beluchi, o duelo com os gémeos, etc.), um designer gráfico muito bom (cenários, guarda-roupa, etc.), bons actores... Mas tudo isso já víramos no primeiro “Matrix”, acompanhado pelo efeito surpresa. Mais do mais, sem novidade, sabe a pouco.

Lauro António, “Jornal do Fundão”



Da BD
ao Cinema

Realização: Enki Bilal (França, Itália, Inglaterra, 2004); **Argumento:** Enki Bilal, Serge Lehman, segundo “comic books” “La Foire aux immortels” e “La Femme piège”, ambos de Enki Bilal; **Música:** Goran Vejvoda; **Fotografia (cor):** Pascal Genesseaux; **Montagem:** Véronique Parnet; **Casting:** Bernard Savin Pascaud; **Design de produção:** Jean-Pierre Fouillet ; **Guarda-roupa:** Mimi Lempicka; **Maquilhagem:** Nicolas Degennes, Cécile Gentilin ; **Direção de produção:** Sylvie Chevereau-Marchais, Eric Duchêne ; **Assistentes de realização:** Christian Alzieu, David Campi-Lemaire, Lionel Steketee; **Departamento de arte:** Christian Gazio; **Som:** Germain Boulay, Toni Di Rocco, Gérard Lamps, Pierre Lenoir, Laurent Quaglio ; **Efeitos especiais:** Matthieu Grosiron, Marine Tuloup; **Efeitos visuais:** Seb Caudron, Jerome Desvignes, Stephane Paris, Jacquemin Piel, Gaël Seydoux, Chris Thunig, Georges Tornero; **Produção:** Dominique Brunner, Charles Gassot, Daniel J. Walker.

Intérpretes: Linda Hardy (Jill Bioskop), Thomas Kretschmann (Nikopol), Charlotte Rampling (Elma Turner), Frédéric Pierrot (John), Thomas M. Pollard (Horus), Yann Collette (Froebe), Derrick Brenner (Jonas), Olivier Achard, Corinne Jaber, Barbara Scaff, Joe Sheridan, Jacquelyn Toman, Jean-Louis Trintignant, etc.

Duração: 102 minutos; **Distribuição em Portugal:** Vitória Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

O artista jugoslavo de BD Enki Bilal (vive desde os 10 anos em França, onde trabalha desde os anos 70) tem vindo a explorar no cinema um território que cada vez mais complementa os seus livros. *Imortal*, realizado com actores franceses e falado em inglês, é a sua terceira longametragem depois de *Bunker Palace Hôtel* (1989) e *Tykho Moon* (1996), inéditos comercialmente em Portugal.

Desta vez, Bilal decidiu adaptar livremente os seus livros *A Feira dos Imortais* e *A Mulher Armadilha*, da «trilogia Nikopol», série de ficção científica, vagamente surrealista, misturando deuses, humanos e replicantes, com a ideia do apocalipse e da extinção da raça humana no fundo do túnel. A primeira infidelidade de Bilal foi colocar a acção numa Nova Iorque futurista (e não em Paris). Estamos em 2095. A cidade é comandada pela empresa de genética Eugenics, que estende os seus tentáculos à política. Ligada a Eugenics está Jill, um E.T. híbrido de cabelo azul e apenas três meses de vida (estrela como actriz da ex-miss França Linda Hardy). Entretanto, uma estranha pirâmide aparece em Manhattan e surge Horus, deus com cabeça de falcão e um destino trágico: tem apenas sete dias de vida. Para se salvar, Horus deve descer à Terra e materializar-se no corpo de Nikopol (Thomas Kretschmann), um resistente político anti-Eugenics e o «hóspede» perfeito que poderá seduzir Jill, eventualmente propagando a imortalidade do deus. O filme acompanha o processo de humanização e de feminização da mutante Jill. Ela é a personagem trágica do filme, pela sua relação carnal e simbólica com Nikopol/Horus, numa linha de argumento «à la *Blade Runner*» mas nem sempre clara (no seu lado político).

Bilal entrega-se a um «film fleuve», não narrativo, muito sedutor em certos momentos, mas que só funcionará na íntegra para os fãs que o idolatram, o que é defeito. Outro senão do filme é o uso do CGI («computer-generated imagery»). Os actores, tal como em *Matrix*, são filmados



sobre um fundo verde e incrustados em imagens por computador, mas a simbiose entre as personagens de «carne e osso» e as animadas está longe de ser perfeita. Bilal nunca foi, e certamente nunca será, um artista «mainstream». Com *Imortal*, o seu filme tecnologicamente mais ambicioso, vê-se projectado para um mercado cinematográfico competitivo, que se dá mal com «elitismos», mas abre-se também a espectadores novos. Não é de admirar que muitos destes procurem agora o culto, nem que outros passem à frente, vendo aqui não mais do que outro filme «high-tech» como *Final Fantasy*, o que seria injusto. Para o jugoslavo, digamos que esta grande produção é simultaneamente uma ameaça e um desafio.

Da BD
ao Cinema

A merecer visionamento: *Imortal* representa uma aproximação singular ao cinema de ficção científica. E basta compará-lo, por exemplo, ao recente *Hellboy*, para encontrar aqui uma adaptação de BD que não é copista da matriz, desbravando os novos espectros visuais que hão-de vir (é uma questão de tempo).

Francisco Ferreira, in *Expresso*



Da BD
ao Cinema

Realização: Frank Miller, Robert Rodriguez, Quentin Tarantino (convidado especial) (EUA, 2005); **Argumento:** Frank Miller; **Música:** John Debney, Graeme Revell, Robert Rodriguez; **Fotografia (p/b e cor):** Robert Rodriguez; **Montagem:** Robert Rodriguez; **Casting:** Beth Sepko, Mary Vernieu; **Direção artística:** Jeanette Scott; **Decoração:** David Hack, Jeanette Scott; **Guarda-roupa:** Nina Proctor; **Maquilhagem:** Howard Berger, Kamar Bitar Mark Boley, Jack Bricker, Gino Crognalet, Justin Ditter, Jake Garber, Mike McCarty, Kelley Mitchell, Gregory Nicotero, Ermahn Ospina, Shannon Shea, Victoria Wood; **Direção de produção:** Tom Proper, Ron Schmidt; **Assistentes de realização:** Brian Bettwy, Susan Jasso, Scott R. Meyers, Romy Stevenson; **Departamento de arte:** Maria Bowen, Debbie Cortez Haber, Nanci Elfrez, Joe McCusker, arren Patnode; **Som:** Wolfgang Amadeus, Paula Fairfield, Craig Henighan, William Jacobs, Carla Murray; **Efeitos Especiais:** Jeffrey Knott, John McLeod, Justin Mettam, Brian Montgomery, Gregory Nicotero, Frank W. Tarantino; **Efeitos Visuais:** Jonathan Alvord, Kevin Baillie, Montell Baiocchi, Vlad Bina, Dawn Brooks, Everett Burrell, Thierry Delattre, Anouk Deveault-Moreau, Kevin Kipper, Pierre Raymond, Robert Rodriguez Radost Yonkova; **Produção:** Elizabeth Avellan, Bill Scott, Bob Weinstein, Harvey Weinstein.

Intérpretes: Mickey Rourke (Marv), Bruce Willis (Hartigan), Elijah Wood (Kevin), Jessica Alba (Nancy), Devon Aoki (Miho), Alexis Bledel (Becky), Powers Boothe (Senador Roark), Cara D. Briggs (Hearing Panel Person), Jude Ciccolella (Liebowitz), Jeffrey J. Dashnaw (polícia em motorizad), Rosario Dawson (Gail), Jesse De Luna (Rivera), Benicio Del Toro (Jackie Boy), Jason Douglas (Hitman), Michael Clarke Duncan (Manute), Tommy Flanagan (Brian), Christina Frankenfield (Judge), Rick Govea (Klump), Carla Gugino (Lucille), Josh Hartnett, Arie Verveen, Rutger Hauer (Cardeal Roark), David H. Hickey, Evelyn Hurley, Greg Ingram, Nicky Katt, Jaime King, Helen Kirk, Michael Madsen (Bob), Nick Offerman, Ethan Maniquis, Jason McDonald, John McLeod, Clark Middleton, Frank Miller (padre), Brittany Murphy, Iman Nazemzadeh, Lisa Marie Newmyer, Tommy Nix, Clive Owen, Marco Perella, Sam Ray, Randal Reeder, David Alex Ruiz, etc.

Duração: 124 min; **Distribuição em Portugal:** LNK; **Classificação etária:** M/18 anos.

“Sin City – A Cidade do Pecado” é um filme habitado por personagens secos, cruéis e violentos, para os quais a ideia de “redenção” envolve, necessariamente, a morte (preferencialmente dolorosa) de seus inimigos. Amorais por princípio, são figuras que sequer buscam justificativas internas para seus actos; matar é lugar-comum, quase uma questão de bom senso. Aliás, esta visão profundamente distorcida do mundo já pode ser percebida na breve introdução da longa-metragem, numa cena em que a sensualidade e a compaixão também revelam-se atributos que servem como mero disfarce para o crime. Dividido em três histórias (quatro, se contarmos a breve introdução), o filme assume o carácter de antologia com tranquilidade, sem se preocupar em unir as tramas que lhe serviram de inspiração (todas originadas nos “quadrinhos” de Frank Miller) numa única narrativa coesa – o que provavelmente comprometeria o resultado final. Além disso, embora conte histórias distintas, há dois elementos, bem mais importantes, que unem os ‘curtas’: o tom “noir” adoptado por Miller e Robert Rodriguez e, é claro, o carácter ambíguo de seus anti-heróis – todos personagens claramente ‘malditos’. Da mesma forma, é fascinante perceber como o argumento é hábil ao entrecruzar as várias narrativas, utilizando figuras proeminentes em uma como figurante das outras. Mas não há dúvida de que o traço mais marcante de “Sin City” é mesmo a maneira sem compromissos com que retrata a violência em cenas que envolvem de tiroteios a decapitações e até mesmo canibalismo. Aqui, a tortura é um pré-requisito do assassinato – e, depois que uma personagem golpeia alguém com uma faca, ouvimos a narração: ‘Você não sentirá nada a não ser que ela queira. Ela torce a lâmina. Ele sente.’

As narrações que acompanham as histórias, diga-se de passagem, são um atractivo à parte, sendo feitas por personagens diferentes, de acordo com o foco da trama abordada em cada instante. Utilizando

sempre frases curtas e objectivas, elas reflectem com precisão o ritmo específico dos “quadrinhos”, onde a própria limitação de espaço nos balões exige uma concisão maior por parte de seus autores. Assim, quando o policial interpretado por Bruce Willis surge na tela, ouvimos as seguintes palavras: ‘Falta só uma hora. Meu último dia como policial. Aposentadoria precoce. Não foi minha ideia. Ordem do médico. Problema de coração. Angina, diz ele.’ Esta opção do argumento resulta em uma cadência não apenas interessante, mas bastante diferente do que estamos habituados a escutar no Cinema.

Adoptando o mesmo recurso empregue em filmes como “Capitão Sky e o Mundo de Amanhã”, “Immortal (ad vitam)” e “Casshern”, Robert Rodríguez rodou toda a longa-metragem em estúdio, utilizando, como cenário, apenas uma tela verde que foi posteriormente substituída por elementos criados em computador. No entanto, ao contrário do que ocorreu em vários de seus trabalhos anteriores, o cineasta desta vez não coloca a estética acima da narrativa: sim, a elaboração digital dos cenários permite que Rodríguez tenha controle absoluto sobre o visual do filme, mas, felizmente, ele consegue controlar seus ímpetos de grandiosidade (tão prejudiciais à “Era uma Vez no México”, por exemplo) e concentra-se no que realmente pode servir à narrativa. Assim, “Sin City – A Cidade do Pecado” assume sem timidez sua natureza “noir” (especialmente o aspecto expressionista do género), abusando das sombras marcadas, da divisão pronunciada do claro-escuro, e, é claro, dos cenários assimétricos. E, além de lindamente compostos, os quadros concebidos por Rodríguez (que divide os créditos com Miller) ainda encontram espaço para utilizar cores esporádicas como símbolos de sentimentos intensos, como amor, paixão e luxúria.

Outro ponto forte do projecto diz respeito ao seu impressionante elenco, a começar por Mickey Rourke, cuja presença física imponente e voz marcante transformam Marv num ser aparentemente assustador que, com o tempo, revela traços mais suaves no seu temperamento, adicionando-o à clássica galeria da ‘fera com coração de ouro’ (levando-se em conta, claro, que, em “Sin City, ter um ‘coração de ouro’ significa apenas que você não mata indiscriminadamente, mas com um propósito). Enquanto isso, Bruce Willis volta aos bons tempos, e impressiona como o amargurado policial Hartigan, que não mede esforços para tirar um canalha sádico das ruas (e é excelente ver Willis assumindo sua idade e dizendo para Jessica Alba: ‘Eu poderia ser seu avô’). Outro que merece aplausos (mesmo participando daquela que, para mim, é a mais irregular das três histórias) é Clive Owen, compondo um sujeito duro, mas com fortes princípios morais (talvez o único a tê-los, em todo o filme). Mas eu talvez esteja sendo injusto ao destacar os três apenas porque funcionam como protagonistas de seus episódios, já que todo o elenco secundário da produção é igualmente eficaz, de Elijah Wood (surpreendendo como um tipo ameaçador) a Benicio Del Toro e Rutger Hauer, que finalmente está sendo resgatado do limbo no qual se encontra desde o final da década de 80.

Despontando como o trabalho mais maduro de Robert Rodríguez, “Sin City” também evidencia o crescimento do cineasta ao apresentar diversas rimas narrativas que atravessam todas as histórias, incluindo temas e frases que se repetem constantemente. Um destes temas, em particular, certamente surpreenderá o público feminino, já que diz respeito justamente à força das personagens femininas apresentadas pelo filme, que, apesar de ‘protagonizado’ por homens, condiciona as acções destes às determinações das mulheres que os cercam: todos os três episódios trazem homens que, mesmo fisicamente fortes, são psicologicamente submissos às mulheres que protegem /vingam /amam. E aqueles que tiveram contacto com a luta da feminista radical Andrea Dworkin (falecida recentemente) certamente a reconhecerão como inspiração para a juíza que manifesta seu repúdio por um personagem acusado de violência contra mulheres, num certo momento do filme.

Com isso, “Sin City” deixa de ser um entretenimento escapista (embora também funcione perfeitamente bem apenas neste nível) e torna-se palco de uma curiosa – e inesperada – discussão sobre as relações entre os sexos num contexto de violência e dor. Por outras palavras: no mundo real.

Observação: A cena envolvendo as personagens de Benicio Del Toro e Clive Owen num carro em movimento (você a reconhecerá com facilidade, acredite) foi dirigida por Quentin Tarantino, que usa, entre outros recursos, o zoom típico que caracteriza seus trabalhos.



Da BD
ao Cinema

Realização: Bryan Singer (EUA, 2003); **Argumento:** Michael Dougherty, Dan Harris, David Hayter, Segundo história de Zak Penn, David Hayter, Bryan Singer; **Música:** John Ottman, Christopher Tin, Damon Inrabartolo; **Fotografia (cor):** Newton Thomas Sigel; **Montagem:** Elliot Graham, John Ottman; **Castig:** Coreen Mayrs, Roger Mussenden; **Design de produção:** Guy Dyas; **Direcção artística:** Helen Jarvis; **Decoração:** Ross Wahl, Elizabeth Wilcox; **Guarda-roupa:** Louise Mingenbach; **Maquilhagem:** Mary Burton, Jo Ann Fowler Norma, Hill-Patton, Monica Huppert, Toby Lindala, Christopher Mark Pinhey, Gordon J. Smith; **Direcção de produção:** Stewart Bethune, Ross Fanger, Jason D. McGatlin, Yvonne Melville; **Assistentes de realização:** David Arnold, Lee Cleary, Peter Dashkewytch, Sallie Anne Hard, Mindy Heslin, Alexis Hinde, Ella Kutschera, Eddy Santos, Gerrod Shully, Brian Smrz, Fiona Winning; **Departamento de arte:** Nancy Anna Brown, J. André Chaintreuil, Chad W. Chilbeck, Luke Freeborn, Allan Galajda, Dan Hermansen, Ray Lai, Andrew Li, Margot Ready, Eric Rosenberg, Dean Wolcott, Milena Zdravkovic; **Som:** Craig Berkey, John A. Larsen, Efeitos especiais: Gord Davis, Andrew Verhoeven, Cam Waldbauer; **Efeitos visuais:** Chris Bailey, Thomas Clary, Tim T. Cunningham, Patrick Golier, Tom Hendrickson, Bryan Hirota, Lubo Hristov, Brenda Illic, Tyler Kehl; **Produção:** Avi Arad, Tom DeSanto, Ross Fanger, Kevin Feige, David Gorder, Stan Lee, John H. Radulovic, Selwyn Roberts, Lauren Shuler Donner, Bryan Singer, Ralph Winter.

Intérpretes: Patrick Stewart (Professor Charles Xavier), Hugh Jackman (Logan/Wolverine), Ian McKellen (Eric Lensherr/Magneto), Halle Berry (Storm/Oro Munroe), Famke Janssen (Jean Grey), James Marsden (Scott Summers/Cyclops), Anna Paquin (Rogue), Rebecca Romijn-Stamos (Mystique), Brian Cox (William Stryker), Alan Cumming (Kurt Wagner/Nightcrawler), Bruce Davison (Senator Kelly), Aaron Stanford (John Allerdyce/Pyro), Shawn Ashmore (Bobby Drake/Iceman), Kelly Hu (Yuriko Oyama/Deathstrike), Katie Stuart (Kitty Pryde), Kea Wong (Jubilee), Cotter Smith (Presidente McKenna), Chiara Zanni, Jackie A. Greenbank, Michael Soltis, Michael David Simms, David Fabrizio, Roger R. Cross, Richard Bradshaw, Bryce Hodgson, Glen Curtis, Greg Rikaart, Shauna Kain, Ty Olsson, Alfonso Quijada, Rene Quijada, Brad Loree, Sheri G. Feldman, Connor Widdows, Daniel Cudmore, Peter Wingfield, Charles Siegel, Steve Bacic, Michael Reid MacKay, James Kirk, Jill Teed, Alf Humphreys, Michasha Armstrong, Robert Hayley, Mark Lukyn, Kendall Cross, Keely Purvis, Dylan Kussman, Jason Whitmer, Aaron Pearl, Aaron Douglas, Colin Lawrence, Richard C. Burton, Michael Joyceclyn, Nolan Funk, Devin Douglas Drewitz, Jermaine Lopez, Sideah Alladice, Kurt Max Runte, Benjamin Glenday, Lori Stewart, Ted Friend, Mi-Jung Lee, Marrett Green, Jill Krop, Brian Peck, Layke Anderson, David Kaye, Blake Mawson, Darren McGuire, Newton Thomas Sigel, Bryan Singer, etc.

Duração: 133 minutos; **Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

O grupo de super-heróis da «Marvel» está de volta, noutra filme que aposta quase exclusivamente nos efeitos especiais que ilustram os seus poderes. Deste ponto de vista o apreciador do género não terá razões de queixa. A nova aventura coloca frente a frente humanos e mutantes num processo que leva à guerra e à ameaça de extermínio mútuo. Tudo porque uma máquina chamada «cérebro» e que permite ao doutor Xavier vigiar todos os humanos e mutantes, cai nas mãos do general Stryker, arqui-inimigo dos mutantes. No que diz respeito a intérpretes, os vilões levam a melhor: dois dos maiores actores actuais, Ian McKellen (o Gandalf de O Senhor dos Anéis) é de novo Magneto, e Brian Cox (o primeiro Hannibal Lecter), o general Stryker. Halle Berry pouco mostra do talento que lhe deu um Óscar, como Storm, mas não é isso que os fãs da série procuram.

M. C. F.



RESCATADOS

CineEco 2005

Alexandre, O Grande

Alexander



Resgatados

Realização: Oliver Stone (EUA, Inglaterra, Alemanha, Holanda, 2004); **Argumento:** Oliver Stone, Christopher Kyle, Laeta Kalogridis; **Música:** Vangelis; **Fotografia (cor):** Rodrigo Prieto; **Montagem:** Yann Hervé, Gladys Joujou, Alex Marquez, Thomas J. Nordberg; **Casting:** Mark Bennett, Billy Hopkins, Lucinda Syson; **Design de produção:** Jan Roelfs; **Direção artística:** Desmond Crowe, James Lewis, Kevin Phipps, Stuart Rose; **Decoração:** Jim Erickson; **Guarda-roupa:** Jenny Beavan; **Maquilhagem:** Jan Archibald, Brian Best, Anita Burger, Stuart Conran, Paul Gooch, Peter Hawkins, Michael Krehl, Waldo Mason, Steve Painter, Nikita Rae, Jeremy Woodhead; **Direção de produção:** Karim Abouobayd, Sarah Bradshaw, Jonathan Hook, Cindy Irving, Angus More Gordon, Piya Pestonji, Malcolm Scerri-Ferrante, Michael Sharp; **Assistentes de realização:** Simon Warnock, Michael Stevenson, Adrian Toynton, Tarik Ait Ben Ali, Peter Bennett, Tom Brewster, Darwin Brooks, Ali Cherkaoui, Dale Dye, Yann Marie Faget, Richard Goodwin, Sallie Anne Hard, Ahmed Hatimi, Zinedine Ibnou Jabal, Alex Oakley, Gary Powell; **Departamento de arte:** Martin Asbury, David Balfour, Julian Caldwell, Dominic Capon, Gary Clark, Andy Evans, Dan Frye, Katie Gabriel, Heidi Gibb, Nicky Kaill, Jonathan McKinstry, Lotta Wolgers; **Som:** Frédéric Attal, Selim Azzazi, Katia Boutin, Jean Goudier, Vincent Montrobert, Julien Perez, Wylie Stateman, Ken Yasumoto; **Efeitos especiais:** Kassou Abdelali, Christophe Belena, Terence J. Cox, Peter Fern, Tina Lin, Peter Norcliffe; **Efeitos visuais:** Nicolas Aithadi, Laetitia Beaujard, Jérémie Brudieux, Pierre Buffin, Olivier Cauwet, Stéphane Ceretti, Nicolas Chevallier, Terry Clotiaux, Danielle Costa, Robin L. D'Arcy, Yann De Cadoudal, Valerie Delahaye, Sébastien Drouin, Olivier Dumont, Laurens Ehrmann, Anne E. Hall, Rudi Holzapfel, Ian Murray, Olivier Pron, Caroline Rivière, John Scheele, Kat Szuminska, Andy Taylor, Gregory Tournier, Daniel Trujillo, Dominique Vidal; **Produção:** Moritz Borman, Jon Kilik, Aslan Nadeiry, Gianni Nunnari, Volker Schauz, Thomas Schühly, Iain Smith, Oliver Stone, Fernando Sulichin.

Intérpretes: Colin Farrell (Alexandre), Angelina Jolie (Olimpia), Anthony Hopkins (velho Ptolomeu), Val Kilmer (Filipe II), Jared Leto (Heféstion), Christopher Plummer (Aristóteles), Raz Degan (Dario), Erol Sander (Príncipe Persa), Rosario Dawson (Roxana), David Bedella (escriba), Jessie Kamm (Alexandre, jovem), Fiona O'Shaughnessy, Tim Pigott-Smith, Connor Paolo, Patrick Carroll, Brian Blessed, Peter Williamson, Morgan Christopher Ferris, Robert Earley, Alecander Gordon, Gary Stretch, John Kavanagh, Nick Dunning, Marie Meyer, Mick Lally, Elliot Cowan, Joseph Morgan, Ian Beattie, Jonathan Rhys-Meyers, Denis Conway, Neil Jackson, Garrett Lombard, Chris Aberdein, Rory McCann, Michael Dixon, Stéphane Ferrara, Tadhg Murphy, Jean Le Duc, Francisco Bosch, Annelise Hesme, Tsouli Mohammed, Toby Kebbell, Laird Macintosh, Rab Affleck, Féodor Atkine, Harry Kent, Sam Green, Bin Bunluerit, Jaran Ngamdee, Brian McGrath, Suzanne Bullock, Kate Elouise, Gillian Grueber, Michelle Lukes, Anjali Mehra, Anthony Jean, Marie Kurt, Marta Barahona, Monica Zamora, Benny Maslov, Tania Matos, Leighton Morrison, Isaac Mullins, Monica Perego, Matthew Powell, etc.

Duração: 173 minutos; **Distribuição em Portugal:** ; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

“Alexandre”, de Oliver Stone, tinha tudo à partida para ser um filme particularmente interessante. Oliver Stone é um realizador obcecado pela política e os jogos de poder. Gosta de analisar abusos e injustiças e não perde uma teoria da conspiração, desde que existam algumas pistas que lhe permitam desenvolver deduções. Alexandre da Macedónia, o Grande, fornecia-lhe todos os motivos para, a partir de uma biografia mais ou menos polémica, transferir personagens e situações e falar da realidade norte-americana, e do seu ódio de estimação por George W. Bush. O filme poderia ser controverso, mas fascinante, como o tinham sido “Nixon”, ou “JKF”, para só referir dois exemplos passíveis de citar na sua filmografia. Infelizmente, não só não é fascinante, como nem polémico consegue ser.

Não falando para já de um ponto de vista histórico ou político, e deixando de lado uma abordagem que extravase os aspectos puramente cinematográficos, há que dizer que o filme enferma de vários vícios, alguns dos quais inquinam desde logo o projecto. A narrativa surge algo desgarrada e a estrutura pouco sólida. O recurso ao monólogo de Ptolomeu, que vai contando a vida de Alexandre desde a juventude até à morte, à medida que um escriba vai registando as suas palavras, não nos parece uma boa solução, da forma por que é feita. O historiador peripatético, que vai caminhando e ditando para o futuro a sua visão da História, levando atrás de si escriba, papiro, tinteiro e pluma, numa procissão que acompanha toda a obra, não defende o actor (Anthony Hopkins tem aqui uma das suas interpretações mais infelizes), nem o filme, sobretudo num “flash back” particularmente desastrado a meio da obra.

Depois, a escolha de Colin Farrell para o papel de Alexandre também deixa algo a desejar. O actor até poderá não ser mau, mas está deslocado, e não falamos já nos tão glosados cabelos louros, escorridos, por onde quase toda a gente quer pegar no filme. Uns afirmam que de pais morenos, um tal filho nunca seria louro, outros que muitos são os caracóis que se vêem nas estátuas, para assim nos surgir um herói de cabelo liso. Por nós, não nos metemos nessas contendas, tanto mais que em obras de arte as liberdades ditas poéticas existem, e já se conhecem casos anteriores em que se atribuía madeixas “de cor do sol” a Alexandre. Basta ouvir Caetano Veloso cantar as virtudes do conquistador: “Mas muito cedo ele se revelou um menino extraordinário: o corpo de bronze, os olhos cor de chuva e os cabelos cor de sol.” Já mais difícil de tragar é o ar atarantado que Colin Farrell empresta ao seu obstinado personagem, que foi do norte da Grécia até aos confins da Índia apenas por vontade própria: o actor nunca tem a força íntima que a figura requeria e também por aí o filme se ressent. Por outro lado, toda a obra se encontra desequilibrada, dramaticamente coxa, com momentos que se arrastam inutilmente, e outros pouco aprofundados. Há algumas sequências boas, a batalha de Gaugamela, que opõe Alexandre a Dário da Pérsia, parece-nos um bom momento de cinema espectacular, bem assim como a entrada em Babilónia, mas há, por outro lado, muito “faz que anda mas não anda” neste épico sem chama.

O mais grave de tudo para nós é, porém, a falta de perspectiva histórica e crítica que o filme revela. Oliver Stone quis realizar este filme claramente para, através da História passada falar da História presente. É óbvio, mas não se percebe porquê, para quê. Quem é este Alexandre? Um herói mítico ou um tirano? Um visionário que procurou unir o mundo conhecido nessa época, ou um louco furioso que inventou um império à força das armas? Se Oliver Stone nos queria dar alguma ideia sua, com ou sem o necessário paralelismo actual, não o conseguiu. O seu Alexandre anda por ali a conquistar terras como quem joga ao monopólio, enquanto se vai entretendo com uns efebos que lhe passam pela frente e umas rainhas persas com quem vai casando, não se sabe também se por gosto ou a contra-gosto.

Enfim, o menino é muito senhor do seu nariz desde pequenino, e faz birra quando não lhe fazem as vontades. Bate o pezinho e refugia-se no regaço do seu amigo Hephaistion. Entra aqui outro aspecto a reter nesta nova versão de Alexandre, o Grande, agora também assumidamente homossexual. Assumidamente, sim, mas devagar também. É sabido que

os costumes sexuais dos gregos clássicos eram muito ecléticos. Os manuais de História para adolescentes não falam muito disso, mas a bissexualidade era muito frequente. Homens e mulheres entretinham-se, desde muito jovens, em iniciações e jogos amorosos muito diversos. Aproximações homossexuais seriam muito vulgares. Para se referir como excepcional a homossexualidade de Alexandre deveria ser por esta ser realmente excepcional no interior de uma normalidade que fazia regra. O que Oliver Stone nos dá, não é de molde a justificar qualquer referência particular. Continuamos na mesma: quem é este Alexandre?

Se o Alexandre de Oliver Stone é um ser sexualmente híbrido, não deixa de ser menos híbrido de um ponto de vista político e histórico. Que representa para Oliver Stone este Alexandre que, na ânsia de conquistar um império, leva as suas tropas até à Índia? Um predestinado de visão muito avançada para a época, ou apenas mais um ditador sem escrúpulos que, para se abastecer de ouro e outras preciosidades (na altura ainda não era o petróleo!), levava tudo à frente da sua espada e das suas tropas bem comandadas?

Resgatados

Por uma razão ou por outra, Alexandre não tem tido muita sorte na visão que o cinema dele ofereceu até hoje. Em 1956, “Alexandre, o Grande”, uma realização de Robert Rossen, rodada em co-produção por EUA e Espanha, com argumento do próprio Robert Rossen, e interpretação de Richard Burton (em Alexandre), Fredric March (Filipe da Macedónia), Claire Bloom (Barsine) e Danielle Darrieux (Olimpia), não tem grande sorte também, muito embora Rossen seja um cineasta particularmente curioso e importante nessa época, e, tal como Oliver Stone, um homem preocupado com temas como o poder e a corrupção. Mas esta superprodução da época dos “peplums” envelheceu mal, cenários e guarda-roupa não resistem a um olhar mais atento, a interpretação é fraca, Richard Burton chega quase ao pesadelo, e apenas se torna interessante o ponto de vista de Rossen sobre a personalidade de Alexandre. Uma visão muito anos 50, muito “pós guerra”.

Outro realizador que se aproximou da figura e do mito foi o grego Theo Angelopoulos, que rodou “O Megalexandros”, em 1980, numa co-produção que reuniu vários países, Grécia, Itália e Alemanha. Entre os intérpretes, surgiam Omero Antonutti, Laura De Marchi, Thanos Grammenos ou Eva Kotamanidou. Uma realização simbólica, austera e profunda como todas as de Angelopoulos, com uma curiosa análise da figura de Alexandre, ligada à exaltação do helenismo e à recusa de todas as formas de tirania e colonialismo, mas o filme tinha um senão, que se prendia inclusive com algumas das suas qualidades: esse lado rígoroso e descarnado de aspectos espectaculares, acabou por afastar a obra do grande público.

Para 2006 anuncia-se um novo Alexandre, por agora chamado “The Untitled Alexander the Great Project”, que assinala o regresso de Baz Luhrmann à realização, depois dos êxitos de “Romeu e Julieta” e “Moulin Rouge”. O argumento é de David Hare, Ted Tally, segundo romances de Valerio Manfredi (editados em Portugal pela Presença). Trata-se seguramente de outra grande super-produção (Dino De Laurentiis, Baz Luhrmann, Martha Schumacher e Martin Scorsese reunidos) e um elenco de luxo, com Leonardo DiCaprio (Alexandre, o Grande) e Nicole Kidman (Olimpia) à cabeça. Encontra-se em fase de produção, e só se vai estreiar em 2006 por acordo celebrado com Oliver Stone, para as duas produções se não atropelarem.

ALEXANDRE, O GRANDE**Cronologia / A.D.**

Alexandre da Macedónia, conhecido por “o Grande”, tem farta fonte bibliográfica sobre que basear a sua curta mas intensa biografia. Alguns foram os historiadores coevos que eternizaram os seus feitos. Acompanharam e escreveram sobre Alexandre homens como Onésicrito, Aristóbulo, Charés de Mitilene, Ptolomeu Lagos e Calistène (este último sob encomenda de Alexandre, que mais tarde o mandaria matar). Outros, como Hegésias, Duris Samos, Clitarque e Anticleides também se ocuparam do tempo de Alexandre. Do próprio Alexandre se conhecia uma extensa correspondência, e sabe-se da existência de um diário do reino, dirigido por Euméne de Cardia, sob o nome de “Efemérides”. Infelizmente, nenhum destes documentos de que se sabe existência certa existe hoje em dia, perdidos na voragem dos séculos. Todas as referências nos chegam por cópias e citações de que se não sabe a veracidade segura, mas que não devem todas elas andar longe da lenda e do mito. Com base nestes elementos, habilmente manipulados por historiadores ou artistas, Alexandre já foi filho do Faraó Nectanébo (num romance de um pseudo Calistène), já foi filho do deus Amon-Zeus, já foi cavaleiro imaculado, numa poesia “alexandrina” da baixa Idade Média francesa, já foi soberano absolutista, príncipe galante e esclarecido, já foi um precursor romântico de Bonaparte, para Hegel e o historiador Droysen, já foi avaliado pelas suas invenções militares e estratégias guerreiras, já foi o premonitório iniciador da globalização actual, já foi ditador cruel ou iluminado. Alguém que já foi tudo isto, quem será?

Resgatados

356 – Nasce Alexandre, a 6 de Julho, dito o mês da “hekatombaion” (mês durante os quais são oferecidas as “hekatombes”, sacrifícios de centenas de animais) no palácio de Pela, filho do rei Filipe II, da Macedónia, e da rainha Olímpia. Estes os factos puros e duros. Nesse mesmo dia foi incendiado o templo de Artémis, em Éfeso. Os muitos sacerdotes aí reunidos vêm no facto uma maldição para a Ásia: “nesse dia uma outra maldição para a Ásia nascerá.” É por este presságio que se inicia a biografia que alguns séculos mais tarde Plutarco dedica a Alexandre.

Foi durante uma cerimónia litúrgica, misteriosa, secreta e de purificação sexual (ou por outras palavras, durante uma orgia ritualista) que Filipe II da Macedónia encontraria Olímpia, filha do Rei Neoptoleme, de Epire. Ele tem 24 anos, ela 17, e o ritual terá sido explosivo. Casaram, não foram muito felizes, e tiveram filhos, entre os quais Alexandre, cujo nascimento nunca deixou de preocupar Filipe II. Plutarco diz que na noite nupcial, a rainha “sentiu a tempestade e um relâmpago cair sobre o seu ventre.” Ligaram imediatamente esta simbologia poética a um destino divino. Filipe II ficou desconfiado, passou a espiar a mulher e uma noite surpreende-a envolvida com uma descomunal serpente. Apavorado, consulta o oráculo de Amon que lhe confirma as suspeitas. Terá de venerar Amon, dedicar-lhe sacrifícios e mesmo assim vai perder o olho que espreitou Olímpia. Para desgraça de Filipe II, o oráculo acertou: anos depois uma flecha acerta-lhe no tal olho durante o cerco de Mentoné. Entretanto, a 6 de Julho, Filipe II anda em campanha, e recebe várias boas notícias que se completam: além do nascimento do filho, Parménio vence os Ilídios e um dos seus cavalos vence em Olímpia. Anuncia-se um futuro de vitórias para o nascituro.

Educado até aos 7 anos pela mãe e por uma aia, Laniké, Alexandre é depois entregue a um “paidagôgos” severo, familiar de Olímpia, Leônidas, que, como conta Plutarco, vigiava os aposentos do príncipe “para ver se aí havia algo de luxuoso ou de supérfluo.” Por essa altura, Alexandre descobre a leitura da *Ilíada*, de Homero, que se torna o seu livro de cabeceira, sendo Aquiles o seu herói e o seu modelo.

343 – Filipe II entrega Alexandre, então com 13 anos, aos cuidados de Aristóteles, filósofo e sábio grego, para este o educar. Por essa altura já Alexandre se distinguiu pela sua personalidade arrojada, inteligência e sagacidade. Com Aristóteles aprende as mais diversas disciplinas que eram as mais importantes da educação da época: retórica, matemática, política, ciências físicas e naturais, geografia, medicina, ética, estética e poética, história grega e literatura, particularmente a obra de autores como Eurípides e Píndaro. Distingue-se também nos exercícios físicos, nas artes marciais e na difícil arte de domar cavalos: diz a lenda que em poucas horas domina um cavalo selvagem que para sempre se tornará a sua montada, Bucéfalo.

Resgatados

338 – É Filipe II, militar intrépido e experiente, quem dá lições da arte da guerra a Alexandre, que cedo se mostra um aluno com poderosa voz de comando e naturais dotes de estratégia. Aos 18 anos estreia-se com uma vitória, comandando um esquadrão de cavalaria que venceu o “Batalhão Sagrado” de Tebas, na batalha de Queroneia. (Este “Batalhão Sagrado” de Tebas era um temido corpo de elite, particularmente unido e coeso, pois era construído por jovens amantes que se protegiam entre si, e entre si prodigalizavam actos de coragem e devoção amorosa).

337 – Filipe II separa-se de Olímpia e casa com Cleópatra, que pertence à mais antiga linhagem macedónica e eleva-a à categoria de esposa legítima, o que põe em causa Alexandre como herdeiro natural. Mas Filipe retira-se para a Ilíria e reconhece a legitimidade de Alexandre, que é nomeado sucessor ao trono.

336 – Assassinato de Filipe II, durante festejos de casamento de Cleópatra, filha de Filipe II e Olímpia, com Alexandre do Epiro, no santuário nacional macedónico de Ege. O matador tinha o nome de Pausânias e, obviamente, não teve tempo de contar a soldo ou mando de quem matara Filipe II, pois foi imediatamente liquidado. Se teria sido encomenda de Olímpia, perguntam vários historiadores.

Alexandre sobe ao trono da Macedónia, protegido por alguns companheiros de armas do pai, entre os quais o general Antípatro, e, apesar de forte contestação grega, idealiza desde logo a expansão territorial do reino. Dispunha para tanto de um exército bem organizado e poderoso, dividido em infantaria ou falange (cuja inspiração foi recolhida em Tebas, tendo como principal arma a “zarissa”, uma lança longa de cerca de 5 a 7 metros) e cavalaria, dispondo ainda de algumas máquinas de guerra (como os aríetes e as balistas).

Mal chega ao trono, Alexandre é atacado, pelo norte, por trácios e ilírios, que vence rapidamente, e no sul tem de contrariar a violenta sublevação de várias cidades gregas, entre as quais Tebas, que desenvolve tenaz resistência e impõe pesadas baixas. Os

membros da Liga de Corinto acabam por eleger Alexandre como condutor e estratega da expedição dos Helenos contra os Persas.

No verão de 336, assassinato de Artaxerxes IV, e ascensão ao trono da Pérsia de Dário III.

335 – Em Setembro, cai Tebas. Alexandre idealiza o projecto de conquistar o império persa que muitos consideram “a mais ambiciosa e assombrosa campanha da antiguidade.”

334 – Cruza o Helesponto, avança até ao rio Granico, onde, em Junho, defronta e vence os persas pela primeira vez. O exército de Alexandre é composto por macedónios, gregos e povos balcânicos e é consideravelmente menos numeroso do que o inimigo. Tem cerca de 35 mil infantes e 5 mil cavaleiros, entre os quais um grupo de nobres muito próximo do leader. Captura a cidade de Mileto, depois de a rodear por terra e por mar. Mas primeiro recusa uma proposta de paz conciliatória para macedónios e persas. Inicia o cerco de Halicarnasso.

333 – Conquista Cária, Lícia, Panfília e Frígia. Chega a Górdia, onde com a espada corta o “nó górdio”, feito que, segundo a lenda, asseguraria o domínio da Ásia a quem o conseguisse. Em Julho, deixa a Górdia, enquanto Dário deixa a Babilónia. Alexandre passa pela Cilícia, onde adoece. A 5 de Novembro encontra Dário III na batalha de Isso, que ganha. Dário negocia a paz e Alexandre continua para Oriente...

Resgatados

332 – ... conquistando a Síria. Ruma ao Egipto. Cerco de Gaza. Vai conquistando ou fazendo aderir voluntariamente muitos portos e cidades importantes, cujas frotas passa a controlar e que se subtraem ao poder persa. Há quem afirme que visita Jerusalém em Novembro. O sátrapa (governador colonial) persa Mázares que governa o Egipto entrega-o sem resistência e os sacerdotes do Alto e Baixo Egipto coroam Alexandre com as insígnias dos dois reinos, convertendo-se este num sucessor directo dos divinos faraós.

331 – Alexandre toma Heliópolis e Mênfis. A 7 de Abril, funda a cidade de Alexandria, no braço ocidental do Rio Nilo, que se tornaria num importante foco cultural, ali se erigindo a maior biblioteca do mundo, fundada por Ptolomeu I, general e amigo de Alexandre. Muitos pensadores, filósofos e estudiosos ali vieram beber cultura e os fundamentos do conhecimento alquimista. A arquitectura da cidade é planejada por Dinócrates de Rodes, um largo rectângulo cruzado por ruas paralelas e perpendiculares.

Conquista todos os portos com importância estratégica na Síria e na Palestina e visita o oráculo de Amon no santuário do oásis de Siwa. O oráculo vivia num templo construído no alto de uma rocha, a que chamavam “acrópole”. A designação oráculo provinha de “orare”, rezar, a ali se dirigiam todos quantos acreditavam em curas, tratamentos, profecias, adivinhações e outros fenómenos tais. À chegada de Alexandre, este foi saudado pelo sumo-sacerdote com um “lapsus línguae”, decorrente possivelmente da sua pouca prática em falar grego. Chamou assim a Alexandre filho de Amon-Jupiter-Zeus. Alexandre não deixou passar o lapso em claro e aproveitou-o como prova de que ele estava predestinado a governar o Egipto e a unificar o Ocidente e o Oriente.

Ao contrário dos persas, anteriores ocupantes, Alexandre faz uma campanha relativamente pacífica, aceitando a rendição do sátrapa de Mênfis, respeitando tradições e religiões locais. A passagem de Alexandre pelo Egípto deu origem a uma nova dinastia de faraós, iniciada por Ptolomeu I, que duraria 300 anos e terminaria com a subjugação de Cleópatra VII (a célebre Elizabeth Taylor!) aos romanos.

A 1 de Outubro, derrota de novo Dário III, agora na batalha de Gaugamela, novamente com uma enorme desproporção de número de militares envolvidos (um para dez?). No campo de batalha, é proclamado Rei da Ásia. A Mesopotâmia entrega-se sem luta. A 22 do mesmo mês entra em Babilónia que se rende ao conquistador. Mazários, persa ilustre, vem ao seu encontro com as filhas: elas e a mítica cidade da Babilónia caem aos pés do conquistador. Simbolicamente e de facto. A cidade seguinte conquistada foi Susa.

330 – Dário III é assassinado pelos próprios persas, depois de ter sido feito prisioneiro por Besso de Bactriana. Alexandre chega a Persépolis, cidade situada numa região remota e montanhosa, antiga cidade real, que era sede de governo persa durante a Primavera (nos restantes meses do ano a Pérsia era governada em Susa, Babilónia ou Ecbatana). Encontrado o cadáver de Dário III, Alexandre dá-lhe enterro com honras reais, acolhe os militares persas que se mantiveram fiéis ao antigo rei e é aclamado sucessor legítimo de Dário, a quem promete solenemente vingar a sua traiçoeira morte. Incendiado o palácio de Xerxes, Alexandre é proclamado rei da Ásia e sucessor da dinastia persa. Assumindo usos e costumes locais, passou a utilizar o selo de Dário, a tiara persa e todo o cerimonial teocrático persa, o que acentuava o seu desejo de deificação.

Resgatados

Alexandre em Hircânia, Partia, Ária, Drangiana, Ariaspa; Assassinato de Parménion, um dos mais fiéis generais de Alexandre.

329 – Em Fevereiro, Alexandre reúne as tropas em Arachosia, avançando depois para Gandara. Em Maio, atravessa o Hindu Kush e continua até Oxus. Captura Besso, avança até Jaxartes, funda uma nova Alexandria (Alexandria do Cáucaso).

328 – Depois da derrota, perseguido pelo general macedónico Coíno, numa batalha em Sogdiana, Espitamenses foge, com um grupo de citas, e deixa no campo de batalha oito mil cadáveres do seu exército. Sabendo que Alexandre os persegue na estepe, os citas cortam a cabeça a Espitamenses e enviam-na de presente ao perseguidor com uma petição de paz. Sufoca-se assim a revolta de Espitamenses.

327 – Alexandre casa com a princesa persa Roxana, que lhe dará um filho no ano seguinte, mas que sobreviverá pouco tempo. O casamento de Alexandre com Roxana é uma forma de o rei mostrar a verdadeira união entre povos e culturas, mas não é bem recebido pelos macedónios.

326 – Na Primavera, Alexandre atravessa o Rio Cabul através de uma ponte construída por Heféstion, permitindo assim o avanço para a Índia. Entra no país do príncipe Taxiles, e vai até à capital, Taxila, onde é bem recebido, recebendo presentes. Reorganiza o exército e

prepara-se para enfrentar o rei Poro, junto ao rio Hidaspes. Esta batalha ficará igualmente registrada para a História, dado que o soberano indiano reuniu trinta mil soldados de infantaria, quatro mil cavaleiros, trezentos carros de combate e duzentos elefantes treinados para a guerra. O exército de Alexandre é muito limitado, mas Alexandre serve-se de uma engenhosa artimanha para enganar Poro. Estacionado numa das margens do rio, faz pensar ao inimigo que só atacará depois de passadas as monções, mas dá a volta ao rio, atravessando num local afastado, onde havia duas ilhas a encurtar a passagem, e surpreende o exército hindu, a que acaba por impor pesada derrota.

Depois da vitória de Hidaspes, Alexandre continua a sua expedição, conquistando Acesines, derrotando a cidade de Sangala que oferece resistência, marchando até Hifasis, onde o seu exército se amotina, cansado, exausto, saudosos de casa. Em Novembro, Alexandre começa a descer o rio Hidaspes, de regresso. Terminara o sonho de conquistar o mundo. Muitos afirmam que teve a seus pés quase 90% do mundo conhecido, outros afirmam que apenas 30%.

325 – Campanha contra povos que vão ao seu encontro no regresso do exército a casa. A expedição de Alexandre divide-se numa coluna terrestre e noutra marítima. Desastre na confluência do Acesines com o Indus. Rebelião dos Brahmins. Cratero, general dos mais fiéis de Alexandre, parte para a Carmânia. Peiton e outras forças chegam a Patala. Alexandre parte igualmente para a Carmânia. Nearco inicia a sua viagem. Alexandre chega a Gedrosia. Rebelião e punição severa de sátrapas rebeldes. Alexandre encontra Cratero na Carmânia.

Resgatados

324 – Alexandre junta-se a Nearco na Carmânia. Viaja até Pasargada. Morre Calano. Alexandre volta a encontrar-se com Nearco em Susa. Instala-se com os generais mais próximos em Opis, onde estala nova revolta. Manda prender e executar treze dirigentes dos militares amotinados e dirige depois a todas as tropas um discurso inflamado. Os veteranos são perdoados. Alexandre troca Opis por Ecbatana. Durante a celebração das festas dedicadas a Dionísio, Heféstion, o melhor amigo de Alexandre, aquele que o acompanha desde a juventude, e ao que tudo indica seu amante e primeiro amor, adoece gravemente e vem a morrer. Alexandre não come nem bebe durante três dias e depois decreta luto nacional.

323 – Alexandre, cada vez mais obcecado pela sua divindade, requer honras divinas e transfere-se para a Babilónia. Prepara uma nova campanha, desta feita penetrando na Arábia, mas não chega a partir. Depois de um banquete, durante uns festejos em Babilónia, é acometido de febres súbitas, e morre a 13 de Junho, com 32 anos de idade, treze deles de governo e conquista de um império único, deixando atrás de si uma lenda que perdura até hoje.

Não dura muito o império de Alexandre, sem a sua forte mão para o unificar. A guerra de sucessão, conhecida por “lutas de Diádocos”, dura alguns anos, durante os quais o império se desagrega.

Lauro António, in revista **História**

Charlie e a Fábrica de Chocolate

Charlie and the Chocolate Factory



Resgatados

Realização: Tim Burton (EUA, Inglaterra, 2005); **Argumento:** John August, segundo romance de Roald Dahl; **Música:** Danny Elfman; **Fotografia (cor):** Philippe Rousselot; **Montagem:** Chris Lebenzon; **Casting:** Susie Figgis; **Design de produção:** Alex McDowell; **Direção de arte:** François Audouy, Sean Haworth, James Lewis, Andy Nicholson, Kevin Phipps, Stuart Rose, Leslie Tomkins; **Decoração:** Peter Young; **Guarda-roupa:** Gabriella Pescucci; **Maquilhagem:** Peter Owen, Neal Scanlan; **Direção de produção:** Nikolas Korda; **Assistentes de realização:** Jonny Benson, Chloe Chesterton, Ben Dixon, Katterli Frauenfelder, Toby Hefferman, Mark Hopkins, Toby Hosking, Gareth Tandy; **Departamento de arte:** Ravi Bansal, Alice Biddle, Neal Callow, Priscilla Elliott, Andy Evans, John Greaves, Dermot Power, Tino Schaedler, Gert Stevens, Leslie Tomkins, Helen Xenopoulos; **Som:** Christian Bourne, Tony Dawe, Eddy Joseph, Emma Meaden; **Efeitos Especiais:** Ben Broadbridge, Benjamin M. Esterson, Alexander Gunn, Dave Poole, David Sculley, Joss Williams; **Efeitos visuais:** Nicolas Aithadi, Nicholas Atkinson, Nick Davis, Chas Jarrett, Nikki Penny, Chris Shaw, Gina Willis; **Produção:** Richard D. Zanuck, Brad Grey, Katterli Frauenfelder, Bruce Berman, Brenda Berrisford, Graham Burke, Licy Dahl, Derek Frey, Patrick McCormick, Michael Siegel. **Intérpretes:** Freddie Highmore (Charlie Bucket), Johnny Depp (Willy Wonka), Helena Bonham Carter (Mrs. Bucket), Sandra Darnell (tradutor), James Fox (Mr. Salt), Jordan Fry (Mike Teavee), Dominique Gerrard (rapariga), Adam Godley (Mr. Teavee), Garrick Hagon (Repórter de Denver), David Kelly (avô Joe), Christopher Lee (Dr. Wilbur Wonka), Missi Pyle (Mrs. Beauregarde), Annasophia Robb (Violet Beauregarde), Deep Roy (Oompa-Loompas), Harry Taylor (Mr. Gloop), Noah Taylor, Franziska Troegner, Philip Wiegratz, Julia Winter, Stephen Humby, Jynine James, Ray Verma, Tracy Yarkoni, etc.

Duração: 106 minutos; **Distribuição em Portugal:** Columbia Warner; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

Tim Burton já se aproximara do universo muito particular do escritor inglês Roald Dahl que dizem autor reputado de “obras para crianças”. Do que temos algumas dúvidas, como aliás de muitos outros autores “infantis”. Lewis Carol, H.C. Andersen, os Irmãos Grimms ou este Roald Dahl são efectivamente escritores para crianças? Ou simplesmente escritores que as crianças gostam de ler, tal como os adultos? Dera-se esse encontro Tim Burton - Roald Dahl aquando da produção do filme de animação “James e o Pêssego Gigante”, assinado por Henry Selick, em 1996. Mas o escritor está mesmo muito longe de se poder considerar um “autor de livros para crianças.” O seu universo é muito mais abrangente e pode considerar-se que se trata sobretudo de um escritor de obras de fantasia, de fantástico, com as suas múltiplas componentes de maravilhoso, mas também de terror, de horror, de inquietação e suspense.

Nascido em Llandaff, no País de Gales, a 13 de Setembro de 1916, e falecido, vítima de leucemia, em Oxford, Oxfordshire, Inglaterra, a 23 de Novembro de 1990, Roald Dahl teve uma intensa colaboração com o cinema, e sobretudo a televisão, quer cedendo obras suas para adaptações, quer colaborando na escrita de guiões originais,

quer na adaptação de obras de outros autores. Começa ainda no final da década de 40: “Suspense” (1949) é uma série de TV, onde aparece como argumentista, seguindo-se depois muitos outros trabalhos idênticos, em “Cameo Theatre” (1950), “Danger” (1950) (episódio “A Dip In The Pool”), “Star Tonight” (1955) (episódio “Taste”), “Alfred Hitchcock Presents” (1955), onde o seu nome surge em seis episódios, “Suspicion” (1957) (episódio “The Way Up to Heaven”), “Way Out” (1961), “That Was the Week That Was” (1962), “Thirty-Minute Theatre” (1965), Parson’s Pleasure (1965), “Dês Pffarrers Freude” (1966), “Thirty-Minute Theatre: Taste” (1967) ou “Late Night Horror” (1968), para nos determos apenas nos anos 60.

No cinema, a sua contribuição não foi menos generosa: “36 Hours” (1965), de George Seaton, “You Only Live Twice” (1967), um “James Bond com a assinatura de Lewis Gilbert, retirado de um romance de Ian Fleming, ou “Chitty Chitty Bang Bang” (1968), de Ken Hughes, outra vez adaptando Ian Fleming, tiveram a sua mão na escrita dos argumentos, enquanto noutras alturas foram romances seus que estiveram na base de filmes como “The Night Digger” (1971), dirigido por Alastair Reid, num bom clima de terror, ou de “¿Qué he hecho yo para merecer esto!”, de Pedro Almodóvar (1984), retirado de “Lamb to the Slaughter”. Mas há muito mais: “Danny the Champion of the World” (1989), “Breaking Point” (1989), adaptando “Beware of the Dog”, “The BFG” (1989), “The Witches” (1990), de Nicholas Roed, “Idealnaya para” (1992), segundo “The Ideal Couple”, “Pisvingers!” (1995), passando pelo já referido “James and the Giant Peach” (1996), ou o não menos interessante “Matilda” (1996), realizado por Danny De Vito, ou ainda “Inaudito” (1999) ou “Genesis and Catastrophe (2000). Entretanto, em 1971, o seu livro “Charlie and the Chocolate Factory” já havia corrido as salas de cinema de todo o mundo numa versão de culto para sucessivas gerações de jovens cinéfilos, numa produção inglesa que tinha o título de “Willy Wonka & the Chocolate Factory”, com realização de Mel Stuart, numa adaptação que o próprio escritor fez da sua obra. O entusiasmo que rodeia a nova versão de Tim Burton não deve fazer esquecer esta guloseima menos espaventosa, mas muito divertida e de boa recordação, com excelentes canções de Anthony Newley, e um elenco apreciável, onde se destaca Gene Wilder, compondo um Willy Wonka bem divertido, ao lado de Jack Albertson, Roy Kinnear, Leonard Stone, e ainda Peter Ostrum, no Charlie Bucket da altura, definitivamente abaixo do actual Freddie Highmore que já nos surpreendera com uma fulgurante interpretação, pela primeira vez ao lado de Johnny Deep, em “À Procura da Terra do Nunca”.

Para acabar de vez com este capítulo e passar ao seguinte, diga-se que se encontra em pré-produção (com data de estreia prevista para 2006) uma nova adaptação de uma obra de Roald Dahl, desta feita “The Fantastic Mr. Fox”, numa realização de Wes Anderson que, depois de “The Royal Tenenbaums” (2001) e de “The Life Aquatic with Steve Zissou” (2004) nos promete novas e delirantes comédias de um humor absolutamente desconcertante.

Parecendo-nos de todo injusto e desajustado criar a glória de “Charlie and the Chocolate Factory”, de Tim Burton, à custa de acusações de inépcia atiradas sobre a anterior versão de Mel Stuart, a verdade é que ambas as obras se comportam de

maneiras muito diversas perante o original literário, donde resultam objectos estéticos extremamente distintos. O filme de Tim Burton possui uma maturidade de tom e de estilo muito diferentes, e a sua personalidade alia-se habilmente ao universo de Dahl, ambos interligados por um alter-ego de nome Johnny Deep, que reúne os dois continentes através de um istmo de mútua compreensão. Johnny Deep vem de um filme onde criara a personagem de um escritor que projectara em Peter Pan a sua vontade de não crescer, mas nunca deixou de ser “Eduardo, Mãos de Tesoura”, “Ed Wood” ou Constable Ichabod Crane, de “A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça”. Havendo algo de Peter Pan na figura de Willie Wonka, havendo tanto de Tim Burton em cada uma das personagens por si criadas, Johnny Deep é o máximo denominador comum. Mas há muito mais a dizer desta primorosa recriação do mundo fabuloso de Roald Dahl. Começemos então pelo princípio. “Charlie e a Fábrica de Chocolate”, na sua essência, prolonga o espírito de Charles Dickens, agora com um “touch” pós modernista. O Dickens realista que retratava a pobreza e a ruína moral, que esboçava assombrosos cenários de penúria, onde sofriam crianças, exploradas por renegados usurários e tenebrosos grão-finos aí está na miserável casa, de traça expressionista, da família de Charlie Bucket. Mas, os milionários de agora são outros, as fábricas são condomínios privados, a tecnologia comanda a vida, há botões para tudo, os operários são réplicas bem comportadas e sem exigências de salário. Os minúsculos Oompa Loompas que enxameiam a fábrica de Willy Wonka (todos eles interpretados pelo mesmo actor indiano, Deep Roy, reproduzido “ad infinitum” através de técnicas de imagem digitalizada, o que quer dizer que os clones da ficção literária já são realidades na ficção cinematográfica) têm nesta nova versão uma justificação para o seu aparecimento, através de um “flash back” explicativo, que recua até aos tempos da Loompalândia e afasta de vez com todas as subseqüentes querelas sócio-profissionais.

Resgatados

O trabalho do designer Alex McDowell é excelente, inventivo e de uma grande coerência, mesmo que jogando com contrastes: as origens de cada uma das crianças que viaja até à fábrica, o pequeno universo de Charlie, o imponente castelo que é a fábrica de Willie Wonka, com os seus jardins comestíveis e as poderosas cascatas de chocolates.

É neste mundo carregado de contraste e de flagrantes injustiças que se inscreve o conto moral idealizado por Dahl. O dono da fábrica, um solitário e enigmático Willie Wonka, proclama que dentro dos seus chocolates que se distribuem e consomem avidamente pelos setes cantos do seu mundo, irão ser colocados cinco convites que permitem a cada felizardo que os achar visitar a fábrica dos seus sonhos chocolateiros. Foi ver os miúdos a desbastar tabletes atrás de tabletes até se chegar ao número de concorrentes inicialmente contabilizado: temos Augustus Gloop, guloso e anafado produto da “fast food” e de uma total indulgência alimentar familiar; temos Mike Teavee, que vive submergido em jogos de vídeo, televisão e computadores, numa perversão completa do que deveria ser uma sociedade de informação e lazer, perante o olhar complacente do pai; temos a campeã Violet Beauregarde, uma miúda que aprendeu, e é incentivada pela estupidez da mãe, a “vencer a qualquer preço”,



Resgatados

ser a primeira, não olhando ao que fazer para atingir os fins; temos ainda a bonequinha mimada Veruca Salt, que faz birrinha quando não tem o que quer, e logo consegue. Quatro alarvidades monstruosas da vida moderna, que nos fazem olhar para a América como seu modelo privilegiado (mas que podem servir de (mau) exemplo um pouco por todo o lado, dado que os valores americanos são neste, como noutros aspectos, cada vez mais globais, universais!). Depois temos o quinto menino, de nome Charlie Bucket, pobrezinho mas honrado, que vive no seio de uma família, de uma só divisão, uma só cama, uma só mesa, um só coração. Obviamente que será Charlie a ganhar a recompensa final, por isso se chama “moral” a este conto. Antes, porém, serão todos recebidos por Willie Wonka que os conduzirá, a eles e aos acompanhantes, por uma viagem pelo interior da fábrica, que é também uma viagem iniciática pelo fabuloso mundo da imaginação delirante, onde se dão mal os meninos com mau carácter, que se vão perdendo um a um pelos alçapões da inveja, da prepotência, do desmedido orgulho, da tirania, da gula. Há medida que cada um deles se vai perdendo pela viagem, e se vai afastando do sábio caminho da vida, deixa o filme subentendido, cada um tem direito a uma canção-bailado, “números” musicais, com líricas escritas pelo punho de Dahl, e compostos pelo sempre inspirado Danny Elfman, com o olho já numa possível, e mais que provável, adaptação teatral. Há piscadelas de olhos cinéfilas, a Betsy Berkeley, “Psyco”, “2001”, “Metropolis”, ou mesmo auto-citações relativa a “Eduardo, Mãos de Tesoura.”

No meio deste furacão criativo, temos a figura de Willie Wonka, que Johnny Depp interpreta roubando um pouco daqui e dacolá. Ele próprio confessa que o penteado faz honras a um membro da banda dos Rolling Stone, Brian Jones, mas já não confessa da mesma maneira a influência colhida em Michael Jackson, os trejeitos, o comportamento, o seu evidente complexo de Peter Pan, a amizade suspeita (mas só suspeita, nada mais) pelas crianças, com as quais gostaria de se manter igual. O que trás consigo um outro problema e um outro tema caro a Tim Burton, que alias o

enxerta no argumento, à revelia do escritor: as relações pais-filhos, que já vêm de outras obras suas, mas sobretudo desse primoroso “O Grande Peixe”, onde a obsessão adquire um peso considerável. Nesta versão de “Charlie e a Fábrica de Chocolate” ficamos a saber por que razão Willie Wonka se dedica de alma e coração ao chocolate, que o pai, dentista, proíbe o filho de comer. Temos aqui um comportamento por oposição e rejeição, uma insubordinação contra a autoridade do pai (“matar o pai” se diz em psicanálise), que todavia o filme se encarregará de justificar, ao criticar a permissividade de vários pais, ao propor a reconciliação final de pai e filho que, para lá das diferenças, se orgulham um do outro (Christopher Lee é o dentista – assustador! – que coleciona recortes da fulgurante carreira do filho: não há rapazes maus, nem pais!).

Entretanto, ainda mal se estreava “Charlie e a Fábrica de Chocolate” em salas de todo o mundo e já se lançava no festival de Veneza uma nova obra com a marca Tim Burton: “Corpse Bride”, mais um filme de animação em plasticina e marionetas, na linha de “O Estranho Mundo de Jack”, desta feita com realização do próprio Tim Burton, com colaboração de Mike Johnson, com um argumento de John August, Pamela Pettler, Caroline Thompson, retirado de um conto popular russo, música do sempre eterno Danny Elfman, e também de Mike Adamse, e uma belíssima fotografia de Pete Kozachik.

Resgatados

A história promete um clima gótico muito próprio deste cineasta, adepto confesso de filmes de terror: Victor Van Dort (a quem Johnny Depp empresta a voz) volta para casa, situada numa qualquer aldeia europeia (o filme foi rodado em Inglaterra, pode ser uma pista!), preparado para se casar com Victoria (voz de Emily Watson), a noiva que o espera. Numa típica brincadeira de mau gosto (vem a saber-se depois), enquanto os dois descansam na floresta, Victor enfia a aliança num galho de árvore que se assemelha a um dedo e profere os votos de casamento. Acontece que o galho não era um galho, mas o dedo mumificado de uma jovem assassinada (na voz de Helena Bonham-Carter), que aproveita a deixa para regressar do mundo dos mortos, qual zombie, insistindo ser a verdadeira e jurada mulher de Victor. Assim se passa “A Noiva Cadáver” que se anuncia para breve em salas de todo o mundo. Eurico de Barros, do D.N., que já viu o filme em Veneza, afiança que é “composto por 75 magníficos minutos de humor negro, comédia triste, poesia lúgubre, agitação cadavérica e alegria sepulcral. Nunca os mortos estiveram tão vivos como em Corpse Bride”. A ver vamos, com expectativa redobrada.

Lauro António

O Fantasma da Ópera

The Phantom of the Opera

| 173 |
cineeco2005



Resgatados

Realização: Joel Schumacher (EUA, Inglaterra, 2004); Argumento: Andrew Lloyd Webber, Joel Schumacher, segundo musical teatral de Andrew Lloyd Webber, Segundo romance de Gaston Leroux ("Le Fantôme de l'Opéra"); Música: Andrew Lloyd Webber (musical); Fotografia (cor): John Mathieson; Montagem: Terry Rawlings; Casting: David Grindrod; Design de produção: Anthony Pratt; Direcção artística: John Fenner; Decoração: Celia Bobak; Guarda-roupa: Alexandra Byrne; Maquilhagem: Tricia Cameron, Mandy Gold, Joe Hopker, Suzanne Jansen, Waldo Mason, Loulia Sheppard, Aaron Sherman, Jenny Shircore, Matthew Smith; Direcção de produção: Lorraine Fennell, Fraser Fennell-Ball, Dusty Symonds; Assistentes de realização: Terry Bamber, David Cain, Chloe Chesterton, David Decio, William Dodds, Tommy Gormley, Jon Jennings, Janine Law, Mark Layton; Departamento de arte: Nicola Barnes, Guy Bradley, Neal Callow, Graham Caulfield, Martin Smeaton, Adrian Start, Arthur Wicks, Helen Xenopoulos; Som: Tony Dawe, Martin Evans, John Hayward, Yann McCullough, John Mooney, Andy Nelson, Robin Quinn; Efeitos especiais: Jody Eltham, Alexander Gunn, Clive R. Kay, David McGeary, Peter Norcliffe, Gareth Wingrove; Efeitos visuais: Blondel Aïdo, Grant Hewlett, Allan Torp Jensen, David Jones, Kim Jorgensen, Nathan McGuinness, Michael Porterfield, Mark P. Renton, Jamie Stevenson, Nigel Stone, Zachary Tucker, Jeff Werner; Produção: Andrew Lloyd Webber, Eli Richbourg, Jeff Abberley, Julia Blackman, Keith Cousins, Louise Goodwill, Paul Hitchcock, Ralph Kamp, Austin Shaw.

Intérpretes: Gerard Butler (o Fantasma), Emmy Rossum (Christine), Patrick Wilson (Raoul), Miranda Richardson (Madame Giry), Minnie Driver (Carlotta), Ciarán Hinds (Firmin), Simon Callow (Andre), Victor McGuire (Piangi), Jennifer Ellison (Meg Giry), Murray Melvin (Reyer), Kevin McNally (Buquet), James Fleet (Lefevre), Imogen Bain, Miles Western, Judith Paris, Halcro Johnston, Paul Brooke, Oliver Chopping, Alison Skilbeck, Lee Sellers, Ramin Karimloo, Chris Overton, Jesika Cannon, Annabel Porter, Laura Lounsom, Max Thomas, Lorraine Stewart, Lucy Casson, Jose Tirado, David Langham, Sebastien Torkia, Chris Jarvis, Liesl Dowsett, Greet Botterman, Kirsty Tapp, Amy Lawson, Tess Cunningham, Kathryn Dunn, Pia Driver, Sophia Hurdley, Elena Buda, Mark Carroll, Terry Kelly, David Arneil, John Griffiths, Graham McDuff, Tricia Deighton, Mandy Holliday, Jackie Marks, etc.

Duração: 143 minutos; Distribuição em Portugal: LNK; Classificação etária: M/ 12 anos.

Ele vive nas catacumbas da Ópera de Paris, génio musical desfigurado e, por isso, constrangido às trevas. Um dia apaixona-se perdidamente por Christine, uma jovem cantora, a quem decide dedicar-se numa paixão sem medida - oferecendo-lhe a sua última obra-prima e manipulando os eventos de modo a que seja ela a protagonizá-la e, assim, conquistar a glória. A jovem, contudo, vira o seu olhar para o encantador Visconde Raoul de Chagny, belo, rico e jovem patrono da Ópera, o que desencadeia um ciúme insano no homem que tudo fizera para a pôr num pedestal. Louco por se ver preterido, trama a mais pavorosa das vinganças...

O Fantasma da Ópera é, originalmente, uma novela publicada por Gaston Leroux em 1910, época prolífica para terríficas ficções românticas. O seu sucesso foi imediato e transformou-se rapidamente em peças teatrais, vindo a ser multiplicadamente adaptada ao cinema em diversos filmes, em vários países, o mais célebre dos quais

a versão de 1925, produzida pela Universal, com Lon Chaney no protagonista. Em Outubro de 1986, Andrew Lloyd Webber estreou em Londres uma versão musical da novela - e com tal sucesso que se mantém em cena há 18 anos. É esta versão que agora, sob a direcção de Joel Schumacher, podemos ver em cinema.

Já se sabe: aquilo que era, no relato original de Leroux, uma narrativa de horror, transformou-se numa história de amor desesperada, sob a batuta, nem sempre inspirada, mas constantemente eficaz de Lloyd Webber. Mais delicadoce que medonho, mais feérico que tenebroso, elegante e mágico, o «musical» embalou milhões de espectadores nas salas de teatro de dezenas de países em todos os continentes, enleados nas melodias de um homem que soube, como nenhum outro nas últimas décadas, captar as cordas sensíveis do público. Tinha 21 anos quando o êxito de Jesus Christ Superstar o tornou conhecido em todo o mundo e quase todos os musicais que escreveu desde então foram consistentes sucessos de bilheteira - com destaque para *Evita* (1976), *Cats* (1981), *Sunset Boulevard* (1993) e, claro, *O Fantasma da Ópera* (1986). Nesta versão para cinema, Joel Schumacher faz-lhe inteira justiça. Respeitador, como é de regra nos musicais, dos elementos matriciais constantes da encenação para o palco, Schumacher dá-nos um espectáculo cheio de som, luxo e arrebatamento cénico que os apreciadores de Andrew Lloyd Webber não-de adorar. Há peso e pose intemperados? Evidentemente. É o estilo do compositor que nunca primou pela subtilidade, já que o seu público-alvo sempre primou por ser vasto. O cinema como espectáculo de massas também está na raiz desta fita.

Resgatados

E, todavia, nem tudo é cenários, música, guarda-roupa, massas sonoras e figurantes rasgados por uma câmara que se move com sofreguidão pela grandiloquência. Há em *O Fantasma da Ópera* de Andrew Lloyd Webber algo que vai fazer este filme perdurar para além dos acordes de «*Music of the Night*» e das outras canções arquivadas. Refiro-me a Emmy Rossum.

Lembram-se de *Mystic River* e da juvenzinha que fazia de filha de Sean Penn nas brevíssimas cenas que antecediavam o momento em que era assassinada? É ela. E se, nesse filme, Clint Eastwood quase só nos dava a ver uma chispa de relance, Schumacher dá-lhe agora um papel que a vai transportar para o coração de todos. Ela canta, ela seduz, ela praticamente liquefaz a pompa hierática de Gerard Butler e rouba-lhe, uma a uma, cada cena que fazem em conjunto. Ela é o grande talento que emerge desta fita e muito espantaria que não fosse seriíssima candidata ao Óscar de Melhor Actriz do Ano.

J.L.R., in *Expresso*

Já fez superproduções e pequenos filmes de autor, «blockbusters» de acção e filmezinhos românticos. Joel Schumacher é um daqueles cineastas de segunda linha sobre quem assenta boa parte da eficácia do sistema de Hollywood. Aos 65 anos, aposta, pela primeira vez num musical - e saiu-se bem. A entrevista que se segue foi feita em Londres, em Setembro último.

«*O Fantasma da Ópera* de Andrew Lloyd Webber» é um filme que parte de um espectáculo teatral muito conhecido. Teve constrangimentos na adaptação para cinema?

Antes de tudo tive que pensar que o que queria era proporcionar uma experiência cinematográfica, não uma peça de teatro. Portanto, há cavalos, carruagens, combates à espada, cemitérios e sobretudo, os bastidores da Ópera de Paris que quis tornar vivos - tudo coisas que não estavam no palco. Mas a música é muito conhecida, não podia cortar «números», é evidente...

O «musical» é um género muito codificado e irrealista. Na sua carreira, esta é a primeira incursão no género. Como abordou o irrealismo?

No princípio do filme mostrei Paris em 1919. É uma época a seguir à guerra, muito sombria, Paris é bastante suja, húmida e cinzenta, como se os fumos da revolução industrial a tivessem possuído. É a vida real, nada romântica. O edifício da Ópera há muito foi abandonado, ardeu, é agora morada de pombos. E, de repente, a memória de um homem volta à sua juventude, a Paris de 1870 quando ele se apaixonou pela primeira vez, em que tudo era iluminado a velas ou a gás - é um mundo completamente diferente. E é essa transição que serve de introdução à música, ao irrealismo, ao Fantasma da Ópera. Foi a minha forma de ajudar o espectador a fazer a passagem entre a vida real e a memória dourada.

Este filme tem dois tipos de representação. De um lado temos Emmy Rossum, no papel de Christine, completamente realista, que é uma pessoa. Em torno dela gira uma constelação de personagens feéricos, «flamboyants», excessivos, uns maléficos, outros caricaturais, mas não são pessoas...

Resgatados

...eu considero que Patrick Wilson é uma pessoa. E Gerard Butler e Miranda Richardson também... Minnie Driver é excessiva, claro, mas são assim as pessoas como Maria Callas, as grandes divas...

...mas não acha que é a história de uma rapariga inocente rodeada por personagens muito maiores que ela, maiores em todos os sentidos?

Claro. Mas também são pessoas. A interpretação de Gerard Butler parece-me muito credível, não uma caricatura... Mas tem razão quanto a ela: é uma jovem inocente. Se se olhar para os quadros de Degas, que retratam a época, reparará que as raparigas eram muito jovens... E acho que Emmy Rossum fez um trabalho excelente, porque é verdadeiramente uma rapariguinha, no início, e uma jovem mulher, no termo do filme. Repare: se tirarmos a música, os cenários, o guarda-roupa, o que fica é a narrativa da história de uma jovem que está a descobrir o amor romântico pela primeira vez (com a personagem de Patrick Wilson), e é o tipo de amor carinhoso que se deseja que um filho ou uma filha conheçam...

...mas não para si ou para mim...

(risos) ... não... seria o tédio... e é aqui que entra o Fantasma. Ele é o despertar sexual... uma paixão possessiva muito mais negra. E ela é atraída pelos dois, como muita gente é, no dia-a-dia da vida. Quantas vezes não vimos pessoas envolvidas numa relação destrutiva que querem ver-se livres dela, mas todas as pessoas decentes para que se voltam as aborrecem?

As filmagens decorreram de forma muito invulgar. Em vez de gravar as canções e depois filmá-las em «playback», algumas das canções foram retrabalhadas no estúdio de gravação depois das filmagens para se adequarem ao trabalho dos actores.

Sim. Porque quis que as canções fossem dramaticamente interpretadas. E, por vezes, quando um actor se pôs a chorar, ou quando achou que era melhor murmurar em vez de gritar, eu não quis que os actores ficassem presos ao que tinham gravado alguns meses antes. Por exemplo, mesmo no fim do filme, quando Christine traz o anel ao Fantasma e, depois, sai - ele vem para fora do quarto, vê o barco ir-se embora e canta «You Alone Can Make My Song Take Flight». No espectáculo ele canta a plenos pulmões, de uma forma muito operática e foi assim que gravámos. Mas Gerard Butler achou melhor cantá-la num quase murmúrio, porque está de coração destroçado. Nós regravámos a canção dessa forma, em vez de o fazermos gritar só porque tínhamos gravado de outra maneira. E aconteceu também outro facto. Quando começámos a trabalhar, Emmy Rossum tinha 16 anos e a voz dela foi amadurecendo entretanto. Andrew Lloyd Webber considerou que seria melhor regravá-la. Nos velhos musicais, gravava-se a música e filmava-se a partir dali. Isso tirava todas as hipóteses à espontaneidade, à mudança, à melhoria. Há cineastas que planificam as filmagens com rigor meses antes da rodagem e depois seguem escrupulosamente o que delinearam. E fazem grandes filmes.

Hitchcock, por exemplo...

Resgatados

Claro. Mas eu não sou capaz. Eu prefiro esperar pelas ideias dos actores e pela sua espontaneidade.

A escolha do elenco é muito interessante, porque não seguiu o que seria previsível, algumas grandes estrelas no topo do cartaz. «Evita», por exemplo, tinha Madonna e Banderas. Você escolhe actores menos conhecidos.

Não os escolhi por serem pouco conhecidos, mas por serem adequados às personagens. Se existissem grandes estrelas da idade das personagens eu tê-las-ia contratado.

Como foi a sua colaboração com Andrew Lloyd Webber?

Simples. Ele fez a música, eu fiz o filme. Andrew é muito inteligente, não pretende saber de tudo e não é um realizador de filmes, é um compositor. Portanto, não tentou dizer-me o que eu deveria fazer e eu não tentei dizer-lhe como escrever canções. Mas lembro-me que falámos em fazer este filme há 16 anos. E ficámos amigos desde então. Temos muita cumplicidade e muita confiança um no outro, fora do filme. Por outro lado, entusiasmou-se tanto que compôs mesmo música nova, especialmente para o filme, há imensas coisas que não estão no «show».

Entrevista de **Jorge Leitão Ramos**, in **Expresso**



Resgatados

R: Steven Spielberg (EUA, 2005); **A:** Josh Friedman, David Koepp, segundo romance de H.G. Wells; **Música:** John Williams; **Richard M. Sherman e Robert B. Sherman** (Canção "Hushabye Mountain"); **Fotografia (cor):** Janusz Kaminski; **Montagem:** Michael Kahn; **Casting:** Terri Taylor, Debra Zane; **Design de produção:** Rick Carter; **Direção artística:** Tony Fanning, Andrew Menzies, Edward Pisoni, Tom Warren; **Decoração:** Anne Kuljian; **Guarda-roupa:** Joanna Johnston; **Maquilhagem:** Karen Asano-Myers, Lois Burwell, Leo Corey Castellano, Linda Grimes, Joel Harlow, Tina Harrelson, Rob Hinderstein, Jason D. McGatlin, David Witz; **Assistentes de R:** Vic Armstrong, James Kerwin, Eric Richard Lasko, Craig Miller, Darin Rivetti, Adam Sommer, Ian Stone, Jennifer Truelove; **Departamento de arte:** Roy Barnes, Aric Cheng, Todd Cherniawsky, Doug Chiang, Kevin Cross, Tony Fanning, Marc Gabbana, Scott Herbertson, Billy Hunter, Rob Johnson, Glenn Lloyd, E. Cedar McClure, Kay Michaels, Joan Winters, Nicole Zaks; **Som:** Michael Babcock, Richard King, Hamilton Sterling, Randy Thom; **Efeitos especiais:** Daniel Sudick; **Efeitos visuais:** Christian Alzmann, Ryan Church, Pablo Helman, Connie Kennedy, Amber Kirsch, Cari Thomas, Gordon T. Wittmann, Robin D. Young; **Produção:** Kathleen Kennedy, Paula Wagner, Colin Wilson. **Intérpretes:** Tom Cruise (Ray Ferrier), Dakota Fanning (Rachel), Justin Chatwin (Robbie), Miranda Otto (Mary Ann), Tim Robbins (Harlan Ogilvy), Rick Gonzalez (Vincent), Yul Vazquez (Julio), Lenny Venito (Manny), Lisa Ann Walter, Ann Robinson, Gene Barry, David Alan Basche, Roz Abrams, Michael Brownlee, Camillia Sanes, Marlon Young, John Eddins, Peter Gerety, David Harbour, Miguel Antonio Ferrer, January LaVoy, Stephen Gevedon, Julie White, Marianne Ebert, Rafael Sardina, Amy Ryan, Ed Vassallo, Michael Arthur, Danny Hoch, Sharrieff Pugh, Erika LaVonn, Christopher Evan Welch, John Michael Bolger, Omar Jermaine, Robert Cicchini, Jim Hanna, Tracy Howe, Adam Lazzar-White, Vito D'Ambrosio, Laura Zoe Quist, Ana Maria Quintana, Lorelei Llee, Mark Manley, John Scurti, Becky Ann Baker, etc. **Duração:** 116 min; **Distribuição em Portugal:** Lusomundo Audiovisuais; **Classificação etária:** M/12 anos.

“A Guerra dos Mundos” na sua versão Spielberg pode resumir-se muito rapidamente: Ray Ferrier (Tom Cruise), trabalha nas docas, tem dois filhos, Robbie (Justin Chatwin) e Rachel (Dakota Fanning), que o visitam raramente, está divorciado, tem uma vida completamente desorganizada, sobrevive numa casa onde é difícil sequer dar com a cama. E está-se nas tintas mais ou menos para tudo. É o típico herói (anti-herói) inicial de tantos e tantos filmes norte americanos. Desencantado com o passado, sem grandes projectos para o futuro, quer que não o chateiem, tal como Bogart de “Casablanca” ou de “Ter ou não Ter”. Há sempre uma mulher antes disto tudo, e haverá depois uma tomada de posição pela coragem e a dignidade: apesar de não acreditar em nada, há um momento em que as circunstâncias o obrigam a tomar partido. Aqui é algo de bastante insólito: quando os filhos de Ray chegam para passar com ele mais um fim-de-semana sem história, presenciam todos um evento que mudará para sempre as suas vidas: depois de uma tempestade carregada de raios que se enterram na terra, desta emergem máquinas de guerra com um poder de destruição inesperado, que levam tudo

à sua frente e semeiam o pânico pelas cidades e estradas dos EUA. São os marcianos que invadem a Terra e a destroçam sem piedade e aparentemente sem finalidade.

No filme de 1953, e na obra de Wells, há uma explicação que aqui nos escapa: a vida em Marte está em extinção, vítima de erros ecológicos tremendos, e os marcianos procuram a Terra para sobreviver. À falta desta explicação, que nos é deliberadamente recusada, fica a falta de razão para tudo o que acontece. Por quê esta destruição? A filha de Ray pergunta-lhe: “São terroristas, pai?” A pergunta que qualquer americano faria depois do 11 de Setembro. Ou qualquer cidadão do mundo, em Espanha, no Bali, no Iraque, em Londres, no Afeganistão ou em África. Ray não sabe o que responder, mas como qualquer pai de família, agarra nos filhos e corre, tentando levá-los para o mais longe possível do horror. Este é um tema spielbergeano por excelência: a família, desavinda ou afastada, que se reúne perante o perigo. Mas esta corrida “familiar” é, apesar de tudo, a pequena história, a “anedota” de “War of the Worlds”. O essencial não se conta: sente-se. É o medo.

Resgatados

O medo é o centro nevrálgico de “A Guerra dos Mundos” em todas as suas versões mais conhecidas: o romance de HG Wells, do fim do séc. XIX, a versão radiofónica de Orson Welles, da década de 30, o filme de Bryan Haskins, de 1953, e agora esta nova versão de 2005. É evidente que alguma crítica caiu em cima de Spielberg de forma desapiedada: o filme é fraco, frouxo, etc. e mais etc., e, no final, escondida entre especulações várias, lá vem a verdadeira justificação para a desanca: Spielberg tornou-se “busheano”, porque agora “os outros”, “os diferentes”, os “alienígenas” são maus. Logo, Spielberg é possivelmente um racista odiento. Se há realizador que pode fazer um filme com ETs diabólicos é Spielberg, depois de ter feito “ET” e “Encontros Imediatos do Terceiro Grau”. Só um fundamentalista da teoria “rousseaunia” levada à idiotia acredita que, se houver extra-terrestres, estes serão todos angelicais.

Realmente a maioria da crítica portuguesa (para falar só desta que nos está mesmo ao pé da porta) tornou-se de uma tacanhez quase insustentável. A maioria é de um seguidismo direitista a não justificar qualquer comentário. Faz o elogio sistemático da produção norte-americana mais desinteressante, mas quando um filme aborda algum problema social mais sério, deita abaixo. Do outro lado, aparecem uns autistas de esquerda, cada vez mais raros, diga-se, que só vêem as aparências do que lhe mostram. É espantoso que não tenha aparecido uma crítica em Portugal a dizer que “Million Dollar Baby”, o último filme de Clint Eastwood, é claramente “busheano”, defende a invasão do Iraque e os valores militaristas. Não tenho dúvidas: é uma obra-prima, mas uma obra-prima de direita e profundamente perigosa enquanto mensagem. Curiosamente, a esquerda que lhe chamava “fascista” há anos (e com muita razão, quanto a “Dirty Harry”, mas sem razão nenhum depois disso), agora não vê nada para lá das aparências da genialidade do estilo.

Em compensação, é fácil, tão fácil, chamar “busheana” a “A Guerra dos Mundos”, de Spielberg, que até incomoda a celeridade. Como perturba a ligeireza a ajuizar muitas outras coisas. A inquisição católica foi um crime horrendo, a inquisição muçulmana tem de ser “compreendida”. Os ocidentais (aqui “ocidentais” são todos os que não são muçulmanos radicais) têm de ser tolerantes para com os outros (os muçulmanos

radicais), mas pouco importa que não exista tolerância nenhuma dos “outros” para com os “ocidentais”. Todos condenam justificadamente a brutalidades das cruzadas católicas; a “guerra santa” dos terroristas muçulmanos, pelo contrário, quase todos procuram “compreender”, com base em razões sociais, políticas ou económicas. Acusam-se os países ocidentais de serem ignóbeis capitalistas exploradores. Em muitos casos, até é verdade. São. Mas ninguém fala na clamorosa diferença social e económica que existe na maioria dos países árabes, onde se ostentam as mais colossais riquezas e os mais clamorosos índices de pobreza e indigência. Onde a exploração capitalista atinge um grau absolutamente inqualificável. Onde, acresce a tudo isso, não há liberdade de opinião, não há possibilidade de crítica, de oposição, de contraditório. Onde se vive na mais opressiva das ditaduras.

Portanto, há que estabelecer distinções e ser claro: ser contra o terrorismo, qualquer que ele seja, parece-me apenas uma atitude de uma elementar sensatez. Ser a favor ou contra a política de Bush, é outra coisa. O filme de Steven Spielberg é contra o terrorismo, claro! Não é a favor de Bush! Nada o diz, muito pelo contrário. Quem exige o sacrifício do sangue do vulgar cidadão americano em nome os valores puramente americanos, combatendo o “outro”, o “estrangeiro”, desonesto e corrupto, é Clint Eastwood, que o faz com uma mestria notável e uma sensibilidade invulgar. Mas a mensagem está lá. É Clint Eastwood que afirma (a sério!) que mata Michael Moore se ele lhe aparecer pela frente com uma câmara na mão.

Resgatados

Vejamos então o que diz Steven Spielberg e “A Guerra dos Mundos”. Que há ameaças escondidas na terra que se podem transformar a qualquer momento em armas mortíferas, se activadas pelo “inimigo oculto”. Inimigo que virá de fora (virá?), mas que também se encontra escondido entre os “nossos”. É verdade que os marcianos são teletransportados através de raios e se instalam nas suas naves enterradas na terra americana. Mas como foram parar essas naves a essa terra? Nasceram lá? De geração espontânea? Quem lá as colocou? Quem lá as construiu? Será que os marcianos não vêm apenas recuperar o que era seu há muitos milhares de anos? Ou será que marcianos não seremos nós todos, ao gerarmos máquinas letais que um dia alguém irá despoletar? Se nos agarrarmos à ideia inicial de HG Wells, essa era a mensagem. Pacifista e anti-bélica. Tão anti-belicista que o escritor previu e opôs-se tenazmente a duas grandes guerras, a de 14-18 e a de 39-45, opondo-se de igual modo a todas as formas de ditaduras.

Curiosamente essa é uma das diferenças essenciais entre o filme de 1953 (as naves aterram na Terra, vindas de Marte, com os invasores no interior das mesmas) e o de 2005 (onde os marcianos incorporam em naves que já existem enterradas na Terra). A diferença existe por alguma razão. Nada acontece por acaso. Seria fácil a Spielberg projectar as naves marcianas contra as torres gémeas ou algo idêntico. Não o fez.

O filme de Spielberg fala de invasores brutais que chegam do céu e tudo destroem. Pode falar do 11 de Setembro, fala de certeza. Mas também pode falar do Iraque, onde acontece algo idêntico. O que Spielberg condena é o horror que provoca a morte e a destruição. O que preocupa o cineasta é o pavor que se instala no dia a dia. Um horror que vem pelo espaço, mas que também se esconde no interior da mesma terra onde

se acobertam as naves: é numa cave esconsa que um americano cheio de raiva, de machado na mão, se prepara para lutar contra o invasor, mas se propõe profanar também a inocência que o rodeia. O que irá permitir ao cineasta construir uma das mais belas cenas de toda a sua obra: em off, Ray Ferrier destrói Harlan Ogilvy (personagem fabulosamente composta por Tim Robbins). Curiosamente, é a única destruição “pessoal”, “individualizada” que se percebe existir no filme. Há milhares de mortes, que não passam de números. Há uma morte de que se sente o peso. Curiosamente, a de um americano militarista e pedófilo.

Depois há outro aspecto muito curioso no filme que quase ninguém discute e muitos dos que o tentam é para fazer notar a fragilidade do final. Esses seres destrutivos que nos chegam do ar, mas também da terra, e que tudo levam à sua passagem, são combatidos de todas as formas, com todas as armas que os humanos conhecem. Nada os detém. Até que uma pequena poeira, um grão de areia, suspende o avanço e estanca a hemorragia: os invasores não estão preparados para as bactérias e os vírus que os humanos segregam e a que se habituaram já. Não poderá estar aqui uma imagem poética para como combater e vencer o horror, o terror? Combater o monstro que parece invencível com o que há de mais humano, as nossas fraquezas. Combater a tirania e a destruição com a frágil e vulnerável democracia, combater o terror mais profundo com a ainda tão imperfeita lição da defesa das liberdades e das garantias fundamentais do cidadão.

Resgatados

No filme de 1953, com assinatura de Byron Haskin, mas que toda a gente parece atribuir a um dos seus produtores, George Pal, especialista em efeitos especiais (o filme ganharia o único Óscar nesta categoria), não se fala de terroristas. Os tempos eram outros. No início da obra umas “actualidades” forjadas, a preto e branco, falam das armas da I Guerra Mundial, das mais letais da Guerra de 39-40, mas fixam-se sobretudo na bomba atômica. É a ameaça nuclear que pesa sobre o inconsciente colectivo da época, é sobre a Guerra-Fria, que opunha EUA e URSS, é sobre a histeria dos discos voadores, que o filme de 1953 centraliza a sua atenção. Mais uma vez é o terror de algo de que o cidadão desconhece a origem que está na base desta obra, assim como, no final da década de 30 (mais precisamente na noite de 30 de Abril de 1938), foi ainda o medo da instabilidade económica e o pavor da ameaça nazi que crescia na Europa, e da ditadura estalinista que se instalava na URSS, que fez o sucesso da adaptação radiofónica de Orson Welles, que pôs meia América em fuga numa noite de pânico generalizado.

Herbert George Wells, mais conhecido por W.G. Wells, nasceu pobre, a 21 de Setembro de 1866, em Inglaterra, na localidade de Bromley, Kent, filho de um comerciante falido e de uma governanta por temporadas. Foi obrigado a trabalhar desde muito novo, mas nunca se afastou da escola, e de uma paixão sólida pela ciência. Entre 1880 e 1883, em Windsor e Southsea, passou uma juventude difícil, mais tarde recordada num romance, “Kipps” (1905). Em 1883, Wells consegue um lugar de professor na Midhurst Grammar School, onde logra uma bolsa para ingressar na Normal School of Science de London. Aí será aluno do biólogo e cientista de inspiração darwinista T.H. Huxley, que muito o irá influenciar. Em 1887, abandona a Universidade sem ter terminado o curso, mas dá aulas em escolas privadas e, em 1890, forma-se finalmente. Muda-se para Londres, casa



Resgatados

com uma prima, Isabel, continua a carreira de professor, até que, a partir de 1893, passa a viver somente do que escreve. E a viver bem, pois se tornou rapidamente num escritor de sucesso, primeiramente com o êxito fulgurante de “The Time Machine” (1895), a que se seguiram “The Island of Dr. Moreau” (1896); “The Invisible Man” (1897) ou “The War of the Worlds” (1898), todos adaptados ao cinema, como várias outras obras suas.

Entretanto divorciara-se de Isabel, passara a viver com uma das suas alunas mais talentosas, Amy Catherine, com quem se casa em 1895. Depois de “First Men in the Moon” (1901), dá por encerrado o ciclo dedicado à ficção científica (um gênero literário que “inventa”, juntamente com o seu contemporâneo Jules Verne, ainda que ambos mantenham estilos e temáticas diferentes e visões do mundo e da ciência bem diversas: Jules Verne é um otimista e crente nas possibilidades do homem e da ciência, HG Wells, um pessimista, obcecado com as catástrofes que o homem pode provocar a si próprio). Entre outros, Wells influenciou escritores como George Orwell, em “1984”, ou Aldous Huxley, em “O Admirável Mundo Novo”

Cecil B. DeMille foi o primeiro que tentou adaptar ao cinema “A Guerra dos Mundos”, em 1925, ainda durante o período de cinema mudo. Em 1930 a Paramount ofereceu o projecto a Sergei Eisenstein que nunca andou com ele para a frente. A primeira versão viria a datar apenas de 1953. Wells, para lá de ter sido várias vezes adaptado ao cinema, escreveu ainda directamente para o cinema.

Apesar de convicto socialista, tendo aderido a uma associação inglesa em 1903, a Fabian Society de London, nunca foi adepto de Marx ou do comunismo, que criticou de forma vigorosa. Conferenciou amigavelmente com Lenine, mas cortou radicalmente com Estaline. O seu socialismo era reformista e erguido em liberdade. Continuou a escrever um pouco de tudo, desde romances, novelas e contos até ensaios científicos, textos políticos, panfletos sociais: “When The Sleeper Wakes” (1899), “Anticipations” (1901), “Mankind in the Making” (1903), “Modern Utopia” (1905), “The History of Mr. Polly” (1909) ou “The New Machiavelli” (1911), são algumas das suas obras desta época.

Em 1914, apaixonou-se por uma jornalista 26 anos mais jovem que ele, Rebecca West, vivendo uma paixão que os levava a chamarem-se um ao outro “pantera” e “jaguar”. Se vistas de fora, “todas as histórias de amor são ridículas”, já dizia o outro. Anthony West, filho de ambos, escreveu sobre este amor difícil e tumultuoso, em “Aspects of a Life” (1984).

Isabel, Amy Catherine, Amber Reeves, Rebecca West, Odette Keun e algumas outras mulheres que marcaram a sua vida serviram de inspiração para a sua obra romanesca. Mas Wells não se considerava um grande apaixonado: “Nunca fui um grande amoroso”, escreveu em “Experiment In Autobiography” (1934) “mas, apesar disso, amei várias pessoas profundamente.” Elizabeth von Arnim e Moura Budberg, a amante de Maximo Gorky, foram duas decepções na sua vida. A última recusou mesmo casar com ele ou ser-lhe fiel, e acabou como espiã ao serviço da URSS.

Depois da I Grande Guerra escreveu vários ensaios, como “The Outline of History” (1920), “The Science of Life” (1929-39), escrito de colaboração com Sir Julian Huxley e George Philip Wells, ou “Experiment in Autobiography” (1934). Ganha um estatuto de celebridade e torna-se um escritor respeitado e uma voz a ouvir-se. Em 1917 torna-se membro do Research Committee for the League of Nations e continua a publicar ensaios políticos, dedicados sobretudo aos aspectos organizativos do mundo e do militarismo. Foi mesmo agressivo quanto à mentalidade militarista: “O espírito profissional militarista é por necessidade inferior e sem imaginação.” ou “Nenhum homem com uma alta qualidade intelectual pode livremente aprisionar a sua vida numa tal vocação.” (em “The Outline of History”, 1920).

Resgatados

Um dos aspectos mais fulgurantes da sua carreira, ficou ligado à adaptação radiofónica que Orson Welles e o elenco do Mercury Theater fizeram de “The War of the Worlds”, causando o pânico indescritível. De tal forma que Orson Welles jurou nunca mais levar a efeito algo de semelhante. Em Portugal, também se passou à rádio a mesma história, mas sem resultados idênticos. Matos Maia fez aterrar os marcianos em Carcavelos, numa produção da Rádio Renascença, em 25 de Junho de 1958. Em plena época salazarista, a censura proibiu saber-se a reacção e chamou Matos Maia à polícia política. 30 anos depois, a 30 de Outubro de 1988, foi a Rádio Braga a emitir pela voz de José Manuel Coelho a invasão de marcianos, que pousaram na minhota planície de Cabanelas, em Vila Verde, marchando depois em direcção a Braga, onde o pânico se instalou, e a raiva dos enganados se fez sentir no dia seguinte, quando populares cercaram a rádio.

Em “The Holy Terror” (1939) Wells estuda a psicologia do moderno ditador, baseando-se para tanto no estudo das vidas e carreiras de Estaline, Mussolini e Hitler. Durante a II Guerra Mundial, mesmo quando Londres era bombardeada quase diariamente, recusou sempre abandonar a sua casa em Regent’s Park, não aceitando sequer refugiar-se. Morreu a 13 de Agosto de 1946. O seu último livro, “Mind at The End of Its Tether” (1945), expressa a sua visão pessimista do futuro da Humanidade. “A História da Humanidade torna-se cada vez mais uma corrida entre a educação e a catástrofe”, escreveu em “The Outline of History”. Hoje mais do que nunca.

Lauro António, in Revista História

A Queda – Hitler e o Fim do III Reich

| 183 |
cineco2005

Der Untergang ou Downfall ou The Downfall: Hitler and the End of the Third Reich



Resgatados

Realização: Oliver Hirschbiegel (Alemanha, Itália, Áustria, 2004); Argumento: Bernd Eichinger, segundo obras de Joachim Fest ("Inside Hitler's Bunker") e de Melissa Müller e Traudl Junge ("Bis zur letzten Stunde", em português "Até ao Fim"); Música: Stephan Zacharias; Fotografia (cor): Rainer Klausmann; Montagem: Hans Funck; Casting: An Dörthe Braker; Design de produção: Bernd Lepel; Direção artística: Gregor Mager; Decoração: Joachim Keppler; Guarda-roupa: Claudia Bobsin; Maquiagem: Peter Bour, Gabriele Hahn-Laue, Anette Keiser, Tomasz Matraszek, Gerhard Nemetz, Eberhard Neufink, Margrit Neufink, Waldemar Pokrowski, Helmut Rühl; Direção de produção: Philipp Alzmann, Dirk Gornickel, Natalya Smirnova, Silvia Tollmann, Peter Ulbrich; Assistentes de realização: Bohdan Graczyk, Tobin Ober, Tatjana Pagels, Hanus Polak Jr.; Departamento de arte: Martin Baar, Oliver Hoese, Aleksei Savvatyev, Vladimir Yegorov, Yelena Zhukova; Som: Stefan Busch, Nico Krebs; Efeitos especiais: Natasha Grachova, Uli Nefzer, Die Nefzers; Efeitos visuais: Damian Doennig, Jan Krupp, Helene Marinoff, Stefanie Stalf, Sebastian Stanek, Dietrich Stoll, Heiko Sülberg, Ismat Zaidi, Thomas Zauner, Zoltán von Gáti; Produção: Wolf-Dietrich Brücker, Bernd Eichinger, Doris J. Heinze, Jörn Klamroth, Christine Rothe.

Intérpretes: Bruno Ganz (Adolf Hitler), Alexandra Maria Lara (Traudl Junge), Corinna Harfouch (Magda Goebbels), Ulrich Matthes (Joseph Goebbels), Juliane Köhler (Eva Braun), Heino Ferch (Albert Speer), Christian Berkel (Ernst-Günter Schenck), Matthias Habich (Werner Haase), Thomas Kretschmann (SS, Hermann Fegelein), Michael Mendl (General Helmuth Weidling), André Hennicke (SS, Wilhelm Mohnke), Ulrich Noethen (Heinrich Himmler), Birgit Minichmayr (Gerda Christian), Rolf Kanies (General Hans Krebs), Justus von Dohnanyi (General Wilhelm Burgdorf), Dieter Mann (General Wilhelm Keitel), Christian Redl (General Alfred Jodl), Götz Otto (SS, Otto Günsche), Thomas Limpinsel (Heinz Linge), Thomas Thieme (Martin Bormann), Gerald Alexander Held (Walter Hewel), Donevan Gunia (Peter Kranz), Bettina Redlich, Heinrich Schmieder, Anna Thalbach, Dietrich Hollinderbäumer, Ulrike Krumbiegel, Karl Kranzkowski, Thorsten Krohn, Jürgen Tonkel, Devid Striesow, Fabian Busch, Christian Hoening, Aleksandr Slastin, Aline Sokar, Amelie Menges, Charlotte Stöber, Gregory Borlein, Julia Bauer, Laura Borlein, Dirk Borchardt, Liza Boyarskaya, Michael Brandner, I. Bubenchikov, Martin Butzke, Dmitri Bykovsky, Mathias Gnadinger, Bohdan Graczyk, Norbert Heckner, Enno Hesse, Yevgeni Ilovaitskij, Julia Jentsch, Michael Kind, Elisabeth von Koch, Michael Lippold, Konstantin Lukashov, Stefan Mehren, Alexander Orlov, Oleg Popov, Silke Popp, Vasili Reutov, Igor Romanov, Tanja Schlieff, Christian Schmidt, August Schmölzer, Jurij Schrade, Igor Sergeev, Hans H. Steinberg, Klaus-Jürgen Steinmann, Oliver Stritzel, Veit Stübner, Mikhail Tryasorukov, Vsevolod Tsurilo, Klaus B. Wolf, Bogdan Graczyk, Maria Semenova, S. Yevseyev, Traudl Junge (arquivo), Aleksandrs Petukhovs, Karl Richter, etc.

Duração: 156 minutos; Distribuição em Portugal: LNK; Classificação etária: M/16 anos.

De cada vez que surge um novo filme abordando o fenómeno do nacional-socialismo, de Hitler e do III Reich, da II Guerra Mundial e das perseguições racistas e políticas, o cidadão do mundo (enfim, creio que pelo menos uma grande percentagem dos cidadãos do mundo) deve colocar-se problemas idênticos aos que eu coloco a mim próprio, numa perspectiva histórica: como foi possível isto acontecer há sessenta anos, na Europa? Esta questão levanta outras, todas elas pertinentes. Se a “solução final” tivesse ocorrido na pré-história haveria a desculpa de “como eram selvagens esses homens!”, mas, feliz ou infelizmente, na pré-história não havia apetrechos técnicos para permitir a “solução final” e a violência era entre grupos quase familiares que discutiam caça, território, fêmeas e machos e pouco mais. Se o “holocausto” se

tivesse cingindo à Idade Média e às perseguições religiosas, ainda poderíamos deitar mão das públicas desculpas de um Papa pelos tenebrosos excessos praticados “no passado”, e compreender tudo isso como uma selvajaria da “Idade das Trevas”, tendo a certeza de que com o andar dos tempos tudo mudara: “até os Papas aceitam que o povo de Deus errou. Não voltará, pois, a acontecer.”

Infelizmente, os campos de extermínio existiam há 60 anos, eu era nascido, muitas das pessoas com que me cruzo na rua existiam, algumas são ainda sobreviventes desses campos. Outras terão sido carrascos. Uma das mais ignóbeis páginas da História do Mundo e do Homem (se não mesmo a mais ignóbil) aconteceu há anos, está ali ao virar da esquina, podemos olhar ainda para muita gente viva que sofreu com os acontecimentos. Esta constatação gera conclusões terríveis: o Homem progride no mal, aumenta a sua capacidade de gerar horror à medida que dilata as suas competências tecnológicas, e nada nos diz que a História seja uma contínua conquista a caminho de tempos melhores. Mais: sociedades ditas “civilizadas” e “cultas”, como a Alemanha dos anos 30 e 40, geram monstros tão ou mais pecaminosos que qualquer outra sociedade em estado dito de barbárie. Finalmente, o Homem não aprende nada: se o nazismo terminou há 60 anos, a guerra da Bósnia foi há uma década, o 11 de Setembro foi já no século XXI, e a guerra do Iraque está a acontecer agora (esta e quantas outras de idêntica violência?). Motivo para descrever por completo no Homem, não será (senão a melhor solução seria mesmo o suicídio global), mas não deixa de ser perturbador assistir a todo o momento à simultaneidade de acções de sentido contrário: o Homem que constrói a paz e o bem-estar de um lado, enquanto por vezes o mesmo Homem destrói o que foi feito, não deixando pedra sobre pedra.

Resgatados

Mas não há dúvida que a História do nazismo é uma história inquietante a vários níveis. Quer se queira, quer não se queira, esta é a história de um homem. Um homem que encontrou terreno fértil para fazer crescer a sua mensagem numa sociedade doente, traumatizada por derrotas (I Guerra Mundial), atravessando crises sociais, políticas, económicas profundas, convulsionada por movimentos extremistas em todas as áreas, da política à cultural e artística. No centro desta sociedade agredida por todos os lados, o cidadão suspira pela segurança, a estabilidade, a ordem que um qualquer tiranete lhe prometa. É aí que aparece Hitler com a sua mansa loucura inicial, a preparar terreno para todas as loucuras futuras. Esta é a história de um homem que cresce no terreno certo, na altura certa.

Mas esta não é, não pode ser, apenas a história de um homem. Esta é a história de uma sociedade que colectivamente permitiu que a demagogia crescesse até ao delírio, que a monstrosidade se instalasse nas ruas, nas casas e nos campos de concentração. Não venham com a desculpa do “nós não sabíamos!” Todos sabíamos. Era público e notório. Uns não saberiam o que se passava em Auschwitz, mas não ignoravam o que se passava na sua rua, com a loja do judeu fechada, ou o vizinho comunista deportado, com a queima de livros proibidos ou os “ghetos”. Todos sabiam e quase todos concordaram tacitamente, quando não aplaudiram mesmo nas imensas paradas que reuniam milhares e milhares de soldados e testemunhas activas.

Não nos venham dizer que a secretária pessoal de Hitler, com os seus vinte e poucos

estouvados anos, não sabia de nada do que se passava e admirava a humanidade do Führer. Todos os que pactuavam e todos os que se revoltavam sabiam. Todos sabemos hoje o que se passa nos campos de concentração de prisioneiros iraquianos. Todos sabemos o que se passa com os reféns degolados pelos árabes. Todos sabemos o que Paul Auster nos conta sobre as perseguições diárias a anódinos cidadãos árabes, hoje, agora, neste instante, nos EUA. Todos sabemos o que se passa em certas regiões da África, da Ásia, da América do Sul. Ou sabemos com provas, ou imaginamos. Os que não sabem, por desinformados, não são melhores que os outros. Meter a cabeça na areia nunca ajudou a avestruz.

Tudo isto porque se comemoram 60 anos sobre a derrota do nazismo e a morte de Hitler. Tudo isto porque surgiu um filme mais sobre os últimos dias de Hitler, enfiado num “bunker” de Berlim, isolado do mundo, perdido na sua louca megalomania, imaginando movimentações de exércitos que já não existiam, gatafunhando ordens e contra ordens sobre mapas desenhados sobre hipóteses que não se punham mais, ouvindo a aviação aliada descarregar bombas sobre a cidade, sabendo da progressão das tropas soviéticas conquistando rua a rua da cidade onde se escondia sob toneladas de cimento. Um homem isolado, rodeado por fantoches que se alimentam da mesma loucura ou se sentem incapazes de a contradizer, enquanto cá fora, à porta do “bunker”, morrem crianças de uniforme nazi e outras sem uniforme nenhum, e velhos, e mulheres, e as palavras de Goethe, a música de Wagner, a filosofia de Nietzsche.

Resgatados

Enquanto esta terra de ninguém alastra, Hitler grita que não se rende, chama traidores a todos os que afinal nunca tiveram coragem de o trair realmente, beija Eva Braun na boca e casa depois com ela, proclamando perante o notário que ambos são de pura raça ariana, preparando-se para oferecer à bem amada uma cápsula de cianeto, brinda com Joseph Goebbels, antes deste e a sua esmerada esposa distribuírem doses maciças de cápsulas pela adormecida prole, e assistimos aos últimos actos de Traudl Junge, secretária particular de Hitler, que sai cá para fora com a dignidade impoluta, à espera da melhor oferta para vender as memórias.

Quem viu vários outros filmes de ficção (baseados em factos históricos) ou documentários sobre os últimos dias de Hitler e do III Reich, este filme não traz quase nada de novo. Não me venham com a treta do Hitler humanizado (o Hitler de Alec Guinness não era um homem, igual a todos os outros na sua aparência?) lá por que beija na boca Eva Braun, leva uma cadela a passear, ou parece ter alguma ternura por um ou outro semelhante. É evidente que Hitler era um homem e aí está a tragédia maior deste holocausto. São homens iguais a todos os outros que praticam estas chacinas sem nome.

O filme de Oliver Hirschbiegel, com argumento de Bernd Eichinger, segundo obras de Joachim Fest (“Inide Hitler’s Bunker”) e de Melissa Müller e Traudl Junge (“Bis zur letzten Stunde”, em português “Até ao Fim”) tem a vantagem de voltar a chamar a atenção para um momento trágico da História do mundo, fazendo-o de uma forma digna, segura, interessante, e com um relativo rigor histórico. As obras literárias de onde parte são fontes plausíveis. O testemunho de Traudl Junge, que foi secretária

pessoal de Hitler desde 1942 até Abril de 1945, até ao suicídio deste, acompanhando o dia a dia nos últimos anos da sua existência, sempre enfiado em “bunkers” de acossado, não é particularmente relevante neste caso. O filme dá mais atenção a personagens, sobretudo à de Hitler, é certo, e muito menos a ideologias, mas através do comportamento diário de um homem, percebem-se as ideologias. Não há vida sem política. O filme prova-o bem. Cada gesto que se faz é um prolongamento de uma acção mental, de uma posição moral, de uma política.

São, todavia, variadíssimos os filmes anteriores a “A Queda” que contaram já com o testemunho de Traudl Junge. Em 1955, Georg Wilhelm Pabst dirigiu “Der Letzte Akt” ou “Hitler: The Last Ten Days”, e Traudl Junge foi entrevistada por Michael Mussmano e parte dessas informações foram incluídas neste filme. As memórias de Junge, “Until The Final Hour,” permitiram-lhe passar duas semanas na Áustria, acompanhando as filmagens, tendo recebido 1500 marcos. Em 1991, o documentário “Hitler’s Henchmen”, incluía um testemunho desta secretária de Hitler; em 1995, uma mini série para televisão, “Hitler - eine Bilanz” ou “Hitler: A Profile” ou “The Rise and Fall of Adolf Hitler”, voltava a incluir depoimento de Traudl Junge; em 1999, “Secretary to Hitler” era-lhe mesmo inteiramente dedicado, bem assim como “Im toten Winkel - Hitlers Sekretärin” ou “Blind Spot. Hitler’s Secretary”, todo ele baseado no conhecimento directo que Traudl Junge teve dos últimos dias do ditador alemão. Quanto ao ensaio de Joachim Fest, que desconhecemos, dizem-nos sólido e bem documentado.

Resgatados

O filme reflecte isso mesmo, sem grandes arrojados estilísticos, mas de uma forma firme. Tem boa reconstituição, cenas poderosas, alterna o intimismo esquizofrénico do interior do “bunker” com cenas de batalhas nas ruas de Berlim, sem todavia ceder ao espectacular. A violência que se abate sobre Berlim surge apenas como eco ou reflexo do que se vive no “bunker”. É a condicionante exterior. A concretização da loucura aparentemente mansa que se instala no interior, quando vemos Hitler mover no papel exércitos que já não existem, dar ordens às quais ninguém pode obedecer, suspirar por esperanças de vitória que não passam de quimeras. Ou insultar os próprios alemães que “não estiveram à altura das suas ideias e dos seus desejos” e que nunca lamentou a sua sorte, ao vê-los cair aos milhões. Na sua megalomania, nada o detém. Na sua desumanidade brutal, movimenta-se como um fantoche mimado que deixou fugir o seu brinquedo preferido. No meio da derrota mais estrondosa, o “Füher” afunda-se num retrato de senilidade precoce, com a doença de Parkinson a progredir, o corpo curvado e os olhos envelhecidos, a dieta vegetariana, o horror ao tabaco “que mata” (este filme é um tremendo elogio ao tabaco: só apetece fumar para desobedecer ao Füher!, só apetece “morrer” de tabaco quando se vê a morte assassina progredir inexoravelmente por todo o mundo). Deve dizer-se aqui que a excelente composição de Bruno Ganz oferece à figura de Adolf Hitler alguma complexidade psicológica (mas não ofusca o igualmente brilhante trabalho de Alec Guinness no filme de Ennio De Concini, “Gli Ultimi 10 Giorni di Hitler” (Itália, 1973), bem assim como muito outros actores com composições notáveis: Corinna Harfouch (Magda Goebbels), Ulrich Matthes (Joseph Goebbels), Juliane Köhler (Eva Braun), Heino Ferch (Albert Speer), entre vários outros.

Lauro António, in Revista História



Resgatados

Realização: Ridley Scott (EUA, Espanha, Inglaterra, 2005); **Argumento:** William Monahan; **Música:** Harry Gregson-Williams, Stephen Barton; **Marco Beltrami** (de “Blade 2”), Patrick Cassidy (de “Vide Cor Meum”), Jerry Goldsmith (de “The 13th Warrior”), Graeme Revell; **Fotografia** (cor): John Mathieson; **Montagem:** Dody Dorn; **Casting:** Antoinette Boulat, Jina Jay, Debra Zane; **Design de produção:** Arthur Max; **Direcção artística:** Maria-Teresa Barbasso, Robert Cowper, Gianni Giovagnoni, Ivo Husnjak, John King, Marco Trentini; **Decoração:** Sonja Klaus; **Guarda-roupa:** Janty Yates; **Maquilhagem:** Paul Engelen, Giorgio Gregorini, Melissa Lackersteen, Marese Langan, Anthony Parker, Marco Perna, Aldo Signoretti; **Direcção de produção:** Kimberley Ann Berdy, Alex Corven Caronia, Branko Lustig, Alberto Poveda, Emily Stillman, Ty Warren; **Assistentes de realização:** Alex Kirby, William Dodds, Akrame El Meziane, Pierre Ellul, Richard Goodwin, Stewart Hamilton, Ben Harrison, Emma Horton, Hugh Johnson, Darin Rivetti, Adam Sommer, Ian Stone; **Departamento de arte:** Francesca Birri, Sally Black, Mike Britton, Cristiano Donzelli, Andy Garner, Saverio Sammali, Bob Sherwood, Eleonora Sparagna, Roland Stevenson, Marco Trentini, Karen Wakefield; **Som:** Simon Chase, Gary Dodkin, Geoff Foster, Per Hallberg, James Harrison, Nigel Heath, Sue Lenny, Michael Minkler, Myron Nettinga, Colin Ritchie, David Stephenson, Oliver Tarney; **Efeitos especiais:** Neil Corbould, Alan Hedgcock, Waldo Mason, Jason McCameron, Mark Meddings, Steve Painter, Graham Riddell, Lee Rider, Corina Rosca, Cliff Wallace, Steven Warner, David Watkins, Alan Young; **Efeitos Visuais:** Victoria Alonso, Jessica Braun, Cenay Okmen, Wesley Sewell; **Produção:** Ridley Scott, Mark Albela, Bruce Devan, Lisa Ellzey, José Luís Escolar, Teresa Kelly, Branko Lustig, Henning Molfenter, Terry Needham, Denise O'Dell, Thierry Potok, Ty Warren.

Intérpretes: Orlando Bloom (Balian), Jeremy Irons (Tiberias), Liam Neeson (Godfrey), Jon Finch (Jerusalem), Edward Norton (Rei Baldwin), Eva Green (Sibylla), Ghassan Massoud (Saladino), Michael Sheen (padre), Nathalie Cox (Mulher de Balian), Eriq Ebouaney (Firuz), Iain Glen (Ricardo, Coração de Leão), Martin Hancock, Jouko Ahola, David Thewlis, Philip Glenister, Bronson Webb, Kevin McKidd, Nikolaj Coster-Waldau, Steven Robertson, Marton Csokas, Alexander Siddig, Velibor Topic, Michael Shaeffer, Brendan Gleeson, Nasser Memarzia, Lofí Yahya Jedidi, Samira Draa, Ulrich Thomsen, Matthew Rutherford, Michael Fitzgerald, Khaled El Nabauai, Karim Salah, Shane Atwooli, Giannina Facio, Emilio Doorgasingh, Peter Cant, Angus Wright, etc.

Duração: 145 minutos; **Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

Ridley Scott, inglês por nascimento, publicitário de formação, é um dos cineastas norte-americanos de maior vitalidade e interesse, sobretudo se nos reportarmos ao campo da super-produção. Depois de várias obras dirigidas sobretudo para televisão, Ridley Scott chama a atenção para si com “The Duellists”, em 1977. A seguir assina “Alien” (1979), que se tornará um filme de referência nos domínios do terror espacial, e “Blade Runner” (1982), que é uma das melhores películas de ficção científica de sempre. A sua reputação está assegurada. “Legend” (1985), “Someone to Watch Over Me” (1987) e “Black Rain” (1989) vivem dessa fama, sem lhe acrescentar nada de muito significativo, não comprometendo porém. Mas “Thelma & Louise” (1991) mostra-nos um novo cineasta, numa estética desprendida e quase alternativa, fazendo recordar os independentes americanos. Depois, com “1492: Christophe Colomb” (1992), regressa à super-produção histórica, onde se tornaria particularmente notado

em 2000, com “Gladiator”. “Hannibal” (2001), “Black Hawk Down” (2001) e “Matchstick Men” (2003) precedem nova incursão pelos terrenos históricos, com este “Kingdom of Heaven” (2005).

Foi o sucesso de “Gladiator” que, no entanto, relançou a reconstituição histórica nos estúdios americanos, neste início de século XXI. Foi o sucesso de bilheteira e de crítica do filme, mas também a curiosidade renovada e generalizada do público mundial pela História, o que se manifesta também ao nível dos “best sellers” literários, como o “Código Da Vinci”. Entre “Gladiator” e “Reino de Deus” apareceram “Tróia”, “Rei Artur” ou “Alexandre, o Grande”, para só falarmos no domínio dos “blockbusters” onde os estúdios investiram somas avultadas. Tudo obras onde a História se mescla com a lenda e onde a reconstituição se serve, quase sempre bem, das novas tecnologias digitais para lhes emprestarem um cunho de credibilidade até há pouco impensável. Basta recordar Roma e Jerusalém, respectivamente em “Gladiator” e em “Reino de Deus”, ambos de Ridley Scott, para se ter uma ideia do que falamos.

Resgatados

Agora o tema são as Cruzadas medievais, numa altura em que algumas nações ocidentais lançam as novas Cruzadas contra os infiéis, com incursões armadas contra o Afeganistão e o Iraque, depois dos novos “Assassinos” terem investido contra as Torres Gémeas, recolocando as chamadas guerras da religião em destaque e alerta máximo. O tema afigurava-se melindroso, num momento tão crítico da convivência entre duas religiões maioritárias à face da Terra, mas Ridley Scott sai-se bem neste aspecto, pugnando por uma convivência pacífica, chamando a exemplo os tempos de Saladino e Balduíno IV, atacando os radicalismos de ambos os lados e pondo em destaque os maus serviços de falcões irados e vingativos, ou cobiçosos vilões de riquezas alheias e honrarias próprias.

As relações entre cristãos e muçulmanos estão, todavia, inquinadas desde sempre. São duas religiões que se tentam anular uma à outra desde que ambas existem e raramente coexistiram em harmonia. Provocaram várias guerras sob o pretexto da religião, tendo quase sempre como base outras questões: poderio económico e político, controle de rotas de comércio, expansão de influência cultural, etc. Mas as questões religiosas nunca foram apenas uma máscara: existiram de facto e ainda existem, com radicalizações de fanatismo de ambos os lados. Tanto mais que cristãos e muçulmanos não são também religiões unívocas, passaram por vários cismas, encontram-se divididas em seitas que umas às outras chamam heréticas. Ortodoxos, anglicanos, calvinistas, etc, etc, de um lado, sunitas, xiitas, do outro, para só dar alguns exemplos. A verdade é que, neste aspecto, as religiões em lugar de criarem a harmonia entre os povos, fomentam a desarmonia, o conflito e provocam a violência generalizada. Foi assim com o advento do islamismo, com a época das Cruzadas entre os séculos XI e XIII, e daí para cá nada se modificou muito, até ao 11 de Setembro e às novas Cruzadas contra o Afeganistão e o Iraque.

Algumas referências históricas serão seguramente necessárias para situar as Cruzadas, nomeadamente o período entre a II e a III Cruzada, a que se refere o filme de Ridley Scott.

Deve dizer-se que entre os séculos XI e XIII, durante os quais decorreram as Cruzadas,

o mundo mediterrânico se encontrava dividido em três frentes: a Oriente o Islão, a crescer de influência, ao centro o Império Bizantino, a perder poderio e a desagregar-se, a Ocidente, o mundo Cristão, numa fase também de afirmação. O embate entre Cristianismo e Islamismo vai dar-se à custa do Império Bizantino, por onde passam cruzados e contra-atacam os árabes, deixando rastros de destruição. Mas estas viagens tiveram outras consequências, bem mais agradáveis do que o rio de sangue que tinha a sua nascente nos massacres de ambos os lados: o contacto entre Ocidente e Oriente fomentou a troca de culturas e de civilizações, iniciando uma pequena “globalização” de valores, técnicas, artes estilos de vida. Este “turismo” da violência acabaria por ser um tributo demasiado caro para as virtudes que pressupôs.

Falemos do Islamismo: Maomé, que nasceu em 570, e viria a falecer em 632, foi obrigado a sair de Meca, retirando-se para Medina, conhecida a partir daí como a cidade do Profeta. É o começo da Hégira, o exílio, data que irá dar origem ao calendário muçulmano (que principia a 16 de Julho de 622). É nessa cidade que funda o estado árabe, tornando-se simultaneamente chefe religioso e político. Numa época politeísta, a religião monoteísta de Maomé encontra resistência, mas este consegue impô-la pela força, derrotando os adversários em Meca, em 630, e fazendo triunfar o islamismo na Arábia. Em 632, morre Maomé em Medina, e Abu Bakr é escolhido por aclamação como primeiro califa. Começam as lutas pela “herança” religiosa e política do Profeta, com a derrota dos “falsos profetas” e das tribos rebeldes. Cria-se um estado árabe que tende para um império teocrático, iniciando-se o período de expansão árabe, anterior às Cruzadas, e que vai até 1089.

O califa Omar, Amir al-Mu'minin (príncipe dos Fiéis), inicia a Cruzada árabe para Ocidente: em 634. Teodoro, irmão do imperador bizantino Heráclio, é derrotado em Ajnadayn, entre Gaza e Jerusalém, pelo exército árabe, e a partir daí é sempre a somar. Apoderam-se de Jerusalém. Conquistam a Palestina, a Síria, a Mesopotâmia, actual Iraque, o Egípto, cuja ocupação é negociada pelo patriarca de Alexandria, com condições acordadas que garantiam a segurança de pessoas e bens, e a liberdade de culto para os cristãos. Mas a expansão continua, anexando Chipre, Cabul, a região do Indo (actualmente Paquistão e Afeganistão), ainda com a invasão da Península Ibérica (711) e a derrota de Rodrigo, último rei visigodo de Espanha. É em 687 que se inicia a construção da mesquita de Omar em Jerusalém, e, em 732, com a batalha de Poitiers, que se põe um fim à expansão árabe na Europa, muito embora prossiga no Mediterrâneo, com a conquista da Sicília, entrada em Roma (846), anexação de Malta. Entretanto, no reino árabe as divisões agudizam-se entre xiitas e sunitas. No início do século IX, este império atinge o seu apogeu, mantendo-se até quase ao final do século seguinte, altura em que começa a reconquista cristã de territórios europeus. Agudizam-se as inimizades, multiplicam-se os massacres de um lado e doutro e, em 1009, o califa fatimida do Cairo, al-Hakim, manda destruir as igrejas de Jerusalém. Em 1035, acontece a peregrinação a Jerusalém do duque da Normandia, Roberto, o “Diabo” ou o “Magnífico”, consoante a perspectiva. Seria uma espécie de ensaio para o que vem aí a seguir: em 1062, o Papa Alexandre II concede o perdão dos pecados a quem combater os muçulmanos, e no ano seguinte efectua-se a Cruzada de

cavaleiros borgonheses à Península Ibérica. O exército cruzado conquista a cidade de Barbastro, em 1064, após 4 meses de cerco. No ano de 1064, o arcebispo Gunther de Maiença e os bispos Guilherme de Utrecht e Otto de Ratisbona organizam uma peregrinação de 7.000 pessoas a Jerusalém. Fundação da seita muçulmana dos “Assassinos”, que pode considerar-se uma precursora de actos terroristas que inspiram a actual Al Qaeda, muito embora com raiz numa seita herética. Entre muitos outros atentados, apoderam-se do castelo de Alamute, na Pérsia, e matam o vizir Nizam al-Mulk. O seu método é a escolha criteriosa de objectivos precisos que tenham um forte impacto.

Afonso VI de Castela reconquista Toledo, mas em 1086 é derrotado na batalha de Sagrajar pelos berberes almorávidas, chamados à Península Ibérica pelos reis muçulmanos das Taifas, devido à conquista de Toledo. Entre 1086 e 1090, peregrinação à Terra Santa do conde de Flandres, Roberto de Frison, e em 1087, Cruzada francesa a Espanha, organizada por Urbano II, e dirigida por Raimundo de Saint-Gilles, conde de Toulouse e Eudes I, duque da Borgonha.

Resgatados

Está preparado o terreno para surgirem as Cruzadas à Terra Santa, para libertar Jerusalém. Em 1095, Aleixo I Comneno, imperador bizantino, envia uma embaixada ao papa Urbano II, para lhe pedir ajuda. O Papa Urbano II no Concílio de Clermont, em França, a 26 de Novembro, lança o seu apelo à Cruzada: “A todos aqueles que partirem para as Cruzadas e perecerem no caminho, seja por terra, seja por mar, ou que perderem a vida combatendo os pagãos, será concedida a remissão de seus pecados.” Esta promessa soa muito parecida a outras ouvidas muito recentemente, nas bocas de suicidas bombistas árabes, que não se importam de morrer para irem direitinhos para o Paraíso, onde serão recebidos com graças e prazeres nunca conhecidos na Terra. As religiões no seu melhor e os cidadãos no grau zero da credibilidade e da manipulação demagógica.

Em Abril de 1096, parte assim a Cruzada popular dirigida por Pedro, o Eremita, e Gautier Sans Avoir. A 6 de Julho, no Concílio de Nîmes, Urbano II confia a Raimundo de Saint-Gilles o comando de uma das expedições à Terra Santa. A 1 de Agosto, a Cruzada popular chega a Constantinopla, ao mesmo tempo que partia da Europa a Cruzada dos barões (composta por Godofredo de Bulhão, Raimundo IV, conde de Toulouse, Boemundo de Tarento; Estêvão, conde de Blois, Tancredo de Hauteville e Roberto II, conde da Flandres). Entretanto, a 21 de Outubro, tropas turcas e búlgaras do sultão de Niceia, Kilij Arslan, aniquilam a Cruzada popular na Anatólia. Pedro, o Eremita escapa ao massacre e foge para Constantinopla. A 23 de Dezembro, chega Godofredo de Bulhão e companheiros a Constantinopla. O imperador de Bizâncio exige, e obtém, após muitas recusas, a promessa de restituição das terras e das cidades retomadas aos muçulmanos, e a aceitação da sua suserania sobre as novas conquistas. Niceia é tomada pelos cruzados e restituída a Bizâncio. A 20 de Outubro e 1097, os cruzados atingem Antioquia, que cercam e tomam a 3 de Junho de 1098. No dia seguinte são cercados por um exército comandado por Kerbogha, enviado pelo Sultano seljúcida da Pérsia. Alguns dias depois, os cruzados derrotam as forças sitiadas muçulmanas.

Em 1097, a 15 de Novembro, Balduíno de Bolonha abandona o campo dos cruzados e toma a direcção de Edessa, indo em socorro do príncipe arménio da cidade, onde chega em Fevereiro do ano seguinte. Balduíno de Bolonha proclama-se príncipe de Edessa, após a morte de Thoros, fundando assim o primeiro Estado Latino do Oriente. Em 26 de Agosto de 1098, os Fatímidas ocupam Jerusalém, e em 12 de Dezembro, os cruzados apoderam-se de Maarat An Noman, na Síria. A população é massacrada e a cidade destruída. Em Janeiro de 1099, os Francos retomam a sua marcha para Jerusalém, onde chegam a 7 de Junho. A 10 de Julho, a muralha é atravessada, e a 15 de Julho, dá-se a conquista de Jerusalém pelos cruzados e subsequente massacre da população muçulmana e judia. Um acontecimento de tal forma brutal que ainda hoje assombra as relações entre cristãos e árabes. A 22 de Julho, Godofredo de Bulhão é eleito rei de Jerusalém pelos barões, mas recusa o título e aceita ser apenas “o defensor do Santo Sepulcro”. Morre em 1100, sucedendo-lhe Balduíno de Bolonha, irmão de Godofredo, príncipe de Edessa, que é coroado primeiro rei de Jerusalém em Belém, no dia 25 de Dezembro. Entre 1105 e 1113, os “Assassinos” redobram de actividade. Em 1111, Mawdud, emir de Mossul, ataca os Francos, e massacra a população de Edessa quando esta se dirigia para a margem ocidental do rio Eufrates. Em 1113, uma bula papal, decretada por Pascoal II, reconhece oficialmente a ordem do Hospital de São João de Jerusalém e, entre 1119 e 1120, nove cavaleiros ocidentais fundam, em Jerusalém, a Milícia dos Pobres Cavaleiros de Cristo, depois Ordem do Templo, reconhecida oficialmente no Concílio de Troyes, em 1129, pelo Papa Honório III. Ambas as ordens irão desempenhar importante papel durante as Cruzadas.

Resgatados

Entretanto, as batalhas e massacres sucedem-se de um lado e doutro. 1119 fica assinalado pela batalha de “Ager Sanguinis” (do campo de sangue). Percebe-se porquê: o emir el Ghazi, de Diyarbakir aniquila o exército franco de Antioquia, perto de Atareb. Em 1124, Tiro é tomada pelos cruzados. Em 18 de Junho de 1129, Zinki instala-se em Alepo e faz apelo à Jihad contra os Francos. Mais um apelo à “guerra santa”. Em 1131, a 14 de Setembro, morre Balduíno II e sucede-lhe Foulques V, de Anjou, novo rei de Jerusalém. Em finais de 1143, precisamente a 25 de Dezembro, Zinki, atabaque de Alepo e de Mossul, toma Edessa. A primeira Cruzada termina.

A Segunda Cruzada fica marcada pelo aparecimento de Saladino. Mas antes, a 14 de Dezembro de 1145, o Papa Eugénio III proclama a 2.^a Cruzada. Em finais de 1146, (25-27 de Dezembro), São Bernardo de Claraval ordena a Conrado III, imperador alemão, que dirija a nova Cruzada. 1147: Partida do rei de França, Luís VII, e de Conrado III para a Palestina, onde o rei de França chega a 4 de Outubro. Entretanto, os cruzados alemães, abandonados pelos bizantinos, são esmagados em Dorileia. Em Março de 1148, Luís VII desembarca em Antioquia, em Julho, as tropas francesas, os sobreviventes da Cruzada alemã e os cavaleiros da Terra Santa põem cerco a Damasco, mas abandonam a cidade cinco dias depois, sem terem conseguido conquistá-la. Na primavera de 1149, Luís VII e Conrado III regressam a França: a Segunda Cruzada falha e o mito da invencibilidade dos Francos é destruído.

Em 1169, Salah ed-Din (Saladino, para os ocidentais), fundador da dinastia curda dos Ayyubidas, é nomeado vizir do Egipto por Nur ed-Din, califa de Damasco. Em 1170,

Amaury I bate Nur ed-Din no Mar Morto e Saladino em Gaza. No ano seguinte, Saladino inicia a unificação dos Estados árabes: suprime o califado fatimida do Cairo e reúne-o com o califado de Damasco. A 15 de Maio de 1174, Nur ed-Din morre, e Saladino apodera-se do poder na Síria. Por essa altura morre Amaury I e inicia-se o reinado de Balduíno IV, o “rei leproso”. Saladino começa a construção da grande cidadela do Cairo. Em 1177, organiza-se a Cruzada dirigida pelo conde da Flandres, Filipe da Alsácia e, no mesmo ano, Saladino é derrotado em Montgisard por Balduíno IV. Em 1179, Saladino ataca Tiro e no ano seguinte celebra com Balduíno IV uma trégua. Mas as hostilidades continuam, provocadas por fanáticos sem escrúpulos.

1182, Agosto. Saladino ataca Nazaré e Tiberíade e tenta tomar Beirute para dividir em dois os Estados latinos. Em Constantinopla, dá-se mais um massacre de Latinos. Em 1183, expedição de Renaud de Châtillon contra Medina, que é aniquilada por Saladino, que se torna o grande vingador do Islão. A trégua de 1180 acaba. Saladino ataca Alepo e devasta a Samaria e a Galileia. Em 1185, assinatura de uma nova trégua de quatro anos entre Saladino e Balduíno IV. Mas em 1187, Guy de Lusignan, por morte de Balduíno IV, torna-se rei de Jerusalém, depois do breve reinado de Balduíno V, impedindo a subida ao trono de Raimundo III de Trípoli, que se refugia em Tiberíade.

Resgatados

Renaud de Châtillon, um dos fanáticos da “guerra santa” contra os infiéis, ataca uma caravana que se dirigia para Meca, pondo fim à trégua acordada dois anos antes. A 4 de Julho de 1187, Guy de Lusignan é feito prisioneiro em Hattin e justificado pelas mãos de Saladino. Saladino volta a tomar Acre, Jafa, Cesareia, Sídón, Beirute e Ascalon. Entre 20 de Setembro e 2 de Outubro desse ano, Saladino cerca e toma de Jerusalém. Os cristãos são deixados sair em liberdade, depois de uma acordo firmado pelo chefe islâmico. O Santo Sepulcro é fechado e as mesquitas reabertas.

A Terceira Cruzada inicia-se com a pregação de uma nova Cruzada pelo arcebispo de Tiro. Em 1188, Frederico Barba-Roxa, imperador alemão, Filipe Augusto, rei de França, e Ricardo Coração de Leão, rei de Inglaterra, organizam uma Cruzada a pedido do papa Gregório VIII. Por seu lado, Saladino abandona o cerco de Tiro, defendido por Conrado de Montferrat, marquês piemontês e conquista todo o território franco, tirando Trípoli, Tiro e Antioquia. Guy de Lusignan, antigo rei de Jerusalém, preso por Saladino, é libertado e cerca São João de Acre. Em Maio de 1189, Frederico Barba-Roxa parte para a Terra Santa, conquistando Konya, capital do sultanato turco da Ásia Menor, mas afoga-se nas águas do Selef na Cilícia. A Cruzada alemã, agora dirigida por Frederico da Suábia, filho de Barba-Roxa, dirige-se para S. João de Acre. Filipe Augusto e Ricardo Coração de Leão chegam a São João de Acre, que reconquistam. A 2 de Agosto de 1191, Filipe Augusto, rei de França, regressa à Europa, e a 7 de Setembro, Ricardo derrota Saladino no palmar de Arsouf. Guy de Lusignan, antigo rei de Jerusalém, recebe de Ricardo Coração de Leão a ilha de Chipre, enquanto feudo. Conrado de Monferrat, senhor de Tiro, rei consorte de Jerusalém, é assassinado por dois membros da seita dos Assassinos. Em 1192, Henrique II de Champagne casa com Isabel, viúva de Conrado de Monferrat, e torna-se rei de Jerusalém. No mesmo ano, entre 1 e 5 de Agosto, na batalha de Jafa, vitória de Ricardo Coração de Leão sobre Saladino, permitindo uma nova paz entre Saladino e Ricardo Coração de Leão: trégua

de três anos. Os muçulmanos mantêm-se em Jerusalém, mas permitem as peregrinações ao Santo Sepulcro. Os cruzados ocupam uma faixa contínua de território de Tiro a Jafa. 1193, 3 de Março: Morte de Saladino em Damasco.

Voltando ao filme de Ridley Scott há que referir que globalmente é uma obra interessante, com um protagonista a que Orlando Bloom nunca empresta densidade ou consistência, mas bem servido de secundários e com bons momentos de cinema, sobretudo na segunda metade. Historicamente há imprecisões que uma obra de ficção impõe (um filme deste género não é uma obra histórica e têm de se compreender algumas liberdades “poéticas”).

Balian (Orlando Bloom), um ferreiro francês que perdeu mulher e filho, e matou um padre, descobre, com surpresa, no meio dos escombros da sua casa, que é filho bastardo de um nobre, Godofredo de Ibelin (Liam Neeson), um cruzado que volta da Terra Santa e regressa a Jerusalém, depois de inculcar no jovem os ideais da cavalaria e de lhe prometer o perdão para os seus pecados e uma vida celestial magnífica se a morte se der no campo da honra.

Cronologicamente estamos entre a segunda e a terceira cruzada, num tempo de paz, conduzido com extrema cautela por Balduíno IV, rei de Jerusalém, ajudado por um conselheiro (inventado) de nome Tiberias (Jeremy Irons), e pela argúcia e moderação do mítico sarraceno Saladino (Ghassan Massoud). Por morte de Balduíno IV, rei leproso, os fanáticos investem e ganham posições, tentando destruir o “reino dos céus” proposto pelo falecido Rei de Jerusalém, contrapondo-lhe um reino de intriga e violência. Balian, porém, que havia jurado fidelidade à causa de seu pai, procura defender a paz e a harmonia religiosa e cultural, proteger os humildes, e manter na Terra esse “Reino dos Céus”. De balde.

Acontece que esta figura de Balian não existe na História tal como nos é apresentada no filme, nunca foi amante de Sibylla, irmã do Rei, pois esta parece ter sido devotadíssima ao marido, Guy de Lusignan, a quem levou até ao trono. Mas há outras imprecisões de somenos importância. Entre a morte de Balduíno IV e a regência de Guy de Lusignan, houve um filho de Sibylla, recém-nascido, que assumiu o trono, ainda que por pouco tempo, pois viria a falecer. Tiberias não deixou rasto na História, nem deve ter existido. O naufrágio do navio onde Balian vai a caminho do Oriente, é algo irrealista, deixando vivo apenas o predestinado herói. Pode dizer-se portanto que são várias as minudências históricas que não conferem, mas globalmente o espírito da época é respeitado, e o essencial salvaguardado. Afinal, o mais importante.

E deve dizer-se ainda que após a chegada a Jerusalém a obra ganha outro fôlego, a reconstrução da Cidade Santa é excelente, algumas cenas de batalhas magníficas, inclusive nos seus dispositivos bélicos (armas e artefactos militares) e no desenho das táticas e contra-ofensivas. A utilização das imagens virtuais é perfeita e rigorosa, quase não se dando por elas, mas valorizando a grandiosidade do cenários e dos campos de batalha.sério “O Dia Depois de Amanhã”?

Lauro Antônio, in Revista História



M. NIGHT
SHYAMALAN

CineEco 2005



M. Night
Shyamalan

M. NIGHT SHYAMALAN

Manoj Nelliyattu Shyamalan nasceu em 6 de Agosto de 1970, na União Indiana, em Pondicherry, na província de Tamil-Nadu, filho de pai e mãe médicos (cardiologista e obstetra). Ainda muito jovem mudou-se para os Estados Unidos e cresceu em Filadélfia, cidade cenário de muitos dos seus filmes. Desde pequeno que gostava de cinema e aos oito anos os pais ofereceram-lhe uma super-8. Terminou o seu primeiro filme aos 10 anos e aos 16, Shyamalan já tinha uma “filmografia” amadora de 45 títulos. Os seus heróis seriam por essa altura Steven Spielberg e Alfred Hitchcock, com alguns outros cineastas e filmes de permeio (realizadores de filmes fantásticos e de terror, na linha de um Jacques Tourneur), que o influenciaram na temática e no estilo.

Bom aluno, formou-se com distinção no colégio e foi convidado para ingressar em várias faculdades. Foi nessa época que se tornou cidadão norte-americano, tendo recebido bolsas de estudos. Enquanto preenchia as fichas de pedido de adesão às universidades, assinou pela primeira vez Night, um nome nativo americano que ele viu num texto e adoptou.

A família indicava-lhe o caminho da tradição e da continuidade (além dos pais, tem mais nove familiares médicos!), mas a paixão pelo cinema ditou regras e foi decisiva na escolha da carreira: matriculou-se na Escola de Artes da Universidade de Nova York, onde se formou em cinema. Em 1992, no último ano de faculdade, Night escreveu “Praying with Anger”, um filme com muito de autobiográfico, que narra a viagem à Índia de um adolescente americanizado em busca de suas raízes. O filme, obviamente inspirado numa viagem que o próprio Shyamalan fez à sua terra natal quando adolescente, foi produzido, realizado, escrito e interpretado por ele, ganhou o prémio de melhor filme de estreia do Instituto de Filmes de Los Angeles, além de ter participado no Festival de Toronto, onde foi muito bem recebido pela crítica e público. Foi este



M. Night
Shyamalan

filme que lhe permitiu reunir os fundos necessários para dirigir, escrever e produzir o seu projecto seguinte, “Wide Awake”, (1998), comédia dramática, sentimentalona e algo piegas, tendo como protagonista um miúdo (Joseph Cross), cujos pais são médicos, que estuda num colégio católico de Filadélfia, e adora o avô que morre com um cancro, levando o adolescente a questionar-se sobre a existência de Deus.

A rodagem do filme parece ter sido difícil. Segundo declarações do próprio realizador, os três anos que se prendem com a concepção deste filme foram os piores da sua vida. O contrato com a Miramax possibilitou que o título fosse rodado, com um elenco curioso, Rosie O’Donnell, Denis Leary e Dana Delaney, nos principais papéis, mas os dias de filmagem foram difíceis, a equipa técnica foi mudando, e a montagem demorou 18 meses! No final, a crítica foi bastante negativa e o resultado da bilheteira quase catastrófico. Diga-se que justificadamente. Para início de carreira não se podia esperar nada mais desencorajador. Concebido originalmente como o primeiro capítulo de uma trilogia, os planos foram por água abaixo depois da fraca recepção.

Mas a sorte estava do seu lado. Por essa altura surgiu a oportunidade de rodar “O Sexto Sentido”, filme que o iria lançar internacionalmente da noite para o dia. Enquanto escrevia este filme que se estrearia em 1999, numa produção agora ligada aos estúdios Disney, Shyamalan colaborou no argumento de “O Pequeno Stuart Little”, de Rob Minkoff, uma adaptação de um conto infantil para o cinema, que viria igualmente a conhecer um bom resultado.

Malcolm Crowe (Bruce Willis), psicólogo infantil, desdobrando-se entre um trabalho que o absorve, e a vida familiar, é um dia confrontado com um paciente que o acusa de não ter feito tudo quanto era necessário por ele, atingindo-o com uma bala no abdómen...

Cole Saer, um miúdo de onze anos, é outro paciente seu. Tem visões,



M. Night
Shyamalan

fantasmas que lhe povoam a existência e o paralisam de medo. São mortos que o visitam em busca de auxílio. É esse o seu “sexto sentido”. Cole não quer ser visto como um “anormal”, mas ninguém acredita nas suas “visões”. Até que um dia Malcolm Crowe o aconselha a não ter medo dessas presenças do além, que seguramente o procuram com alguma finalidade. “Eles” precisam dele. E Cole passa a falar com os seus fantasmas e a confortá-los na medida do possível. Na peça que então representa na escola, “The Young Arthur King”, será a sua inocência que lhe permitirá retirar a espada enterrada na rocha. Afinal o futuro é dos puros de coração...

“The Sixth Sense”, de M. Night Shyamalan, tem obviamente muitos caminhos, inclusive um bem urdido volte face final, mas na essência este será o tema central deste filme que se afirmou como uma das grandes surpresas do cinema norte-americano de 1999, batendo records de receitas (o que poderia não querer dizer nada) e recolhendo uma quase unanimidade de apreciações críticas bem positivas. Digamos que merecidamente, dado que tanto ao nível do argumento (um original do próprio realizador), quer da realização, quer ainda da interpretação, este é um trabalho envolvente e original.

A forma como M. Night Shyamalan constrói o seu filme é particularmente inteligente, afastando-se de qualquer modelo de filme de terror “gore” actual, procurando sobretudo a inquietação psicológica. M. Night Shyamalan mostra com “O Sexto Sentido” como é artificial o êxito de “The Blair Witch Project” (um projecto da mesma época), optando pelos terrenos de uma produção de orçamento reduzido ao nível dos efeitos especiais, e de um certo intimismo de retrato. Jogando muito com planos apertados e uma certa imobilidade de câmara, M. Night Shyamalan dá essencialmente atenção às personagens e às relações que se estabelecem entre elas, num registo de secretismo de emoções que só beneficia a obra, aliás muito bem iluminada pelo director de fotografia



M. Night
Shyamalan

Tak Fujimoto, e pela ambiência musical criada por James Newton Howard. Bruce Willis notabiliza-se igualmente pela justeza da sua interpretação, muito longe dos seus trabalhos em anteriores obras de acção (Bruce Willis afirmou nessa altura que “já tinha morto todos os terroristas da década de 90”), mas a grande revelação é sem dúvida o pequeno Haley Joel Osment que se mostra um verdadeiro actor em toda a dimensão do termo, sendo perfeitamente justa a sua nomeação para o Oscar de melhor actor secundário (que se arrisca mesmo a ganhar).

O filme que custou 55 milhões de dólares, arrecadou quase 300 milhões de dólares só nos Estados Unidos e mais de 680 milhões ao redor do mundo. Foi ainda campeão de aluguer em DVD - 8 milhões de pessoas em 2000 -, ganhou 27 prémios internacionais e ficou 5 semanas no topo das receitas de bilheteiras. Além deste sucesso comercial, recebeu seis indicações para os Oscars (incluindo melhor realizador e filme) que colocaram o nome M. Night Shyamalan entre as grandes apostas de Hollywood.

Admirador incondicional de Spielberg e Hitchcock, Shyamalan tem algumas características curiosas. Uma das mais interessantes será a sua enorme economia de meios e a recusa em utilizar efeitos especiais, preferindo sempre a criação de um clima angustiante com a duração dos planos, a rigidez de movimentos de câmara, a utilização da música, as cores e a iluminação escolhidas para os seus planos. Os seus filmes seguintes só vieram confirmar esta ideia, prolongando sucesso comercial e êxito crítico. “O Protegido” (Unbreakable), “Sinais” (Signs) e “A Vila” (The Village) demonstram bem a regularidade de um percurso, com uma temática constante e um estilo que cada vez mais se notabiliza. “O Protegido” continua a ser para muitos o seu melhor filmes, enquanto muitos outros prefere o clima.

M. NIGHT SHYAMALAN

Filmografia

Como realizador:

PRAYING WITH ANGER

Título original: *Praying with Anger*

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 1992); Argumento: M. Night Shyamalan; Música: Edmund Choi; Fotografia (cor): Madhu Ambat; Montagem: Frank Reynolds; Direção artística: Krishnamurthy; Som: Annette Danto, Ira Spiegel, Reilly Steele; Produção: Jayalakshmi Shyamalan, M. Night Shyamalan, Nelliate C. Shyamalan.

Intérpretes: M. Night Shyamalan (Dev Raman), Mike Muthu (Sanjay), Richa Ahuja (Rupal Mohan), Sushma Ahuja (Mrs. Mohan), etc.

Duração: 107 min; Distribuição em Portugal: Inédito;

WIDE AWAKE

Título original: *Wide Awake*

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 1998); Argumento: M. Night Shyamalan; Música: Edmund Choi, Shok; Fotografia (cor): Adam Holender, Madhu Ambat; Montagem: Andrew Mondshein; Casting: Avy Kaufman; Design de produção: P. Michael Johnston; Decoração: Andrea Mae Fenton; Guarda-roupa: Bridget Kelly; Maquilhagem: Joseph P. Hurt, Janice Kinigopoulos, Karen Lovell, Rita Parillo; Direção de produção: Eddy Collins, Scott Currie, Desirée Jellerette; Assistentes de realização: Carla Bowen, Solita Hanna, Richard Mercer Walls II; Departamento de arte: Kate Bartouldus, Liz Bonaventura, Rich Devine, Kia Steave Dickerson, Douglas Fecht, Lara Kelly, Peggy Khoury, Jay Klein, Brick Mason, Charles J. Scott, Nell Stifel, Gay Studebaker, Joseph M. Urbanik, Paul Williams; Som: Louis Bertini, David Carbonara, Bruce Kitzmeyer, David J. Marks, Brian Miksis, Mary Ellen Porto, Ira Spiegel; Efeitos Especiais: Edward Drohan III; Produção: James Bigwood, Cathy Konrad, Timothy J. Lonsdale, Randy Ostrow, Meryl Poster, Bob Weinstein, Harvey Weinstein, Cary Woods.

Intérpretes: Joseph Cross (Joshua A. Beal), Timothy Reifsnyder (Dave O'Hara), Dana Delany (Mrs. Beal), Denis Leary (Mr. Beal), Robert Loggia (Avô), Rosie O'Donnell (Irmã Terry), Camryn Manheim (Irmã Sophia), Vicki Giunta (Irmã Beatrice), Julia Stiles (Neena Beal), Heather Casler (Hope), Dan Lauria (Padre Peters), Stefan Niemczyk (Frank Benton), Michael Pacienza (Freddie Waltman), Michael Shulman (Robert Brickman), Jaret Ross Barron (Dan), Jarrett Abello, Joseph Melito, Peter A. Urban Jr., Jahmal Curtis, Michael Craig Bigwood, Gil Robbins, Marc H. Glick, Robert K. O'Neill, Deborah Stern, Joey Perillo, Jerry Walsh, Liam Mitchell, Charles Techman, Antoine McLean, Arleen Goman, Mets Suber, Josh LaBove, James Spector, etc.

Duração: 88 min; Distribuição em Portugal: Inédito; Classificação etária: M/ 12 anos.

O SEXTO SENTIDO

Título original: *The Sixth Sense*

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 1999); Argumento: M. Night Shyamalan; Música: James Newton Howard;

M. Night
Shyamalan



Fotografia (cor): Tak Fujimoto; Montagem: Andrew Mondshein; Casting: Avy Kaufman; Design de produção: Larry Fulton; Direcção artística: Philip Messina; Decoração: Douglas A. Mowat, Susannah McCarthy; Guarda-roupa: Joanna Johnston; Maquilhagem: Richard Alonso, Michal Bigger, Michael Ornelaz, Francesca Paris, Bunny Parker, Gerald Quist; Direcção de produção: Lynn Andrews, Paul A. Levin, Sam Mercer; Assistentes de realização: Sonia Bhalla, Michael T. Meador, Andrew Mondshein, Scott Andrew Robertson, John Rusk; Departamento de arte: Greta Alexander, Margaret Boritz, Thom Bumlauskas, Jennifer Desnovée, Frank Grasso, William F. Hennessy Jr., Erika S. Katz, Brick Mason, Susannah McCarthy, Morgan Miller, Charles J. Scott, Nancy Stroud, John Thomas, Penny Thomas, Patrick J. Trowbridge, Matthew Turner, Karen Wainwright, Thomas Watkins, Paul Williams; Som: Michael Kirchberger; Efeitos Especiais: Jeffrey Cox, Gary Elmendorf, Bill Lee, Tony McCray, Jim Orr, John Rosengrant, Stiles White; Efeitos Visuais: Tim Landry, David McCullough; Produção: Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Barry Mendel, Sam Mercer.

Intérpretes: Bruce Willis (Dr. Malcolm Crowe), Haley Joel Osment (Cole Sear), Toni Collette (Lynn Sear), Olivia Williams (Anna Crowe), Mischa Barton (Kyra Collins), Donnie Wahlberg (Vincent Grey), Peter Anthony Tambakis (Darren), Jeffrey Zubernis (Bobby), Bruce Norris (Stanley Cunningham), Glenn Fitzgerald (Sean), Greg Wood (Mr. Collins), Trevor Morgan (Tommy Tammisimo), Angelica Torn (Mrs. Collins), Lisa Summerour, Firdous Bamji, Samia Shoaib, Hayden Saunier, Janis Dardaris, Neill Hartley, Sarah Ripard, Heidi Fischer, KaDee Strickland, Michael J. Lyons, Samantha Fitzpatrick, Holly Rudkin, Kate Kearney-Patch, Marilyn Shanok, M. Night Shyamalan, Wes Heywood, Nico Woulard, Carol Nielson, Keith Woulard, Jodi Dawson, Tony Michael Donnelly, Ronnie Lea, Carlos Xavier Lopez, Gino Inverso, Ellen Sheppard, Tom McLaughlin, Candy Aston-Dennis, Patrick McDade, Jose L. Rodriguez, Bob Bowersox, Kym Cohen, Sean Oliver, etc.

Duração: 107 min; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Classificação etária: M/12

O PROTEGIDO

Título original: Unbreakable

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 2000); Argumento: M. Night Shyamalan; Música: James Newton Howard, Stevie Ray Vaughan (canção), Bill Fulton (nao creditado); Fotografia (cor): Eduardo Serra; Montagem: Dylan Tichenor; Casting: Douglas Aibel; Design de produção: Larry Fulton; Direcção artística: Steve Arnold; Decoração: Gretchen Rau; Guarda-roupa: Joanna Johnston; Maquilhagem: Allan A. Apone, Howard Berger, Bernadette Mazur, Christopher Allen Nelson, Gregory Nicotero, Francesca Paris, Gerald Quist, Robert L. Stevenson; Direcção de produção: Lynn Andrews, Sam Mercer; Assistentes de realização: Sonia Bhalla, Joe Cacciotti, Larry Fulton, Cary Jones, Scott Andrew Robertson, John Rusk, Kathryn-Ann Oaks Shertzer, Sherman Ward; Departamento de arte: Greta Alexander, Kate Bartouldus, Liz Bonaventura, Krzysztof J. Bratun, Thom Bumlauskas, Janet Cleveland, Jennifer Desnovée, Tom Groody, William Hennessy, Chrissy Hionis, Alicia Jacobson, Erika S. Katz, Laila Kjoersvik Swanson, Lori Marks, Brick Mason, Cricket McGehee, Morgan Miller, Jim Orr, Patrick J. Trowbridge, Sameena Usmani, Karen Wainwright, Thomas Watkins; Som: Richard King; Efeitos Especiais: Steve Cremin; Efeitos Visuais: Jodi Birdsong, Diane Fazio, Darin Hollings, Richard R. Hoover, Mike Meaker, Dean Wright; Produção: Gary Barber, Roger Birnbaum, Barry Mendel, Sam Mercer, M. Night Shyamalan.

M. Night
Shyamalan

Intérpretes: Bruce Willis (David Dunn), Samuel L. Jackson (Elijah Price), Robin Wright Penn (Audrey Dunn), Spencer Treat Clark (Joseph Dunn), Charlayne Woodard (mãe de Elijah), Eamonn Walker (Dr. Mathison), Leslie Stefanson (Kelly), Johnny Hiram Jamison (Elijah, 13 anos); Michaelia Carroll (Babysitter), Bostin Christopher, Elizabeth Lawrence, David Duffield, Laura Regan, Chance Kelly, Michael Kelly, Firdous Bamji, Johanna Day, James Handy, Sally Parrish, Richard Council, Damian Young, Sherman Roberts, Whitney Sugarman, Dianne Cotten Murphy, M. Night Shyamalan, Sasha Neulinger, Jose L. Rodriguez, Samantha Savino, Ukee Washington, Susan Wilder, Greg Horos, Todd Berry, Angela Eckert, Anthony Lawton, Julia Yorks, John Patrick Amedori, John Rusk, Joey Hazinsky, Bill Rowe, Marc H. Glick, Simms Thomas, Andrea Havens, Marsha Dietlein, Mark Barnish, Anthony Bosco, Bob Bowersox, Robert Randolph Caton, Chrismandu, Jennifer Hale, Natalie Hultman, Rick Kain, Greg Korin, Lon Lawson, Bryce Lenon, Erin Lulevitch, Christina Mahon, John B. Mueller, Josh M. Nileski, Sean Oliver, Joey Perillo, Lisa Pickell, Mark Poulton, Mark Pricskett, David C. Roehm Sr., Jonathan Sachar, Cue Shepherd, Tamara Walker, etc.

Duração: 106 min; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Classificação etária: M/12 anos.

SINAIS

Título original: Signs

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 2002); Argumento: M. Night Shyamalan; Música: James Newton Howard; Fotografia (cor): Tak Fujimoto; Montagem: Barbara Tulliver; Casting: Douglas Aibel; Design de produção: Larry Fulton; Direcção artística: Keith P. Cunningham; Decoração: Douglas A. Mowat; Guarda-roupa: Ann Roth; Maquilhagem: Bernadette Mazur, Francesca Paris; Direcção de produção: Lynn Andrews, A. Callahan, Sam Mercer, Jose L. Rodriguez, Paul Springer; Assistentes de realização: Maya Choldin, Frank Ferro, Brick Mason, Alison C. Rosa, John Rusk, Kathryn-Ann Oaks Shertzer; Departamento de arte: Greta Alexander, Krzysztof J. Bratun, Thom Bumlauskas, Janet Cleveland, Jenni Desnovée, Anne Donovan, Michael T. Galvin, William F. Hennessy Jr., Alicia Jacobson, Erika S. Katz, Laila Kjoersvik Swanson, Brick Mason, Cricket McGehee, Morgan Miller, Jim Orr, Charles J. Scott, Nancy Stroud, Sameena Usmani, Kendra D. Wadsworth, Tom Watkins, Jim Williams, Gary Wimmer; Som: Richard King; Efeitos Especiais: Steve Cremin; Efeitos Visuais: Eric Brevig, Rob Coleman, Stefan Fangeimer, Jeff Olson, Hiromi Ono, Victor Schutz, Lisa Todd; Produção: Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Sam Mercer, M. Night Shyamalan.

Intérpretes: Mel Gibson (Rev. Graham Hess), Joaquin Phoenix (Merrill Hess), Rory Culkin (Morgan Hess), Abigail Breslin (Bo Hess), Cherry Jones (Policia Paski), M. Night Shyamalan (Ray Reddy), Patricia Kalember (Colleen Hess), Ted Sutton (SFC Cunningham), Merritt Weaver (Tracey Abernathy), Lanny Flaherty (Mr. Nathan), Marion McCorry (Mrs. Nathan), Michael Showalter (Lionel Prichard), Kevin Pires, Clifford David, Rhonda Overby, Greg Wood, Paul L. Nolan, Ukee Washington, Babita Hariani, Adam Way, Angela Eckert, Jose L. Rodriguez, Paul Wilson, Thomas Griffin, etc.

Duração: 106 min; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Classificação etária: M/12 anos.



M. Night
Shyamalan

A VILA

Título original: *The Village*

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 2004); **Argumento:** M. Night Shyamalan; **Música:** James Newton Howard; **Fotografia (cor):** Roger Deakins; **Montagem:** Christopher Tellefsen; **Casting:** Douglas Aibel; **Design de produção:** Tom Foden; **Direção artística:** Tim Beach, Michael Manson, Chris Shriver; **Decoração:** Larry Dias; **Guarda-roupa:** Ann Roth; **Maquilhagem:** Bernadette Mazur, Ivana Primorac, Peggy Schierholz; **Direção de produção:** Mark Indig, Tegan Jones, Gerald Scaife; **Assistentes de realização:** Paul Davison, Tudor Jones, Kathleen E. Kearney, Brick Mason, Alison C. Rosa, John Rusk; **Departamento de arte:** John Davis, Alicia Jacobson, Jamie Rama, Charles J. Scott, Billy Stearne, Sameena Usmani, Paul Williams, Joan Winters; **Som:** Steve Boeddeker, Frank E. Eulner; **Efeitos Especiais:** David Blitstein, Steve Cremin, Constantine Sekeris; **Efeitos Visuais:** Christian Alzmann, Eric Brevig, Syd Dutton, Heather MacDonald, Mark 'Crash' McCreery, Bill Taylor; **Produção:** Sam Mercer, Jose L. Rodríguez, Scott Rudin, M. Night Shyamalan.

Intérpretes: Bryce Dallas Howard (Ivy Walker), Joaquin Phoenix (Lucius Hunt), Adrien Brody (Noah Percy), William Hurt (Edward Walker), Sigourney Weaver (Alice Hunt), Brendan Gleeson (August Nicholson), Cherry Jones (Mrs. Clack), Celia Weston (Vivian Percy), John Christopher Jones (Robert Percy), Frank Collison (Victor), Jayne Atkinson (Tabitha Walker), Judy Greer (Kitty Walker), Fran Kranz (Christop Crane), Michael Pitt (Finton Coin), Jesse Eisenberg (Jamison), Charlie Hofheimer, Scott Sowers, Zack Wall, Pascale Renate Smith, Jordan Burt, Jane Lowe, Charlie McDermott, Robert Lenzi, Willem Zuur, Liz Stauber, Tim Moyer, Sydney Shapiro, Mia Rose Colona, Chloe Wiecekowsky, Sydney Wiecekowsky, M. Night Shyamalan, John Rusk, Joey Anaya, Kevin Foster, Sean Andrew Fash, Jessica Jennings, Shannon Lambert-Ryan, Brandon Musso, Cody Sartori, etc.

Duração: 108 min; **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

LADY IN THE WATER

Título original: *Lady in the Water*

Realização: M. Night Shyamalan (EUA, 2006); **Argumento:** M. Night Shyamalan; **Música:** James Newton Howard; **Fotografia (cor):** Christopher Doyle; **Montagem:** Barbara Tulliver; **Casting:** Douglas Aibel; **Design de produção:** Martin Childs; **Direção artística:** Stefan Dechant, Christina Wilson; **Decoração:** Larry Dias; **Guarda-roupa:** Betsy Heimann; **Maquilhagem:** Jason Barnett, Roland Blancaflor; **Direção de produção:** Sharon Mann, Ravi D. Mehta; **Assistentes de realização:** John Rusk; **Departamento de arte:** Dianne Chadwick, L. David Gordon, James Mazzola, Jolie Scherberger, Paul Williams; **Efeitos Especiais:** Steve Cremin, Michael O'Brien, Larry Odien; **Produção:** Sam Mercer, Jose L. Rodríguez, M. Night Shyamalan.

Intérpretes: Paul Giamatti (Cleveland), Bryce Dallas Howard (a senhora), Bob Balaban, J. Bloomrosen (divorciado), Cindy Cheung, Sarita Choudhury, Jared Harris, Jeremy Howard, Mary Beth Hurt, Bill Irwin, Carla Jiménez, Natasha Perez, Freddy Rodríguez, M. Night Shyamalan, Brian Steele, Jeffrey Wright, etc.
Em rodagem: estreia prevista em 2006.

Como argumentista:

Para lá de todos os filmes por si realizados, há ainda a referir:

LIFE OF PI

Título original: *Life of Pi*

Realização: Alfonso Cuarón (EUA, 2006); **Argumento:** M. Night Shyamalan, seg. romance de Yann Martel; em rodagem.

O PEQUENO STUART

Título original: *Stuart Little*

Realização: Rob Minkoff (EUA, Alemanha, 1999); **Argumento:** M. Night Shyamalan, Greg Brooker, seg. obra de E.B. White;



M. Night
Shyamalan

Intérpretes (vozes): Michael J. Fox, Geena Davis, Hugh Laurie, Jonathan Lipnicki, Nathan Lane, Chazz Palminteri, Steve Zahn, Jim Doughan, David Alan Grier, Bruno Kirby, Jennifer Tilly, Stan Freberg, Jeffrey Jones, Connie Ray, Allyce Beasley, etc.

Duração: 84 min; Distribuição em Portugal: ; Classificação etária: M/6 anos.

Intervenções, depoimentos, entrevistas:

A&E BIOGRAPHY: BRUCE WILLIS

Título original: *A&E Biography: Bruce Willis (TV)*

(EUA, 2005); **Intérpretes:** Bruce Willis, Jerry Bruckheimer, Glenn Gordon Caron, George Clooney, Kevin Costner, Matt Damon, Michael Clarke Duncan, Melanie Griffith, Barry Levinson, Paul Newman, Brad Pitt, Kevin Pollak, Arnold Rifkin, M. Night Shyamalan, Russell Simmons, Meryl Streep, Billy Bob Thornton, John Travolta, Robert Zemeckis, Catherine Zeta-Jones, etc.

INSIDE 'THE VILLAGE': A MOVIE SPECIAL

Título original: *Inside 'The Village': A Movie Special (TV)*

(Inglaterra, 2004); **Intérpretes:** Paul Ross, M. Night Shyamalan, Bryce Dallas Howard, Joaquin Phoenix, Sigourney Weaver, William Hurt, Adrien Brody, etc. **Duração:** 20 min;

HITCHCOCK AND DIAL M

Título original: *Hitchcock and Dial M ou Hitchcock and Dial M for Murder*

Realização: Laurent Bouzereau (EUA, 2004); **Argumento:** Laurent Bouzereau ; **Intérpretes:** Nat Benchley, Peter Bogdanovich, Richard Franklin, Patrícia Hitchcock, Robert Osborne, Richard Schickel, M. Night Shyamalan, etc. **Duração:** 22 min; (Documentário rodado especialmente para incluir no DVD de "Dial M for Murder" (1954), editado em 2004):

THE BURIED SECRET OF M. NIGHT SHYAMALAN

Título original: *The Buried Secret of M. Night Shyamalan ou M. Night: Portrait of a Filmmaker (TV)*

Realização: Nathaniel Kahn (EUA, 2004); **Argumento:** Melissa Foster; **Intérpretes:** Billy Arrowood, Adrien Brody, Deepak Chopra, Johnny Depp, Callum Greene, Nathaniel Kahn, Maggie Kiley, Ilana Levine, Brick Mason, Chandler Parker, Sharon Pinkenson, Jicky Schnee, M. Night Shyamalan, Benjamin Smolen, John F. Street, Greg Urban, etc.

MAKING 'SIGNS'

Título original: *Making 'Signs'*

Realização: Laurent Bouzereau (EUA, 2003); **Argumento:** Laurent Bouzereau ; **Intérpretes:** Abigail Breslin, Eric Brevig, Tak Fujimoto, Larry Fulton, Mel Gibson, James Newton Howard, Cherry Jones, Kathleen Kennedy, Frank Marshall, Brick Mason, Sam Mercer, Joaquin Phoenix, M. Night Shyamalan, **Duração:** 59 min.

BETWEEN TWO WORLDS

Título original: *Between Two Worlds*

Realização: Charles Kiselyak (EUA, 2002); **Argumento:** Charles Kiselyak; **Intérpretes:** William Peter Blatty, David McKenna, Bruce Joel Rubin, M. Night Shyamalan; **Duração:** 37 min; (documentário abordando o paranormal no cinema, realizado especialmente para figurar no DVD de lançamento do filme "The Sixth Sense" (1999), editado em 2002 nos EUA).

MOVING PICTURES: THE STORYBOARD PROCESS

Título original: Moving Pictures: The Storyboard Process

Realização: Charles Kiselyak (EUA, 2002); **Argumento:** Charles Kiselyak; **Intérpretes:** Brick Mason, M. Night Shyamalan; **Duração:** 15 min; (documentário realizado especialmente para figurar no DVD de lançamento do filme "The Sixth Sense" (1999), editado em 2002 nos EUA).

THE SIXTH SENSE: REFLECTIONS FROM THE SET

Título original: The Sixth Sense: Reflections from the Set

Realização: Charles Kiselyak (EUA, 2002); **Argumento:** Charles Kiselyak; **Intérpretes:** Toni Collette, Eugene Osment, Haley Joel Osment, M. Night Shyamalan, Donnie Wahlberg, Bruce Willis, etc. **Duração:** 39 min; (documentário realizado especialmente para figurar no DVD de lançamento do filme "The Sixth Sense" (1999), editado em 2002 nos EUA).

4POP

Título original: 4Pop

Realização: Paavo Tervonen (Finlandia, série de TV, 2003-2004); **Argumento:** Katri Utula, Kai Herdin; **Intervenientes regulares:** Mikko Silvennoinen, Tatu Ferchén, Marjo Nurmi; No episódio "Hyvät geenit!", emitido a 12 de Setembro de 2004, foram convidados: Lenita Airisto, Bryce Dallas Howard, Erja Häkkinen, Mika Häkkinen, Tanja Karpela, Jaak Kilmi, Teuvo Loman, René Reinumägi, Anu Saagim, M. Night Shyamalan; **Duração:** 15 min (1ª época); 30 min (2ª época).

HOWARD STERN

Título original: Howard Stern

Realização: Scott DePace (EUA, série de TV, 1994-2005); **Argumento:** Benjy Bronk, Ken Danieli; **Intervenientes regulares:** Howard Stern, Robin Quivers, Fred Norris, Artie Lange, Gary Dell'Abate, K.C. Armstrong, Beetlejuice, A.J. Benza, Benjy Bronk, Crazy Cabbie, Richard Christy, Ralph Cirella, Yucko The Clown, Ken Danieli, Hank The Angry Drunken Dwarf, High Pitch Eric, Vinnie Favale, Mike Gange, Doug Z. Goodstein, Steve Grillo, Isaac Mark, Jackie Martling, 'Stuttering' John Melendez, Ronnie Mund, Gary the Retard, Gay Rich, Scott Salem, Sal the Stockbroker, Billy West, etc. Na edição de 2 de Agosto de 2004, convidado M. Night Shyamalan; **Duração:** 60 min (3 episódios); 30 min (2280 episódios).

M. Night
Shyamalan

THE VIEW

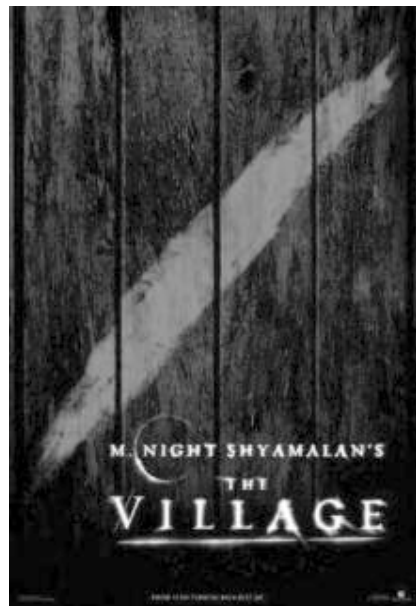
Título original: The View

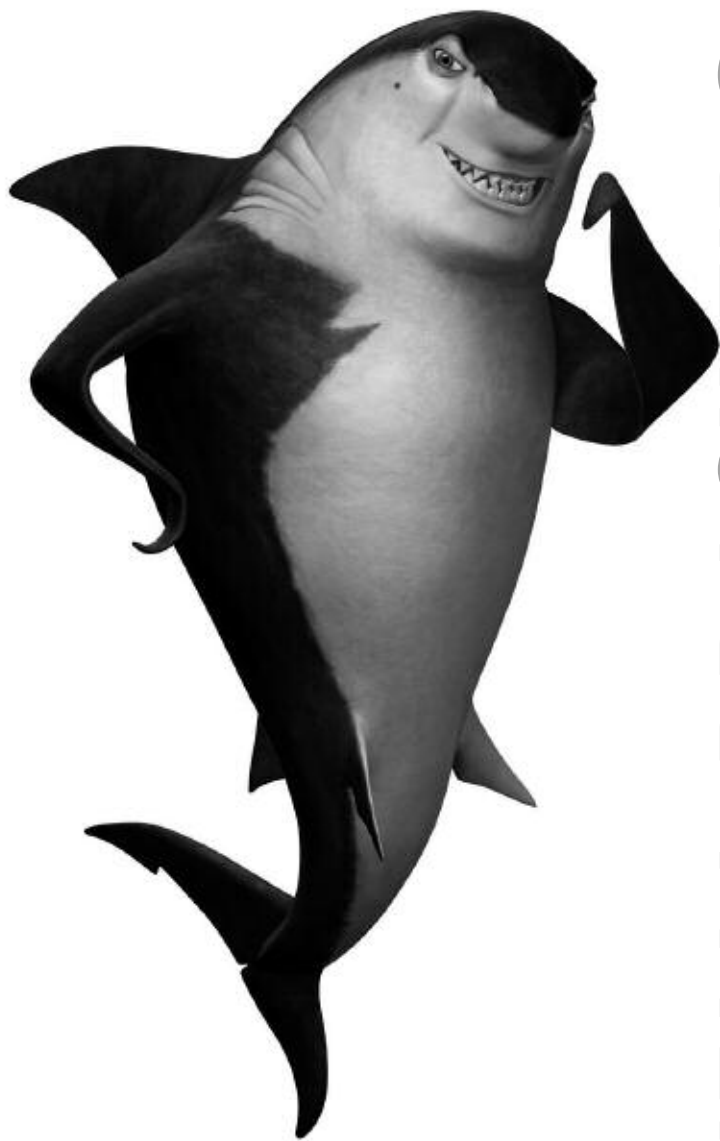
Realização: Mark Gentile (EUA, série de TV, 1997-2005); **Argumento:** Beverly Kopf, Christian McKiernan; **Intervenientes regulares:** Barbara Walters, Meredith Vieira, Star Jones, Joy Behar, Elisabeth Hasselbeck, Lisa Ling, Debbie Matenopoulos, etc. Na edição de 26 de Julho de 2004, convidados Bryce Dallas Howard e M. Night Shyamalan; **Duração:** 60 min;

60 MINUTES

Título original: 60 Minutes ou TV Land Legends: The 60 Minutes Interviews

Programa criado por Don Hewitt (EUA, série de TV, 1968-2005); **Intervenientes regulares:** Mike Wallace, Harry Reasoner, Morley Safer, Dan Rather, Ed Bradley, Andrew Rooney, Diane Sawyer, Steve Kroft, Meredith Vieira, Lesley Stahl, Shana Alexander, Bill Clinton, Stanley Crouch, Bob Dole, Molly Ivins, James J. Kilpatrick, P.J. O'Rourke, Nicholas von Hoffman, etc. Na edição de 2 de Novembro de 2003, convidado M. Night Shyamalan; **Duração:** 60 min





CINEMA BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO

CineEco 2005

Abril Despedaçado

Abril Despedaçado



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Walter Salles (Brasil, França, Suíça, 2001); **Argumento:** Karim Ainouz, Sérgio Machado, João Moreira Salles, Walter Salles, Daniela Thomas, segundo romance de Ismail Kadare; **Música:** Ed Cortês, Antonio Pinto, Beto Villares; **Fotografia (co):** Walter Carvalho; **Montagem:** Isabelle Rathery; **Casting:** Sérgio Machado; **Direção artística:** Cassio Amarante; **Decoração:** Marcelo Larrea; **Guarda-roupa:** Cão Albuquerque; **Maquiagem:** Gabi Moraes, Martin Macias Trujillo, Irma Verdugal; **Direção de produção:** Christina Crassarís; **Assistentes de realização:** Márcia Faria, Sérgio Machado, Claudia Nogarotto; **Departamento de arte:** Mônica Costa, Marcelo Larrea, Marcelo Laurino, Bia Pessoa, Wagner Tavares; **Som:** Felix Andrew, Dan DiPrima, François Groult, Laurent Lévy, François Musy, Waldir Xavier; **Efeitos Especiais:** Maurício Couto Bevilacqua, Philippe Hubin, Guillaume Watrinet; **Efeitos Visuais:** François Dumoulin, Eve Ramboz; **Produção:** Simon Arnal, Caroline Benjo, Lillian Birnbaum, Beto Bruno, Arthur Cohn, Christina Crassarís, Jean Labadie, Maurício Andrade Ramos, Carole Scotta, Marcelo Torres, Ruth Waldburger.

Intérpretes: José Dumont (Pai); Rodrigo Santoro (Tonio), Rita Assemany (mãe), Ravi Ramos Lacerda (Pacu), Luiz Carlos Vasconcelos (Salustiano), Flávia Marco Antonio (Clara), Everaldo Pontes (Cego), Caio Junqueira (Inácio), Mariana Loureiro (viúva), Servílio De Holanda (Isaiás), Wagner Moura (Mateus), Othon Bastos (Mr. Lourenço), Gero Camilo (Reginaldo), Vinícius de Oliveira, Soia Lira, Maria Do Socorro Nobre, etc.

Duração: 105 min; Inédito comercialmente em Portugal.

O tema rural-nordestino, presente em “Central do Brasil”, continua em “Abril Despedaçado”. É um filme que fala da pobreza, e da falta de informação das pessoas (estou generalizando aqui) do interior do interior do Nordeste brasileiro que, vivendo sem esperança, pouco fazem – e pouco querem fazer – para mudar sua situação. Se bem que o filme se passa em 1910, e se hoje ainda há muita desinformação para a população miserável, imagine naquela época.

Basicamente, é a história de uma disputa sem fim entre duas famílias. Tonho (Rodrigo Santoro) deve vingar o nome da sua família matando o filho mais velho da família rival (que matou antes um membro de sua família). Acontece que assim que realizar a vingança, ele sabe que, com a chegada da próxima lua cheia, ele também será morto, e não há nada que os chefões das famílias façam nem queiram fazer para este ciclo ter fim. Quando a camisa manchada de sangue do morto anterior amarela, é hora de se vingar.

É uma história muito triste. O trabalho das pessoas é difícil, repetitivo e não dá esperança nenhuma (eles produzem rapadura). Talvez morrer não seja tão mau, portanto. Mas a esperança eventualmente chega para Tonho, quando ele encontra em seu caminho um casal de artistas de circo de rua, e se apaixona pela mulher. Logo, Tonho finalmente vê um novo significado para a sua vida e tenta convencer seu pai que a disputa entre as famílias nunca levará a lugar nenhum (o que é verdade). A partir daí, Tonho vive o dilema de ou cumprir o seu papel, sendo morto, em respeito a seu pai, ou tentar acabar com a disputa.

Alexandre Koball



Realização: Lúcia Murat (Brasil, 2000); **Argumento:** Lúcia Murat; **Música:** Livio Trachtenberg; **Fotografia (cor):** Antonio Luiz Mendes; **Montagem:** Cezar Migliorin, Mair Tavares; **Design de produção:** José Joaquín Salles; **Decoração:** Shell Jr.; **Guarda-roupa:** Inês Salgado; **Maquilhagem:** Martin Macias; **Direcção de produção:** Renê Bittencourt, Bia Castro; **Assistentes de realização:** Carlos Manuel Diegues, Rodrigo Hinrichsen, Júlia Murat; **Som:** Heron Alencar, Carlos Cox, Antônio César, Carlos Klachquin, Simone Petrillo, Joaquim Santana, José Luiz Sasso; **Efeitos Especiais:** Maurício Bevilacqua; **Produção:** Cristína Aché, Lúcia Murat.

Intérpretes: Diogo Infante (Diogo de Castro e Albuquerque), Floriano Peixoto (Capitão Pedro), Luciana Rigueira (Anote), Leonardo Villar (Comandante), Buza Ferraz (Antônio), Murilo Grossi (Alfonso), Sérgio Mamberti (Padre), Adeilson Silva (Januya), Hilário Silva (Chefe Kadiwéu), Vanessa Marcelino (Anoã), Sandra Silva (mãe de Anoã), William Soares (pai de Anoã), Vânia Matchua Leite, Edna Marcelino, Alvanir Matchua, Aracy Matchua, Lair da Silva, Silvana da Silva, etc.

Duração: 104 min; **Distribuição em Portugal:** Vitória Filmes; **Classificação etária:** M/ 12 anos.

Para fazer “Brava Gente Brasileira” a directora se baseou na leitura de um relatório militar sobre o Forte de Coimbra, na região do Médio-Paraguai, no Pantanal, descrevendo em poucas frases um episódio ocorrido no final do século 18, em muito semelhante ao da mitologia grega. “É um filme de ficção, todos os personagens são ficcionados, mas parte de um facto real, um Cavalo de Tróia perpetrado pelos índios”, diz Lúcia Murat em entrevista exclusiva à Gazeta da Bahia. No roteiro escrito por ela um grupo de soldados acompanha Diogo (Diogo Infante), um astrónomo, naturalista e cartógrafo (‘homem de cultura refinada’) recém-chegado à região para fazer um levantamento topográfico para a Coroa Portuguesa. Naquela área, os colonizadores tentam estabelecer um acordo de paz com os índios cavaleiros - os guaicura, que foram os primeiros indígenas da América Latina a montar em cavalos, trazidos pelos espanhóis. No caminho para o Forte Coimbra os viajantes acabam encontrando um grupo de índias tomando banho de rio e as estupram. Envolvido no caso, Diogo impede que o brutal capitão Pedro (Floriano Peixoto) mate a índia Ánote e a leva consigo para o forte. Lúcia Murat pretendeu com o filme ressaltar o choque entre culturas muito diferentes, trabalhando em cima da questão da dificuldade de uma pessoa se relacionar com a outra. No processo, acabou levando estas diferenças para o próprio set de filmagens, trazendo um actor português consagrado em seu país (Diogo Infante) para contracenar com índios de verdade - os kadiwéu, descendentes dos guaicura.

A Cartomante

A Cartomante



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Pablo Uranga, Wagner de Assis (Brasil, 2004); **Argumento:** Wagner de Assis, segundo conto de Machado de Assis; **Música:** Leoni; **Fotografia (cor):** Rodrigo Monte; **Montagem:** Pablo Uranga; **Assistentes de realização:** Rafael Salgado; **Produção:** Luigi Baricelli, Carlos Guimarães, Pablo Uranga, Wagner de Assis.

Intérpretes: Deborah Secco (Rita), Luigi Baricelli (Camilo), Ilya São Paulo (Dr. Augusto Vilela), Sílvia Pfeifer (Dra. Antônia Maria dos Anjos), Ronnie Marruda (Juca), Cristiane Alves (Simone), Giovanna Antonelli (Karen Albuquerque), Sílvia Guindane (Duda), Mel Lisboa (Vitória), etc.

Duração: 90 min; Inédito comercialmente em Portugal.

O jornalista Wagner de Assis e o actor Pablo Uranga estreiam no cinema dividindo a direcção de “A Cartomante”, que deveria ter sido um filme de época, inspirado no conto de Machado de Assis, mas acabou se transformando simplesmente num moderno romance carioca por questões de orçamento. A história machadiana, com direito a figurinos do século 19, chegou a ser orçada em quase R\$ 3 milhões, mas acabou abandonada diante da verba curta dos produtores. O roteiro foi totalmente reescrito e, do conto de Machado, ficou apenas o título e o nome das personagens. Corta daqui, corta dali, o orçamento foi encolhendo até chegar a R\$ 650 mil.

Na entrevista de lançamento, em São Paulo, os directores disseram que o filme só foi realizado graças à participação de quase todo o elenco nos gastos de produção, como uma espécie de cooperativa.

Na trama nem um pouco machadiana, Rita (Deborah Secco) trabalha num brechó e namora o médico Vilela (Ilya São Paulo). Eles estão prestes a se casar quando Rita conhece Camilo (Luigi Baricelli), amigo de infância de Vilela, por quem acaba se apaixonando. O problema, além da profunda amizade entre os dois amigos, é que o médico salvou a vida de Camilo, intoxicado por uma overdose de ecstasy numa noite de embalo no apartamento de Karen (Giovanna Antonelli). Rita recorre a uma cartomante e fica sabendo que o romance pode ter um fim trágico. Ela relata seu drama de consciência para a terapeuta Antonia (Sílvia Pfeifer), que trabalha no mesmo hospital de seu namorado, mas ela não interfere em suas acções. Rita não sabe se mantém o casamento ou foge com o amante. A situação começa a se agravar com a mudança de comportamento de Vilela, que concorre ao cargo de director do hospital e enfrenta a resistência de Antônia.



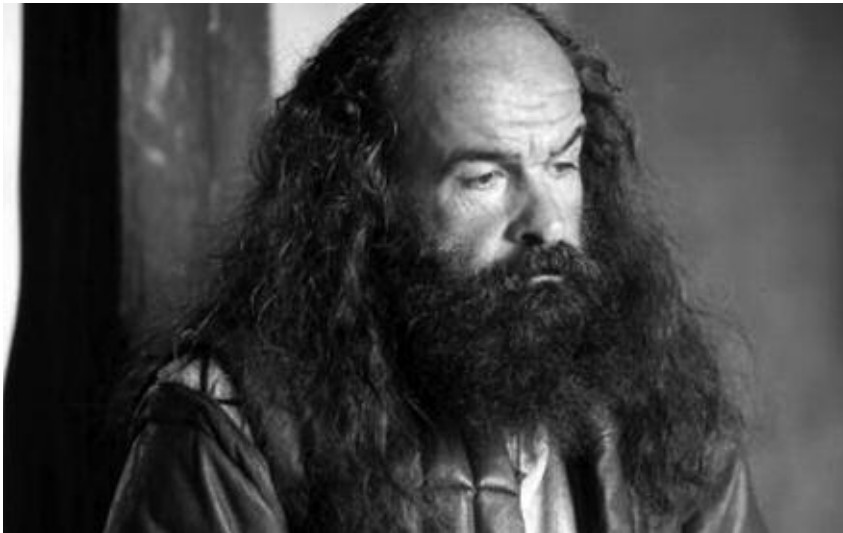
Realização: Walter Salles (Brasil, 1998); **Argumento:** Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro; **Fotografia (cor):** Walter Carvalho; **Música:** Jaques Morelembaum, Antonio Pinto; **Montagem:** Felipe Lacerda, Isabelle Rathy; **Casting:** Sergio Machado; **Design de produção:** Cassio Amarante, Carla Caffè, **Guarda-roupa:** Cristina Camargo; **Maquillagem:** Antoine Garabedian; **Assistentes de realização:** Kátia Lund; **Som:** Jean-Claude Brisson, François Groult, Mark A. Van Der Willigen; **Decoradora:** Mônica Costa; **Produção:** Lillian Birnbaum, Martine de Clermont-Tonnerre, Arthur Cohn, Paulo Carlos de Brito, Tom Garvin, Donald Ranvaud, Elisa Tolomelli. **Intérpretes:** Fernanda Montenegro (Dora); Marília Pêra (Irene); Vinícius de Oliveira (Josué); Soia Lira (Ana); Othon Bastos (Cesar); Otávio Augusto (Pedrão); Stela Freitas (Yolanda); Matheus Nachtergaele (Isaías); Caio Junqueira (Moisés), etc. **Duração:** 113 min; **Classificação:** Filmes Lusomundo; **Classificação:** M/12 anos.

Dora é uma cinquentenária solitária, professora aposentada, que sobrevive escrevendo cartas por encomenda na gare central do Rio de Janeiro. Ela ouve o Brasil miserável e passa a letra de forma os secretos desejos e as frustrações mais íntimas deste povo. Desiludida da vida, Dora recebe de cada cliente um real para escrever e outro para pôr a carta no correio, o que nunca, ou raramente, faz. Expediente fácil, é certo, mas também forma de prolongar a sua profunda descrença nos outros. Ela “sabe” que o marido lá longe é um alcoólico, que a namorada o atraiçoa, que o amigo não o é, que o pai já morreu, que a doença vitimou antes da carta chegar. Sem esperanças pessoais, Dora não vê qualquer necessidade de prolongar as esperanças dos outros. Nem interesse em gastar selos em cartas que nunca receberão resposta. Ela “sabe”. Por isso as rasga logo que chega a casa, depois de as ler com Irene, sua companheira de apartamento. Uma ou outra deixa passar o tempo sobre elas, numa gaveta onde as enterra, à espera de resolução. Dora é uma mulher dura, fria, desapiedada, moldada na agrura do dia a dia violento. Como não ser assim, numa cidade que vê matar a sangue frio um rapaz que roubou um radio portátil, e é executado prontamente mal é apanhado? Como não criar essas defesas nas ruas de uma cidade que se amontoa em autocarros e comboios a transbordar de “excedentes”? Dora é o espelho do Brasil de hoje, a sua confidente, a coveira de sonhos impossíveis (os improváveis ficam na gaveta).

Lauro Antônio

Desmundo

Desmundo



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Alain Fresnot (Brasil, 2002); Argumento: Sabina Anzuategui, Alain Fresnot, Anna Muylaert, segundo romance de Ana Maria Miranda; Música: John Neschling; Fotografia (cor): Pedro Farkas; Montagem: Junior Carone, Alain Fresnot, Mayalu Oliveira; Direcção artística: Francisco Andrade, Adrian Cooper; Guarda-roupa: Marjorie Gueller; Maquilhagem: Vavá Torres; Direcção de produção: Ivan Teixeira; Departamento de arte: Bia Pessoa, Bia Pessoa; Som: Roberto Ferraz, Romeu Quinto, Nathalia Rabczuk, Armando Torres Jr.; Produção: Alain Fresnot, Van Fresnot.

Intérpretes: Simone Spoladore (Oribela), Osmar Prado (Francisco de Albuquerque), Caco Ciocler (Ximeno Dias), Berta Zemel (Dona Branca), Beatriz Segall (Dona Brites), Luiz Carlos Bahia (Henrique), Arrigo Barnabé (Músico 1), José Raul Barretto (Marinheiro 2), Antonio Tadeu Bassarelli (Músico 2), Giovanna Borghi (Bernardinha), José Rubens Chachá (João Couto), Olair Coan (Jesuíta 1), Célio Fernandes da Silva (Coroinha 1), Marcos Daud (Cristóvão Boralho), Guilherme de Camargo (Músico 3), Eduardo Lemes de Oliveira (Noivo Urraca), Lívia Schasselem de Oliveira, Maria Conceição de Oliveira, José Eduardo, Helder Ferreira, Alain Fresnot, Nicolau Tupã M. Gabriel, Igor Kovalewski, Carol Leiderfarb, Fábio Malavoglia, Laís Marques, Ana Paula Mateu, Daniel Minduruku, Fernanda Miranda Moreira, Nelson Nunes, Samantha Oliveira, Débora Olivieri, John Paul, Hugo Possolo, Timóteo da Silva V. Potiguar, Victor Rebouças, Alexandre Roit, Cacá Rosset, Virgílio Veríssimo, etc.

Duração: 101 min; Distribuição em Portugal: BFB Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos.

Foi há pouco tempo que nosso cinema começou a contar a história não oficial do Brasil. Mas “Carlota Joaquina”, “Canudos” e “A Invenção do Brasil” por exemplo, ainda se baseavam numa cronologia e veracidade históricas. Um dos atractivos de “Desmundo”, romance de Ana Miranda adaptado por Alain Fresnot para o cinema, é que ele se baseia num detalhe da história: em 1550 o padre Manoel da Nóbrega pede ao rei de Portugal que envie à terra recém-descoberta umas órfãs brancas, “que farão cá muito bem à terra (...) e os homens de cá apartar-se-ão dos pecados”. “Desmundo” é, então, a história de uma destas órfãs, ou seja, a história da colonização do ponto de vista feminino.

Nada menos oficial do que o Brasil em 1570 contado pelos olhos de uma adolescente (16 anos), que do mundo só conhecia um convento em Portugal. Neste ponto, o filme de Fresnot é exemplar ao recriar o choque da heroína de Ana Miranda diante do Novo Mundo. A menina – que se chama Oribela (Simone Spoladore) – espera do além-mar um universo de sonhos e belezas coloridas, o paraíso. E o que encontra aqui é um começo de povoado, habitado por uma gente rude e violenta. Oribela é dada em casamento a um homem “que estava sujo, imundo” e ela cospe em seu rosto. Arriscando ser morta (nesta época na Europa as mulheres podiam ser mutiladas por recusar marido) ela é entregue então a Francisco de Albuquerque (Osmar Prado), que tenta conformá-la como sua mulher. Mas Oribela não se conforma.

Maria Sílvia Camargo



Realização: Carlos Diegues (Brasil, 2003); Argumento: João Emanuel Carneiro, Carlos Diegues, Renata Almeida Magalhães, segundo João Ubaldo Ribeiro (“O Santo Que Não Acreditava em Deus”); Música: Chico Neves, Hermano Vianna; Fotografia (cor): Afonso Beato; Montagem: Sérgio Mekler; Direcção artística: Vera Hamburger; Guarda-roupa: Karla Monteiro; Maquilhagem: Martin Trujillo; Direcção de produção: Edú Ramos, Fernando Zagallo; Assistentes de realização: Daniela Braga, Janaina Diniz Guerra, Rafael Salgado; Som: Andrew Bracken, Marcio Câmara, Ana Chiarini, Tom Paul; Efeitos Especiais: Marcelo Siqueira; Efeitos Visuais: Ariel Wollinger; Produção: Tereza Gonzalez, Renata Almeida Magalhães.

Intérpretes: Antônio Fagundes (Deus), Wagner Moura (Taoca), Paloma Duarte (Madá), Bruce Gomlevsky (Quinca das Mulas), Stepan Nercessian (Baudelé), Castrinho (Goro), Hugo Carvana (Quincas Batalha), Chico Assis (Cezão), Thiago Farias (Messias), Susana Werner (Senhorita Agá), Toni Garrido (São Pedro), etc.

Duração: 110 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Que Deus é Brasileiro, todo mundo sabe – ou, pelo menos, é o que garante a expressão popular. A pergunta é: Ele também é engraçado? Infelizmente, a se julgar pela forma com que Antônio Fagundes O interpreta, não muito. Neste novo filme de Carlos (ex-Cacá) Diegues, Deus é retratado como um ser que não possui o menor senso de humor - o que é lamentável, principalmente se considerarmos que Ele está protagonizando uma comédia.

Concebido a partir de um conto de João Ubaldo Ribeiro, “Deus é Brasileiro” parte de uma premissa divertida: estafado depois de bilhões de anos sem tirar férias, o Todo-Poderoso finalmente resolve descansar e, para isso, precisa encontrar um Santo que ocupe Seu lugar durante Sua ausência. Convencido de que o substituto ideal é um certo Quinca das Mulas (Gomlevsky), Deus viaja para o nordeste brasileiro a fim de conversar com o sujeito e, no processo, acaba ganhando a companhia do divertido Taoca (Moura), um rapaz cheio de artimanhas, e da deprimida Madá (Duarte), que pretende ir para São Paulo ao lado do misterioso viajante.

Apesar de ter a grande oportunidade de interpretar um personagem com imenso potencial cómico (como George Burns já havia provado na série originada por “Alguém Lá em Cima Gosta de Mim”), Antônio Fagundes opta por retratar Deus com uma rabugice pouco atraente. Constantemente irritado, o Criador do Universo atravessa todo o filme resmungando e ridicularizando seus companheiros de viagem, como se tudo não passasse de um imenso incômodo. Com isso, Deus acaba se revelando uma personagem (que me perdoem os leitores religiosos) antipática, que jamais merece a compreensão do espectador.

Glauber o Filme, Labirinto do Brasil

Glauber o Filme, Labirinto do Brasil



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Sílvio Tendler (Brasil, 2003); **Argumento:** Orlando Senna, Sílvio Tendler; **Música:** Caíque Botkay, Eduardo Camenietzki; **Fotografia (cor):** Walter Carvalho, Fernando Duarte; **Montagem:** Sílvio Arnaut, Renato Schwartz, Sílvio Tendler; **Direção artística:** Hélio Jesuíno, Patrícia Tebet; **Assistentes de realização:** Sílvio Arnaut, Fernanda Guimarães, Terêncio Pereira Porto; **Som:** Sílvio Arnaut, Bruno Corrêa, Marcelo Garcia, Cristiano Maciel, Carolina Paiva, Terêncio Pereira Porto; **Produção:** Sílvio Tendler

Intérpretes: Norma Bengell, Fernando Birri, Helena Ignez, Arnaldo Jabor, Jards Macalé, Manduka, José Celso Martinez Correa, Nelson Motta, Nelson Pereira dos Santos, Darcy Ribeiro, João Ubaldo Ribeiro, Glauber Rocha, Paulo Cesar Saraceni, etc.

Duração: 98 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Maior mito do cinema brasileiro, Glauber Rocha é um tema praticamente inesgotável. Há os que vivem dele – filhos naturais, ideológicos ou culturais, ex-companheiros, exegetas etc –, assim como a memória dele vive desses repercutidores fiéis. É um curioso ciclo metafísico, em que o ídolo morto fecunda a vida dos vivos, enquanto é continuamente alimentado pelo seu culto.

O filme de Sílvio Tendler pode ser incluído nessa corrente, embora tenha méritos que ultrapassam o mero panegírico. Nasceu de um acontecimento quase fortuito, a filmagem do enterro de Glauber, em Agosto de 1981, por uma pequena equipe comandada por Tendler. A história é bastante conhecida: Lúcia Rocha, mãe de Glauber, não permitiu que as imagens do filho morto fossem divulgadas. O veto durou pouco mais de 20 anos. Quando foi suspenso, Sílvio Tendler já tinha distanciamento suficiente para usar o material no contexto de uma análise mais abrangente do papel de Glauber Rocha na cultura brasileira.

As cenas do velório e do sepultamento, cerne dramático do filme, têm inspirado paralelos com Di, o curta genial e anárquico de Glauber sobre a morte de Di Cavalcanti, até hoje vetado na Justiça pela filha do pintor. Mas as semelhanças não vão além do nível factual. Enquanto Di é uma celebração quase indígena do derradeiro rito de passagem de um artista, grito irreverente contra o rigor mortis, “Glauber, O Filme – Labirinto do Brasil” trabalha no registro da comoção. O filme faz uma revisão sintética e relativamente superficial da obra, com destaque para o raro “making of” da curta “A Cruz na Praça”, controvertido exercício de ficção homossexual do início da carreira. Mas o foco principal está na actuação de Glauber como agitador cultural e na dimensão humana do seu comportamento.

Marcelo Janot

O Homem que Copiava

O Homem que Copiava

| 213 |
cineco2005



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Jorge Furtado (Brasil, 2003); **Argumento:** Jorge Furtado; **Fotografia (cor):** Alex Sernambi; **Montagem:** Giba Assis Brasil; **Casting:** Cynthia Caprara; **Direção artística:** Fiapo Barth; **Decoração:** Sílvia Guerra, Bolivar Lauda, Mamei Pereira; **Guarda-roupa:** Rô Cortinhas; **Maquilhagem:** Nina Empinotti, Sandro Rosa; **Direção de produção:** Marco Baioto, Kika Souza; **Assistentes de realização:** Ana Luiza Azevedo, Márcio Schoenardie; **Departamento de arte:** Patrícia Francisco, Sílvia Guerra, Pierre Olivé, Aline Rizzotto; **Som:** Luiz Adelmo, Guilherme Algarve, Nathalia Rabczuk, Cristiano Scherer; **Efeitos Visuais:** Robson Sartori, Marcelo Siqueira; **Produção:** Nora Goulart, Luciana Tomasi.

Intérpretes: Lázaro Ramos (André), Leandra Leal (Sílvia), Luana Piovani (Marines), Pedro Cardoso (Cardoso), Júlio Andrade (Feitosa), Kike Barbosa (Bêbado), Zé Adão Barbosa (Homem das dragas), Irene Brietzke (Cliente do supermercado), Renato Campão (Gerente do supermercado), Alexandre Cebola (Guarda do Carro-forte), Carlos Cunha (Antunes), Renata de Lélis (Caixa do supermercado), Néelson Diniz (Cobrador do ônibus), Luciana Éboli (Atendente da loja), Antônio Carlos Falcão (Recepcionista do hotel), Maria Falkembach (Mulher da loja), Giovana Fázio, Paulo José, Janaina Kremer, Sérgio Lulkin, Nadya Mendes, Felipe Mônaco, Artur Pinto, Sandra Possani, Ivo Schergl, Heitor Schmidt, Ana Paula Serpa, Marco Sório, etc.

Duração: 123 min; Inédito comercialmente em Portugal.

“O Homem que Copiava” é uma obra de Jorge Furtado. Furtado é muito conhecido actualmente, no Brasil, por escrever os episódios do seriado “Os Normais”, que junto com “A Grande Família” é um dos seriados de maior prestígio e sucesso dos últimos anos na TV aberta brasileira, um ramo tão pouco explorado pelos directores; entretanto, seriados não são fáceis de se fazerem e mais difíceis ainda de se manterem. Entre outros trabalhos de Furtado, como director/roteirista, destacamos suas participações em mini-séries nacionais consagradas como “A Comédia da Vida Privada”, “Memorial de Maria Moura” e “Agosto”. Seu mais recente trabalho visto nas telonas havia sido “Caramuru - A Invenção do Brasil”, uma divertida comédia habitada no Brasil de 1500 relatando de forma “nonsense” a chegada dos portugueses ao país.

Bem, depois de conhecer ou relembrar um pouco mais a respeito da carreira do talentoso Jorge Furtado, vamos falar um pouco a respeito de sua obra máxima: Lázaro Ramos (Carandiru), Leandra Leal (Chatô, O Rei do Brasil), Luana Piovani e Pedro Cardoso (Bossa Nova, O Que é isso Companheiro?) formam os dois casais principais que tomam lugar na trama de Furtado. A película conta a respeito da vida de André (Lázaro Ramos), que de forma muito engraçada se apresenta ao público como “operador de fotocopiadora”, como o mesmo gosta de ser chamado.

Tony Pugliese

O Invasor

O Invasor



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Beto Brant (Brasil, 2002); Argumento: Beto Brant, Renato Giasca, segundo romance de Marçal Aquino; Música: Rica Amabis, Daniel Ganjaman, Paulo Miklos, Sabotage, Tejo; Fotografia (cor): Toca Seabra; Montagem: Manga Champion; Casting: Deborah Carvalho; Direcção artística: Yukio Sato; Guarda-roupa: Juliana Prysthon; Maquilhagem: Gabi Moraes; Assistentes de realização: Lígia Feliciano, Cláudia Gama; Som: Roberto Ferraz, Andre Pozzano, Louis Robin, Armando Torres Jr.; Produção: Alexandre Borges, Renato Giasca, Malu Mader, Paulo Miklos, Marco Ricca, Bianca Villar, Mariana Ximenes.

Intérpretes: Marco Ricca (Ivan), Alexandre Borges (Gilberto/Giba), Paulo Miklos (Anísio), Mariana Ximenes (Marina), Malu Mader (Claudia/Fernanda), Chris Couto (Cecília), George Freire (Estevão), Tanah Correa (Dr. Araújo), Jayme del Cueto (Norberto), Sabotage, Marina Franco (amigo de Marina), Daniela Tramuja (Luisa), Thavyne Ferrari, Priscila Luz, Marcos Azevedo, Silvio Luz, Amanda Santos, Ida Sztamfater, Tom Curti, Manoel Freitas, Joeli Pimentel, Audreia Regina, Piero Sarjentelli, Arthur Marsan, Walmir Pinto, Mario Bortolotto, Viêtia Rocha, Black Gero, etc.

Duração: 97 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Beto Brant mostra que o cinema brasileiro já voltou à fase adulta, e não nos faz depender apenas de eventuais sucessos (“Cidade de Deus”, por exemplo), para ser respeitado. Isso mesmo, “O Invasor” é um filme ousado, inteligente, com uma fotografia inovadora, realista, mas acima de tudo, é um filme bom para cacete, que faz pensar mas também entretém o espectador. Temos como figuras centrais Ivan (Marco Ricca) e Gilberto (Alexandre Borges), dois amigos e sócios de uma construtora, juntamente com Estevão (George Freire). Acontece que este último, o sócio maioritário, está criando problemas para os outros dois, ameaçando desfazer a sociedade. A solução encontrada é contratar um assassino de aluguer (o titã Miklos) para acabar com Estevão. O que eles não esperavam é que, após o serviço feito, Miklos, com seu jeito de bandido malandro, do tipo “não tou nem aí pra esses caras”, resolve se intrometer na empresa. Acuados, Ivan e Gilberto não podem fazer nada a não ser ver esse completo e perigoso desconhecido fazer parte do dia-a-dia da construtora.

O melhor de “O Invasor” é ser um suspense policial tenso desde o início, ajudado pela ótima actuação de Paulo Miklos e sua cara-de-pau para se intrometer nos negócios dos outros personagens. O actor-cantor se dá muito bem em sua estreia na profissão, embora cometa erros primários em um ou dois momentos (o principal é olhar para a câmara quando não devia). Ele tem inclusive um monólogo rápido em frente ao espelho imitando De Niro em “Taxi Driver”.

Carlos Alberto Mattos



Realização: Guel Arraes (Brasil, Portugal, 2003); **Argumento:** Guel Arraes, Pedro Cardoso, Jorge Furtado, segundo peça de teatro de Osman Lins; **Música:** João Falcão, André Moraes; **Fotografia (cor):** Ulrich Burtin; **Montagem:** Paulo Henrique Farias; **Direção artística:** Claudio Amaral Peixoto; **Guarda-roupa:** Emilia Duncan; **Maquilhagem:** Marlene Moura; **Direção de produção:** Hugo Gurgel; **Som:** Simone Alves, Miriam Biderman, Ana Chiarini, Armando Torres Jr.; **Produção:** Guel Arraes, Virginia Cavendish, Tereza Gonzalez, Paula Lavigne, Mauro Lima Ivan Teixeira.

Intérpretes: Selton Mello (Leléu), Débora Falabella (Lisbela), Virginia Cavendish (Inaura), Bruno Garcia (Douglas), Tadeu Mello (Cabo Citonho), André Mattos (Tenente Guedes), Lívia Falcão (Francisquinha), Marco Nanini (Frederico Evandro), Luisa Arraes, Paula Lavigne, Heloísa Périssé, Zeca Veloso, etc.

Duração: 106 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Escrito por Guel Arraes, Pedro Cardoso e Jorge Furtado (a partir de peça de Osman Lins), o roteiro gira em torno de Leléu, um simpático trapaceiro que viaja pelo sertão nordestino vendendo “elixires para impotência” e apresentando atrações como ‘Monga, a Mulher-Gorila’, a Paixão de Cristo e ‘trapezistas cegos’ (ele viaja em uma caminhonete que revela bastante sobre seu temperamento e estilo de vida, já que traz frases como ‘80 tentação 20 ver’ e possui uma porta que só abre por fora). Depois de se envolver com a esposa (Cavendish) de um perigoso matador (Nanini), Leléu foge para outra cidade e acaba conhecendo a ingênua e romântica Lisbela (Falabella), filha única de um delegado (Mattos) e que está prestes a se casar com o antipático Douglas (Garcia). A partir daí, as coisas se complicam à medida em que Leléu e Lisbela se apaixonam e o assassino Frederico Evandro chega ao lugarejo.

Retratando Lisbela como uma garota apaixonada por seriados de Cinema (um formato popular entre as décadas de 10 e 50, quando o sucesso da televisão – vejam a ironia! – decretou seu fim), a narrativa utiliza o curioso recurso de estabelecer paralelos entre suas reviravoltas e os clichês das produções de Hollywood, em auto-referências sempre inventivas (as cenas criadas para os ‘seriados’ são absolutamente geniais). Assim, a personagem-título antecipa, em vários instantes, factos que estão para ocorrer em sua própria história, o que não deixa de ser divertido. Da mesma forma, “Lisbela e o Prisioneiro” conta com ótimos diálogos, algo que já era de se esperar em um roteiro com a assinatura de Furtado (responsável pelo recente O Homem que Copiava).

Memórias Póstumas

Memórias Póstumas



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: André Klotzel (Brasil, Portugal, 2003); Argumento: André Klotzel, José Roberto Torero, segundo romance de Machado de Assis ("Memórias Póstumas de Brás Cubas"); Música: Mário Manga; Fotografia (cor): Pedro Farkas; Montagem: André Klotzel; Casting: Cris D'amato; Design de produção: Beto Mainieri; Direção artística: Adrían Cooper; Guarda-roupa: Marjorie Gueller; Maquilhagem: Emy Sato, Vavá Torres; Direção de produção: Pedro Bento, Tereza Gonzalez, James McQuaide; Assistentes de realização: Sílvia Moreira; Departamento de arte: Bia Pessoa; Som: Luiz Adelmo, Miriam Biderman, Ana Chiarini, José Luiz Sasso; Produção: Afonso Coaracy, André Klotzel, Patrick Leblanc, Monica Schmiedt.

Intérpretes: Reginaldo Farias (Bras Cubas), Marcos Caruso (Quincas Borba), Petronio Gontijo (Bras Cubas, jovem), Stepan Nercessian (Bento Cubas), Sonia Braga (Marcela), Otávio Muller (Lobo Neves), Viétia Rocha (Virgília), Debora Duboc (Dona Eusébia), Walmor Chagas (Dr. Vilaça), Nilda Spencer (Dona Plácida), Ana Abott (Nhá Loló), Manuca Almeida (Faquir), Eduardo Amír (Cantor de ópera), Thaís Balloni (Baronesa), Carlos Betão (Tio João), Arlindo Bião (Pai de Maricota), Margareth Braga (Cantora de ópera), José Carlos Carneiro, Newton Castro, Henrique César, Malu Cotrin, Tião d'Ávila, Priscila Fernandes, Celso Júnior, Gabriel Júnior, Eliosvaldo Lima, Pietro Mário, etc.

Duração: 101 min; Inédito comercialmente em Portugal.

André Klotzel não pode ser descrito como incompetente e, assim, este seu *Memórias Póstumas* se revela um filme acima da média. Adaptado ao cinema por próprio Klotzel (com diálogos adicionais de José Roberto Torero), a história gira em torno do burguês Brás Cubas, que, depois de morto, decide contar sua vida para o espectador. Dotado de um sarcasmo irresistível, Cubas (justamente por estar livre das convenções impostas aos vivos) é um narrador divertido, despejando suas observações críticas e certeiras sobre a sociedade de maneira despreocupada e eloquente. Sem manter uma noção verdadeiramente romântica do amor, ele descreve seus envoltimentos afetivos ao longo dos anos de forma quase analítica, rindo, ao lado do público, de suas próprias ilusões juvenis – sem jamais tentar esconder a futilidade de seus conceitos sobre o mundo (talvez porque, em parte, não os veja desta maneira). Assim, ao se deslumbrar com a bela Eugênia, frustra-se ao descobrir seu defeito físico e, de maneira que hoje descreveríamos como 'politicamente incorreta', questiona: 'Por que coxa se bonita? Por que bonita se coxa?'. O filme, aliás, é sábio ao apostar na elegância do humor de Machado, evitando a isca fácil de tentar modernizar (ou popularizar) demais o texto do escritor – o que já comprometeu diversas adaptações de obras de Shakespeare e do próprio Dumas, para citar apenas dois exemplos. Ao reconhecer a actualidade do cinismo de Brás Cubas, Klotzel eleva a dimensão do próprio filme – mesmo que seu roteiro não tenha encontrado soluções para importantes dilemas vividos por adaptações deste calibre: a narração de Cubas, por exemplo, é excessivamente intrusiva. Com isso, o ritmo de *Memórias Póstumas* torna-se lento em algumas passagens, já que substitui a ação pela descrição.



Cinema
 Brasileiro
 Contemporâneo

Realização: Carlos Diegues (Brasil, 1999); Argumento: João Emanuel Carneiro, Carlos Diegues, Paulo Lins, Hamilton Vaz Pereira, Hermano Vianna, segundo peça de Vinícius De Moraes (“Orfeu da Conceição”); Música: Caetano Veloso, Antonio Carlos Jobim (canção “A Felicidade”); Fotografia (cor): Afonso Beato; Montagem: Sérgio Mekler; Direcção artística: Clovis Bueno; Decoração: Ana Anet; Guarda-roupa: Emilia Duncan; Direcção de produção: Tereza Gonzalez, James McQuaide, Severo Santos, Marcelo Torres; Assistentes de realização: Vicente Amorim, Daniela Braga, Rafael Salgado, Isabella Teixeira; Som: Frank Canonica, Marko A. Costanzo, Jeff Formosa, David Parker, Tom Paul, Jay Peck, Nicholas Renbeck, Michael Semanick, Mark A. Van Der Willigen, Mark Jan Wlodarkiewicz; Efeitos Visuais: David Emerson, Bret Mixon, Gene Warren Jr.; Produção: Daniel Filho, Paula Lavigne, Renata Almeida Magalhães, Flávio R. Tambellini.

Intérpretes: Toni Garrido (Orfeu), Patrícia França (Eurídice), Murilo Benício (Lucinho), Zezé Motta (Conceição), Milton Gonçalves (Inácio), Isabel Fillardis (Mira), Maria Ceíça (Cármen), Stepan Nercessian (Pacheco), Maurício Gonçalves (Pecê), Lúcio Andrey (Piaba), Eliezer Motta (Stallone), Sérgio Loroza (Coice), Sílvio Guindane (Maicol), Castrinho (Oswaldo), Gustavo Gasparani (Mano), Paula Assunção (Deise), Patrícia Costa (Lurdes), Andréa Marques (Sheila), Nelson Sargento (Nelson Sargento), Cássio Gabus Mendes (Pedro), Ivan de Albuquerque (He-Man), Léa Garcia (Mãe de Maicol), Jackeline Olivier (Sambista), Maria Ribeiro (Joana), Caetano Veloso, etc. **Duração:** 110 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Temos motivos suficientes para acreditar que “Orfeu” é, em termos de indústria e de lançamento, o acontecimento cinematográfico mais importante para o cinema brasileiro. Foram reunidos diversos intelectuais em torno do filme, ora para embelezá-lo ora para tentar dar a justa palavra acerca da vida e dos costumes das gentes do morro: Hermano Vianna, Hamilton Vaz Pereira, Paulo Lins, João Emanuel Carneiro, Caetano Veloso e o próprio Carlos Diegues, director e autor do roteiro final do filme. (...) A tarefa não é fácil: transformar a peça de Vinícius de Moraes numa crónica sobre a favela de hoje. Não só a beleza do morro, mas também os problemas dos traficantes com a polícia. Não só a musicalidade do samba e do funk, mas também as precárias condições de vida por que passam os moradores. Acreditar-se-ia a tarefa mais pretensiosa ainda: traçar o justo perfil do que hoje é o morro; colocar no filme tudo que o morro é. Daí a sensação, que vem logo no início do filme, de que Carlos Diegues abandona a história de “Orfeu” para nos fornecer um suposto modus operandi da favela: os traficantes que resolvem fazer sua própria justiça, os policiais que tratam os policiais do morro como cachorros, a influência da propaganda americana no coadjuvante Máicol, a boémia sambista que vara as noites nas rodas animadas e o funk que a rádio comunitária transmite. Em suma, talvez tudo que o morro talvez nem seja, mas que os jornais e as televisões exibem como sendo a vida nas favelas.

Ruy Gardnier

“Orfeu” (1999). Levei quarenta anos para fazer esse filme, ele acabou sendo uma soma de muita coisa que pensei e fiz ao longo desse tempo; um dos meus filmes que, uma vez pronto, mais se aproxima do projecto original; o maior elogio a ele, e um dos maiores que já recebi em toda a minha vida, está numa entrevista de Nelson Pereira dos Santos, onde ele diz que, se fizesse “Rio, 40 Graus” hoje, o filme seria muito parecido com “Orfeu”.

Carlos Diegues

O Outro Lado Da Rua

O Outro Lado da Rua



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Marcos Bernstein (Brasil, França, 2004); **Argumento:** Melanie Dimantas, segundo história de Marcos Bernstein; **Música:** Guilherme Bernstein Seixas; **Fotografia (cor):** Toca Seabra; **Montagem:** Marcelo Moraes; **Direção artística:** Bia Junqueira; **Decoração:** Ana Anet; **Guarda-roupa:** Cristina Kangussu; **Som:** Simone Alves, Jorge Saldanha, Waldir Xavier, Rodrigo de Noronha; **Produção:** Marcos Bernstein, Mariza Figueiredo, Katia Machado.

Intérpretes: Fernanda Montenegro (Regina), Raul Cortez (Camargo), Milene Pizarro (Célia), Laura Cardoso (Patolina), Eliana César, Mauro José, Miguel Lunardi, Luiz Carlos Persy (Alcides), Caio Ramos, Marcio Vito (Walmir), etc.

Duração: 97 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Regina (Fernanda Montenegro, de Central do Brasil) é uma senhora solitária, irônica, sincera e que para esquecer sua solidão participa de um trabalho voluntário de informações em Copacabana, onde mora com seu vira-latas sozinha. Essa solidão é retratada de maneira extremamente competente pelo filme que, por não haver narração, exige atenção e certa dose de interpretação de quem o estiver assistindo. Pode parecer que algumas de suas cenas são gratuitas (onde a história não evolui, apenas ilustram certas características dos personagens ou locações), porém essas cenas retratam bem o psicológico de Regina. Com o desenrolar da história, passamos a entender melhor suas motivações e atitudes. Quando ela liga para seu próprio cachorro para contar que salvou uma senhora de um assalto, abismada, é triste ver que aquela senhora, cheia de energia e determinação, simplesmente não tinha mais ninguém com quem compartilhar o fato. Durante as noites Regina fica bisbilhotando com seus binóculos os apartamentos dos vizinhos dos prédios em frente ao seu, em busca de informações, ou por simplesmente não ter mais o que fazer. Ela chega a adormecer algumas vezes ali, sentada naquela cadeira. Em uma dessas noites, ela assiste um marido aplicando uma injeção em sua esposa doente e, pouco tempo depois, o mesmo constatando sua morte. Regina liga para a polícia (por causa de seu serviço) e esta invade o apartamento do vizinho. Quando o laudo da morte da mulher aponta morte natural, e não de uma injeção letal, Regina mergulha em uma investigação para provar o que viu.

A inspiração em “Janela Indiscreta”, do mestre Alfred Hitchcock, é muito clara, principalmente quando lida a sinopse, porém o filme tem um desenvolvimento completamente diferente, apenas a premissa é a mesma. Só que em “O Outro Lado da Rua” não é esse lado o explorado, e sim a solidão de Regina e sua força de vontade de provar sua competência no que faz.

Rodrigo Cunha



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

Realização: Zelito Viana (Brasil, 2000); Argumento: Joaquim Assis; Música: Heitor Villa-Lobos; Fotografia (co): Walter Carvalho; Montagem: Eduardo Escorel; Design de produção: Marcos Flaksman, Alexandre Meyer; Decoração: Ana Anet; Guarda-roupa: Marília Carneiro; Assistentes de realização: Dayse Amaral Dias, Hsu Chien Hsin; Departamento de arte: Daniel Flaksman; Som: Giovanni Di Simone, Eric Flickinger, Virginia Flores, Daniel Gaber; Produção: Zelito Viana, Vera Maria de Paula.

Intérpretes: Antônio Fagundes (Hector Villa-Lobos), André Ricardo (Hector Villa-Lobos, mais velho), Leticia Spiller (Mindinha), Ana Beatriz Nogueira (Lucília), José Wilker (Donizetti), Marieta Severo (Noemia), Othon Bastos (Raul), Emilio de Melo (Arthur Rubinstein), Antonio Pitanga (Joaquim), Marcos Palmeira (Hector Villa-Lobos, mais novo), Antonio Abugamra, Lucinha Lins, Laura Lustosa, Paulo Moura, Ilya São Paulo, Marcelo Tas, etc.

Duração: 130 min; Inédito comercialmente em Portugal.

Biografia de Heitor Villa-Lobos, o mais importante compositor das Américas. A história começa com Villa, já velho, saindo para um concerto de gala no Teatro Municipal, onde seria homenageado. É a última vez que o maestro sai de casa com vida. Seu olhar é febril e atento e a partir desta cena e de outras do mesmo concerto vão surgindo lembranças de sua vida.

“Villa Lobos, Uma Vida de Paixão” ganhou o Grande Prêmio Cinema Brasil de Melhor Trilha Sonora, além de ter sido indicado em outras duas categorias: Melhor Ator (Antônio Fagundes) e Melhor Montagem. O realizador Zelito Vianna vem tentando levar às telas de cinema a história de Villa-Lobos há mais de 25 anos. O actor originalmente escolhido para interpretar o maestro, por exemplo, era Gláuber Rocha, que nunca chegou a gravar uma cena como a personagem. O filme passou por quatro paralisações durante suas filmagens, todas elas ocorridas por falta de dinheiro. Zelito Viana é irmão de Chico Anysio e pai de Marcos Palmeira, que interpreta Villa-Lobos em sua fase jovem no filme. Entretanto, esta não é a primeira vez que pai e filho trabalham no mesmo filme. Ambos trabalharam em “Avaeté, Semente da Violência”, de 1985, filme que marcou também a estreia de Marcos Palmeira no cinema.



Cinema
Brasileiro
Contemporâneo

O cinema das regiões no Brasil tem tido um enorme incremento nos últimos anos. No caso de Goiás e da produção cinematográfica e audiovisual goiana, há ainda a acrescentar o efeito causado pelo aparecimento do FICA, Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, que despoletou um interesse redobrado pelo audiovisual no Estado. Por isso se compreende que todos os anos sujam novas produções a um bom ritmo e com uma qualidade cada vez mais acentuada.

A colaboração do Cine Eco com o FICA e a gemação das cidades de Seia e Goiás são factos que por si sós justificam, portanto, a apresentação de um panorama do audiovisual goiano que será constituído pelas seguintes obras, seleccionadas em Goiás e que serão aqui apresentadas por Lisa França, autora de uma das obras, professora universitária, um destacado elemento do FICA e que este ano o representa no Cine ECO, como membro do nosso Júri Internacional:

A LENDA DA ÁRVORE SAGRADA, de Eládio Sá Teles - 5'

ALTERNATIVAS, de Dustan Oeven - 1'

BARRADOS E CONDENADOS, de Adrian Cowel - 26'

CÉSIO, 137, O BRILHO DA MORTE, de Luís Eduardo Jorge - 26'

MINHA VIDA, MINHA CÂMERA, de Lisa França - 45',

A VIDA NÃO VIVE, de Amarildo Pessoa e Kátia Jacarandá - 11'

ICOLOGIA, de Ângelo Lima - 26',

AS CIDADELAS INVISÍVEIS, de Lourival Belém - 21'.



CINEMA
PORTUGUÊS

CineEco 2005

A Costa dos Murmúrios

A Costa dos Murmúrios



Cinema
Português

Realização: Margarida Cardoso (Portugal, 2004); Argumento: Cedric Basso, Margarida Cardoso, segundo romance de Lúcia Jorge; Música: Bernardo Sasseti; Fotografia (cor): Lisa Hagstrand; Montagem: Pedro Marques; Design de produção: Augusto Mayer; Direcção artística: Ana Vaz; Guarda-roupa: Sílvia Meireles; Maquilhagem: Sano De Perpassac; Direcção de produção: João Montalverne; Assistentes de realização: João Fonseca, Nuno Godinho; Som: Carlos Alberto Lopes, Branko Neskov; Produção: Filmes do Tejo / Maria João Mayer, João Ribeiro.

Intérpretes: Beatriz Batarda (Evita), Filipe Duarte (Luís), Monica Calle (Helena), Adriano Luz (Jaime Forza Leal), Luís Sarmento (Jornalista), Sandra Faleiro (Mulher de Góis), Custódia Galego (Senhora 1), Carla Bolito (Senhora 2), José Airosa, Dinarte Branco, João Lagarto, Fernando Luís, Núria Mencía, Carlos Pimenta, Ângelo Torres (Recepcionista Hotel), Marcello Urgeche, etc.

Duração: 115 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes do Tejo/ Atalanta Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos.

Abro “A Costa dos Murmúrios”, romance de Lúcia Jorge. A lombada do volume que tenho entre as mãos está bem dobrada, as páginas lidas e relidas, a dedicatória amiga, datada de 18 de Fevereiro de 1988. Relembro o prazer de então ao ler esta obra de um fôlego só. Há livros que são assim, abrem-se, agarram-nos e levam-nos consigo colados sabe-se lá até onde. Até onde a magia do escritor estender a passeadeira. “A Costa dos Murmúrios” foi tal e qual, teve esse efeito imediato em mim, de tal forma que dias depois, dois, três, não mais, estava eu a telefonar à Lúcia Jorge a dar notícia do meu entusiasmo, mas ia mais longe: pedia-lhe autorização para começar a pensar numa adaptação ao cinema. Eu queria adaptar “A Costa dos Murmúrios” a filme, e a Lúcia, com aquela doçura habitual, aceitava “reservar-me” desde logo a sua obra para eu a re-inventar em imagens.

Mas do que se deseja ao que realmente se faz vai uma eternidade, mais do que isso vai o que Deus dispõe quando o homem põe, e a verdade é que, por uma razão e por outra (nomeadamente pela minha colaboração com a TVI, entre 1991 e 1997, que me impossibilitou outras iniciativas, particularmente de realização cinematográfica, ainda para mais a executar longe de Lisboa), o projecto foi-se alongando no tempo, até que um dia recebo um telefonema da Lúcia perguntando se ainda queria manter os “direitos” em meu poder e se ainda pretendia realizar o filme, ou se cederia “a sua palavra” para a Margarida Cardoso adaptar o romance. Por várias razões também não

hesitei na resposta, muito embora intimamente não possa afirmar que não tenha sofrido um pouco ao dizer o que disse.

Apesar de ter por “A Costa dos Murmúrios” uma afeição profunda, muito embora grande parte do meu “filme” o tivesse já na cabeça, e outra parte esboçada em planificação, disponibilizei-me desde logo a abdicar desse trunfo e cedê-lo à Margarida Cardoso que admiti de imediato poder fazer uma excelente adaptação, tanto mais que ela tinha conhecimento prévio do cenário geográfico e da situação histórica: filha de militar, vivera a infância em Moçambique durante o final dos anos 60 e a última fase do colonialismo português e da guerra ali sustentada. A minha reacção, aliás, nem poderia ter sido outra, dadas as minhas ligações de profunda amizade e admiração tanto com a Lídia Jorge, como com a Margarida Cardoso (com esta última, acrescida ainda do facto de ter trabalhado com ela em vários filmes meus).

O resultado da adaptação é excelente e devo dizer, desde já, que considero “A Costa dos Murmúrios”, de Margarida Cardoso, um dos grandes filmes portugueses das últimas décadas, e uma das nossas mais profundas e maduras reflexões sobre a Guerra Colonial expressa em imagens. A filmografia portuguesa não é abundante quanto a títulos que recuperem tempos e imagens da Guerra Colonial, e sobretudo é extremamente exígua no que diz respeito a obras rodadas nas antigas colónias. “A Costa dos Murmúrios” tem a particularidade de conciliar uma visão da “frente” (é rodado parcialmente em Moçambique, e remete para a época da “Operação Nó Górdio”), com um olhar da “retaguarda” (são as mulheres dos militares que ocupam o centro da obra).

Cinema
Português

Evita, Helena, Luís e Jaime

Evita é a protagonista. Vai até África para casar com Luís, um oficial do Exército Português, destacado em Moçambique para defender o Império. Evita e Luís tiveram um namoro em Lisboa que prenunciava uma vida a dois de um certo tipo, com uma orientação determinada, e foi com essas expectativas que Evita desceu do avião em Lourenço Marques. Mas o Luís que encontra já não é o mesmo com quem falava nas esplanadas do Campo Grande, o mesmo que descobria fórmulas matemáticas, o mesmo que colocava dúvidas quanto à posição de Portugal sobre as suas colónias. O Luís que re-encontra é outro, um homem dominado pela experiência traumática que atravessa e pela imagem do “seu” capitão, absorvido pelos ideais coloniais, um apreciador de certos “prazeres novos” e surpreendentes para Evita, como “fazer o gosto ao dedo”, matando flamingos nas praias moçambicanas (“Repara como eles nem dão por isso, como se estão nas tintas uns para os outros”), ou, supremo prazer de macho, “atirar no cu das galinhas”.

Para Luís as dúvidas entre “o ser e o parecer” desapareceram, “agora é a sério”, “não é mais um cafézinho no Campo Grande”. Evita, pelo contrário, continua a pensar pela sua cabeça, o que leva o capitão a não a olhar com bons olhos. Ele que já domesticou a mulher, espera domesticar Evita facilmente, mas a tarefa revela-se mais difícil do que supusera no início. “Uma solução política? Entregar esta terra aos nossos inimigos?”, pergunta. Ao que Evita responde segura de si e sem vacilar: “se o inimigo for realmente o dono da terra, sim!”

As dúvidas “entre o ser e o parecer” só aparentemente se esfumaram. Elas continuam presentes, ainda que cada vez menos dúvidas, cada vez mais certezas. Helena (“Helena de Tróia”, como lhe chamam), que em grego quer dizer “a origem do conflito”, como recorda Evita, afinal não está “domesticada”, apenas “adormecida” na aparência. Quando o marido parte para a frente da grande batalha, para o Norte, “rumo à glória e a vitória final”, não deixa de fazer estimativas diárias em relação às previsões das estatísticas de baixas portuguesas (“calculam-se cem mortos, dos quais quatro oficiais”). Deliberadamente vive fechada em casa, renuncia a sair à rua, provocando a si própria uma clausura estranha, como aquela que o marido solicitara anteriormente por várias vezes, mas que desta feita pratica sem que nada lhe tenha sido exigido. Uma clausura que é uma oferenda aos deuses. Para que a sobrevivência do marido esteja assegurada? Não. Para que ele não regresse, não volte vivo. Para poder readquirir a sua liberdade. Para finalmente se libertar da mancha que marca a sua consciência, o assassinato do amante que o marido surpreendera e que fora descoberto, dias depois, numa praia das redondezas, com um tiro na cabeça, em resultado de uma roleta russa jogada sob ameaça em nome da dignidade ofendida. Para testar a dedicação da mulher, o alferes Luís também irá perguntar a Evita se ela “era capaz de ficar aqui fechada até ele voltar”, mas a resposta é “não”. Ela não aceita anular-se perante o que considera errado, injusto, absurdo.

O filme começa com imagens de arquivo de um Moçambique português em estado de guerra: a descida de um avião da TAP que regressa de Lisboa, despejando na pista de aterragem militares e civis, enquanto se ouve a voz de Simone de Oliveira cantando um “hit” dessa época, “Sol de Inverno”, onde imperam “Sonhos que Sonhei”. Depois acompanhamos um “travelling” no interior de um autocarro, ao longo das ruas da cidade, com o rosto de Evita em primeiro plano. É o olhar de Evita que nos irá conduzir ao longo do filme, um olhar que já fora igualmente em grande parte o olhar de Lídia Jorge e agora se transmuda no olhar de Margarida Cardoso. Sonhos que todas viveram, cada uma à sua maneira. Sonhos de amor, sonhos de África, sonhos de um império em desagregação. Sonhos... O que vai do “ser ao parecer”. O que vai da realidade (vá se lá saber qual!) à sua aparência. Os cortinados que descobrem/encobrem rostos e emoções, as esquinas dos prédios e as portas e janelas que escondem/revelam olhares e gestos, os enquadramentos que estreitam/aprofundam situações e comportamentos.

O filme de Margarida Cardoso fala do secreto, do íntimo, do que se esconde e do que se revela em segredo, do que se diz e do que se cala, do que se oculta e do que se expõe – da guerra utópica que se mostra e da guerra real que se censura, da notícia críptica que sai e da outra reveladora que não se pode dar à estampa, dos sentimentos que se sentem e se calam, das emoções que se ostentam e mentem, da verdade que é mentira, da mentira que é verdade. Tudo por detrás dos cortinados, como num coro grego, esse murmurar de mulheres que tecem na sombra, Penélopes modernas de novas guerras de Tróia, segredando meias verdades e meias mentiras, bordando a passagem do tempo que lentamente se escoia enquanto se vão multiplicando lá fora, longe da paz adormecida do Hotel Stella Maris, os cadáveres

envenenados de negros que bebem álcool etílico envasilhado em garrafas de champanhe. “As autoridades estão apreensivas, mas optimistas, ainda há tempo para recuperar os corpos e iniciar a regata.”

O enquadramento histórico

Desde 1961 que Portugal vivia uma guerra colonial, iniciada em Angola, mas depois propagada às restantes colónias, com especial destaque para Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

“A Costa dos Murmúrios” situa-se em Moçambique num período decisivo da guerra nessa colónia. Em meados de 1969, o general Kaúlza de Arriaga assume o cargo de comandante das forças terrestres de Moçambique, em substituição de Costa Gomes e, no início do ano seguinte, é nomeado comandante-chefe das Forças Armadas, rendendo o general Augusto dos Santos. Kaúlza é um dos símbolos da versão mais extremada da política do Estado Novo. Mais teórico que operacional, entusiasta das teses americanas e francesas desenvolvidas nas Guerras do Vietname e da Argélia, resolve adoptar uma fórmula semelhante quando assume o comando das tropas em Moçambique. Em finais da década de 60, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) encontra-se “num período difícil da sua história. Em Fevereiro de 1969, uma carta armadilhada, enviada pela PIDE para a sede da Frelimo em Dar-es-Salam, matara Eduardo Mondlane. Como se previa, a morte do fundador e líder dera origem a uma intensa luta pelo poder. Formam-se várias facções e um dos líderes da etnia maconde, Lázaro Kavandame, apresenta-se mesmo às autoridades portuguesas.” (José Pedro Castanheira, in Expresso, 27 de Novembro de 2004)

Cinema
Português

A tese de Kaúlza “é a de que o melhor caminho para derrotar a guerrilha subversiva é uma grande operação militar. A sua ambição é a aniquilação, rápida, pura e simples, da Frelimo, que desde 1965 move uma paciente luta de guerrilha, primeiro no Niassa, agora em Cabo Delgado, mas a sua estratégia militar vai ao arrepio da experiência acumulada pelos seus antecessores. Apesar disso, Kaúlza insiste em «fazer a guerra à maneira dos americanos, com o ‘search and destroy’», como caracterizou o general Augusto dos Santos, no livro “A Guerra de África” (1961-1974), de José Freire Antunes. Uma das primeiras medidas é a criação, em Dezembro, do Comando Operacional das Forças de Intervenção (COFI), tendo como comandante o coronel pára-queda Armindo Videira. E em 1970 avança para operações de grande envergadura, das quais a mais famosa é a «Nó Górdio». (ibidem).

Os governadores-gerais de Moçambique por essa época foram, primeiramente Baltazar Rebelo de Sousa, depois Arantes e Oliveira, e nem um nem outro se mostravam também muito entusiasmados com as terias de Kaúlza.

Mas a operação “Nó Górdio” faz-se. O objectivo era, como afirma José Pedro Castanheira, “derrotar a Frelimo no seu principal reduto: o planalto dos macondes, na província de Cabo Delgado, no extremo-norte de Moçambique. O alvo são as três principais bases da guerrilha, conhecidas pelos nomes de “Gungunhana”, “Moçambique” e “Nampula”. A vila de Mueda é escolhida como base. A operação - que bem poderia designar-se por batalha - inicia-se a 1 de Julho de 1970, no mesmo dia

em que os movimentos de libertação das colónias portuguesas, entre os quais a Frelimo, são recebidas no Vaticano pelo Papa Paulo VI. Participam mais de oito mil homens - cerca de 40 por cento dos efectivos da província, incluindo todas as unidades de forças especiais (comandos, fuzileiros e pára-quedistas), as forças de intervenção entretanto criadas, e a quase totalidade da artilharia de campanha e das unidades de reconhecimento e engenharia.”

Autor do livro “Moçambique 1970. Operação Nó Górdio”, Carlos de Matos Gomes escreve que “o conceito na manobra gizada para a operação assentava num cerco descontínuo, constituído por emboscadas montadas por unidades de caçadores e patrulhamento dos itinerários pelos dois esquadrões de reconhecimento ao longo de 140 km, para isolar o núcleo central onde se encontravam os três objectivos principais”. A operação, apoiada por “fogos de artilharia e aéreos e conjugada com uma intensa campanha psicológica”, para provocar a rendição e a desmoralização do inimigo, parece inicialmente ir correr bem: as bases são tomadas sem resistência, entre 6 e 15 de Julho de 1970. Dos “turras”, nem rasto. O pior viria depois. O que era uma guerra concentrada no norte de Moçambique, explode em diversas direcções e focos. A guerrilha fragmenta-se. Enquanto Kaúlza anuncia ao País, pela televisão, com o auxílio de mapa e ponteiro, uma vitória rápida e definitiva, com o inimigo “desarticulado”, “atemorizado”, “desmoralizado” e “desprestigiado”, a realidade no terreno é outra bem diferente. As populações civis não se apresentaram como o general imaginava e desejava em função do lançamento massivo de uma campanha de guerra psicológica como antes nunca vista. As baixas são fortes, tanto do lado português, como da Frelimo e algumas acções das tropas portuguesas, a roçar o genocídio, permitem acções internacionais que desacreditizam a razão portuguesa. Como assinalam Aniceto Afonso e Matos Gomes, a “passagem de um meio operacional de guerra declarada para outro muito fluido (...) causou sérias perturbações e teve as consequências conhecidas e dramáticas, com a máxima expressão nos massacres de populações em Wirihamu, Chawola, Inhaminga”.

A estratégia de Kaúlza suscitou um coro de críticas, como o testemunha José Pedro Castanheira: “Desde responsáveis da PIDE, como São José Lopes, até numerosos militares com larga folha de serviços na guerra colonial, como os generais Almiro Canelhas, Diogo Neto ou Costa Gomes. No livro de Freire Antunes, Costa Gomes diz que a operação “foi um erro”, na medida em que foi “uma aplicação dos conceitos de guerra clássica à guerra subversiva”. No mesmo livro, Silva Cunha, ex-ministro do Ultramar e da Defesa, fez um balanço desastroso da “Nó Górdio”: “Era como atirar uma pedra para um vespeiro: as vespas fogem para todos os lados”. Resultado: “A subversão expandiu-se, em lugar de ser dominada.” Decisiva foi a avaliação final de Marcello Caetano, que retirou Kaúlza de Moçambique em 1973. Para o seu lugar, apostou numa “outra pessoa que possa rever os conceitos e tácticas”. E qual o balanço feito pelo inimigo? Na entrevista concedida a Manuela Cruzeiro, Costa Gomes evoca o testemunho de Samora Machel, que, já Presidente de Moçambique, lhe terá dito que a “Nó Górdio” fora “o maior favor que o general Kaúlza lhe podia ter feito”. Com razão ou não, a verdade é que quase todos são unânimes em considerar esta

operação uma das causas que precipitaram o fim da guerra, em virtude de terem agudizado uma situação de descontentamento interno da parte das forças armadas portuguesas, que vão estar na base da revolução de 25 de Abril de 1974. Por tudo isto, o enquadramento histórico, militar e político de “A Costa dos Murmúrios” não pode deixar de ser emblemático de uma situação mais vasta, envolvendo todas as frentes da guerra colonial. O que se percebe neste mergulho na memória colectiva (e individual) de um povo, é essa situação de incerteza e dúvida permanente, esse abanar de convicções como os ramos das árvores batidas pelo vento, esse mal-estar que se instala lentamente no horror das diversas “frentes” e na dor de quem espera e desespera na retaguarda. Nas dóceis Penélopes que tecem sem levantar os olhos do bordado, nas martirizadas Helenas que esperam apenas o momento da vingança, ou nas indomáveis Evitas que arriscam em cada gesto o seu desejo de afirmação e a afirmação de um desejo.

Remorso? Não. Culpa. O que leva a queimar as fotografias de feitos de que outrora se preservava a memória para iluminar futuros gloriosos e de que agora se pretende anular a existência através do fogo. O vento que bate na copa das árvores. A praga de gafanhotos a varrer o terraço do Stella Maris.

Do livro ao filme

As qualidades da obra literária estão há muito definidas. As da adaptação parecem-me óbvias. É verdade que o filme é bastante diferente do livro na sua estrutura, há rupturas, descontinuidades, elipses. Mas no essencial o filme traz-nos algo do essencial do livro. É “uma leitura” possível, legítima. O que há de “India Song” no romance de Lídia Jorge, há de “India Song” no filme de Margarida Cardoso. Mantendo-se fiel ao tom, ao ritmo, ao “tempo”, à ironia da distanciação, à amargura dos olhares, à justeza dos gestos incompletos, a realizadora ganhou a batalha da adaptação impondo uma voz pessoal.

Sobre a adaptação afirmou Lídia Jorge: “O número de imagens que um livro oferece são infinitas, as imagens de um filme são finitas. Da passagem de uma coisa para a outra existe um transvaze inevitável, onde alguma coisa em geral se perde em número e alguma se ganha em intensidade. No caso de “A Costa dos Murmúrios”, apesar de ter tido conhecimento prévio do argumento, e do cenário das filmagens não ser propriamente um mistério, o resultado do filme foi-me bastante surpreendente. As primeiras imagens surgiram e eu compreendi que a história que tinha escrito, sob as mãos da Margarida, e o corpo dos actores, havia-se transformado numa outra realidade, reescrita à luz de um outra invocação. Mas devo dizer, em abono da verdade, que essas “diferenças” constituem mais revelações do que estranhezas e levaram-me num primeiro momento a visitar o livro com outro olhar, e a rever o filme pela segunda vez, com um sentimento de muito maior proximidade. Entre filme e livro, afinal, não encontro propriamente divergências, encontro deslocação de elementos e diferentes modos de intensidade, para dizer o mesmo - que se trata do desejo de erguer um relato para não deixar sumir na inadvertência alguma coisa grande e dolorosa, pessoal e colectiva, que persiste, a mesma vontade de criar um espaço

ficcional onde alguma coisa fora do paradigma acontece, a mesma vontade de que isso suceda sob o impacto de imagens criadas pela alucinação da memória. Esse parece-me ter sido o nosso pacto inicial, e respeitado isso, o resto é pormenor. Ou estética. Porque os modos sempre são diversos.”

E mais adiante: “Sendo “A Costa dos Murmúrios” um livro que “não vai à guerra”, mas não fala de outra coisa senão dela, a imagem da “roleta russa” foi-me indispensável como concentração do combate, síntese da sua arbitrariedade, paráfrase do vício da violência. Entreguei-me a essas duas cenas com a rudeza própria de quem desejou criar um contraponto em abreviado dessa brutalidade como jogo no tempo do intervalo. Concebi esse transe como coisa rude. Mas a Margarida criou as duas cenas retirando-lhes a parte grosseira, criando no lugar dos tiros e dos tampos manchados das cadeiras vermelhas sugestões narradas como nos sonhos. Talvez por isso mesmo o filme atinja aí, nas cenas dos amantes, os seus momentos mais altos. É uma violência que fala da violência sem a mostrar, como raramente acontece no cinema. Uma rara decência de narrar. Isso emociona-me, porque o pacto, feito no início, está inteiramente cumprido. A beleza está no seu lugar.” (Lídia Jorge, in Expresso, 27 de Novembro de 2004).

Cinema
Português

Há neste filme imagens deslumbrantes e surpreendentes pela justeza do enquadramento, pelo pudor do olhar, pela delicadeza das cores que instilam um dramatismo suave e discreto/secreto como em tudo o mais nesta obra. A beleza do enquadramento das imagens é uma das primeiras revelações desta obra. Luís a tomar banho, uma bota em primeiro plano, no chão da casa de banho, foi um plano que me ficou na memória, entre dezenas de outros; as mulheres encostadas ao muro do terraço do hotel, imagem de solidão suprema; um rosto de mulher por detrás de um cortinado; o afagar do sexo, a mão que se retira, secreta; uma árvore dobrada pela ventania; um grande plano do rosto de uma mulher; um olhar perdido, interrogando; uma praia, um carro, quatro personagens dispersos em locais diferentes, as armas, os flamingos...

Deve sublinhar-se ainda a justeza da interpretação, toda ela particularmente cuidada, contida, com especial destaque para Beatriz Batarda (Eva) e Monica Calle (Helena), ou não fosse este um filme de olhar e sensibilidade especialmente femininas. Mas Filipe Duarte (Luís), Adriano Luz (Jaime Forza Leal) e Luís Sarmiento (Jornalista) estão igualmente muito bem, defendendo personagens difíceis. Depois, haverá ainda a referir a música de Bernardo Sasseti, notável, na forma como cria uma envolvimento perfeita, tal como a fotografia macerada de Lisa Hagstrand. Um belo filme, uma excelente “leitura” pessoal da obra de Lídia Jorge. A minha teria sido diferente. Mas para cada leitor há um romance diferente. Para cada adaptação um filme diverso. O que faz a magia de tudo isto.

Lauro António, in revista “História”



Cinema
Português

Realização: João Canijo (Portugal, 2004); **Argumento:** João Canijo, Pierre Hodgson, Mayanna von Ledebur; **Música:** Alexandre Soares; **Fotografia (co):** Mário Castanheira; **Montagem:** Jackie Bastide, João Braz; **Design de produção:** Zé Branco; **Guarda-roupa:** Zé Branco; **Direção de produção:** Fernando Centeio; **Assistentes de realização:** José Maria Vaz da Silva; **Som:** Philippe Moret, Gérard Rousseau; **Produção:** Paulo Branco.

Intérpretes: Fernando Luís (Nelson), Beatriz Batarda (Carla), Rita Blanco (Celeste), Cleia Almeida (Sónia), José Raposo, Dmitry Bogomolov, João Reis, Anna Belozorovich, Ramón Martínez, Anabela Moreira, Jinie Rainho, Nadina Lopes, Susana Moreira, António Ferreira, Ana Luísa Leão, Helena Alves, Lara Carvalho, Márcia de Oliveira Silva, etc.

Duração: 94 minutos; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 16 anos.

Algues no Portugal profundo, numa terra onde moram as ilusões e a realidade é chamada à pedra sob a forma de desgraça e desespero, algues numa casa de alterne, um homem sacrifica a filha porque se julgou chico-esperto, foi cúvido e agora, por estupidez, não sabe que não há vida depois da última traição à sua humana essência. Algues no seio da cinematografia portuguesa, onde nunca foi figura encaixada, reconhecível, João Canijo arranca o seu melhor filme de sempre.

Há três filmes que partiu para um mundo que não é o seu. Sapatos Pretos, Ganhar a Vida e, agora, Noite Escura falam de gente longe do universo pequeno-burguês lisboeta. Sapatos Pretos passava-se no Alentejo, onde a realidade crua refizera a história d'O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes sob a forma de uma mulher mais voraz do que a vida lhe concedia. Ganhar a Vida ia a Paris conhecer um outro Portugal. Noite Escura mergulha-nos no sórdido e no inconfessável que jamais admitiremos ser. Esta vontade de ir ao Portugal profundo começou no tempo da Expo-98, quando se vivia a euforia de uma modernidade que parecia estar aí. Canijo mostrou o outro lado. Depois, a emigração «foi o sítio onde eu supus que estivesse outra faceta de nós, conservada em celofane - e estava». O caminho é hoje programa de trabalho para o realizador. Porque, diz-me ele, «o Portugal profundo sobe sempre à superfície e até aos mais altos níveis. Está lá... bem no alto do poste».

Para esta fita, o cineasta partiu da portuguesa tradição dos «brandos costumes» e

chegou à violência primitiva da tragédia grega. «A Ifigénia em Aulis de Eurípedes é uma peça com que eu ando há anos e anos». É a história do rei Agamémnon, que sacrifica a filha para que uma sua empresa tenha bons augúrios dos deuses. «Juntando esta história com a ideia do Portugal profundo, surgiu-me quase naturalmente o território do alterne, porque é aí que uma tragédia pode passar anónima, já que é tudo ilusão e vontade de fazer dinheiro, mais nada.»

Noite Escura é um lugar de decomposição. Um lugar onde não se acredita em nada, onde coisa nenhuma sobra de humano e de social, nem sequer a estrutura familiar. «Um mundo que vive de fazer as pessoas acreditar em coisas», sustenta Canijo. «Mas é um mundo que existe, eu vi-o.» Boa parte da preparação da fita passou-a o realizador em casas de alterne, do Minho ao Algarve, travessia por um mundo que o filme fixa, das mafias russas às histórias particulares, sobretudo na banda sonora, nesse espantoso fluxo de diálogos cruzados, fora de cena, em que estamos quase em constância mergulhados e que foram filmados com som directo, juntando realismo e virtuosismo formal num mesmo saco. Banda sonora onde se cristaliza o que mais dói porque enquadramento social vero e reconhecível de uma excepção. «Tudo o que está nesses diálogos de segundo plano foi tirado, à vírgula, da realidade. Todas as histórias, incluindo as das meninas russas que me foram contadas pelas próprias.» Passou semanas em casas de alterne, pagando garrafas de champanhe, introduzindo-se devagar na confiança das mulheres, à procura de pessoas interessantes. «Para isso é preciso que elas estejam sentadas na mesa mais de dez minutos. E custa muito dinheiro», diz-me Canijo com um sorriso. De mim para mim penso como justificar tais despesas diante de um fiscal das finanças a analisar a contabilidade de uma fita, mas ele descansa-me: «Não foi o produtor que pagou, fui eu.»

Cinema
Português

Noite Escura tem uma estrutura onde a ideia de plano quase desapareceu para dar lugar a uma deriva magmática, a uma fusão de matérias de que o movimento é a única constante, algo que o cineasta tem vindo a apurar como método. «A ideia era criar uma espécie de vertigem, de fugir à ilustração, de afogar a tragédia na casa de alterne, como se fosse uma cortina que não a deixasse ver.» Preparar uma rodagem assim tem, portanto, algo de coreográfico, «desenhando os movimentos das pessoas e da câmara numa planta do 'décor'». Depois são os segredos da montagem, as acelerações, os cortes bruscos, as retomas, labor de minúcia.

Noite Escura tem actores - enormes. De Beatriz Batarda não espanta a construção de uma rudeza desalmada - já sabíamos que é uma actriz de que ainda não vimos os limites. Mas Fernando Luís (que nos habituara ao naturalismo chão das suas prestações televisivas) faz um inesquecível português suave, pusilânime e ascoroso. E Rita Blanco é perfeita na «madama» oxigenada, dura e alienada, cega pela sua própria vontade de não ver. No corpo de secundários sobressai a jovem Cleia Almeida e o russo Dmitri Bogomolov, que nos gela o sangue. Actores fortes para personagens que não amamos, nem o filme ama, gente que perdeu o mapa do território dos sentimentos e finge que não vê o que lhes entra pelos olhos dentro, querendo viver como se a realidade outra fosse. João Canijo sorri: «Mas isso é Portugal...»

Jorge Leitão Ramos, in Expresso



Cinema
Português

É indiscutivelmente o melhor filme da «segunda fase» de Canijo, e se falamos em «segunda fase» é porque acreditamos que algo ficou irremediavelmente para trás no trabalho do cineasta depois de Sapatos Pretos. Após os dois filmes de Canijo de que mais gostamos, Três Menos Eu e Filha da Mãe (infelizmente pouco vistos), aqueles que revelaram uma atriz que é um poço de força (Rita Blanco), foi a partir de Sapatos Pretos que Canijo começou a pôr em prática um método experimental, digital-colorido, onde a desintegração voluntária dos planos, no limite, gerava um impasse («quem está a olhar para o quê?»), e com ele um duplo problema: as personagens tombavam na caricatura e o dilema moral do drama ficava por resolver. O que fracassou em dois filmes de exteriores como Sapatos Pretos e Mudar de Vida, porém, ganha agora novo sentido. Transformando o espaço da casa de alterne no palco da tragédia, numa «arena de representação», Noite Escura deve muito mais a um espaço abstracto (que afinal Canijo sempre perseguiu), e que por isso mesmo se deixa habitar, sobretudo em momentos de sideração como aquele em que Sónia (Cleia Almeida) canta no palco sob o olhar da irmã mais velha (Beatriz Batarda).

F.F., in Expresso



O CASTELO EM IMAGENS

IV FESTIVAL

“O CASTELO EM IMAGENS”

3º CONCURSO

NACIONAL ESCOLAR

PORTEL

08_13 MAIO 2006



SÓ ANIMAÇÃO

CineEco 2005

Les Triplettes de Belleville

Les Triplettes de Belleville ou Belleville Rendez-Vous



Só
Animação

Realização: Sylvain Chomet (França, 2003); **Argumento:** Sylvain Chomet; **Música:** Benoît Charest, Mathieu Chedid; **Montagem:** Dominique Brune, Chantal, Colibert Brunner, Dominique Lefever; **Design de produção:** Evgeni Tomov, Sylvain Chomet; **Direcção de produção:** François Bernard; **Assistentes de realização:** Gérard T. Goulet; **Departamento de arte:** Karyne Bergeron, Carole Roy; **Som:** Germain Boulay, Mathieu Cox, Xavier Drouault, Alek Gousse, Eric Grattepain, Henri Morelle, Luc Papineau, Stéphanie Perrin, Laurent Quaglio, Griet Van Reeth; **Efeitos Visuais:** Pieter Van Houte; **Produção:** Didier Brunner, Paul Cadieux, Régis Ghezlbash, Colin Rose, Viviane Vanfleteren.

Intérpretes (vozes): Béatrice Bonifassi, Lina Boudreault, Michèle Caucheteux, Jean-Claude Donna, Mari-Lou Gauthier, Charles Linton, Michel Robin, Monica Viegas, etc.

Duração: 80 min; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/6 anos.

Não sendo particularmente sensível à animação é raro que um filme do género me fogue quase até à fascinação, ao que corresponde a certeza de que verei “Belleville Rendez-Vous” mais vezes nos tempos próximos. Pela gula, inenarrável - de “swing”, de humor, daquilo pelo que as manas Triplettes também se pelam: pernas de rã. Candidata aos Óscares, esta fita de Sylvain Chomet devia ter papado os Óscares respectivos. Primeiro porque prova que “Finding Nemo”, ainda que seja uma fita muito inteligente, é ainda um “produto” de uma linha de montagem (em retrospectiva, face à corrosão e à inclemência deste filme, uma das mais deliciosas invenções de “Nemo”, o “gag” “Os Tubarões Anónimos”, por exemplo, aparece agora claramente como uma engenhosa intromissão do “politicamente correcto” no argumento); depois pela invenção contínua que permite a Chomet prescindir de diálogos e definir unicamente pela acção as personalidades dos protagonistas; terceiro, pela espantosa banda sonora de Benoît Charest, canadiano, que criou uma “sonoridade anos 20/30” que mistura Django Reinhardt e Edith Piaf, o “jazzy”, o “swing”, o “cabaret”, e a música francesa moderna, numa grelha que parecia irrecorrendável e afinal é uma luxúria para o ouvido; enfim, pelo eclectismo com que o filme consegue ser ao mesmo tempo um puro entretenimento e um objecto para o prazer intelectual e o jogo do reconhecimento cinéfilo. Podem os fãs da animação serenar pois as referências estão

lá: Chuck Jones e Tex Avery por exemplo; ou os cinéfilos mais gerais deliciar-se na homenagem a Tati; ou os melômanos fazer apostas sobre o que lá não está; sem que o filme perca um travo de originalidade ou enovele em “ruído” a sua visão ácida e paródica, quer da sociedade consumista americana, quer da nostalgia retro com que Chomet caustica o pernóstico legado gaullista.

França, pós-guerra. Madame Souza é uma típica porteira portuguesa, baixinha, gorducha e manca, em quem a fatalidade depositou o encargo de educar o neto, Champion, um menino triste, narigudo, e de olhos aguados. Um dia a avó, depois de lhe dar um cão que não o desvia da sua irreparável melancolia, descobre que o único interesse do neto vai para as bicicletas e a Volta à França. Assim crescem um atleta e o seu treinador obstinado (a avó), que o segue por lombas e serras, de triciclo e firme apito na boca. Um dia, durante a Volta à França, Champion e outros dois ciclistas são raptados por mafiosos americanos de obscuros desígnios e embarcados. A avó não esmorece, e, acompanhada de Bruno, o seu cão fiel, segue o navio, atravessando o oceano de gaivota. Chegam a Belleville, uma estilizada megapólis que é em tudo o contraste de França. Aí é acolhida pelas Triplettes, três antigas vedetas do “musicall”, a quem acaba por juntar-se num grupo de inesperadas sonoridades. São estas comedoras de rãs que a auxiliam na busca do paradeiro do neto, libertando-o das garras dos “gangsters”.

Sem ponta de auto-condescendência para com os franceses, é em terras americanas que o filme se torna hílare. Logo a começar, depois duma belíssima travessia do oceano numa gaivota e que é um prodígio de animação (sobretudo na cena da tempestade), apresenta-nos a Estátua da Liberdade como uma obesa agarrada ao sorvete. Enfim, um “pesadelo climatizado” anestesiado pelo “swing”. Uma delícia.

In “Expresso”

“A França não é o país da animação”

Entrevista com Sylvain Chomet

Estreou em Portugal a primeira longa-metragem do francês Sylvain Chomet. “Les Triplettes de Belleville”/“Belleville Rendez-Vous” decorre algures nos anos 50/60 e conta as aventuras de uma tal Madame Souza e do seu neto Champion, miúdo obcecado pelo ciclismo que acaba a pedalar no “Tour de France”. O filme foi a surpresa cinematográfica do ano passado no terreno da animação. Para Chomet, cineasta de 41 anos já distinguido em 1998 pelo seu filme anterior (a curta “La Vieille Dame et les Pigeons”), o triunfo é de peso: “Belleville Rendez-Vous” estreou o ano passado em Cannes na Competição Oficial (facto inédito para uma animação), conquistou um BAFTA este ano, esteve nomeado para o Óscar de Melhor Animação (a Sony distribuiu-o nos EUA) e já foi vendido para mais de 40 países. Chomet começou o seu percurso na banda desenhada. Vive no Canadá desde 1993. Falámos com ele num breve telefonema para Edimburgo, onde o realizador prepara novo projecto.

- *Jacques Tati foi uma influência decisiva?*

- Sim, mas também uma coincidência: fiz um filme sem diálogos, que decorre nos anos 50/60, numa cidade imaginária que caminha para a industrialização... É um tema de

Tati, por excelência. Por razões culturais, ele tem um lugar especial neste filme.

-Madame Souza, a protagonista, é portuguesa. Porquê?

- Porque ela é a história de alguns encontros na minha vida. No início do “storyboard” a personagem assemelhava-se à velhota parisiense do meu primeiro filme. Por questões de direitos que não vale a pena explicar, tive de alterar a personagem e nasceu a Madame Souza. Em Montreal, onde vivo há dez anos, há um bairro português e um restaurante em particular que eu frequento muito. É a dona do restaurante que às tantas canta no filme “Uma Casa Portuguesa”. Criei a Madame Souza tal como imagino uma senhora de idade na província do seu país: obstinada, corajosa, sempre vestida em tons cinzentos.

- Decidiu desde o início não incluir diálogos no filme?

- Sim. Foi um pouco em reacção às animações americanas, que são uns fala-barato. Exageram nos diálogos, sobretudo nos casos em que a animação e o jogo das personagens nem sempre são os mais interessantes. Quis que a história do meu filme nascesse só do burlesco, como o Tati fazia. Em simultâneo, isso deu-me tempo para apostar na banda som, na “bruitage” e sobretudo na música, que tem com a animação uma relação sugestiva.

- De onde vêm as “triplettes”? E Belleville, é uma cidade imaginária?

Só
Animação

- É. Pensei nela como uma cidade americana francófona, como Montreal. As “triplettes”, essas são mais nova-iorquinas que francesas. Trazem o swing, o bee-bop, e evocam uma geração genial de músicos que viveram na miséria, mas, apesar de tudo, com prazer.

- Pode falar-se de uma renovação das animações francesas?

- Não sou porta-voz de ninguém, até porque o meu trabalho foi feito no estrangeiro. Mas, francamente, acho que não. O meio da animação em França é um deserto. Fazem-se séries de TV de má qualidade e pouco mais. No Canadá ou aqui na Escócia, pelo contrário, as pessoas compreendem o que quero fazer.

- Ainda há preconceitos?

- Completamente. A França é o país da BD, não é o da animação.

- O seu trabalho técnico é bastante tradicional, está apoiado no desenho a 2-D. A animação a 3-D interessa-lhe?

- Muito, mas na condição de ter meios para fazê-la. A animação a 3-D custa uma fortuna. Com um orçamento de 8 milhões de euros como o das Triplettes..., dez vezes inferior ao de uma produção americana, nunca a farei, não sou louco: o resultado não será bom. A 2-D dá mais trabalho mas os custos de produção vão para o papel, para o lápis... digamos que a 2-D é muito mais gráfica, oferece outra sensibilidade para os detalhes no tratamento directo da imagem. A animação a 3-D está a desenvolver-se. Ainda não chegou ao «ínfimo pormenor», mas é uma questão de tempo.

- Gosta do trabalho de John Lasseter?

- Sou um fã dele. Sigo o seu trabalho desde a primeira curta-metragem, “Luxo Jr”. Já o “Monstros e Companhia”, que ele não realizou mas produziu, acho menos bom, menos imaginativo, e desperdiça excelentes ideias de animação. Espero que o Lasseter não comece a seguir a mesma direcção da Disney.



- *É impossível encontrar uma Madame Souza na Disney...*

- ...porque na América eles só têm três tipos de personagens! Existe o gentil, o mau e o brincalhão. É uma receita que fabrica sempre um filme igual a outro, os elementos-base não se alteram. Mas acho que as pessoas já começam a ficar fartas desta regurgitação.

- *A animação americana tem hoje uma grande indústria em expansão. Agradar às crianças é uma prioridade.*

- Acho que é isso, sinceramente. É fácil levar crianças ao cinema animado, elas abrem os olhos, ficam maravilhadas e é tudo. Não podemos exigir-lhes espírito crítico... As produções são caríssimas e as crianças são quase uma “agência de seguros” para os filmes. Agora, fazer um filme de animação que não é para crianças, como o Triplettes, isso sim é um risco sério. Felizmente provámos que os adultos também estão interessados no nosso trabalho.

- *Creio que acontece o mesmo com outros cineastas, como o japonês Miyazaki, que rebentou com as bilheteiras do seu país no ano passado. No entanto, há relatos de crianças que choram baba e ranho nos seus filmes, pedem aos pais para ir para casa, ficam assustadas com aqueles monstros...*

- O Miyazaki é fabuloso. Não trabalha para uma idade mental de 10 anos. “A Viagem de Chihiro” é um filme duríssimo, mas o caso do Miyazaki é muito diferente do nosso. No Japão, a animação é quase uma forma de expressão nacional, uma coisa muito séria; nunca foi considerada como um subproduto infantil. Fico contente por ele poder ser visto agora no Ocidente, com a regularidade que merece, ele é um cineasta poético. Histórias como a de “À Procura de Nemo”, já toda a gente viu centenas de vezes.

- *Para terminar: tem alguma predilecção pelo ciclismo?*

- Ando de bicicleta quando posso. No filme gostei da ideia do ciclismo enquanto movimento rotativo que não pode parar. A vida continua, como o cinema.

Madagáscar

Madagascar



Só
Animação

Realização: Eric Darnell, Tom McGrath (EUA, 2005); **Argumento:** Mark Burton, Billy Frolick, Eric Darnell, Tom McGrath; **Música:** Hans Zimmer, Ryeland Allison, James Michael Dooley, James S. Levine, e ainda John Barry ("Born Free"), Erick Morillo ("I Like to Move It") e Thomas Newman ("American Beauty"); **Montagem:** Clare De Chenu, Mark A. Hester, H. Lee Peterson; **Direção artística:** Kendal Cronkrite; **Direção de produção:** Tony Cosanella, Jennifer Dahltman, Philip R. Garrett, Kelly M. Jean, Lori Korngiebel, Kerry Shea, Jerome Solomon; **Departamento de arte:** Kory Heinzen, Ruben Hickman, Yoriko Ito, Travis Koller, Alexandre Puvilland, Jamie J. Silverman, John Stevenson, James Wood Wilson; **Som:** Richard L. Anderson, Thomas Jones, Erin Michael Rettig, Reuben Simon, Wade Wilson; **Efeitos Visuais:** John B. Anderson, Michael Aucoin, Wendy Berry, Michael A. Chang, Gilbert Davoud, Peter Farson, Philippe Gluckman, Tim Keenan, Penny Leyton, Mariette Marinus, Rob O'Neill, Damon Riesberg, Carlos M. Rosas, William Salazar, Nico Scapel, Ken Yao; **Produção:** Teresa Cheng, Mireille Soria.

Intérpretes (vozes): Ben Stiller (Alex), Chris Rock (Marty), David Schwimmer (Melman), Jada Pinkett Smith (Gloria), Sacha Baron Cohen (Julien), Cedric the Entertainer (Maurice), Andy Richter, Tom McGrath, Christopher Knights, Chris Miller, Conrad Vernon, Eric Darnell, David Cowgill, Stephen Apostolina, Elisa Gabrielli, Devika Parikh, etc.

Duração: 86 min; **Distribuição em Portugal:** Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 6 anos.

"Madagáscar" é a nova aventura na animação digital da DreamWorks, talvez não tão surpreendente como foi "Shrek", mas uns furos acima da segunda aventura do conhecido ogre ou de "O Gang dos Tubarões". A receita para o sucesso está na exploração do humor, na inversão de determinados clichés que são moeda corrente no cinema. Neste caso as "delícias" da vida "selvagem", com o regresso a uma inocência primitiva, face à vida da cidade.

Os heróis de Madagáscar são quatro animais que vivem no Zoo de Nova Iorque: Alex, um leão, Marty, uma zebra, Melman, uma girafa, e Glória, um hipopótamo, que vêm a sua "doce vida" de vedetas acarinhadas pelos visitantes, substituída pela luta pela sobrevivência na selva desconhecida de uma ilha no Índico, Madagáscar, devido à nefasta actividade de quatro pinguins que se evadem do Zoo para regressarem à Antárctida.

À primeira vista o desenho das personagens poderá parecer algo tosco. Mas este traço corresponde melhor à intenção da "caricatura" e para destacar as várias características de cada um dos "heróis": a hipocondria de Melman, a vaidade de Alex, etc., para além de explorar bem um imaginário criado pela animação. Neste caso, por exemplo,



Só
Animação

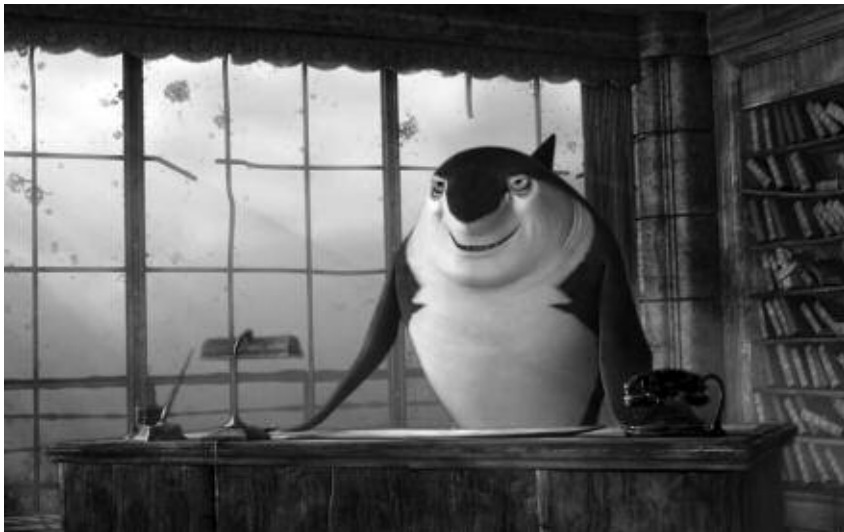
destaquem-se os lêmures (que povoam a ilha) onde se encontram os traços bem visíveis dos saudosos “Gremlins” de Joe Dante. Mais significativos são, por seu lado, os pinguins, que os realizadores (Eric Darnell e Tom McGrath) parecem ter ido buscar ao irresistível pinguim-ladrão criado por Nick Park na Aardman para uma aventura de Wallace e Gromit. Em “Madagáscar” os quatro pinguins formam uma espécie de gang mafioso, com as suas regras e códigos. Também o desenho de Alex, nos momentos em que celebra a boa vida no Zoo, denotam a influência da Aardman, e da irresistível onça de “Creature Comforts”.

Destaque-se ainda a exploração do humor não só visual como nos diálogos: o conhecido escritor e jornalista Tom Wolfe é um dos visados (pelos macacos!). Mas falamos da versão original que é, naturalmente, a que aconselhamos aos cinéfilos. Não sabemos se a versão dobrada de “Madagáscar” respeita os diálogos primitivos.

Manuel Cintra Ferreira, In Expresso

O Gang dos Tubarões

Shark Tale



Só
Animação

Realização: Bibo Bergeron, Vicky Jensen, Rob Letterman (EUA, 2004); **Argumento:** Michael J. Wilson, Rob Letterman; **Música:** Hans Zimmer, India.Arie, Ryeland Allison, Michael A. Levine, Trevor Morris, Geoff Zanelli, Missy 'Misdemeanor' Elliott ("Car Wash"); **Montagem:** Nick Fletcher, Peter Lonsdale, John Venzon; **Design de produção:** Dan St. Pierre; **Direção artística:** Seth Engstrom; **Direção de produção:** Brian Behling

Andrew Birch, Onil Chibas, Fred De Bradeny, Christina DeSilva, Stacey Ernst, Kim Mackey, Dina McLaughlin, Kay Sasatomi, Cameron Stevning, Mark Tarbox; **Departamento de arte:** Craig Elliott, Jenny Lerew, Mark Mulgrew, Pat Sito; **Som:** Richard L. Anderson, Geoff Foster, Thomas Jones, Mark A. Mangini, Andy Nelson, Robert Renga, Erin Michael Rettig, Nick Shaffer, David Williams, Wade Wilson; **Efeitos Visuais:** Michael Bauer, Brad Blackbourn, Cathy E. Blanco, Doug Cooper, Robert Edward, Crawford Ramprasad Sampath, Young Song, Paolo deGuzman; **Produção:** Bill Damaschke, Janet Healy, Jeffrey Katzenberg, Allison Lyon Segan, Mark Swift.

Intérpretes (Vozes): Will Smith (Oscar), Robert De Niro (Don Lino), Renée Zellweger (Angie), Jack Black (Lenny), Angelina Jolie (Lola), Martin Scorsese (Sykes), Ziggy Marley (Ernie), Doug E. Doug (Bernie), Michael Imperioli (Frankie), Vincent Pastore (Luca), Peter Falk (Don Feinberg), Katie Couric, David Soren, David P. Smith, Bobb'e J. Thompson, Kamali Minter, Emily Lyon Segan, Lenny Venito, Saverio Guerra, Shelley Morrison, Mark Swift, James Madio, Frank Vincent, Joseph Siravo, Steve Alterman, Phil LaMarr, Jenifer Lewis, Sean Bishop, James Ryan, Latifa Ouaou, David Yanover, Holly Dorff, Tracey Grimshaw, Faiz-Kevin Mangat, Fiona Phillips, Christina Aguilera, Missy 'Misdemeanor' Elliott, etc.

Duração: 90 min; **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 6 anos.

A nova produção da DreamWorks em animação computadorizada vai ter a sua estreia mundial pública (só foi mostrada em festivais) na Europa. Os portugueses vão ser, por isso, dos primeiros a ver o novo exemplo de um tipo de animação que conquista o público desde "Toy Story".

Porém, a repetição da fórmula arrisca-se a ficar cansativa, perdendo-se frescura e originalidade. É o que se sente ao fim de nove anos ("Toy Story" data de 1995) e uma boa dúzia de filmes distribuídos pela Pixar-Disney, DreamWorks e Fox: "A Idade do Gelo", "Monstros & Cª", "Formiga Z", "Shrek" e "À Procura de Nemo", por exemplo. "O Gang dos Tubarões" é (ainda) um filme divertido e imaginativo, mas nota-se já a rotina na criação dos desenhos e na sua manipulação. Aliás, tal como "Shrek 2", a sua produção é reflexo desse trabalho de «fábrica».

"O Gang dos Tubarões" nasceu do sucesso de "À Procura de Nemo", em especial de uma das suas personagens mais divertidas, a do tubarão vegetariano. Imediatamente constou que este iria ser o herói do próximo filme e o resultado está à vista.

"Shark Tale" leva a Máfia para as profundezas do oceano, contando as atribuições



Só
Animação

de Lenny (o tubarão vegetariano), após a morte do irmão Frankie (o tubarão “comme il faut”). São ambos filhos do “padrinho” Don Lino, que desespera agora com a questão da sucessão. Frankie torna-se amigo de Óscar, o peixe “sonhador” que é transformado em herói quando os outros o julgam ser responsável pela morte de Frankie. À volta de Óscar andam também as clássicas “bonecas” (a “boa”, Angie, e a mais ou menos “fatal”, Lola).

Não há nada de novo na história, que tem por modelo os filmes policiais e de máfia, mas a narrativa (a partir das histórias de iniciação), o humor de alguns “gags” e as paródias que percorrem o filme fazem deste um objecto bastante divertido capaz de agradar a miúdos e adultos. Entre os “gags” vale a pena destacar a visita à cidade submarina, a “lavagem” de baleias (que servem de transporte!), o comerciante de “sushi” (!!!) a fazer contas à vida, a luta amigável de Óscar e Lenny, a reunião da “família” mafiosa de tubarões. Esta última cena é uma das muitas que justificam a visão da versão original, dado que os actores que dão voz às personagens são especialistas de filmes de “gangsters”, como Robert De Niro (Don Lino) Sykes (Martin Scorsese), Peter Falk (Don Brizzi) e Vincent Pastore (Luca), o que não acontece com Nicolau Breyner e outros da versão portuguesa. Além de que o próprio desenho da peixarada se inspira na figura dos actores: Lola (Angelina Jolie), Angie (Renée Zellweger) e Óscar (Will Smith) são disso exemplo. Se isto, e as piadas cinéfilas a “O Padrinho” e “Tubarão” podem não ser percebidas pelo público juvenil, o adulto dará bem pela diferença.

Manuel Cintra Ferreira, In Expresso

O Sonho de um Noite de Verão

El Sueño de una noche de San Juan ou Midsummer Dream



Só
Animação

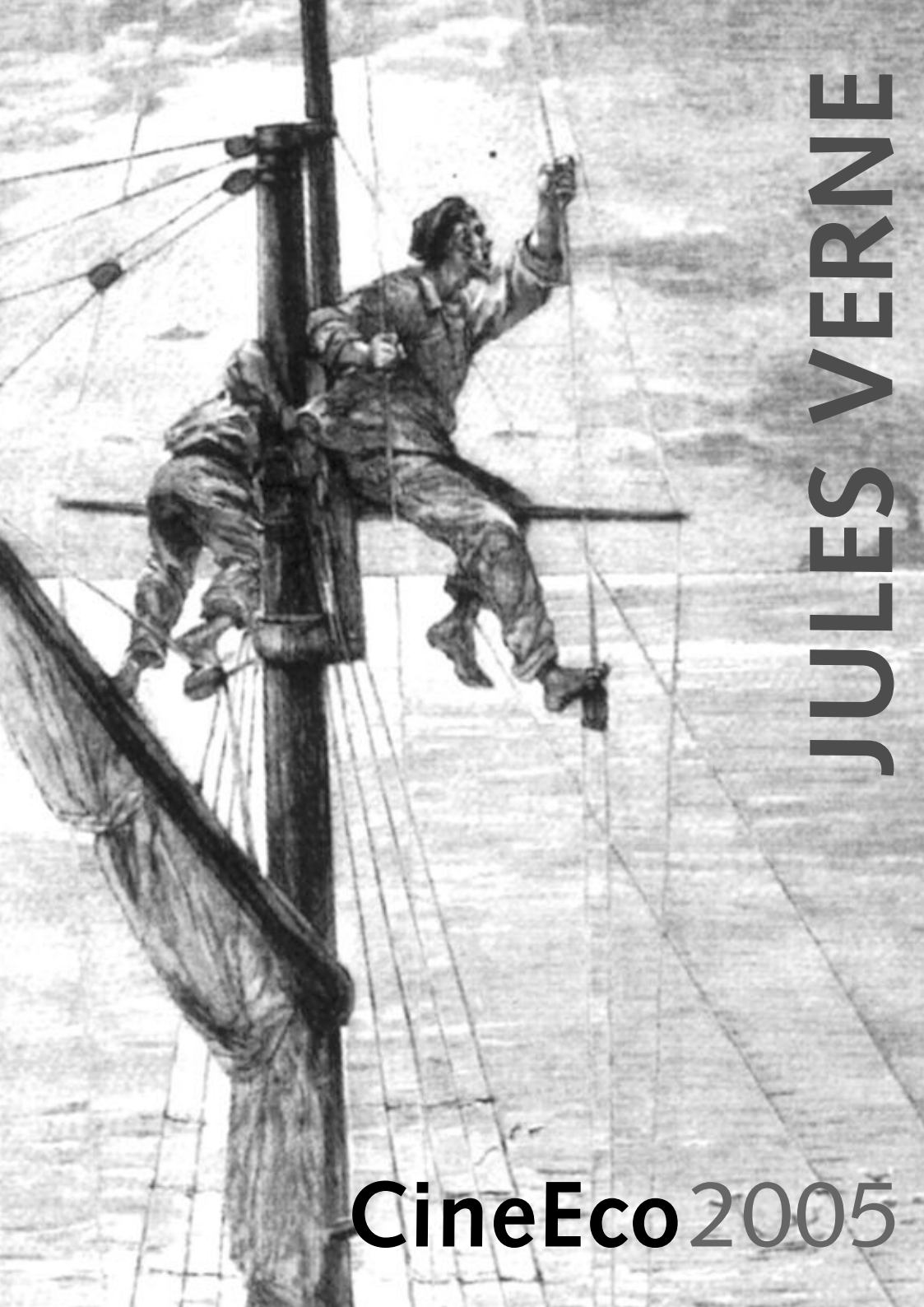
Realização: Ángel de la Cruz, Manolo Gómez (Espanha, Portugal, 2005); Argumento: Ángel de la Cruz, Beatriz Iso, seg. William Shakespeare; Música: Arturo B. Kress; Animação: Julio Díez; Produção: Tarak Ben Ammar.

Intérpretes (vozes): Gabino Diego, Pedro Abruñosa, Rita Blanco, Billy Boyd, Gemma Cuervo, Carla de Sá, Antonio Galves, Romola Garai, José Luis Gil, Pedro Granger, Bernard Hill, Rhys Ifans, Carmen Machi, Lúcia Moniz, Rui Oliveira, Isabel Ordaz, Emma Penella, Juan Perucho, Miranda Richardson, Fiona Shaw, Toby Stephens, Carlos Vieira de Almeida, Sara Vivas, etc.

Duração: 85 min; Distribuição em Portugal: Filmes Lusumundo; Classificação etária: M/ 6 anos.

Depois de “A Floresta Mágica” (o primeiro filme de animação 3D realizado na Europa), a espanhola Dygra Films associou-se à portuguesa Appia Filmes e lança agora nas salas “O Sonho de Uma Noite de São João”. Quer de um ponto de vista tecnológico (continuidade da opção pela animação 3D), quer de um ponto de vista narrativo (continuidade da opção pelo conto onírico), este trabalho assume-se como a sequência lógica do projecto iniciado em 2001 com “A Floresta Mágica” - o que significa que se mantêm inalteradas as principais virtudes e defeitos que já haviam marcado presença no filme anterior: aposta-se quase tudo na qualidade da animação e na tecnologia de ponta e aposta-se quase nada na qualidade da narrativa e na composição das personagens (que, vendo bem, serão talvez os dois factores que mais interessarão ao público infanto-juvenil ao qual este trabalho se destina). Em suma: “O Sonho de uma Noite de São João” é um filme frouxo e sem chama, que procura impor pelos meios ou por decreto aquilo que não consegue impor pela história ou por afecto: um puro e simples encantamento.

V.B.M., in Expresso



JULES VERNE

CineEco 2005

JULES VERNE: 100 ANOS APÓS A MORTE

Jules Verne nasceu na cidade de Nantes (região francesa da Bretanha) no dia de 8 de Janeiro de 1828. Ele e seu irmão Paul (um ano mais novo) gostavam de brincar nas margens do rio Loire e conversar com os marinheiros. Júlio era apaixonado pelas histórias de países distantes, a tal ponto que, quando tinha 11 anos, resolveu fugir de casa.

Pierre Verne, seu pai, conseguiu agarrá-lo no porto de Poimboeuf, na primeira escala do navio. O pai queria que os seus filhos seguissem a sua carreira de advogado e não de marinheiro, como sonhava Júlio. Resultado: Júlio levou uma inesquecível tarefa de chicote.

Na escola, a sua matéria preferida era geografia. Os seus cadernos estavam repletos de mapas. O pai levou-o a visitar as fundições e estaleiros de Indre, onde estavam sendo construídos os barcos a vapor (que eram a grande sensação da época). Seu irmão tornou-se marinheiro e Júlio, que tinha a paixão pelos rios e pelas máquinas acabou cursando a faculdade de Direito e, aos 20 anos, foi para Paris para agradar a seu pai. Jules Verne deixou-se atrair pelo clima boémio e pelas personalidades famosas como Alexandre Dumas (autor de “Os Três Mosqueteiros”) ou Vitor Hugo. Alexandre Dumas convidou-o para ir ao seu castelo em Saint-Germain e Jules Verne impressionou-se ao ver como Alexandre utilizava os factos históricos para escrever as suas novelas. Jules Verne decidiu escrever uma peça para teatro chamada “Les Pailles Rompues” (Contratos Anulados) que foi encenada em 1850, sem muito sucesso.

Jules
Verne

Em 1852, foi trabalhar como secretário no Teatro Lírico, e ficou por lá dois anos. Nesse período, conheceu Honorine-Ane de Vianne, que era viúva e tinha duas filhas. Namoraram e, por fim, casaram-se em 1857. Ela não se interessava pelas mesmas coisas que ele, gostava mesmo era de participar de grandes recepções e vestir-se bem. Logo após o casamento, arranjou um emprego para trabalhar como corrector da bolsa de valores. No entanto, não esquecia a ideia de escrever romances que difundissem o conhecimento da tecnologia e do mundo.

Conheceu o fotógrafo Félix Nadar, apaixonado pelo “balonismo”, como toda a gente em Paris. Nadar era conhecido pelas suas aventuras com balões até que resolveu fazer um passeio com a mulher e mais nove passageiros num enorme balão durante 16 horas. Um acidente ao pousar fê-lo partir as duas pernas. Mas esse facto não fez diminuir em Verne o desejo de escrever sobre máquinas, invenções e viagens pelo mundo. Pelo contrário, a partir daí ele passou a estudar muito mais as revistas científicas e os livros que falavam dessas invenções.

Nadar acerta um encontro entre Jules Hetzel (editor) e Jules Verne. Verne mostrou-lhe os primeiros escritos sobre aventuras a bordo de balões. Mas Hetzel, depois de lê-los, mandou Verne voltar para casa e reescrevê-los, desta vez com aventura e emoção. Júlio reescreveu-os em duas semanas. O editor adorou porque continham sonhos e aventura, classificando-os como uma leitura prazenteira. O livro foi chamado “Cinco Semanas num Balão” e foi um verdadeiro sucesso. Assinou um contrato no qual precisava de escrever dois livros por ano, nos próximos vinte anos e depois prorrogado por toda a produção futura. Verne cumpriu o contrato durante 40 anos.

Passado algum tempo, Hetzel acompanhava frase a frase a obra de Verne. Ele, que era um viajante inveterado, fazia anotações durante as viagens que serviriam de base para os livros de Verne. Eram ambos admiradores do meio de transporte mais revolucionário da época: o comboio.

Ler Verne significava sair em viagem e aventurar-se; para muitos, a única oportunidade. Ele descrevia minuciosamente os cenários, transportando o leitor dos pólos para o centro da terra. Descrição tão perfeita que o livro “Vinte Mil Léguas Submarinas” serviu de inspiração para o oceanógrafo Jacques Costeau, que considera Verne a pessoa que o inspirou a explorar os mares.

Verne foi assediado a tal ponto que se mudou para uma mansão em Amiens (no norte de Paris) para ter sossego e poder escrever. Escrevia também a bordo de seu barco, o Saint-Michel. Tinha o costume de escrever dois, às vezes até três livros ao mesmo tempo. Escrevia sempre na página da direita, deixava a esquerda para corrigir o texto e raramente mudava a versão original, o que prova que ele era um redactor fluente.

Os livros dele obedeciam a regras específicas, não ferindo de forma alguma a cultura católica da época. Eram considerados os melhores presentes de Natal.

Quando estava a escrever a série “A Volta ao Mundo em 80 dias”, ocorreu uma febre tal na população para comprar os folhetins que as companhias de navegação ofereceram fortunas para que as personagens dos livros fizessem a última etapa num dos seus navios.

Um incidente ocorreu na noite do dia 8 de Março de 1886, quando levou dois tiros no pé direito. Não conseguiu ver o homem que atirou. Soube mais tarde que foi seu sobrinho predilecto, Gaston, filho do irmão Paul. Caiu em depressão na mudança do século, ao perder os seres e as coisas que mais amava: o seu irmão, o seu amigo e editor Hetzel e os seus passeios de barco (pois não se equilibrava mais no convés).

Passou a ser severo com o filho e mandou-o para o reformatório. Mas, pelo contrário, foi muito carinhoso com um colega de ginásio de seu filho, Aristide Breand, chegando a inclui-lo, com o nome de Briant, como personagem principal do livro “Dois Anos de Férias”, de 1888.

Em 1895, recebeu a visita de Edmondo de Amicis, escritor italiano, que queria saber se Jules Verne existia de facto, pois muitos chegaram a pensar que ele próprio fosse uma ficção e que os textos fossem escritos por um grupo de redactores. No livro “Robur, o Conquistador” (1886) lançou a nave Albatroz, mais pesada que o ar e que se mantinha voando por meio de 74 pás giratórias que eram movidas por motores eléctricos. O caminho da aviação, Jules Verne já previa. O livro “Vinte Mil Léguas Submarinas” (1870) superou o que se podia esperar de extraordinário vindo de Jules Verne. Ele descreveu um submarino de 70 metros de comprimento, 8 de diâmetro, que deslocava 8 toneladas. Nele, a tripulação respirava ar comprimido, que era armazenado em cilindros metálicos. Possuía uma câmara, pela qual os mergulhadores entravam e saíam do submarino, mesmo estando submerso. Tinha janelas pelas quais a tripulação fotografava a vida marinha.

Jules Verne nunca deixou de escrever. Segundo sua própria declaração, queria chegar à sua centésima obra. Aos 74 anos, os livros eram trazidos até ele, que já não podia mais ir à biblioteca, mas mantinha a rotina de escrever pela manhã e ler à tarde. O livro “Senhor do Mundo” descreve um veículo que misturava automóvel, avião e submarino. Em 1905, publica um livro sobre a ligação por um canal do deserto do Sahara ao mar Mediterrâneo, para transformar o deserto num lago. Na noite de 24 de Março de 1905 pediu o livro “Vinte Mil Léguas Submarinas”, perguntou pela mulher e os filhos, fechou os olhos e faleceu.

Adaptado da revista “Super Interessante”, edição brasileira.

__JÚLIO VERNE: DE PAQUETE OU DE COMBOIO - E POR QUE NÃO DE ELEFANTE?

Quando em Londres se soube que Phileas Fogg apostara 20 mil libras com os seus amigos do Reform Club em como conseguia dar a volta ao mundo em 80 dias, a novidade alastrou pelos jornais. Muitos tomaram o partido de Fogg, outros, mais incrédulos, estavam convictos de que o inglês perderia a aposta. “Artigos de imprensa não menos apaixonados quanto lógicos apareceram a lume, uma vez que a geografia é um dos temas favoritos do povo inglês”, escreve o autor Jules Verne.

E na Bolsa apareceu um novo valor. Qual cavalo de corrida, Phileas Fogg passou rapidamente de inglês soturno, controlado, mecânico e impassível (rico, cronometrado e frio) a nome de acções na bolsa de valores - “Títulos Phileas Fogg” foram postos no mercado primeiro em pacotes de cinco, depois de dez, e depois já ninguém levava menos de 20, 50 ou 100.

O grande problema surgiu quando os jornais britânicos revelaram que Fogg era o ladrão que tinha roubado, semanas antes, 50 mil libras do Banco de Inglaterra.

__Uma Viagem de 360°

Phileas Fogg era “um daqueles ingleses que tem o hábito de conhecer países estrangeiros somente através dos olhos dos seus empregados”. O empregado é Passepartout, um francês patusco e desajeitado, que se mete em encrencas e (quase?) compromete a aposta.

Jules
Verne

Fogg nunca ri, nunca se descontrola, nunca perde o norte. Não é ele que entra no templo, calçado, e é perseguido pelos sacerdotes, que lhe roubam os sapatos - é Passepartout. Não é ele que fala demais ao detective Fix, que desconfia que Fogg era o ladrão britânico e queria dar a volta ao mundo para despistar as autoridades - é Passepartout. Não é ele que se disfarça de brâmane quando o grupo vai libertar Aouda, a mulher que ia ser condenada à morte - é Passepartout. Não é ele que é raptado pelos índios Sioux nos EUA - é Passepartout.

Conclusão: Fogg continua na sua pose fleumática enquanto o mundo se desmorona à sua volta. Não se mexe, imperturbável, concentrado em vencer a aposta. Conseguira dar a volta ao mundo em 80 dias? Mas Fogg é surpreendente. E corajoso. E rico (neste caso, talvez só se possa ser tão corajoso se se for tão rico). Quando vê que a linha do comboio não está terminada, em vez de ir a pé, compra um elefante. Quando Passepartout é raptado pelos índios, monta-se a cavalo e vai salvar o dedicado servidor.

__Crença e Imaginação

Jules Verne tornou-se famoso pelos seus livros de viagens e aventuras (muitos dizem que é o “pai” da ficção científica, a par de H.G. Wells (autor, por exemplo, de “A Máquina do Tempo”). Muitas obras suas foram vistas como profecias científicas, histórias para adolescentes e adultos que captaram o espírito empreendedor da ciência, típico do século XIX.

É o que acontece em “A Volta ao Mundo em 80 Dias” - só um homem crente nas evoluções tecnológicas da humanidade é que se mostra tão confiante em dar a volta ao mundo em 80 dias (contando já com imprevistos, atrasos, acidentes naturais e alterações climáticas).

Mas é com base numa imaginação fértil e em muitas investigações geográficas que Verne pode descrever com pormenor as paisagens exóticas da Índia, os portos da China e do Japão, o “skyline” de São Francisco ou as pradarias americanas.

Fogg (e quase “fog”, quase nevoeiro) é, pois, um “fantasma que anda” (disse o pintor italiano Chirico). Deu a volta ao mundo para ganhar uma aposta. E não só. Se no início nunca se ria, no final (terá vencido?) é um homem feliz. “Podíamos ter feito a volta ao mundo em apenas



Jules Verne

78 días”, diz Passepartout. “Sem dúvida”, respondeu Fogg, “não atravessando a Índia; mas se não tivesse atravessado a Índia, não teria salvo Aouda; ela não seria minha mulher e...”

Que trouxe Fogg desta longa viagem (terá vencido?), senão cansaço, atribulações, histórias para contar e pouco dinheiro de sobra? “Nada, dirá o leitor?”, pergunta Jules Verne. E responde: “Talvez; nada a não ser uma mulher encantadora, que, por mais estranho que pareça, fez dele o mais feliz dos homens! Muito francamente, quem não daria a volta ao mundo por muito menos?”

Raquel Ribeiro

Quem é Jules Verne?

Filho de um famoso advogado, Jules Verne nasceu em Nantes, França, em 1828. Mudou-se para Paris para estudar Direito. Começou a escrever peças influenciado por Victor Hugo e Alexandre Dumas (filho) - a sua primeira peça foi representada em Paris, aos 22 anos.

Quando, em 1854, Charles Baudelaire traduziu Edgar Allan Poe para francês, Jules Verne tornou-se imediatamente um fã da obra do poeta e contista americano. O seu primeiro livro, “Viagem de Balão” (1851), foi fortemente marcado por Poe. Mais tarde, escreveria a continuação do romance não terminado de Poe, “Narrative of a Gordon Pym”, intitulado “The Sphinx of the Ice-Fields” (1897).

Como a carreira literária prosseguia lentamente, Verne tornou-se corretor de bolsa. Abandonou apenas a profissão quando publicou o livro “Cinco Semanas em Balão” (1863) na série “Viagens Extraordinárias”. Os seus romances rapidamente se tornaram “best-sellers”. Jules Verne é hoje reconhecido como autor de “Da Terra à Lua” (1865), “Viagem ao Centro da Terra” (1864), “As Vinte Mil Léguas Submarinas” (1869) ou “A Volta ao Mundo em 80 Dias” (1873).

Não foi um grande viajante nem um grande cientista - muito do seu tempo passou-o a investigar livros sobre a especificidade das matérias sobre as quais escrevia, porque queria que as suas histórias fossem o mais realistas possível.

As suas histórias foram a inspiração de muitos filmes como “Viagem à Lua”, de Georges Méliès, ou “As Vinte Mil Léguas Submarinas”, com James Mason e Kirk Douglas.

Na primeira parte da sua obra literária, Verne era um profundo defensor da ciência e do progresso técnico na Europa. Mas nas obras mais tardias é um autor pessimista quanto ao futuro da civilização, adivinhando-se já uma certa atmosfera de “fin-de-siècle”. A maior parte dos seus romances foram escritos até 1880. A partir de então, explorou o teatro, a poesia e o conto. Ao todo, foram 65 romances, 20 “short-stories” e ensaios, 30 peças e trabalhos geográficos e também libretos de ópera. Morreu em Amiens em 1905.

Aventura no Cinema

Há um primeiro filme sobre “A Volta do Mundo em 80 Dias”, ainda mudo, de 1914. Em 1919, o austríaco Richard Oswald adaptou o livro de Jules Verne (também no tempo do mudo) com Conrad Veidt como protagonista. Alguns anos depois, em 1956, Hollywood rendia-se ao gênero das aventuras e David Niven foi um Phileas Fogg tipicamente britânico, num filme em que também entraram John Gielgud ou Charles Boyer. A obra venceu o Oscar para Melhor Filme no ano seguinte. Mas este livro também foi adaptado para várias séries televisivas - e a de 1989, com Pierce Brosnan no papel principal, é talvez a mais famosa de todas.

NOS “SUBMUNDOS” DA IMAGINAÇÃO

Jules
Verne

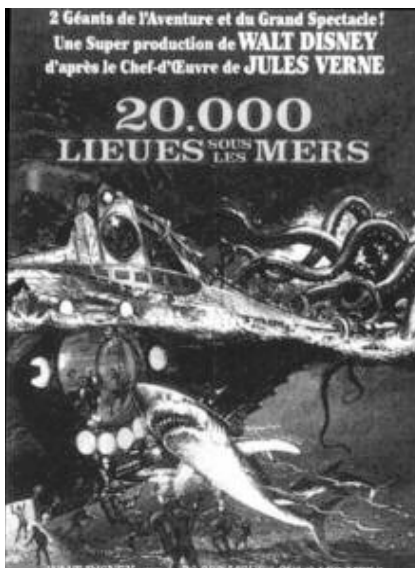
Lia com avidez os jornais e as revistas de actualidade científica. Gostava de apontar num caderno tudo o que a sua mente lhe sugeria quando menos esperava. Estudava enciclopédias e, desde pequeno, sentia um fascínio por máquinas. Ao contrário das visões negativas de autores como George Orwell ou Aldous Huxley, a imagem do futuro que sobressai na obra de Jules Verne (1828-1905) é fascinante e, aparentemente, positiva.

As potencialidades tecnológicas tornaram-se na base ideal para o autor de “Viagem ao Centro da Terra” revelar o seu gosto na criação de situações inéditas, desafios sem limites, que nem sempre se adequavam ao quotidiano do século XIX. Hoje, o estilo literário de Jules Verne - que alia o exotismo e o desejo de mudança com a pura ficção - é apelidado de “visionário” por ter previsto, ao longo das suas mais de 60 obras, invenções como as do helicóptero, do submarino, do ar condicionado ou dos mísseis teleguiados.

Admirador de relatos de aventuras como “As Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift, ou dos contos macabros de Edgar Allan Poe, Jules Verne começou por estudar leis, no curso de Direito, mas era na poesia e no teatro que desejava alcançar o êxito. Chegou a escrever dois libretos e um argumento para uma comédia, mas o seu destino estava prestes a sofrer uma mudança radical a partir do momento em que contactou o editor Pierre-Julio Hetzel. A literatura seria o seu próximo passo, “gigante” como o de Neil Armstrong quando aterrou na Lua, em 1969.

“A Volta Ao Mundo em 80 Dias” e “Vinte Mil Léguas Submarinas” tornaram-se obras mundialmente famosas, tal como a odisseia subterrânea de “Viagem ao Centro da Terra”. Em comum, possuem os espaços artificiais, as peripécias numa luta desesperada contra o tempo, as “engenhocas” verosímeis e o desejo de conquista desconhecido. As histórias, que parecem resumir-se a um ímpeto aventureiro, conquistaram milhões de leitores e foram adaptadas com êxito no cinema.

O desejo de fazer poesia concretizou-se na imaginação desmesurada com que Jules Verne descreve cada personagem ou cada novo objecto presente nas suas obras. O escritor chegou a reconhecer que “os poetas não são necessariamente sonhadores, mas profetas”.



Admirável Mundo Novo

Em “Viagem ao Centro da Terra”, o desafio é, mais uma vez, ambicioso: traçar uma hipotética rota até “ao coração” do planeta, que tem o seu ponto de partida na cratera de um vulcão islandês extinto, o Sniffels. A descoberta, que vai levar o sábio Otto Lidenbrock, personagem rigorosa e nem sempre muito afável com aqueles que o rodeiam, a seguir por territórios ainda hoje inexplorados, parte de um velho manuscrito de um célebre cientista islandês do século XVI, Arne Saknussemm.

A seu lado está o céptico sobrinho, Axel, o narrador da história, que se deixa levar pelos seus delírios científicos, mas que é o elo mais próximo do leitor por espelhar as dúvidas e os receios do senso comum. Porém, as peripécias criadas por Verne costumam fugir aos limites do que é conhecido e, por isso mesmo, o escritor francês foi considerado, a par com H.O.Wells, o “pai da ficção científica”.

Com a ajuda do tímido Hans, um islandês que guia os dois protagonistas até ao vulcão Sniffels, a acção de “Viagem ao Centro na Terra” mergulha nas “entradas” da Terra e o regresso à superfície parece uma miragem perigosa. O que não demove o espírito de descoberta de Lidenbrock, capaz de lidar com o insólito. Neste submundo desconhecido, criaturas pré-históricas, peixes e outros seres parecem co-existir num estranho ambiente “natural”.

Para concluir a missão, o trio de exploradores sofre um conjunto de contrariedades que os separa para depois os unir com mais intensidade. Além de ser um excelente contador de histórias “científicas”, Jules Verne revela também um extremo cuidado na composição das personagens. Axel sintetiza, a certa altura, o fascínio desta expedição: “Contemplava em silêncio todas estas maravilhas. Faltavam-me as palavras para traduzir as sensações. Pensava que estava a assistir, em qualquer planeta longínquo, Urano ou Neptuno, a fenómenos de que a minha natureza “terráquea” não tinha plena consciência. Para sensações novas precisava de palavras novas e a minha imaginação não conseguia fornecê-las.”

“Viagem ao Centro da Terra” é também uma análise das convicções humanas. E, a centenas de quilómetros da superfície, estas são mais instáveis do que a própria textura do subsolo.

Jules
Verne

_Aventura no Cinema

Henry Levin foi um dos mais prolíficos actores e realizadores do cinema americano, conseguindo estabelecer uma carreira sólida ao longo de 36 anos. O seu sucesso ficou a dever-se sobretudo às comédias “If a Man Answers” (1962), “Come Fly With Me” (1963) e “Honeymoon Hotel” (1964). Apaixonado pelo universo fantástico de Jules Verne, em 1959 Levin assinou a realização de “Journey to the Center of the Earth” (em português, “Viagem ao Centro da Terra”). Esta foi a primeira grande adaptação cinematográfica da história do escritor visionário e contou com um elenco do qual fizeram parte Pat Boone como Alec McEwen e James Mason como o Professor Oliver Lindenbrook. Ainda em 2005, o inglês GaviNÉScott espera estrear mais uma versão desta expedição que tem início na cratera de um vulcão na Islândia.

Rui Pedro Vieira, in Público

_NAUTILUS, O PRIMEIRO SUBMARINO DA FANTASIA

Vinte mil léguas, numa volta ao mundo em submarino através do Pacífico, do Índico, do mar Vermelho, do Mediterrâneo, do Atlântico, dos mares austrais e boreais. É esta a aventura do destemido e curioso Professor Aronnax, personagem criada em 1868 pelo então já muito conhecido Jules Verne (1828-1905). Em “20.000 Léguas Submarinas”, o escritor francês narra a história de um monstro marinho, que se desloca a velocidades incríveis e destrói tudo por onde passa. Esse “monstro”, descobre-se mais tarde, é “Nautilus”, o primeiro submarino conhecido da História e da fantasia.

Jules
Verne

Embora muitos pensem que Jules Verne inventou a figura de um veículo que viajava debaixo de água, há alguns dados que apontam para o facto de em 1620 um holandês de nome Cornelis Brebbel ter construído e testado uma viatura com o objectivo de andar no fundo dos oceanos. No entanto, em 1954, quando a Marinha norte-americana lançou o primeiro submarino nuclear, baptizou-o de “Nautilus” em homenagem à aventura que o escritor visionário criou nas profundezas do mar.

Jules Verne, que publicou mais de 60 romances, conheceu grande sucesso ainda em vida, o que lhe permitiu comprar um barco de oitenta toneladas. A bordo dele, fez inúmeras viagens e inspirou-se para escrever este conto fantástico. Aqui, as aventuras são relatadas pelo Professor Aronnax e o submarino é conduzido pelo enigmático e austero capitão Nemo. A mítica personagem defendia a sua embarcação com unhas e dentes: “Amo-o como se fosse da minha carne! Se tudo é perigo a bordo de qualquer navio sujeito aos caprichos do oceano, se sobre o mar a primeira coisa que nos vem é a sensação de abismo, como tão bem disse o holandês Jansen, por baixo e a bordo do `Nautilus`, o coração do homem nada tem a recear.”

Passeios por lugares desconhecidos e uma visão futurista da mecânica comprovaram o carácter visionário de Jules Verne, considerado um autor pioneiro de ficção científica. Influenciado pelos relatos de aventuras de Jonathan Swift (autor de “As Viagens de Gulliver”) ou pelos contos macabros de Edgar Allan Poe, Jules Verne desafiou todos os limites da imaginação ao prever invenções como as do submarino, do helicóptero, do ar condicionado ou dos mísseis teleguiados.

_Prisioneiros de um Submarino

Corre o ano de 1866 e “um estranho acontecimento, um fenómeno inexplicado e inexplicável” preocupa as populações dos portos, do interior dos continentes e, sobretudo, a “gente do mar”. Uma “coisa enorme” e “mais rápida do que uma baleia”, que se pensava ser um monstro,

destruía navios e matava marinheiros sem dó, nem piedade. “Viram-se reaparecer nos jornais - à falta de original - todos os seres imaginários e gigantesocos, desde a baleia branca, a terrível Moby Dick (...) até ao desmedido “Kraken” cujos tentáculos podem enlaçar um navio de 500 toneladas.”

Inflamada a opinião pública, exige-se que “os mares fossem finalmente limpos”. É então que o Professor Aronnax, investigador no Museu de História Natural de Paris, é convidado pelo governo americano a participar na expedição do “Abraham Lincoln” com o objectivo de “dar caça a esse monstro inquietante”. A proposta é imediatamente aceite e o professor faz-se acompanhar pelo seu fiel criado, Conseil. Um rapaz “zeloso por hábito”, “muito hábil com as mãos” e “pronto para todos os trabalhos”.

Já no decurso da viagem, eis que um incidente lança o professor ao mar, que é seguido por Conseil e pelo corajoso arpeiro Ned Lang, de origem canadiana. Sózinhos em pleno mar alto, descobrem que o “monstro” afinal é de “chapa de aço” e são feitos prisioneiros do submarino. Durante dez meses e sob o domínio do capitão Nemo, percorrem todos os mares e vivem todo o tipo de perigos até conseguirem a sua liberdade.

Quem é, na verdade, o capitão de “Nautilus”? Por que razão se refugiou num submarino e odeia os homens? Estas e outras dúvidas são alguns dos motivos de atracção deste livro, que é uma fascinante aventura de exploração do fundo do mar. Mas não só.

Este romance discute temas como as misteriosas ruínas da Atlântida, a utilização de recursos do mar para o bem da humanidade, a energia atómica e algumas questões político-filosóficas sobre a finalidade da ciência.

Jules
Verne

A Aventura no Cinema

Embora “A Volta ao Mundo em 80 Dias” e “Viagem ao Centro da Terra” tenham sido as obras de Jules Verne que conheceram um maior número de adaptações para cinema, o conto fantástico de “20 000 Léguas Submarinas” foi objecto de um dos mais surpreendentes filmes de ficção-científica dos anos 50, a primeira produção em imagem real que os estúdios da Walt Disney fizeram nos Estados Unidos. O realizador Richard Fleischer (o mesmo de “Tora! Tora! Tora!”) dirigiu Kirk Douglas (como Ned Land) e James Mason (como Capitão Nemo), condimentando a viagem do submarino Nautilus com elementos de pura fantasia. O filme “20 000 Léguas Submarinas” (1954), uma produção de cinco milhões de dólares, venceu dois Oscars, nas categorias de melhor fotografia e efeitos especiais. As imagens debaixo de água foram gravadas nas Bahamas, o mesmo cenário natural usado por uma outra adaptação desta história, realizada, em 1916, por Allen Holubar.

Sara Gomes, in Público.

JULES VERNE

Filmografia:

Obras de cinema e televisão retiradas de romances de Jules Verne

- 1902 - Le Voyage dans la Lune (romance De la Terre à la Lune)
1904 - Le Voyage à Travers l'Impossible (peça teatral Le Voyage a travers l'Impossible)
1907 - 20000 Lieues sous les Mers (romance Vingt Mille Lieues sous les Mers)
1910 - Michael Strogoff (romance Michel Strogoff)
1912 - La Conquête du Pôle (romance Voyages et aventures du Capitaine Hatteras)
1914 - Michael Strogoff (romance Michel Strogoff)
1914 - A Trip to the Moon (romance)
1916 - 20,000 Leagues Under the Sea (romance Vingt Mille Lieues sous les Mers)
1926 - Michel Strogoff (romance)
1929 - The Mysterious Island (romance L'Île Mystérieuse)
1935 - Michel Strogoff (romance)
1936 - Deti kapitana Granta (romance Les Enfants du Capitaine Grant)
1936 - Der Kurier des Zaren (romance)
1937 - The Soldier and the Lady (romance Michel Strogoff)
1941 - Tainstvennyj ostrov (romance L'Île Mystérieuse)
1944 - Miguel Strogoff (romance Michel Strogoff)
1946 - Pyatnadsatiletnij kapitán (romance)
1951 - "Tales of Tomorrow" Série de TV (história) (episodes "Twenty 1952 - Thousand Leagues Under The Sea - Parte 1: The Chase";
Parte 2: The Escape")
1951 - Mysterious Island (romance L'Île Mystérieuse)
1954 - 20000 Leagues Under the Sea (romance Vingt Mille Lieues sous les Mers)
1955 - "Miguel Strogoff" Série de TV (romance Michel Strogoff)
1956 - Michel Strogoff (romance)
1956 - Around the World in Eighty Days (romance Le Tour du Monde en Quatre-vingts Jours)
1957 - De Reis om de Wereld in 80 Dagen - Série de TV (romance)
1958 - 800 Leguas por el Amazonas (romance La Jangada)
1958 - Vynález zkázy ou The Fabulous World of Jules Verne (romance Face au Drapeau)
1958 - From the Earth to the Moon (romances De la Terre à la Lune e Autour de la Lune)
1958 - Shirley Temple's Storybook ou The Shirley Temple Show - Série de TV (romance Master Zacharias) (episódio The Terrible
Clockman)
1959 - Journey to the Center of the Earth (romance Voyage au Centre de la Terre)
1961 - Le Triomphe de Michel Strogoff (romance Michel Strogoff)
1961 - Valley of the Dragons (romance Careers of a Comet)
1961 - Mysterious Island (romance L'Île Mystérieuse)
1961 - Master of the World (romances Master of the World and Rubur, the Conqueror)
1962 - Mathias Sandorf (romance)
1962 - In Search of the Castaways (romance Les Enfants du Capitaine Grant)
1962 - Five Weeks in a Balloon (romance Cinq Semaines en Ballon)
1964 - Les Indes Noires (TV) (romance)
1964 - Dos años de vacaciones (romance Deux Ans de Vacances)
1965 - Les Tribulations d'un Chinois en Chine (romance)
1966 - Cinci saptamini în balon ou Five Weeks in a Balloon (romance)
1967 - Le Théâtre de la Jeunesse: Le Secret de Wilhelm Storitz (TV) (romance)
1967 - Ukradená Vzducholod (romance Cinq Semaines en Ballon)
1967 - Rocket to the Moon (romance De la Terre à la Lune)
1969 - Strange Holiday (romance Deux ans de Vacances)
1969 - The Southern Star ou L'Étoile du Sud (romance L'Étoile du Sud)
1970 - Na komete ou On the Comet (romance Hector Servadec)
1970 - Der Kurier des Zaren ou Michel Strogoff (romance Michel Strogoff)
1970 - Nemo (TV) (romance 20,000 Leagues Under the Sea)
1971 - The Light at the Edge of the World (romance Le Phare du bout du monde)
1972 - Around the World in 80 Days - Série de TV (história)
1972 - The Brady Kids on Mysterious Island (TV) (romance)
1973 - 20,000 Leagues Under the Sea (book)
1973 - L'Île Mystérieuse (mini série de TV) (romance)
1973 - Maître Zacharius (TV) (romance)
1973 - La Isla Misteriosa y el Capitán Nemo ou The Mysterious Island (romance L'Île Mystérieuse)
1974 - A Dunai Hajós (romance)
1974 - Un Capitán de Quince Años (romance Un Capitaine de 15 ans)
1974 - Deux ans de Vacances (mini série de TV) (romance)
1975 - Michel Strogoff (mini série de TV) (romance)
1975 - Mysterious Island (TV) (romance)
1976 - Viaje al centro de la Tierra ou Journey to the Center of the Earth (romance Voyage au centre de la Terre)
1977 - Journey to the Center of the Earth (TV) (história)
1978 - Mathias Sandorf" (mini série de TV) (romance)
1978 - The Return of Captain Nemo (TV) (personagens de romances 20,000 Leagues Under the Sea e Mysterious Island)
1979 - Le Tour du monde en 80 jours (TV) (romance)
1979 - Tajemství ocelového mesta ou The Secret of Steel City (book)
1980 - Les Jeux de la Comtesse Dolingen de Gratz (romance)
1981 - Castle in the Carpathians (romance Le Chateau des Carpathes)
1981 - La Vuelta al mundo de Willy Fog ou Willy Fog Travels Around the Earth Série de TV (romance Le Tour du monde en Quatre-
vingts Jours)
1981 - Los Diablos del Mar (história)
1981 - Monster Island ou Jules Verne's "Mystery on Monster Island (romance)
1981 - Tajemství hradu v Karpatech ou The Mysterious Castle in the Carpathians (romance Le Château des Carpathes)
1985 - V poiskakh kapitana Granta (mini série de TV) (romance Les Enfants du Capitaine Grant)



Jules Verne

- 1986 - Kapitan 'Pilgrima' (romance Un Capitaine de 15 ans)
- 1986 - Le Voyage dans la lune (TV) (romance Le Voyage dans la Lune)
- 1989 - Around the World in 80 Days (mini série de TV) (romance Le Tour du Monde en Quatre-vingts Jours)
- 1989 - Around the World in 80 Days ou Michael Palin: Around the World in 80 Days (série de TV)
- 1990 - Fushigi no umi no Nadia Série de TV (romance 2000 Leagues Under the Sea)
- 1991 - Tajomstvo Alchymistu Storitzta (romance Le secret de Wilhelm Storitz)
- 1993 - Eight Hundred Leagues Down the Amazon (romance La Jangada)
- 1993 - Journey to the Center of the Earth (TV) (romance Voyage au Centre de la Terre)
- 1997 - 20,000 Leagues Under the Sea (TV) (romance)
- 1997 - 20,000 Leagues Under the Sea (TV) (romance)
- 1999 - Around the World in 80 Days (V) (romance)
- 1999 - Journey to the Center of the Earth (TV) (romance)
- 1999 - Michele Strogoff - il Corriere dello Zar (TV) (romance Michel Strogoff)
- 1999 - The Secret Adventures of Jules Verne Série de TV (hstórias)
- 2000 - Le Tour du Monde en Quatre-vingts Jours - Série de TV
- 2001 - César Cascabel (TV) (romance)
- 2001 - Les Voyages Extraordinaires de Jules Verne - La Jangada (TV)
- 2004 - Around the World in 80 Days (romance Le Tour du monde en quatre-vingts jours)
- 2004 - Le Docteur Ox (TV) (romance)
- 2004 - Les Aventures extraordinaires de Michel Strogoff (romance)
- 2005 - Journey to the Center of the Earth (romance)



Alguns dos Seus Livros

- Cinco Semanas em um Balão, 1863
- Capitão Hateras, 1863
- Paris no Século Vinte, 1863
- Viagem ao Centro da Terra, 1864
- Da Terra à Lua, 1865
- Vinte Mil Léguas Submarinas, 1870
- A Volta ao Mundo em Oitenta Dias, 1872
- A Ilha Misteriosa, 1874
- As Tribulações de um Chinês na China, 1879
- Robur, o Conquistador, 1886

- Biografia (<http://www.unmuseum.org/verne.htm>)
- Edições on-line dos Livros (http://etext.library.adelaide.edu.au/aut/verne_jules.html)
- Livraria Virtual Jules Verne (<http://jv.gilead.org.il/works.html>)

_OS FILMES DO CICLO:

20000 LÉGUAS SUBMARINAS

Título original: 20000 Leagues Under the Sea

Realização: Richard Fleischer (EUA, 1954); Argumento: Earl Felton, segundo obra de Jules Verne (Vingt Mille Lieus Sous les Mers); Som: Paul J. Smith; Fotografia (cor): Franz Planer; Montagem: Elmo Williams; Design de Produção: Harper Goff; Direção artística: John Meehan; Decoração: Émile Kuri; Guarda-roupa: Norman Martien; Assistentes de Realização: Tom Connors Jr.; Russ Haverick; Produção: Walt Disney.

Interpretes: Kirk Douglas (Ned Land), James Mason (Capitão. Nemo), Paul Lukas (Prof. Pierre Aronax), Peter Lorre (Conselheiro), Ted de Corsia (Capt. Farragut), Carleton Young (John Howard), J.M. Kerrigan (Billy), Percy Helton (Instrutor), Ted Cooper, Robert J. Wilke, etc. Duração: 127 minutos; M/ 6 anos.

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Título original: Around the World in 80 days

Realização: Michael Anderson (EUA, Inglaterra, 1956); Argumento James Pöe, John Farrow S.J. Perelman , segundo obra de Jules Verne ("Le Tour du Monde en 80 Jours"); som: Victor Young; Fotografia cor): Lionel Lindon; Montagem: Howard Epstein, Gene Ruggiero; Design de produção: Ken Adam; Direção artística: James W. Sullivan; Decoração: Ross Dowd; Guarda-Roupa: Miles White, Laure Lourie; Assistentes de realização: Dennis Bertera, Emmett Emerson, Kevin McClory, Ronald R. Rondell, Ivan Volkman, Alfonso Acebal, Jack Boland, Lew Borzage; Produção: Percy Guth.

Interpretes: David Niven (Phileas Fogg); Cantinflas (Passepartout); Finlay Currie (Whist Partner), Robert Morley (Ralph), Ronald Squire (membro do clube de reformados), Noel Coward (Hesketh-Baggott), John Gielgud (Mr. Foster), Trevor Howard (Denis Fallentin, membro do clube de reformados), Harcourt Williams (Hinsshaw, recepcionista do clube de reformados); Martine Carol (turista), Fernandel (treinador francês), Charles Boyer (Monsieur Gasse, agente de viagens), Evelyn Keyes (O Flirt); José Greco (dançarino), etc. Duração: 167 minutos; M/ 6 anos.

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Título original: Around the World in 80 Days ou Il Giro del Mndo in 80 Gorni ou In 80 Tagen um die Welt (mini-série para TV)

Realização: Buzz Kulik (EUA, Itália, RFA, Jugoslávia, 1989); Argumento: John Gay, seg. romance de Jules Verne; Música: Billy Goldenberg; Fotografia (cor): Nicholas D. Knowland; Montagem: David Beatty, Les Green, Peter Parashelles; Casting: Madalena Chan, Rachelle Farberman, Rose Tobias Shaw; Design de produção: Mike Porter; Direção artística: Jonathan Cheung, Lek Chaiyan Chunsuttiwat, Vladislav Lasic, Ian Watson; Decoração: Chung Yee Fung, Roger Hulme, Svetislav Todorovic; Guarda-roupa: Emma Porteus; Maquilhagem: Giancarlo Del Brocco, Dorothy D. Fox; Direção de produção: Piero Amati, Brian Bilgorri, Riccardo Coccia, Douglas Green, Philip Lee, Jill Nyren, Tony Pinker; Assistentes de realização: Petar Cvejic, Bob Dahlin, Tony Dyer, Gordana Pavlovic, Ken Siu, Burr Smidt, Michael Smidt, Charlie Sungkawess, Daniel Yu; Departamento de Arte: Dominique Lo, Vladimir Stojanovic, Arthur Wicks; Som: George Bours, Jesus Manique, Chris Munro, Jim Weidman, Colin Wood; Efeitos Especiais: Antonio Corridori, Dusan Mihalovic; Produção: Frank Agrama, Paul Baerwald, Daniele Lorenzano, Mirjana Mijolic, Alessandro Tasca, Renée Valente, Renée Valente, Charles Wang.

Interpretes: Pierce Brosnan (Phileas Fogg), Eric Idle (Jean Passepartout), Julia Nickson-Soul (Princesa Aouda), Peter Ustinov (Detective Wilbur Fix), Jack Klugman (Capt. Bunsby), Roddy McDowall (McBaines), Darren McGavin (Benjamin Mudge), Robert Morley (Wentworth), Stephen Nichols (Jesse James), Lee Remick (Sarah Bernhardt), Jill St. John, Robert Wagner, Arielle Dombasle, Gabriele Ferzetti, Henry Gibson, John Hillerman, Rick Jason, Christopher Lee, Patrick Macnee, John Mills, Pernel Roberts, James Sikking, Simon Ward, John Abineri, Yves Aubert, Bill Bailey, Peter Birrel, John Carlin, Jean-Pierre Castaldi, Lane Cooper, Julian Curry, Ellis Dale, Bruce Troy Davis, Edward Dentith, Hugo De Vernier, Gérard Dimiglio, Roy Evans, Don Ferguson, Henry Fong, Michael Gable, Maurice Gardette, Arne Gordon, Olivier Hémond, Colin Higgins, Mark Holmes, George Ip, Subhash Joshi, Abraham Lee, Michael Lee, Lily Leung, Joseph Long, Victor Maddern, Anna Massey, Ian McNeice, Ajay Mehta, Christopher Muncke, Pierre Olaf, Sai-Kit Yung, Arun Pathela, John Rapley, Terrence Scammell, Peter Sharman, Eve Schickle, Cassie Stuart, Tommy Tam, Theodore Thomas, Ed Wiley, Tariq Yunus, etc.

Duração: 210 min ou 266 min; Distribuição em Portugal: Prisvideo; Classificação etária: M/ 12 anos.

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Título original: Around the World in 80 Days

Realização: Frank Caraci (EUA, 2004); Argumento: David Titcher, David Bnullo, David Goldstein, segundo a obra de Jules Verne ("Le Tour du Monde en 80 Jours"); Som Richard Sherman, Robert Sherman; Fotografia (cor): Phil Meheux; Montagem: Tom Lewis; Casting: Avy Kaufman; Design de produção: Perry Andelin Blake; Direção artística: Robert Cowper, Gary Freeman, Sebastian T. Krawinkel, Pat Tagliaferro; Decoração: Jille Azis, Sabine Schaa; Guarda-roupa: Anna B. Sheppard; Assistentes de Realização: Nick Heckstall-Smith, Scott Kirby, Douglas A. Raine; Produção: Bill Badalato, Hal Leiberman

Interpretes: Jackie Chan (Lau Xing), Steve Coogan (Phileas Fogg), Robert Fyfe (Jean Michel), Jim Broadbent (Lord Kelvin), Ian McNeice (Coronel Kitchener), David Ryall (Lord Salisbury), Roger Hammond (Sr. Rhodes), Adam Godley (Mr. Sutton), Karen Mok (General Fang), Howard Cooper (membro da academia), Daniel Hinchcliffe, (empregado inglês), Wolfram Teufel (destinatário belga), Tom Strauss (membro), Kit West (membro), Ewen Bremner (Inspetor Fix), etc. Duração: 120 minutos; M/ 6 anos.

LES VOYAGES DE JULES VERNE

Realização: Pierre Tridivic (França, 1994) Documentário. **Duração:** 93 minutos; (agradece-se a cedência do Instituto Franco-Português)

A ILHA MISTERIOSA

Título original: Mysterious Island ou Jules Verne's Mysterious Island

Realização: Cy Endfield (Inglaterra, EUA, 1963); Argumento: John Prebble, Daniel B. Ullman, Crane Wilbur, seg. romance de Jules Verne (L'Île Mystérieuse); Música: Bernard Herrmann; Johann Sebastian Bach ("Toccatina and Fugue in D Minor, BWV 565"); Maestro: Bernard Herrmann; Fotografia (cor): Wilkie Cooper; Montagem: Frederick Wilson; Direção artística: William C. Andrews; Direção de produção: Raymond Anzarut, Robert Sterne; Assistente de realização: René Dupont; Som: John Cox, Peter Handford, Bob Jones; Efeitos visuais: Ray Harryhausen; Produção: Charles H. Schneer.

Interpretes: Michael Craig (Capt. Cyrus Harding), Joan Greenwood (Lady Mary Fairchild), Michael Callan (Herbert Brown), Gary Merrill (Gideon Spillitt), Herbert Lom (Capt. Nemo), Beth Rogan (Elena Fairchild), Percy Herbert (Sgt. Pencroft), Dan Jackson (Neb Nugent), Nigel Green, Harry Monty, etc.

Duração: 101 min; Distribuição em Portugal: Columbia Tristar; Classificação etária: M/ 12 anos.



HANS CHRISTIAN
ANDERSEN

CineEco 2005

_HANS CHRISTIAN ANDERSEN:

SOLDADOS, SEREIAS E PATOS NUM JOGO DE FANTASIA

Em 1835, o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) escreveu o seu primeiro livro: “Contos, contados por crianças”. A partir daí, todos os Natais, Andersen publicava mais uma compilação de histórias que ouvira quando era pequeno, mas também outras que começou a escrever. Em 1837, o terceiro volume incluiu contos como “O Patinho Feio”, “A Rapariguinha dos Fósforos” ou “O Rouxinol”. Com estas colectâneas, o escritor foi apelidado de “pai dos contos de fadas modernos”.

“Contos de H.C.Andersen”, reúne histórias imaginadas pelo dinamarquês que se inspirou na tradição oral e na sabedoria popular para criar alguns dos contos mais lidos de sempre. É o caso de “João Pateta”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Polegarzinha” ou “A Princesa e a Ervilha”.

“A diferença do nosso mundo e do conto está no facto de que o conto é maior, mais vivo e mais livre”, dizia Andersen. E é exactamente dessa liberdade que vivem histórias como a do patinho que, por ter nascido tão feio, foi discriminado por todos, inclusive a própria mãe, mas que no final se transforma num belo cisne (“O Patinho Feio”). Ou histórias como a da pequena menina que nasceu numa tulipa e acabaria por se tornar “a rainha de todas as flores”, ganhando “um par de lindas asas” e sendo baptizada de “Maia” (“A Polegarzinha”).

Hans
Christian
Andersen

Exímio na arte de narrar, Andersen inovou no estilo e no conteúdo, aplicou regras de outras línguas ao dinamarquês. Se até então os contos de fadas eram didácticos, Andersen reinventou-os, tornando as crianças e os excluídos porta vozes de questões morais. Mas, à semelhança dos contos dos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, nem todas as suas histórias têm um final feliz. Muitas vezes, os “maus” conseguem mesmo concretizar os seus intentos. É o que acontece em “A Sereiazinha”, apesar de nas diversas adaptações para cinema a bela e jovem filha do Rei do Mar acabar casada com o príncipe dos seus sonhos. Na versão original do conto, a sereia sucumbe aos feitiços da bruxa, é transformada em espuma do mar e ainda assiste ao casamento do príncipe com outra jovem.

Quem é H.C.Andersen?

Hans Christian Andersen nasceu nos arredores de Odense, na Dinamarca, em 1805, numa família humilde: o pai, sapateiro, acreditava ser de origem aristocrática; a mãe era alcoólica mas, apesar de analfabeta, influenciou-o sobre o “folclore” dinamarquês; a irmã tornou-se prostituta e morreu jovem, em 1846. Embora não tenha tido muita educação, os pais encorajaram-no a escrever os primeiros contos e a criar um pequeno espectáculo de marionetas. Quando o pai morreu, em 1816, foi obrigado a trabalhar, primeiro como aprendiz de costureiro, depois numa fábrica de tabaco.

Traduzida em cerca de 150 línguas, a obra literária de Andersen é das mais divulgadas no mundo. A pobreza, os vícios humanos, a religiosidade e o amor são os temas mais abordados pelo escritor, que nasceu numa família humilde e desde cedo teve de trabalhar para se sustentar. “A minha infância foi perdida. Não podia pensar na minha vida como uma realidade sólida. Tinha de fazer dela um jogo de fantasia.” Por isso, aos 14 anos, mudou-se para Copenhaga atrás do sonho de se tornar cantor, bailarino ou actor.

Mas, um dia, apresentaram-no como poeta: “Isso penetrou-me, no corpo e na alma, e os meus olhos encheram-se de lágrimas. Soube que, naquele preciso momento, a minha consciência estava aberta para a escrita e para a poesia.” Começou, então, a escrever peças e depois contos, em 1828. Nos anos seguintes, viaja por todo o mundo - da Suécia ao Médio Oriente. Conhece Portugal, país a que chama de “paraíso terreal” no seu livro “Uma Viagem a Portugal em 1866”.

Apesar de os seus contos serem frequentemente classificados como infantis, Andersen sempre defendeu que os seus livros “tanto são para os adultos, como para as crianças”. A sua influência estendeu-se a escritores tão diferentes como Charles Dickens, Oscar Wilde, C.S. Lewis, Isak Dinesen, P.O. Enquist, Cees Noteboom, entre outros. A partir de 1831, viajou pela Europa e escreveu sobre a Suécia, Espanha, Portugal e Médio Oriente. Conheceu, em Paris, Victor Hugo, Balzac e Alexandre Dumas. A sua obra “Poet’s Day Dreams” (1853) é dedicada a Charles Dickens, que conheceu em Londres. A fama de Andersen reside, contudo, nos contos, escritos entre 1835 e 1872. “Contos, contados por crianças” foi o primeiro. Todos os Natais, Andersen publicava mais uma compilação, histórias que ouvira quando era pequeno, mas também outras que começou a escrever. Morreu em Rolighed, Dinamarca, em Agosto de 1875.

Hans
Christian
Andersen

Aventura no Cinema

Por diversas vezes adaptados para televisão, os contos de H.C.Andersen também tiveram (embora menos) um lugar no cinema. “A Pequena Sereia” da Walt Disney foi, no entanto, uma das histórias do escritor dinamarquês que mais espectadores conseguiu conquistar. Aplaudido pelo público, o filme também conquistou a Academia de Hollywood, que lhe atribuiu duas estatuetas douradas - o Oscar de Melhor Canção e o de Melhor Banda Sonora.

Sara Gomes, in Público



HANS CHRISTIAN ANDERSEN filmografia

1903

THE LITTLE MATCH SELLER

Título original: *The Little Match Seller*

Realização: James Williamson (Inglaterra,1903); Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen.

1917

HE SEVEN SWANS

Título original: *The Seven Swans*

Realização: J. Searle Dawley (EUA,1917); Argumento: J. Searle Dawley, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Marguerite Clark (Princesa Tweedeldee), William E. Danforth (Rei), Augusta Anderson (Rainha Malvada), Edwin Denison (Lord High Chancellor), Daisy Belmore (bruxa), Richard Barthelmess (Príncipe), Richard Allen (irmão da Princesa Tweedeldee), Jere Austin (irmão da Princesa Tweedeldee), Joseph Sterling (irmão da Princesa Tweedeldee), Frederick Merrick, Lee F. Daly, Stanley King, Gordon Dana, Jules Raucourt, etc.

1919

NOVOYE PLATYE KOROLYA

Título Original: *Novoye Platye Korolya*

Realização: Yuri Zhelyabuzhsky (Rússia,1919) Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen.

1923

TALENDE FILM

Título original: *Talende Film*

Argumento: poema de Holger Drachmann, segundo história de Hans Christian Andersen (Dinamarca, 1923); **Intérpretes:** Axel Bredahl (Himself), Charles Wilken (Himself), Ayoë Willumsen (Herself), Albert Luther (Himself), Jacob Texiere (Himself), Robert Storm Petersen (Storm), Christian Arhoff (Stille), Frederik Jensen (Himself), etc.

1927

THE CHINESE NIGHTINGALE

Título original: *The Chinese Nightingale*

Realização: Lotte Reiniger (Alemanha,1927); Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen.

1928

LA PETITE MARCHANDE D' ALLUMETTES

Título original: *La Petite Marchande d' Allumettes*

Realização: Jean Renoir, Jean Tédesco (França, 1928) Argumento: Jean Renoir, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Catherine Hessling (Karen), Jean Storm (Axel Ott), Manuel Raaby, Amy Wells, Ann Wells, etc. **Duração:** 40 minutos.

1930

STORE KLAUS OG LILLE KLAUS

Título original: *Store Klaus og Lille Klaus*

Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen (Dinamarca, 1930).

1931

THE UGLY DUCKLING

Título original: *The Ugly Duckling*

Realização: Wilfred Jackson (EUA,1931); Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen.

1939

UGLY DUCKLING

Título original: *Ugly Duckling*

Realização: Jack Cutting (EUA, 1939); Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 9 minutos.

1941

EL VIEJO DON SUEÑO

Título original: *El Viejo don Sueño*

Realização: Francisco Tur (Espanha,1941), Argumento: Alejandro Fernández de la Reguera, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 11 minutos.

1941

DIE SCHWEDISCHE NACHTIGALL

Título original: *Die Schwedische Nachtigall*

Realização: Peter Paul Brauer (Alemanha,1941); Argumento: peça de Friedrich Forster-Burggraf, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Ilse Werner (Jenny Lind), Karl Ludwig Diehl (Conde Rantzan), Joachim Gottschalk (Hans Christian Andersen), Emil Heß, Aribert Wäscher, Hans Leibelt, Hans Hermann Schaufuss, Ernst Sattler, Volker von Collande, Wilfried Seyferth, Lillie Claus, Ruth Lommel, etc. **Duração:** 97 minutos.

1944

L' ANGELO DEL MIRACOLO

Título original: *L' Angelo del Miracolo*

Realização: Piero Ballerini (Itália,1944); Argumento: Piero Ballerini, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Emilio Baldanello, Cesco Baseggio, Anna Capodaglio, Luciano De Ambrosis, Riccardo Diodà, Bianca Doria, Attilio Dottiesio, Emma Gramatica, Antonio Lincetto, Renato Malavasi, Magda Maldini, Milena Penovich, Mario Volpicelli, etc.

1945

HVAD FATTER GØR

Título original: *Hvad Fatter gør*

Realização: Preben Frank (Dinamarca,1945); Argumento: Mogens Lorentzen, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Paul Bergsøe (Narrador), Aage Foss, Minna Jørgensen, John Price; **Duração:** 10 minutos.

1946

FYRTØJET

Título original: Fyrtejet

Realização: Svend Methling, Sven Methling (Dinamarca, 1946); **Argumento:** peça de Henning Pade, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Poul Reichhardt (soldado), Kirsten Hermansen (Princesa), Knud Heglund, Karen Poulsen, Elith Foss, Viggo Brodthagen, Ole Monty, Vera Lindstrøm, Victor Montell, Vera Lense-Møller, Buster Larsen, Adelheid Nielsen, Einar Reim, Anna Henriques-Nielsen, Carl Johan Hviid, etc. **Duração:** 71 minutos.

1947

LE PETIT SOLDAT

Título original: Le Petit Soldat

Realização: Paul Grimault (França, 1947); **Argumento:** Paul Grimault, Jacques Prévert, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 11 minutos.

1948

CÍSARUV SLAVÍK

Título original: Cisaruv slavík

Realização: Jirí Trnka, Milos Makovec (Checoslováquia, 1948); **Argumento:** Jirí Brdecka, Phyllis McGinley, Jirí Trnka, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Boris Karloff (Narrador), Helena Patockova (rapariga), Jaromír Sobotoa (rapaz), etc. **Duração:** 71 minutos, EUA: 55 minutos.

1948

OS SAPATOS VERMELHOS

Título original: The Red Shoes

Realização: Michael Powell, Emeric Pressburger (Inglaterra, 1948); **Argumento:** Michael Powell, Emeric Pressburger, Keith Winter (diálogos adicionais), Marius Goring (diálogos adicionais), segundo história de Hans Christian Andersen; **Música:** Brian Easdale (original), Kenny Baker (original), Pyotr Ilyich Tchaikovsky ("Acto 2 Coda (Allegro vivace)", da obra "Lago dos Cisnes"); **Fotografia (cor):** Jack Cardiff; **Montagem:** Reginald Mills; **Design de produção:** Hein Heckroth; **Direção artística:** Arthur Lawson; **Guarda-roupa:** Carven, Dorothy Edwards, Hein Heckroth; **Maquilhagem:** Eric Carter, Ernest Gasser; **Produção:** Michael Powell, Emeric Pressburger, George R. Busby (assistente de produção); **Assistentes de realização:** Sydney Streeter, J.M. Gibson, Kenneth K. Rick; **Departamento artístico:** Ivor Beddoes, José Natense, Alfred Roberts, Bernard Goodwin, G. Heaven, Don Picton, V. Shaw, Elven Webb, V.B. Wilkins, Alan Withy; **Som:** Ted Drake, Gordon K. McCallum, Charles Poulton, Al Burton, Desmond Dew, Leonard Trumm; **Efeitos visuais:** George Gunn, E. Hague, Les Bowie, W. Percy Day, Peter Ellenshaw.

Intérpretes: Anton Walbrook (Boris Lermonov), Marius Goring (Julian Craster), Moira Shearer (Victoria Page), Robert Helpmann (Ivan Boleslawsky), Léonide Massine (Gríscha Ljubov), Albert Bassermann (S. Ratov), Ludmilla Tchérina (Irina Boronskaja), Esmond Knight (Livingstone 'Livy' Montagne), Yvonne Andre, Brian Ashbridge, Edmond Audran, Michel Bazalgette, Eric Berry, Irene Browne, Denis Carey, Alan Carter, Robert Dorning, Lynne Dorval, Paula Dunning, Derek Elphinstone, Helen France, Eddie Gaillard, Hilda Gaunt, Paul Hammond, Joan Harris, Julia Lang, Tommy Linden, Trisha Linova, Gordon Littmann, Guy Massey, Hay Petrie, Marcel Poncin, Joy Rawlins, John Regan, Peggy Sager, Ruth Sandler, Joan Sheldon, Bill Shine, Austin Trevor, Jerry Verno, Neville Astor, Mark Baring, Peter Bayliss, Michael Bayston, Leonard Boucher, Anne Byatt, Joy Camden, Jack Carter, Peter Fisk, Gladys Forrester, Donato Forte, Richard George, Greta Grayson, Audrey Harman, Pamela Harrington, Suzanne Jemmett, Barry Klare, Joan Lehman, Joyce Linden, Charles Lisner, Graham MacCormack, Anna Marinova, Enid Martin, Denise Merrum, Helene Mladova, Patricia Norman, Yvonne Olena, Collin Patrick, Philippe Perrotet, Emeric Pressburger, Marie Rambert, Jean Short, Jackie Smithers, Saxon Stobart, Margaret Tate, Meta Thomas, John Tore, Gladys Walton, Rita Waterhouse, Elizabeth West, Anne Woolliams, Mamia Zarina, etc.

Duração: 133 minutos.

1949

HISTORIEN OM EN MODER

Título original: Historien om en moder

Realização: Max Louw (Dinamarca, 1949); **Argumento:** Max Louw, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Betty Helsingreen, Pouel Kern, Anna Henriques-Nielsen, Børge Kjer, Kitty Benniike, etc.

Hans
Christian
Andersen



1949

KEJSERENS NYE KLÆDER

Título original: Kejserens nye klæder

Realização: A.V. Olsen (Dinamarca,1949); **Argumento:** A.V. Olsen, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 30 minutos.

1950

MR. H.C. ANDERSEN

Título original: Mr. H.C. Andersen

Realização: Ronald Haines (Inglaterra,1950); **Argumento:** Jean Haines, Ronald Haines, segundo autobiografia de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Ashley Glynn (Hans Christian Andersen), Constance Lewis (Mrs. Andersen), Terence Noble (Mr. Andersen), Stuart Saunders (Baillif), June Elvin (Jenny Lind), Edward Sullivan (Charles Dickens), Victor Rietti (Rei Frederick), Kenyon Jervis, Eric Kemp, Dafydd Havard, Mercedes Desmore, Nan Kearns, Madame van Deerbeck, Barbara Madock, Doreen Hughes, etc. **Duração:** 62 minutos.

1951

ELDDONET

Título original: Elddonet

Realização: Helge Hagerman (Suécia,1951); **Argumento:** Helge Hagerman, Alf Henrikson, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Bengt Eklund (soldado), Karl Erik Flens (Rei), Sif Ruud (Rainha), Marianne Kjellberg (Princesa), Henrik Schildt (bruxa), Ivar Wahlgren (empregado de hotel), Bertil Perloff, etc.

1952

CHRISTIAN ANDERSEN

Título original: Hans Christian Andersen

Realização: Charles Vidor (EUA, 1952); **Argumento:** Myles Connolly (história), Moss Hart, Ben Hecht; **Música:** Frank Loesser (canção), Franz Liszt (de "B Minor Sonata", "Les Preludes", "Tasso", e "Mephisto Waltz"), Franz Schubert (de "Rosamunde Overture"); **Fotografia (cor):** Harry Stradling Sr.; **Montagem:** Daniel Mandell; **Direção artística:** Clavé, Richard Day; **Decoração:** Howard Bristol; **Guarda roupa:** Clavé, Mary Wills; **Maquilhagem:** Del Armstrong, Helen Turpin; **Som:** Fred Lau; **Efeitos especiais:** Clarence Slifer, Daniel Hays; **Produção:** Samuel Goldwyn.

Intérpretes: Danny Kaye (Hans Christian Andersen), Farley Granger (Niels), Zizi Jeanmaire (Doro), Joseph Walsh (Peter) Philip Tonge (Otto), Erik Bruhn (Hussardo em "Ice Skating Ballet"), Roland Petit (Príncipe em "The Little Mermaid Ballet"), John Brown (Reitor), John Qualen, Jeanne Lafayette, Robert Malcolm, George Chandler, Fred Kelsey, Gil Perkins, Peter J. Votrian, Lee Aaker, Lonnie Burr, Wheaton Chambers, Barrie Chase, Jack Claus, Noreen Corcoran, George Davis, Edith Evanson, Franklyn Farnum, Jack Gargan, Jack George, Karolyn Grimes, Frank Hagney, Sam Harris, Tommy Ivo, Rudy Lee, Sylvia Lewis, Betty Uitti, Beverly Washburn

Duração: 112 minutos.

1952

HANS CHRISTIAN ANDERSEN FAIRY TALES

Título original: Hans Christian Andersen Fairy Tales

Realização: Thor L. Brooks (Dinamarca, 1952).

1953

DEN LILLE PIGE MED SVOVLSTIKKERNE

Título original: Den Lille pige med Svovlstikkerne

Realização: Johan Jacobsen (Dinamarca, 1953); **Argumento:** Johan Jacobsen, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Karin Nellemose (Narrador versão holandesa), Françoise Rosay (Narrador versão francesa), Agnes Thorberg Wieth, etc.

1953

LA PICCOLA FIAMMIFERAIA

Título original: La Piccola Fiammiferiaia

Realização: Romano Scarpa (Itália,1953); **Argumento:** Romano Scarpa, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 9 minutos.

1953

DIE PRINZESSIN UND DER SCHWEINEHIRT

Título original: Die Prinzessin und der Schweinehirt

Realização: Herbert B. Fredersdorf (RDA, 1953); **Argumento:** Emil Suhrmann, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Dieter Anschach, Liane Croon, Ilse Fürstenberg, Victor Janson, Harry Wüstenhagen, etc. **Duração:** Eua: 82 minutos, RDA: 81 minutos.

1953

THE EMPEROR'S NEW CLOTHES

Título original: The Emperor's New Clothes

Realização: Ted Parmelee (EUA,1953); **Argumento:** Robinson MacLean, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Hans Conried, etc.

1953-1962

GENERAL ELECTRIC THEATER

Título original: General Electric Theater [Série TV 1953-1962]

Realização: Leslie H. Martinson, Rodney Amateau (episódio "The Road to Edinburgh"), William Asher (episódio "Here Comes Calvin"), William A. Attaway (episódio "Winner by Decision"), Anthony Barr (episódio "The Road to Edinburgh"), John Brahm (episódio "Auf Wiederschen", "The Cat with the Crimson Eyes", "The Charlatan", "Flight from Tormendero", "The Iron Horse", "The Last Reunion" e "The Questioning Note"), Jules Bricken (episódio "With Malace Toward None"), Gower Champion (episódio "No Man Can Tame Me"), Herschel Daugherty (episódio "Bitter Choice", "The Falling Angel", "The Lady's Choice", "The Last Rodeo", "The Legend That Walked Like a Man", "Man on a Bicycle", "The Road That Led Afar", "Strange Witness"), Alfred E. Green (episódio "Wild Luke's Boy"), Charles F. Haas (episódio "My Dark Days-Aftermath: Parte 2", "My Dark Days-Prelude: Parte 1"), Richard Irving (episódio "The Graduation Dress", "Mystery at Malibu"), Peter Kortner (episódio "Hitler's Secret" e "The Web of Guilt"), Sidney Lanfield (episódio "I Was a Bloodhound"), Sheldon Leonard (episódio "Wedding Day"), Ida Lupino (episódio "The Iron Silence" e "A Very Special Girl"), Sherman Marks (episódio "Mr. O'Malley" e "Tippy-Top"), Rudolph Maté (episódio "Silent Ambush"), Don Medford (episódio "A Child is Born", "The Dark, Dark Hours", "I Am a Fool" e "The Return of Gentleman Jim"), Ray Milland (episódio "Angel of Wrath" e "Battle for a Soul"), James Neilson (episódio "Deed of Mercy"), Ralph Nelson (episódio "Judy Garland Musical Special"), John Newland (episódio "At Miss



Hans Christian Andersen

Minner's"), Ted Post (episódio "The Bar Mitzvah of Major Orlovsky"), Nicholas Ray (episódio "The High Green Wall"), Stuart Reynolds (episódio "The Eye of the Beholder"), James Stewart (episódio "The Trail to Christmas"), Jacques Tourneur (episódio "Aftermath", "Into the Night", "Star Witness: The Lili Parrish Story"), Frank Wisbar (episódio "The Crime of Daphne Rutledge", "Pretending Makes It So", "Too Old for the Girl", "You Are Young Only Once"), Jean Yarbrough (episódio "Pardon My Aunt"), Bud Yorkin (episódio "Love Is a Lion's Roar") (EUA,1953-1962); Argumento: Katherine Albert (episódio "Love Is a Lion's Roar"), James B. Allardice escritor (episódio "The Man Who Thought for Himself"), Hans Christian Andersen história (episódio "The Ugly Duckling"), Sherwood Anderson história (episódio "I Am a Fool"), Theodore Apestein escritor (episódio "The Hat with the Roses"), Arthur Arent adaptação (episódio "Reflected Glory"), Sholom Asch história (episódio "The Young Years"), Rex Beach história (episódio "The Dark, Dark Hours"), James Warner Bellah escritor (episódio "Lash of Fear"), George Bellak adaptação (episódio "Nora") Stephen Vincent Benet peça (episódio "A Child Is Born"), Algernon Blackwood história (episódio "The Invitation"), Alvin Boretz escritor (episódio "The Wall Between"), William Bowers adaptação (episódio "Prosper's Old Mother"), Jameson Brewer adaptação (episódio "The Devil You Say"), Jameson Brewer escritor (episódio "The Glorious Gift of Molly Malloy", "Lady of the House"), Oscar Brodney escritor (episódio "The Town with a Past"), Katherine Brush história (episódio "Night Club"), Frank Burt escritor (episódio "The Town with a Past"), Hugo Butler (episódio "Edison the Man"), Paul Vincent Carroll peça (episódio "The White Steed"), Agatha Christie romance The Disappearance of Mr. Davenheim (episódio "Hercule Poirot"), Beatrice Joy Chute história (episódio "The Big Shot"), Francis M. Cockrell adaptação (episódio "The Invitation"), Marian B. Cockrell adaptação (episódio "The Invitation"), Octavus Roy Cohen história (episódio "Aftermath"), E.P. Conkle peça (episódio "Prologue to Glory"), Richard Connell história (episódio "A New York Knight"), Richard Connell história (episódio "The Unfamiliar"), James Costigan adaptação (episódio "The Shunning"), William R. Cox adaptação (episódio "The Graduation Dress"), Robert J. Crean escritor (episódio "The Little Hours"), Robert Riley Crutcher escritor (episódio "Pardon My Aunt"), Nathaniel Curtis escritor (episódio "Wild Luke's Boy"), Alphonse Daudet história (episódio "The Last Lesson"), Leo Davis adaptação (episódio "The Martyr"), Leo Davis escritor (episódio "When in France"), Richard Harding Davis história (episódio "The Man Who Inherited Everything"), Guy de Maupassant história Mme. Fifi (episódio "The Iron Silence"), Guy de Maupassant história (episódio "The Castaway"), Charles Dickens romance "A Christmas Carol" (episódio "The Trail to Christmas"), Robert Dozier adaptação (episódio "Early to Die"), John Ehle história (episódio "Emergency Call"), Dale Eunson escritor (episódio "Love Is a Lion's Roar"), Helen Eustis história Mr. Death and the Red-Headed Woman (episódio "The Rider on the Pale Horse"), William Faulkner história (episódio "The Graduation Dress"), Fred F. Finklehoffe escritor (episódio "Judy Garland Musical Special"), Steve Fisher escritor (episódio "Survival"), Bob Foreman história (episódio "The Return of Gentleman Jim"), Everett Freeman escritor (episódio "The First Hundred Years"), Philip Freund história (episódio "The Questioning Note"), Larry Gelbart escritor (episódio "The Face Is Familiar"), James B. Gidney história (episódio "The Muse and Mr. Parkinson"), Mel Goldberg adaptação (episódio "The Return of Gentleman Jim"), Arthur Gordon história (episódio "Bitter Choice"), John L. Greene adaptação (episódio "The Cab Driver"), Hal Hackaday escritor (episódio "Alien Angel"), Brooke Hanlon história (episódio "The Shunning"), Thomas Hardy história (episódio "The Second Stranger"), Bret Harte história (episódio "Prosper's Old Mother"), Nathaniel Hawthorne história (episódio "Feathertop"), Paul Horgan história (episódio "Survival"), Henrik Ibsen peça A Doll's House (episódio "Nora"), Charles R. Jackson adaptação (episódio "The High Green Wall"), Emmett Kelly autobiografia (episódio "Clown"), George Kelly peça (episódio "Reflected Glory"), Ken Kolb adaptação (episódio "The Iron Silence"), Manuel Komroff história (episódio "The Girl with the Flaxen Hair"), Marc Lachmann escritor (episódio "Here Comes Calvin"), Christopher LaFarge história (episódio "Eyes of a Stranger"), Gavin Lambert adaptação (episódio "The Road to Edinburgh" e "Strange Witness"), Howard Leeds escritor (episódio "The First Hundred Years"), Ira Levin história (episódio "The Devil You Say"), Sinclair Lewis história (episódio "A Letter from the Queen"), Herbert Little Jr. adaptação (episódio "The Crime of Daphne Rutledge"), Robert Lowry história (episódio The Day He Got Fired), George Lowther escritor (episódio "O'Hoolihan and the Leprechaun"), Bryan MacMahon história (episódio "O, Lonely Moon"), Mannie Manheim adaptação (episódio "Do Not Disturb"), Don Mankiewicz escritor (episódio "Go Fight City Hall"), Larry Marcus adaptação (episódio "The Stone"), Laurence Marks escritor (episódio "I Was a Bloodhound"), Arthur Marx adaptação (episódio "Do Not Disturb"), John McGreevey adaptação (episódio "Battle for a Soul", "Deed of Mercy", "The Pot of Gold"), Halsey Melone adaptação (episódio "Bitter Choice"), George Milburn história (episódio "Wish Book The"), Marion Miller autobiografia (episódio "My Dark Days-Prelude: Part 1"), Marion Miller escritor (episódio "My Dark Days-Aftermath: Part 2"), A.A. Milne peça (episódio "The Ugly Duckling"), Paul Monash escritor (episódio "The Shadow Outside"), Tad Mosel escritor (episódio "Sarah's Laughter"), Frank O'Connor história (episódio "The Martyr"), Liam O'Flaherty história (episódio "The Pot of Gold", "The Stone") Ernest Pascal escritor (episódio "Mystery at Malibu"), Milton Pascal escritor (episódio "I Was a Bloodhound"), John Paxton escritor (episódio "Aftermath"), Louis Pelletier escritor (episódio "Mr. O'Malley"), Shirley Peterson adaptação (episódio "The Golden Key"), Shirley Peterson escritor (episódio "Song Caruso Sang, The"), Arnold Peyser (escritor), Lois Peyser (escritor), D.J. Powers adaptação (episódio "A Letter from the Queen"), D.J. Powers escritor (episódio "The Lord's Dollar"), Theodore Francis Powys história (episódio "The

Windmill”), Thomas Nord Riley escritor, Wells Root escritor (episódio “The Charlatan”), Jerome Ross adaptação (episódio “The Stone”), Alvin Sargent escritor (episódio “Don’t You Remember?”), William Saroyan escritor (episódio “The Unstoppable Gray Fox”), Dore Schary guião anterior (episódio “Edison the Man”), Bernard C. Schoenfeld escritor (episódio “The Cat with the Crimson Eyes”), Bernard C. Schoenfeld escritor (episódio “The Chess Game”), Budd Schulberg adaptação (episódio “The Legend That Walks Like a Man” e “Memory in White”), Budd Schulberg história (episódio “The Legend That Walks Like a Man”, “Memory in White” e “Winner by Decision”), Arnold Schulman adaptação (episódio “I Am a Fool”), Rod Serling escritor (episódio “A Man with a Vengeance”), David Shaw escritor (episódio “Disaster”), George Bernard Shaw peça (episódio “Caesar and Cleopatra”), Arthur Steuer adaptação (episódio “The Dark, Dark Hours”), Arthur Steuer escritor (episódio “Mr. Ocean Blue”), Charles Stewart escritor (episódio “Here Comes Calvin”), Adela Rogers St. Johns história (episódio “The Crime of Daphne Rutledge”), Irving Stone adaptação (episódio “Love Is Eternal”), Irving Stone romance (episódio “Love Is Eternal”), Samuel A. Taylor adaptação (episódio “One Is a Wanderer”), James Thurber história (episódio “One Is a Wanderer”), Leo Tolstoy romance War and Peace (episódio “War and Peace on the Range”), Maurice Valency adaptação (episódio “Feathertop” e “The Second Stranger”), Henry van Dyke história (episódio “The Other Wise Man”), David Vicity adaptação (episódio “The Crime of Daphne Rutledge”), Lula Vollmer história (episódio “The Road That Led Afar”), Evelyn Waugh conto The Man Who Liked Dickens (episódio “The High Green Wall”), Jerome Weidman história (episódio “All I Survey”), Jessamy West história (episódio “Learn to Say Goodbye”), Edith Wharton história (episódio “Confession”), John Whiting história (episódio “The Road to Edinburgh” e “Strange Witness”), Hagar Wilde história (episódio “The Night Goes On”), Hagar Wilde adaptação (episódio “The Road That Led Afar”), Shimon Wincelberg adaptação (episódio “The Bar Mitzvah of Major Oelovsky”), Elihu Winer escritor (episódio “The Bounty Court Martial”), Morton Wisengrad história (episódio “The Bar Mitzvah of Major Oelovsky”), P.G. Wodehouse história (episódio “Open House”), Cornell Woolrich história (episódio “The Cab Driver”), Cornell Woolrich história (episódio “The Earring”); **Intépretes:** Ronald Reagan (Ronald Reagan, apresentador) (1954-1962), Don Herbert (jornalista), Ronald Reagan (Paul Miller, Vincent Tracy) (54 episódios), Lee Marvin (Joe Kittridge, Sid Benton), Edgar Buchanan (Padre Bailey, Timothy Dwight), Virginia Gregg (Mamie, Sybil), Joan Fontaine (Melanie Langdon, Condessa Irene Forelli), Don Herbert (jornalista), Jerome Cowan, J. Carol Naish, Basil Ruysdael, Gisela Weibisek, Neville Brand, Bob Crane, Broderick Crawford, Virginia Gregg, Skip Homeier, Macdonald Carey, Laraine Day, Sandy Descher, Gigi Perreau, Peter J. Votrian, John Dodswordh, Cedric Hardwicke, Sheldon Leonard, Dayton Lumms, Diana Lynn, Ward Bond, Ruth Hussey, Pat O’Brien, Nina Foch, Jerry Hayes, Stephen McNally, Dan O’Herlihy, Francis L. Sullivan, Aurelio Galli, Noel Landers, Eduard Franz, Richard Hale, Kurt Katch, Sean McClory, John Qualen, Lurene Tuttle, Louis Jean Heydt, Dan O’Herlihy, Noel Drayton, Queenie Leonard, Sean McClory, Jan Arvan, Claudia Barrett, Richard Benedict, Edward Colmans, Eugene Iglesias, Charles McGraw, Rita Moreno, James Dobson, Marilyn Maxwell, James Flavin, Frances Gifford, Allyn Joslyn, Dayton Lumms, Robert Newton, Frances Rafferty, Mark Stevens, Virginia Bruce, Marilyn Erskine, Otto Kruger, Peter Lawford, Richard Powers, Ann Rutherford, Evelyn Ankers, Larry J. Blake, Preston Foster, Skip Homeier, Joyce Holden, John Hubbard, Ruth Lee, Dennis Morgan, Danny Sue Nolan, Marjorie Rambeau, Gloria Winters, Jack Benny, Jack Carson, Harvey Grant, Marvin Kaplan, Elizabeth Patterson, Richard Reeves, Joan Shawlee, Joe Turkel, Richard Conte, Ivan Triesault, Martha Vickers, Charles Victor, Otto Waldis, Katherine Warren, Edward Arnold, Veda Ann Borg, Peter Hanson, Vera Miles, Emmett Vogan, Willis Bouchey, Thomas Browne Henry, Lawrence Ryle, Claire Trevor, Mabel Albertson, Bob Carson, Jack Carter, Phyllis Coates, Gabriel Curtiz, Allen Jenkins, Moroni Olsen, Herb Vigran, David Brin, Sheila James Keuhl, Marjorie Lord, Martha Vickers, Claudia Barrett, Charles Cane, Richard Carlson, James Flavin, Jack Lomas, William ‘Bill’ Phillips, Zasu Pitts, Merrily Gay Reynolds, Jonathan Hale, Ruth Hussey, Tor Johnson, Skelton Knaggs, William Lundigan, Lee Aaker, Claude Akins, Stanley Andrews, Veda Ann Borg, Al Bridge, Steve Conte, Duane Grey, Nancy Hale, Charles Horvath, Robert Lowery, Lou Nova, Alan Young, Mary Young, Nancy Gates, June Havoc, Victor Jory, Tom Powers, John Beal, Joan Bennett, Melinda Markey, John Close, John Eldredge, Frieda Inescort, Angela Lansbury, John Litel, Hugh Marlowe, Charles Meredith, Michael Monroe, Emory Parnell, Gloria Talbot, James Duns, Miriam Hopkins, Audrey Totter, Norma Varden, Richard Wyler, Joan Evans, Robert Hutton, Thomas Mitchell, Donald Woods, Luther Adler, Phyllis Thaxter, Marshall Bradford, Joseph Cotten, Thomas Gomez, Maurice Marsac, Robert Wood, Burgess Meredith, Chuck Connors Christopher Cook, Joan Crawford, Jack Raine, John Sutton, Eddie Albert, Gloria Castillo, James Dean, Roy Glenn, Fiona Hale, Eve March, Leon Tyler, Natalie Wood, Jack Benny, Kem Dibbs, Otto Kruger, Joi Lansing, Benny Rubin Jesse White, Jean Willes, Dennis King Jr., Eva Marie Saint, Whit Bissell, Tina Carver, Frank Ferguson, Frank Gerstle, Virginia Gibson, John Howard, Alan Ladd, Claudette Colbert, Constance Ford, Jack Simmons, Sally Brophy, Barry Fitzgerald, Dan O’Herlihy, Louise Beavers, Joanne Davis, Bill Goodwin, Anne Kimbell, Jarilyn Oliver Jane Wyman, James Edwards, Roy Glenn, Lisa Golem, Bernie Hamilton, Jackie Cooper, Brian Aherne, Noel Drayton, J.M. Kerrigan, James McCallion, Steven Geray, Johnnie Ray, Marilyn Erskine, Joe Louis, George Montgomery, Syd Taylor, Murvyn Vye, Jesse White, Richard Boone, Teresa Wright, Pat Crowley, Virginia Field, Larry Keating, Fred MacMurrary, David Bruce, Robert Cornthwaite, Joanne Davis, Robert Middleton, Jean Wallace, Cornel Wilde, Madeleine Carroll, Don Hamner, George Macready, Jamie Smith, Billy Barty, James Flavin, Henry Fonda, George Givot, Barry Kelley, Dorothy Malone, James McCallion, Gus Schilling, Sid Tomack, Lois Bolton, Jeff Elliott, Howard Kennedy, Myrna Loy, Robert Preston, Zachary Scott, E.G. Marshall, Neva Patterson, Margaret Fletcher, Edgar Buchanan, Cheryl Callaway, Barbara Hale, Donald MacDonald, John McIntire James Millican, Walter Sande, Bramwell Fletcher, Boris Karloff, Anthony Perkins, Susan Strasberg, H.M. Wynant, Eddie Albert, Robert Armstrong, Jeanne Bates, Dane Clark, Wallis Clark, Ruth Roman, Luther Adler, Neva Patterson, Barry Sullivan, George Voskovec, Rita Colton, Wally Cox, Deirdre Owens, Rodney Bell, Joan Blondell, Ellen Corby, Madge Kennedy, John Sutton, Susan Whitney, Joan Copeland, Mike Wallace, Richard Kiley, Monica Lewis, Ann Harding, Gene Nelson, Raymond Massey, Francis L. Sullivan, John Payne, Keenan Wynn, Ralph Bellamy, Billy Chapin, Hal Baylor, Chick Chandler, Joseph Corey, John Ericson, Kathryn Grayson, Ruth Lee, Harry Belafonte, Ethel Waters, Robert Armstrong, Kathleen Crowley, Martin Dean, Lee Erickson, Frank Alan, George J. Lewis, Robert Osterloh, Isabel Randolph, Danny Richards Jr., Ethel Barrymore, Charles Bronson, Edgar Buchanan, John Doucette, Dabbs Greer, Charles Halton, Joyce Holden, Norman Leavitt, Jack Carter, Walter Woolf King, Lisa Kirk, Buddy Rich, John Carlyle, Carleton Carpenter, Natalie Wood, Robert Bice, Steve Cochran, Diana Douglas, Charlton Heston, Jimmy Karath, Nancy Kulp, Frank Lackteen, Christian Pasques, Cloris Leachman, Nadine Conner, Theodor Lipman, Robert Middleton, Lili Darvas, Steven Geray, Joyce Vanderveen, Marc Wilder, Sid Cassel, Edward Colmans, Eugene Iglesias, Lou Krugman, Ricardo Montalban, Movita, Rosa Turich, Thomas Mitchell, Vincent Price, Barbara Jo Allen, Edward Everett Horton, Joan Fontaine, Sally Fraser, Scott Marlowe, Philip Ober, Lillian Bronson, Herbert Ellis, John Ireland, Marjorie Rambeau, Joanne Woodward, Jack Benny, Nesdon Booth, Charles Bronson, Zsa Zsa Gabor, Jack La Rue, Barbara Lawrence, Mary Lawrence, Mara McAfee, Pat Wallace, Raymond Bailey, Dorothy Bernard, Whit Bissell, Adeline De Walt Reynolds, Angie Dickinson, Kim Hunter, Barry Kelley, Chuck Webster, Polly Bergen, Jocelyn Brando, Paul Muni, Christopher Plummer, Franchoe Tom, Anthony George, Charass Hughes, George Macready, Carmen Mathews, Rosalind Russell, Walter Matthau, Ethel Merman, Macdonald Carey, Joe Bushkin, George ‘Red’ Callender, Dick Cathcart, Jack Costanzo, Judy Garland, Peter Genaro, Bill Goodwin, Carolyn Craig, Nancy Davis, Jean Dixon, Wilfred Knapp, Ray Milland, Grandon Rhodes, Hayden Rorke, Katherine Warren, Dan Barton, William Boyvett, Arthur Hanson, Strother Martin, George Matthews, James McCallion, Jan Merlin, John Loring, Lilia Skala, Betty Garde, Betty Lou Keim, Gisele MacKenzie, Joseph Sullivan, Joe E. Brown, Anne Jackson, E.G. Marshall, Roddy McDowall, Charlie Applewhite, Vera Miles, Claire Trevor, Dennis King, John Abbott, John Gallowat, Greer Gordon, John Hoyt, J.M. Kerrigan, Ludwig Stössel, Hume Cronyn, Everett Glass, Jeri Lou James, Mike Post, Marianne Stewart, Jessica Tandy, Royal Dano, Gaby Rodgers, Virginia Carroll, Ruby Goodwin, Kathryn Grayson, Arthur Hansen, Larry Pennell, Katherine Warren, Burl Ives, Gower Champion, Marie Champion, Richard Crane, Kathryn Givney, Bart Burns, Virginia Gregg, Jeff Morrow, William Remick, Dan Riss, George Sanders, Marianne Stewart, Freddy Wayne, Jean Willes, Edgar Buchanan, Cheryl Callaway, Dan Duryea, Gary Hunley, Peler Laurie, Norman Leavitt, Beverly Washburn, Donald Wittenberg, Kim Hunter, Rhys Williams, Robert Burton, Betty Field, Marian Seldes, Ronald Colman, Russ Conway, Maxine Cooper, Clifford Tatum Jr., Adam Williams, Terry Moore, Virginia Carroll, Jonathan Hale, Barry Kelley, Ray Milland, Eleanor Tanin, Judy Taylor, Eduard Franz, Greer Garson, Clark Howat, Ruth Lee, Norman Lloyd, Barney Phillips, Philip Reed, Raymond Sande, Frank Wolff, Harry Antrim, Benny Baker, Preston Hanson, George Humbert, Patric Knowles, Myrna Loy, Jeff Morrow, Margaret Hayes, Jean Howell, Kevin McCarthy, Rachel Ames, Harry Davis, John Ericson, Rusty Lane, Beulah Bondi, Ted Mapes, Walter Sande, Freddy Wayne, Helmut

Dantone, George Macready, Donna Reed, Jack Benny, Norma Crane, Hallene Hill, Joseph Kearns, William Kendis, John Baragrey, Frances Bavier, Bette Davis, Maudie Prickett, Mark Dana, John Fontaine, Marian Seldes, Sydney Smith, Rachel Ames, Robert Cummings, Michael Landon, Dayton Lummis, John Berardino, Madge Blake, Stewart Bradley, Eva Gabor, Richard Gaines, Jose Gonzales-Gonzales, Harry Hunter, Anne Kimbell, Art Linkletter, Howard Smith, Charles Watts, Eva Bartok, Edgar Buchanan, Harry Bartell, Imogene Coak, Joe Downing, Joyce Jameson, Harry Shearer, Keenan Wynn, Holly Bane, Rayford Barnes, Anne Baxter, Vince Edwards, James Goodwin, Michael Landon, Len Lesser, Lyn Thomas, Russell Thorson, Jacques Bergerac, Alexander Campbell, John Hoyt, Dayton Lummis, Stella Lynn, Merle Oberon, Carl Benton Reid, Helen Wallace, Jeanne Bates, Howard McNear, Ray Milland, Thayer Roberts, Marianne Stewart, Clark Howat, Kevin McCarthy, Dan Riss, Arthur Space, Robert Stevenson, John War Eagle, Leslie Bradley, Noel Drayton, Carolyn Jones, George Sanders, Noreen Corcoran, Barbara Darrow, John Forsythe, Patricia Morrow, J.D. Thompson, Sammie Tong, Werner Klemperer, James Mason, Pamela Mason, John Wengraf, Jack Albertson, John Berardino Jr., Bobby Clark, Joanne Davis, Don Durant, Keith Larsen, Howard McNear, Frank J. Scannell, John Agar, Jean Allison, Morris Ankrum, George Chandler, Chuck Connors, Joe De Santis, George Montgomery, Sid Tormack, Lee Van Cleef, David Armstrong, Phyllis Avery, June Ellis, Richard Eyer, Charles Laughton, Erik Nielsen, Charles Watts, David Wayne, Donald Wayne, Gower Champion, Marge Champion, Alan Napier, Emory Parnell, Rhys Williams, Tom Curtis, Pamela Duncan, Michael Granger, Alfred Linder, Celia Lovsky, Billy Miller, Ernest Sarracino, Simon Scott, Jorge Treviño, Melvyn Douglas, Darryl Hickman, Myrna Loy, Walter Baldwin, Sam Buffington, Ken Clark, Tim Graham, Sterling Hayden, George Kymas, Judson Pratt, Vincent Price, Robert Sherman, Fay Wray, Fred Astaire, Thomas Browne Henry, Anne Hunter, Margaret Irving, Walter Woolf King Joyce Meadows, Howard Smith, Joan Tetzel, Rhys Williams, Tallulah Bankhead, Richard Denning, Gavin Gordon, Cynthia Leighton, Dan Tobin, Sam Edwards, Richard Eyer, Sally Fraser, Kevin Hagen, Dennis Holmes, Mary Lawrence, John McIntire, Hope Summers, Will Wright, Margaret O'Brien, Sondra Rodgers, Dorothy Stickney, Rod Taylor, David Armstrong, Tim Hovey, Art Linkletter, Jack Orrison, Clarence Straight, Jorja Curtright, Richard Denning, Patrick Knowles, Ann Todd, Linda Watkins, Jane Cadell, John Cairney, Jeannie Carson, Finlay Currie, Eileen Way, Peter Wyngarde, Phyllis Avery, Edgar Buchanan, Elisha Cook Jr., Stacy Harris, Alan Ladd, Strother Martin, Joanne Dru, Don Taylor, Darryl Hickman, Audie Murphy, Robert Patten, Jack Richardson, Russell Thorson, Phyllis Coates, Kent Smith, Philip Tonge, Harry Tyler, Skip Ward, Christine White, Irving Bacon, Gavin Gordon, Nestor Paiva, Butch Bernard, Gina Gillespie, William Phipps, Janice Rule, Herbert Anderson, Neville Brand, John Dall, Jason Robards Sr., Robert F. Simon, Arthur Space, Sidney Blackmer, John McIntire, Tom Tryon, Philip Coolidge, Sam Edwards, Jody Fair, Sylvia Field, Peggy Ann Garner, Kevin Hagen, Ricky Kelman, Virginia Stefan, Robert Stevenson, David Opatoshu, Geraldine Page, Pernell Roberts, Bette Davis, Leif Ericson, Jonathan Harris, Forrest Tucker, Russell Collins, Nina Foch, Gary Merrill, Dean Stockwell, Anne Baxter, Butch Bernard, Jeanette Nolan, Orville Sherman, Beverly Washburn, Mabel Albertson, Judy Bamber, Sally Brophy, James Coburn, Hume Cronyn, Eva Gabor, Darlene Hendricks, Willard Waterman, Diane Brewster, Guy Madison, Barney Phillips, Ainslie Pryor, Rhys Williams, Jack Klugman, Carol Lynley, James MacArthur, Phil Arnold, Joseph Croy, Lou Costello, Jonathan Harris, Joyce Jameson, Herman Rudin, Olan Soule, Lurene Tuttle, David Hoffman, George Kymas, Fred MacMurray, Eve McVeagh, Jeanne Shelley, James Westerfield, Sammy Davis Jr., Isaac Jones, Steve Perry, Kaaren Verne, Ronnie Burns, Eric Kovacs, Suzanne Pleshette, Roger Tit, Audrey Totter, Isabel Elsom, John Newland, Lisa Daniels, Arthur Gould-Porter, Alan Marshall, Ray Milland, Gavin Muir, Nestor Paiva, George Pelling, Philip Tonge, Harry Townes, Betsy Drake, George Fenneman, John Kerr, Herman 'Pee Wee' Reese, Edie Adams, Jeff DeBenning, Paul Dubov, Anthony George, Alan Hale Jr., Louis Jourdan, Claude Akins, Stacy Harris, Robert Horton, Nancy Olson, Irving Bacon, Ray Bolger, Hal K. Dawson, Nolan Leary, Gene Rowlands, Leon Ames, Carleton Carpenter, Art Linkletter, Cindy Robbins, Robert Douglas, Tom Helmore, Stanley Adams, Fred Astaire, Roxane Berard, Ann Codee, David Hoffman, Linda Watkins, Charles Aidman, John Baragrey, Tony Curtis, Kem Dibs, Rita Moreno, Patricia Barry, Dan Dailey, Frank Gorshin, Ross Martin, Rod McKuen, Richard Rust, Ed Sullivan, Eddie Foy Jr., Maurice Kelly, Gisele MacKenzie, John Raitt, Sondra Rodgers, Max Showalter, Glenn Strange, Joan Sudoow, Hope Summers, Brad Thomas, Eric Feldary, Barry Gordon, Patricia Medina, Brad Bradley, Lawrence Dobkin, Michael Garrett, Eric Kovacs, Joseph Mell, Shirley Mitchell, Robert Nash, Yvonne White, Lou Chaney Jr., Albert Salmi, Dean Stockwell, Olive Sturgess, Holly Bane, Jeanne Bates, John Berardino, Carl Esmond, Carol Lynley, Agnes Moorehead, Cecil Smith, Chico Marx, Harpo Marx, Joy Rogers, Benny Rubin, John Cassavetes, Paulene Myers, Janice Rule, Hope Summers, William Bishop, Joan Caulfield, Don DeFore, Laurindo Almeida, Danny Bravo, Joe Maross, Nico Minardos, Janet Gaynor, Douglas Kennedy, Jenny Maxwell, Bill Williams, Maurice Evans, Piper Laurie, Belle Mitchell, Dan O'Herlihy, Pippa Scott, Philip Abbott, Alden 'Stephen' Chase, Vera Miles, Leslie Nielsen, Diane Brewster, Jean Carson, Sheila Graham, Evelyn Rudie, Edgar Buchanan, Jackie Coogan, Carmen Matthews, Maggie Pierce, Sig Ruman, Ed Wynn, Patricia Donahue, Kevin Hagen, Simon Scott, Whit Bissell, Robert Coogan, Richard Joy, Raymond Massey, Everett Sloane, Bea Benaderet, Amanda Blake, Rosemary DeCamp, Hope Emerson, Glenda Farrell, Barbara Hale, June Lockhart, Judi Meredith, Lori Nelson, Red Buttons, John Lupton, Ken Mayer, Read Morgan, George Roobotham, Herbert Rudley, Noah Beery Jr., Tom Ewell, Joan Leslie, Tab Hunter, Jo Van Fleet, Pat Carroll, Paula Raymond, José Ferrer, Martin Landau, Mary Astor, Malcolm Atterbury, Clint Kimbrough, Carol Lynley, Eleanor Audley, Fred Beir, George Burns, Kaye Elhardt, Milton Frome, Jonathan Hale, Betsy Jones-Moreland, Joanne Lee, Charles Tannen, Frank Wilcox, John Abbott, John Gabriel, Burl Ives, Patricia Medina, Philip Ahn, Alice Backes, Dick Kay Hong, Phyllis Thaxter, Don Beddoe, Mel Blanc, June Dayton, Ron Howard, Bert Lahr, Debbie Megowan, William Redfield, Ray Bolger, Vanessa Brown, Ken Christy, Paul Newlan, Theodore Newton, James Gregory, Thelma Ritter, Marion Ross, Greer Garson, Angela Greene, Virginia Gregg, Virginia Grey, Noreen Nash, Donald Woods, Lee J. Cobb, Timmy Everett, Charles La Torre, George Margo, Vito Scotti, Sylvia Sidney, Naomi Stevens, Patricia Barry, Ralph Clanton, Bert Freed, George Gobel, Tammy Marighu, Philip Coolidge, Kim Hunter, Wesley Law, Donald Losby, Rod Taylor, Ernest Anderson, Sam Cooke, Robert Culp, Sammy Davis Jr., Doug DeCosta, Ed Giorgio, Roy Glenn, Tyler McVey, Hari Rhodes, Henry Brandon, Argentina Brunetti, Michael Dante, Thru Ravenscroft, Whit Bissell, Edward Franz, Robert Gist, Jonathan Harris, Celia Lovsky, Ruth Roman, Rod Steiger, Michael Granger, Peggy Lee, Terry Loomis, Gavin MacLeod, Scott Davey, Andrea King, Peggy Knudsen, G. Rogers, Irene Vernon, David Wayne, Mary Jackson, Arthur Kennedy, Harry Townes, H.M. Wynant, Dan Duryea, Dianne Foster, Tyler MacDuff, Richard Ney, Audrey Totter, James Best, Gina Gillespie, John Hambrick, Sam Jackson Jr., Stephen Joyce, Fess Parker, William Phillips, Leon Ames, Fred Beir, George Chandler, Dorothy Neumann, Robert Sterling, Christine White, William Allyn, Joanna Barnes, Robert Casper, Richard Haydn, Oskar Homolka, Joyce Jameson, Linda Watkins, Simone Signoret, Marcel Dalio, Van Johnson, Judi Meredith, Jan Sterling, Hazel Court, Richard Greene, Robert Strauss, Steve Allen, Lauren Chapin, Peter Leeds, Howard McNear, Jayne Meadows, Alvy Moore, Dan Tobin, Willard Waterman, Walter Baldwin, Claire Carleton, Jeanne Crain, Bern Hoffman, Kathleen Hughes, Leslie Nielsen, Anne Baxter, Nestor Paiva, Chet Stratton, Connie Gilchrist, Vera Miles, Ralph Sanford, Chris Warfield, Ellen Corby, Buddy Ebsen, Tommy Nolan, Hugh O'Brien, Susanne Sidney, Stella Stevens, Dana Andrews, Ryan O'Neal, Carl Benton Reid, VINEScully, Regis Toomey, Malcolm Atterbury, Alice Backes, Don Beddoe, Jim Davis, Jason Robards Sr., Dennis Rush, Gene Tierney, Dan White, Michael Burns, Claire Clifton, Coleen Gray, Frank Wilcox, John Astin, Sally Forrest, Tony Randall, Barbara Ruick, Vaughn Taylor, Jocelyn Bondar, Stanley Clements, John Lute, Mickey Rooney, Teddy Rooney, Will Wright, Francis X. Bushman, Madlyn Rhue, JustINESmith, Abraham Sofaer, Harry Townes, Jerome Cowan, Joy Forman, Gloria Grahame, Dick Shawn, Art Aragon, Sammy Davis Jr., Bert Freed, Patricia Barry, Sid Caesar, Walter Baldwin, Russ Conway, Billy Gray, Carmen Matthews, Ray Montgomery, John Gabriel, Pitt Herbert, Dorothy Malone, Dorothy Neumann, Michael Pate, Ernest Borgnine, Ralph Clanton, Zsa Zsa Gabor, Jimmy Lydon, Sal Ponti, Ralph Sanford, William Schallert, Tommy Windsor, Brad Dexter, Josephine Hutchinson, Chubby Johnson, Joseph Wiseman, Jane Withers, Shirley Ballard, Rita Brooking, Richard Crane, Robert Lansing, John Lasell, Ido Lupino, Simon Oakland, Pat Close, Elisha Cook Jr., Gertrude Flynn, Paul Ford, Bob Hastings, Florence MacMichael, Robert Strauss, Jonathan Harris, Barbara Nichols, Cliff Robertson, George Sanders, Fifi O'Drsey, James Franciscus, J. Pat O'Malley, Suzanne Pleshette, Mariellen Smith, Jack Weston, David Brian, Terry Burnham, Dorothy Ann Collier, Jane Wyatt, Raymond Bailey, Jack Cassidy, Billy Gray, Audrey Meadows, Bud Abbott, Kathleen Hughes, Mala Powers, Marjorie Bennett, Fred Clark, Takato Ikedo, Melinda PLOWman, Audrey Totter, Wilfred Tang, Anne Whitfield, Eddie Albert, Alice Backes, Michael Burns, Alan Hale Jr., Howard McNear, Charles Bickford, Hank Brandt, John Hagen, Robert Stevenson, Carol Lawrence, Vic Morrow, Abraham Sofaer, Lola Albright, Elsa Lanchester, Ray Montgomery, John Saxon, Piper Laurie, Rhys Williams, Dick York, Maureen Arthur, Shelley Berman, Bob Crane, Glynis Johns, Ralph Sanford, Richard Gittings, Karen Green, Ricky Nelson, Roberta

Shore, Will Wright, Larry J. Blake, Charles McGraw, Michael Sean, Stella Stevens, Cornel Wilde, Benny Gatteys, Ted Knight, Jack Mullaney, Lloyd Nolan, Barbara Stanwyck, Paul Tripp, Nick Adams, Elisha Cook Jr., Elinor Donahue, Milton Selzer, Jesse White, Lillian Bronson, Ellen Corby, Robert Cornthwaite, Connie Gilchrist, Richard Hale, Gary Merrill, Jaye P. Morgan, Fay Wray, William Bendix, Scott Brady, Jack Chaplain, Jim Galante, Catherine McLeod, Barbara Parkins, Edward Andrews, Frank Behrens, Larry Blyden, Forrest Compton, Stacy Graham, Paul Mazursky, Lloyd Nolan, Ed Peck, Frank Aletter, Red Buttons, Ron Howard, Joan O'Brien, Francis X. Bushman, Madlyn Rhue, Abraham Sofaer, Harry Towers, Larry J. Blake, Walter Burke, Jack Easton Jr., George Gobel, Bill Mumy, Barbara Parkins, Paula Winslowe, Stephen Boyd, Harry Tande, Everett Sloane, Maxine Stewart, Gloria Talbott, Fred Clark, Dorothy Green, Brooke Hayward, Dennis Hopper, Groucho Marx, R.G. Armstrong, Gary Clarke, Eugene Martin, Carmen Mathews, Judi Meredith, John Payne, Irene Ryan, Richard Collier, Staats Cotsworth, Irene Dunne, Renee Godfrey, Stephanie Hill, Allyn Joslyn, Nora Marlowe, Bart Patton, Grady Sutton, Marianna Case, David Janssen, Charles Robinson, Arleen Whelan, Paul Carr, Billy E. Hughes, David Kent, Art Linkletter, Brad Morrow, Patricia Barry, Jacques Bergerac, Gaylord Cavallaro, Reggie Nalder, Tommy Noonan, Andy Devine, Monica Lewis, Jerry Paris, Ed Wynn, Ed Binnis, Miriam Hopkins, Quinn O'Hara, Barbara Rush, Gary Vinson, Jane Withers, Gail Bonney, Jeanne Crain, Robert Emhardt, Michael Fox, Alice Frost, Lance Fuller, Frank Gerstle, Susan Gordon, Virginia Gregg, Patricia Huston, Patrick McVey, Carl Benton Reid, Gail Bonney, Jeanne Crain, Robert Emhardt, Michael Fox, Alice Frost, Lance Fuller, Frank Gerstle, Susan Gordon, Virginia Gregg, Patricia Huston, Patrick McVey, Carl Benton Reid, James T. Callahan, Nina Foch, Martin Gabel, John Harding, Philip Ober, Charles Coburn, Theodore Bikel, Irving Burns, Morris Cohen, Jacob Feifel, Charles Herbert, Cloris Leachman, Scotty Morrow, Mabel Albertson, Parley Baer, Geraldine Brooks, Earl Holliman, Ruth Gates, Billy E. Hughes, Dean Jagger, Alice Backes, Ken Berry, Lee J. Cobb, Kathleen Hughes, Peter Leeds, Flip Mark, Lory Patrick, Edward Andrews, Philip Coolidge, Anne Jackson, Alice Pearce, Stuart Erwin, Sally Hughes, Dorothy Malone, Frances Reid, Nick Adams, Barbara Bostock, Joyce Coolifant, Roger Perry, Gene Barry, Philip Bourneuf, Diane Brewster, Fabrício Mioni, Arnold Moss, etc. **Duração:** 30 minutos (200 episódios).

1954

THUMBELINA

Título original: Thumbelina

Realização: Lotte Reiniger (Inglaterra,1954); **Argumento:** Lotte Reiniger, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 10 minutos.

1955

DEN STANDHAFTIGE TINNSOLDAT

Título original: Den Standhaftige Tinnssoldat

Realização: Ivo Caprino (Noruega, Canadá, 1955); **Argumento:** Ivo Caprino, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Mogens Wieth (Narrador), Don Hammer, etc. **Duração:** 13 minutos.

Hans
Christian
Andersen

1957

SNEZHNYAYA KOROLEVA

Título original: Snezhnaya koroleva

Realização: Lev Atamanov Phil Patton (União Soviética,1957); **Argumento:** Lev Atamanov, Nikolai Erdman, Bob Fisher, Alan Lipscomb, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (prólogo): Billy Booth, Rickey Busch, Art Linkletter, Jennie Lynn, Tammy Marihugh; (vozes): Louise Arthur (Snow Queen), Mariya Babanova (Snow Queen na Rússia), Dick Beals (Príncipe), Lillian Buyeff (Avó), Sandra Dee (Gerda em Inglês), June Foray (Corvo), Paul Frees, Vladimir Gribkov, Tommy Kirk, Sergei Martinson, Patricia McCormack, Joyce Terry, Yanina Zhejmo, etc. **Duração:** Argentina: 55 minutos, Rússia: 70 minutos, Rússia: 63 minutos, EUA: 74 minutos.

1958

DAS FEUERZEUG

Título original: Das Feuerzeug

Realização: Siegfried Hartmann (RFA,1958); **Argumento:** Siegfried Hartmann, Anneliese Kocialek, Fred Rodrian, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:**Rolf Ludwig (Soldado), Heinz Schubert (homem avaro), Rolf Defrank (homem presunçoso), Hannes Fischer (gordo), Hans Fiebrandt (Rei), Maria Besendahl (Rainha), Senta Bonacker, Fritz Schlegel, Barbara Mehlan, Barbara Wendt, Steffie Spira, Johannes Maus, Jochen Diestelmann, W.O. Eckhardt, Paul Böttcher, etc. **Duração:** 83 minutos.

1958

PASÁCEK VEPRU

Título original: Pasáček vepru

Realização: Hermína Týrlová (Checoslováquia, 1958); **Argumento:** Jirí Círk, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Karel Höger (Narrad), etc. **Duração:** 14 minutos.

1958

UDIVITELNAYA ISTORIYA, POKHOZHAYA NA SKAZKI

Título original: Udivitelnaya istoriya, pokhozhaya na skazki

Realização: Boris Dolin (União Soviética,1958); **Argumento:** Boris Dolin, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Aleksandr Khotoyevich (Sasha Khotoyevich), Tatyana Antipina (Tanya Antipina), Oleg Zhakov, Yevgeni Maklanshin, etc.

1958

SVINAHERDEN

Título original: Svinaherden

Realização: Ingrid Edström (Suécia,1958) (TV); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Tomas Bolme (Príncipe), Sonja Kolthoff (criada Anna), Bengt Martin (Mágico), Folke Trägårdh (Imperador), Majken Torkeili, etc.

1958-1961

SHIRLEY TEMPLE'S STORYBOOK

Título original: Shirley Temple's Storybook [Série TV 1958-1961]

Realização: David Greene, Harry Horner, Paul Bogart (episódio "The Legend of Sleepy Hollow"), William Corrigan (episódio "The Land of Oz"), Bob Henry (episódio "Babes in Toyland"), Mitchell Leisen (episódio "Mother Goose"), Richard Morris (episódio "The Wild Swans"), James Neilson (episódio "The Emperor's New Clothes"), Burt Shevelove (episódio "Winnie-the-Pooh"); **Argumento:** Louisa May Alcott romance (episódio "Little Men" e "Onawandah"), Hans Christian Andersen história (episódio "The Emperor's New Clothes", "The Little Mermaid", "The Nightingale", "The Wild Swans"), Robert Bassing adaptação (episódio "Onawandah"), L. Frank Baum romance (episódio "The Land of Oz"), Ludwig Bemelmans história (episódio "Madeline"), Jack Brooks adaptação (episódio "Babes in Toyland" e "King Midas"), Cora Cheney romance (episódio "The Peg-leg Pirate of Sulu"), John Connell história (episódio "The return of Long John Silver"), Dinah Maria Mulock Craik romance (episódio "The Little Lane Prince"), William Crewson adaptação (episódio "Pippi Longstocking"), Jeanne-Marie Leprince de Beaumont história (episódio "Beauty and the Beast"), Richard Delroy adaptação (episódio "The Reluctant Dragon"), Charles Dickens romance (episódio "The Magic Fishbone"), Lucille Duffy história (episódio "The

Fawn"), William Durkee adaptação (episódio "Ali Baba and the 40 Thieves", "Rapunzel"), Margaret Fitts adaptação (episódio "The Magic Fishbone", "The Sleeping Beauty"), Frank Gabrielson adaptação (episódio "Dick Wittington and His Cat", "Hiawatha" e "Rumpelstiltskin"), Kenneth Grahame romance (episódio "The Reluctant Dragon"), Henry F. Greenberg adaptação (episódio "Mother Goose"), Jacob Grimm história (episódio "Rapunzel" e "Rumpelstiltskin"), Wilhelm Grimm história (episódio "Rapunzel" e "Rumpelstiltskin"), David P. Harmon adaptação (episódio "The Black Arrow"), Nathaniel Hawthorne romance (episódio "The House of Seven Gables"), Jean Holloway adaptação (episódio "The Wild Swans"), Washington Irving história (episódio "The Legend of Sleepy Hollow", "Rip Van Winkle"), Ed James adaptação (episódio "Little Men"), Norman Katkov adaptação (episódio "The Peg-leg Pirate of Sulu"), Sheldon Keller adaptação (episódio "Babes in Toyland", "King Midas"), Rudyard Kipling romance (episódio "The Black Sheep", "Kim"), Noel Langley adaptação (episódio "The Land of Green Ginger", "Rip Van Winkle"), Noel Langley romance (episódio "The Land of Green Ginger"), Norman Lessing adaptação (episódio "Ali Baba and the 40 Thieves", "The Emperor's New Clothes", "The Legend of Sleepy Hollow"), Astrid Lindgren romance (episódio "Pippi Longstocking"), Marty Links B.D (episódio "Emmy Lou"), Henry Wadsworth Longfellow poema (episódio "Hiawatha"), A.A. Milne personagens (episódio "Winnie-the-Pooh"), Irving Gaynor Neiman adaptação (episódio "The House of Seven Gables"), Charles Perrault história (episódio "The Sleeping Beauty"), A.J. Russell adaptação (episódio "Winnie-the-Pooh"), Sol Saks adaptação (episódio "Madeline"), Alvin Sapinsky adaptação (episódio "The Nightingale"), Bernard C. Schoenfeld adaptação (episódio "The Terrible Clockman") (as Bernard Schoenfeld), Joseph Schrank adaptação (episódio "Beauty and the Beast"), S.S. Schweitzer adaptação (episódio "The Little Lame Prince"), Richard Alan Simmons adaptação (episódio "The Prince and the Pauper"), Barney Slater adaptação (episódio "The Fawn", "Rebel Gun", "The Return of Long John Silver"), Robert Louis Stevenson personagens (episódio "The Return of Long John Silver"), Robert Louis Stevenson romance (episódio "The Black Arrow"), Mark Twain personagens (episódio "Tom and Huck"), Mark Twain romance (episódio "The Prince and the Pauper"), Jules Verne romance (episódio "The Terrible Clockman"), Malvin Wald adaptação (episódio "Mother Goose"), Shimon Wincelberg adaptação (episódio "The Black Sheep"), Shirley Temple; **Intépretes:** Shirley Temple (apresentadora, narradora, personagem principal alguns episódios) (1958-59); Shirley Temple (Phoebe Pyncheon, The Little Mermaid) (12 episódios), Pernel Roberts (Thorabore Count DeSpard) (4 episódios), Agnes Moorehead (bruxa, Hespibah Pyncheon) (3 episódios) Tony Haig (Richard Shelton / Jamie Hawkins) (3 episódios), Jonathan Harris (Juiz Jeffrey Pyncheon, Dragão) (3 episódios); **Duração:** 60 minutos (41 episódios).

1959

UNSER SANDMÄNNCHEN

Título original: Unser Sandmännchen [Série TV 1959]

Realização: Jan Hempel, Mary Kames, Michael Albrecht (episódio "Elternporträts"), Gerhard Behrendt (episódio "Plumps"), Peter Blümel (segmento "Bälchen Roll"), Kristina Burkhardt (segmentos "Schweinchengeschichten" e "Schweinchens Zappelbein"), Ernst Cantzler (episódio "Elternporträts" e "Städtebilder"), Jochen Denzler (episódio "Berliner Bilderbogen"), Renate Elze-Mladenow (múltiplos episódios), Erich Hammer (episódio "Herr Fuchs & Frau Elster", "Rolf & Reni", "Schnuffel & Pieps", "Fuchs & Elster", "Annemarie & Brummel", múltiplos episódios), Adalbert Heinze (segmento "Selbstgemaltes"), Jörg Herrmann (episódio "Schattenfiguren"), Jochen Krauffer (episódio "Elternporträts"), Regina Krupkat-Kött (segmento "Pilzgeschichten"), Sabine Meienreis (segmento "Zirkus Kesselpauke"), Günther Meyer (episódio "Elternporträts"), Renate Mladenow (segmento "Ulf & Zwulf"), Dietmar Müller (segmento "Marionettenmärchen"), Brigitte Natusch (segmento "Knöpfchen, die Löwenzwillinge und die Giraffe Paula" e "Liederspielplatz"), Eberhard Neumann (episódio "Das Lied von der Elefantensommerreise" e "Hamsterfilme"), Helga Porsch (segmento "Elternporträts" e "Spielzeug und Umwelt"), Helga Richter (segmento "Liederspielplatz"), Friedrich Rogchow (segmento "Verkehrskompass), Uschi Rundfeldt (segmentos "Till Eulenspiegel" e "Fernsehbilderbuch"), Rudolf Schräps (episódio "Lottchen und Lenchen"), Kurt Schumacher (episódio "Spielhaus" e "Unterwassergeschichten"), Rolf Sperling (segmento "Max und Moritz" 1982), Christa Streiber (segmento "Ulf & Zwulf"), Wolfgang E. Struck (episódio "Till Eulenspiegel"), Petra Tschörner (episódio "Elternporträts"), Andreas Voigt (episódio "Elternporträts"), Konrad Weiß (episódio "Elternporträts") (episódio "Städtebilder"), Ingrid Wille (segmento "Selbstgemaltes"); **Argumento:** Kadir Al-Dilaimy escritor (episódios Iraq), Hans Christian Andersen personagem (Ole Lukøje), Barbara Augustin-Gorn escritor (episódios "Unterwassergeschichten", "Zu Besuch im Märchenland" e "Fuchs & Elster"), Wolfgang Bergholz escritor (episódios "Ulf & Zwulf"), Ingeborg Boden escritora (episódios "Hamster Susi"), Bertolt Brecht história (vários episódios), Ulrich Burkhardt (episódios "Schweinchengeschichten"), Wilhelm Busch escritor (episódios "Max und Moritz"), Susanne Dancker escritora (episódios "Bälchen Roll", "Frau Pupp doktor Dr. Pille", "Lottchen und Lenchen", "Schnuffel & Pieps", "Selbstgemaltes"), Zedendachsinj Dawachuw escritora, Marianne Feix escritora (episódios "Berliner Bilderbogen", "Fuchs & Elster"), Günter Feustel escritor ("Knöpfchen, die Löwenzwillinge und die Giraffe Paula"), Ingeborg Feustel escritora (episódios "Der Sandmann greift ein", "Pittiplatsch & Schnatterinchen", "Schweinchens Zappelbein", "Plumps", "Zirkus Kesselpauke" e "Eierkuchenmord"), Heinz Fülfe escritor (episódio "Flax & Krümel"), Anne Geelhaar escritora (episódio "Fernsehbilderbuch", "Pinsel & Kleks"), Brigitte Gotthardt escritora (episódio "Annemarie und Brummel"), Jacob Grimm (conto), Wilhelm Grimm (conto), Jörg Herrmann escritor (episódio "Schattenfiguren"), E.T.A. Hoffmann criador (Sandmann), Ingeborg Kalisch escritora, Hermann Kletke escritor "Sandmann", Walter Krumbach escritor (episódios "Spielzeugkiste", "Fuchs und Elster", "Fernsehbilderbuch" e "Zu Besuch im Märchenland"), Samuil Marshak poeta (Samuil Marschak), Holmar-Attila Mück escritor (episódio "Große Bilder für kleine Leute"), Dietmar Müller escritor (episódio "Marionettenmärchen"), Eberhard Neumann escritor (episódio "Hamsterfilme"), Helga Porsch escritora (episódios "Große Bilder für kleine Leute" e "Spielzeug und Umwelt"), Gerdmarie Preuße escritora (episódios "Pilzgeschichten", "Fuchs & Elster"), Monika Ramisch escritora (episódios "Rolf & Reni"), Wolfgang Schnecke escritor (episódio "Däumleinchen"), Harald Serowski escritor (episódio "Fernsehbilderbuch"), Wolf Spillner escritor (episódio "Luftballon und Warzenkröte"), E. Stengel escritor (episódios "Spielhaus", "Spielhaus"), Rudi Strahl escritor (episódio "Sandmann auf der Leuchtturminsel"), Klaus Streiber escritor, Gerhard Sturm escritor ("Fuchs & Elster"), Ursula Sturm escritora (vários episódios), Inge Trisch escritor (episódio "Zu Besuch im Märchenland"), Gisela Tscheschel escritora (episódios "Till Eulenspiegel"), Konrad Weiß escritor (episódio "Liederspielplatz"), Nils Werner escritor, Helga Wöhner escritora (episódios "Bärel und Kasparek"), Milos Wolf escritora (episódios "Hagebuttenstrauch"), Roger Zerath escritor (episódios "Der zerbrochene Zauberstab"); **Intépretes:** Gerlind Ahnert (Gerlind Ahnert) (1965), Fred Alexander (Meister Friedemann) (1985), Hildegard Alex (voz de Défière) (1982), Carmen-Maja Antonii (Plumps) (1986), Barbara Augustin (voz Hoppe/Dehrehumb) (1959), Evamarie Bath (Kleiner) (1982), Monica Bielenstein (Monica Bielenstein, Vorleserin), Ute Blankenstein (Frau Pupp doktor Pille #4), Peter Bosse (Peter Bosse, Apresentador: Steckenpferd Kunterbunt) (1958), Annemarie Brodhagen (Annemarie) (1959), Angela Brunner (Frau Pupp doktor Pille #2), Renate Elze-Mladenow (voz Gertrud/Pünktchen/Putzl/Pünktchen), Renate Enge (voz Schnuffel), Peter Fabers (Felix) (1975-1990), Heinz Fülfe (voz Taddewe Punkt), Ingeborg Fülfe (voz Mauz/Bärchen) (1959), Jochen Gläser (Stefan) (1968-1975), Helga Hahnemann (Nickeneck), Erich Hammer (voz Meister Schwarzwölke), Gisela Hein (Gisela Hein, Cantora: Gisela und die Fernsehniken) (1959-1960), Wolfgang Hellmund (Till Eulenspiegel) (1959-1965), Wolfgang Hübner (Pinsel) (1959-1960) (Rolf) (1961-1974), Friedgard Kurze (Schnatterinchen) (1959-1991), Reni (1961-1974), Helga Labudda (Frau Pupp doktor Pille #1), Angelika Mann (Angelika Mann, Liederspielplatz), Brigitte Meiswinkel (Sabine) (1963-1966), Otto Mellies (voz Hamster) (1987), Hans-Jochen Menzel (Bootsmann) (1991), Solveig Müller (Solveig Müller, Vorleserin), Ingeborg Naß (voz Schlapperplapper) (1982), Dietmar Obst (voz Hamster) (1987), Dieter Perlwitz (Herr Pöttken) (1965), Klaus Piontek (voz narrador: Max und Moritz) (1982), Helga Pür (Puppe Edelgard), Klaus-Peter Pleßow (Fabian) (1976-1982), Helga Porsch (Helga Porsch, apresentadora e narradora), Günter Puppe (voz Moppi), Hans-Otto Rieck (voz Kasparek) (1959-1962), Helga Sasse (voz Masine) (1982), Günther Schiffl (voz Moppi) (1975), Willi Scholz (voz Buddelflink/Seidenpelz), Heinz Schröder (vozes Pittiplatsch, Herr Fuchs, Frau Igel, Onkel Uhu, Pieps, Buddelflink, Brummel, Himbo) (1959), Stefan Schulz (Stefan Schulz) (1973-1975), Ernst-Georg Schwill (voz Laribus) (1982), Hans Sievers (voz Erzähler), Gunter Sonneson (voz Kniffo) (1982), Ulrike Stanelle (Hamster) (1987), Hans-Edgar Stecher (voz Mecki), Helmut Straßburger (voz Hamster) (1987), Harry Studt (Harry Studt, Vorleser), Michael Telloke (voz Casimir) (1982), Gisbert Peter Terhorst (Gisbert Peter Terhorst, Liederspielplatz), Horst Torka (Klex) (1959-1960), Siegfried Uhlenbrock (Siegfried Uhlenbrock, Liederspielplatz) (1978), Ulf (Ulf) (1988-

1991), Jirí Vršťala (palhaço Ferdinand (1964-1965), Kurt Wenkhaus (Kurt Wenkhaus, Vorleser), Walter Wickenhauser (voz Knollo) (1982), Thomas Wolff (Narrador, Schattenfiguren) (1988), Zwulf (Zwulf) (1988-1991), Sergei Obrazov (Sergei Obrazov) (3 episódios), etc. **Duração:** 10 minutos.

1960

DIE PRINZESSIN AUF DER ERBSE

Título original : Die Prinzessin auf der Erbse

Realização: Katja Georgi (Alemanha de Leste,1960); **Argumento:** Katja Georgi; segundo história de Hans Christian Andersen.

1961

DAS KLEID

Título original: Das Kleid

Realização: Konrad Petzold (East Alemanha,1961); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Horst Drinda, Hannes Fischer, Lore Frisch, Eva Maria Hagen, Wolf Kaiser, Erik S. Klein, Hans Klering, Werner Lierck, Gerhard Rachold, Kurt Rackelmann, Gerd E. Schäfer, Ernst-Georg Schwill, Günther Simon, Nico Turoff, etc. **Duração:** 88 minutos.

1961

SRECA DOLAZI U 9

Título original: Sreca dolazi u 9

Realização: Nikola Tanhofer (Jugoslávia,1961); **Argumento:** Vitomil Zupan, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Marija Aleksic, Viktor Bek, Tatjana Beljakova, Mila Dimitrijevic, Zvonimir Ferencic, Asta Filakovac, Dragan Jankovic, Slavica Kauric, Sinisa Knaflec, Drago Krca, Branko Kubik, Pero Kvržic, etc. **Duração:** 102 minutos.

1962

SVINEDRENGEN OG PRINSESSEN PÅ ÆRTEN

Título original: Svinedrengen og Prinsessen på ærten

Realização: Poul Ilsøe (Dinamarca, 1962); **Argumento:** Poul Ilsøe, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Dirch Passer, Henning Moritzen, Lise Ringheim, Johannes Meyer, Bjørn Spiro, Knud Hilding, Ellen Margrethe Stein, etc. **Duração:** 49 minutos.

1963

DIKIE LEBEDI

Título original: Dikie lebedi

Realização: Vera Tsekhanovskaya, Mikhail Tsekhanovskij (União Soviética, 1963); **Argumento:** Yevgeni Ryss, Leonid Trauberg, segundo história de Hans Christian Andersen.

1963

HISTORIEN OM EN MODER

Título original: Historien om en moder

Realização: Erik Kirchner, Jørgen Thoms, Erik Mortensen, (União Soviética, 1963); **Argumento:** Erik Kirchner, Erik Mortensen, Jørgen Thoms, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Jeanne Valentin, etc.

1966

FANTASÍA... 3

Título original: Fantasía... 3

Realização: Eloy de la Iglesia (Espanha, 1966); **Argumento:** Hans Christian Andersen ("The Little Mermaid"), L. Frank Baum ("The Wonderful Wizard of Oz"), Jacob Grimm ("The Three Hairs of the Devil"), Wilhelm Grimm ("The Three Hairs of the Devil"), Eloy de la Iglesia, Fernando Martín Iniesta; **Intérpretes** (segmento "The Wonderful Wizard of Oz"): Manuel Andrés, Mari Paz Ballesteros, Blaki, Manuel Canseco, Fabián Conde, Javier De Campos, Regina de Julián, Julián Duque, Maribel Martín, Antonia Mas, Marisa Naya, Luis Prendes, Italo Ricardi, Pilar Vela; (segmento "The Three Hairs of the Devil"): Tomás Blanco, Camilo Delgado, Juan Diego, Cris Huerta, Lola Losada, Javier Loyola, Carmen Luján, Ricardo Díaz, Víctor Merás, Antonio Requena, Magda Roger; (segmento "The Little Mermaid"): José Bódalo, Antonio Casas, Argentina Cases, Marisol García, Sergio Mendizábal, José Palacio, Dyanik Zurakowska, etc. **Duração:** 85 minutos.

1966

EL MAGO DE LOS SUEÑOS

Título original: El Mago de los Sueños

Realização: Francisco Macián (Espanha, 1966), **Argumento:** Francisco Macián, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Andy Russell, Juan Carlos Mareco, Chicho Gorrillo, Tito Mora, Ennio Sangiusto, Teresa María, etc. **Duração:** 70 minutos.

1966

SNEZHNYAYA KOROLEVA

Título original: Snezhnaya koroleva

Realização: Gennadi Kazansky (União Soviética, 1966); **Argumento:** Yevgheny Schwartz, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Natalya Klimova (Snow Queen), Andrei Kostrichkin (Avô de Yesenin), Yevgeni Leonov (Rei), Yevgeniya Melnikova (Avó), Yelena Proklova (Gerda), Nikolai Boyarsky, Irina Gubanova, Georgi Korolchuk, V. Nikitenko, Slava Zjupa, etc. **Duração:** 85 minutos.

1966

THE DAYDREAMER

Título original: The Daydreamer

Realização: Jules Bass (EUA, 1966); **Argumento:** Romeo Muller, Arthur Rankin Jr., segundo histórias de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Tallulah Bankhead (Bruxa do Mar), Victor Borge (Zenith), Patty Duke (Thumbelina), Jack Gilford (Papa Andersen), Sessue Hayakawa, Margaret Hamilton, Burl Ives, Boris Karloff, Hayley Mills, Paul O'Keefe, Cyril Ritchard, Terry-Thomas, Ed Wynn, Ray Bolger, Robert Harter, etc. **Duração:** 101 minutos.

1968

EN NAT I ROSKILDE

Título original: En Nat i Roskilde

Realização: Preben Harris (Dinamarca,1968) (TV); **Argumento:** segundo peça de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Anna-Louise Lefèvre (Pige), Erik Paaske (Rummel), Poul Thomsen (Graah), etc. **Duração:** 30 minutos.

1968

ANDESEN MONOGATARI**Título original:** Andesen monogatari**Realização:** Kimio Yabuki (Japão, 1968); **Argumento:** Hisashi Inoue, segundo contos de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Tadao Takashima, Arihiro Fujimura, etc. **Duração:** 80 minutos.

1969

DER KOM EN SOLDAT**Título original :** Der kom en soldat**Realização:** Peer Guldbrandsen (Dinamarca, 1969) **Argumento:** Peer Guldbrandsen, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Willy Rathnov (Soldado), Hanne Borchsenius (Eva), Poul Bundgaard (Dobbermann), Olaf Ussing, Karl Stegger, Ove Sprogøe, Astrid Villaume, Ullabella Johansson, Inger Bagger, Karen Marie Löwert, Bjørn Puggaard-Müller, Morten Grunwald, Bertel Lauring, Paul Hagen, Klaus Pagh, **Duração:** 90 minutos.

1970

THUMBELINA**Título original:** Thumbelina**Realização:** Barry Mahon (EUA,1970); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Shay Garner (Thumbelina), Pat Morell (Mrs. Mole), Bob O'Connell (Mr. Digger), Ruth McMahon (Mãe), Heather Grinter (Feiticeira), Mike Yuenger, Sue Cable, etc. **Duração:** 72 minutos.

1970

STARAYA, STARAYA SKAZKA**Título original:** Staraya, staraya skazka**Realização:** Nadezhda Kosheverova (União Soviética, 1970); **Argumento:** Yuli Dunsky, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Oleg Dal (Soldado), Marina Neyolova (Princesa), Georgi Vitsin (Mágico), Vladimir Etush (Rei), Kirill Gun (Kirill Gun), Vladimir Kostin (Vladimir Kostin), Aleksandr Orlov (Aleksandr Orlov), Vasili Vasilyev (Vasili Vasilyev), Konstantin Zlobin (Konstantin Zlobin), Igor Dmitriyev, Vera Titova, Anatoli Abramov, Vladimir Abramov, A. Avvakumov, N. Belchivichin, M. Dmitriyevsky, V. Georgiu, S. Konchevsky, Anatoli Korolkevich, Lev Lemke, Boris Leskin, O. Lind, G. Lomontovich, A. Malygin, L. Martynov, Ye. Myasishchev, N. Pelttser, Viktor Peravalov, L. Tubilevich, G. Voronova, etc.

1970

SNEDRONNINGEN**Título original:** Snedronningen**Realização:** Jørgen Vestergaard (Dinamarca, 1970); **Argumento:** Jørgen Vestergaard, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** (vozes): Jytte Abildstrøm, Vigga Bro, Birger Jensen, John Larsen, Louis Miehe-Renard, Erik Wedersøe, etc. **Duração:** 42 minutos.

1970

NATTERGALEN**Título original:** Nattergalen**Realização:** Jørgen Vestergaard (Dinamarca, 1970) (TV); **Argumento:** Jørgen Vestergaard, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Vigga Bro, Ingolf David, Paul Hagen, Gyrd Løfqvist, Keld Markuslund, Einar Reim, Susse Wold, etc. **Duração:** 20 minutos.

1971

HANSU KURUSHITAN ANDERUSAN NO SEKAI**Título original:** Hansu Kurushitan Andersen no Sekai**Realização:** Al Kilgore, Chuck McCann (EUA, Japão, 1971); **Intérpretes** (vozes): Chuck McCann (tio Oley), Ruth Bailew, Sidney Filson, Hetty Galen, Earl Hammond, Jim MacGeorge, Linda November, Corinne Orr, Lionel G. Wilson, etc. **Duração:** 70 minutos.

1971

TEN**Título original:** Ten**Realização:** Nadezhda Kosheverova (União Soviética, 1971); **Argumento:** Yuli Dunsky, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Oleg Dal (Cientista/Sombra), Vladimir Etush (Piestro, pai de Annuaciata, canibal), Sergei Filippov (primeiro ministro), Zinoví Gerdt (ministro das finanças), Lyudmila Gurchenko (Yulia Juli), Andrei Mironov (Caesar Borgia, jornalista, canibal), Marina Neyolova (Annuaciata), Anastasiya Vertinskaya (Princesa), Georgi Vitsin (Doutor), Yuri Volyntsev, etc.

1972

REJSEKAMMERATEN**Título original:** Rejsekammeraten**Realização:** Jørgen Vestergaard (Dinamarca, 1972); **Argumento:** Jørgen Vestergaard, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Ingolf David, Kirsten Hansen-Møller, Helle Hertz, Knud Hilding, Vaiso Holm, Jørgen Kiil, Poul Müller, Olaf Nielsen, Erik Paaske, Walt Rosenberg, Claus Ryskjær, Poul Thomsen, etc. **Duração:** 45 minutos.

1972

LES HABITS NEUFS DU GRAND-DUC**Título original :** Les Habits neufs du Grand-Duc**Realização:** Jean Canolle (França, 1972) (TV); **Argumento:** Françoise Grund, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Jacques Duby, Christian Marin, Robert Murzeau, Jean Franval, Guy Piérauld, Danielle Argence, Rogers, Albert Simono, Philippe Lavot, Françoise Lefebvre, Carole Grove, Nicole Pescheux, Danièle Croisy, Pierre Plessis, Catherine Lafond, etc.

1972

DER KLEINE UND DER GROÙE KLAUS**Título original:** Der Kleine und der große Klaus**Realização:** Celino Bleiweiß (RDA, Checoslováquia, 1972); **Argumento:** Claus Küchenmeister, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Fred Düren, Siegfried Kilian, Monika Woytowicz, Hannes Fischer, Marylu Poolman, Jiri Vrstla, Arno Wyzniewski, etc. **Duração:** 58 minutos.

1974

GROTE KLAAS EN KLEINE KLAAS

Título original : *Grote Klaas en kleine Klaas*

Realização: Pieter Verhoeff (Holanda, 1974); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Hans Veerman.

1975

MALÁ MORSKÁ VILA

Título original: *Malá morská vila*

Realização: Karel Kachyna (Checoslováquia, 1975); **Argumento:** Ota Hofman, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Miroslava Safránková (Pequena Sereia), Radovan Lukavský (Rei dos mares), Petr Svojtka (Príncipe Império do Sul), Libuse Safránková (Princesa), Marie Rosulíková (Avó da Sereia), Milena Dvorská (Feiticeira), Jindřich Narenta, Jirí Ornest, Dagmar Patrasová, Jaroslava Schallerová, etc. **Duração:** 104 minutos.

1975

THE LITTLE MERMAID

Título original: *The Little Mermaid*

Realização: Tomoharu Katsumata, Tim Reid (Japão, RFA, Singapura, Holanda, 1975); **Argumento:** Mieko Koyamauchi, Ikuko Oyabu, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Richard Chamberlain (Narrador), Fumie Kashiwama (Marina), Mariko Miyagi (Fritz o Golfinho), Taro Shigaki (Príncipe), Hideki Shibata (Rei das Sereias), Kousei Tomita (Duque Tubarão), Kaneta Kimotsuki (Caranguejo), Ichirō Nagai, Kenichi Ogata, Haruko Kitahama, Miyoko Azabu, Kazuko Sugiyama, Kazuko Sawada, Nana Yamaguchi, Rihoko Yokoda, etc. **Duração:** Japão: 68 minutos, EUA: 74 minutos.

1976

PRINTSESSA NA GOROSHINE

Título original: *Printessa na goroshine*

Realização: Boris Rytzarev (União Soviética, 1976); **Argumento:** Feliks Mironer, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Irina Malysheva, Andrei Podoshyan, Innokenti Smoktunovsky, Alisa Frejndikh, Irina Yurevich, Aleksandr Kalyagin, Igor Kvasha, Marina Livanova, Svetlana Orlova, Yevgenii Steblov, Vladimir Zeldin, etc. **Duração:** 89 minutos.

1976

RUSALOCHKA

Título original: *Rusalochka*

Realização: Vladimir Bychkov (União Soviética, 1976); **Argumento:** Vladimir Vitkovich, Grigori Yagdfeld, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Viktoriya Novikova (Shaman), Rusalochka, Valentin Nikulin, Galina Artyomova, Yuri Senkevich, Stefan Ilyev, Svetlana Moiseyenko, Margarita Chudinova, Galina Volchek, Mikhail Pugovkin, Stefan Pejchev, Mikhail Yanushkevich, Andrei Fait, Yuli Fait, Krasimira Petrova, Ivan Manov, etc. **Duração:** Bulgária: 84 minutos, Soviet Union: 81 minutos.

Hans
Christian
Andersen

1977

THE MAGIC PONY RIDE

Título original *The Magic Pony Ride*

Realização: Nick De Noia (EUA, 1977); **Argumento:** Bill C. Davis, Nick De Noia, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Kelly Ellen Collins (Jennifer), John Adams (homem do balão), Donna Graham, Lisa Stone, Elise Stiefe, Jane Norman, Art Sutton, Jennifer Glickman, etc. **Duração:** 23 minutos.

1979

SOLOVEJ

Título original: *Solovej*

Realização: Nadezhda Kosheverova (União Soviética, 1979); **Argumento:** Mikhail Volpin, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Konstantin Adashevsky, Mariya Barabanova (Marya Barabanova), Glikeriya Bogdanova-Chesnokova, Aleksandr Demyanenko Mekhanikus, Aleksandr Domashev, Sergei Filippov, Zinovii Gerdt, Nikolai Karachentsov, Svetlana Smirnova, Georgi Tejkh, Yevgenii Tilicheyev, Nikolai Trofimov, Yuri Vasilyev, Aleksandr Vokach; **Duração:** 85 minutos.

1979

STORIES FROM A FLYING TRUNK

Título original: *Stories from a Flying Trunk*

Realização: Christine Edzard (Inglaterra, 1979); **Argumento:** Christine Edzard, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Murray Melvin (Hans Christian Andersen), Anne Firbank (Mãe), Tasneem Maqsood (pequena Match Girl), John Tordoff (vagabundo), John Dalby (Rainha Victoria), Johanna Sonnex (pequena Ida), Gerd Larsen, Patricia Napier, Graham Fletcher, Lesley Collier, Christopher Carr, etc. **Duração:** 88 minutos.

1979

HISTORIEN OM EN MODER

Título original: *Historien om en moder*

Realização: Claus Weeke (Dinamarca, 1979); **Argumento:** Paul Gégauff, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Anna Karina (Christine Olsen), Gustaf Hagström (Barnet), Daniel Duval (Døden), Tove Maës (Lærerinden), Bodil Udsen (Portnerkonen), Finn Nielsen (Afdelingslederen), Benny Hansen (Købmanden), Judy Gringer, Sanne Salomonsen, Rita Angela, Jørn Faurschou, Gertie Jung, Margit von der Recke, etc. **Duração:** 52 minutos.

19??

THE FIR TREE

Título original: *The Fir Tree*

Realização: Martin Hunter (Canadá); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Katie Knox (Kitty), Nic Labriola (Luke), David Hill (Edmund), Douglas Peppiatt (Willy), Debbie Osmond (Maggie), Dini Odynski (Effie), John Gilbert (pai), Judith Hunter (mãe), Leigha Leigh Brown (Emma), Anne Keith (Liza), Jon Brown (tio Theodore), KevinSullivan (primo Bob), Gregory Osman, Jeff Kahnert, John Welsman, etc. **Duração:** 28 minutos.

1983

THE LITTLE MATCH GIRL

Título original: *The Little Match Girl*

Realização: Wally Broodbent, Mark Hoeger (1983); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Monica McSwain, Nancy Duncan, Matt McKim, Dan Hays, etc. **Duração:** 54 minutos.

1983

THE RED SHOES

Título original: The Red Shoes

Realização: John Clark Donahue, John Driver (EUA, 1983) (TV); **Argumento:** John B. Davidson, John Clark Donahue, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Rana Haugen (Karen Sorenson), Stephen Boe (Hans Christian Andersen), Molly Atwood (Mrs. Ingrid Sorenson), Sonja Kostich (Karen Nº.1), Sarah Napier (Mãe/Dançarina no Baile), Julee Cruise, Wendy Lehr, Maria Iverson, Gabrielle Zuckerman, Tom Dunn, Sylvia Bolton, Jo Jo Askegard, Myron Johnson, Carl Beck, George Muschamp, etc. **Duração:** 79 minutos.

1984

OSENNIJ PODAROK FEJ

Título original: Osennij podarok fej

Realização: Vladimir Bychkov (União Soviética, 1984); **Argumento:** Vladimir Bychkov, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Valentin Nikulin, Mariya Surina, Vitali Kotovitsky, Anatoli Ravikovich, Yevgeni Steblov, Borislav Brondukov, Yekaterina Vasilyeva, Olga Belyavskaya, Liya Akhedzhakova, etc. **Duração:** 76 minutos.

1986

GALOSE STASTIA

Título original: Galose stastia

Realização: Juraj Herz (Checoslováquia, Austria, Alemanha, 1986); **Argumento:** Juraj Herz, Alex Königsmark, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Jana Brejchová, Marek Brodsky, Karol Cálík, Miroslav Donutl, Jan Hrusínský, Andrej Hryc, Vladimír Javorský, Valeria Kelesenyiová, Towje Kleiner, José Luis López Vázquez, Vlado Müller, Tereza Pokorná, Július Vasek, etc. **Duração:** 89 minutos.

1986

RUSALKA

Título original: Rusalka

Realização: Derek Bailey (Inglaterra, 1986) (TV); **Argumento:** Rodney Blumer (tradução inglesa), Jaroslav Kvapil, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Eilene Hannan (Rusalka), John Treleaven (Príncipe), Rodney Macann (Espírito da Água), Ann Howard (Jezebel), Phyllis Cannan (Princesa), Cathryn Pope, Eileen Hulse, Linda McLeod, Edward Byles, Fiona Kimm, Christopher Booth-Jones, etc. **Duração:** 158 minutos.

1986

TAJNA SNEZHNOJ KOROLEVY

Título original: Tajna snezhnoj korolevy

Realização: Nikolai Aleksandrovich (União Soviética, 1986) (TV); **Argumento:** Vadim Korostylyov, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Oleg Yefremov (Autor), Nina Gomiashvili (Gerda), Yan Puzyrevsky (Key), Alisa Frejndlíkh (Snow Queen), Viya Artmane, Lyudmila Makarova, Vladislav Strzelchik, Aleksandr Lenkov, etc.

1986

LUMIKUNINGATAR

Título original: Lumikuningatar

Realização: Päivi Hartzell (Finlândia, 1986); **Argumento:** segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Sebastian Kaattasalo (Kaj), Kiti Kokkonen (Ruusutytöt), Satu Silvo (The Snow Queen), J. Christoffer Slotte (Christoffer Slotte), Outi Vainionkulma (Greta), Ismo Alanko, Pirjo Bergström, Markku Huhtamo, Esko Hukkanen, Antti Liitja, Tuula Nyman, Saara Pakkasvirta, Elna Salo, Kari Väänänen, etc.

Duração: Finlândia: 89 minutos, EUA: 90 minutos.

1987

THE LITTLE MATCH GIRL

Título original: The Little Match Girl

Realização: Michael Custance (Inglaterra, 1987); **Argumento:** Jeremy Paul, Leslie Stewart, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Christina Avery (primeiro Tart), Fanny Carby (Lavadora), Roger Daltrey (Jeb Macklin), Paul Daneman (Mr. Fairbrother), Nicola Dawn (Lisa Fairbrother), Kelly George (primeiro Urchin), Pearl Hackney (Mrs. Prothero), Eithne Hannigan (segunda Tart), Ian Hooper (segunda Urchin), Jimmy Jewel (Butler), Stratford Johns (homem rico), Patricia Lawrence (Maud), Jennie Linden (Mrs. Fairbrother), Natalie Morse (The Matchgirl), Russell Lee Nash, Paddie O'Neil, Dorothea Phillipp, Jemma Price, Robert Putt, John Rogan, Twiggy, etc. **Duração:** 90 minutos.

1987

METSLUIGED

Título original: Metsluiged (URSS, 1987)

Argumento: Juhan Viiding, Savva Kulish, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Katri Horma, Juris Zagars, Andris Zagars, Ines Aru, Gunnar Kielgass, etc. **Duração:** 86 minutos.

1987

THE LITTLE MATCH GIRL

Título original: The Little Match Girl

Realização: Michael Lindsay-Hogg (EUA, 1987) (TV); **Argumento:** Maryedith Burrell, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Maryedith Burrell (Rita), William Daniels (Haywood Dutton), William B. Davis (Dr. Sam Easton), Hallie Foote (Mary-Margaret Dutton), Keshia Knight Pulliam (Molly), Rue McClanahan (Frances Dutton), Jim Metzler (Joseph Dutton), Stephen E. Miller, John Rhys-Davies, Robyn Stevan, William Youmans, etc.

Duração: 86 minutos.

1987

THE LITTLE MERMAID

Título original: The Little Mermaid

Realização: Peter Sander (EUA, 1987) (TV); **Argumento:** Christine Larocque, Peter Sander, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 26 minutos.

1990

VANDRONIK

Título original: Vandronik

Realização: Ludvík Ráza (Itália, Áustria, França, República Checa, Checoslováquia, Alemanha, 1990) (TV); **Argumento:** Ludvík Ráza,

Hans
Christian
Andersen

Michael Schulz, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Fritz Bachschmidt, Sergio Fiorentini, Mapi Galán, Matthias Habich, Marián Labuda, Pavel Mang, Tomás Valík, Eva Vejmelková, Pavel Zedníček, etc.
Duração: 89 minutos.

1991

TEN

Título original: Ten

Realização: Mikhail Kozakov (EUA,1991) (TV); Argumento: Mikhail Kozakov, segundo peça de Yevgeni Shvarts baseada numa história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Konstantin Rajkin (Cientista/Sombra), Larisa Dolina (voz Yulia), Marina Dyuzheva (Princesa), Mikhail Kozakov (Caesar Borgia, jornalista, canibal), Spartak Mishulin (Ministro das Finanças), Vyacheslav Nevinyj (Piestro, pai de Annuaciata, gerente do hotel, canibal), Marina Neyolova (Yulia Juli), Sergei Nikitin (voz), Svetlana Stepchenko (voz Princesa), Aleksandr Tsekalo (Cantora), Anna Yampolskaya (Annuaciata), etc.

1991

THUMBELINA

Título original: Thumbelina

Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen (1991); **Duração:** 50 minutos.

1992

THE LITTLE MERMAID

Título original: The Little Mermaid

Realização: Jamie Mitchell (EUA,1992) [série de TV: 1992-1994]; Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Jodi Benson (Ariel), Samuel E. Wright (Sebastian), Mary Kay Bergman (Arista), Sheryl Bernstein (Aquata), Pat Carroll (Ursula), Danny Cooksey (Urchin), Edan Gross (Flounder I), Joachim Kemmer (Sebastian: versão alemã), Maurice LaMarche (Scuttle), Kenneth Mars, Anndi McAfee, Ashley Peldon, etc.

Duração: EUA: 30 minutos, Alemanha: 25 minutos.

1994

EL DETECTIVE Y LA MUERTE

Título original: El Detective y la Muerte

Realização: Gonzalo Suárez (Espanha, 1994); Argumento: Azucena Rodríguez, Gonzalo Suárez, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Javier Bardem (Dect. Cornelio), Carmelo Gómez (homem negro), María de Medeiros (María), Héctor Alterio (G.M.), Mapi Galán (Laura), Francis Lorenzo (Don Luis), Paulina Gálvez (Ofelia), Myriam De Maeztu (Rosa), Charo López (Duquesa), Jerzy Bonczak, etc.

1994

THUMBELINA

Título original: Thumbelina

Realização: Don Bluth, Gary Goldman (Irlanda, EUA, 1994); Argumento: Don Bluth, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Jodi Benson (Thumbelina), Gino Conforti (Jacquimo), Barbara Cook (Mãe), Will Ryan (Herói), June Foray (Rainha Tabitha), Kenneth Mars (Rei Colbert), Gary Imhoff (Príncipe Cornelius), Joe Lynch (Grundel), Charo (Mrs. Toad), Danny Mann (Mozo), Loren Lester (Gringo), Kendall Cunningham, Tawny Sunshine Glover, Michael Nunes, Gilbert Gottfried, etc.

Duração: 86 minutos.

1994

CISAROVY NOVE SATY

Título original: Cisarovy nove Saty

Realização: Juraj Herz (República Checa, Alemanha, 1994); Argumento: Bernd Fiedler, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Harald Juhnke (Kaiser), Andréa Ferréol (Herzogin), Jan Kalous (Tobias), Carsten Voigt (Lorenzo), Therese Herz (María), Andrej Hryc (Major), Juraj Herz (Plafond), Milos Nesvadba (Mestre de Cerimónias), Radek Kuchar (Tschako), Michaela Urbanová (Motte), Michal Matátek (Fussel), Annelie Herz (Jenny), etc.

Duração: 90 minutos.

1995

THE SNOW QUEEN

Título original: The Snow Queen

Realização: Martin Gates (Inglaterra, 1995); Argumento: Martin Gates, segundo história de Hans Christian Andersen; **Duração:** 75 minutos.

1995

TINĚSOLDIER

Título original:TINĚSoldier

Realização: Jon Voight, Gregory Gieras (EUA, 1995) (TV); Argumento: Patrick J. Clifton, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Trenton Knight (Billy), Jon Voight (Yarik), Ally Sheedy (Mãe de Billy), Dom DeLuise (Mr. Fallon), Bethany Richards (Toni), Aeryk Egan (Clyde), Pablo Irlando (Riordan), Brandon Harper (David), Stephon Harper (Dice), Travis Perkins, Dion Basco, Anita Gregory, Wanya Green, Jason Strickland, Bonnie Paul, etc.

Duração: 91 minutos.

1997

THE LITTLE MERMAID

Título original: The Little Mermaid (EUA, 1997)

Argumento: segundo história de Hans Christian Andersen (TV); **Duração:** 50 minutos.

1998

MIKOLA A MIKOLKO

Título original: Mikola a Mikolko

Realização: Dusan Trancík (Checoslováquia, 1988); Argumento: Jan Fleischer, Dusan Trancík, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Stefan Reck (Mikolko), István Hunyadkürthy (Mikola), Iva Bittová (Cantora Cigana), Stano Danciak, Pavel Fajt (Músico), Lola Forner (Zora), Leopold Haverl, Václav Koubek, Jaroslava Kretschmerová, Jan Kuzelka, Marta Raslová, Gundel Thormann, Mari Töröcsik, etc. **Duração:** 83 minutos.

1999

KLODS HANS

Título original: Klods Hans

Realização: Mihail Badica (Dinamarca, 1999); **Argumento:** Mihail Badica, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes** (vozes): Birgitte Raaberg, Søren Sætter-Lassen, Thomas Mørk, Lars Thiesgaard, Ole Fick, etc. **Duração:** 20 minutos.

1999

FANTASIA 2000

Título original: Fantasia/2000

Realização: James Algar (segmento "The Sorcerer's Apprentice"), Gaëtan Brizzi (segmento "The Firebird Suite"), Paul Brizzi (segmento "The Firebird Suite"), Hendel Butoy (segmentos "Pines of Rome" e "Piano Concerto No.2"), Francis Glebas (segmento "Pomp and Circumstance"), Eric Goldberg (segmentos "Rhapsody in Blue" e "Carnival of the Animals, The"), Pixote Hunt (segmento "Symphony No. 5"), Don Hahn, (EUA, 1999); **Argumento:** Oliver Thomas, Joe Ranft, Elena Driskill (conceito para "Death & Re-birth of the Forest"), Hans Christian Andersen (The Steadfast TINESoldier), Carl Fallberg, (segmento "The Sorcerer's Apprentice"), Joe Grant (criador do conceito original), Irene Mecchi, Perce Pearce, David Reynolds; **Intérpretes:** Steve Martin (apresentador), Penn Jillette (Penn Jillette), Wayne Allwine (voz Mickey Mouse); (segmento "The Sorcerer's Apprentice"): Leopold Stokowski (Leopold Stokowski), Teller (Apresentador); (segmento "Rhapsody in Blue"): Ralph Grierson (Pianista), Quincy Jones (Apresentador); (segmento "Pomp and Circumstance"): Kathleen Battle (Soprano), James Levine (Apresentador), Tony Anselmo (voz Donald Duck), Russi Taylor (voz Daisy Duck); (segmento "Carnival of the Animals"): James Earl Jones (Apresentador); (segmento "Pines of Rome"): Itzhak Perlman (Apresentador); (segmento "Piano Concerto No. 2"): Bette Midler (Apresentadora); (segmento "Firebird Suite, versão de 1919"): Angela Lansbury (Apresentadora), etc.

Duração: 75 min.

1999

LILLE PIGE MED SVOVLSTIKKERNE

Título original: Lille Pige med Svovlstikkerne

Realização: Jesper Maintz Andersen (Dinamarca, 1999); **Argumento:** Jesper Maintz Andersen, segundo romance de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Tina Vanting, Paula Øvlisen, Steen Bredsted, Bernt Ewald, Per Jacobsen, John G. Andersen, Kim S. Jensen, Brian T. Fabæk, etc. **Duração:** 10 minutos.

1999

A PEQUENA SEREIA

Título original: The Little Mermaid

Realização: Ron Clements, John Musker (EUA, 1989); **Argumento:** Roger Allers, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Música:** Alan Menken, Robby Merkin (canções), Jacques Offenbach ("Can Can" de ópera "Orphée aux enfers"); **Montagem:** Mark A. Hester; **Design de Produção:** Maureen Donley, Donald Towns; **Direção Artística:** Michael Peraza Jr., David Towns; **Direção de Produção:** Maureen Donley, Sutherland C. Ellwood, Stephen Hickner, Dorothy Aronica McKim, Richard Sullivan; **Departamento de arte:** Jan Browning, Susan Burke, Barbara Buske, Irma Cataya, Greg Chin, Fred Cline, Penny Coulter, Gary Eggleston, Janet English, Chuck Gefre, Maria Gonzalez, Barbara Hamane, Rhonda L. Hicks, Robert Kerr, Al Kirsten, Fran Kirsten, Michael D. Lusby, Ginni Mack, Cristy Maltese, Pam Manes, Bethann McCoy, Cherie McGowan, Tanya Moreau, Mónica Méndez, Rubén Procopio, Saskia Raevourl, Lisa Reinert, Laurie Sacks, Elsa Sebsto, Heidi Shellhorn, Debra Y. Siegel, Andrew Simmons, Ann Sorensen, Dan St. Pierre, Joann Tzuanos, Annette Vandenberg, Pam Vastbinder, Sharon Vincent, Loretta Weeks, Victoria Winner; **Som:** Ahmed Agrama, Kathleen Bennett, Charles L. Campbell, Óscar L. Díaz, Louis L. Edemann, Richard C. Franklin, Leonard T. Geschke, Theresa Gilroy, Kent Harrison Hayes, Ellen Heuer, Alan Howarth, David J. Hudson, Armetta Jackson-Hdamlett, Chris Jargo, Nils C. Jensen, Pamela G. Kimber, Derek Marcl, Jim Melton, Mel Metcalfe, Dennis Mosher, Chuck Neely, Mel Neiman, Jack M. Nietzsche Jr., Greg Orloff, Terry Porter, John Richards, Bruce Richardson, John Roesch Joseph T. Sabella, Larry Singer, Fabiola Stevenson, Carolyn Tapp, Thomas Whiting; **Efeitos especiais:** Jonathan Levit; **Efeitos visuais:** Dave Bossert, Glenn Chaika, Barry Cook, John Cunningham, Mark Dindal, Randy Fullmer, Christine Harding, Don Henry, Jeff Howard, Christopher Jenkins, Marti Julian, Ted Kiersey, Dorse A. Lanpher, Rob Maine, Rob Maine, Mark Myer, Kay Nielsen, Don C. Paul, Tina Price, Andrew Schmidt, Joseph Thomas, Eusebio Torres, John T. Van Vliet, Kelvin Yasuda; **Produção:** Howard Ashman, Maureen Donley, John Musker.

Intérpretes (vozes): Jodi Benson (Ariel), Christopher Daniel Barnes (Eric), Pat Carroll (Ursula), Jason Marin (Flounder), Samuel E. Wright (Sebastian), Kenneth Mars (Tritão), Buddy Hackett (Scuttle), Kimmy Robertson (Alana), Will Ryan (Cavalo Marinho), Ben Wright (Grimsby), Charles Adler (vozes adicionais), Jack Angel (vozes adicionais), Rene Auberjonois (Louis), Hamilton Camp (vozes adicionais), Nancy Cartwright, Violette Chauveau, Jim Cummings, Tim Curry, J.D. Daniels, Jennifer Darling, Paddi Edwards, Gail Farrell, Ed Gilbert, Gerrit Graham, Mark Hamill, Anne Lockhart, Edie McClurg, Mickie McGowan, Rod McKuen, Malachi Pearson, Lee Tockar, Robert Weil, Frank Welker, etc.

Duração: 83 minutos.

2000

SNEDRONNINGEN

Título original: Snedronningen

Realização: Jacob Jørgensen, Kristof Kuncewicz (Dinamarca, 2000); **Argumento:** Margrethe II, segundo história de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Margrethe II (Narradora), Christian Elmelund (Kay), Ronja Mannov Olesen (Gerda), Esther Knudsen, Birthe Bøgelund, Nathia Petersen, etc. **Duração:** 26 minutos.

2001

HANS CHRISTIAN ANDERSEN: MY LIFE AS A FAIRY TALE

Título original: Hans Christian Andersen: My Life as a Fairy Tale

Realização: Philip Saville (EUA, 2001) (TV); **Argumento:** Kit Hesketh-Harvey, segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Edward Atterton (Príncipe Christian da Dinamarca), Patrick Barlow (Ploppqvist), Lynda Bellingham (Senhoria), Steven Berkoff (Meisling), Kieran Bew (Hans Christian Andersen), Hugh Bonneville (Editor), Simon Callow (Charles Dickens), Mathieu Carrière (Otto), Jeff Caster, Sarah Cattle, Mark Dexter, Astrid Ebert, Tamsin Egerton, James Fox, Emily Hamilton, Caroline Harker, Charlie Hicks, Geraldine James, Anna Maguire, Flora Montgomery, Carolyn Pickles, Miranda Pleasence, Joe Prospero, Cheyenne Rushing, Esther Seib, Alison Steadman, Tom Strauss, etc.

2002

THE ANGEL

Título original: The Angel

Realização: Bogdan Darev (EUA, 2002); **Argumento:** Bogdan Darev; **Intérpretes:** Mark Alford (Billy), William Hardyman (Anjo), Parsons Scooter (Daniel), Vincent Scott (Zack), Mary Short (Mãe), etc.

Duração: 14 minutos.

Hans
Christian
Andersen

2002

THE SNOW QUEEN

Título original: **The Snow Queen**

Realização: David Wu (Inglaterra, EUA, 2002) (TV); Argumento: segundo conto de Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Bridget Fonda (Snow Queen), Jeremy Guilbaut (Kay), Chelsea Hobbs (Gerda), Robert Wisden (Wolfgang), Wanda Cannon (Minna), Meghan Black (Ladra), Jennifer Clement, Kira Clavell, Suzy Joachim, Duncan Fraser, Rachel Hayward, Jessie Borgstrom, Robert D. Jones, Alexander, Trever Havixbeck, etc. **Duração:** 180 minutos.

2002

200 YEARS HANS CHRISTIAN ANDERSEN

THE FAIRY TALER – THE MODERN CLASSICS OF HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Conjunto de 30 contos com cerca 26 minutos cada; Editados em Portugal em 9 DVDs.

Realização: Jorgen Lerdam (Irlanda, 2002); Argumentos de Gareth Williams, Ann McCabe e Ralph Christians, Bob Swain, Armin Prediger, Marcus Fleming, entre outros, segundo conto de H.C. Andersen; Música: Gregory Magee; Montagem: Jorgen Lerdam, Moe Honan; Animação: Marlene Langeson, Eddy May, Royce Ramos; Produçã: Michael Christensen, Daina Sacco, Maeve McAdam; MagmaFilms; Locução em Português: Ruy de Carvalho.

Duração: entre 75 e 78 minutos; Distribuição DVD em Portugal: Castello Lopes; Classificação: M/ 4 anos.

1. O PATINHO FEIO E OUTRAS HISTÓRIAS

O PATINHO FEIO O ANCIÃO

Título original: **The Ugly Ducking**

O JARDINEIRO E O SENHOR

Título original: **The Gardener and the Family**

SOPA DE SALSICHA

Título original: **Soup from a Sausage Skewer**

COMPANHEIRO DE VIAGEM

Título original: **The Travelling Companion**

Duração: 75 minutos; Distribuição DVD em Portugal: Castello Lopes; Classificação: M/ 4 anos.

2. A PEQUENA SEREIA E OUTRAS HISTÓRIAS

A PEQUENA SEREIA

Título original: **The Little Mermaid**

O ANCIÃO

Título original: **What the Old Man Does in Right**

É ABSOLUTAMENTE CERTO

Título original: **Its Quite True**

OLAVINHO FECHA-OS-OLHOS

Título original: **Ollie Shuteye**

3. O SOLDADINHO DE CHUMBO E OUTRAS HISTÓRIAS

O SOLDADINHO DE CHUMBO

Título original: **The Hardy Tin Soldier**

PEDRO E O TAMBOR

Título original: **The Golden Treasure**

O PROFESSOR E A PULGA

Título original: **The Professor and the Flea**

4. A ROUPA NOVA DO IMPERADOR E OUTRAS HISTÓRIAS

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

Título original: **The Emperor's New Suit**

OS NAMORADOS

Título original: **The Lovers**

O VELHO CANDEIRO

Título original: **The Old Street Lamp**

O GARGALO DA GARRAFA

Título original: **The Bottle Neck**

5. O ROUXINOL E OUTRAS HISTÓRIAS

O ROUXINOL

Título original: **The Nightingale**

AS GALOCHAS MÁGICAS

Título original: **The Goloshes of Fortune**

JOÃO PATETA

Título original: **Jack, the Fool**

6. A PRINCESA E A ERVILHA E OUTRAS HISTÓRIAS

A PRINCESA E A ERVILHA

Título original: **The Princess on the Pea**

O ABETO DE NATAL

Título original: **The Fir Tree**

AS FLORES DE IDINHA

Título original: **Little Ida's Flowers**

O GUARDADOR DE PORCOS

Título original: **The Swineherd**

7. OS CISNES SELVAGENS E OUTRAS HISTÓRIAS

OS CISNES SELVAGENS

Título original: **The Wild Swans**

A CAROCHINHA

Título original: **The Beetle**

O FUZIL

Título original: **The Thinderbox**



8. A RAINHA DO GELO E OUTRAS HISTÓRIAS

A RAINHA DO GELO

Título original: The Snow Queen

O BONECO DE NEVE

Título original: The Snowman

OS SALTADORES

Título original: The Jumper

9. A POLEGARZINHA E OUTRAS HISTÓRIAS

A POLEGARZINHA

Título original: Thumbelina

A ARCA VOADORA

Título original: The Flying Trunk

Hans
Christian
Andersen

2003

ASSISTENS KIRKEGÅRDEN

Título original: Assistens Kirkegården (Dinamarca, 2003)

Argumento: Sílvia Bellido (série de TV); **Duração:** 22 minutos (2 episódios).

2003

EN KONGELIG FAMILIE

Título original: En Kongelig Familie

Realização: Anna Lerche, Marcus Mandal (Dinamarca, 2003); **Argumento:** Anna Lerche, Marcus Mandal, segundo diários de Rainha Victoria; **Intérpretes** (alguns em imagens de arquivo) Christian IX, Rei Constantine II, Amedeo Duca D'Aosta, Hans Christian Andersen, Arveprins Knud, Ernst August Duque de Cumberland, David Bateson, Alexander Príncipe da Jugoslávia, Czar Aleksandr III, Czarina Maria Fyodorovna, Dronning Alexandrine, Dronning Ingrid, Dronning Louise, Dronning Maud, Dronning Sonja, Duque de Windsor, Flemming greve af Rosenborg, Anne Antiga Rainha da Roménia, Frederik IX, Frederik VIII, George Earl de Harewood, Joséphine-Charlotte Granduquesa de Luxemburgo, Kaiser Wilhelm II, Rei Christian X, Rei George V, Rei George VI, Rei Harald V, Rei Michael, Kronprins Frederik, Kronprins Haakon, Paul Kulikovsky, Xenia Kulikovsky, V.I. Lenin, Margrethe II, Donata Mecklenburg-Solodkoff, Príncipe Charles, Príncipe Michael da Grécia, Príncipe Michael de Kent, Heinrich Príncipe de Hannover, Príncipe Philip, Princesa Caroline do Mónaco, Princesa Diana, Louise Princesa da Prússia, Margarita Princesa da Roménia, Elisabeth Princesa da Ysenburg and Büdingen, Príncipe Aage, Príncipe Axel, Príncipe Erik, Princesa Benedikte, Princesa Margrethe, Princesa Marie, Princesa Thyra, Príncipe Hans, Príncipe Joachim, Príncipe Valdemar, Príncipe Viggo, Rainha Anne-Marie, Rainha Elizabeth II, Rainha Olga, Rainha Victoria, Princesa Olga Romanoff, Dimitri Romanov, Nikolai Romanov, Valdemar greve af Rosenborg, etc. **Duração:** 53 minutos.

2004

KEJSERENS NYE KLÆDER

Título original: Kejserens nye Klæder

Realização: Steen Dongo Jensen (Dinamarca, 2004) (TV); **Argumento:** Hans Christian Andersen; **Intérpretes:** Jesper Klein, Ove Pedersen, Mads Koudal, Ejnar Hans Jensen, Jan Tjerrild, Iben Miller, etc.

BIBLIOGRAFIA DE H.C. ANDERSEN Cronologia da sua obra

Hans
Christian
Andersen

- 1835 The Tinder-Box
1835 Little Claus and Big Claus
1835 The Princess and the Pea
1835 Little Ida's Flowers
1835 Little Tiny or Thumbelina
1835 The Saucy Boy
1835 The Travelling Companion
1836 This Fable Is Intended for You
1836 The Talisman
1836 God Can Never Die
1836 The Little Mermaid
1837 The Emperor's New Suit
1838 The Goloshes of Fortune
1838 The Daisy
1838 The Brave TINĒSoldier
1838 The Wild Swans
1838 The Garden of Paradise
1838 The Flying Trunk
1838 The Storks
1839 The Elf of the Rose
1840 What the Moon Saw
1840 The Wicked Prince
1842 The Metal Pig
1842 The Shepherd's Story of the Bond of Friendship
1842 A Rose from Homer's Grave
1842 The Buckwheat
1842 Ole-Luk-Oie, the Dream-God
1842 The Swineherd
1844 The Angel
1844 The Nightingale
1844 The Ugly Duckling
1844 The Top and Ball
1845 The Fir Tree
1845 The Snow Queen
1845 The Little Elder-Tree Mother
1845 The Elf in Hill
1845 The Red Shoes
1845 The Jumper
1845 The Shepherdess and the Sweep
1845 Holger Danske
1845 The Bell
1845 Grandmother
1846 The Darning-Needle
1846 The Little Match-Seller
1847 The Sunbeam and the Captive
1847 By the Almshouse Window
1847 The Old Street Lamp
1847 The Neighbouring Families
1847 Little Tuk
1847 The Shadow
1848 The Old House
1848 The Drop of Water
1848 The Happy Family
1848 The Story of a Mother
1848 The Shirt-Collar
1849 The Flax
1850 The Phoenix Bird
1851 A Story
1851 The Pigs
1851 The Puppet-Show Man
1851 The Dumb Book
1852 The Old Grave-Stone
1852 The Conceited Apple-Branch
1852 The Loveliest Rose in the World
1852 In a Thousand Years
1852 The Swan's Nest
1852 The Story of the Year
1852 On Judgment Day
1852 "There Is No Doubt About It."
1852 A Cheerful Temper
1853 A Great Grief
1853 Everything in the Right Place
1853 The Goblin and the Huckster
1853 Under the Willow-tree
1853 The Pea Blossom
1853 She Was Good for Nothing
1854 The Last Pearl
1854 Two Maidens
1855 "In the Uttermost Parts of the Sea"
1855 The Money-Box
1855 A Leaf from Heaven
1855 Jack the Dullard
1855 Ib and Little Christina
1856 The Thorny Road of Honor
1856 The Jewish Maiden
1857 The Bell-Deep
1857 A String of Pearls
1858 The Bottle Neck
1858 Soup from a Sausage Skewer
1858 The Old Bachelor's Nightcap
1858 Something
1858 The Last Dream of the Old Oak
1858 The A-B-C Book
1858 The Marsh King's Daughter
1858 The Races
1859 The Philosopher's Stone
1859 The Story of the Wind
1859 The Girl Who Trod on the Loaf
1859 Ole the Tower-Keeper
1859 Anne Lisbeth
1859 Children's Prattle
1859 The Child in the Grave
1859 Two Brothers
1860 The Pen and the Inkstand
1860 The Farm-Yard Cock and the Weather-Cock
1860 Beauty of Form and Beauty of Mind
1860 A Story from the Sand-Hills
1860 Moving Day
1861 The Butterfly
1861 The Bishop of Borglum and His Warriors
1861 The Mail-Coach Passengers
1861 The Beetle Who Went on His Travels
1861 What the Old Man Does Is Always Right
1861 The Snow Man
1861 The Portuguese Duck
1861 The New Century's Goddess
1861 The Ice Maiden
1861 The Psyche
1861 The Snail and the Rose-Tree
1861 The Old Church Bell
1862 The Silver Shilling
1863 The Snowdrop
1864 The Teapot
1865 The Bird of Popular Song
1865 "The Will-o-the-Wisp Is in the Town", Says the Moor-Woman
1865 The Windmill
1865 In the Nursery
1865 The Golden Treasure
1865 The Storm Shakes the Shield
1866 "Delaying Is Not Forgetting"
1866 The Porter's Son
1866 Our Aunt
1866 The Toad
1867 Vænø and Glænø
1868 The Little Green Ones
1868 The Goblin and the Woman
1868 Peiter, Peter and Peer
1868 Godfather's Picture Book
1868 Which is the Happiest?
1868 The Dryad
1869 The Days of the Week
1869 The Court Cards
1869 Luck May Lie in a Pin
1869 Sunshine Stories
1869 The Comet
1869 The Rags
1869 What One Can Invent
1869 The Thistle's Experiences
1869 Poultry Meg's Family
1870 The Candles
1870 Great-Grandfather
1870 The Most Incredible Thing
1870 Danish Popular Legends
1870 What the Whole Family Said
1870 Lucky Peer
1871 Dance, Dance, Doll of Mine!
1871 The Great Sea-Serpent
1871 The Gardener and the Manor
1872 What Old Johanne Told
1872 The Gate Key
1872 The Cripple
1872 Aunty Toothache
1873 The Flea and the Professor
1926 Croak
1926 The Penman
1949 Folks Say
1949 The Poor Woman and the Little Canary Bird
1949 Urbanus



PETER PAN
J. M. BARRIE

CineEco 2005



PETER PAN - O CENTENÁRIO DO RAPAZ QUE NÃO QUERIA CRESCER

Peter Pan
J. M. Barrie

Nunca uma obra destinada ao público infantil teve origem em tanto sofrimento na infância do seu autor. Nunca uma obra que proporcionou tanta alegria e felicidade nas suas diversas formas, ao longo de um século, teve, em pano de fundo, tantas tragédias familiares e pessoais, tantas histórias tristes. Nunca uma obra cujo tema é a juventude eterna e o desejo de imortalidade teve tão terríveis mortes associadas.

Peter Pan, do romancista e dramaturgo escocês J. M. Barrie (1860-1937), que se estreou faz hoje 100 anos, no Duke of York Theatre, em Londres, não se pode limitar ou confundir com a versão animada que Walt Disney fez dela em 1953, à qual a imagem feliz de Peter Pan ficou associada para a posteridade. E pela qual a figura de Barrie ficou na sombra para o grande público.

Na gênese de Peter Pan estão uma morte, um casamento infeliz e um encontro. No Inverno de 1867, tinha James Matthew Barrie sete anos, David, o seu irmão mais velho, e favorito da mãe, morreu ao patinar no gelo, o crânio esmagado após um choque com outro patinador. Segundo Andrew Barkin, biógrafo de Barrie e autor de J.M. Barrie and the Lost Boys, bem como realizador do telefilme homônimo, a morte do irmão foi «uma catástrofe indescritível», da qual a mãe, Margaret Ogilvy, nunca se recompôs. E se ela «tirou algum conforto da ideia que David, ao morrer ainda rapaz, permaneceria um rapaz para sempre», da mesma noção Barrie tirou inspiração para Peter Pan.

Em 1894, J. M. Barrie, já então um escritor famoso e respeitado, correspondente de Thomas Hardy e Robert Lewis Stevenson, casou-se com a atriz Mary Ansell. Foi um matrimônio infeliz. Barrie descreveu Mary como «a única mulher que eu quis amar, mas aparentemente, não consegui». O casal não teve filhos e divorciou-se em 1909.

Em 1898, o escritor, que era de pequena estatura mas usava um grande bigode, e costumava passear pelo Hyde Park de Londres com um enorme cão S. Bernardo, travou conhecimento com os irmãos George e Jack Llewellyn Davies, de quatro e cinco anos, que passeavam com a ama. Os pais, Arthur e Sylvia, tinham mais três filhos pequenos, Peter, Arthur e Nicholas.



Peter Pan
J. M. Barrie

Rapidamente, J. M. Barrie tornou-se íntimo dos Llewellyn Davies e no companheiro de brincadeiras favorito das crianças.

Em 1902, saiu o livro *The Little White Bird*, uma versão ficcional da relação de Barrie com as cinco crianças, onde aparece pela primeira vez a personagem de Peter Pan, um rapazinho que voa e vive na fantástica Terra do Nunca, onde se é eternamente jovem.

Dois anos mais tarde, estreou-se em Londres, com imediato e colossal sucesso, a peça *Peter Pan, or the Boy Who Wouldn't Grow Up*. Em 1906, a secção de *The Little White Bird* onde surge Peter Pan, foi publicada com o título *Peter Pan in Kensington Gardens*. Finalmente, em 1911, a peça foi transformada por Barrie no livro *Peter and Wendy*, mais tarde só *Peter Pan*.

Na figura de Peter Pan, J. M. Barrie uniu a devoção obsessiva ao irmão desaparecido; a amizade por Peter, o mais pequeno dos cinco Llewellyn Davies, no qual se revia, também, como irmão mais novo do falecido David; e traços das personalidades do quinteto de crianças, como escreveu no prefácio a *Peter Pan*, citado por Anthony Lane no ensaio *Lost Boys*, publicado na revista *The New Yorker* de 22 de Novembro: «Sempre soube que criei Peter esfregando-vos aos cinco violentamente uns contra os outros, tal como os selvagens fazem para tirar chamas de dois paus. É isso que ele é, a faísca que tirei de vocês.» Em 1907, Arthur Llewellyn Davies morreu de cancro na boca. Em 1910, foi a vez de Sylvia, de cancro nos pulmões. Barrie ficou guardião legal dos cinco órfãos, por desejo da mãe, expresso em testamento. E a tragédia continuou a perseguir o homem que, com Peter Pan, tinha criado, na literatura infantil, o mito da juventude perene, da imunidade à morte na flor da idade, bem como as crianças que o inspiraram. Em 1915, George Llewellyn Davies caiu em combate na Flandres. Em 1921, foi a vez de Michael, afogado em Oxford. Jack morreria de causas naturais, em 1959, um ano antes do suicídio de Peter. (O último dos irmãos, Nicholas, partiu em 1980). Em 1929, J. M. Barrie doou os direitos de Peter Pan ao Hospital Infantil de Great Ormond Street, em Londres. O escritor morreu em 1937 e está enterrado na sua vila natal de Kirriemuir, ao lado dos pais. E do irmão David.

Há mais de meio século que, na imaginação colectiva, a figura de Peter Pan está associada à

da longa-metragem de animação de Walt Disney, estreada em 1953. Apesar de ser graficamente fiel às personagens tal como J. M. Barrie as concebeu para o palco, e Arthur Rackham as desenhou depois, o filme não utilizou nenhum dos diálogos da peça e contribuiu para a dulcificação e a simplificação da personagem de Peter Pan.

Eurico de Barros, in DN

O Peter Pan de Régis Loisel

Obra-prima da banda desenhada europeia, o Peter Pan de Régis Loisel começou a ser publicado em 1990 e neste momento a série conta com seis volumes (quatro deles já editados em Portugal). Ao contrário da maior parte das adaptações de J. M. Barrie, Loisel não infantiliza a personagem - fá-la crescer num mundo dickensiano do final do século XIX, onde abundam a violência e o vício. Este é um Peter Pan que vive rodeado de prostitutas e bêbados, e cujos caminhos se cruzam com os de Jack, o Estrípador. Mesmo quando voa pela Terra do Nunca, o sangue, a dor e a morte estão sempre presentes.

O Peter Pan de Arthur Rackham

Peter Pan
J. M. Barrie

Considerado um dos maiores ilustradores britânicos, Arthur Rackham (1867-1939) foi contemporâneo de J. M. Barrie. Ilustrou vários clássicos da literatura infantil, caso de Alice no País das Maravilhas, Contos de Fadas dos Irmãos Grimm e Rip van Winkle, bem como contos de fadas tradicionais e livros para adultos, caso de Sonho de Uma Noite de Verão, de Shakespeare. O seu trabalho para Peter Pan in Kensington Gardens (1906), não tem nada do infantilismo que habitualmente se associa às ilustrações do clássico.

O Peter Pan de Steven Spielberg

Peter Pan saiu da Terra do Nunca, cresceu, casou, teve filhos, tornou-se num empresário obcecado com o trabalho e perdeu a magia e a capacidade de voar. Quando os seus filhos são raptados pelo capitão Gancho, Peter tem de redescobrir o seu antigo «eu», voltar à Terra do Nunca, confrontar o seu velho inimigo e salvar a prole. Esta é a história de Hook, realizado em 1991 por Steven Spielberg, e arruinado pelo sentimentalismo pingão do argumento e pela interpretação cabotina de Robin Williams em Peter Pan. Embora Dustin Hoffman seja um magnífico Gancho.

O verdadeiro Peter Pan

O pequeno Peter Llewellyn Davies, o mais novo dos cinco irmãos Davies, que inspirou ao escritor a personagem de Peter Pan, teve um fim trágico. Suicidou-se em 5 de Abril de 1960, atirando-se para debaixo de uma composição do Metro, em Londres. Trabalhava numa editora e costumava referir-se a Peter Pan como «essa terrível obra-prima». J. M. Barrie havia morrido muitos anos antes, em 19 de Junho de 1937, com 73 anos, famoso e coberto de honras, caso da Ordem do Mérito, a maior condecoração britânica.

O Peter Pan de Johnny Depp

J. M. Barrie era de pequena estatura, arvorava um enorme bigode, tossia continuamente, passeava-se com um cão enorme e tinha 38 anos quando conheceu os irmãos Lewellyn Davies



no Hyde Park, em Londres. Johnny Depp, que interpreta Barrie em À Procura da Terra do Nunca, de Marc Forster, tem de comum com Barrie apenas a idade (42 anos). O filme conta a história da relação de J.M. Barrie com a família Llewellyn Davies e de como o autor se inspirou nela para escrever Peter Pan.

JAMES M. BARRIE E “PETER PAN, A CRIANÇA CENTENÁRIA”

“Todas as crianças crescem, excepto uma. ”Quem não conhece Peter Pan, o rapazinho endiabrado, que teima em não crescer e que vive, na companhia da fada Sininho, num mundo de fantasia chamado Terra do Nunca? A história de Peter transformou-se num dos maiores clássicos da literatura infantil de todos os tempos. Aliás, hoje em dia, Peter Pan já não habita apenas as páginas do romance do dramaturgo e novelista escocês Sir James Matthew Barrie, pois são vários os filmes, séries televisivas e desenhos animados que retratam as aventuras da personagem. Ora, o que poucos imaginarão ao olhar para a aparência infantil e cheia de frescura de Peter Pan é que este menino já é centenário.

A personagem surgiu pela primeira vez no romance de J.M. Barrie “The Little White Bird” (“O Pequeno Pássaro Branco”), em 1902. Trata-se, no entanto, de uma aparição fugaz numa história em que o protagonista passeia com um rapazinho e lhe conta a história de uma criança que não quer crescer. O real nascimento de Peter Pan, que faz dele o centro de todas as atenções, é a peça de teatro infantil com o seu nome, que sobe ao palco em 1904, em Londres. Ainda assim, Peter seria imortalizado apenas sete anos mais tarde, aquando da edição em livro do romance infantil “Peter and Wendy”, que resulta de uma adaptação da peça de teatro, feita pelo próprio J.M. Barrie.

Peter Pan
J. M. Barrie

O elixir da juventude

Qual será então o segredo de Peter Pan para não crescer nem envelhecer, apesar da idade já avançada? Trata-se de uma personagem peculiar, bem mais complexa do que as suas aventuras fantasiosas e cheias de acção poderão sugerir. Peter Pan não é apenas uma



personagem que não quer crescer, pois todas as crianças que o acompanham também não se querem tornar adultos.

O que faz dele especial é o facto de ter consciência do que implica crescer e, por isso mesmo, se recusar, em absoluto, a fazê-lo. Como? É fácil: esquecendo. Peter Pan limpa da memória tudo o que não lhe interessa, incluindo essa mesma consciência. Ou seja, apaga da lembrança tudo o que não gosta, tornando todas as coisas efêmeras e impedindo-as de lhe causar sofrimento ou de lhe fazer falta. Peter Pan é uma espécie de último sobrevivente, aquele que resiste até ao limite, e que usa todos os meios para se manter tal como é. Um objectivo que o leva ao ponto de se esquecer do amor da sua mãe, passando a defender que “todas as mães servem apenas para contar histórias”. Curiosamente, Peter Pan acaba por esquecer-se das próprias histórias que vai vivendo. Para saber o que fez no passado, vê-se obrigado a ouvir as histórias contadas por raparigas que, como Wendy Darling, fazem o papel de sua mãe. Claro que, pouco tempo depois de ouvir as histórias, Peter vai esquecer-se delas novamente. E assim sucessivamente...

As fadas também morrem

No livro de J.M. Barrie, conhecemos Peter Pan através de Wendy, uma rapariga que vive com os pais e os dois irmãos mais novos que, certo dia, são visitados por Peter Pan e pela fada Sininho. Os três pequenos decidem, então, voar com Peter Pan até à Terra do Nunca, na Ilha da Fantasia, juntando-se aos “rapazes perdidos”. A partir daí, sucedem-se uma série de aventuras típicas da imaginação das crianças, em cenários difíceis de imaginar por um adulto. As personagens do romance são igualmente exóticas: piratas malvados, liderados pelo Capitão Gancho, inimigo de Peter Pan, que perdeu a mão direita quando um crocodilo (que tem um despertador na barriga) a comeu. Há também os índios peles-vermelhas, que combatem regularmente com os piratas, em sangrentas batalhas. Além dos animais estranhos, há ainda as fadas, personagens fundamentais para que as crianças possam viver na Terra do Nunca e, por exemplo, voar. A impulsiva Sininho é a mais conhecida de todas, pois acompanha Peter Pan em todas as suas

Peter Pan
J. M. Barrie



aventuras. Na verdade, todo o ciúme que Sininho sente em relação a Wendy sugere uma interessante paixão da fada pelo herói dos “rapazes perdidos”. Já agora, para quem não acredita em fadas, não se esqueçam de que, de cada vez que alguém diz que não acredita que as fadas existem, há uma delas que morre... É Peter Pan quem o garante.

Quem é J.M. Barrie?

Vários biógrafos têm procurado reconstituir a vida de Barrie. Sabe-se que nasceu em 1860, em Kirriemuir, na Escócia, e trabalhou como jornalista até se mudar para Londres, onde se tornou um prestigiado novelista, apesar das suspeitas de pedofilia. “Peter Pan” foi inspirado num menino que existiu mesmo e de quem o escritor e dramaturgo escocês se tornou amigo. Aliás, quando os pais de Peter morreram, foi Barrie quem ficou responsável pela sua educação, assim como pela dos seus três irmãos.

Contra a ideia de que Barrie teria uma atracção sexual por crianças, o biógrafo Andrew Birkin defende que “isso é totalmente falso”. E explica à “Newsweek”: “Analisiei toda a correspondência do escritor e não há nada de estranho ou suspeito. Além disso, entrevistei Nico, um dos irmãos de Peter, que me garantiu que nunca foi assediado por Barrie ou que houvesse algo desviante no seu comportamento.”

Peter Pan
J. M. Barrie

De acordo com diversos biógrafos, como Birkin e Janet Dunbar, Barrie era “impotente”, “assexuado” e “inocente como uma criança”. Já a crítica de teatro Lyn Gardner considera “Peter Pan” uma peça “perturbadora”. “Há algo de muito disfuncional na história de um rapaz que não quer crescer, nem tem desejos sexuais. Barrie pode ter criado uma história à sua semelhança, mas hoje ninguém acharia normal um escritor que andasse pelos jardins a fazer amizade com crianças.”

Barrie, que morreu em 1937, doou os direitos de autor de “Peter Pan” ao London’s Great Ormond Street Hospital. Como o contrato expira em 2007, a instituição já anunciou que está à procura de um escritor com o mesmo estilo de Barrie para escrever uma seqüela da história. Até agora ainda não foi revelado nenhum nome.

Uma aventura no cinema

O mundo mágico de J. M. Barrie há muito que seduziu o cinema. Logo em 1924, ainda no tempo do cinema mudo, o realizador Herbert Brenon dirigiu uma versão de “Peter Pan” em que o herói era interpretado por uma actriz, Betty Bronson. Três décadas depois, o clássico animado da Walt Disney regressa à Terra do Nunca com um sucesso em larga escala. Steven Spielberg também não resistiu às aventuras de Peter Pan e resolveu criar um novo rumo para o conto, com Robin Williams na pele do menino que afinal cresceu, casou-se e tornou-se num executivo. No elenco de “Hook” (1991) estavam ainda Dustin Hoffman (Capitão Gancho) e Julia Roberts (Fada Sininho). O jovem Seremy Sumpter foi também o intérprete de “Peter Pan” numa outra versão recheada de fantasia que P.J. Hogan realizou em 2003. Há ainda a considerar “À Procura da Terra do Nunca”, um retrato da vida e da obra do autor J.M. Barrie, interpretado por Johnny Depp. No filme, Barrie encontra-se dividido entre a carreira de dramaturgo e o convívio com os filhos de Sylvia Davies (Kate Winslet). E será a criação da história de Peter Pan que lhe permitirá encontrar um equilíbrio.

Diego Armés dos Santos, in Público, 8 de Dezembro de 2004

À PROCURA DA TERRA DO NUNCA

Como é que se escreve uma história tão maravilhosa e tão perene quanto a de Peter Pan? Com talento, suor e trabalho, mas uma imlosão de amor dentro do peito ajuda sempre. É isso o que nos mostra À Procura da Terra do Nunca, ficção biográfica sobre J.M. Barrie no momento em que concebeu, já lá vai um século, a história de um rapazinho que não havia de crescer em aventuras impensáveis num espaço de imaginário tão vasto e apaixonante que vem durando, desde então, na fantasia de todos nós. No essencial, esta fita de Marc Forster (cujo filme anterior – “Monster’s Ball”/Depois do Ódio - não o indiciava calhado para este tipo de registo) é um caso de amor.

Barrie, casado e prosperamente instalado como dramaturgo nos palcos londrinos, escreveu Peter Pan na seqüência do seu relacionamento com Sylvia Llewelyn Davies e os seus cinco filhos, relação amorosa, todavia platônica (pelo menos no filme) que desencadeou no escritor um universo de fantasia em que ele mesmo era participante activo, criança crescida na vivência plena de algo que ultrapassava o expectável e o socialmente admitido. “À Procura da Terra do Nunca” é a materialização, a um tempo fantástica e credível, de um estado de paixão profunda. Para a criar, Forster não hesita em misturar a conspícua e detalhada reconstituição de época com lances de pura cavalgada pelos terrenos do maravilhoso, às vezes sem transição de notação (como na espantosa representação de Peter Pan na casa da debilitada Sylvia) como se os dois territórios coexistissem dentro da realidade. Em verdade vos digo que quem conseguir resistir a uma lágrima de júbilo nesses momentos não anda vivo neste mundo de Deus. Johnny Depp é Barrie e Kate Winslet é Sylvia, mas o filme é todo dele. Parece deveras impossível, se pensarmos na imagem de marca do actor, que Depp consiga a sobriedade e a contenção necessárias para este desempenho, conjugar a gravidade e o suplemento de alma para a superar, a reserva e a paixão, o romantismo e a centelha de infantilidade controlada. É quase certo que pelo menos uma nomeação para o Óscar está no horizonte, senão mesmo a estatueta que até agora nunca recebeu. **J.L.R.**, in Expresso

Peter Pan
J. M. Barrie



PETER PAN NO CINEMA

1924

PETER PAN

Título original: Peter Pan

Realização: Herbert Brenon (EUA, 1924); **Argumento:** Willis Goldbeck, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Betty Bronson (Peter Pan), Ernest Torrence (Capitão Gancho), Cyril Chadwick (Mr. Darling), Virginia Brown Faire (Sininho), Anna May Wong (Tiger Lily), Esther Ralston (Mrs. Darling), George Ali (Nana, o cão), Mary Brian (Wendy Darling), Philippe De Lacy (Michael Nicholas Darling), Jack Murphy (John Napoleon Darling), Maurice Murphy (Tootles), Mickey McBan, George Crane Jr., Winston Doty, Weston Doty, etc.; **Duração:** 105 minutos.

1925

PETER PAN HANDLED

Título original: Peter Pan Handled

Realização: Walter Lantz (EUA, 1925); **Argumento:** Walter Lantz; **Produção:** John Randolph Bray; **Animação:** Walter Lantz, Clyde Geronimi;

Intérpretes: Walter Lantz.

1953

AS AVENTURAS DE PETER PAN

Título original: Peter Pan

Realização: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske (EUA, 1953); **Argumento:** Milt Banta, William Cottrell, Winston Hibler, Bill Peet, Erdman Penner, Joe Rinaldi, Ted Sears, Ralph Wright, segundo peça de J.M. Barrie; **Música:** Frank Churchill, Sammy Fain, Ted Sears, Oliver Wallace (canções); **Montagem:** Donald Halliday; **Departamento de Arte:** Phyllis Craig; **Som:** Robert O. Cook, C.O. Slyfield, Harold J. Steck, Al Teeter; **Efeitos Visuais:** Blaine Gibson, Dan MacManus, Joshua Meador, George Rowley, Henry Brandon; **Produção:** Walt Disney.

Intérpretes (vozes): Bobby Driscoll (Peter Pan); Kathryn Beaumont (Wendy Moira Angela Darling), Hans Conried (Capitão Gancho/Mr. George Darling); Bill Thompson (Mr. Smee); Heather Angel (Mrs. Mary Darling), Paul Collins, Tommy Luske, Candy Candido, Tom Conway, Roland Dupree, Don Barclay, etc.

Duração: 76 minutos; **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 4 anos.

1955

PETER PAN

Peter Pan (Brasil, 1955) [Série de TV]

Argumento: segundo peça de J.M. Barrie.

1960

PETER PAN

Título original: Peter Pan

Realização: Vincent J. Donohue (EUA, 1960 - TV); **Argumento** segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Mary Martin (Peter Pan), Cyril Ritchard (Capitão Gancho/George Darling), Maureen Bailey (Wendy/Jane), Margalo Gillmore (Mrs. Darling), Sondra Lee (Tiger Lily), Joe E. Marks (Smee), Joey Trent (John), Kent Fletcher (Michael), Jacqueline Mayro (Liza), Edmund Gaynes (Slightly), Bill Snowden (Curly), Carson Woods (Nibs), Brad Herрман, Luke Halpin, David Komoroff, etc.; **Duração:** 100 minutos.

Nota: Em 1954, "Peter Pan" estreou-se na Broadway como peça teatral com um elenco encabeçado por Mary Martin. Procurou-se nessa altura colocar "Peter Pan" na televisão, mas só no ano seguinte, 1955, surgiram os primeiros shows transmitidos ao vivo e dedicados a esta peça, com a participação de todo o elenco que aparecia no teatro, tornando-se rapidamente num dos maiores sucessos televisivos de sempre. Em 1960, surge a primeira gravação do mesmo espectáculo, mantendo-se quase integral o elenco (mudavam apenas as crianças). Foi uma das primeiras vezes que se apresentou na televisão uma réplica igual ao musical da Broadway.

1962

PETER PAN

Título original: Peter Pan

Realização: Paul Verhoeven (RDA, 1962 - TV); **Argumento** traduzido por Erich Kästner, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Wolf Ackva (Herr Darling), Michael Ande (Peter Pan), Helga Anders (Wendy Darling), Panos Papadopoulos (Pirata), etc.

1976

Título original: Peter Pan

Realização: Dwight Hemion (EUA, 1976 - TV); **Argumento** segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Mia Farrow (Peter Pan), Danny Kaye (Capitão Gancho), John Gielgud (Narrador), Paula Kelly (Tiger Lily), Virginia McKenna (Mrs. Darling), Briony McRoberts (Wendy), etc.

Nota: Outra adaptação para TV de uma nova versão teatral do musical, com reprodução de muitas canções da versão de Mary Martin, a que se acrescentaram novos números. Um elenco de luxo.

1986

PETER PAN

Título original: Peter Pan (EUA, 1986)

Argumento segundo obras e peça de J.M. Barrie; **Intérprete** (voz): Olivia Martin. Animação.

1987

PETER PAN

Título original: Peter Pan

Realização: Leonid Nechayev (URSS, 1987 - TV); **Argumento** segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Evgeniy Bulat, Katerina Chernenko, Yelena Kamburova (Mrs. Darling - voz), Elena Popkova (Wendy), Natalija Proshunina (Mrs. Darling), Aleksandr Trifimov (James Hook), Lembit Ulfaks (Mr. Darling), Sergei Vlasov (Peter Pan), Denis Zajtsev, etc.; **Duração:** 135 minutos.

1989

IO, PETER PAN

Título original: *Io, Peter Pan*

Realização: Enzo De Caro (Itália, 1989); **Argumento:** Francesco Asioli, Enzo De Caro, Giangiaco Nasì; **Intérpretes:** Roberto Citran (Fabio), Mariella Valentini (Luisa), Carlo Cartier (Vittorio), Claudia Casaglia, Milly Corinaldi, Angela Finocchiaro (Daniela), Violaine Ledoux (Giulia), Paolo Paoloni (Dentist), Ermanno Ribauda (Ermanno), Diego Ribon, Jacques Sernas (Bernard), etc.; **Duração:** 92 minutos.

1989

PEETA PAN NO BOUKEN

Título original: *Peeta Pan no bouken* ou *The Adventures of Peter Pan*

Realização: Yoshio Kuroda, Takashi Nakamura (Japão, 1989 – Série de TV); **Argumento:** Man Shimada, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes** (vozes): Noriko Hidaka (Peter Pan), Naoko Matsui (Wendy), Kyôko Hamura (John), Yuriko Fuchizaki (Michael), Sumi Shimamoto (Sininho), Yûko Mitsuda (Curly), Kazue Ikura (Turtles), Hiroko Edô (Slightly), Maria Kawamura (Tiger Lily/Lua), Hisako Kyôda, Chikao Ôtsuka (Capitão Gancho), Kenichi Ogata, etc.; **Duração:** 41 episódios de animação / 24 minutos cada.

1990

PETER PAN AND THE LOST BOYS

Título original: *Peter Pan and the Lost Boys* [série de TV]

Argumento segundo obras e peça de J.M. Barrie.

Nota: Peter Pan vive em Neverland com um grupo de órfãos, com a Sininho e os filhos da família Darling, Wendy, John e Michael. Muitas aventuras nesta série de animação, com as crianças a serem constantemente ameaçadas pelo Capitão Gancho e o seu bando de safados.

1990

PETER PAN AND THE PIRATES

Título original: *Peter Pan and the Pirates*

Realização: John D. Wilson (EUA, 1990 – série de TV); **Argumento:** Peter Lawrence, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes** (vozes): Chris M. Alport (Tootles Darling), Jack Angel (Cookson/Mullins), Adam Carl (Nibs), Tim Curry (Capitão Gancho), Debi Derryberry (Tinker Bell), Ed Gilbert (Smee), Whit Hertford (Michael Darling), Tony Jay (Alf Mason), Christina Lange (Wendy Darling), Aaron Lohr, Jack Lynch (John Darling), Jason Marsden (Peter Pan), Scott Menville (Slightly), Cree Summer (Tigerlily), Eugene Williams (Billy Jukes), Michael Wise, etc.

1991

HOOK

Título original: *Hook*

Realização: Steven Spielberg (EUA, 1991); **Argumento:** James V. Hart, Nick Castle, Malia Scotch Marmo, segundo a obra e peça de J.M. Barrie; **Música:** John Williams; **Fotografia (cor):** Dean Cundey; **Montagem:** Michael Kahn; **Casting:** Janet Hirschenson, Michael Hirschenson, Jane Jenkins; **Design de Produção:** Norman Garwood; **Direção Artística:** Andrew Precht, Thomas E. Sanders; **Decoração:** Garrett Lewis; **Guarda-roupa:** Anthony Powell; **Maquilhagem:** Adelbert Acevedo, Judith A. Cory, Dorothy D. Fox, Susan, Schuler-Page, Christina Smith, Monty Westmore, etc.; **Direção de Produção:** Gerald R. Molen; **Assistentes de Realização:** Ronnie Chong, Bruce Cohen, Carla McCloskey; **Departamento Artístico:** Henry Albertir, Thomas Betts, Steven Braund, Jeff Brown, Clete Cetrone, Donald E. Chafey Jr., Gary J. Coelho, Delbert Diener, Daniel T. Dorrance, Edward Eyth, David Gabrielli, Randy Gunter, Kirk D. Hansen, Joseph A. Hodges, Peter J. Kelly, Mark Konkel, Thomas W. Lay Jr., Iain McCaig, etc.; **Som:** James Ashwill, Kevin Bartnof, Raul A. Bruce, Charles L. Campbell, Desmond Cannon, Paul Timothy Carden, Tim Chau, Jeffrey Cupernell, Greg Dennen, Louis L. Edemann, Richard C. Franklin, Hank Garfield, Albert Gasser, Joseph Geisinger, Leonard T. Geschke, Marilyn Graf, Hilda Hodges, Robert Jackson, William Jacobs, Chris Jargo, Nils C. Jensen, Ron Judkins, etc.; **Efeitos Especiais:** David Beasley, Roland Blancafor, Steve Bunyes, Randy Cabral, Larry DeUnger, Kim Derry, Donald Elliott, Michael Lantieri, Brian Tipton, etc.; **Efeitos Visuais:** Eric Brevig, Kim Bromley, Anne Calanchini, Charlie Clavadetscher, Susan Adele Colletta, Debbie Denise, John Ellis, Stefen Fangmeier, Bruno George, Rae Griffith, Edward Hirsch, Stephanie S. Jaffee, Harley Jessup, Ed Jones, Shari Malyn, Jack Mongovan, Jim Morris, Patrick T. Myers, Kimberly K. Nelson, Kristen D. Niederholzer, Lorne Peterson, Josh Pines, Mark Sullivan, Wes Takahashi, Dave Tanaka, Bruce Walters, Judith Weaver, etc.; **Produção:** Gary Adelson, Craig Baumgarten, Bruce Cohen, Dodi Fayed, James V. Hart, Kathleen Kennedy, Malia Scotch Marmo, Frank Marshall, Gerald R. Molen. **Intérpretes:** Dustin Hoffman (Capt. James S. Hook), Robin Williams (Peter Banning/Peter Pan), Julia Roberts (Sininho), Bob Hoskins (Smee – criado do Capit. Gancho/Homem do lixo nos Jardins Kensington), Maggie Smith (Avó Wendy/Wendy – meia-idade), Caroline Goodall (Moira Banning), Charlie Korsmo (Jack 'Jackie' Banning), Amber Scott (Maggie Banning), Laurel Cronin (Liza – governanta), Phil Collins (Insp. Good), Arthur Malet (Tootles), Isaiah Robinson (Pockets), Jasen Fisher (Ace), Dante Basco (Rufio (Rei dos Lost Boys), Raushan Hammond (Thud Butt), James Madio (Don't Ask), Thomas Tulak (Too Small), Alex Zuckerman (Latchboy), Ahmad Stoner (No Nap), Bogdan George, Adam McNatt, Ryan Francis (Jovem Peter Pan), Maxwell Hoffman (Peter Pan – 5 anos), Kelly Rowan (Mãe de Peter) Gwyneth Paltrow (Jovem Wendy), Stephanie Furst, Shannon Marie Kies, Regina Russell, Jewel Newlander Hubbard, Jeannine Renshaw, Rebecca Hoffman, Jeannine Wagner, Francesca Serrano, Kevin Gasca, Andre Bollinger, Lauren Friedler-Gow, Bryce Armstrong, Margie Takeda, Alyson Healing, Zoe Koehler, Scott Williamson, Wayne Aten, Michael Hirschenson, Jake Hoffman, Geoff Lower, Don S. Davis, Brad Parker, Brenda Isaacs Booth, Ian Cobler, Ruth de Sosa, Stuart White, Glenn Close, Robert Amico, Jimmy Buffett, Lonnie Burr, Brian DiMuccio, Carrie Fisher, Rick Kleber, George Lucas, Bruce Mahler, John Michael, Lisa Wilhoit, etc. **Duração:** 144 minutos; **Distribuição** em Portugal: Filmes Lusomundo; **Classificação etária:** M/ 6 anos.

1991

DE-AS FI PETER PAN

Título original: *De-as fi Peter Pan*

Realização: Gheorghe Naghi (Roménia, 1991); **Intérpretes:** Radu Andrei, Adriana Lungu, Andrei Niculescu, Ilinca Tomoroveanu, Valentin Urutescu (narrador), etc.

1991

LE SYNDROME DE PETER PAN

Título original: *Le Syndrome de Peter Pan*

Realização: Kaloust Andalian (Itália, 1991); **Argumento:** Kaloust Andalian; **Intérpretes:** Charlotte Véry (Hélène).

1996

PETER PAN É UNA RAGAZZA

Título original: *Peter Pan é una ragazza*

Realização: Chiara Cremaschi (Itália, 1996); **Argumento:** Chiara Cremaschi. Curta-metragem.

1997

YOU CAN FLY!

Título original: *You Can Fly! : The Making of Walt Disney's Masterpiece 'Peter Pan'* (EUA, 1997)

Argumento: Jeff Kurtji; **Intérpretes:** Walt Disney, Leonard Maltin, Bobby Driscoll, Kathryn Beaumont, Hans Conried, Frank Thomas, Margaret Kerry, etc. Documentário.

Duração: 16 minutos.

2000

LA SOMBRA DE PETER PAN

Título original: *La Sombra de Peter Pan*

Realização: Jorge Barrio (Espanha, 2000).

2000

PETER PAN

Título original: *Peter Pan*

Realização: Glenn Casale, Gary Halvorson (EUA, 2000 - TV); Argumento: segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Barbara McCulloh (Mrs. Darling & Mermaid), Elisa Sagardia (Wendy Moira Angela Darling), Barry Cavanagh (John Darling), Drake English (Michael Darling), Dana Solimando (Liza & Tiger Lily), Thomas Buck Mason (Nana & Bill Jukes & Crocodile), Paul Schoeffler (Mr. Darling & Capitão Gancho), Cathy Rigby (Peter Pan), Alon Williams (Curly), Janet Higgins, Joseph Favalora, Scott Bridges, Hally McGehean (Tootles), Michael Nostrand (Mr. Smee), Tony Spinoza, etc.

Nota: Nova versão do musical da Broadway, recolhido em versão para televisão.

2002

PETER PAN NA TERRA DO NUNCA

Título original: *Return to Never Land*

Realização: Robin Budd e Donovan Cook (EUA, 2002); Argumento: Temple Mathews, J.M. Barrie e Carter Crocker; Música: John Flansburgh, John Linnell, Joel McNeely; Montagem: Anthony F. Rocco; Design de produção: John Kleber; Direção artística: Wendell Luebbe; Direção de produção: Dan Forster, Ian Harrowell, Keiji Kishi, Barbara Olson, Kevin Wade; Som: Jeannette Cremarosa, Ronald Eng, Richard C. Franklin, David Grimaldi, Doug Jackson, Shawn Murphy, Judy Nord, Terry Porter, Carlos Sotolongo, Dean A. Zupancic; Efeitos especiais: Del Larkin, Adam Phillips; Produção: Christopher Chase, Chris Henderson, Michelle Pappalardo-Robinson, Dan Rounds, Lizbeth Velasco.

Intérpretes (vozes): Harriet Owen (Jane & Young Wendy), Blayne Weaver (Peter Pan), Corey Burton (Capitão Hook), Jeff Bennett (Smee & Piratas), Kath Soucie (Wendy), Andrew McDonough (Danny), Roger Rees (Edward), Spencer Breslin (Cubby), Bradley Pierce (Nibs), Quinn Beswick (Slightly), Aaron Spann (Twins), Dan Castellaneta, Jim Cummings, Rob Paulsen, Clive Revill, Frank Welker, Wally Wingert, etc.

Duração: 72 minutos: Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Classificação Etária: M/ 6 anos.

Peter Pan
J. M. Barrie

2003

PETER PAN

Título original: *Peter Pan*

Realização: P.J. Hogan (EUA, 2003); Argumento: P.J. Hogan, Michael Goldenberg, segundo peça de J.M. Barrie; Música: James Newton Howard; Fotografia (cor): Donald McAlpine; Montagem: Garth Craven, Michael Kahn, Paul Rubell; Casting: Shaheen Baig, Kerry Barden, Antoinette Boulat, Deborah Maxwell Dion, Billy Hopkins, Suzanne Smith; Design de produção: Roger Ford; Direção artística: Alicia Maccarone, Michelle McGahey; Decoração: Kerrie Brown; Guarda-roupa: Janet Patterson; Maquilhagem: Nikki Gooley, Tracey Lee, Vivienne MacGillcuddy, Annette Miles, Anita Morgan, Shane Thomas; Direção de produção: Jennifer Cornwell, Stephen Jones, Peter M. Tobyansen; Assistentes de realização: Marc Ashton, Shirley Barrett, Bish Bishop, Darwin Brooks, Carolynne Cunningham, Peter McLennan, Conrad E. Palmisano, Simon Warner; Departamento de arte: Romulo Adriano Jr., Martin Ash, ac Charlton, Godric Cole, Ed Cotton, Judith Harvey, Richard Hobbs, Patrick Janicke, Peter Milton, Michelle Moen, Dale Mackie; Som: Tom Johnson, Rick Kline, Ben Osmo, Gary Rydstrom, Christopher Scarabosio; Efeitos especiais: Bruce Bright, Tony Centonze, Peter Exton, Clay Pinney, Juliet Verni; Efeitos visuais: Philip Edward Alexy, Joel Aron, Eric Brevig, Shad Davis, Lindy DeQuattro, Michelle Dean, Jenn Emberly, Leigh Ann Fan, Scott Farrar, David M. Gray, Luis Labrador, Margaret B. Lynch, Kenneth Nakada, Paula Nederman, Cat Thelia; Produção: Gary Adelson, Mohamed Al-Fayed, Craig Baumgarten, Gloria S. Borders, Lucy Fisher, Stephen Jones, Gail Lyon, Patrick McCormick, Jocelyn Moorhouse, Charles Newirth, Douglas Wick.

Intérpretes: Jason Isaacs (Mr. Darling/Capitão Gancho), Jeremy Sumpter (Peter Pan), Rachel Hurd-Wood (Wendy Darling), Lynn Redgrave (Tia Millicent), Richard Briers (Smee), Olivia Williams (Mrs. Darling), Geoffrey Palmer (Sir Edward Quiller Couch), Harry Newell (John Darling), Freddie Poplewell (Michael Darling), Ludivine Sagnier (Tink), Theodore Chester (Slightly), Rupert Simonian (Tootles), George MacKay (Curly), Harry Eden (Nibs), Patrick Gooch, Lachlan Gooch, Carsen Gray, Maggie Dence, Kerry Walker, Mathew Waters, Alan Cinis, Frank Whitten, Bruce Spence, Daniel Wylie, Brian Carbee, Don Battee, Frank Gallacher, Septimus Caton, Jacob Tomuri, Venant Wong, Phil Meacham, Darren Mitchell, Michael Roughan, Bill Kerr, Celeste MacIlwaine, Spike Hogan, Patrick Hurd-Wood, Brooke Duncan, Themora Bourne, Alexander Bourne, Bruce Myles, Maya Barnaby, Tory Mussett, Ursula Mills, Nadia Pirini, Vij Kaewanan, Janet Strauss, Sam Morely, Brendan Shambrook, Saffron Burrows e o cão Rebel, etc.

Duração: 113 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo Audiovisuais; Estreia em Portugal: 25 de Março de 2003; Classificação etária: M/ 6 anos.

2004

CLARA ET MOI

Título original: *Clara et moi* ou *Le Syndrome de Peter Pan*

Realização: Arnaud Viard (França, 2004); Argumento: Arnaud Viard; **Intérpretes:** Julien Boisselier (Antoine), Julie Gayet (Clara), Michel Aumont (Le père d'Antoine), Sacha Bourdo (Alain), Antoine Duléry (BT), Pascale Arbillot (Isabelle), Sophie Mounicot (Géraldine), Riton Liebman (Didier), Frédéric Pierrat (Étienne), Christian Charmentant (L'analyste), Marianne Viard (Marianne), Cyril Bedel (Benoit), Marie-Laure Copie (Marie-Laure), Anne Didier (Coco), Marc Prin (Stéphane), etc.; **Duração:** 81 minutos.

2004

À PROCURA DA TERRA DO NUNCA

Título original: *Finding Neverland*

Realização: Marc Forster (EUA, Inglaterra, 2004); Argumento: David Magee, segundo peça teatral de Allan Knee ("The Man Who Was Peter Pan"); Música: Jan A.P. Kaczmarek; Fotografia (cor): Roberto Schaefer; Montagem: Matt Chesse; Casting: Kate Dowd; Design de produção: Gemma Jackson; Direção artística: Peter Russell; Decoração: Trisha Edwards; Guarda-roupa: Alexandra Byrne, Mary Kelly; Maquilhagem: Christine Blundell, Denise Kum, Nuria Mbomio; Direção de produção: Tim Porter; Assistentes de realização: Joanna Crow, Martin Harrison, Finn McGrath, Rosie Newall, Alex Streeter; Departamento de arte: Ray Barrett, Dean Clegg, Derek Cowie, Robert J. Dugdale, Robert Dugdale, Carol Kupisz, Howard Weaver; Som: Matthew Collinge, Jeffery Alan Jones, James Mather, Danny Sheehan; Efeitos especiais: Stuart Brisdon, Laurent Makowski; Efeitos visuais: Jam Abelanet, Timothy Michael Cairns, Kevin Tod Haug, Jesper Kjølrsrud, Leslie McMinn, Paul Riddle, Xavier Roig; Produção: Tracey Becker, Nellie Bellflower, Gary Binkow, Michael Dreyer, Richard N. Gladstein, Neal Israel.

Intérpretes: Johnny Depp (Sir James Matthew Barrie), Kate Winslet (Sylvia Llewelyn Davies), Julie Christie (Mrs. Emma du Maurier), Radha Mitchell (Mary Ansell Barrie), Dustin Hoffman (Charles Frohman), Freddie Highmore (Peter Llewelyn Davies), Joe Prospero (Jack Llewelyn Davies), Nick Roud (George Llewelyn Davies), Luke Spill (Michael Llewelyn Davies), Ian Hart (Sir Arthur Conan Doyle), Kelly Macdonald (Peter Pan), Mackenzie Crook (Mrs. Jaspers / Usher), Eileen Essel (Mrs. Snow), Jimmy Gardner (Mr. Snow), Oliver Fox (Gilbert Cannan), Angus Barnett (Nana/Mr. Reilly), Toby Jones (Smee), Kate Maberly (Wendy), Matt Green (John), Catrin Rhys (Michael Darling), Tim Potter (Gancho/Lord Carlton), Jane Booker (Mrs. Darling), Paul Whitehouse (Director de Palco), Catherine Cusack (Sarah), Kali Peacock (Emma), Robert Oates (Médico - Casa-de-campo), Nicholas Pritchard (Médico - Hospital), Jonathan Cullen (Dr. Brighton), Suzy Kewer (Mary McCormack), Raymond Waring, Laura Duguid, Sevan Stephan, Rosie Ede, Richard Braine, Tobias Menzies, Tony Way, Murray McArthur, etc.

Duração: 106 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; Classificação: M/6 anos; Estreia em Portugal: 30 de Dezembro de 2004.

_OUTRAS OBRAS DE J.M.BARRIE ADAPTADAS AO CINEMA

Título original: *Shipwrecked*

Realização: ? (EUA, 1913), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Guy Coombs (The Valet), Anna Q. Nilsson (The Daughter), Henry Hallam (Thomas), Harry F. Millarde (Howard).

Título original: *The Man of Her Choice*

Realização: Francis Ford (EUA, 1914); Argumento: Grace Cunard, segundo história de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Francis Ford, Grace Cunard, Harry Montague.

Título original: *Rosy Rapture*

Realização: Percy Nash (EUA, 1914); Argumento: J.M. Barrie; **Intérpretes:** Gaby Deslys (Rosy Rapture), Biddy de Burgh (Hon Babbette), John East, G.K. Chesterton, George Bernard Shaw.

Título original: *The Little Minister*

Realização: Percy Nash (Inglaterra, 1915); Argumento: J.M. Barrie; **Intérpretes:** Joan Ritz (Babbie), Gregory Scott (Gavin Dishart), Henry Vibart (Rob Dow), Fay Davis (Margaret Dishart), Dame May Whitty (Nanny Webster), Douglas Payne (Lord Rintoul), Frank Tennant (Captain Halliwell), John East (Thomas Whamond), Brian Daly (Sneaky Hobart), Douglas Cox (Silva Tosh), Alfred Wilmore (Micah Dow).

Título original: *Sentimental Tommy*

Realização: Toby Cooper (Inglaterra, 1915), segundo peça de J.M. Barrie.

Peter Pan
J. M. Barrie

Título original: *The Little Gypsy*

Realização: Oscar Apfel (EUA, 1915); Argumento: Mary Murillo, segundo romance de J.M. Barrie; **Intérpretes:** B. Barker, Thurlow Bergen (Gavin Desart), Dorothy Bernard (Babbie), Riley Hatch (as William Riley Hatch), W.J. Herbert, Julia Hurlay, Raymond Murray; **Duração:** 50 minutos.

Título original: *The Real Thing at Last*

Realização: L.C. MacBean (EUA, 1916), segundo peças de J.M. Barrie e William Shakespeare; **Intérpretes:** Edmund Gwenn (Rupert K. Thunder), Nelson Keys (Lady Macbeth), Godfrey Tearle (Macduff), Owen Nares (General Banquo), Norman Forbes (Duncan), Caleb Porter (Witch), George Kelly (Witch), Ernest Thesiger (Witch), Gladys Cooper (American Witch), Teddie Gerard (American Witch), Pauline Chase (American Witch), Frederick Volpe (Murderer), Moya Manning (Messenger), A.E. Matthews (Murdered), Marie Lohr (Murdered).

Título original: *What Every Woman Knows*

Realização: Fred W. Durrant (Inglaterra, 1917), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Hilda Trevelyan (Maggie Wylie), A.B. Imeson, Maud Yates (The Comtesse), Madge Tree (Mother).

Título original: *The Admirable Crichton*

Realização: G.B. Samuelson (Inglaterra, 1918); Argumento: Kenelm Foss, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Basil Gill (Crichton), Mary Dibley (Lady Mary), James Lindsay (Woolley), Lennox Pawle (Lord Loam), Lillian Hall-Davis (Agatha).

Título original: *Male and Female*

Realização: (EUA, 1919); Argumento: Jeanie Macpherson, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Lila Lee (Tweeny (scullery maid), Theodore Roberts (Lord Loam), Raymond Hatton (Honorable Ernest 'Ernie' Wolley), Mildred Reardon (Lady Agatha 'Aggie' Lasenby), Gloria Swanson (Lady Mary Lasenby), Thomas Meighan (Crichton - butler), Robert Cain (Lord Brockelhurst); **Duração:** 116 minutos.

Título original: *Half an Hour*

Realização: Harley Knoles (EUA, 1920); Argumento: Clara Beranger, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Dorothy Dalton (Lady Lillian Garson), Charles Richman (Richard Garson), Albert L. Barrett (Hugh Paton), Frank Losee (Dr. George Brodie), H. Cooper Cliffe (Earl of Westford).

Título original: *The Will*

Realização: A.V. Bramble (Inglaterra, 1921); Argumento: Eliot Stannard, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Milton Rosmer (Philip Ross), Evangeline Hilliard (Emily Ross), J. Fisher White (Mr. Devises), Alec Fraser (Robert Devises), Reginald Bach (Lord Chelsea), Mary Brough (Bessie), Anthony Holles (Charles Ross).

Título original: *The Little Minister*

Realização: Penrhyn Stanlows (EUA, 1921); Argumento: Edfrid A. Bingham, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Betty Compson (Lady Babbie), George Hackathorne (Gavin), EdwINÉStevens (Lord Rintoul), Nigel Barrie (Captain Halliwell), Will Walling (Dr. McQueen), Guy Oliver (Thomas Whammond), Fred Huntley (Peter Tosh), Robert Brower (Hendry Munn), Joseph Hazelton (John Spens), Mary Wilkinson (Nanny Webster).

Título original: *Sentimental Tommy*

Realização: John S. Robertson (EUA, 1921); Argumento: Josephine Lovett, segundo histórias de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Malcolm Bradley (Dominoe Cathro), Harry Coleman (Cpl. Shiach), Kate Davenport (Gavinia), George Fawcett (Dr. McQueen), Leila Frost (Elsbeth Sandys), Gareth Hughes (Tommy Sandys), Kempton Greene (Dr. David Gemmell), Alfred Kappeler (The Little Minister), May McAvoy (Grizel), Mabel Taliaferro (The Painted Lady), Virginia Valli (Lady Alice Pippinworth).

Título original: What Every Woman Knows

Realização: William C. de Mille (EUA, 1921); **Argumento:** Olga Printzlau, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Lois Wilson (Maggie Wylie), Conrad Nagel (John Shand), Charles Ogle (Alick Wylie), Fred Huntley (David Wylie), Guy Oliver (James Wylie), Winter Hall (Charles Venables), Lillian Tucker (Sybil Tenderden), Claire McDowell (Comtesse de la Brière), Robert Brower (Scotch Lawyer).

Título original: The Little Minister

Realização: David Smith (EUA, 1922); **Argumento:** C. Graham Baker, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Alice Calhoun (Lady Babbie), James Morrison (Gavin Dishart), Henry Hebert (Lord Rintoul), Alberta Lee (Margaret Dishart), William McCall (Rob Dow), Dorothea Wolbert (Nanny Webster), Maude Emory (Jean), George Stanley (Dr. McQueen), Richard Daniels (Micah Dow), Charles Wheelock (Captain Halliwell).

Título original: A Kiss for Cinderella

Realização: Herbert Brenon (EUA, 1925), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Betty Bronson (Cinderella – Jane), Esther Ralston (Fairy Godmother), Henry Vibart (Richard Bodie), Dorothy Cumming (Queen), Ivan F. Simpson (Mr. Cutaway), Dorothy Walters (Mrs. Maloney), Flora Finch (Second Customer), Juliet Brenon (Third Customer), Marilyn McLain (Gladys), Patty Coakley (Marie-Therese), Mary Christian (Sally), Edna Hagan (Gretchen), Tom Moore (Policeman); **Duração:** 105 minutos.

Título original: Quality Street

Realização: Sidney Franklin (EUA, 1927); **Argumento:** Marian Ainslee, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Marion Davies (Phoebe Throssel), Conrad Nagel (Dr. Valentine Brown), Helen Jerome Eddy (Susan Throssel), Flora Finch (Mary Willoughby), Margaret Seddon (Nancy Willoughby), Marcelle Corday (Henrietta Turnbull), Kate Price (Patty); **Duração:** 80 minutos.

Título original: The Doctor's Secret

Realização: William C. de Mille (EUA, 1929); **Argumento:** William C. de Mille, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Ruth Chatterton (Lillian Garson), H.B. Warner (Richard Garson), John Loder (Hugh Paton), Robert Edeson (Dr. Brodie), Wilfred Noy (Mr. Redding), Ethel Wales (Mrs. Redding), Nanci Price (Susie), Frank Finch Smiles (Wethers); **Duração:** 61 minutos.

Título original: Doktors hemlighet

Realização: John W. Brunius (EUA/Suécia, 1930); **Argumento:** Per Stille, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Ivan Hedqvist (Doctor Bolton), Pauline Brunius (Lady Lillian Gardner), Olof Sandborg (Richard Gardner), Hugo Björne (Hugo Paton), Erik 'Bullen' Berglund (Mr. Redding), Märta Ekström (Mrs. Redding), Anne-Marie Brunius (Annie), Ragna Broo-Juter (Mary).

Título original: Secret du docteur, Le

Realização: Charles de Rochefort (EUA/França, 1930); **Argumento:** Denys Amiel, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Léon Bary, Jean Bradin, Marcelle Chantal, Max Maxudian, Alice Tissot.

Título original: Secreto del doctor, El

Realização: Adelqui Migliar (EUA/Espanha, 1930); **Argumento:** Camilo Aldao, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** José Bódalo, Tony D'Algy, Carmelita Fernández García, Félix de Pomés, Mercedes Servet, Manuel Soto, Eugenia Zúffoli.

Título original: Segreto del dottore, Il

Realização: Jack Salvatori (EUA/Itália, 1930), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Soava Gallone, Antonio Niccodemi, Lamberto Picasso, Alfredo Robert, Vanna Vanni.

Título original: Tajemnica lekarzka

Realização: ? (EUA/Polónia, 1930), segundo peça de J.M. Barrie.

Título original: Tajemství lékarovo

Realização: ? (EUA/República Checa, 1930), segundo peça de J.M. Barrie.

Título original: Za arvos titka

Realização: ? (EUA/Hungria, 1930), segundo peça de J.M. Barrie.

Título original: Seven Days' Leave

Realização: Richard Wallace (EUA, 1930); **Argumento:** Richard H. Digges Jr., John Farrow, Dan Totheroh, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Gary Cooper (Kenneth Downey), Beryl Mercer (Sarah Ann Dowe), Daisy Belmore (Emma Mickelham), Nora Cecil (Amelia Twymley), Tempe Pigott (Mrs. Haggerty), Arthur Hoyt (Mr. Willings), Arthur Metcalfe (Colonel), Basil Radford (Corporal), Larry Steers (Aide-de-Camp); **Duração:** 80 minutos.

Título original: Charlemagne

Realização: Pierre Colombier (França, 1933); **Argumento:** Yves Mirande, segundo história de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Lucien Baroux, Léon Bellières, Alexandre Colas, Jean Dax, Eugene Gaidaroff, Christian Gérard, Marie Glory, Gaston Jacquet, Auguste Mourière, Pierre Piérade, Raimu.

Título original: The Little Minister

Realização: Richard Wallace (EUA, 1934); **Argumento:** Victor Heerman segundo obra de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Katharine Hepburn (Barbara 'Babbie'), John Beal (Rev. Gavin Dishart), Alan Hale (Rob Dow), Donald Crisp (Dr. McQueen), Lumsden Hare (Tammas Whammond), Andy Clyde (Wearlyworld The Policeman), Beryl Mercer (Mrs. Margaret Dishart), Billy Watson (Micah Dow), Dorothy Stickney (Jean Proctor), Mary Gordon (Nanny Webster), Frank Conroy (Lord Milford Rintoul), Eily Malyon (Lady Evalina Rintoul), Reginald Denny (Capt. Halliwell), Leonard Carey (Hendry Munn), Herbert Bunston (John Spens); **Duração:** 110 minutos.

Título original: What Every Woman Knows

Realização: Gregory La Cava (EUA, 1934); **Argumento:** Monckton Hoffe, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Helen Hayes (Maggie Wylie), Brian Aherne (John Shand), Madge Evans (Lady Sybil Tenderden), Lucile Watson (La Contessa), Dudley Digges (James Wylie), Donald Crisp (David Wylie), David Torrence (Wylie), Henry Stephenson (Charles Venables); **Duração:** 92 minutos.

Título original: We're Not Dressing

Realização: Norman Taurog (EUA, 1934); **Argumento:** história de Benjamin Glazer segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Bing Crosby (Stephen Jones), Carole Lombard (Doris Worthington), George Burns (George), Gracie Allen (Gracie), Ethel Merman (Edith), Leon Errol (Hubert), Jay Henry (Prince Alexander), Ray Milland (Prince Michael Stofani), John Irwin (Old sailor), Charles Morris (Captain), Ben Hendricks Jr. (First ship's officer), Ted Oliver (Ship's officer); **Duração:** 77 minutos.

Título original: As You Like It

Realização: Paul Zinner (Inglaterra, 1936); **Argumento:** Thomas Lodge, Robert Cullen, J.M. Barrie, Carl Mayer, segundo peça de William Shakespeare; **Intérpretes:** Henry Ainley (Exiled Duke), Felix Aylmer (Duke Frederick), Stuart Robertson (Amiens, Lord Attending Exiled Duke), Leon Quartermaine (Jacques, Lord Attending Exiled Duke), Austin Trevor (Le Beau, Courtier Attending Duke Frederick), Lionel Braham (Charles, the Wrestler), John Laurie (Oliver, Son of Roland de Boys), Laurence Olivier (Orlando, Son of Roland de Boys), J. Fisher White (Adam, Oliver's Servant), Mackenzie Ward (Touchstone, a Clown), Aubrey Mather (Corin, a Shepherd), Richard Ainley (Sylvius, a Shepherd), Peter Bull (William, a Country Fellow), Elisabeth Bergner (Rosalind), Sophie Stewart (Celia); **Duração:** 96 minutos.

Título original: The Old Lady Shows Her Medals

Realização: ? (Inglaterra, 1937, TV), segundo obra de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Isobel Jamieson, Jack Lambert, Margery Phipps-Walker, Ethel Ramsey (as Ethel Ramsay), Frances Waring, J. Fisher White; **Duração:** 30 minutos.

Título original: Quality Street

Realização: George Stevens (EUA, 1937); **Argumento:** Allan Scott, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Katharine Hepburn (Phoebe Throssel, aka Olivia 'Livvy' Throssel), Franchot Tone (Dr. Valentine 'Mr. B' Brown), Eric Blore (Recruiting Sergeant), Fay Bainter (Susan Throssel), Cora Witherspoon (Patty the Maid), Estelle Winwood (Mary Willoughby); **Duração:** 83 minutos.

Título original: Shall We Join the Ladies

Realização: ? (Inglaterra, 1939, TV), segundo obra de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Frank Allenby (Mr. Vaile), Veronica Turleigh (Miss Vaile), Basil Radford (Mr. Preen), Molly Lumley (Mrs. Preen), Faith Bennett (Lady Jane), Mary O'Farrell (Mrs. Bland), Donald Strachan (Captain Jennings), Josephine Wilson (Miss Isit), D.A. Clarke-Smith (Sir Joseph), Margaretta Scott (Lady Wrathie), Joan Clement-Scott (Mrs. Castro), Richard Goodlen (Sam Smith), Olaf Olsen (Mr. Gourley), Aubrey Dexter (Butler), Audrey O'Flynn (Maid); **Duração:** 45 minutos.

Título original: Mary Rose

Realização: ? (Inglaterra, 1939, TV), segundo obra de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Frank Cellier (Mr. Amy), Dame May Whitty (Mrs. Morland), J.H. Roberts (Mr. Morland), Margaret Vines (Mary Rose), Esmond Knight (Harry and Simon Blake), Winifred Dughton (Mrs. Otery), John Laurie (Cameron); **Duração:** 100 minutos.

Título original: The Admirable Crichton

Realização: ? (EUA, 1950, TV), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Jean Compton (Lady Catherine Lasenby), Joan Hopkins (Lady Mary Lasenby), Raymond Huntley (Crichton), Alvin Maben (Lady Agatha Lasenby), David Markham (Hon. Ernest Woolley), Geoffrey Wearing (Reverend John Treherne), Harcourt Williams (Earl of Loam); **Duração:** 105 minutos.

Título original: Darling, How Could You

Realização: ? (EUA, 1951); **Argumento:** Lesser Samuels, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Joan Fontaine (Mrs. Alice Grey), John Lund (Dr. Robert Grey), Mona Freeman (Amy Grey), Peter Hansen (Dr. Steven Clark), David Stollery (Cosmo (Charles) Grey), Virginia Farmer (Fanny), Angela Clarke (Molly's Nanny), Lowell Gilmore (Lord Aubrey Quayne), Robert Barrat (Mr. Rossiter), Gertrude Michael (Mrs. Rossiter), Mary Murphy (Sylvia), Frank Elliott (Simms), Billie Bird (Rosie), Willard Waterman (Theater Manager), Gordon Arnold (Man); **Duração:** 96 minutos.

Título original: "Lux Video Theatre"

Realização: Fielder Cook, Norman Foste (EUA, 1950-1959, Série TV); **Argumento:** Preston Sturges, Billy Wilder, entre outros; **Intérpretes:** Gene Lockhart (Larkin / Innkeeper), Marilyn Erskine, Edmond O'Brien, Laraine Day, Phyllis Thaxter; **Duração:** 30 minutos/episódio.

Título original: Darling, How Could You

Realização: Mitchell Leisen (EUA, 1951); **Argumento:** Lesser Samuels, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Joan Fontaine (Mrs. Alice Grey), John Lund (Dr. Robert Grey), Mona Freeman (Amy Grey), Peter Hansen (Dr. Steven Clark), David Stollery (Cosmo (Charles) Grey), Virginia Farmer (Fanny), Angela Clarke (Molly's Nanny), Lowell Gilmore (Lord Aubrey Quayne), Robert Barrat (Mr. Rossiter), Gertrude Michael (Mrs. Rossiter), Mary Murphy (Sylvia), Frank Elliott (Simms), Billie Bird (Rosie), Willard Waterman (Theater Manager), Gordon Arnold (Man); **Duração:** 96 minutos.

Título original: Forever Female

Realização: Irving Rapper (EUA, 1953); **Argumento:** Julius J. Epstein, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Ginger Rogers (Beatrice Page), William Holden (Stanley Krown), Paul Douglas (E. Harry Phillips), Pat Crowley (Sally Carver/Peggy Pruith/Claudia Suivane/Clara Mootz), James Gleason (Eddie Woods), Jesse White (Willie Wolfe), Marjorie Rameau (Herself), George Reeves (George Courtland), King Donovan (Playwright), Vic Perrin (Scenic Designer), Russell Gaige (Theatrical Producer), Marion Ross (Patty), Richard Shannon (Stage Manager), Sally Mansfield (Young Hopeful), Kathryn Grant (Young Hopeful); **Duração:** 93 minutos.

Título original: "Producers' Showcase"

Realização: Clark Jones, Delbert Mann (EUA, 1954-1957 - Série TV), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Cyril Ritchard (Captain Hook/ Mr. Darling), Heller Halliday (Liza / Gladys), Mary Martin (Peter Pan / Sabina), Margalo Gillmore (Mrs. Darling), Cathleen Nesbitt; **Duração:** 90 minutos.

Título original: The Admirable Crichton

Realização: Lewis Gilbert (Inglaterra, 1957); **Argumento:** Lewis Gilbert, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Kenneth More (William Crichton), Diane Cilento (Tweeny), Cecil Parker (Lord Loam), Sally Ann Howes (Lady Mary), Martita Hunt (Lady Brocklehurst), Jack Watling (Treherne), Peter Graves (Brocklehurst), Gerald Harper (Ernest), Mercy Haystead (Catherine), Miranda Connell (Agatha), Miles Malleson (Vicar), Eddie Byrne (Captain), Joan Young (Mrs. Perkins), Brenda Hogan (Fisher), Peter Welch (Rolleston); **Duração:** 94 minutos.

Título original: Mary Rose

Realização: Edward Rothe (RDA, 1961 - TV); **Argumento:** Peter Lotar, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Heideinde Weis (Mary Rose), Dietmar Schönherr (Harry/Simon), Ernst Fritz Fribüringer (James Morland), Nora Minor (Fanny Morland), Alois Maria Giant (George Amy), Harald Leipnitz (Cameron), Ida Ehre (Haushälterin); **Duração:** 100 minutos.

Título original: Johannsnacht

Realização: Oswald Döpke (RDA, 1966); **Argumento:** Peter Lotar, segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Hans Putz (Herr X), Benno Sterzenbach (Matey), Werner Hammer (Herr Coade), Käthe Haack (Frau Coade), Ruth Hausmeister (Alice Dearth), Walter Kohut (Jack Purdie), Emily Reuer (Joanna), Alwy Becker (Lady Caroline Laney), Viktoria Brams (Margaret); **Duração:** 95 minutos.

Título original: Señora Ana Luce sus Medallas, La

Realização: Manuel Vicente (Argentina, 1967), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Mecha Ortiz (Ann Dewey), Lalo Hartich (Sr. Willing), Enrique Liporace (Dowey, Carlos), Margarita Corona (Sra. Patrícia), Emma Bernal (Sra. Isabel), Amalia Bernabé (Sra. Bárbara).

Título original: *The Admirable Crichton*

Realização: Arsa Jovanovic (Z, 1969 – TV), segundo peça de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Pamela Brown, Virginia McKenna (Lady Mary Lasenby), Janet Munro, Laurence Naismith, Bill Travers (Crichton); **Duração:** 89 minutos.

Título original: *Meri rouz*

Realização: Arsa Jovanovic (Jugoslávia, 1974 - TV); Argumento: J.M. Barrie; **Intérpretes:** Milan Gutovic, Mihailo 'Misa' Janketic, Branko Plesa, Marica Popovic, Radmila Radovanovic, Olga Spiridonovic, Helen Mirren (Babbie); **Duração:** 62 minutos.

Título original: *The Little Minister*

Realização: ? (Inglaterra, 1975 – TV), segundo peça e romance de J.M. Barrie; **Intérpretes:** Helen Mirren (Babbie).

COMO ACTOR

Título original: *Masks and Faces*

Realização: Fred Paul (Inglaterra/EUA, 1918); Argumento: Benedict James, segundo romance de Charles Reade e peça de Tom Taylor; **Intérpretes:** Johnston Forbes-Robertson (Triplet), Irene Vanbrugh (Peg Woffington), Henry S. Irving (Colander), Gerald du Maurier (Hunsdon), Dennis Neilson-Terry (Ernest Vane), Gladys Cooper (Mabel Vane), Ben Webster (Sir Charles Pomander), C.M. Lowne (Quinn), Nigel Playfair (Rich), Lillah McCarthy (Kitty Clive), Dion Boucicault Jr. (Colly Cibber), Henry Vibart (Burdock), Donald Calthrop (Lovell), J. Fisher White (Snarl), Lyall Swete (Soper), Helen Hays (Dame Best), Matheson Lang (Coachman), Weedon Grossmith (Fiddler), Gerald Ames (Fencing Master), Mary Brough (Landlady), Gertrude Elliott (Actress), Lilian Braithwaite (Actress), Ellaline Terriss (Actress), Fania Drake (Child), Charles Hawtrey, George Alexander, **J.M. Barrie**, George Bernard Shaw, Henry Forbes-Robertson, John Hare, Arthur Wing Pinero.

__J.M. BARRIE: BIBLIOGRAFIA

Peter Pan
J. M. Barrie

BANDOLERO, THE BANDIT, 1877 (peça teatral, prod. 1877)
CAUGHT NAPPING, 1883 (edição pessoal)
THE NEW AMPHION, 1886
AULD LICHT IDYLLS, 1888
BETTER DEAD, 1888
WHEN A MAN'S SINGLE, 1888
A WINDOW IN THE THRUMS, 1889
AN EDINBURGH ELEVEN, 1889
MY LADY NICOTINE, 1890
THE LITTLE MINISTER, 1891
IBSEN'S GHOST, 1891 (peça teatral, prod. 1891, edição pessoal 1931)
RICHARD SAVAGE, 1891 (peça teatral, com H.B. Marriot-Watson)
A HOLIDAY IN BED / LIFE IN A COUNTRY MANSE, 1982
WALKER, LONDON, 1892 (peça teatral, prod. 1892)
PROFESSOR'S LOVE STORY, 1892 (peça teatral, prod. 1892)
TILLYLOSS SCANDAL, 1883
TWO OF THEM, 1893
BECKY SHARP, 1893 (adaptação do romance "Vanity Fair" de W.M. Thackeray)
AN AULD LICHT MANSE, 1893
SCOTLAND'S LAMENT, 1895 (edição pessoal)
JANE ANNIE, 1893 (com A. Conan Doyle)
MARGARET OGILVY, 1896
TOMMY AND GRIZEL, 1896
SENTIMENTAL TOMMY: THE STORY OF HIS BOYHOOD, 1896 (adaptação cinematográfica, 1921)
A PLATONIC FRIENDSHIP, 1898 (peça teatral, prod. Em Londres, 1898)
THE WEDDING GUEST, 1900
QUALITY STREET, 1902 (adaptação cinematográfica, 1927, e 1937)
THE LITTLE WHITE BIRD, 1902 (nota: Peter Pan aparece pela primeira vez)
THE ADMIRABLE CRICHTON, 1902 (peça teatral, prod. Em Londres 1902, adaptação cinematográfica 1918, e 1957)
PETER PAN: OR THE BOY WHO WOULD NOT GROW UP, 1904
PANTALOON, 1905 (peça teatral, prod. em Londres e Nova Iorque, 1905)
ALICE SIT-BY-THE-FIRE, 1905 (peça teatral, prod. em Londres e Nova Iorque, 1905)
JOSEPHINE, 1906 (peça teatral)
PUNCH, 1906 (peça teatral)
PETER PAN IN KENSINGTON GARDENS, 1906
WALKER, LONDON, 1907
WHAT EVERY WOMAN KNOWS, 1908 (peça teatral)
WHEN WENDY GREW UP: AN AFTERTHOUGHT, 1908
OLD FRIENDS, 1910 (peça teatral)
A SLICE OF LIFE, 1910 (peça teatral)

THE TWELVE-POUND LOOK, 1910 (peça teatral)
PETER AND WENDY, 1911
ROSALIND, 1912 (peça teatral)
THE DRAMATIST GET WHAT THEY WANT, 1912 (peça teatral)
THE WILL, 1913 (peça teatral)
HALF AN HOUR, 1913 (peça teatral)
THE ADORED ONE, 1913 (peça teatral)
HALF HOURS, 1914 (peça teatral)
DER TAG, 1914 (peça teatral)
ROSY RAPTURE, THE PRIDE OF THE BEAUTY CHORUS, 1915 (peça teatral)
THE FATAL TYPIST, 1915 (peça teatral)
THE NEW WORD, 1915 (peça teatral)
THE LITTLE MINISTER, 1915 (peça teatral, adaptação cinematográfica 1915, 1921, e 1934)
A KISS FOR CINDERELLA, 1916 (adaptação cinematográfica 1925)
THE REAL THING AT LAST, 1916 (peça teatral)
IRENE VANBRUGH'S PANTOMIME, 1916 (peça teatral)
SHAKESPEARE'S LEGACY, 1916 (peça teatral, edição pessoal)
A KISS FOR CINDERELLA, 1916 (peça teatral)
DEAR BRUTUS, 1917
THE OLD LADY SHOWS HER MEDALS, 1917 (peça teatral)
RECONSTRUCTING THE CRIME, 1917 (peça teatral)
DEAR BRUTUS, 1917 (peça teatral)
WHAT EVERY WOMAN KNOWS, 1917 (adaptação cinematográfica 1917, 1921, e 1934)
A WELL-REMEMBERED VOICE, 1918 (peça teatral)
ECHOES OF THE WAR, 1918
THE TRUTH ABOUT THE RUSSIAN DANCERS, 1920 (peça teatral)
MARY ROSE, 1920 (peça teatral)
SHALL WE JOIN THE LADIES, 1921 (peça teatral, with L.E. Jones)
NEIL AND TINTINNABULUM, 1925 (peça teatral, edição pessoal)
REPRESENTATIVE PLAYS, 1926
BARBARA'S WEDDING, 1927
THE PEÇA TEATRALS OF J.M. BARRIE (inclui Peter Pan), 1928
FAREWELL, MISS JULIE LOGAN: A WINTRY TALE, 1931 (suplemento de Natal no Times em memória do livro de Natal de Charles Dickens)
THE BOY DAVID, 1936 (peça teatral)
UNIFORM EDITION OF THE WORKS AND PLAYS, 1913-1937
THE GREENWOOD HAT, 1937
THE BOY DAVID, 1938
M'CONNACHIE AND J.M.B.: SPEECHES, 1938
LETTERS, 1942
THE PLAYS, 1942 (rev. 1947)
MARY ROSE, 1947
FIFTY YEARS OF PETER PAN, 1954
WHEN WENDY GREW UP, 1957
PLAYS AND STORIES, 1962



ACTIVIDADES PARALELAS

CineEco 2005

JAZZ

Leo Gandelman (Brasil)

Concerto de Abertura

A organização do Cine'Eco promove na cerimônia de abertura oficial do Cine'Eco - Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Ambiente da Serra da Estrela, um concerto de Jazz com Leo Gandelman e a sua banda. O concerto terá lugar no Cine-Teatro da Casa da Cultura e deverá constituir um momento alto do festival, tendo em conta que a banda brasileira vem a Portugal para uma digressão a convite do Cine'Eco.

Actividades
Paralelas

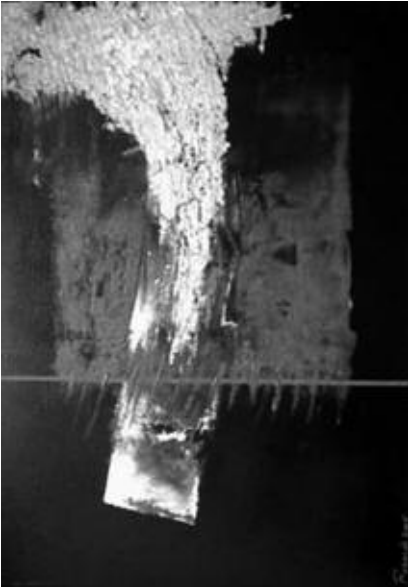
A música sempre esteve presente na vida de **Leo Gandelman**, Saxofonista, produtor, compositor e arranjador. Filho de uma pianista clássica e de um maestro, aos 15 anos já era flautista da *Orquestra Sinfónica Brasileira*. Além da sólida formação clássica, estudou no **Berklee College of Music**, nos Estados Unidos, regressando ao Brasil em 1980 para dar início à carreira profissional.

Desde 1977, Leo vem se dedicando à carreira como saxofonista, inspirando-se principalmente nas influências do Jazz e da MPB para compor suas músicas, sempre com uma clara versatilidade e inventividade. Estas são marcas registradas que atestam a Leo o título de melhor saxofonista do Brasil. Um exemplo é o facto dele ter vencido durante **15 anos consecutivos** o concurso **Directas na Música do Jornal do Brasil**, sendo eleito o **Melhor Instrumentista Brasileiro**.



PINTURA

Exposição de Jacinto Rosando

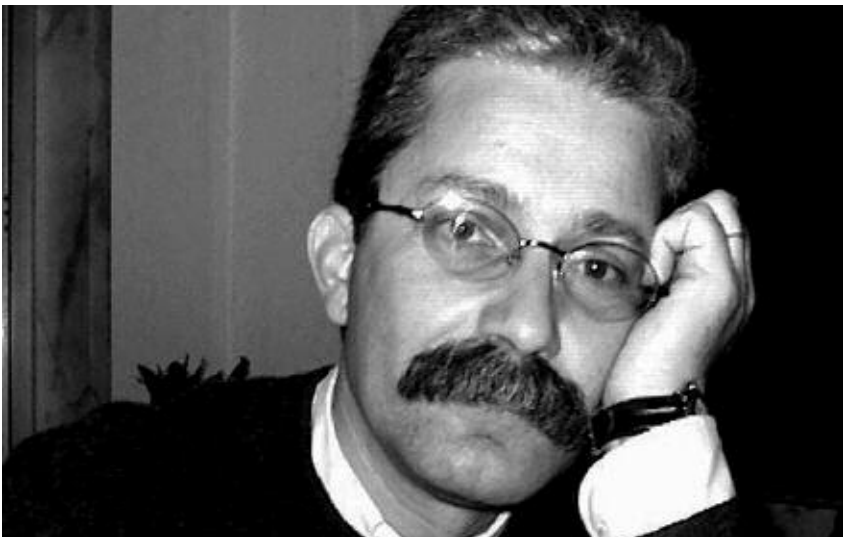


Jacinto José Rosando de Sousa, nasceu a 14 de Junho de 1953, é designer gráfico de profissão. Coursou a Escola de Artes Dec. Arroios, em pintura, artes de fogo e equipamento.

O trabalho apresentado nesta exposição tem como base fundamental o abstracto, mas servindo este como suporte a texturas fortes e volumosas como se a cor quisesse sair do seu meio cromático. Os trabalhos não pretendem ser simplesmente observados, eles apelam também ao tacto, favorecendo assim a imaginação proveniente do encontro entre os sentidos... O olhar e o sentir.

Actividades
Paralelas

-> www.rosando.blogs.sapo.pt



FOTOGRAFIA

— Exposição de Rita Torrão

AS DUAS RITAS

As fotografias da Rita são muito mais do que apenas fotografias, são (re)criações de momentos, estados de espírito e sentimentos, são o criar de uma máscara por alguém habituado a, num palco, usar essa máscara...

São histórias sobre o corpo e através dele das inquietações da alma, as emoções literalmente à flor da pele.

É ela que nos observa através de si própria observando-se.

O espírito surrealista da imagem nas fotografias da Rita Torrão, transforma-a no objecto observado, enquanto se transforma a si própria, para nunca se mostrar, escondendo o que ela própria não quer ver. É o imaginário adulterado, é a transformação de um ser naquilo que talvez queira ou não ser, mas para nunca ser ela mesma. Ela mantém-se escondida por detrás da objectiva, mostrando-se outras à sua frente. A transformação do olhar e do ser, a inconformidade com os limites de se ser...

A inquietação provocada por estas imagens só pode mesmo ser equiparada ao seu poder de sedução. As duas Ritas seduzem-nos e ao mesmo tempo inquietam-nos, incomodam-nos, dizem-nos segredos com um ar cúmplice.

Agora cabe a quem se deixar impregnar pelas imagens, decidir de que lado ficar, do lado da Rita Olhar ou do lado da Rita Personagem.

Frederico Corado

4 de Outubro de 2005

Teatro Politeama, Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa

Actividades
Paralelas



Nasceu em Lisboa em 1979, estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde se especializou em Fotografia. Em 1998 termina o curso de Desenho da A.R.C.O. e participa na exposição colectiva do concurso Cena d'Arte. No mesmo ano faz a primeira exposição individual, na Faculdade de Belas Artes e desde então realizou várias exposições colectivas e individuais. Em 2000 começa a trabalhar como cenógrafa para a Escola Superior de Dança, nos Encontros de Dança de Aveiro. Recentemente trabalhou com Rui Pinto e Helena Lourenço como figurinista na Companhia de Dança de Almada. Como performer e artista-plástica faz parte do grupo "Compota"- improvisação em tempo real.

ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL



16 - 26 March 2006 • Washington

cineeco2005

XI festival internacional de cinema e vídeo de ambiente
serra da estrela seia_portugal